



3

**MATERIAL DO
PROFESSOR**

• **História**

**CIÊNCIAS HUMANAS
E SUAS TECNOLOGIAS**



**DOM
BOSCO**

by Pearson

PRÉ-VESTIBULAR
EXTENSIVO



**MATERIAL DO
PROFESSOR**

• **História**

**CIÊNCIAS HUMANAS
E SUAS TECNOLOGIAS**

DOM BOSCO - SISTEMA DE ENSINO
PRÉ-VESTIBULAR 3
Ciências humanas e suas tecnologias.
© 2019 – Pearson Education do Brasil Ltda.

Vice-presidência de Educação	Juliano Melo Costa
Gerência editorial nacional	Alexandre Mattioli
Gerência de produto	Silvana Afonso
Autoria	Bruno Jeuken
Coordenação editorial	Luiz Molina Luz
Edição de conteúdo	Cesar da Costa Jr.
Assistência editorial	Ana Duarte, Raíssa Cardoso
Leitura crítica	Murilo Resende
Preparação e revisão	Luiz Gustavo M. Bazana
Gerência de Design	Cleber Figueira Carvalho
Coordenação de Design	Diogo Mecabo
Edição de arte	Débora Lima
Coordenação de pesquisa e licenciamento	Maiti Salla
Pesquisa e licenciamento	Cristiane Gameiro, Andrea Bolanho
Cartografia	Allmaps/Pearson
Projeto gráfico	Apis design integrado
Diagramação	Editorial 5
Capa	Apis design integrado
Imagem de capa	inoby/istock
Produtor multimídia	Cristian Neil Zaramella
PCP	George Baldím, Paulo Campos

Todos os direitos desta publicação reservados à
Pearson Education do Brasil Ltda.

Av. Santa Marina, 1193 - Água Branca
São Paulo, SP – CEP 05036-001
Tel. (11) 3521-3500

www.pearson.com.br

APRESENTAÇÃO

Um bom material didático voltado ao vestibular deve ser maior que um grupo de conteúdos a ser memorizado pelos alunos. A sociedade atual exige que nossos jovens, além de dominar conteúdos aprendidos ao longo da Educação Básica, conheçam a diversidade de contextos sociais, tecnológicos, ambientais e políticos. Desenvolver as habilidades a fim de obterem autonomia e entenderem criticamente a realidade e os acontecimentos que os cercam são critérios básicos para se ter sucesso no Ensino Superior.

O Enem e os principais vestibulares do país esperam que o aluno, ao final do Ensino Médio, seja capaz de dominar linguagens e seus códigos; construir argumentações consistentes; selecionar, organizar e interpretar dados para enfrentar situações-problema em diferentes áreas do conhecimento; e compreender fenômenos naturais, processos histórico-geográficos e de produção tecnológica.

O Pré-Vestibular do Sistema de Ensino Dom Bosco sempre se destacou no mercado editorial brasileiro como um material didático completo dentro de seu segmento educacional. A nova edição traz novidades, a fim de atender às sugestões apresentadas pelas escolas parceiras que participaram do Construindo Juntos – que é o programa realizado pela área de Educação da Pearson Brasil, para promover a troca de experiências, o compartilhamento de conhecimento e a participação dos parceiros no desenvolvimento dos materiais didáticos de suas marcas.

Assim, o Pré-Vestibular Extensivo Dom Bosco by Pearson foi elaborado por uma equipe de excelência, respaldada na qualidade acadêmica dos conhecimentos e na prática de sala de aula, abrangendo as quatro áreas de conhecimento com projeto editorial exclusivo e adequado às recentes mudanças educacionais do país.

O novo material envolve temáticas diversas, por meio do diálogo entre os conteúdos dos diferentes componentes curriculares de uma ou mais áreas do conhecimento, com propostas curriculares que contemplem as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como eixos integradores entre os conhecimentos de distintas naturezas; o trabalho como princípio educativo; a pesquisa como princípio pedagógico; os direitos humanos como princípio norteador; e a sustentabilidade socioambiental como meta universal.

A coleção contempla todos os conteúdos exigidos no Enem e nos vestibulares de todo o país, organizados e estruturados em módulos, com desenvolvimento teórico associado a exemplos e exercícios resolvidos que facilitam a aprendizagem. Soma-se a isso, uma seleção refinada de questões selecionadas, quadro de respostas e roteiro de aula integrado a cada módulo.

SUMÁRIO



5

HISTÓRIA 1



133

HISTÓRIA 2

MATERIAL DE LICENÇA EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENGENHO DOM BOSCO



HISTÓRIA 1

CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

MATERIAL DE APOIO
SISTEMA DE ENSINO SUPERIOR



SEGUNDA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

- Tempo é dinheiro!
- Avanço nas comunicações
- Novas fontes de energia
- Metalurgia
- Meios de transporte
- Produção em massa
- Reflexos sociais da Revolução Industrial

HABILIDADES

- Identificar registros sobre o papel das técnicas e tecnologias na organização do trabalho e/ou da vida social.
- Analisar fatores que explicam o impacto das novas tecnologias no processo de territorialização da produção.
- Reconhecer transformações técnicas e tecnológicas que determinam as várias formas de uso e apropriação dos espaços rural e urbano.

TEMPO É DINHEIRO!

A Segunda Revolução Industrial ocorreu entre 1875 e 1945, dando continuidade aos avanços tecnológicos que marcaram o trabalho nas indústrias, bem como o desenvolvimento dos meios de transporte. Esse período, junto à Primeira Revolução Industrial, promoveu uma série de transformações na sociedade ao modificar as relações de trabalho, as percepções sobre o tempo e permitir o surgimento de lutas por direitos e melhores condições de vida.

São desse período a descoberta de novas fontes de energia e as inovações nas formas de comunicação. A sociedade torna-se cada vez mais marcada pela produção e pelo consumo desenfreado, sendo guiada pelas ideias de eficiência e progresso. O movimento da Segunda Revolução Industrial foi mais presente em países como Alemanha, Japão, Itália, Rússia e Estados Unidos e incidiu principalmente sobre os ramos siderúrgico, automobilístico, bélico e naval.



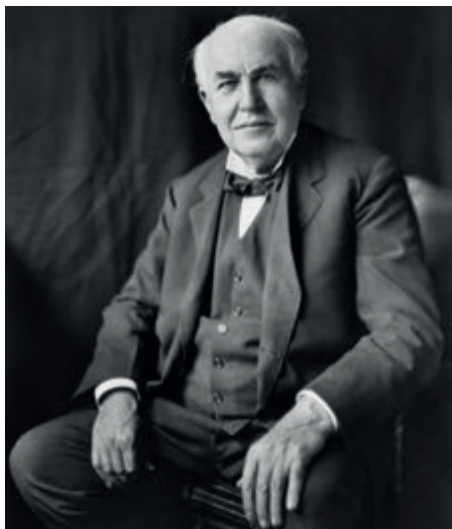
Fábrica química em Ludwigshafen, Alemanha (1881).

THE HISTORY COLLECTION/ALAMY STOCK PHOTO

AVANÇO NAS COMUNICAÇÕES

Na segunda metade do século XIX, diversas inovações tecnológicas contribuíram para a aceleração da velocidade das comunicações, sobretudo no que diz respeito à transmissão da voz humana. Uma série de inventos permitiu às pessoas, estando ou não na mesma localidade, trocar informações mais rapidamente, sem a necessidade de aguardar sua chegada por meio de cartas.

O encurtamento de distâncias dinamizou o processo de comunicação, impactando em vários setores da sociedade, tendo em vista que contribuiu para a vida social, bem como para desdobramentos políticos, bélicos e econômicos.



LIBRARY OF CONGRESS, WASHINGTON DC

Thomas Edison (1847-1931), inventor da lâmpada elétrica.

Entre esses inventos, é possível destacar a criação do cabo telegráfico submarino, em 1866, por Cyrus W. Field; do telefone, em 1876, por Alexander Graham Bell; da lâmpada elétrica, em 1877, por Thomas Edison; do radiotelégrafo, em 1895, por Guglielmo Marconi; e do projetor cinematográfico, em 1895, por Auguste e Louis Lumière.

A revolução nas comunicações não estacionou com as inovações do século XIX. No século XX, os meios de comunicação continuaram a presenciar avanços tecnológicos. Foram inúmeros os inventos, principalmente pelo surgimento de formas de acoplagem entre processos de transmissão de som e imagem. Destacam-se nesse período o aperfeiçoamento do rádio, o cinema e, em 1926, a invenção da televisão pelo escocês James Logie Baird, a qual popularizou-se na segunda metade do século XX.



PICTORIAL PRESS LTD/ALAMY STOCK PHOTO

Cena do filme *Tempos modernos*, produzido por Charles Chaplin, no qual há uma forte crítica ao capitalismo e às condições precárias a que eram submetidos os operários. A obra cinematográfica de Chaplin é um dos primeiros exemplos do uso do cinema como forma de crítica social.

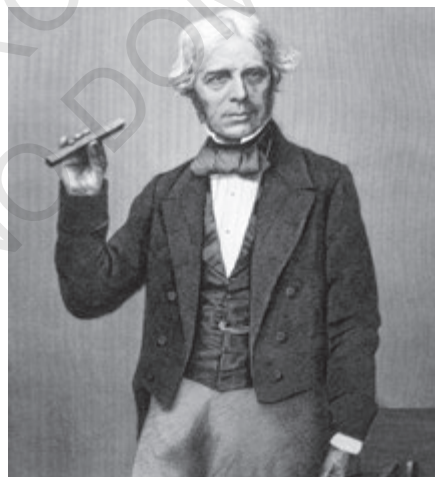
Após a Segunda Guerra Mundial, os meios de comunicação presenciaram uma nova revolução. Alguns autores da atualidade chamam esse novo impulso tecnológico, com o avanço da robótica, dos satélites e da informática,

de Terceira Revolução Industrial (ou terceira fase), na qual a robótica, os satélites e a informática foram responsáveis por grandes avanços nas formas de comunicação.

NOVAS FONTES DE ENERGIA

No século XIX, a descoberta de novas fontes de energia impactou a sociedade, pois alimentou as indústrias, permitindo sua expansão, além de ter propiciado o desenvolvimento de novos meios de transporte e contribuído para a transformação da sociedade industrial.

A energia elétrica, conhecida em seus rudimentos pelos povos da Antiguidade, passou a ser estudada ao longo do século XIX. Sua manipulação e suas aplicações foram descobertas e desenvolvidas por um grupo de cientistas, entre eles Galvani e Volta, que aprimoraram a pilha; Ohm, Joule, Faraday e Thomas Edison, cujos estudos possibilitaram o aperfeiçoamento da lâmpada elétrica em 1878; Barlow, que inventou o motor elétrico; e Ampère, criador do gerador de energia, entre outros.



EVERETT HISTORICAL/SHUTTERSTOCK

Michael Faraday (1791-1867), cientista inglês que realizou experiências no campo do eletromagnetismo.



COLEÇÃO PARTICULAR

James Prescott Joule (1818-1889), físico inglês que estudou a geração e a conservação de calor.

Outra fonte energética que passou a ser explorada nesse período, apesar de conhecida desde a Antiguidade, foi o petróleo. O estudo de suas propriedades permitiu que passasse a ser utilizado em larga escala como matéria-prima de combustíveis (gasolina, querosene, óleo etc.). O primeiro poço foi perfurado nos Estados Unidos em 1859 por Edwin Drake.

Os avanços na petroquímica e a invenção de motores de combustão interna possibilitaram uma revolução também nos meios de transporte, tendo em vista que, graças a essas inovações, carros menores começaram a circular pelas ruas.

METALURGIA

Na Segunda Revolução Industrial, o aço surgiu como principal matéria-prima para as indústrias. A possibilidade de manipular esse material garantiu o desenvolvimento de produtos mais resistentes.

Técnicas de produção metalúrgica foram incorporadas à indústria e o avanço técnico possibilitou o aperfeiçoamento de novas máquinas e, conseqüentemente, o aumento da produção. Países como Inglaterra, Prússia e, posteriormente, o Império Alemão, a Itália, o Japão e os Estados Unidos tiveram grande avanço na metalurgia já no fim do século XIX.



NEUE NATIONALGALERIE, BERLIM; ALEMANHA

Eisenwalzwerk (1875), de Adolph Menzel. Óleo sobre tela, 158 cm x 254 cm. A obra de Menzel mostra o interior de uma indústria metalúrgica na Silésia. Exponente do realismo alemão, o artista retratou a massa trabalhadora. Com a indústria metalúrgica, ela representou a força produtiva moderna.

MEIOS DE TRANSPORTE

Transporte terrestre

Enquanto as ferrovias conectavam regiões distantes, gerando desenvolvimento industrial e agrícola por onde passavam, as inovações técnicas viabilizaram a criação e posterior popularização do automóvel.

O motor de combustão interna, somado ao processo de vulcanização da borracha, permitiu a criação de pequenos automóveis. Em 1885, o alemão Nicolaus A. Otto criou o primeiro motor, que foi aperfeiçoado por Daimler e Benz. A vulcanização da borracha foi descoberta em 1839 por Goodyear, o que colaborou com a invenção do pneu por John Boyd Dunlop.

A produção automobilística movimentou a indústria no início do século XX. Isso ocorreu em virtude do surgimento de um novo bem de consumo e, também,

pela tecnologia utilizada, pelas fontes de energia exploradas e, principalmente, pela forma como se deu a organização do trabalho no interior dessas indústrias.

A exemplo dessa nova organização do trabalho, pode-se comentar o modelo de negócio do norte-americano Henry Ford, que promoveu a massificação do automóvel por meio da produção em massa, barateando custos e contribuindo para sua popularização. Ford introduziu o método de produção em massa na indústria, revolucionando o processo de produção fabril. Seus carros eram menos sofisticados e tinham preços mais baixos, ao alcance do público consumidor.

Aviação

O sonho de voar sempre povoou o imaginário humano, desde as asas construídas por Dédalo na mitologia clássica até as incríveis máquinas voadoras idealizadas

por Leonardo da Vinci. No entanto, a realização desse sonho teve de esperar até 1709, quando o padre brasileiro Bartolomeu Lourenço de Gusmão inventou o balão de ar quente. A partir de então, multiplicaram-se as experiências e descobertas no esforço de construir uma máquina voadora mais pesada que o ar.

O surgimento dos diferentes motores, bem como a descoberta de novas fontes de energia, permitiu sucessivas experiências em várias partes do mundo a fim de inventar um aparelho de transporte aéreo. Em 1903, nos Estados Unidos, os irmãos Wright conseguiram “voar” por 12 segundos, quando sua máquina voadora foi impulsionada por uma catapulta.

A primeira máquina a voar de modo totalmente autônomo, isto é, sem impulso, surgiu em 1906, quando o brasileiro Santos Dummont, em Paris, fez seu voo em um aeroplano a motor, o 14-Bis, com total autossuficiência na decolagem e na aterrissagem. Sua criação foi aperfeiçoada com o Demoiselle.



Santos Dumont e o 14-Bis, em 1906.

Na Primeira Guerra Mundial, o avião tornou-se uma arma estratégica e letal. Carregado com bombas, era capaz de explodir cidades inteiras, provocando pânico na Europa. O aperfeiçoamento desse transporte aéreo deu-se no pós-Segunda Guerra, com sofisticados e rápidos novos aparelhos da aviação militar e civil.

PRODUÇÃO EM MASSA

A Segunda Revolução Industrial caracterizou-se também por acelerar a produção. Não apenas máquinas mais automatizadas, que produziam melhor e mais rápido, mas também novas formas de divisão do trabalho, como o processo implementado por Henry Ford, levaram à redução de custos e preços, popularizando produtos e fazendo-os chegar aos consumidores de menor poder aquisitivo.

O modelo implementado por Ford ficou conhecido como fordismo. Em sua fábrica, o operário aguardava na linha de produção a passagem das peças para montar sua parte, repetindo o mesmo movimento inúmeras vezes e adaptando-se ao ritmo da máquina.

A proposta de Adam Smith (iluminista do século XVIII) de divisão do trabalho para aumentar a produção passou a ser realmente aplicada. A chamada produção em massa apresenta as seguintes características:

- produção em cadeia feita por uma equipe, na qual cada indivíduo ou grupo de pessoas executa uma parte do trabalho até o produto final;
- padronização de peças (parafusos, plugues, tomadas etc.), ou seja, uniformização de peças de vasto uso, eliminando-se as especiais e sofisticadas que encarecem o produto e tornam difícil sua manutenção;
- especialização do trabalhador, gerando divisão do trabalho. Cada operário torna-se técnico na fabricação ou montagem de uma parte específica do produto, afastando-se cada vez mais do processo de produção global dele.

REFLEXOS SOCIAIS DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

A Revolução Industrial alterou em muito a vida coletiva e individual. Essa mudança pôde ser percebida com o surgimento do proletariado urbano, que passou a lutar por melhores condições de vida, originando movimentos sociais que colocaram em questão a exploração econômica dos proprietários dos meios de produção, isto é, a burguesia.

Dessa forma, ocorreram movimentos como o **ludismo**, que visava à destruição de equipamentos, pois os entendiam como um mal; e o **socialismo utópico**, o **socialismo científico** e o **anarquismo**, agitações organizadas por sindicatos e agremiações operárias que pretendiam elaborar uma legislação para proteger os trabalhadores, estimulando a criação de uma sociedade mais igualitária e colocando em questão a ordem capitalista.

O movimento ludista ocorreu no início do século XIX, na Inglaterra. O debate em torno das leis trabalhistas atingiu áreas industriais europeias ao longo do período. O país foi o primeiro a sistematizar uma legislação do trabalho que impedia o puro liberalismo na exploração dos trabalhadores, ficando conhecida como *factory acts* (leis da fábrica).

As movimentações que pretendiam criar uma sociedade mais igualitária ocorreram em conjunto. Entre elas, destacam-se as propostas dos socialistas utópicos (Robert Owen e Charles Fourier), dos socialistas científicos (Marx e Engels) e dos anarquistas (Bakunin e Kropotkin).

Os socialistas utópicos não pretendiam mudar a sociedade por meio da violência, mas pelo exemplo de solidariedade. Aqueles que compartilhavam as ideias de Marx e Engels propunham a luta de classes e a revolução operária. Os anarquistas defendiam a greve geral para a destruição do capitalismo, além do fim do Estado e da Igreja, instituições que, segundo eles, escravizavam física e mentalmente os seres humanos.

EVERETT HISTORICAL/SHUTTERSTOCK



Jovens meninos e meninas trabalhando em uma indústria têxtil, em Massachusetts, Estados Unidos. Foto de 1912, tirada por Lewis Hine. Os operários eram, em sua maioria, antigos artesãos que abandonaram suas ferramentas, pois não conseguiram competir com a produção industrial. Porém, muitas vezes, crianças eram inseridas na pesada rotina de trabalho nas fábricas.

A difusão do sistema de produção industrial na Europa, nos Estados Unidos e no Japão no fim do século XIX produziu outras alterações de organização empresarial. As várias indústrias localizadas em um país começaram a se fundir para ter melhores condições de enfrentar as estrangeiras. Dessas fusões surgiram grandes conglomerados, os quais promoveram a passagem do capitalismo concorrencial para o monopolista e imperialista, recebendo apoio governamental e atuando de forma privilegiada em espaços do mundo garantidos pelas nações de origem.

Ocorreram movimentações imperialistas das potências industriais nos continentes africano e asiático e disputas por áreas que acirraram as tensões entre os estados industrializados, em um cenário de conflitos que não parecia ter solução pacífica, o que se confirmou com a eclosão da Primeira Guerra Mundial no início do século XX.

A Revolução Industrial é um marco de ingresso no mundo contemporâneo, assim como a Revolução Francesa, a Era Napoleônica e as independências políticas do continente americano.

MUSEU VAN GOGH, AMSTERDÁ, HOLANDA



Os comedores de batatas (1885), de Vincent van Gogh. Óleo sobre tela, 81,5 cm x 114,5 cm. A obra retrata a condição de pobreza e vulnerabilidade dos grupos sociais que constituíam a massa trabalhadora no século XIX, no contexto da Segunda Revolução Industrial.

ROTEIRO DE AULA

SEGUNDA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Avanços tecnológicos

Comunicação:

- Cabo telegráfico submarino.
- Telefone.
- Radiotelegrafo.
- Projetor cinematográfico.

Energia:

- Energia elétrica.
- Petróleo e motores de combustão interna.

Transporte:

- Automóvel.
- Avião.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Enem

C1-H1

No início do século XIX, o naturalista alemão Carl Von Martius esteve no Brasil em missão científica para fazer observações sobre a flora e a fauna nativas e sobre a sociedade indígena. Referindo-se ao indígena, ele afirmou:

“Permanecendo em grau inferior da humanidade, moralmente, ainda na infância, a civilização não o altera, nenhum exemplo o excita e nada o impulsiona para um nobre desenvolvimento progressivo [...]. Esse estranho e inexplicável estado do indígena americano, até o presente, tem feito fracassarem todas as tentativas para conciliá-lo inteiramente com a Europa vencedora e torná-lo um cidadão satisfeito e feliz.”

MARTIUS, Carl Von. *O estado do Direito entre os autóctones do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1982.

Com base nessa descrição, conclui-se que o naturalista Von Martius:

- a) apoiava a independência do Novo Mundo, acreditando que os índios, diferentemente do que fazia a missão europeia, respeitavam a flora e a fauna do país.
- b) discriminava preconceituosamente as populações originárias da América e advogava o extermínio dos índios.
- c) defendia uma posição progressista para o século XIX: a de tornar o indígena cidadão satisfeito e feliz.
- d) procurava impedir o processo de aculturação, ao descrever cientificamente a cultura das populações originárias da América.
- e) desvalorizava os patrimônios étnicos e culturais das sociedades indígenas e reforçava a missão “civilizadora europeia”, típica do século XIX.

Von Martius considerava o indígena brasileiro um indivíduo atrasado em seu tempo. Isso está associado a um sentimento da época que ficou conhecido como “fardo do homem branco”, já que seria missão deste disciplinar os grupos tidos como “inferiores”. Essa ideia também está relacionada com a missão de civilização da Europa e dos Estados Unidos em relação ao restante do mundo, corroborada com as ideias de superioridade intelectual (como leis e condutas) e tecnológica advindas da própria Revolução Industrial.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

2. Enem



CHARLIE CHAPLIN FILM CORPORATION



CHARLIE CHAPLIN FILM CORPORATION

Cenas do filme *Tempos modernos* (Modern Times), EUA, 1936. Direção: Charles Chaplin. Produção: Continental.

A figura representada por Charles Chaplin critica o modelo de produção do início do século XX, nos Estados Unidos da América, que se espalhou por diversos países e setores da economia e teve como resultado:

- a) a subordinação do trabalhador à máquina, levando o homem a desenvolver um trabalho repetitivo.
- b) a ampliação da capacidade criativa e da polivalência funcional para cada homem em seu posto de trabalho.
- c) a organização do trabalho, que possibilitou ao trabalhador o controle sobre a mecanização do processo de produção.
- d) o rápido declínio do absenteísmo, o grande aumento da produção conjugado com a diminuição das áreas de estoque.
- e) as novas técnicas de produção, que provocaram ganhos de produtividade, repassados aos trabalhadores como forma de eliminar as greves.

Com a maior inserção de máquinas na indústria, o trabalhador perde sua autonomia enquanto produtor de determinado produto, já que passa a produzir uma parte deste, repetidas vezes. Nesse sentido, o trabalhador perde a noção e o conhecimento do produto como um todo, subordinado cada vez mais a um tipo de tarefa dentro da fábrica.

3. Unesp-SP

“A Exposição Internacional de Eletricidade foi aberta ao público no Palácio da Indústria em Paris, em agosto de 1881 [...]. A maior parte dos aparelhos expostos resultou de descobertas moderníssimas [...]. O bonde que transporta os visitantes; as máquinas eletromagnéticas e o dínamo elétrico em funcionamento; os focos luminosos brilhando; os telefones que nos permitem ouvir à distância representações de ópera – tudo isto é tão novo que nem sequer seu nome era conhecido cinco anos atrás.”

Revista *A Natureza*, 1881.

As inovações mencionadas:

- a) resultaram dos investimentos em tecnologia e da criação dos cursos técnicos nas universidades europeias e norte-americanas.
- b) foram consequências da Segunda Revolução Industrial, que explorou novas fontes de energia e desenvolveu novos processos produtivos.
- c) ficaram restritas às camadas privilegiadas da sociedade, sem alterar o cotidiano da maioria dos habitantes da Europa.
- d) possibilitaram a autossuficiência dos países capitalistas adiantados e trouxeram dificuldades para os exportadores de produtos primários.

- e) determinaram a expansão dos regimes democráticos e iniciaram a difusão dos conhecimentos científicos em diferentes sociedades.

A Segunda Revolução Industrial caracteriza-se pela busca de novas formas de fontes de energia e, com ela, novos aparelhos tecnológicos, como os citados na questão.

4. Unifor-CE – A Segunda Revolução Industrial, ocorrida fundamentalmente a partir da terceira década do século XIX, provocou profundas transformações no sistema capitalista de produção. Sobre este fato histórico é incorreto afirmar:

- a) Os principais setores da Segunda Revolução Industrial foram o têxtil e o metalúrgico.
 b) A Segunda Revolução Industrial provocou a concentração e a centralização do capital.
 c) A Segunda Revolução Industrial levou ao imperialismo.
 d) A Segunda Revolução Industrial foi baseada no profundo avanço da ciência moderna e da tecnologia.
 e) Durante a Segunda Revolução Industrial, a Inglaterra perdeu o domínio da produção de bens industrializados.

Os avanços científicos do século XIX, especialmente nas áreas petroquímica, bioquímica, elétrica e de transportes levaram ao que chamamos de Segunda Revolução Industrial. Foi uma época na qual os Estados Unidos já se tornavam o centro industrial do mundo, sobrepondo-se (aos poucos) à Inglaterra, que havia sido o centro na Primeira Revolução Industrial. Um período de grandes monopólios e de disputa por mercados consumidores, levando ao imperialismo, também chamado neocolonialismo. A alternativa A, incorreta, traz características da Primeira Revolução Industrial, em vez da Segunda.

5. Cesgranrio-RJ – A industrialização acelerada de diversos países, ao longo do século XIX, alterou o equilíbrio e a dinâmica das relações internacionais. Com a Segunda Revolução Industrial emergiu o imperialismo, cuja característica marcante foi o(a):

- a) substituição das intervenções militares pelo uso da diplomacia internacional.

- b) busca de novos mercados consumidores para as manufaturas e os capitais excedentes dos países industrializados.
 c) manutenção da autonomia administrativa e dos governos nativos nas áreas conquistadas.
 d) procura de especiarias, ouro e produtos tropicais inexistentes na Europa.
 e) transferência de tecnologia, estimulada por uma política não intervencionista.

A Segunda Revolução Industrial possibilitou a criação de diversos produtos, disseminando a ideia de modernidade na Europa. O consumo foi responsável pelo enriquecimento dos industriais, que buscavam maiores lucros e, para tanto, expandiram os mercados consumidores para além do continente europeu.

6. Uerj-RJ

“A Exposição de Paris de 1889 centrava-se na ‘Torre de Gustave Eiffel’ com 300 m de altura, mais de 7000 toneladas e mais de um milhão de rebites. Tinha duas longas galerias devotadas às Belas-Artes e às artes decorativas; por detrás ficava o imponente ‘Palácio das Máquinas’.”

Adaptado de: <www.esec-josefa-obidos.rcts.pt>.

As exposições internacionais iniciaram-se em Londres, em 1851. A Torre Eiffel, um dos símbolos da cidade de Paris, foi erguida para a exposição de 1889, comemorativa do centenário da Revolução Francesa. Durante a expansão capitalista europeia, no século XIX, essas exposições tiveram como principal objetivo ressaltar a importância da:

- a) cooperação financeira franco-britânica.
 b) modernização tecnológica da produção.
 c) consolidação das democracias burguesas.
 d) uniformização dos padrões de desenvolvimento.

As novas formas de produção industrial são justamente desse período, conhecido como Segunda Revolução Industrial. A ciência se desenvolvia e, cada vez mais, aliava-se à indústria. A química e as grandes invenções são os destaques, que podem ser representadas pelas indústrias farmacêuticas, petrolíferas e por indústrias do setor elétrico, como a General Electric. A modernização da produção era o grande objetivo a ser perseguido. Nesse sentido, as feiras eram um importante motor e, ao mesmo tempo, vitrine desse desenvolvimento.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Fatec-SP

“A produção em larga escala exigia não só a divisão de trabalho e ferramentas especializadas, mas também um sistema organizado de transporte, comércio e crédito. Segundo todos os testemunhos contemporâneos, as comunicações internas da Inglaterra estavam muito longe de satisfazer as necessidades dos industriais. As estradas inglesas, dependentes, como estavam, na construção e consertos, de fiscais amadores e do estatuto relativo ao trabalho não especializado, eram, na maior parte das vezes, impróprias para o tráfego rodoviário; e o transporte mais em uso era o cavalo de carga, que viajava, às vezes, em filas de mais de cem, em calçadas de pedra dispostas lado a lado ou ao meio das estradas”.

T. S. Ashton.

Dentre outras coisas, o texto se refere ao fato de que:

- a) as ferrovias inglesas dependiam, para a sua manutenção, de trabalhadores não apropriados à tarefa.
 b) a divisão social do trabalho e as ferramentas especializadas provocaram um aumento significativo na produção.
 c) as necessidades industriais na Inglaterra, apesar de tudo, eram satisfeitas pelas estradas de pedra.

- d) as rodovias inglesas, graças a seu ótimo estado de conservação, foram responsáveis pelo aumento da produção industrial.
 e) as deficiências nas comunicações internas na Inglaterra eram motivadas pelo péssimo calçamento das estradas, impróprio para os cavalos de carga.

8. FEI-SP – Podem ser apontadas como características da Revolução Industrial:

- a) a substituição da manufatura pela indústria, a invenção da máquina-ferramenta, a progressiva divisão do trabalho e a submissão do trabalhador à disciplina fabril.
 b) o aprimoramento do artesanato, a crescente divisão do trabalho, um forte êxodo urbano e o aumento da produção.
 c) a substituição do artesanato pela manufatura e o consequente aumento da produção acompanhado pelo recrudescimento da servidão.
 d) a total substituição do homem pela máquina e o aumento do nível de vida da classe trabalhadora.
 e) a modernização da produção agrícola, o êxodo rural e uma diminuição do nível geral da produção.

9. Fuvest-SP – Identifique, entre as afirmativas a seguir, a que se refere a consequências da Revolução Industrial:

- a) Redução do processo de urbanização, aumento da população dos campos e sensível êxodo urbano.
- b) Maior divisão técnica do trabalho, utilização constante de máquinas e afirmação do capitalismo como modo de produção dominante.
- c) Declínio do proletariado como classe na nova estrutura social, valorização das corporações e manufaturas.
- d) Formação, nos grandes centros de produção, das associações de operários denominadas *trade-unions*, que promoveram a conciliação entre patrões e empregados.
- e) Manutenção da estrutura das grandes propriedades, com as terras comunais, e da garantia plena dos direitos dos arrendatários agrícolas.

10. Fuvest-SP – Sobre a inovação tecnológica no sistema fabril na Inglaterra do século XVIII, é correto afirmar que ela:

- a) foi adotada não somente para promover maior eficiência da produção, como também para realizar a dominação capitalista, na medida em que as máquinas submeteram os trabalhadores a formas autoritárias de disciplina e a uma determinada hierarquia.
- b) ocorreu graças ao investimento em pesquisa tecnológica de ponta, feito pelos industriais que participaram da Revolução Industrial.
- c) nasceu do apoio dado pelo Estado à pesquisa nas universidades.
- d) deu-se dentro das fábricas, cujos proprietários estimulavam os operários a desenvolver novas tecnologias.
- e) foi única e exclusivamente o produto da genialidade de algumas gerações de inventores, tendo sido adotada pelos industriais que estavam interessados em aumentar a produção e, por conseguinte, os lucros.

11. Puccamp-SP

“O duque de Bridgewater censurava os seus homens por terem voltado tarde depois do almoço; estes se desculparam dizendo que não tinham ouvido a badalada da 1 hora, então o duque modificou o relógio, fazendo-o bater 13 badaladas.”

Este texto revela um dos aspectos das mudanças oriundas do processo industrial inglês no final do século XVIII e início do século XIX. A partir do conhecimento histórico, pode-se afirmar que:

- a) os trabalhadores foram beneficiados com a diminuição da jornada de trabalho em relação à época anterior à Revolução Industrial.
- b) a racionalização do tempo foi um dos aspectos psicológicos significativos que marcou o desenvolvimento da maquinofatura.
- c) os empresários de Londres controlavam com mais rigor os horários dos trabalhadores, mas como compensação forneciam remuneração por produtividade para os pontuais.
- d) as fábricas, de modo geral, tinham pouco controle sobre o horário de trabalho dos operários, haja vista as dificuldades de registro e a imprecisão dos relógios naquele contexto.
- e) os industriais criaram leis que protegiam os trabalhadores que cumpriam corretamente o horário de trabalho.

12. UFCE-CE – Apesar de alguns de seus aspectos fundamentais terem surgido anteriormente, a Revolução Industrial desenvolve-se, principalmente, no século XIX. Na Inglaterra e também no nordeste dos Estados Unidos, na futura Alemanha e na França, as atividades econômicas mudam.

Assinale a alternativa que contém o aspecto da atividade econômica da Revolução Industrial ao qual correspondem as seguintes características: fabricação em série, fabricação a custo menor e fabricação em grande quantidade.

- a) Desenvolvimento do comércio.
- b) Crescimento da produção manufatureira.
- c) Exploração dos recursos naturais.
- d) Desenvolvimento do transporte.
- e) Importação dos produtos manufaturados das colônias.

13. Uece-CE

“Na manufatura e nos ofícios, o trabalhador serve-se dos instrumentos; na fábrica, ele serve a máquina. No primeiro caso, ele é quem move o meio de trabalho; no segundo, ele só tem que acompanhar o movimento. Na manufatura, os trabalhadores são membros de um mecanismo vivo; na fábrica, são apenas os complementos vivos de um mecanismo morto que existe independente deles.”

Karl Marx. *O capital*.

Estas críticas de Marx ao sistema industrial nos revelam algumas das transformações por que passava a economia capitalista na metade do século XIX. Sobre estas transformações, é correto afirmar que:

- a) a manufatura e a fábrica permitiram um enorme aumento da produtividade industrial, do qual se beneficiaram os trabalhadores, pois passaram a trabalhar menos com maiores ganhos salariais.
- b) o desenvolvimento do sistema fabril, com a introdução de máquinas sofisticadas e o aprofundamento da divisão do trabalho, permitiu um incrível aumento de produtividade às custas da desqualificação dos ofícios manuais.
- c) o aumento da produtividade industrial só foi possível pelo aumento da carga de trabalho (mais quantidade e maior intensidade) imposta aos operários pelos sindicatos, na tentativa de obter salários maiores.
- d) a fábrica dispensa o trabalho manual, executando todas as tarefas através de máquinas e o trabalhador passa a ganhar seu salário sem trabalhar.

14. Unesp-SP

“A superioridade da indústria inglesa, em 1840, não era desafiada por qualquer futuro imaginável. E esta superioridade só teria a ganhar, se as matérias-primas e os gêneros alimentícios fossem baratos. Isto não era ilusão: a nação estava tão satisfeita com o que considerava um resultado de sua política que as críticas foram quase silenciadas até a depressão da década de 80.”

Joseph A. Schumpeter. *História da análise econômica*.

Desta exposição conclui-se por que razão a Inglaterra adotou decididamente, a partir de 1840, o:

- a) isolacionismo em sua política externa.
- b) intervencionismo estatal na economia.
- c) capitalismo monopolista contrário à concorrência.

- d) agressivo militarismo nas conquistas de colônias ultramarinas.
- e) livre-comércio no relacionamento entre as nações.

15. FEI-SP – Sobre a Revolução Industrial:

- I. Ocorreu principalmente por causa do acúmulo de enormes capitais provenientes das atividades mercantis.
- II. Ocorreu principalmente na Inglaterra (Primeira Revolução Industrial) e mais tarde em alguns países da Europa Ocidental e nos EUA (Segunda Revolução Industrial).
- III. Trouxe como consequência a abolição da escravidão em alguns países com o objetivo de ampliar os mercados consumidores mundiais.

Assinale, agora, a alternativa mais adequada:

- a) I e II estão corretas.
- b) III e II estão incorretas.
- c) Todas estão incorretas.
- d) Todas estão corretas.
- e) I e III estão corretas.

16. Unirio-RJ – Na segunda metade do século XIX, configurou-se uma nova etapa do processo de desenvolvimento da Revolução Industrial, que, dentre outras, apresentou a seguinte característica:

- a) Declínio das exportações de capitais para áreas de investimento fora da Europa industrializada, tais como a África e a Ásia.

- b) Fim da política de expansão imperialista dos países europeus que haviam alcançado a industrialização.
- c) Supremacia do sistema familiar de produção, que passou a atender às necessidades do mercado consumidor.
- d) Concentração da produção industrial em grandes empresas com o fortalecimento do capital monopolista.
- e) Consolidação da livre-concorrência entre as empresas capitalistas facilitada pelo retorno da legislação colonial.

17. FGV-SP – A chamada Segunda Revolução Industrial, ocorrida nas últimas décadas do século XIX, foi caracterizada:

- a) pela concentração do processo de industrialização na Inglaterra e pela montagem do império colonial britânico.
- b) pelo desenvolvimento da eletricidade e da siderurgia e pela expansão da industrialização para além do continente europeu.
- c) pela industrialização e pela formação de Estados nacionais no continente africano a partir das suas antigas fronteiras culturais e linguísticas.
- d) pelo equilíbrio de forças entre as antigas colônias europeias e os Estados europeus devido à difusão da industrialização.
- e) pela retração da economia mundial devido à mecanização da produção e à diminuição da oferta de produtos industrializados.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C3-H11

“A Segunda Revolução Industrial, no final do século XIX e início do século XX, nos EUA, período em que a eletricidade passou gradativamente a fazer parte do cotidiano das cidades e a alimentar os motores das fábricas, caracterizou-se pela administração científica do trabalho e pela produção em série.”

MERLO, A. R. C.; LAPIS, N. L. A saúde e os processos de trabalho no capitalismo: reflexões na interface da psicodinâmica do trabalho e da sociologia do trabalho. *Psicologia e Sociedade*, n. 1, abr. 2007.

De acordo com o texto, na primeira metade do século XX, o capitalismo produziu um novo espaço geoeconômico e uma revolução que está relacionada com a:

- a) proliferação de pequenas e médias empresas, que se equiparam com as novas tecnologias e aumentaram a produção, com aporte do grande capital.
- b) técnica de produção fordista, que instituiu a divisão e a hierarquização do trabalho, em que cada trabalhador realizava apenas uma etapa do processo produtivo.
- c) passagem do sistema de produção artesanal para o sistema de produção fabril, concentrando-se, principalmente, na produção têxtil destinada ao mercado interno.
- d) independência política das nações colonizadas, que permitiu igualdade nas relações econômicas entre os países produtores de matérias-primas e os países industrializados.

- e) constituição de uma classe de assalariados, que possuíam como fonte de subsistência a venda de sua força de trabalho e que lutavam pela melhoria das condições de trabalho nas fábricas.

19. Enem

C4-H16

“A Inglaterra pedia lucros e recebia lucros, tudo se transformava em lucro. As cidades tinham sua sujeira lucrativa, suas favelas lucrativas, sua fumaça lucrativa, sua desordem lucrativa, sua ignorância lucrativa, seu desespero lucrativo. As novas fábricas e os novos altos-fornos eram como as pirâmides, mostrando mais a escravização do homem que seu poder.”

EANE, P. *A Revolução Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. (Adaptado)

Qual relação é estabelecida no texto entre os avanços tecnológicos ocorridos no contexto da Revolução Industrial inglesa e as características das cidades industriais no início do século XIX?

- a) A facilidade em se estabelecerem relações lucrativas transformava as cidades em espaços privilegiados para a livre-iniciativa, característica da nova sociedade capitalista.
- b) O desenvolvimento de métodos de planejamento urbano aumentava a eficiência do trabalho industrial.
- c) A construção de núcleos urbanos integrados por meios de transporte facilitava o deslocamento dos trabalhadores das periferias até as fábricas.

- d) A grandiosidade dos prédios onde se localizavam as fábricas revelava os avanços da engenharia e da arquitetura do período, transformando as cidades em locais de experimentação estética e artística.
- e) O alto nível de exploração dos trabalhadores industriais ocasionava o surgimento de aglomerados urbanos marcados por péssimas condições de moradia, saúde e higiene.

20. Enem

C2-H7

“O continente africano em seu conjunto apresenta 44% de suas fronteiras apoiadas em meridianos e paralelos; 30% por linhas retas e arqueadas, e apenas 26% se referem a limites naturais que geralmente coincidem com os de locais de habitação dos grupos étnicos”.

MARTIN, A. R. *Fronteiras e nações*. São Paulo: Contexto, 1998.

Diferente do continente americano, onde quase que a totalidade das fronteiras obedecem a limites naturais, a África apresenta as características citadas em virtude, principalmente:

- a) da sua recente demarcação, que contou com técnicas cartográficas antes desconhecidas.
- b) dos interesses de países europeus preocupados com a partilha dos seus recursos naturais.
- c) das extensas áreas desérticas que dificultam a demarcação dos “limites naturais”.
- d) da natureza nômade das populações africanas, especialmente aquelas oriundas da África Subsaariana.
- e) da grande extensão longitudinal, o que demandaria enormes gastos para demarcação.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

LIBERALISMO

34

O LIBERALISMO ONTEM E HOJE

O **liberalismo** é uma ideologia que pode ser definida como um conjunto de ideias políticas e econômicas cuja premissa é a liberdade e a defesa de que a sociedade e o Estado devem ter suas bases e justificativas nesse ideal. Esse pensamento evoluiu muito ao longo da História, desde seu nascimento, em que buscava combater os poderes absolutos dos monarcas e seus monopólios sobre o comércio, até os dias de hoje, tornando-se um movimento diverso que discute o papel do Estado nas liberdades políticas e econômicas dos indivíduos.

O pensamento liberal rejeita todo e qualquer poder absoluto. Assim, desde o fim do século XVII até o início do século XIX, o liberalismo burguês voltou-se contra o Antigo Regime. No século XX, o movimento combateu regimes totalitários e ditaduras, mas também a vontade popular.

O termo “liberalismo” possui vários significados, entre eles o político e o econômico. O **liberalismo político** surgiu na Inglaterra e desenvolveu-se na França na época do Iluminismo. Defendia a liberdade de pensamento, a igualdade de todos diante do Estado, a representação política da sociedade por meio de uma assembleia e do constitucionalismo. De início, era o reflexo do pensamento burguês. A prática liberal burguesa, porém, tornou-se contraditória ao instituir o voto censitário, negar a possibilidade de organização trabalhista e os direitos aos operários.

O **liberalismo econômico** também surgiu na época do Iluminismo, com os fisiocratas e, sobretudo, com Adam Smith. Defendia a liberdade econômica na sociedade, em que o papel do Estado seria apenas de coordenador e organizador da economia. O esforço do homem tem como meta, em um contexto de liberdade econômica, alcançar o máximo possível de conforto, de bens e de riqueza com o menor esforço possível. É o *homo economicus* ou “homem econômico”, voltado para o ter. Para essa corrente do liberalismo, a economia não deve ser influenciada por questões políticas ou sociais. Essa ideologia resume-se na expressão *laissez-faire, laissez-passer* (“deixai fazer, deixai passar”).

Mais recentemente, economistas como o francês Jean-Baptiste Say deram outra conotação ao liberalismo econômico, ao admitir que o Estado deve atuar na economia, organizando-a, para evitar crises que abalem a estrutura do capitalismo. O neoliberalismo contemporâneo defende um Estado mínimo que não interfira na produção, mas que tenha a capacidade de gerir políticas econômicas.

Friedrich von Hayek é um economista liberal, mais precisamente um neoliberal, e foi um dos estudiosos da economia que revisitou o liberalismo dos séculos XVII ao XIX, entendendo-o como uma teoria econômica na qual a livre competição, com a mínima presença do Estado e sem regulações, seria o melhor caminho para a prosperidade.



ROGER TILLBERG/ALAMY STOCK PHOTO

- O liberalismo ontem e hoje
- Economistas liberais
- Sociedade burguesa
- Capitalismo monopolista

HABILIDADES

- Identificar registros sobre o papel das técnicas e tecnologias na organização do trabalho e/ou da vida social.
- Reconhecer transformações técnicas e tecnológicas que determinam as várias formas de uso e apropriação dos espaços rural e urbano.

ECONOMISTAS LIBERAIS

Fisiocratas

Os franceses François Quesnay e Vicente Gournay combateram as práticas mercantilistas, defendendo a economia baseada nas leis naturais. De acordo com esses teóricos, a economia com esse viés tornava-se possível em virtude dos avanços da física e das ciências da natureza.



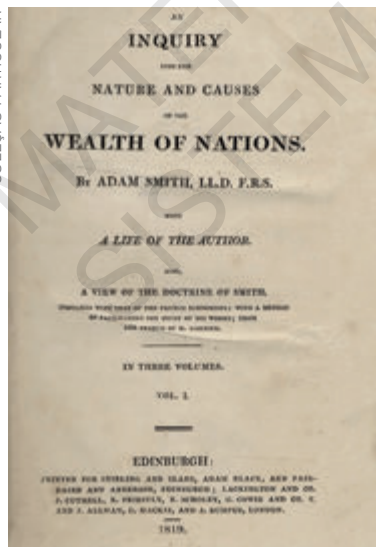
MASTERPICS/ALAMY STOCK PHOTO

Retrato de François Quesnay (século XVIII), de autoria desconhecida.

Os fisiocratas defendiam uma economia regida pelo governo da natureza, em que a terra seria a fonte da riqueza com sua produção agrícola. Ao governo – um mal necessário, segundo eles – caberia apenas a função de proteger a propriedade individual, sem qualquer outra interferência. A doutrina ficou expressa na máxima proposta por Gournay: *laissez-faire, laissez-passer; le monde va de lui-même* (“deixai fazer, deixai passar; o mundo caminha por si mesmo”).

Liberalismo econômico

Na Inglaterra, Adam Smith publicou *A riqueza das nações* (1776), livro reconhecido como base para o desenvolvimento da escola clássica. Além de Smith, destacaram-se Stuart Mill, Thomas Malthus e David Ricardo.



Primeira página do livro *Um inquérito sobre a natureza e as causas da riqueza das nações*, de Adam Smith (volume 1, edição de 1819).

Os liberalistas clássicos opunham-se ao intervencionismo econômico típico do mercantilismo e, apesar de concordarem em alguns pontos com as teorias fisiocratas, não aceitavam a ideia de uma economia centrada unicamente nas leis naturais.

Os princípios fundamentais do liberalismo econômico foram:

- existência de leis naturais na economia;
- livre-concorrência (lei da oferta e da procura);
- livre-cambismo;
- defesa da propriedade privada;
- liberdade de contrato;
- especialização e organização do trabalho;
- divisão internacional do trabalho.

Entre os principais pensadores do liberalismo, destacam-se:

- **Adam Smith (1723-1790):** em *A riqueza das nações*, defendeu que o trabalho, aliado ao capital, é o fator determinante da riqueza. Para o economista, a eficácia do trabalho resulta de sua adequada divisão. Para defender sua teoria, tentou demonstrar que dez operários, dividindo as tarefas de fabricação, são capazes de produzir 48 mil alfinetes por dia, enquanto um, realizando todas as atividades sozinho, consegue fabricar apenas um alfinete. O aumento da produção possibilitaria baixar custos e conquistar mais mercados, ampliando, assim, os lucros.
- **Stuart Mill (1806-1873):** em *Princípios da economia política*, sintetizou as teorias clássicas. Diferentemente dos demais economistas, destacou-se pela preocupação com os problemas sociais. O interesse pela justiça social situa-o na transição da escola clássica para o socialismo.
- **Thomas Malthus (1766-1843):** em *Ensaio sobre a população*, investigou as causas da miséria da humanidade. Segundo ele, a responsabilidade pela pobreza deve-se ao desregramento dos próprios pobres, que têm mais filhos do que podem sustentar. Se a população não for contida, crescerá em progressão geométrica, enquanto a produção de alimentos, nas mais favoráveis circunstâncias, só poderia aumentar, no máximo, em progressão aritmética. Um equilíbrio somente seria possível em virtude da ocorrência de epidemias, catástrofes e guerras que diminuíssem o crescimento populacional ou pela limitação voluntária da natalidade. A teoria malthusiana influenciou os pensadores de áreas como ciências sociais, história e geografia.
- **David Ricardo (1772-1823):** em sua teoria do valor, expressa na obra *Princípios de economia política e tributária*, demonstrou que o custo da produção determina o valor dos bens. O crescimento da população acarreta um aumento das necessidades dos gêneros agrícolas. A fertilidade desigual de terras provoca o nivelamento dos preços para cima.

Ricardo também defendeu a ideia das vantagens comparativas, concebendo que os países deveriam se especializar no tipo de produção para a qual têm afinidade. Assim, por exemplo, se Portugal tem vocação para produzir vinho e a Inglaterra tecidos, ambos deveriam se especializar nessas áreas e trocar mercadorias.

SOCIEDADE BURGUESA

A burguesia é um grupo social consolidado no fim da Idade Média, no contexto do renascimento comercial. Os burgueses, de início, eram apenas habitantes dos burgos, isto é, cidades fortificadas, e dedicavam-se ao comércio, às finanças ou à manufatura.

Ao longo da Idade Moderna, a burguesia cresceu e fortaleceu-se com o desenvolvimento do sistema colonial e os imensos lucros obtidos com a expansão marítima. Estes foram aplicados no financiamento do Estado moderno absoluto como forma de manter a paz e a coesão interna e para facilitar o comércio com a adoção de moedas, impostos e sistemas de pesos e medidas unificados. Com isso, houve um acúmulo de capital na Europa que possibilitou o financiamento da Revolução Industrial no século XVIII.

Além de sua preponderância econômica, a burguesia munuiu-se de um vasto escopo filosófico-ideológico, desde os pensadores humanistas até os filósofos iluministas, compreendendo, assim, a importância de dominar o conhecimento e a arte a seu favor.

No Renascimento, burgueses mecenas faziam-se representar por grandes artistas em retratos, nos quais exibiam sua riqueza material utilizando belas vestimentas, em ambientes suntuosos e, por vezes, com a presença de moedas de metais preciosos.

São comuns também representações de interiores burgueses nos quais livros, obras de arte e instrumentos musicais destacavam-se no cenário da vida privada, sugerindo o gosto pela leitura e pelo saber, assim como o valor atribuído à arte, evidenciado em seus refinados objetos de decoração.

A obra do artista holandês Jan Vermeer é pródiga em cenas que retratam a vida burguesa, com damas e cavalheiros ocupando seus interiores cuidadosamente mobiliados, sempre em conversações privadas, lendo cartas e livros ou degustando sua rica alimentação.

Os espaços, divididos e com funções específicas, típicos das casas burguesas com seus interiores acolhedores, demonstravam materialmente o gosto pela intimidade e privacidade.

É desse período também a proliferação de bibliotecas e salas de leitura, incentivada pela difusão da alfabetização. Nesses espaços, eram realizados estudos e discussões intelectuais.

Isso nos mostra o desenvolvimento, no seio desse grupo social, do individualismo. O burguês fechou-se com seus objetos de afeição: retratos, cartas, livros e bibelôs. Sua autonomia econômica levou-o a romper

com os laços coletivistas típicos das classes menos favorecidas, nos quais a união e a ajuda mútua propiciavam melhores condições de sobrevivência. Ele se individualizou com suas opiniões e seus pensamentos revolucionários.



Jantar no Ambassadeurs (1880), de Jean Beraud. Óleo sobre tela, 35,5 cm x 45,5 cm. A obra retrata um jantar no Ambassadeurs, um famoso café-concerto.

MUSEE CARNAVALET, PARIS, FRANÇA

O passeio burguês no século XIX não é apenas um prazer, preconizado pelos apóstolos da medicina natural; é também um ritual codificado, respeitando normas estritas. Autoriza a emoção das apresentações e encontros, mas também a expressão ostensiva de desdém. No passeio público, cada qual pode verificar sua posição.

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (Org.). *História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 190.

CAPITALISMO MONOPOLISTA

Na segunda metade do século XIX, emergiram potências como os Estados Unidos, a Itália e a Alemanha, que superaram suas divisões internas e alavancaram um desenvolvimento autossustentado. No mesmo período, o capitalismo transformou-se profundamente, passando da fase liberal para a monopolista. Dessa forma, considera-se que uma das principais características da Segunda Revolução Industrial é o capitalismo monopolista.

A sofisticação tecnológica que se alcançou nesse período tornou os meios de produção acessíveis somente a uma ínfima minoria endinheirada – a dos grandes e poderosos capitalistas –, estimulando ainda mais a concentração do processo da produção.

Os capitalistas que não acompanharam o ritmo das inovações técnicas foram eliminados do mercado, o que levou à monopolização de certos ramos industriais. Do sistema empresarial atomizado, chegou-se à formação de gigantescos complexos industriais.

O sistema bancário é um exemplo desse processo de concentração monopolista. Na feroz disputa por mercados, os bancos pequenos foram à falência, dei-

xando lugar para os grandes. Na Inglaterra, cinco grandes bancos monopolizaram o mercado financeiro ao incorporarem os concorrentes menores; na Alemanha e nos Estados Unidos, nove, com destaque especial para dois gigantes controlados pelos grupos Rockefeller e Morgan.



Charge de 1911 que satiriza a influência política dos grupos econômicos monopolistas.

ROTEIRO DE AULA

LIBERALISMO

Liberalismo político

Quando se desenvolve:

Entre os séculos XVII e XIX.

Definição:

Defendia a liberdade de pensamento, a igualdade entre todos, a representação política da sociedade e o constitucionalismo. Tornou-se contraditório ao instituir o voto censitário e negar direitos aos operários.

Liberalismo econômico

Quando se desenvolve:

Entre os séculos XVII e XIX.

Definição:

Os fisiocratas e Adam Smith propuseram a ideia de liberdade econômica, segundo a qual o Estado deve exercer um papel mínimo, cabendo-lhe apenas coordenar e organizar a economia.

Capitalismo monopolista

Quando se desenvolve:

Na segunda metade do século XIX.

O que substituiu:

O capitalismo liberal.

Exemplos:

Sistema bancário, petroleiras.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Enem

C5-H24

Texto I

“O presidente do jornal de maior circulação do país destacava também os avanços econômicos obtidos naqueles vinte anos, mas, ao justificar sua adesão aos militares em 1964, deixava clara sua crença de que a intervenção fora imprescindível para a manutenção da democracia.”

Disponível em: <oglobo.globo.com>. Acesso em: 1º set. 2013. (Adaptado)

Texto II

“Nada pode ser colocado em compensação à perda das liberdades individuais. Não existe nada de bom quando se aceita uma solução autoritária.”

FICO, C. A educação e o golpe de 1964. Disponível em: <www.brasilrecente.com>. Acesso em: 4 abr. 2014. (Adaptado)

Embora enfatizem a defesa da democracia, as visões do movimento político-militar de 1964 divergem ao focarem, respectivamente:

- a) razões de Estado – soberania popular.
- b) ordenação da nação – prerrogativas religiosas.
- c) imposição das forças armadas – deveres sociais.
- d) normatização do Poder Judiciário – regras morais.
- e) contestação do sistema de governo – tradições culturais.

A questão trata do período da ditadura militar no Brasil para compreender a liberdade individual, noção importante para o liberalismo estudado neste módulo. No texto I, fica evidente que a ideia de intervenção do Estado prevalece sobre as liberdades individuais, com a justificativa, pelos militares, de garantia da democracia. Já no texto II, há uma problematização quanto à intervenção militar, a qual, segundo o trecho, não justifica a perda das liberdades individuais.

Competência: Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Habilidade: Relacionar cidadania e democracia na organização das sociedades.

2. Fuvest-SP

“Um comerciante está acostumado a empregar o seu dinheiro principalmente em projetos lucrativos, ao passo que um simples cavalheiro rural costuma empregar o seu em despesas. Um frequentemente vê seu dinheiro afastar-se e voltar às suas mãos com lucro; o outro, quando se separa do dinheiro, raramente espera vê-lo de novo. Esses hábitos diferentes afetam naturalmente os seus temperamentos e disposições em toda espécie de atividade. O comerciante é, em geral, um empreendedor audacioso; o cavalheiro rural, um tímido em seus empreendimentos [...]”.

SMITH, Adam. *A riqueza das nações*, livro III, capítulo 4.

Neste pequeno trecho, Adam Smith:

- a) contrapõe o lucro à renda, pois geram racionalidades e modos de vida distintos.
- b) mostra as vantagens do capitalismo comercial em face da estagnação medieval.
- c) defende a lucratividade do comércio contra os baixos rendimentos do campo.
- d) critica a preocupação dos comerciantes com seus lucros e dos cavalheiros com a ostentação de riquezas.
- e) expõe as causas da estagnação da agricultura no final do século XVIII.

O trecho trata de uma ideia formulada por Adam Smith em *A riqueza das nações*. O teórico refere-se a classes sociais diferentes e que, portanto, lidam com o dinheiro de forma distinta, já que o primeiro, em uma condição social melhor, tem a possibilidade de investir com seus rendimentos a fim de obter mais dinheiro por meio do lucro. O segundo, de condição social mais baixa, relaciona-se com o dinheiro de forma a usá-lo como uma forma de sustento, tendo menos possibilidade de investimento e, nesse sentido, enriquecimento.

3. Faap-SP – Os pensadores do liberalismo econômico, como Adam Smith, Malthus e outros defendiam:

- a) a intervenção do Estado na economia.
- b) o mercantilismo como política econômica nacional.
- c) a socialização dos meios de produção.
- d) a liberdade para as atividades econômicas.
- e) a implantação do capitalismo de Estado.

As ideias do liberalismo afastam-se da intervenção do Estado na economia, bem como da participação igualitária de todos os setores da população, por isso as alternativas A, B, C e E estão incorretas. A alternativa D apresenta uma ideia central de Adam Smith, qual seja, a defesa da liberdade econômica.

4. Unesp-SP

“Sendo os homens, conforme [...] dissemos, por natureza, todos livres, iguais e independentes, ninguém pode ser expulso de sua propriedade e submetido ao poder de outrem sem dar consentimento.”

LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo*.

“O patrimônio do pobre reside na força e destreza de suas mãos, sendo que impedi-lo de utilizar essa força e essa destreza da maneira que ele considerar adequada, desde que não lese o próximo, constitui uma violação pura e simples dessa propriedade sagrada.”

SMITH, Adam. *A riqueza das nações*.

A partir da leitura dos textos, é correto afirmar que:

- a) John Locke defende a democracia, isto é, a igualdade política entre os homens, ao passo que Adam Smith privilegia o trabalho, portanto a desigualdade.
- b) John Locke funda sua teoria política liberal na defesa da propriedade privada, em sintonia com a defesa da livre-iniciativa proposta por Adam Smith.
- c) o consentimento para evitar o poder centralizado do rei, em John Locke, choca-se com a necessidade de intervenção econômica, segundo Adam Smith.

- d) a monarquia absolutista é a base da teoria política de John Locke, enquanto o Estado não intervencionista é o suporte da teoria econômica de Adam Smith.
- e) para John Locke, o consentimento é garantido pela divisão dos poderes harmonizando-se com a defesa da propriedade coletiva de Adam Smith.

As ideias de John Locke e Adam Smith são liberais. Isso está demonstrado no texto de Locke quando este defende que todos os seres humanos são naturalmente iguais e livres, com direito à propriedade privada e poder de escolha. No texto de Adam Smith, também há a defesa da livre-iniciativa. Portanto, ambos priorizam a ideia de liberdade individual e de escolha, rejeitando qualquer controle de terceiros sem que haja consentimento.

5. PUC-MG – O pensamento fisiocrático na França pretendia:

- a) a concessão de plena liberdade para o exercício de atividades econômicas, resumida na expressão *laissez-faire*.
- b) a manutenção das condições econômicas e políticas estabelecidas na França no período mercantilista.
- c) a instituição do liberalismo político, combinado com a fixação, pelo Estado, de rígidas regras para as atividades econômicas.
- d) o fim do socialismo utópico de Fourier e a formação do proletariado de Karl Marx na Inglaterra do século XIX.

O pensamento fisiocrático vigora na Europa no século XVIII com a ideia de liberdade econômica, segundo a qual a economia deveria se regular sozinha, sem a intervenção do Estado.

6. Uerj-RJ

“Não se veem, porventura [...] povos pobres em terras vastíssimas, potencialmente férteis, em climas dos mais benéficos? E, inversamente, não se encontra, por vezes, uma população numerosa vivendo na abundância em um território exíguo, até algumas vezes em terras penosamente conquistadas ao oceano, ou em territórios que não são favorecidos por dons naturais? Ora, se essa é a realidade, é por existir uma causa sem a qual os recursos naturais [...] nada são [...]. Uma causa geral e comum de riqueza, causa que, atuando de modo desigual e vários entre os diferentes povos, explica as desigualdades de riqueza de cada um deles [...]”

SMITH, Adam. Apud HUGON, Paul. *História das doutrinas econômicas*. São Paulo: Atlas, 1973.

O texto anterior evidencia a preocupação, por parte de pensadores do século XVIII, com a fonte geradora de riqueza. As “escolas” econômicas do período – fisiocracia e liberalismo – apresentavam, contudo, discordâncias quanto a essa fonte.

Os elementos geradores de riqueza para a fisiocracia e para o liberalismo eram, respectivamente:

- a) terra e trabalho.
- b) agricultura e capital.
- c) indústria e comércio.
- d) metal precioso e tecnologia.

A ideia do trabalho é central para o liberalismo, já que entendia-se que as pessoas podiam enriquecer por meio do trabalho, de sua vontade e da liberdade de fazer escolhas. Para os fisiocratas, a terra era a principal fonte de riqueza de uma nação.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. PUC-RJ – Assinale a opção em que se encontra corretamente identificado um dos preceitos fundamentais da fisiocracia:

- a) “O ouro e a prata suprem as necessidades de todos os homens.”
- b) “Os meios ordinários, portanto, para aumentar nossa riqueza e tesouro são o comércio exterior.”
- c) “Que o soberano e a nação jamais se esqueçam de que a terra é a única fonte de riqueza e de que a agricultura é que a multiplica.”
- d) “Todo comércio consiste em diminuir os direitos de entrada das mercadorias que servem às manufaturas interiores [...]”
- e) “As manufaturas produzirão benefícios em dinheiro, o que é o único fim do comércio e o único meio de aumentar a grandeza e o poderio do Estado.”

8. PUC-MG – O liberalismo, enquanto uma doutrina fundamentalmente racionalista, se opõe, exceto:

- a) ao jugo da autoridade.
- b) ao respeito cego pelo passado.
- c) ao império do preconceito.

- d) aos impulsos do instinto.
- e) ao domínio do individualismo.

9. Faap-SP

“A população, quando não controlada, aumenta numa razão geométrica. A subsistência aumenta apenas em proporção aritmética [...] Isso significa um controle forte e constante sobre a população, provocado pela dificuldade de subsistência. Essa dificuldade deve recair em alguma parte e deve necessariamente ser fortemente sentida por grande parte da humanidade [...]”

O autor desse texto só pode ser:

- a) Pascal.
- b) Karl Marx.
- c) Adam Smith.
- d) Ricardo.
- e) Malthus.

10. UFPB-PB – Em 1798, Thomas Malthus publicou *Ensaio sobre a população*, no qual desenvolveu sua teoria demográfica em que a população tenderia a crescer em

progressão geométrica, duplicando a cada 25 anos. Já a produção de alimentos cresceria em progressão aritmética e possuiria certo limite de produção, por depender de um fator fixo: a própria extensão territorial dos continentes. Nesse contexto, essa teoria, ao longo dos anos, tem se revelado:

- a) verdadeira, visto que a produção de alimentos está estritamente relacionada à extensão de terras agricultáveis.
- b) falsa, pois a população tenderia a crescer em progressão aritmética e a produção de alimentos em progressão geométrica.
- c) verdadeira, pois atualmente constata-se a falta de alimentos em muitos países em função de sua pequena extensão territorial.
- d) falsa, pois a produção de alimentos, com o uso de tecnologias, pode aumentar independentemente da extensão espacial do plantio.
- e) verdadeira, porque a população cresce em progressão geométrica, principalmente nos países emergentes, como o Brasil.

11. PUC-RS – Sobre as teorias malthusiana e a neomalthusiana, é correto afirmar que:

- a) a teoria malthusiana afirmava que a população crescia em progressão geométrica e a neomalthusiana postulava que o crescimento populacional estacionaria no final de século XIX.
- b) a teoria malthusiana defendia o emprego da tecnologia como solução para amenizar a fome no mundo, enquanto a neomalthusiana não considerava o papel da tecnologia na produção de alimentos.
- c) ambas propunham o controle da natalidade através do emprego de preservativos e de pílulas anticoncepcionais.
- d) embora as duas teorias fossem antinatalistas, os neomalthusianos defendiam o controle da natalidade preponderantemente nos países subdesenvolvidos, e os malthusianos propunham um mecanismo chamado sujeição moral.
- e) também chamados alarmistas, os malthusianos afirmavam que a solução para conter a miséria do mundo seria a abstinência sexual e o desenvolvimento de tecnologias para o melhoramento genético.

12. Fuvest-SP

“No Ocidente, o período entre 1848 e 1875 é primariamente o do maciço avanço da economia do capitalismo industrial, em escala mundial, da ordem social que o representa, das ideias e credos que pareciam legitimá-lo e ratificá-lo”.

HOBBSAWM, E. J. *A era do capital*: 1848-1875.

A “ordem social” e as “ideias e credos” a que se refere o autor caracterizam-se, respectivamente, como:

- a) aristocrática e conservadoras.
- b) socialista e anarquistas.
- c) popular e democráticas.
- d) tradicional e positivistas.
- e) burguesa e liberais.

13. UFMG-MG – Assinale a alternativa que apresenta a concepção de trabalho de Adam Smith:

- a) a divisão do trabalho deve ser controlada pelo Estado, de forma a garantir a estabilidade na oferta de empregos.

b) a maior produtividade pressupõe a especialização do trabalho, a divisão entre vários homens daquilo que anteriormente era produzido por um só.

c) os parasitas, aqueles que não trabalham, não podem participar e nem se beneficiar da riqueza produzida pela coletividade.

d) uma maior colaboração entre produtores diretos garante uma maior socialização das riquezas e o Estado do bem-estar social.

14. Cesgranrio-RJ

“Que nunca percam de vista o soberano e a nação o fato de a terra ser a única fonte das riquezas e que a agricultura as multiplica. Que a propriedade dos bens de raiz e das riquezas mobiliárias seja assegurada aos seus possuidores legítimos, pois a segurança da propriedade é o fundamento essencial da ordem econômica da sociedade.”

QUESNAY, François. *Maximes generales du gouvernement économique*.

François Quesnay, médico do rei francês, lançou as bases do pensamento liberal fisiocrata, o qual:

- a) preconizava que o aumento populacional determinava a escassez de recursos naturais e, conseqüentemente, crises de abastecimento.
- b) relacionava a necessidade de se manter a ordem socioeconômica ao montante de investimentos industriais.
- c) explicitava as aspirações das massas camponesas que tencionavam destruir o feudalismo.
- d) defendia a valorização da nobreza territorial, a supremacia e a centralização do poder real.
- e) defendia as aspirações burguesas e criticava a intervenção estatal na vida econômica.

15. Uerj-RJ (adaptado)

A fusão da Sadia com a Perdigão, em maio de 2009, resultou na criação da Brasil Foods, décima maior empresa alimentícia do continente americano e segunda do país.

Esse evento é decorrente de uma estratégia das grandes corporações e representa uma tendência mundial da atual fase do capitalismo.

A denominação da atual fase do capitalismo e uma justificativa para a adoção dessa estratégia estão indicadas em:

- a) liberal – redução dos preços das mercadorias.
- b) monopolista – ampliação da participação no mercado.
- c) monetarista – diminuição dos custos de comercialização.
- d) concorrencial – aumento da escala de compras da companhia.

16. Sistema Dom Bosco – Explique o que significa, no contexto dos liberais fisiocratas, a expressão *laissez-faire, laissez-passer; le monde va de lui-même* (“deixai fazer, deixai passar; o mundo caminha por si mesmo”).

17. Sistema Dom Bosco – Preencha o quadro com as principais obras e ideias dos teóricos do liberalismo estudados neste módulo.

Nome do pensador	Principal obra	Principais ideias
Adam Smith (1723-1790)	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
Stuart Mill (1806-1873)	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
Thomas Malthus (1766-1843)	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
David Ricardo (1772-1823)	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C1-H1

O texto a seguir, de John Locke (1632-1704), revela algumas características de uma determinada corrente de pensamento:

“Se o homem no estado de natureza é tão livre, conforme dissemos, se é senhor absoluto da sua própria pessoa e poses, igual ao maior e a ninguém sujeito, por que abrirá ele mão dessa liberdade, por que abandonará o seu império e sujeitar-se-á ao domínio e controle de qualquer outro poder? Ao que é óbvio responder que, embora no estado de natureza tenha tal direito, a utilização do mesmo é muito incerta e está constantemente exposto à invasão de terceiros porque, sendo todos senhores tanto quanto ele, todo o homem igual a ele e, na maior parte, pouco observador da equidade e da justiça, o proveito da propriedade que possui nesse estado é muito inseguro e muito arriscado. Estas circunstâncias obrigam-no a abandonar uma condição que, embora livre, está cheia de temores e perigos constantes; e não é sem razão que procura de boa vontade juntar-se em sociedade com outros que estão já unidos, ou pretendem unir-se para a mútua conservação da vida, da liberdade e dos bens a que chamo de propriedade.”

Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

Do ponto de vista político, podemos considerar o texto como uma tentativa de justificar:

- a) a existência do governo como um poder oriundo da natureza.
- b) a origem do governo como uma propriedade do rei.
- c) o absolutismo monárquico como uma imposição da natureza humana.
- d) a origem do governo como uma proteção à vida, aos bens e aos direitos.
- e) o poder dos governantes, colocando a liberdade individual acima da propriedade.

19. Enem (adaptado)

C1-H1

No texto anterior, Locke exulta os principais argumentos liberais: a primazia da liberdade individual, a propriedade privada, a ação da livre-iniciativa no tecido social etc. John Locke é um dos principais representantes do liberalismo de língua inglesa.

Analisando o texto, podemos concluir que se trata de um pensamento:

- a) do liberalismo.
- b) do socialismo utópico.
- c) do absolutismo monárquico.
- d) do socialismo científico.
- e) do anarquismo.

20. Fatec-SP

C4-H18

Adam Smith, teórico do liberalismo econômico, cuja obra *A riqueza das nações* constitui o baluarte, a cartilha do capitalismo liberal, considerava:

- a) a política protecionista e manufatureira como elemento básico para desenvolver a riqueza da nação.
- b) a necessária abolição das aduanas internas, das regulamentações e das corporações então existentes nos países.
- c) a propriedade privada como a raiz das infelicidades humanas, daí toda a economia ter de ser controlada pelo Estado.
- d) a terra como fonte de toda a riqueza, enquanto a indústria e o comércio apenas transformavam ou faziam circular a riqueza natural.
- e) o trabalho como fonte de toda a riqueza, dizendo que, com a concorrência, a divisão do trabalho e o livre-comércio, a harmonia e a justiça social seriam alcançadas.

DOUTRINAS SOCIAIS

35

NOVAS IDEIAS DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Na segunda metade do século XIX, o descontentamento com as monarquias nacionais e com o meio de produção instituído pela Revolução Industrial resultou em diversos movimentos sociais. Os anseios dos trabalhadores por melhores condições de vida foram organizados e defendidos por pensadores que ofereceram perspectivas sobre a sociedade capitalista que se formava. Esse grupo de teóricos desenvolveu as doutrinas sociais do século XIX.

Muitos autores identificam as origens das ideias socialistas no pensamento de Platão, principalmente em suas concepções sobre a cidade ou sociedade perfeitas descritas na obra *A república*. Essas ideias foram retomadas e reassimiladas durante o Renascimento por autores utópicos como Tomaso Campanella, na obra *A cidade do sol*, e Thomas Morus, em *Utopia*. Apesar da antiguidade dessas ideias, elas somente tomaram corpo com a Revolução Industrial, entre a segunda metade do século XVIII e o início do século XIX.

Os socialistas propuseram reformas na sociedade e criticaram os inúmeros problemas sociais criados com o estabelecimento do capitalismo e do liberalismo, resumidos na questão social, ou seja, na dificuldade de relacionamento entre burguesia e proletariado, entre capital e trabalho. Eles pretendiam uma completa reformulação da família e da sociedade.

Faziam parte do pensamento voltado à esquerda política e econômica o socialismo utópico, o socialismo científico e o anarquismo.

- Novas ideias de organização social
- Socialismo utópico ou romântico
- Socialismo científico
- Anarquismo

HABILIDADES

- Analisar as lutas sociais e as conquistas obtidas no que se refere às mudanças nas legislações ou nas políticas públicas que possibilitaram a ampliação dos direitos dos trabalhadores no século XIX.
- Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.



PICTORIAL PRESS LTD/ALAMY STOCK PHOTO

Comuna de Paris, em sessão de 1871. Foi a primeira tentativa na História de instauração de um governo socialista, tendo início com uma revolução proletária na capital francesa, em 1871.

SOCIALISMO UTÓPICO OU ROMÂNTICO

Corrente do socialismo que criticava a sociedade capitalista e apresentava as ideias básicas e propostas reformistas para a construção de uma sociedade ideal. Seus principais pensadores foram:

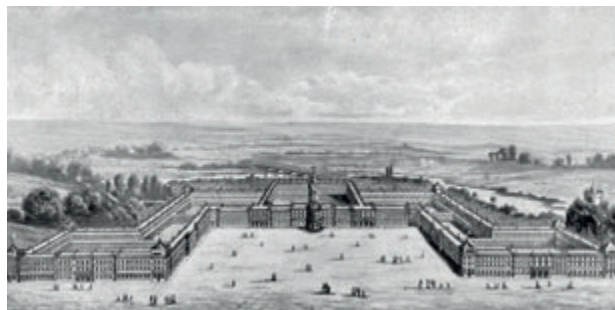
- **Saint-Simon (1760-1825):** nobre esclarecido, pregava uma sociedade livre de pessoas ociosas e a organização de um Estado comandado racionalmente por cientistas e industriais. Propunha que os empresários assumissem certas responsabilidades sociais. Suas ideias influenciaram Auguste Comte e impactaram na grande expansão industrial da segunda metade do século XIX.
- **Robert Owen (1771-1858):** diretor de uma grande empresa têxtil na Inglaterra. Defendeu e criou melhores condições de trabalho para os operários, além de atendimento às famílias. Falido, Owen fundou uma comunidade socialista em New Harmony, nos Estados Unidos, mas a experiência fracassou. De volta ao solo inglês, influenciou no surgimento das *trade-unions*.



NATIONAL PORTRAIT GALLERY, LONDRES, REINO UNIDO

Robert Owen (1834), de William Henry Brooke. Óleo sobre tela, 273 cm x 216 cm. O industrial inglês foi considerado socialista utópico, pois acreditava que todos os industriais o imitariam em seu acordo com os trabalhadores e que, se os lucros fossem divididos entre os operários, todos teriam uma vida melhor. Assim, a comunidade fabril viveria de forma harmoniosa. Ele pensava iniciar um movimento por meio do qual todos os industriais, seguindo seu exemplo, constituiriam uma sociedade igualitária. As empresas de Owen, porém, faliram e o capitalismo continuou seu curso.

- **Charles Fourier (1772-1837):** filho de um comerciante francês, acreditava que somente por meio da socialização e da cooperação seria possível uma sociedade mais justa. Propôs a implantação dos falanstérios, comunidades agrárias coletivas, nos quais seus ideais seriam postos em prática. Neles, cooperativas de produção e consumo atuariam e seus rendimentos deveriam ser divididos entre trabalho, talento e capital.



Representação de um falanstério, século XIX.

INTERFOTO/ALAMY STOCK PHOTO

- **Proudhon (1809-1865):** o mais veemente crítico da propriedade privada, recusava qualquer caminho que favorecesse o poder do Estado. Defendeu a igualdade de condições e a solidariedade como únicas perspectivas para uma nova sociedade.
- **Louis Blanc (1811-1882):** idealizador das oficinas nacionais criadas pelo Estado, nas quais os trabalhadores autogerenciariam o próprio trabalho.
- **Auguste Blanqui (1805-1881):** dedicou sua vida à atividade revolucionária, a qual concebia como fase preparatória para o golpe que realizaria a tomada do poder pela violência. Passou vários anos preso. Suas ideias influenciaram a Comuna de Paris (1871), o socialismo e o sindicalismo revolucionários.

SOCIALISMO CIENTÍFICO

O **socialismo científico** também ficou conhecido como **marxismo**. Tem suas origens nas ideias desenvolvidas por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) e apresentadas em obras como *Manifesto Comunista*, *O capital* e *A ideologia alemã*, entre outras. Leia, a seguir, um trecho do *Manifesto Comunista*, dos referidos autores:

A história de toda a sociedade humana até os nossos dias não tem sido senão histórica luta de classes. Homens livres e escravos, patrícios e plebeus, nobres e servos, mestres artesãos e jornaleiros, numa palavra, opressores e oprimidos, em luta constante, mantiveram uma guerra ininterrupta, às vezes aberta, às vezes dissimulada; uma guerra que terminou, sempre, seja por uma transformação revolucionária da sociedade, seja pela destruição das classes antagônicas [...]. A sociedade burguesa moderna, erguida sobre as ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classes. Nada mais fez do que substituir as antigas classes por outras, com novas condições de opressão, com novas formas de luta [...]. De todas as classes que até o presente momento se opuseram à burguesia, somente o proletariado é uma classe verdadeiramente revolucionária. As outras classes decaem e morrem com a grande indústria; o proletariado, pelo contrário, é o seu produto mais característico.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 1998.



INCAMERASTOCK/ALAMY STOCK PHOTO

Estátua de Karl Marx e Friedrich Engels em Berlim, Alemanha. À esquerda, representação de Marx. Nascido na Alemanha, estudou filosofia e dedicou-se a explicar as origens dos movimentos operários, que no século XIX marcavam a vida da Europa industrial.

Marx e Engels conceberam o socialismo científico como ponto de convergência de três importantes linhas de pensadores europeus: a filosofia alemã (dialética de Hegel e Feuerbach); a economia política inglesa (Adam Smith, David Ricardo, Thomas Malthus e Stuart Mill) e a sociologia francesa (Saint-Simon e Fourier).

Apropriando-se dessas ideias de forma crítica, Marx e Engels sistematizaram um ideário social, político e econômico de grande força intelectual que, de acordo com eles, encontra-se no cerne de importantes movimentos históricos.

Os dois autores desejavam empreender uma compreensão científica do funcionamento da sociedade, daí a denominação “socialismo científico” às suas ideias. Seu método pode ser chamado de **materialismo histórico** ou **materialismo dialético**. Isso se deve ao fato de, em suas análises, privilegiarem o conceito de infraestrutura, ou seja, a base material da sociedade, que condiciona a superestrutura, manifestada por meio da ideologia, da cultura, da organização política, das instituições e das crenças.

A infraestrutura diz respeito às formas de reprodução da vida material ou **modo de produção** predominante em cada momento histórico.

A obra desses autores é considerada a mais importante crítica à sociedade capitalista por demonstrar como, nessa lógica, o trabalhador é obrigado a vender ao dono do capital a única mercadoria com valor de troca que possui: sua força de trabalho. Nesse processo, o capital gera a **mais-valia**, considerando que os lucros da produção não são repartidos de forma igual entre os trabalhadores nem em relação ao trabalho executado.

Para os autores, a parte destinada ao pagamento do trabalhador (salário) é muito menor do que a riqueza produzida pelo trabalho realizado. Assim, enquanto a burguesia enriquece apropriando-se da riqueza do trabalho alheio, o operário recebe a menor remuneração possível, suficiente apenas para seu sustento e de sua prole em condições miseráveis. Dessa forma, o valor excedente do trabalho, que serve ao aumento cada vez maior do capital, denomina-se mais-valia. Nessas

condições, o trabalhador é classificado como proletário, pois é expropriado de todos os seus bens e só lhe resta sua força e sua prole.

Marx e Engels, tomando como base as realidades econômicas (materialismo dialético) da evolução histórica da humanidade (materialismo histórico), formularam princípios para o entendimento da História como um caminho em direção a uma sociedade sem classes e igualitária. Para eles, o desenvolvimento histórico é determinado pela luta de classes: opressor (tese) × oprimido (antítese).

O materialismo histórico concebe a História como uma sucessão de modos de produção. Na Antiguidade, foi característico o modo de produção escravista, no qual se opunham amo e escravo. Na Idade Média, predominou o modo de produção feudal, com a oposição senhor × servo. Na Idade Moderna, formou-se o modo de produção capitalista, no qual a burguesia (tese) gerou a própria antítese (proletariado).

Marx e Engels afirmavam que os proletários formariam sua consciência de classe, organizando-se para realizar a revolução socialista que instituiria uma sociedade na qual o proletariado, unido como força revolucionária, retiraria a burguesia do poder político, passando então a instituir a própria ditadura, etapa intermediária da evolução entre o capitalismo e o comunismo. Nessa fase de transição, as classes sociais seriam abolidas e, a economia, socializada e planejada.

Produzida no século XIX, a obra de Marx e Engels veio a ser assimilada e repensada pelos filósofos de esquerda somente no século XX, entre os quais destacam-se Rosa Luxemburgo, Lenin, Trotski, Stalin e Mao Tsé-tung.

Os principais desdobramentos das lutas socialistas revolucionárias foram a Revolução Bolchevique (Rússia, 1917), que deu origem à União Soviética; a Revolução Chinesa (1949); e a Revolução Cubana (1959). Não obstante, a experiência do socialismo real no século XX resultou em ditaduras burocráticas ferrenhas, que pouco têm a ver com os ideais democráticos do socialismo em suas origens.

ANARQUISMO

As ideias anarquistas tiveram início com William Goldwin (1756-1836), mas passaram a exercer influência sobre o proletariado com os russos Mikhail Bakunin (1814-1876), autor da obra *Catecismo do revolucionário*; e Piotr Kropotkin (1842-1921), que escreveu *A conquista do pão*. Os fundamentos ideológicos do movimento giram em torno das reivindicações da independência do indivíduo e da negação da ordem sociopolítica imposta pelo Estado. Para Bakunin e Kropotkin, o governo e o Estado seriam os causadores de todos os problemas sociais.

Diferentemente dos marxistas, que consideravam necessária a organização do Estado socialista para se atingir uma sociedade comunista, os anarquistas pregavam o fim do Estado e da propriedade privada, constituindo uma sociedade por meio de um conjunto

de pequenas comunidades cooperativas. Para Goldwin, a sociedade anarquista deveria se estabelecer pela violência, por meio de luta armada, greves e atentados.



PHOTO 12/ALAMY STOCK PHOTO

Ataque de grupo anarquista contra o restaurante Foyot, em Paris, França, em 1894.

Para Kropotkin, que rejeitava a violência, a sociedade anarquista seria estabelecida pelo não pagamento dos impostos, pela recusa de prestação do serviço

militar e pela não aceitação da autoridade dos tribunais de justiça.

Algumas comunidades anarquistas foram estabelecidas na Rússia, nos Estados Unidos, na Espanha e na Itália. Todas, por diferentes motivos, acabaram fracassando. Leia, a seguir, um trecho no qual Proudhon analisa a questão da propriedade:

Concluí a obra à qual me havia proposto: a propriedade está vencida e não se levantará jamais. Em qualquer lugar em que se leia este livro, existirá um germe da morte da propriedade; e mais cedo ou mais tarde desaparecerão o privilégio e a servidão. Ao despotismo da vontade sucederá o reinado da razão. Que sofistas e que preconceitos resistirão diante da simplicidade destas proposições?

I. A posse individual é a condição da vida social. Cinco mil anos de propriedade o demonstram: a propriedade é o suicídio da sociedade. A posse está no direito; a propriedade está contra o direito. Suprimi a propriedade conservando a posse e, com esta única modificação, haveis mudado completamente as leis, o governo, a economia e as instituições, eliminando o mal da terra.

PROUDHON, Pierre-Joseph. *Qu'est-ce que la propriété* (1840).

MATERIAL DE USO
SISTEMA DE ENSINO

ROTEIRO DE AULA

DOUTRINAS SOCIAIS DO SÉCULO XIX

Socialismo utópico

Pensadores:

- Saint-Simon.
- Robert Owen.
- Charles Fourier.
- Proudhon.
- Louis Blanc.
- Auguste Blanqui.

Definição:

Procurava mostrar os problemas da sociedade e como era possível resolvê-los. Criticava a sociedade capitalista e apresentava as ideias básicas e propostas reformistas para a construção de uma sociedade ideal.

Socialismo científico

Pensadores:

- Karl Marx.
- Friedrich Engels.

Definição:

Unindo economia, história, filosofia e política, Marx e Engels construíram a base intelectual do socialismo e do comunismo em obras como *Manifesto Comunista*, *A ideologia alemã* e *O capital*, esta última escrita por Marx em três volumes, sendo o terceiro finalizado por Engels após a morte do companheiro.

Anarquismo

Pensadores:

- William Goldwin.
- Mikhail Bakunin.
- Piotr Kropotkin.

Definição:

Teoria que defende a extinção de todas as formas de governo. Para os defensores do anarquismo, a origem de todos os males está no fato de um homem ter poderes sobre o outro.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. UEL-PR

C4-H18

A ópera-balé *Os sete pecados capitais da pequena burguesia*, de Kurt Weill e Bertold Brecht, composta em 1933, retrata as condições dessa classe social na derrocada da ordem democrática com a ascensão do nazismo na Alemanha, por meio da personagem Anna, que em sete anos vê todos os seus sonhos de ascensão social ruírem. A obra expressa a visão marxista na chamada doutrina das classes.

Em relação à doutrina social marxista, assinale a alternativa correta:

- a) A alta burguesia é uma classe considerada revolucionária, pois foi capaz de resistir à ideologia totalitária através do controle dos meios de comunicação.
- b) A classe média, integrante da camada burguesa, foi identificada com os ideais do nacional-socialismo por defender a socialização dos meios de produção.
- c) A pequena burguesia ou camada lumpen é revolucionária, identificando a alta burguesia como sua inimiga natural a ser destruída pela revolução.
- d) A pequena burguesia ou classe média é uma classe antirrevolucionária, pois, embora esteja mais próxima das condições materiais do proletariado, apoia a alta burguesia.
- e) O proletariado e a classe média formam as classes revolucionárias, cuja missão é a derrubada da aristocracia e a instauração do comunismo.

Segundo Marx, o caráter revolucionário estaria na classe dos trabalhadores, os únicos que seriam capazes de transformar a relação entre o trabalho e o explorador. Os burgueses, representando a pequena ou a alta burguesia, pertencem à classe de detentores dos meios de produção e, por isso, são considerados exploradores dos operários.

Competência: Entender as transformações técnicas e tecnológicas e seu impacto nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.

Habilidade: Analisar diferentes processos de produção ou circulação de riquezas e suas implicações socioespaciais.

2. Aman-RJ – Observe as ideias de três pensadores da Idade Moderna:

IV. Adam Smith (escocês), em sua obra *A riqueza das nações*, afirmava que a única fonte de riqueza era o trabalho, e não a terra.

V. A ideia central da doutrina de Karl Marx (alemão) é que a “história das sociedades humanas é a história da luta de classes”.

VI. Thomas Malthus (inglês), em sua obra *Ensaio sobre o princípio da população*, escreveu que a natureza impõe limites ao progresso material, já que a população cresce em progressão geométrica, enquanto a produção de alimentos aumenta em progressão aritmética.

Pode-se afirmar que:

- a) os três pensadores defendem o liberalismo clássico.
- b) as três ideias propõem a ditadura do proletariado.
- c) Adam Smith propõe o liberalismo clássico; Thomas Malthus e Karl Marx, o socialismo utópico.
- d) Thomas Malthus e Adam Smith defendem o pensamento liberal clássico e Karl Marx foi um dos autores do socialismo científico.
- e) Karl Marx e Adam Smith são considerados anarquistas; e Thomas Malthus, socialista utópico.

Marx é um dos principais pensadores do socialismo científico. Já Adam Smith e Thomas Malthus são representantes do liberalismo, defendendo a liberdade econômica, individual e política.

3. Uece-CE – O século XIX foi marcado pelo surgimento de correntes de pensamento que contestavam o modelo capitalista de produção e propunham novas formas de organizar os meios de produção e a distribuição de bens e riquezas, buscando uma sociedade que se caracterizasse pela igualdade de oportunidades. No que diz respeito a essas correntes, assinale a afirmação verdadeira:

- a) O socialismo cristão buscava aplicar os ensinamentos de Cristo sobre amor e respeito ao próximo aos problemas sociais gerados pela industrialização, mas, apesar de vários teóricos importantes o defenderem, a Igreja o rejeitou através da encíclica *Rerum novarum*, lançada pelo papa Leão XIII.
- b) No socialismo utópico, a doutrina defendida por Robert Owen e Charles Fourier, prevaleciam as ideias de transformar a realidade por meio da luta de classes, da superação da mais-valia e da revolução socialista.
- c) O socialismo científico proposto por Karl Marx e Friedrich Engels, através do *Manifesto Comunista* de 1848, defendia uma interpretação socioeconômica da história dos povos, denominada materialismo histórico.
- d) O anarquismo do russo Mikhail Bakunin defendia a formação de cooperativas, mas não negava a importância e a necessidade do Estado para a eliminação das desigualdades.

O materialismo histórico de Marx e Engels buscou compreender as relações entre o trabalho e a produção de bens ao longo da História, defendendo assim que os meios de produção são determinantes para caracterizar as sociedades.

4. Unicamp-SP

“A história de todas as sociedades tem sido a história das lutas de classe. Classe oprimida pelo despotismo feudal, a burguesia conquistou a soberania política no Estado moderno, no qual uma exploração aberta e direta substituiu a exploração velada por ilusões religiosas.

A estrutura econômica da sociedade condiciona as suas formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, ao contrário, são as relações de produção que ele contrai que determinam a sua consciência.”

MARX, K.; ENGELS, F. *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa Ômega, s/d, v. 1, p. 21-23; 301-302. (Adaptado)

As proposições dos enunciados acima podem ser associadas ao pensamento conhecido como:

- a) materialismo histórico, que compreende as sociedades humanas a partir de ideias universais independentes da realidade histórica e social.
- b) materialismo histórico, que concebe a História a partir da luta de classes e da determinação das formas ideológicas pelas relações de produção.
- c) socialismo utópico, que propõe a destruição do capitalismo por meio de uma revolução e a implantação de uma ditadura do proletariado.
- d) socialismo utópico, que defende a reforma do capitalismo, com o fim da exploração econômica e a abolição do Estado por meio da ação direta.

O materialismo histórico é um conceito desenvolvido por Marx, consolidando a corrente do socialismo científico. Esse conceito diz respeito à relação histórica entre as populações e os meios de produção, compreendendo que a luta de classes e a revolução poriam fim à exploração do trabalhador.

5. UFG-GO – Leia o texto a seguir:

Viva o esporte proletário!

“A necessidade de esporte para a juventude é um fato incontestável. A burguesia se aproveita desse fato para canalizar todos os jovens das fábricas para seus clubes.

Que fazem os jovens nos clubes burgueses?

Defendem as cores desses clubes. Se o clube é de uma fábrica, é o nome e a cor da fábrica que defendem; a burguesia cultiva neles a paixão e a luta contra a juventude de outras empresas [...]

Todo operário *footballer* deve ingressar nos clubes proletários.”

O trabalhador gráfico, 25 jun. 1928. Apud DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. *Indústria, trabalho e cotidiano*: Brasil – 1889 a 1930. São Paulo: Atual, 1991. p. 71. (Adaptado)

O fragmento do jornal conclama a uma prática organizativa própria do movimento anarquista brasileiro, segundo a qual:

- a) o exercício físico seria o meio para o fortalecimento do espírito dos militantes.
- b) a militância política deveria ser exercida em todas as dimensões da vida do trabalhador.**
- c) a participação dos cidadãos nos clubes de futebol das fábricas reforçaria a harmonia social.

- d) a aliança proletário-burguesa deveria ser buscada por intermédio das práticas desportivas.
- e) os militantes deveriam conscientizar os operários de que o futebol é um esporte alienante.

O fragmento do jornal evidencia que o posicionamento político estava presente no cotidiano das pessoas, não sendo dissociado de outras práticas, como o futebol.

6. Fatec-SP

“Em 1848, dois jovens revolucionários alemães escreveram: ‘Assim, o desenvolvimento da grande indústria mina sob os pés da burguesia as bases sobre as quais ela estabeleceu o seu sistema de produção e de apropriação. A burguesia produz, antes de mais nada, os seus próprios covetores. A sua queda e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis.’”

MARX, K.; ENGELS, F. *Obras escolhidas em três tomos*. Lisboa-Moscou: Edições Avante!/Edições Progresso, 1982.

Esse texto expressa princípios da ideologia:

- a) fascista.
- b) capitalista.
- c) comunista.**
- d) iluminista.
- e) darwinista.

O trecho evidencia algumas das ideias propostas por Marx e Engels sobre a relação entre burguesia e proletariado, caracterizando algumas ideias acerca do comunismo.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. UFJF-MG – Entre fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX, os trabalhadores se organizavam na defesa de seus interesses. Com base em seus conhecimentos sobre o tema, marque a alternativa incorreta:

- a) A Comuna de Paris foi um movimento social ocorrido ao final do século XIX, que resultou na organização de um governo popular na França, inspirado sobretudo pelos ideais anarquistas e socialistas.
- b) A I Internacional, fundada em Londres em 1864, expressou uma das estratégias de luta dos trabalhadores, que consistia na organização de associações nacionais e internacionais.
- c) As greves de 1918 e 1919, ocorridas no Brasil, constituíram-se em exemplos de resistência operária, na maior parte das vezes, duramente reprimidas pelas autoridades policiais.
- d) Entre as conquistas obtidas pela luta dos trabalhadores podemos destacar o fordismo, nos Estados Unidos; e o corporativismo sindical, no Brasil.
- e) Em geral, o movimento operário ocorrido neste período foi inspirado pelas ideias anarquistas e socialistas, que remontavam às teses de Bakunin e Marx, respectivamente.

8. Uece-CE – Leia com atenção o texto a seguir:

“Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”.

MARX, Karl. *O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte*. São Paulo: Centauro, 2006.

Baseado no texto, assinale a afirmação verdadeira:

- a) A História não é construída pelos homens porque ela é predefinida pelo destino.
- b) A História permite perceber que a realidade depende unicamente das escolhas dos homens.**

- c) A História é feita pelos homens dentro de condicionamentos herdados do passado.
- d) A História não é feita pelo passado e sim pelas circunstâncias das escolhas.

9. Uerj-RJ

“Veja você, meu amigo, te resta apenas um meio para não ser explorado, nem oprimido: demonstrar coragem. Se os trabalhadores que são tão numerosos se opuserem com todas as suas forças aos patrões e a quaisquer formas de governo, estaremos bem próximos dos homens verdadeiramente livres”.

Fala da peça *Uma comédia social*, representada por operários de São Paulo nos anos de 1910. *Nosso Século* (1910-1930). São Paulo: Abril Cultural, 1981. (Adaptado)

Durante a Primeira República (1889-1930), em cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo, o movimento operário tornou-se um dos principais críticos às exclusões da sociedade brasileira.

Considerando as propostas defendidas na fala citada do personagem, uma das ideologias que se fez presente no movimento operário brasileiro, naquele momento, foi:

- a) socialismo.
- b) anarquismo.
- c) liberalismo.
- d) cooperativismo.

10. PUC-MG – O chamado socialismo científico, formulado por Marx e Engels no século XIX, propunha:

- a) a superação do capitalismo pela ação revolucionária dos trabalhadores, aglutinados em torno da Internacional Socialista.
- b) a redução do papel do Estado na economia para efetivar o controle direto pelo proletariado sobre os meios de produção.

- c) a supressão de toda legislação trabalhista e social, tida como mecanismo de alienação e cooptação do proletariado.
- d) a realização de sucessivas reformas na estrutura capitalista, possibilitando a gradativa implantação do comunismo avançado.

11. UEL-PR – O quadro a seguir, criado pelo italiano Giuseppe Pellizza, é uma expressiva representação da emergência dos movimentos sociais no final do século XIX, ao mostrar uma multidão de trabalhadores que, determinadamente, avança para reivindicar seus direitos. Esse fenômeno de desenvolvimento das organizações coletivas, como o movimento sindical e os partidos políticos, teve início na Europa e Estados Unidos do século XIX, espalhando-se por todo o mundo ocidental.



MUSEO DEL NOVECENTO, MILÃO, ITÁLIA

Fonte: SCOTTI, A. *Il Quarto Stato di Giuseppe Pellizza da Volpedo*. Milano: TEA Arte, 1998.

Qual das afirmativas a seguir corresponde às condições sociais daquele período?

- a) A rígida estratificação social impedia que os camponeses procurassem trabalho fora dos limites feudais.
- b) A estagnação do setor econômico-produtivo, centralizado num mundo agrário incapaz de atender às necessidades humanas de subsistência.
- c) Leis trabalhistas que reconheciam os direitos dos homens, mulheres e crianças.
- d) As péssimas condições de vida dos mais pobres, com longas jornadas de trabalho e precárias condições de habitação.
- e) A expansão dos governos democráticos, abertos à participação popular e à inclusão dos mais pobres na política.

12. PUC-MG – A primeira “Internacional”, ou seja, associação mundial de trabalhadores, foi criada em Londres, no ano de 1864, por Marx e Engels e aglutinava entidades operárias de toda a Europa, de tendências político-ideológicas as mais variadas. Em 1876, essa organização dissolveu-se, em parte, pelas agudas divergências entre:

- a) anarquistas e marxistas.
- b) revisionistas e revolucionários.
- c) trotskistas e stalinistas.
- d) socialistas e comunistas.

13. Fatec-SP – “A queda da burguesia e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis [...] Os proletários nada têm a perder com ela, a não ser as próprias cadeias. E têm um mundo a ganhar. Proletários de todos os países, uni-vos”.

Esse trecho, extraído do *Manifesto Comunista*, de Marx e Engels, foi escrito no contexto histórico marcado:

- a) pelo acirramento das contradições políticas, econômicas e sociais decorrentes do processo conhecido como Revolução Industrial.
- b) pelos conflitos entre trabalhadores e patrões que começaram a pontuar os países capitalistas a partir da ocorrência da Revolução Russa.
- c) pela afirmação dos Estados Unidos como potência imperialista com interesses econômicos e políticos em várias regiões do planeta.
- d) pelo confronto entre vassalos e suseranos, no momento de ápice da crise do modo de produção feudal e de enfraquecimento da autoridade religiosa.
- e) pelo incremento das contestações populares às diretrizes políticas implantadas pelos regimes autoritários que floresceram na Europa, na primeira metade do século XX.

14. Fuvest-SP – O cartaz abaixo, parte de uma campanha sindical pela redução da jornada diária de trabalho, foi divulgado em 1919 pela União Interdepartamental da Confederação Geral dos Trabalhadores da Região do Sena, na França.



COLEÇÃO PARTICULAR

Tradução dos escritos do cartaz: “União dos Sindicatos de Trabalhadores do Sena: “Às 8 horas: “Operário, a regra foi aprovada, mas apenas sua ação a fará ser aplicada”

- a) Identifique um elemento visual no cartaz que caracterize a principal reivindicação dos sindicatos e o explique.

- b) Identifique e analise a visão de luta social que a cena principal do cartaz apresenta.

15. UFMG-MG – Observe este cartaz comemorativo da Comuna de Paris:



A partir da análise desse cartaz e considerando outros conhecimentos sobre o assunto:

a) Descreva o contexto histórico que motivou a revolta que deu origem à Comuna de Paris, em 1871.

b) Cite duas medidas adotadas pelo governo constituído pela Comuna de Paris.

c) Explique como cada um dos dois elementos representados no cartaz – a mulher e os dois homens – se relaciona com o contexto da Comuna de Paris.

16. FGV-SP – Na distinção entre “socialistas utópicos” e “socialistas científicos”, são representantes dos primeiros:

- L. Blanc, R. Owen e M. Bakunin.
- C. Foudet, Saint-Simon e F. Engels.
- M. Bakunin, Proudhon e A. Bebel.
- R. Owen, F. Engels e A. Bebel.
- L. Blanc, Saint-Simon e Proudhon.

17. FGV-SP – Leia com atenção as proposições abaixo:

- “A história de qualquer sociedade até aos nossos dias foi apenas a história da luta de classes. Homem livre e escravo, patricio e plebeu, barão e servo, mestre e companheiro, numa palavra opressores e oprimidos em oposição constante, desenvolveram uma guerra que acabava sempre ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em luta.”
- “Se me pedissem para responder à pergunta – ‘O que é a escravidão?’ e eu respondesse numa só palavra: ‘Assassinato!’, todos entenderiam imediatamente o significado da minha resposta. Não seria necessário utilizar nenhum outro argumento para demonstrar que o poder de roubar um homem de suas ideias, de sua vontade e sua personalidade é um poder de vida ou morte e que escravizar um homem é o mesmo que matá-lo. Por que, então, não posso responder da mesma forma a essa outra pergunta: ‘O que é a propriedade?’ com uma palavra só: ‘Roubo!’”

Assinale a alternativa correta:

- A primeira proposição reproduz um trecho de uma das mais importantes obras do filósofo alemão Karl Marx, que serviu de base para a ideologia liberal desenvolvida no século XIX.
- A segunda proposição refere-se ao manifesto cristão proposto por bispos da Igreja, indignados com a miséria que assolava as classes trabalhadoras europeias no século XIX.
- A “luta de classes” é um dos principais aspectos da doutrina marxista e a definição da “propriedade como um roubo” tornou-se um dos principais lemas do anarquismo desde o século XIX.
- A segunda proposição é de Joseph Proudhon, teórico liberal francês, indignado com a escravidão ainda praticada em determinados continentes no século XIX.
- A segunda proposição refere-se à região da Palestina na perspectiva sionista, desenvolvida na Europa ao final do século XIX.

18. Enem

C3-H11



WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo: deu tilt no progresso científico*. São Paulo: Best News, 1991.

De acordo com algumas teorias políticas, a formação do Estado é explicada pela renúncia que os indivíduos fazem de sua liberdade natural quando, em troca da garantia de direitos individuais, transferem a um terceiro o monopólio do exercício da força. O conjunto dessas teorias é denominado:

- a) liberalismo.
- b) despotismo.
- c) socialismo.
- d) anarquismo.
- e) contratualismo.

19. Enem

C2-H10

“Sou um partidário da Comuna de Paris, que, por ter sido massacrada, sufocada no sangue pelos carrascos da reação monárquica e clerical, tornou-se ainda mais viva, mais poderosa na imaginação e no coração do proletariado da Europa; sou seu partidário sobretudo porque ela foi uma negação audaciosa, bem pronunciada, do Estado”.

BAKUNIN, M. Apud SAMIS, A. *Negras tormentas: o federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris*. São Paulo: Hedra, 2011.

A Comuna de Paris despertou a reação dos setores sociais mencionados no texto porque:

- a) instituiu a participação política direta do povo.
- b) consagrou o princípio do sufrágio universal.
- c) encerrou o período de estabilidade política europeia.
- d) simbolizou a vitória do ideário marxista.
- e) representou a retomada dos valores do liberalismo.

20. Uerj-RJ

C1-H1

“Os anarquistas, senhores, são cidadãos que, em um século em que se prega por toda a parte a liberdade das opiniões, acreditam ser seu dever recomendar a liberdade ilimitada. [...] Os anarquistas propõem-se, pois, a ensinar ao povo a viver sem governo, da mesma forma como ele começa a aprender a viver sem Deus”.

Declaração dos Anarquistas, 1883. Apud VOILLIARD, Odette et al. *Documents d' Histoire contemporaine (1851-1971)*. Paris: Armand Colin, 1964.

No texto acima, está apresentado o seguinte princípio do anarquismo:

- a) rejeição do poder instituído, negando a necessidade do Estado.
- b) recusa das eleições, substituindo-as pelo sindicalismo revolucionário.
- c) fim do Estado e da Igreja, pregando sua substituição por ações de um cooperativismo associacionista.
- d) superioridade da ação profissional sobre a da política, buscando a independência dos partidos políticos.

MOVIMENTO OPERÁRIO

36

NOVAS ORGANIZAÇÕES PARA UMA NOVA SOCIEDADE

A Revolução Industrial, em suas diversas fases, demarcou uma mudança radical na sociedade que transformou o trabalho em diversos aspectos, entre eles a forma de produção, os horários e a relação com o produto. As diversas mudanças ocorridas no cenário industrial a partir do século XVIII e ao longo do século XIX foram responsáveis pela construção de uma nova sociedade capitalista industrial.

Como as formas de trabalho passaram a ser diferentes e novas para todos, não havia regras ou acordos que orientassem o dia a dia dos trabalhadores em seus locais de trabalho, isto é, as fábricas. Essa ausência deu espaço para que os trabalhadores fabris – os operários – não tivessem direitos garantidos. Submetidos a longas jornadas de trabalho, recebiam baixos salários, eram expostos a ambientes com más condições de higiene e alimentação e dispunham de pouco tempo para descansar.



Gravura publicada no periódico *La Ilustración Española y Americana*, de 1886, que demonstra os agentes da polícia dispersando os integrantes da greve do bonde.

De acordo com o historiador Jules Michelet, essa sociedade que surgiu, a princípio, na Europa, foi marcada por duas características fundamentais: o extraordinário avanço técnico-produtivo e as difíceis condições de trabalho nas fábricas, bem como a miséria dos trabalhadores (crianças, mulheres e homens). A propósito das condições de trabalho nas fábricas, Michelet faz a seguinte observação:

- Novas organizações para uma nova sociedade
- Contexto sociopolítico do século XIX
- Tradicionismo
- Comuna de Paris
- Organização operária
- Sindicalismo
- Doutrina social da Igreja

HABILIDADES

- Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca dos movimentos operários do século XIX.
- Analisar as lutas sociais e as conquistas obtidas no que se refere às mudanças nas legislações ou nas políticas públicas que possibilitaram a ampliação dos direitos dos trabalhadores no século XIX.

PRISMA ARCHIVO/ALAMY STOCK PHOTO

Que humilhação é ver o homem caído tão baixo diante da máquina!... A cabeça dá voltas e o coração se confrange quando, pela primeira vez, percorremos essas casas enfeitadas, onde o ferro e o cobre resplandecentes, polidos, parecem funcionar sozinhos, pensar, querer, enquanto o homem débil e pálido faz as vezes de humilde servidor desses gigantes de aço. “Observa”, dizia-me um fabricante, “esta engenhosa e poderosa máquina que apanha esses retalhos horrorosos e os faz passar, sem se enganar nunca, por transformações complicadíssimas, até devolvê-los sob forma de tecidos tão belos quanto as mais belas sedas de Verona!”

Admirei-a tristemente; não me era possível deixar de ver, ao mesmo tempo, aqueles lastimáveis rostos de homens, aquelas jovens gastas, aquelas crianças deformadas; ou inchadas.

MICHELET, Jules. *O povo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 50-51.

CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO DO SÉCULO XIX

Desde o século XVI, na Inglaterra, ocorreram significativas mudanças no que diz respeito à delimitação da propriedade privada nos campos. Adotou-se a política dos cercamentos (*enclosures*). Isso significou uma verdadeira revolução rural que destruiu os laços produtivos das comunidades aldeãs medievais e permitiu a expulsão de centenas de trabalhadores rurais de suas terras. Os cercamentos permitiram a obtenção de maiores lucros para seus proprietários, porém tiveram um enorme custo social.



MUSEU DO LOUVRE, PARIS, FRANÇA

A liberdade guiando o povo (1830), de Eugène Delacroix. Óleo sobre tela, 260 cm x 325 cm. A tela de Delacroix sintetiza a história revolucionária do século XIX no continente europeu. Milhares de homens morreram lutando por ideais que constituíram importantes valores para a sociedade contemporânea.

Quando não há mais camponeses independentes para expulsar, começa a “limpeza” das casas; assim, os trabalhadores agrícolas não encontram o solo por eles cultivado nem o lugar necessário à sua própria casa

[...]. Todas as suas aldeias foram destruídas e incendiadas, e seus campos transformados em pastagens. Soldados britânicos impuseram essa expulsão, e entraram em choque com os habitantes. Uma velha, que se recusara a abandonar sua cabana, foi queimada. Dessa maneira, a duquesa se apropriou de 794 000 acres de terra que, desde épocas imemoriais, pertenciam ao clã.

MARX, Karl. *O capital*. In: HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 176.

O êxodo rural, provocado pela expulsão dos trabalhadores de suas terras, favoreceu o surgimento de uma ampla massa de desempregados nas periferias das grandes cidades inglesas, os quais acabaram compondo o que Marx chamou de “exército industrial de reserva”; pronto para vender sua força de trabalho em troca de baixos salários.

A moderna empresa capitalista, resultante dos processos da Revolução Industrial, acarretou em uma imensa transformação social, que provocou a completa desestruturação das antigas formas de trabalho, baseadas na corporação ou nos laços comunitários. Os trabalhadores das indústrias foram expropriados dos meios de produção, ou seja, produziam por meios que não lhes pertenciam, podendo vender apenas sua força de trabalho, e não os produtos propriamente ditos.

O que distingue a burguesia do proletariado é a propriedade e o controle dos meios de produção (máquinas, matérias-primas, fontes de energia e terras), ao passo que o proletário só tinha seu trabalho a vender no mercado pelo preço mais aviltante possível (lei da oferta e da procura).

As condições miseráveis dos trabalhadores europeus nos séculos XVIII e XIX favoreceram o surgimento de movimentos operários, marcados pelo péssimo relacionamento entre burguesia e proletariado. A exploração sub-humana da força de trabalho levou ao surgimento das primeiras manifestações operárias na Inglaterra, a partir do fim do século XVIII.

No século XVIII, as sociedades operárias discutiam os problemas dos trabalhadores pobres. Eram comuns reclamações sobre as dificuldades que eles enfrentavam, como os altos preços dos gêneros alimentícios, os baixos salários e as péssimas condições de trabalho. Da mesma forma, trabalhadores ingleses já haviam assimilado as ideias liberais de igualdade política, reivindicando uma representatividade parlamentar mais igualitária. Além disso, a Inglaterra tinha uma forte tradição em manifestações populares, haja vista as manifestações públicas de mulheres contra os sucessivos aumentos do preço do pão, a ação de caçadores clandestinos nos bosques do rei e as manifestações dos jovens rebeldes.

TRADIONISMO

As primeiras associações de trabalhadores datam dos séculos XV e XVI, quando estes entraram em conflito aberto com os mestres, protestando contra o monopólio que detinham em relação aos ofícios. Os trabalhadores organizavam-se em fraternidades ou associações de companheiros, faziam greves e boicotes e chegavam até a abandonar as cidades.

As duras condições de trabalho no século XIX levaram à retomada dessa tradição de lutas com a formação das *trade-unions* (união de trabalhadores), que por sua vez dariam origem aos sindicatos. Isso, por um lado, contribuiu para a ampliação da capacidade de organização dos trabalhadores, mas, por outro, impediu a unidade política do proletariado, pois associações das diferentes categorias podiam seguir tendências políticas diversas.

Os governos dos países mais avançados passaram a tolerar o sindicalismo. Em 1871, a Inglaterra aprovou a primeira lei reconhecendo o direito à associação sindical. O mesmo caminho foi seguido pela França, em 1884; e pelos Estados Unidos, em 1886, quando foi fundada a American Federation of Labor. Em 1903, o Decreto nº 979 permite a associação sindical de trabalhadores rurais e, em 1907, o Decreto nº 1.637 regulamenta os sindicatos urbanos. Em 1948, o direito à organização sindical foi reconhecido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU). Em 1878, no governo de Gladstone, primeiro-ministro do Reino Unido, foi estabelecida uma lei que reduzia a jornada de trabalho de mulheres e crianças.

COMUNA DE PARIS

A Comuna de Paris teve um caráter socialista: reuniu grupos de anarquistas, socialistas utópicos e socialistas científicos. O proletariado foi a base do governo, que também contou com a participação da pequena burguesia. Esse governo estabeleceu uma direção coletiva, a participação de mulheres, o confisco de propriedades da alta burguesia e o controle das fábricas pelos operários. No entanto, o movimento sucumbiu diante das divisões internas e da articulação de forças políticas no território francês contra a experiência do governo independente de Paris.

Preparada como se viu pelas insurreições de 31 de outubro de 1870 e de 22 de janeiro de 1871, a Comuna não foi um movimento espontâneo, como pretendem certos historiadores. Os fatores econômicos, políticos e patrióticos que levantaram Paris contra o governo burguês em outubro de 1870 e em janeiro de 1871 não haviam deixado de existir no começo de março. O armistício (28 de janeiro), depois a paz vergonhosa assinada por Thiers em 26 de fevereiro e ratificada pela Assembleia Nacional em 1º de março não haviam feito senão agravar a situação. A paz não pusera fim à crise econômica provocada pelo desenvolvimento inaudito das maquinarias e das estradas de ferro, agravada pelas dilapidações do Império, pela guerra e pelo sítio. Os capitães da indústria, os grandes comerciantes, aproveitando o armistício, haviam deixado Paris e o trabalho interrompido durante o sítio não havia sido retomado em parte alguma. Jamais a miséria fora tão grande quanto então. A classe média havia sofrido quase tanto quanto a classe operária. Esta se achava pronta a morrer pela sua liberdade e aquela ansiava por acabar com a oligarquia financeira que a sufocava. Assim, não foi

só o proletariado que forneceu o exército revolucionário de 18 de março; ele teve a pequena burguesia como aliada [...]. Unidos momentaneamente por motivos de ordem econômica e política, o proletariado e a pequena burguesia estavam-no mais estreitamente ainda pela febre patriótica que os consumia desde a invasão, desde o sítio, desde a paz, principalmente uma paz ruínosa e infamante, da qual iam suportar todo o peso e de quem já suportavam a humilhação. Paris não podia aceitar a derrota: havia conservado intacta a tradição de 92 e acreditava ainda possível uma defesa revolucionária que libertaria o território aos sons da “Marselhesa”. Desde o dia 24 de fevereiro, o Comitê Executivo da Guarda Nacional havia se comprometido, “ao primeiro sinal da entrada dos prussianos, a se lançar contra o inimigo invasor”. Havendo os jornais noticiado a chegada das tropas de Bismarck, soa o rebate no dia 27 e 40 000 guardas nacionais marcham de encontro ao inimigo a fim de se opor à sua entrada na capital [...].

LUQUET, P. et al. *A Comuna de Paris*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1968. p. 19.

Em meio às agitações francesas, concluía-se a unificação alemã por meio do Tratado de Frankfurt, de 1871. A França entregou a região da Alsácia-Lorena à Alemanha e pagou-lhe uma pesada indenização. Guilherme I foi coroado kaiser do Império Alemão na Sala dos Espelhos do Palácio de Versalhes. Assim, surgia o Segundo Reich (1871-1918). Restou o ressentimento francês em relação à derrota na Guerra Franco-Prussiana, à desorganização interna e, em especial, à perda da Alsácia-Lorena, consolidado no revanchismo francês, um dos fatores da Primeira Guerra Mundial.



CLASSIC IMAGES/JALAMY STOCK PHOTO

Representação da derrubada da Coluna Vendôme durante a Comuna de Paris, em 1871. A Coluna Vendôme foi erigida por Napoleão Bonaparte em 1806 para celebrar a vitória militar na Batalha de Austerlitz. Os revolucionários, quando formaram a Comuna de Paris, derrubaram o monumento, pois acreditavam ser uma exposição de falsa glória, de militarismo e de barbárie.



MUSEU DA HISTÓRIA FRANCESA, VERSAILHES, PARIS, FRANÇA

Barricada: a Comuna de Paris (1871), de André Victor Édouard Devambez. Óleo sobre tela, 140 cm x 107 cm. A pintura representa uma barricada montada durante a Comuna de Paris.

ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA

Em 1848, com o propósito de mobilizar e organizar o operariado no estabelecimento de uma sociedade igualitária, Marx e Engels fundaram, em Bruxelas, os centros de correspondência comunista, cuja função seria pôr os diversos grupos europeus que trabalhavam pela emancipação do proletariado em contato e transmitir, aos que estavam em luta, informações sobre o movimento socialista em outros países.

LIGA DOS JUSTOS

A Liga dos Justos surgiu como uma organização que agrupava dissidentes políticos. Sua atuação foi marcada pela realização, em 1847, de dois congressos com o objetivo de fundar a Liga Comunista, reunindo todas as forças europeias que se propunham a acabar com a exploração burguesa. Marx e Engels ficaram encarregados de redigir um manifesto para ambos os eventos. Disso resultou a publicação do *Manifesto Comunista* (1848), no qual defenderam que as lutas entre as classes nas sociedades humanas levavam a contradições e, quando há uma contradição insolúvel, a luta de classes chega às vias de fato e, com isso, novas formas sociais são criadas, dando origem a uma nova etapa na História. Portanto, para Marx e Engels, a ação revolucionária das classes dominadas seria determinante para a superação da exploração do homem pelo homem.

A liga tinha como lema “Todos os homens são irmãos!”. Seu objetivo principal era “o estabelecimento do Reino de Deus na Terra, com base nos ideais de amor ao próximo, igualdade e justiça”.

Em 1839, a Liga dos Justos participou da Revolta Blanquista, em Paris, a qual propunha a tomada do poder pelos líderes operários a fim de promover as reformas populares necessárias. Depois do conflito, seus integrantes foram expulsos da França e a liga passou a ter sede em Londres, fundando o grupo militante Sociedade Educacional para Trabalhadores Alemães.

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES (AIT)

Fundada em Londres, em 1864, a associação reuniu trabalhadores de países europeus e dos Estados Unidos. Seu principal objetivo era articular o movimento operário na Europa e unificar as diversas vertentes do pensamento socialista, entre elas os socialistas de esquerda, os comunistas e os anarquistas. De acordo com o jornal produzido por essa associação, ela alcançou o significativo número de 8 milhões de membros. Para organizar o movimento operário, a AIT promoveu alguns debates que deram origem à Primeira Internacional.

Durante os congressos da AIT, manifestaram-se divergências entre as correntes socialistas em luta pelo poder. Eram disputas entre marxistas e seguidores de Ferdinand Lassale, fundador da Associação Geral dos Trabalhadores Alemães e defensor do sufrágio universal e das cooperativas de produção apoiadas pelo Estado.

No evento, marxistas e bakuninistas (seguidores do anarquismo de Bakunin) também entraram em conflito. Somando-se a isso, a derrota da Comuna de Paris, em 1871, quando a massa popular tentou o estabelecimento de um Estado proletário na França, determinou o fechamento da Primeira Internacional, embora dos 92 integrantes da comuna apenas 17 estivessem ligados à AIT.

Segunda Internacional

Reuniu-se na França, em 1889, e novamente revelou divisões internas. Os adeptos de Marx dividiram-se em duas facções: revisionistas, que defendiam a revisão das ideias marxistas para que ficassem de acordo com as condições de evolução e modificação das sociedades; e marxistas ortodoxos, simpatizantes que não aceitavam qualquer alteração nas ideias de Marx. Delegados da Inglaterra e da França tentaram manter a Internacional contra a oposição dos revisionistas.

Os problemas internos aumentaram com o debate sobre a guerra, a qual estava prestes a estourar. O grupo liderado por Lenin considerava a guerra uma manobra entre trabalhadores, motivo pelo qual era contra a participação operária no conflito.

Na França e na Alemanha, o partido operário que representava a social-democracia contribuiu para eleger parlamentares favoráveis à deflagração da guerra, o que Lenin considerou uma traição.

Essa oposição entre as organizações socialistas foi responsável pela falência da Segunda Internacional.

Terceira Internacional

Reuniu-se em Moscou, em 1919, no momento em que a extrema-direita nazifascista atuava na Europa, recebendo o apoio de vários partidos europeus e dos Estados Unidos.

A Terceira Internacional herdou as tradições da AIT, sendo de fato sua continuadora. Sua organização representou um movimento revolucionário do operariado por meio da criação de um Estado-maior do ponto de vista político e ideológico. Lenin foi seu principal idealizador e organizador, apropriando-se das premissas do marxismo revolucionário.

Por meio da Terceira Internacional, quadros dirigentes e partidos políticos foram formados. Ela durou até 1943, quando a ascensão de Stalin, na Rússia, contra o apoio russo aos movimentos socialistas de outros países colocou um fim às tentativas de internacionalização do socialismo.

Quarta Internacional

Convocada por Leon Trotski, tinha como objetivo reunir trotskistas de todo o mundo para fazer oposição ao stalinismo, criticar a burocracia soviética e discutir a necessidade de um retorno ao internacionalismo operário. A reunião, realizada em Paris em 3 de setembro de 1938, contou com a presença de 212 delegados que representavam 11 países. O assassinato de Trotski no México, em 1940, e a Segunda Guerra Mundial colocaram fim ao movimento.

SINDICALISMO

O movimento tem no italiano Antônio Labriola e no francês Georges Sorel seus principais teóricos, os quais foram bastante influenciados pelas ideias marxistas e, sobretudo, anarquistas. O princípio básico do sindicalismo é a defesa da necessidade de uma preparação econômica e moral da classe operária, que consistia em toda e qualquer atividade violenta que pudesse enfraquecer a estrutura do capitalismo e promover a revolução social.

O movimento sindical desenvolveu-se como reflexo das ideias socialistas e em consequência do receio dos governos burgueses frente à influência do pensamento revolucionário do marxismo entre os trabalhadores. Por meio dessas ideias, os sindicatos conseguiriam a legalização das associações operárias, o reconhecimento do direito de greve, a redução da jornada de trabalho, a regulamentação do trabalho feminino e infantil, o descanso aos domingos e a criação de instituições de beneficência.

DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

A atitude da Igreja em relação à defesa dos desprivilegiados remonta ao sacerdote francês Laménais (1782-1854). Em 1891, a encíclica *Rerum novarum*, do papa Leão XIII, evidencia a doutrina social da Igreja.

Na encíclica, a Igreja reconhece a existência da “questão social”, consequência do desenvolvimento capitalista, mas deixa clara a não aceitação da proposta socialista para esse assunto. Reconhecendo o direito à propriedade privada, aconselha que seja feita uma melhor distribuição da riqueza. Constata a dificuldade do relacionamento entre a burguesia e o proletariado, porém discorda da luta de classes, recomendando uma atuação mais consistente do Estado para impedir a exploração do homem pelo homem e do trabalho feminino e infantil. Ao mesmo tempo, apoia a criação de associações com objetivos de luta e garantia de direitos dos trabalhadores.

Na encíclica *Quadragesimo anno*, de 1939, as críticas feitas ao capitalismo e ao socialismo foram mantidas e considera-se que as riquezas devem ser repartidas entre indivíduos ou classes, de modo que fique assegurada a utilidade comum desses bens. Nesse documento, a Igreja também defende que o proletariado tenha o direito de formar um patrimônio e os pais de família recebam um pagamento justo para cobrir a manutenção de sua prole. A doutrina social da Igreja representou, desse modo, uma tentativa de humanização do capitalismo.

ROTEIRO DE AULA

MOVIMENTO OPERÁRIO

Tradicionismo

O que foi?

As duras condições de trabalho no século XIX levaram à retomada dessa tradição de lutas com a formação das *trade-unions* (união de trabalhadores), as quais dariam origem aos sindicatos.

Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT)

Onde e quando ocorreu?

Londres, 1864.

O que foi?

A associação reuniu trabalhadores de países europeus e dos Estados Unidos. Seu principal objetivo era articular o movimento operário na Europa.

Segunda Internacional

Onde e quando ocorreu?

França, 1889.

Como foi?

Os adeptos de Marx dividiram-se em duas facções: revisionistas, que defendiam a revisão das ideias marxistas para que ficassem de acordo com as condições de evolução e modificação das sociedades; e marxistas ortodoxos, simpatizantes que não aceitavam qualquer alteração nas ideias de Marx.

ROTEIRO DE AULA

Terceira Internacional

Onde e quando ocorreu?

Moscú, 1919

Como foi?

Manteve as tradições da AIT, representou um movimento revolucionário do operariado por meio da criação de um Estado-maior do ponto de vista político e ideológico. Lenin foi seu principal idealizador e organizador, apropriando-se das premissas do marxismo revolucionário.

Quarta Internacional

Onde e quando ocorreu?

Paris, 1938.

Como foi?

Tinha como objetivo reunir trotskistas de todo o mundo para fazer oposição ao stalinismo.

Sindicalismo

Teóricos:

Antônio Labriola e Georges Sorel.

Desenvolvimento:

Desenvolveu-se como reflexo das ideias socialistas e em consequência do receio dos governos burgueses frente à influência do pensamento revolucionário do marxismo entre os trabalhadores.

Doutrina Social da Igreja

O que foi?

Representou uma tentativa de humanização do capitalismo.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Udesc-SC

As questões abaixo se referem aos movimentos operários no contexto da Revolução Industrial do século XIX:

- III. Ao longo do século XIX, a consolidação do capitalismo tornaria as condições de vida e de trabalho do nascente proletariado extremamente precárias.
- IV. O ludismo traduz as primeiras manifestações de resistência da nascente classe operária que ocupou os últimos anos do século XVIII e os primeiros do século XIX.
- V. Em meados do século XIX, a greve geral dos trabalhadores na Europa, organizada pelo sindicato que representava a classe operária, provocou importantes mudanças na legislação trabalhista da época.
- VI. O movimento cartista, movimento operário que surgiu na primeira metade do século XIX, não se constituiu um fato isolado, pois foi precedido de greves, motins, insurreições e outras manifestações da classe operária.
- VII. Na segunda metade do século XIX, e principalmente com a formação das associações internacionais dos trabalhadores, percebeu-se uma estreita relação entre o marxismo e o movimento operário europeu.

Assinale a alternativa correta:

- a) Somente as afirmativas I, II, III e IV são verdadeiras.
- b) Somente as afirmativas I, II, IV e V são verdadeiras.**
- c) Somente as afirmativas IV e V são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas II e III são verdadeiras.
- e) Todas as afirmativas são verdadeiras.

A afirmativa III é incorreta, pois em meados do século XIX houve greves e revoltas operárias em diversos países europeus, mas não uma greve geral organizada por um único sindicato e que tenha assolado todo o continente.

2. Unicentro-PR – A tentativa de criação de um Estado socialista na França, na década de 70 do século XIX, conhecida como Comuna de Paris, é compreendida como:

- a) uma aliança político-ideológica entre todos os operários da Europa da época.
- b) um movimento imaturo e desorganizado, facilmente derrotado pelo governo francês.
- c) a primeira conquista do poder político pela classe operária na história da Europa contemporânea.**
- d) um manifesto político da classe operária, denunciando a exploração realizada pela burguesia.
- e) resultado do descontentamento popular contra a derrota da França na Guerra Franco-Prussiana de 1870.

A alternativa que melhor explica a Comuna de Paris é a C, porque não é correto dizer que houve uma aliança entre todos os operários da Europa, que foi imaturo e facilmente derrotado, que foi um "manifesto" apenas, nem que foi resultado da derrota na Guerra Franco-Prussiana. É correto dizer que foi a primeira conquista do poder político, ainda que tenha durado pouco tempo.

3. UFPR-PR

C3-H14

"Em 1848, Karl Marx e Friedrich Engels publicaram o *Manifesto Comunista*. Segundo seus autores, 'a burguesia desempenhou na História um papel iminentemente revolucionário. Onde quer que tenha conquistado o poder, a burguesia destruiu as relações feudais, patriarcais e idílicas. Rasgou todos os complexos e variados laços que prendiam ao homem feudal e seus superiores naturais, para só deixar subsistir, de homem para homem, o laço do frio interesse. [...] Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca; substituiu as numerosas liberdades, conquistadas duramente, por uma única liberdade sem escrúpulos: a do comércio. Em uma palavra, em lugar da exploração

dissimulada por ilusões religiosas e políticas, a burguesia colocou uma exploração aberta, direta, despidorada e brutal. [...] Tudo o que era sólido e estável se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado e os homens são obrigados finalmente a encarar sem ilusões a sua posição social e as suas relações com outros homens'."

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2001. p. 42-43.

Com base nessa passagem do *Manifesto Comunista*, assinale a alternativa correta:

- a) Marx e Engels demonstram uma grande empatia pela classe burguesa, na medida em que ambos possuíam origem social nessa classe. Entendem também que o proletariado cumpriu um papel importante na construção das sociedades capitalistas, mas que não o fariam de modo pleno sem a existência da burguesia e seus intelectuais, que forneciam as diretrizes necessárias para o desenvolvimento do capitalismo.
- b) Para os autores, não haveria outra possibilidade de a burguesia revolucionar os meios de produção, por conseguinte, as relações de produção, que não fosse pelo modelo instituído pela Revolução Francesa, ocorrida em 1848. Daí a importância do *Manifesto Comunista*, escrito no mesmo ano, o que demonstra que Marx e Engels concordavam com os ideais comunistas da Revolução Francesa.
- c) Quando Marx e Engels escrevem que "tudo o que era sólido e estável se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado e os homens são obrigados finalmente a encarar sem ilusões a sua posição social", atestam quanto a revolução burguesa, com auxílio dos comunistas soviéticos, estava travando uma luta contra a Igreja cristã ocidental.
- d) Há muito frações da burguesia e partidos de orientação comunista no continente europeu estavam associados numa campanha contra os valores modernos, cristãos e ocidentais. A revolução da burguesia descrita por Marx e Engels no *Manifesto Comunista* já defendia o Estado totalitário e o fim das liberdades individuais, que, mais tarde, iriam resultar na formação de partidos políticos de extrema-esquerda, como o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, também conhecido como Partido Nazista.
- e) De acordo com Marx e Engels, a burguesia, enquanto nova classe social que emerge no mundo moderno, trouxe consigo uma série de elementos que não apenas denunciaram os aspectos arcaicos das sociedades antigas, suas formas arquetípicas de dominação, seu primitivismo religioso e sua ineficácia política, como também apresentaram a modernidade como novo projeto de sociedade, retirando os indivíduos de sua passividade social e lançando-os no processo histórico de desenvolvimento de suas relações de produção.**

Marx e Engels publicaram o *Manifesto Comunista* (1848) no contexto da Liga dos Justos. As alternativas buscam resumir a mensagem desse manifesto, tão importante para a história política do mundo. É incorreto, como vimos, falar em empatia pela classe burguesa, revolução burguesa dos meios de produção, luta entre os burgueses e a Igreja cristã ocidental ou mesmo uma luta contra os valores modernos. A alternativa correta é um bom resumo tanto da análise social como dos desafios da modernidade propostos por Marx e Engels.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situação ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.

4. Uerj-RJ

“O permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos distinguem a época de todas as outras. Todas as relações fixas e enfiadas, com seu cortejo de representações e concepções são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que era sólido se volatiliza, e os homens são por fim obrigados a encarar com os olhos bem abertos a sua posição na vida.”

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. (Adaptado)

Em 1848, na defesa de uma nova sociedade, o *Manifesto Comunista* criticou as transformações advindas da modernização capitalista nos países da Europa ocidental. Dois aspectos dessa modernização, então criticados, foram:

- a) crescimento industrial – garantia de direitos sociais.
- b) aceleração tecnológica – aumento da divisão do trabalho.
- c) mecanização da produção – elevação da renda salarial média.
- d) diversificação de mercados – valorização das corporações sindicais.

O Manifesto Comunista criticou a aceleração tecnológica, pois julgava que ela não era acompanhada pela melhoria nas condições de vida do operariado. Já o aumento da divisão do trabalho foi criticado porque era tido como um elemento que agravava o estado de alienação do trabalhador.

5. UFRRJ-RJ

“A criação de um proletariado despossuído, [...] cultivadores vítimas de expropriações violentas repetidas, foi necessariamente mais rápida que sua absorção pelas nascentes manufaturas. [...] Forma-se uma massa de mendigos, ladrões e vagabundos. Desde o final do século XV e durante todo o século XVI na Europa ocidental foi criada uma legislação sanguinária contra o ócio. Os pais da atual classe operária foram castigados por terem sido reduzidos à situação de vagabundos e pobres. A legislação os tratava como criminosos voluntários; ela pressupunha que dependia de seu livre-arbítrio continuar a trabalhar como antes.”

MARX, Karl. *O capital*. Paris: Garnier-Flammarion, 1969.

As transformações econômicas e sociais costumam gerar profundas alterações no chamado “mundo do trabalho”. A situação apontada por Marx refere-se ao processo histórico:

- a) das revoluções anticapitalistas ocorridas na Europa, contra as quais a burguesia determinou severa repressão.
- b) das revoltas operárias, como o ludismo, voltadas à destruição das máquinas e à exploração por elas causada.
- c) da Revolução Francesa, na qual os trabalhadores foram transformados em massa de manobra dos interesses burgueses.
- d) de cercamento dos campos, com o deslocamento de um grande contingente de despossuídos da sua área rural de origem.
- e) da Revolução Industrial, quando os criminosos eram expulsos das fábricas e proibidos de trabalhar em outra ocupação, pela legislação vigente.

No texto, Marx afirma que, nos séculos XV e XVI, a população europeia tornou-se despossuída, pois foi vítima de expropriações. Ou seja, foi destituída de suas terras. Essa mão de obra não foi completamente absorvida nas atividades manufatureiras pelo nascente mercado de trabalho capitalista e deu origem a uma massa de desempregados, os quais não foram reconhecidos nem protegidos pela legislação da época.

6. UFPE-PE (adaptado) – A consolidação da sociedade capitalista foi o resultado de muitas lutas e confrontos entre projetos políticos dos mais diversos. O século XIX foi o cenário privilegiado desses confrontos e do surgimento de propostas que denunciavam as injustiças sociais trazidas pela ordem capitalista, entre elas, a proposta dos anarquistas, que defendiam:

- (F) a socialização da propriedade territorial e a instalação de governos centralizados comandados por operários.
- (F) o fim das hierarquias políticas, com a formação de governos formados por assembleias populares socialistas compostas de líderes dos partidos políticos.
- (F) a vitória dos ideais socialistas divulgados pelo *Manifesto Comunista* de 1848, escrito por Marx e Engels.
- (V) a destruição do Estado burguês e o fim da propriedade privada dos meios de produção.
- (V) uma ação revolucionária contra os desmandos do capitalismo e a construção de uma outra sociedade justa e igualitária.

Nas afirmações acima, marque V para verdadeiro e F para falso.

Os anarquistas não defendiam a instalação de governos comandados por operários ou por assembleias populares, e sim a abolição de qualquer forma de governo. Tampouco defendiam os ideais do Manifesto Comunista de Marx e Engels. Essa publicação foi um marco dos ideais socialistas, às quais o anarquismo opunha-se em diversos aspectos.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Sistema Dom Bosco – Sobre a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), assinale a alternativa correta:

- a) A AIT tinha como um de seus objetivos unificar as diferentes vertentes do pensamento socialista.
- b) Foi fundada na França e reuniu trabalhadores de vários países europeus e dos Estados Unidos, deixando o Reino Unido de fora da associação.
- c) A associação obteve sucesso ao pacificar questões críticas entre os diferentes grupos socialistas, principalmente entre bakuninistas e marxistas.
- d) Ainda que tivesse membros de vários países do mundo, o movimento teve poucos membros ao longo do tempo, motivo pelo qual organizou apenas quatro encontros internacionais.
- e) Entre os ideais da AIT estava a luta pelos valores liberais e do livre-mercado.

8. Sistema Dom Bosco – Podemos ressaltar diversas características dos congressos realizados pela AIT. Leia as alternativas a seguir e assinale aquela que estiver incorreta em relação a essas características:

- a) Totalizaram-se quatro congressos e o assassinato de Leon Trotski foi um dos motivos para que o movimento chegasse ao seu fim.
- b) A Primeira Internacional ficou marcada por disputas entre vertentes distintas do socialismo: entre marxistas e seguidores de Lassale e entre marxistas e bakuninistas.
- c) A Primeira Internacional foi encerrada após a derrota da Comuna de Paris, uma vez que todos os seus membros eram integrantes da AIT.
- d) A Segunda Internacional revelou divisões entre socialistas, sendo duas facções: os revisionistas e os marxistas ortodoxos.

e) A Quarta Internacional foi convocada por Leon Trotski com o objetivo de fazer oposição ao stalinismo.

9. Sistema Dom Bosco – O grande êxodo rural ocorrido no período da Revolução Industrial elevou o número de pessoas nas cidades, que não tinham empregos para toda essa nova população. Esses desempregados, parte do proletariado, estariam dispostos a vender sua força de trabalho mesmo com péssimas condições e baixa remuneração. A burguesia, dona dos meios de produção, tinha, dessa forma, uma grande massa para contratar em caso de necessidade, sem necessitar garantir direitos ou boas remunerações.

Sobre a Liga dos Justos, considere as questões a seguir e marque a alternativa correta:

- a) A publicação do *Manifesto Comunista* surgiu no contexto dos congressos da Liga dos Justos.
- b) O lema principal da Liga dos Justos foi “Liberdade, igualdade e fraternidade”.
- c) Longe dos ideais comunistas, a Liga dos Justos buscava direitos para os operários, mas desde que respeitando as regras do livre-mercado.
- d) Um dos líderes da Liga dos Justos foi o filósofo e economista Adam Smith.
- e) Após participar da Revolta Blanquista, a Liga dos Justos foi dissolvida e seus membros presos.

10. Sistema Dom Bosco – Considere as assertivas a seguir, sobre o contexto político e social do século XIX, e assinale a alternativa correta:

- I. O grande êxodo rural levou a uma massa de desempregados nas periferias das cidades inglesas. Marx chamou esses desempregados de “exército industrial de reserva”.
 - II. A burguesia e o proletariado se diferenciam porque, enquanto a primeira é a dona dos meios de produção, o segundo só tem sua força de trabalho para vender.
 - III. Uma das características mais importantes desse período é a existência de um lugar de trabalho digno para os operários e leis trabalhistas para proteger seus direitos, aspectos que se tornaram cada vez piores com o tempo.
- a) Apenas a afirmativa II está correta.
 - b) Apenas as afirmativas I e II estão corretas.
 - c) Apenas as afirmativas I e III estão corretas.
 - d) Apenas as afirmativas II e III estão corretas.
 - e) Todas as afirmativas estão corretas.

11. UPE-PE

“Quando pensamos na relação entre o Estado e o movimento operário no Brasil da Primeira República, logo temos em mente o velho jargão: a ‘questão social’ deveria ser tratada como ‘questão de polícia’. Há muito fora desconstruída a atribuição dessa frase a Washington Luís, que, aliás, antes de ser presidente da República, havia sido secretário de Segurança Pública e governador de São Paulo, além de prefeito daquela capital durante o período das grandes greves, entre 1917 e 1919.”

OLIVEIRA, Tiago Bernadon de. Pela reforma, contra a revolução: notas sobre o reformismo e colaboracionismo na história do movimento operário brasileiro na Primeira República. *Revista Crítica Histórica*, Paraíba, ano III, n. 5, p. 33, jul. 2012. (Adaptado)

A equivocada manutenção da responsabilidade da autoria dessa frase ao presidente deposto em 1930 teve como principal consequência para o imaginário social a ideia de que a:

- a) repressão às classes populares não passou de retórica da oligarquia.
- b) ascensão do novo grupo garantiria o efetivo exercício da democracia.
- c) coerção contra as classes populares foi monopólio da República Velha.
- d) implantação de sindicatos seria a única forma de garantir proteção social.
- e) regulamentação da relação capital/trabalho só seria possível no sudeste industrial.

12. Cesgranrio- RJ – “Trabalhadores de todo o mundo, uni-vos!”

Com essa frase, que se tornou famosa, Marx e Engels começavam o *Manifesto Comunista* no fervilhar de um período de profundas agitações em toda a Europa, no período entre 1830 e 1848. Acerca dessa conjuntura, podemos afirmar que:

- a) as barricadas de 1848, em Paris, exigiam mudanças sociais na França e culminaram com a queda da monarquia de Luís Bonaparte.
- b) com a formação do II Reich, em 1830, os estados alemães unificados começaram a atender aos anseios nacionalistas dos movimentos sociais.
- c) as vitórias do movimento cartista inglês criaram as bases para o surgimento do Labour Party, intérprete das demandas operárias na vida política nacional.
- d) a consolidação da Internacional Socialista, em 1848, unificando os vários partidos social-democratas europeus, colocou em xeque os governos democrata-cristãos.
- e) a atuação dos “déspotas esclarecidos” contra o avanço do nacionalismo e do liberalismo reafirmou os compromissos do Congresso de Viena.

13. Unesp-SP

“[...] Considerando que para os senhores não é possível

Nos pagarem um salário justo,

Tomaremos nós mesmos as fábricas.

Considerando que sem os senhores, tudo será melhor [para nós,

Considerando que os senhores nos ameaçam

Com fuzis e canhões,

Nós decidimos: de agora em diante

Temeremos mais a miséria que a morte.

Considerando que o que o governo nos promete sempre

Está muito longe de nos inspirar confiança,

Nós decidimos tomar o poder

Para podermos levar uma vida melhor.

Considerando: vocês escutam os canhões,

Outra linguagem não conseguem compreender,

Deveremos então, sim, isso valerá a pena,

Apontar os canhões contra os senhores!”

Bertolt Brecht. *Os dias da Comuna*.

Esse poema de Brecht refere-se à chamada Comuna de Paris, de 1871. Como pode ser definida a inspiração política dos revolucionários de 1871?

14. IFSP-SP (adaptado) – Qual era a representação do internacionalismo para o campo progressista?

15. ESPM-SP

“Entre 12 e 15 de julho de 1917, São Paulo parou. Pararam as fábricas, os moinhos, as ferrovias e os bondes da cidade. Nas ruas do centro e dos bairros operários, milhares de trabalhadores saquearam armazéns e padarias e interceptaram caminhões de alimentos, enquanto meninos e moças liberavam o seu protesto tomando alguns elétricos (bondes) e pondo-os em movimento.”

acervo.estadao.com.br/noticias/acervo.em-1917-aprimeira-greve-geral-em-sao-paulo.

O texto trata de uma greve geral, uma das maiores realizadas no país até 1930. O movimento refletia a piora das condições de vida dos assalariados, submetidos durante a República Velha a uma superexploração.

Assinale a alternativa correta que explique a situação:

- a) A legislação trabalhista e de assistência social daquele tempo estava adaptada às orientações da Liga das Nações.
- b) A insuficiência das leis de proteção ao trabalho e de assistência social, tendo em conta a ausência, no país, de um Direito do Trabalho consolidado.
- c) Os governos da República Velha eram sensíveis aos problemas da chamada Questão Social, embora não a tenham solucionado.

- d) O encarecimento da força de trabalho naquele tempo pela elevação da especialização da mão de obra.
- e) A inexistência de sindicatos, os quais só vieram a se constituir depois de 1930.

16. Fatec-SP

“A queda da burguesia e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis [...]. Os proletários nada têm a perder com ela, a não ser as próprias cadeias. E têm um mundo a ganhar. Proletários de todos os países, uni-vos”.

Esse trecho, extraído do *Manifesto Comunista* de Marx e Engels, foi escrito no contexto histórico marcado:

- a) pelo acirramento das contradições políticas, econômicas e sociais decorrentes do processo conhecido como Revolução Industrial.
- b) pelos conflitos entre trabalhadores e patrões que começaram a pontuar os países capitalistas a partir da ocorrência da Revolução Russa.
- c) pela afirmação dos Estados Unidos como potência imperialista com interesses econômicos e políticos em várias regiões do planeta.
- d) pelo confronto entre vassalos e suseranos, no momento de ápice da crise do modo de produção feudal e de enfraquecimento da autoridade religiosa.
- e) pelo incremento das contestações populares às diretrizes políticas implantadas pelos regimes autoritários que floresceram na Europa na primeira metade do século XX.

17. Unicamp-SP

“Em julho de 1917, convocou-se, em São Paulo, uma greve geral, com adesão de 45 000 trabalhadores, para pedir aumento salarial. A greve se estendeu ao Rio de Janeiro e levou o governo a reforçar o aparato repressivo e decretar estado de sítio em 1918. Nos anos de 1917-1919, o Chile registrou o recrudescimento da agitação sindical. Mobilizavam-se com facilidade 100 000 trabalhadores, como durante as manifestações contra o custo dos alimentos em 1918 e 1919. A Argentina foi outro país que teve um movimento sindical poderoso. Entre 1917 e 1921, o movimento sindical conheceu seu apogeu. Apenas durante o ano de 1919, registraram-se 367 greves na capital Buenos Aires.”

DABÊNE, Olivier. *América Latina no século XX*. Porto Alegre: Ed. da PUC-RS, 2003. p. 64-65. (Adaptado)

Considerando o texto acima e seus conhecimentos sobre o tema, assinale a alternativa correta:

- a) Os movimentos grevistas foram espontâneos e apartidários nos anos de 1910, rejeitando a infiltração ideológica das lideranças sindicais, de maioria marxista e comunista, pouco mobilizadoras no período.
- b) Os movimentos sindicais estavam em processo de fortalecimento, entre outras razões, pela intensa ruralização dos países latino-americanos na década de 1900.
- c) O processo de fortalecimento dos movimentos sindicais enfrentou um forte aparato repressivo, nos anos de 1920, marcado pela colaboração entre os Estados latino-americanos.
- d) Os movimentos sindicais latino-americanos apresentavam, em 1917, especificidades em relação aos da Europa quanto às pautas reivindicatórias dos trabalhadores.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C3-H13

“O movimento operário ofereceu uma nova resposta ao grito do homem miserável no princípio do século XIX. A resposta foi a consciência de classe e a ambição de classe. Os pobres então se organizavam em uma classe específica, a classe operária, diferente da classe dos patrões (ou capitalistas). A Revolução Francesa lhes deu confiança: a Revolução Industrial trouxe a necessidade da mobilização permanente”.

HOBSBAWM, E. J. *A era das revoluções*. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

No texto, analisa-se o impacto das Revoluções Francesa e Industrial para a organização da classe operária. Enquanto a “confiança” dada pela Revolução Francesa era originária do significado da vitória revolucionária sobre as classes dominantes, a “necessidade da mobilização permanente”, trazida pela Revolução Industrial, decorria da compreensão de que:

- a) a competitividade do trabalho industrial exigia um permanente esforço de qualificação para o enfrentamento do desemprego.
- b) a completa transformação da economia capitalista seria fundamental para a emancipação dos operários.
- c) a introdução das máquinas no processo produtivo diminuía as possibilidades de ganho material para os operários.
- d) o progresso tecnológico geraria a distribuição de riquezas para aqueles que estivessem adaptados aos novos tempos industriais.
- e) a melhoria das condições de vida dos operários seria conquistada com as manifestações coletivas em favor dos direitos trabalhistas.

19. Enem

C1-H1

“Sou um partidário da Comuna de Paris, que, por ter sido massacrada, sufocada no sangue pelos carrascos da reação monárquica e clerical, tornou-se ainda mais viva, mais

poderosa na imaginação e no coração do proletariado da Europa; sou seu partidário sobretudo porque ela foi uma negação audaciosa, bem pronunciada, do Estado”.

BAKUNIN, M. Apud SAMIS, A. *Negras tormentas: o federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris*. São Paulo: Medra, 2011.

A Comuna de Paris despertou a reação dos setores sociais mencionados no texto porque:

- a) instituiu a participação política direta do povo.
- b) consagrou o princípio do sufrágio universal.
- c) encerrou o período de estabilidade política europeia.
- d) simbolizou a vitória do ideário marxista.
- e) representou a retomada dos valores do liberalismo.

20. Enem

C1-H1

“Na produção social que os homens realizam, eles entram em determinadas relações indispensáveis e independentes de sua vontade; tais relações de produção correspondem a um estágio definido de desenvolvimento das suas forças materiais de produção. A totalidade dessas relações constitui a estrutura econômica da sociedade – fundamento real, sobre o qual se erguem as superestruturas política e jurídica, e ao qual correspondem determinadas formas de consciência social.”

MARX, K. Prefácio à *Crítica da economia política*. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Textos 3*. São Paulo: Edições Sociais, 1977. (Adaptado)

Para o autor, a relação entre economia e política estabelecida no sistema capitalista faz com que:

- a) o proletariado seja contemplado pelo processo de mais-valia.
- b) o trabalho se constitua como o fundamento real da produção material.
- c) a consolidação das forças produtivas seja compatível com o progresso humano.
- d) a autonomia da sociedade civil seja proporcional ao desenvolvimento econômico.
- e) a burguesia revolucione o processo social de formação da consciência de classe.

UNIFICAÇÃO DA ITÁLIA E DA ALEMANHA

37

OS ÚLTIMOS A SE UNIFICAR

Enquanto as principais monarquias absolutistas da Europa, como Portugal, Espanha, França e Inglaterra tiveram força e puderam existir graças ao processo de unificação dos Estados durante a consolidação do mercantilismo, outras potências europeias só o fizeram com o avanço do capitalismo industrial. Os objetivos da burguesia contemporânea ao desejar as unificações, pouco tempo depois da Revolução Francesa, eram semelhantes aos dos burgueses da Idade Moderna quando apoiaram a formação dos primeiros Estados nacionais: a unificação de impostos, a padronização de moedas e a consolidação de mercados consumidores.

Alemanha e Itália foram os últimos a se unificar e a entrada desses Estados nacionais no jogo político europeu teria consequências importantes nas décadas seguintes. Uma vez unificados, entraram na disputa imperialista das potências europeias e ficaram lado a lado nas duas guerras mundiais que eclodiriam no início do século seguinte.

- Os últimos a se unificar
- Unificação da Itália
- Unificação da Alemanha

HABILIDADES

- Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.
- Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.
- Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

PRISMA ARCHIVO/ALAMY STOCK PHOTO



Gravura que representa a unificação italiana (1859-1924) e a atuação das tropas dos Estados Pontifícios.

UNIFICAÇÃO DA ITÁLIA

Ao fim do século XIX, a Península Itálica encontrava-se dividida em estados, dos quais apenas quatro deles tinham real autonomia: o Reino de Piemonte-Sardenha, industrial e dinâmico, cuja burguesia, interessada em obter um mercado nacional, passou a articular a unificação; o Reino de Nápoles, cuja monarquia absolutista não queria perder poder; o Reino das Duas Sicílias, rural e com uma indústria pouco desenvolvida, que tinha interesses diferentes dos estados do norte; e os Estados da Igreja, onde em hipótese alguma o papa aceitava submeter o poder eclesiástico ao político.

No início do século, por meio do Congresso de Viena (1815), a Áustria recebeu o controle de vários territórios do norte italiano. As reações dos povos da Península Itálica não tardaram a aparecer. Republicanos e monarquistas nacionalistas organizaram a Carbonária, sociedade secreta que não raro utilizava o terrorismo político como forma de luta e de conscientização da população italiana para a causa nacionalista, que culminaria com a unificação da Itália.



Os movimentos revolucionários de 1848, conhecidos como Primavera dos Povos, acirraram o sentimento nacionalista: de um lado, estavam os republicanos, liderados por Mazzini e Giuseppe Garibaldi; de outro, os monarquistas, sob o comando do conde Camilo Cavour.

Apesar dos malogrados esforços de 1830 e 1848, a esperança da unificação italiana por parte da burguesia não havia enfraquecido. Várias propostas de unidade, como o Neoguelfismo, que visava uma confederação sob a liderança do papa, e o Risorgimento, movimento organizado pelos monarquistas constitucionais piemonteses, desejosos de uma unificação sob o controle do rei do Piemonte, ainda representavam o desejo pela unificação italiana.

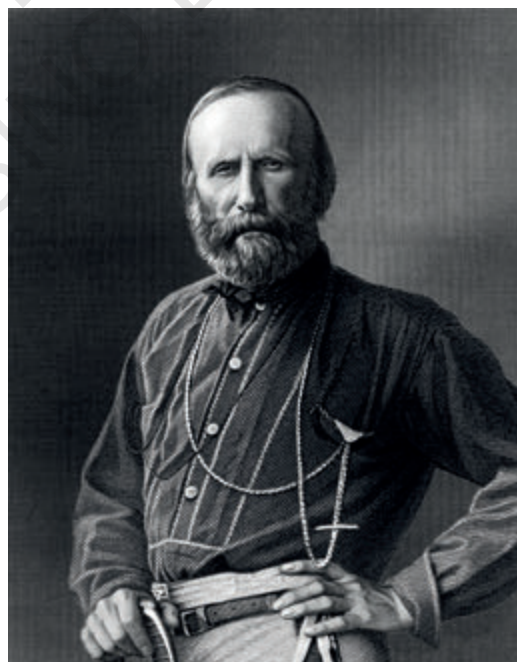
A aliança entre Napoleão III, da França, e Vítor Emanuel II, do Piemonte, por meio do primeiro-ministro conde Cavour, efetivou o seguinte acordo: em troca do auxílio francês na guerra contra a Áustria, Napoleão III receberia os territórios de Nice e Savoia. Vitórias franco-piemontesas nas batalhas de Magenta e Soferino sobre a Áustria renderam à Itália a unificação da Lombardia e da Itália central. A Itália do sul (Duas Sicílias e Nápoles) contou com a participação de Giuseppe Garibaldi e seus camisas-vermelhas, representando uma tendência republicana no processo, que se contrapunha às intenções monárquico-constitucionais do Piemonte. A rápida intervenção de Vítor Emanuel II, atravessando os Estados Pontifícios e exigindo de Garibaldi a cessão das Duas Sicílias, evitou que o problema se tornasse maior.



STEFANO BIANCHETTI/CORBIS/GETTY IMAGES

Encontro de Vítor Emanuel II e Garibaldi em Teano, de Sebastiano de Albertis. Após esse encontro, a tendência republicana do movimento de unificação italiana sujeitou-se ao ideal monarquista, encabeçado pelo Reino de Piemonte-Sardenha.

Em 1861, Vítor Emanuel II foi coroado rei da Itália, cuja capital era Turim. Veneza foi finalmente anexada em 1866, durante a Guerra das Sete Semanas, entre Prússia e Áustria; e Roma, em 1870, quando a Guerra Franco-Prussiana obrigou Napoleão III a retirar as tropas francesas que protegiam a Santa Sé.



PICTURE/ISTOCKPHOTO.COM

Retrato do revolucionário Giuseppe Garibaldi (1807-1882).

UNIFICAÇÃO DA ALEMANHA

Após o Congresso de Viena, o território germânico encontrou-se dividido em 39 estados, que possuíam como único vínculo político a Dieta de Frankfurt – espécie de parlamento no qual dois estados mais fortes, Áustria e Prússia, disputavam a liderança política. Rivais entre si, almejavam a unificação germânica sob seu controle.

O fator fundamental do caminho da unificação foi a criação do Zollverein (união aduaneira), que derrubou as

ROTEIRO DE AULA

UNIFICAÇÃO DA ITÁLIA E DA ALEMANHA

Itália

Antecedentes:

Vários reinos distintos na Península Itálica.

Causas:

A região norte era bem mais desenvolvida e buscou a unificação para ampliar seu mercado consumidor, unificar a moeda e os impostos.

Consequências:

A invasão dos Estados Pontifícios deixou a Igreja Católica insatisfeita e não houve reconhecimento do Estado italiano por parte dela, o que só foi resolvido em 1929, com o Tratado de Latrão, assinado por Benito Mussolini.

Alemanha

Antecedentes:

39 estados que formavam a Confederação Germânica.

Causas:

A Prússia liderou a criação do Zollverein (união aduaneira dos Estados germânicos). Guilherme I nomeia Bismarck para a missão de unificar esses estados.

Consequências:

Criação do Segundo Reich alemão, desenvolvimento econômico e militar e aumento da importância da Alemanha no cenário europeu.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. UFU-MG

“Alexandre, Bispo, Servo dos Servos de Deus, ao Caríssimo filho em Cristo, Afonso, Ilustre Rei dos Portugueses, e a seus herdeiros, in perpetuum. Está claramente demonstrado que, como bom filho e príncipe católico, prestaste inumeráveis serviços a tua mãe, a Santa Igreja, [...] Por isso, nós atendemos às qualidades de prudência, justiça e idoneidade de governo que ilustram a tua pessoa, tomamo-la sob a proteção de São Pedro e nossa, e concedemos e confirmamos por autoridade apostólica ao teu excelso domínio o reino de Portugal [...]”

Disponível em: <<http://ensina.rtp.pt/artigo/a-bula-manifestis-probatum-o-documento-fundador-do-reino/>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

Em 23 de maio de 1179, o papa Alexandre III emitiu uma bula, declarando D. Afonso Henriques soberano de Portugal. Esse trecho do documento é testemunho do surgimento precoce da primeira nação europeia. A aliança entre a nobreza e a burguesia (abençoada pela Igreja) enfraqueceu os senhores feudais, dando início ao aparecimento dos Estados nacionais. Esse processo se arrastaria até o século XIX, quando surgiu a última nação por meio da unificação de reinos. De acordo com as informações dadas, a nação referida no trecho em destaque é:

- a) Alemanha.
- b) Itália.
- c) França.
- d) Inglaterra.

Apesar de o texto citar o papa Alexandre, o que pode confundir os alunos e induzi-los a considerar que trata-se de uma referência à Itália, é preciso lembrar que o Congresso de Viena deixou a região da futura Alemanha dividida em reinos e ducados sob a forte influência da Áustria. A Alemanha unifica-se em 1871, após a vitória na Guerra Franco-Prussiana.

2. UFPR-PR – A unificação alemã foi articulada pelo Reino da:

- a) Prússia, após a derrota da Comuna de Paris na Guerra Franco-Prussiana, apoiado em uma aliança com a aristocracia austríaca e a burguesia prussiana.
- b) Áustria, devido à sua superioridade industrial e militar dentro da Confederação Germânica, apoiado em uma aliança com a aristocracia prussiana.
- c) Áustria, como resposta à ameaça prussiana de unificação após a instituição do Zollverein na Confederação Germânica, apoiado em uma aliança com a aristocracia austríaca.
- d) Prússia, devido ao seu poderio militar e força econômica dentro da Confederação Germânica, apoiado em uma aliança entre a aristocracia e a alta burguesia.
- e) Prússia, devido à mobilização nacionalista da Confederação Germânica durante a Guerra Franco-Prussiana, apoiado em uma aliança com a grande burguesia austríaca.

A Prússia foi a líder política e militar da unificação alemã, que aconteceu após a Guerra Franco-Prussiana. A Áustria era o poder que imperava nos reinos e ducados germânicos antes da liderança prussiana.

3. Fuvest-SP

“Fizemos a Itália, agora temos que fazer os italianos”.

“Ao invés da Prússia se fundir na Alemanha, a Alemanha se fundiu na Prússia”.

Estas frases, sobre as unificações italiana e alemã:

- a) aludem às diferenças que as marcaram, pois, enquanto a alemã foi feita em benefício da Prússia, a

italiana, como demonstra a escolha de Roma para capital, contemplou todas as regiões.

- b) apontam para as suas semelhanças, isto é, para o caráter autoritário e incompleto de ambas, decorrentes do passado fascista, no caso italiano, e nazista, no alemão.
- c) chamam a atenção para o caráter unilateral e autoritário das duas unificações, imposta pelo Piemonte, na Itália, e pela Prússia, na Alemanha.
- d) escondem suas naturezas contrastantes, pois a alemã foi autoritária e aristocrática e a italiana foi democrática e popular.
- e) tratam da unificação da Itália e da Alemanha, mas nada sugerem quanto ao caráter impositivo do processo liderado por Cavour, na Itália, e por Bismarck, na Alemanha.

Nesta questão, é importante analisar as frases clássicas sobre as unificações da Itália e da Alemanha. Na primeira, a palavra-chave é “fizemos”, o que já denota a imposição e o autoritarismo. Na segunda, está subentendido um processo de dominação, não de unificação: a Alemanha se fundiu à Prússia, que fora a grande liderança desse processo.

4. PUC-MG – No processo de unificação da Itália de meados do século XIX, destacam-se, exceto:

- a) a preocupação da burguesia em evitar qualquer aliança com a massa camponesa.
- b) a permanência de um sistema oligárquico que garante os interesses dos grandes proprietários da terra.
- c) a ação dos liberais moderados, liderados por Cavour, para impedir as tentativas revolucionárias.
- d) a obtenção da unidade através do alargamento do Estado piemontês e não de um movimento nacional.
- e) o papel decisivo dos movimentos populares para a concretização da unidade italiana.

O processo de unificação italiana foi feito por uma aliança entre as classes sociais mais altas, a burguesia do norte e religiosos poderosos, sem a participação popular e de modo autoritário.

5. FGV-SP

C1-H4

“A unidade italiana – o processo de constituição de um Estado único para o país – conserva o sistema oligárquico [...] Isto não impede a formação do Estado, mas retarda a eclosão do fenômeno nacional.”

POMER, Leon. *O surgimento das nações*, 1985. p. 40-42.

“Fizemos a Itália; agora, precisamos fazer os italianos.”

D’AZEGLIO, Massimo. Apud E. J. Hobsbawm. *A era do capital*, 1977. p. 108.

A partir dos textos, é correto afirmar que:

- a) apesar de ter nascido antes da nação, o Estado italiano, unificado em 1871, representou os interesses dos não proprietários, o que implicou a defesa de mudanças revolucionárias, que tornaram o Estado não autoritário e permitiram a emergência do sentimento nacional, já fortificado pelas guerras de unificação.
- b) o Estado italiano, nascido em 1848, na luta da alta burguesia do norte pelo poder, representava os interesses liberais, isto é, a unidade do país como um alargamento do Estado piemontês, na defesa da pequena propriedade e do voto universal, condições para a consolidação do sentimento nacional que cria os italianos.
- c) em 1848, a criação do Estado italiano, pela burguesia do Reino das Duas Sicílias, foi uma vitória do

liberalismo, pois a estrutura fundiária, baseada na grande propriedade, e a exclusão política dos não proprietários permaneceram, encorajando os valores nacionais, condição para diminuir as diferenças regionais.

- d) em 1871, o processo de unificação e o sentimento nacional estavam intimamente ligados, na medida em que a classe proprietária do centro da península, vitoriosa na guerra contra a Áustria, absorveu os valores populares nacionais, o que legitimou a formação do Estado autoritário, defensor das desigualdades regionais.
- e) o Estado italiano nasceu antes da nação, em 1871, como uma construção artificial, frágil e autoritária da alta burguesia do norte, cujos interesses de dominação excluíram as mudanças revolucionárias e atrasaram a emergência do sentimento nacional, ainda estranho para a grande maioria das diferentes regiões da península.

Como, na Itália, a criação do Estado nacional foi uma construção, uma instituição quase totalmente abstrata – que se concretiza apenas nas instituições políticas, de polícia, na bandeira e no hino –, não é imediata a relação entre as pessoas e o Estado recém-criado. Na Itália, esse processo ocorreu sem a participação popular e sem o sentimento de pertencimento a um suposto grupo de italianos.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.

6. Unicamp-SP – A unificação italiana mesclou as lutas nacionais com as reivindicações dos camponeses que queriam o fim do laço de servidão e o acesso à terra. Mas essas reivindicações não foram atendidas.

- a) De que forma a unificação beneficiou a população do norte da Itália em detrimento dos camponeses do sul?

A unificação italiana melhorou a situação do país em relação às demais

potências europeias, mas apenas a população do norte foi beneficiada

com a industrialização, enquanto a do sul foi utilizada como mão de obra

barata.

- b) Quais as consequências sociais do aumento da miséria entre os camponeses italianos do sul?

Buscando melhores condições de vida e fugir da pobreza e da miséria,

muitos camponeses do sul emigraram para outros países da América,

como os Estados Unidos e o Brasil.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Upel-RS – Leia o texto a seguir:

“Com a crescente expansão da industrialização do continente europeu, a partir de 1830, os pequenos estados italianos e alemães sentiram a necessidade de promover uma centralização, com o objetivo de conseguir equiparar-se às grandes potências, principalmente França e Inglaterra. Ainda politicamente fracas, nem a burguesia italiana nem a alemã tinham condições de assumir a direção do governo. Por isso, aceitavam a monarquia constitucional, desde que o Estado incentivasse o progresso econômico. Acreditavam que só assim poderiam chegar à centralização política, sem passar necessariamente por mudanças estruturais que colocassem em perigo sua posição de classe proprietária.”

PAZZINATO, Alceu Luiz et al. *História moderna e contemporânea*. São Paulo: Ática, 1993. p. 186.

O texto está relacionado com:

- a) as *trade-unions*, ou uniões operárias, que inicialmente eram entidades de auxílio mútuo, fortemente assistencialistas, preocupadas em ajudar trabalhadores com dificuldades econômicas e reivindicar melhores condições de trabalho.
- b) o socialismo utópico, assim chamado por acreditar na organização comunista das sociedades, sem lutas de classe, através de reformas pacíficas e graduais.
- c) o socialismo científico, que criticava o capitalismo dominante, propondo a organização de uma sociedade comunista, necessariamente pela luta de classes.
- d) o movimento cartista, em que os trabalhadores ingleses promoveram agitações de rua e apresentaram ao Parlamento reivindicações como representação igual para todas as classes, sufrágio universal restrito para os homens aos vinte e um anos etc.
- e) o nacionalismo, na prática representado pela unificação da Itália e da Alemanha, o qual defendia a luta dos povos ligados por laços étnicos, linguísticos e culturais, pela sua independência como nação.

8. Cederj-RJ – A Guerra Franco-Prussiana foi um conflito ocorrido entre o Império da França e o Reino Prussiano no final do século XIX. Muitos monumentos espalhados pela França homenageiam os mortos dessa guerra. Assinale a opção que melhor identifica a Guerra Franco-Prussiana:

- a) Revelou-se como uma política expansionista dos ingleses sobre a Rússia.
- b) Correspondeu ao avanço das forças francesas contrárias à unificação alemã.
- c) Expressou a vitória de Napoleão sobre a região prussiana.
- d) Disseminou o fracasso da política de unificação de Bismarck.

9. UEL-PR – Sobre a unificação da Itália (1870) e da Alemanha (1871), analise as afirmativas abaixo:

- IV. Os movimentos liberais, que nesses países assumiram um aspecto fortemente nacionalista, tiveram importante participação no processo de unificação.
- V. A ausência de guerras ou revoltas marcou a unificação italiana e alemã.
- VI. O processo de unificação acelerou o desenvolvimento do capitalismo na Alemanha e na Itália, o que resultou em disputas que desembocaram na Primeira Guerra Mundial.

Assinale a alternativa correta:

- a) Apenas a afirmativa II é verdadeira.
- b) Apenas a afirmativa III é verdadeira.
- c) Apenas as afirmativas I e II são verdadeiras.
- d) Apenas as afirmativas I e III são verdadeiras.
- e) Apenas as afirmativas II e III são verdadeiras.

- 10. UFG-GO** – A unificação italiana, no final do século XIX, ameaçou a integridade territorial da Igreja. Esse impasse resultou:
- no reforço dos sentimentos nacionalistas na Itália, provocando a expropriação das terras da Igreja.
 - no envolvimento da Igreja em lutas nacionais, criando congregações para a expansão do catolicismo.
 - na adoção de atitudes liberais pelo papa Pio IX, como forma de deter as forças fascistas.
 - na assinatura do Tratado de Latrão, em 1929, quando Mussolini criou o Estado do Vaticano.
 - no Risorgimento, processo em que segmentos ligados à Igreja defenderam a Itália independente.
- 11. UFRGS-RS** – Dentre as alternativas a seguir, assinale aquela que está correta em relação ao processo de unificação italiana, concluída na segunda metade do século XIX:
- O Congresso de Viena concluiu o processo de integração nacional italiano na medida em que este veio ao encontro dos interesses das elites locais.
 - O processo de unificação nacional resultou das fortes pressões da burguesia do sul do país, cuja economia demandava um mercado interno homogêneo, dinâmico e integrado para a colocação da sua moderna produção industrial.
 - A construção do Estado nacional implicou enfrentar e expulsar as tropas de ocupação pertencentes aos impérios Britânico, Russo e Espanhol, estabelecidas na Península Itálica desde os acontecimentos de 1848.
 - O movimento de unificação partiu das áreas mais industrializadas, teve forte presença de uma burguesia interessada na ampliação do mercado interno e foi sustentado pela ideologia do nacionalismo.
 - A consolidação da formação do Estado nacional italiano ocorreu com a anuência do papa Pio IX e o reconhecimento, pelo primeiro-ministro Cavour, da existência e da soberania do Estado do Vaticano, após as negociações da Questão Romana.
- 12. UFRS-RS** – A unificação alemã, habilmente arquitetada por Otto von Bismarck, realizou-se em torno de guerras bem-sucedidas contra potências vizinhas. Assinale a alternativa correta em relação às motivações e aos acontecimentos que desencadearam esse processo de unificação:
- A fragmentação política obstaculizava o pleno desenvolvimento comercial e industrial da região. A unificação promoveria um mercado ágil e ampliado, com condições de enfrentar a concorrência inglesa através da proteção governamental.
 - A unificação foi liderada pela Áustria, o mais poderoso dos Estados germânicos e sucessora do extinto Sacro-Império, capaz de eliminar as pretensões da Prússia. Aliado da França, o país austríaco contou com o seu apoio para vencer as resistências germânicas do sul.
 - A constituição, redigida por Bismarck, inaugurou uma era democrática nos Estados alemães, sob influência dos ideais da Revolução Francesa, baseados na soberania e na participação popular.
 - As decisões do Congresso de Viena, ao reconhecerem o direito de independência da Alemanha, foram fundamentais para a consolidação da unificação, pois inibiram as pretensões italianas aos territórios do sul da Alemanha.
- e)** O processo de unificação alemã contou com o apoio da França, que, acossada pela supremacia britânica, via no novo Estado um importante aliado na corrida imperialista.
- 13. Uece-CE** – As unificações alemã e italiana, em 1860-1871, aconteceram, segundo os historiadores, a partir da chamada “via prussiana”. Isto significa que:
- foram realizadas de cima para baixo, isto é, a partir de uma aliança entre a burguesia e a aristocracia.
 - as mudanças ocorridas naqueles países correspondiam às expectativas plenas dos trabalhadores.
 - as mudanças foram feitas de baixo para cima, isto é, a partir de uma aliança entre setores populares e setores intelectuais da classe média.
 - as transformações políticas na Itália e na Alemanha se verificaram a partir de intervenções de potências estrangeiras, especialmente da Prússia.
- 14. Unesp-SP** – O desmonte do muro que dividia a cidade de Berlim e o acordo sobre a reunificação alemã são fatores relevantes para a construção de uma nova Europa. No entanto, a fundação do Estado moderno alemão remonta ao século XIX e se relaciona com a:
- cooperação abrangente entre a Prússia e a União Soviética.
 - multiplicação das taxas alfandegárias, a revogação da Liga Aduaneira, a aliança franco-prussiana e a ação do papa.
 - cooperação pacífica, duradoura e estável entre todos os Estados da Europa.
 - conhecida e inevitável neutralidade alemã na disputa de mercados.
 - reorganização do exército prussiano e com o despertar do sentimento nacionalista de união.
- 15. UFPR-PR** – “O culpado se chama burguesia. [...] Sim, a pátria está subjugada, Paris desonrada e, amanhã, terá a canga prussiana presa em seu pescoço. Mas é ela, a burguesia, quem prendia as mãos da revolução e esmagava seus dedos [...]”
- O texto, escrito no calor da luta da Comuna de Paris, relaciona o movimento:
- à revolução social proletária e à resistência contra a invasão estrangeira da cidade.
 - ao nacionalismo francês e prussiano e à revolução política liderada pela burguesia.
 - à reforma constitucional e à ampliação dos mecanismos institucionais de participação política.
 - ao fim do poder republicano burguês e à restauração do império na França.
 - à instalação do comunismo e à necessária repressão aos anarquistas.
- 16. UFF-RJ** – À época de Bismarck (1871-1890) associam-se alguns elementos que vieram a reforçar o capitalismo industrial e financeiro na Alemanha recém-unificada. Assinale a opção que contém referências vinculadas ao momento político mencionado:
- Vitória dos cristãos-sociais mais moderados ao impor reformas do sistema de trabalho na década de 1880, greve dos mineiros do Ruhr, emigração maciça para o continente americano, imposição do livre-comércio de importação e exportação em 1879.

- b) Zollverein ou união aduaneira alemã, abolição do regime político federal no Império Alemão, diminuição da influência dos *junkers* prussianos, dissolução da Aliança do Centeio e do Aço.
- c) Unificação monetária alemã e fundação do Reichsbank, extensão das ferrovias, desaparecimento de numerosas pequenas empresas após a crise financeira de 1873, imposição do protecionismo alfandegário em 1879.
- d) Financiamento de seguros sociais pelo Reichsbank para aliviar tensões, condução a um período de paz social através da unidade alemã, privatização das ferrovias, entrada da Alemanha na corrida colonial ao anexar a Etiópia.
- e) Sacrifício da agricultura à indústria, reforço da posição dos industriais determinado pelo “novo curso” ligado ao chanceler Caprivi, formação, no Reichstag, da maioria chamada “do Cartel”, favorável ao grande capitalismo e a medidas antissindicais em 1879.

17. Unesp-SP – As unificações políticas da Alemanha e da Itália, ocorridas na segunda metade do século XIX, alteraram o equilíbrio político e social europeu. Entre os acontecimentos históricos desencadeados pelos processos de unificações, encontram-se:

- a) a ascensão do bonapartismo na França e o levante operário em Berlim.
- b) a aliança da Alemanha com a Inglaterra e a independência da Grécia.
- c) o nacionalismo revanchista francês e a oposição do papa ao Estado italiano.
- d) a derrota da Internacional operária e o início da União Europeia.
- e) o fortalecimento do Império Austríaco e a derrota dos fascistas na Itália.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C2-H7

A primeira metade do século XX foi marcada por conflitos e processos que a inscreveram como um dos mais violentos períodos da história humana. Entre os principais fatores que estiveram na origem dos conflitos ocorridos durante a primeira metade do século XX estão:

- a) a crise do colonialismo, a ascensão do nacionalismo e do totalitarismo.
- b) o enfraquecimento do Império Britânico, a Grande Depressão e a corrida nuclear.
- c) o declínio britânico, o fracasso da Liga das Nações e a Revolução Cubana.
- d) a corrida armamentista, o terceiro mundismo e o expansionismo soviético.
- e) a Revolução Bolchevique, o imperialismo e a unificação da Alemanha.

19. UFRN-RN

C3-H13

Sobre a unificação alemã no século XIX, Marionilde Magalhães afirma:

“Desde o final do século XVIII, a criação de inúmeras associações resultou num determinado patriotismo cultural e popular, num território dividido em Estados feudais dominados por uma aristocracia retrógrada. Tais associações se dirigem à nação teuta, enfatizando o idioma, a cultura e as tradições comunitárias, elementos para a elaboração de uma identidade coletiva, independentemente do critério territorial. E, de fato, esse nacionalismo popular, romântico-ilustrado (uma vez que pautado no princípio da cidadania e no direito à autodeterminação dos povos), inspirará uma boa parcela dos revolucionários de 1848. Mas não serão eles a unificar a Alemanha. Seus herdeiros precisarão aguardar até 1871, quando Bismarck realiza uma revolução de cima, momento em que, em virtude do poderio econômico e da força militar da Prússia, a Alemanha se unifica como Estado forte, consolidando-se a sua trajetória rumo à modernização.”

MAGALHÃES, Marionilde D. B. de. A reunificação: enfim um país para a Alemanha? *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 14, n. 28, p. 102, 1994. (Adaptado)

Tendo-se como referência essas considerações, pode-se concluir que:

- a) o principal fator que possibilitou a unificação alemã foi o desenvolvimento econômico e social dos Estados germânicos, iniciado com o estabelecimento do Zollverein – liga aduaneira que favoreceu os interesses da burguesia.
- b) a unificação alemã atendeu aos interesses de uma aristocracia rural desejosa de formar um amplo mercado nacional para seus produtos, alicerçando-se na ideia do patriotismo cultural e do nacionalismo popular.
- c) na Alemanha, a unificação nacional ocorreu, principalmente, em virtude da formação de uma identidade coletiva baseada no idioma, na cultura e nas tradições comuns.
- d) na Alemanha, a unificação política pôde ultrapassar as barreiras impostas pela aristocracia territorial, que via no desenvolvimento industrial o caminho da modernização.

20. Unesp-SP

C3-H13

Antes de 1871, a Alemanha não era propriamente um país, mas um território politicamente dividido em trinta e nove pequenos estados. Porém, desde 1834, o seu mercado encontrava-se unificado através do Zollverein. E foi sobre esta base que se construiu o Império Alemão, em 1871.

- a) Cite o estado alemão que liderou a mencionada unificação.

- b) Esclareça no que consistiu o Zollverein.

AMÉRICAS NO SÉCULO XIX

38

UM PERÍODO DEFINIDOR

No século XIX, com o avanço do capitalismo industrial e dos vários nacionalismos, o mundo começava a mudar. Na Europa, como visto no último módulo, a unificação da Itália e da Alemanha, somadas à Comuna de Paris e aos movimentos operários, colocou o Velho Mundo em ebulição. No Novo Mundo, a expansão dos Estados Unidos, a Revolução Mexicana, a independência de Cuba e a Guerra do Pacífico foram alguns dos principais fatos que marcaram o século nas Américas. Foi um período definidor, que moldou o continente como o conhecemos hoje em dia.

É esse momento que você conhecerá melhor a seguir.

GRANGER HISTORICAL PICTURE ARCHIVE/ALAMY STOCK PHOTO



Charge que mostra o Tio Sam, símbolo dos Estados Unidos, sobre o mapa das Américas e segurando o chamado *big stick*. São duas doutrinas simbolizadas simultaneamente: a Doutrina Monroe ("A América para os americanos"), que recusava qualquer tipo de influência de países de fora do continente, especialmente europeus; e o Big Stick ("Fale manso, mas tenha um porrete forte"), que previa uma diplomacia aliada à força militar.

ESTADOS UNIDOS

No decorrer do século XIX, os Estados Unidos tornaram-se uma grande potência industrial, embora no plano internacional não exercessem influência importante. Para alcançar o poderio econômico e industrial, internamente, passou por conflitos e mudanças políticas, econômicas e territoriais.

O país experimentou um considerável aumento territorial em virtude de disputas, conflitos e compras, motivados pela migração interna e pela imigração europeia.

Entre suas principais anexações destacam-se:

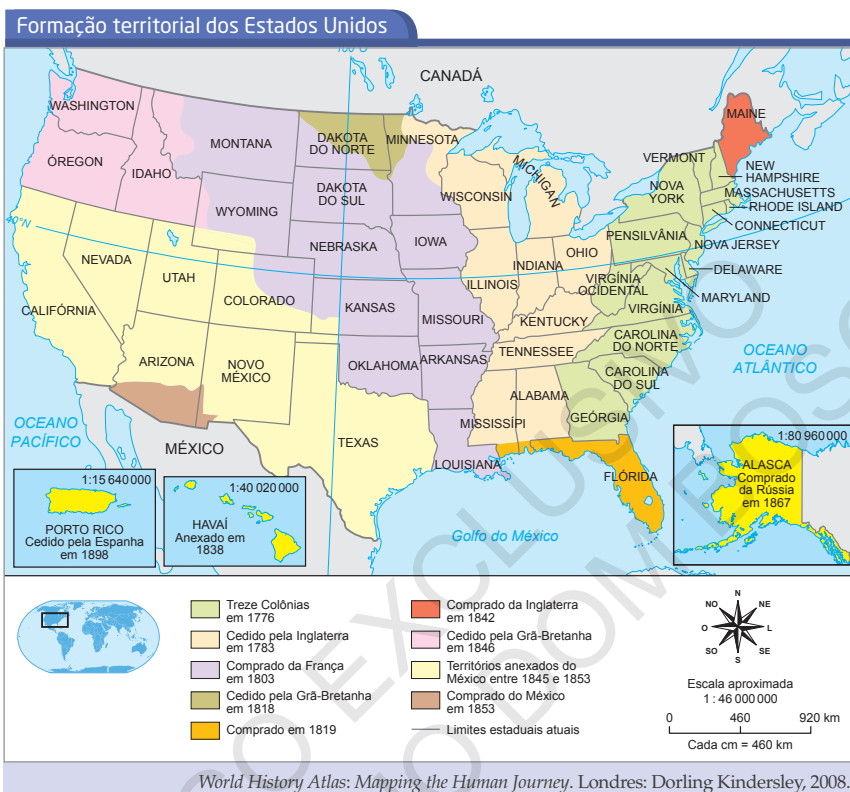
- compra da Louisiana, território adquirido da França (1803);
- compra da Flórida, que pertencia à Espanha (1819);
- anexação do Texas (1845), após colaborar com sua separação do México;
- anexação de Califórnia, Nevada, Utah, Arizona e Novo México pelo Tratado de Guadalupe Hidalgo, após disputa com o México (1848);
- anexação de Oregon (1846), território da Inglaterra;
- compra do Alasca, que pertencia à Rússia (1867);

- Um período definidor
- Estados Unidos
- México
- Cuba
- Pacífico

HABILIDADES

- Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.
- Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.
- Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

- anexação definitiva do Haváí (1898), depois de disputas que duraram cerca de cinquenta anos. Em 1959, o arquipélago transformou-se no quinquagésimo estado dos Estados Unidos.



O movimento das anexações, que ficou conhecido por Marcha para o Oeste (1848-1849), foi desencadeado pela corrida do ouro encontrado na Califórnia e incentivado com distribuição gratuita de terras aos colonos que se fixassem em um lote. A conquista foi empreendida por pioneiros que, usando de violência e contando muitas vezes com apoio militar, conseguiram quebrar a resistência das nações indígenas norte-americanas. Os poucos remanescentes indígenas do Oeste, sobreviventes do massacre, foram pouco a pouco empurrados das planícies para reservas do Estado. Essa era uma política deliberada do governo e sustentada pela ideologia do Destino Manifesto, segundo a qual os norte-americanos estavam predestinados a construir uma grande civilização no Novo Mundo e, para tanto, era fundamental ocupar os espaços pouco povoados do continente, imprimindo sua cultura. Os indígenas eram vistos como selvagens e foram reduzidos, tendo suas terras tomadas pelo “homem branco”.



Imagem indicativa da doutrina do Destino Manifesto, mostrando o caminho da civilização rumo ao Oeste. O telégrafo, o livro e as estradas de ferro representam o universo civilizado, que ganha terreno no mundo considerado inculto e selvagem, no qual estariam os indígenas e os animais não domesticados. Esse era o discurso sobre o qual se assentava a expansão territorial norte-americana.

O expansionismo dos Estados Unidos não se contentou apenas com a conquista do Oeste. A doutrina do Destino Manifesto pregava que o país fora escolhido pela providência divina para cumprir sua missão civilizadora. Com essa perspectiva, os norte-americanos conceberam a noção de fronteira como possibilidade de domínio sobre México, Antilhas, América Central continental e ilhas do Pacífico.

A ideologia do Destino Manifesto marcou a ação geopolítica norte-americana a partir de meados do século XIX, principalmente no governo de Theodore Roosevelt, o qual adotou uma posição imperialista tão contundente que ficou conhecida por Big Stick ou “Política do grande porrete”.

GRANGER HISTORICAL PICTURE ARCHIVE/ALAMY STOCK PHOTO



A charge representa o presidente Theodore Roosevelt impondo a Doutrina Monroe sobre o Mar do Caribe e os países caribenhos.

MÉXICO

A independência mexicana foi um processo iniciado em 1810, com grande apoio popular, que foi concluída apenas em 1821, como um movimento de elite. Em meados do século XIX, o México atravessava uma profunda crise política provocada pelas ferozes disputas pelo poder entre conservadores e liberais, ambos representantes da elite que tomou conta do país após sua independência. Nas mãos da elite agrária conservadora, o país estava sobrecarregado de dívidas. A crise atingiu o auge quando, em 1857, o liberal Benito Juárez assumiu o poder e promoveu profundas reformas no país, dando maior poder aos mestiços, em detrimento dos *criollos*, que até então detinham o poder.

Juárez negou-se a indenizar o clero pelas terras tomadas pelo Estado para uma tentativa de reforma agrária e também a assumir a dívida externa contraída pelos governos anteriores. Isso desagradou os conservadores do país, que, com o apoio da Inglaterra, da França e da Espanha, deram início a uma guerra civil. A força dos conservadores era superior à do grupo de Juárez e venceu a guerra ao tomar a capital mexicana. O lado vitorioso colocou um austríaco, Maximiliano, no poder em 1864.

Refugiando-se no norte do país, Juárez tentou organizar a resistência, enquanto o imperador Maximiliano, representante da única experiência monarquista nas

Américas fora do Brasil, não obteve a unidade nacional. A intervenção francesa não era bem-vista pelos Estados Unidos, que viam nela uma violação à Doutrina Monroe, expressa pela máxima “A América para os americanos”.

Perdendo o apoio da França, o imperador foi preso e fuzilado junto a alguns conservadores, sob o comando de Juárez. Terminava o curto império de Maximiliano. Em seu segundo governo, Juárez reduziu o poder do exército e iniciou um vasto programa social de governo. Após sua morte, em 1875, assumiu o poder o ditador Porfirio Díaz.



MELVYN LONGHURST/ALAMY STOCK PHOTO

Estátua de Benito Juárez, único presidente de origem indígena da história do México. Zocalo, Acapulco, México.

CUBA

Os esforços de Cuba para conquistar sua independência da Espanha começaram em 1850, quando agricultores nativos financiaram e dirigiram várias expedições contra as guarnições espanholas na ilha. A luta transformou-se na chamada Guerra dos Dez Anos.

Depois de uma revolta aberta em 1895 e do afundamento do navio norte-americano Maine, ancorado no Porto de Havana para proteger seus cidadãos, em 1898 os Estados Unidos entraram no conflito ao lado dos revolucionários, iniciando o breve e controvertido episódio conhecido como Guerra Hispano-Americana.

Em 1901, a independência foi garantida, embora, inicialmente, sob suposta proteção dos Estados Unidos, responsáveis pela Emenda Platt (revogada em 1934), implantada na Constituição de Cuba para dar aos norte-americanos o direito de intervir no país para preservar não só a independência, mas também a estabilidade do governo.

UTCON COLLECTION/ALAMY STOCK PHOTO



Avenida Carlos III, Havana, Cuba. Cartão-postal do fim do século XIX.

PACÍFICO

Ricos depósitos de guano e salitre existentes na América do Sul atraíram a Grã-Bretanha, grande importadora, usuária e revendedora desses produtos. Os chilenos não tiveram dificuldades em atrair capitais britânicos, interessados na exploração intensiva desses depósitos. Isso implicava receber apoio econômico e militar britânico.

Empresas inglesas, acobertadas pelo Chile, invadiram gradativamente a região, explorando e construindo uma ferrovia e concentrando-se no Porto de Antofagasta. Um incidente aduaneiro entre Chile e Bolívia foi o pretexto para um desembarque militar chileno no porto boliviano. As hostilidades estavam declaradas.

A Guerra do Pacífico eclodiu em 1879. Os bolivianos viram-se impossibilitados de locomover suas débeis forças até o Deserto de Atacama, já sob domínio chileno. O Peru entrou no conflito, objetivando vanta-

gens sobre a região. Com a vitória, o Chile obteve a rica região mineradora de cobre. O salitre fez aumentar as rendas nacionais e o governo devolveu aos empresários ingleses as jazidas expropriadas pelo governo peruano. No entanto, logo após a vitória chilena, registraram-se desavenças entre Chile e Inglaterra. O Deserto do Atacama, motivo do conflito entre Peru e Bolívia, era definitivamente uma região chilena, contudo, sua riqueza não perdurou. Os avanços tecnológicos encontraram uma forma de produzir nitratos, fixando o nitrogênio do ar, o que provocou uma queda vertiginosa das exportações de salitre e a conseqüente ruína da economia chilena.

Restou a miséria a ser repartida entre os contendores da Guerra do Pacífico. O Peru perdeu sua porção sul e a Bolívia ficou sem saída para o mar. As feridas do conflito não foram esquecidas e, até hoje, constituem-se em bandeiras do nacionalismo peruano e boliviano.

GRANGER HISTORICAL PICTURE ARCHIVE/ALAMY STOCK PHOTO



Gravura que representa a Guerra do Pacífico e mostra os peruanos destruindo as próprias embarcações para evitar que fossem capturadas pelos chilenos.

ROTEIRO DE AULA

AMÉRICAS NO SÉCULO XIX

Expansão dos Estados Unidos

- Guia ideológico: Destino Manifesto.
- 1803: Compra da Louisiana.
- 1819: Compra da Flórida.
- 1845: Anexação do Texas.
- 1846: Anexação de Oregon.
- 1848: Anexação de Califórnia, Nevada, Utah, Arizona e Novo México.
- 1898: Anexação do Havai.

Cuba

- Independência da Espanha: 1901.
- Emenda Platt: Emenda constitucional que permitia aos Estados Unidos controlar Cuba.

México

Sequência no comando do país:

- Benito Juárez chega ao poder.
- Nomeação de Maximiliano como imperador.
- Após a prisão e o fuzilamento de Maximiliano, Benito Juárez assume novamente.
- Com sua morte, Porfirio Díaz assume o comando do país.

Guerra do Pacífico

- Eclosão: 1879.
- Consequências:
- Queda na exportação de salitre e destruição da economia chilena.
 - O Peru perdeu sua porção sul e a Bolívia ficou sem saída para o mar.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. FGV-SP – Ao longo do século XIX, a chamada Marcha para o Oeste permitiu a expansão territorial dos Estados Unidos. Em relação a esse processo, assinale a alternativa correta:

- c) A expressão “Destino Manifesto” justificava o expansionismo, relacionando-o a uma espécie de missão civilizadora por parte dos estadunidenses.
- d) A expansão territorial foi impedida porque a população francesa da Louisiana se recusou a integrar a Federação americana.
- e) O governo mexicano reconheceu a superioridade civilizacional dos Estados Unidos e cedeu territórios como o Texas e a Califórnia.
- f) O regime de grande propriedade, predominante nos territórios do Oeste, atraiu grandes fluxos migratórios.
- g) A construção de estradas de ferro, que acelerou a expansão para o Oeste, foi possível graças à compra de terras indígenas.

A teoria do Destino Manifesto foi o grande símbolo e motor da expansão territorial dos Estados Unidos. Inclusive, servia para justificar a violência contra grupos indígenas, uma vez que os brancos estavam, supostamente, levando a civilização aos selvagens.

2. PUC-RJ – Assinale a alternativa que não caracteriza de modo correto o rápido processo de urbanização e modernização ocorrido nas Américas entre 1870 e 1920:

- a) Os Estados Unidos experimentaram, no período, uma industrialização em grande escala e altamente concentrada, acompanhada de rápida urbanização. A expansão comercial e financeira para além de suas fronteiras atingiu países vizinhos da América Central e Caribe.
- b) A urbanização e modernização aceleradas foram características visíveis nas capitais dos países latino-americanos que vinham se beneficiando do sucesso de suas economias agrário-exportadoras, como o México, a Argentina e o Chile.
- c) A sobrevivência da monarquia e a continuação da escravidão até 1888 impediram a urbanização, o acesso à modernização e ao progresso industrial de fins do século XIX no Brasil, cuja economia ainda dependia da produção cafeeira.
- d) A imigração em massa para as Américas de trabalhadores europeus pobres de distintas nacionalidades foi outro importante aspecto no processo de rápida modernização e industrialização em fins do século XIX e início do século XX.
- e) As propostas civilizatórias eurocêntricas que fizeram da raça um atributo negativo apenas dos povos não brancos foram admiradas pelas elites governantes das Américas, que não raro adotaram políticas de branqueamento para suas populações.

Entre 1870 e 1920, os Estados Unidos passaram por um processo de industrialização e urbanização, ocorreu a expansão urbana e a modernização do México e do Chile, a imigração para as Américas (especialmente para os Estados Unidos) e predominava uma visão preconceituosa quanto aos povos ameríndios. Por eliminação, a alternativa incorreta é a C.

3. Uerj-RJ – A tela de John Gast simboliza a difusão de progressos materiais, como as ferrovias e o telégrafo, nos EUA, no decorrer do século XIX.



Progresso americano (1872).

AUTRY NATIONAL CENTER, LOS ANGELES, ESTADOS UNIDOS

Essas mudanças contribuíram para a conquista de novos territórios e foram justificadas pelo seguinte conjunto de ideias:

- a) Doutrina Monroe.
- b) Política do Big Stick.
- c) Política da Boa Vizinhança.
- d) Doutrina do Destino Manifesto.

A doutrina do Destino Manifesto guiou os norte-americanos em seu processo de expansão territorial, que não respeitou povos indígenas nem grupos de populações mexicanas.

4. UnB-DF – Com relação à história da América Latina no século XIX, julgue o próximo item:

O século XIX foi marcado, no México, por dois períodos em que se tentou consolidar um regime político monárquico. Os dois imperadores mexicanos, Augustín de Iturbide e Maximiliano de Habsburgo-Lorena, compartilharam não só o fato de terem governado por períodos relativamente curtos, mas também o destino de terem sido executados após a sua deposição.

A afirmação está correta e é um bom resumo do que ocorreu nas duas

tentativas de movimentos contrarrevolucionários no México.

5. FGV-SP – Sobre o México e o seu processo de emancipação política, é correto afirmar:

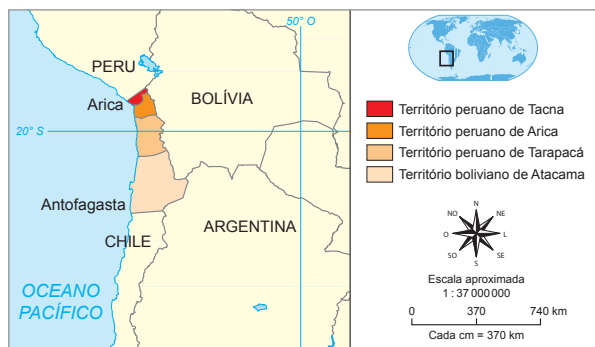
- a) foi iniciado em 1810, com forte caráter popular, e concluído em 1821, como um movimento de elite.
- b) foi o único movimento de independência política comandado por escravos, libertos e mestiços.
- c) foi inspirado no princípio de unidade latino-americana defendido por Simón Bolívar.
- d) serviu de referência para os demais movimentos emancipatórios americanos pelo seu republicanismo.
- e) foi marcado pela ausência de conflitos armados, ao contrário dos demais movimentos americanos.

A independência do México inicia-se com um caráter fortemente popular e termina comandada pela elite, que, depois, representada pelos partidos Conservador e Liberal, dominou a política do recém-criado país.

6. PUC-MG

C2-H6

Observe atentamente o mapa a seguir, de fins de 1880:



O mapa dado retrata:

- os territórios conquistados pelo Chile durante a Guerra do Pacífico, também conhecida como a Guerra do Salitre.
- as áreas cedidas à Inglaterra, potência imperialista na América Latina durante o século XIX, para exploração de cobre, nitrato, salitre e guano.
- os territórios do Peru, Bolívia e Chile disputados pelos franceses e ingleses, interessados nas reservas carboníferas e minerais da região.
- os pontos estratégicos reivindicados pelos Estados Unidos na área do Pacífico junto aos governos do Chile, Peru e Bolívia.
- os últimos territórios sob o domínio espanhol libertados pelos bolivianos, peruanos e chilenos em fins do século XIX.

Após a Guerra do Pacífico, o Chile ampliou seus territórios e fechou o acesso ao mar para a Bolívia.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Interpretar diferentes representações gráficas e cartográficas dos espaços geográficos.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Fuvest-SP – No século XIX, o surgimento do transporte ferroviário provocou profundas modificações em diversas partes do mundo, possibilitando maior e melhor circulação de pessoas e mercadorias entre grandes distâncias. Dentre tais modificações, as ferrovias:

- facilitaram a integração entre os Estados nacionais latino-americanos, ampliaram a venda do café brasileiro para os países vizinhos e estimularam a constituição de amplo mercado regional.
- permitiram que a cidade de Manchester se conectasse diretamente com os portos do sul da Inglaterra e, dessa forma, provocaram o surgimento do sistema de fábrica.
- facilitaram a integração comercial do Ocidente com o Extremo Oriente, substituíram o transporte de mercadorias pelo Mar Mediterrâneo e despertaram o sonho de integração mundial.
- permitiram uma ligação mais rápida e ágil, nos Estados Unidos, entre a Costa Leste e a Costa Oeste, chegando até a Califórnia, palco da famosa corrida do ouro.
- permitiram a chegada dos europeus ao centro da África, reforçaram a crença no poder transformador da tecnologia e demonstraram a capacidade humana de se impor à natureza.

8. Fuvest-SP – A ideia de ocupação do continente pelo povo americano teve também raízes populares, no senso comum e também em fundamentos religiosos. O sonho de estender o princípio da “união” até o Pacífico foi chamado de “Destino Manifesto”.

A concepção de “Destino Manifesto”, cunhada nos Estados Unidos da década de 1840:

- difundiu a ideia de que os norte-americanos eram um povo eleito e contribuiu para justificar o desbravamento de fronteiras e a expansão em direção ao Oeste.
- tinha origem na doutrina judaica e enfatizava que os homens deviam temer a Deus e respeitar a todos os semelhantes, independentemente de sua etnia ou posição social.

- baseava-se no princípio do multiculturalismo e impediu a propagação de projetos ou ideologias racistas no Sul e no Norte dos Estados Unidos.
- derivou de princípios calvinistas e rejeitava a valorização do individualismo e do aventureirismo nas campanhas militares de conquista territorial, privilegiando as ações coordenadas pelo Estado.
- defendia a necessidade de se preservar a natureza e impediu o prosseguimento das guerras contra indígenas, na conquista do Centro e do Oeste do território norte-americano.

9. Sistema Dom Bosco – Os Estados Unidos, como conhecemos hoje, são uma construção recente. A Marcha para o Oeste, com o discurso do Destino Manifesto, propunha-se a ocupar um espaço “vazio” e destinado aos cidadãos estadunidenses. Nesse sentido, a leitura que podemos fazer é:

- o desrespeito dos Estados Unidos aos direitos da Inglaterra, antiga metrópole.
- o conflito com a Rússia já era latente, por isso a importância da ocupação.
- o desejo de expandir as áreas com escravidão foi a única razão da ocupação do oeste.
- o Destino Manifesto é, na verdade, uma filosofia pacifista, pela qual se ocupavam espaços vazios para prevenir guerras.
- ao considerar o território a oeste como “vazio”, os estadunidenses ignoravam a presença das populações nativas, que foram dizimadas ou isoladas.

10. Unesp-SP

“Dado que o presidente eleito Donald Trump articulou uma visão coerente dos assuntos externos, parece que os Estados Unidos devem rejeitar a maioria das políticas do período pós-1945. Para Trump, a Otan é um mau negócio, a corrida nuclear é algo bom, o presidente russo Vladimir Putin é um colega admirável, os grandes negócios vantajosos apenas para nós, norte-americanos, devem substituir o livre-comércio.

Com seu estilo peculiar, Trump está forçando uma pergunta que, provavelmente, deveria ter sido levantada há 25 anos: os Estados Unidos devem ser uma potência global, que mantenha a ordem mundial – inclusive com o uso de armas, o que Theodore Roosevelt chamou, como todos sabem, de Big Stick?

Curiosamente, a morte da União Soviética e o fim da Guerra Fria não provocaram imediatamente esse debate. Na década de 1990, manter um papel de liderança global para os Estados Unidos parecia barato – afinal, outras nações pagaram pela Guerra do Golfo Pérsico de 1991. Nesse conflito e nas sucessivas intervenções norte-americanas na antiga Iugoslávia, os custos e as perdas foram baixos. Então, no início dos anos 2000, os americanos foram compreensivelmente absorvidos pelas consequências do 11 de setembro e pelas guerras e ataques terroristas que se seguiram. Agora, para melhor ou para pior, o debate está nas nossas mãos.”

Eliot Cohen. “Should the U.S. still carry a ‘big stick?’”. www.latimes.com, 18/1/2017. (Adaptado)

A chamada “Política do Big Stick”, desenvolvida pelo presidente norte-americano Theodore Roosevelt, manifestou-se por meio:

- a) do respeito ao princípio da autonomia e da independência dos povos nativos do continente americano.
- b) dos estímulos financeiros à recuperação econômica dos países latino-americanos, após a depressão econômica de 1929.
- c) das contínuas intervenções diretas e indiretas em assuntos internos dos países latino-americanos.
- d) da elevação das taxas alfandegárias na entrada de mercadorias europeias nos Estados Unidos, após a crise de 1929.
- e) da repressão às manifestações por direitos civis nos Estados Unidos da década de 1960.

11. Sistema Dom Bosco – Os Estados Unidos reconheceram a independência cubana, mas com a imposição da Emenda Platt, que permitia:

- a) o comando estadunidense na organização do exército cubano.
- b) o domínio econômico dos Estados Unidos sobre os cassinos e hotéis da ilha.
- c) a intervenção americana na política cubana e a criação de bases militares na ilha.
- d) que os Estados Unidos recolhessem impostos em Cuba.
- e) que os estadunidenses assumissem o comércio exterior cubano.

12. Ufscar-SP

“Se vendemos nossa terra a vós, deveis conservá-la à parte, como sagrada, como um lugar onde mesmo um homem branco possa ir sorver a brisa aromatizada pelas flores dos bosques. Assim consideraremos vossa proposta de comprar nossa terra. Se nos decidirmos a aceitá-la, farei uma condição: o homem branco terá que tratar os animais desta terra como se fossem seus irmãos.

Sou um selvagem e não compreendo outro modo. Tenho visto milhares de búfalos apodrecerem nas pradarias, deixados pelo homem branco que neles atira de um trem em movimento. Sou um selvagem e não compreendo como o fumegante cavalo de ferro possa ser mais importante que o búfalo, que nós caçamos apenas para nos mantermos vivos.”

Carta do chefe índio Seattle ao presidente dos Estados Unidos, que pretendia comprar as terras de sua tribo em 1855.

- a) Identifique uma diferença na maneira do chefe índio e dos brancos entenderem a relação entre o homem e a natureza.

- b) Explique as consequências, para a população indígena dos Estados Unidos, do contato com os brancos.

13. Unifesp-SP

“[...] os continentes americanos, pela condição livre e independente que assumiram e mantêm, não deverão, daqui por diante, ser considerados objetos de futura colonização por parte de quaisquer potências europeias [...]”

Mensagem da presidência dos Estados Unidos ao Congresso, em 1823.

Sobre essa mensagem, é correto afirmar que:

- a) tornou-se letra morta, pelo fato de esse mesmo governo iniciar uma política neocolonial no continente.
- b) alardeou os desígnios dos Estados Unidos no sentido de justificar sua futura dominação sobre a América Latina.
- c) nasceu da necessidade de o governo norte-americano ser aceito como parceiro no clube das potências da época.
- d) provocou entre as potências europeias uma perda de interesse pelo continente americano em geral.
- e) ficou conhecida como a Doutrina Monroe, a qual, naquele momento, expressava os interesses de toda a América.

14. Unesp-SP – A expansão territorial dos Estados Unidos, no século XIX, foi o resultado da compra da Luisiana francesa pelo governo central, da anexação de territórios mexicanos, da distribuição de pequenos lotes de terra para colonos pioneiros, da expansão das redes de estradas de ferro, assim como da anexação de terras indígenas. Esse processo expansionista foi ideologicamente justificado pela doutrina do Destino Manifesto, segundo a qual:

- a) o direito pertence aos povos mais democráticos e laboriosos.

- b) o mundo deve ser transformado para o engrandecimento da humanidade.
- c) o povo americano deve garantir a sobrevivência econômica das sociedades pagãs.
- d) as terras pertencem aos seus descobridores e primeiros ocupantes.
- e) a nação deve conquistar o continente que a Providência lhe reservou.

15. Fuvest-SP – A incorporação de novas áreas, entre 1820 e 1850, que deu aos Estados Unidos sua atual conformação territorial, estendendo-se do Atlântico ao Pacífico, deveu-se fundamentalmente:

- a) a um avanço natural para o Oeste, tendo em vista a chegada de um imenso contingente de imigrantes europeus.
- b) aos acordos com as lideranças indígenas, Sioux e Apache, tradicionalmente aliadas aos brancos.
- c) à vitória na guerra contra o México, que, derrotado, foi obrigado a ceder quase a metade de seu território.
- d) à compra de territórios da Inglaterra e Rússia, que assumiram uma posição pragmática diante do avanço norte-americano para o Oeste.
- e) à compra de territórios da França e da Espanha, que estavam, naquele período, atravessando graves crises econômicas na Europa.

16. Unesp-SP

“Nós, americanos, somos um povo peculiar, escolhido – o Israel de nosso tempo; carregamos a arca das liberdades do mundo [...]. Deus predestinou, e a humanidade espera grandes feitos da nossa raça; e grandes coisas sentimos em nossa alma. O resto das nações precisa, brevemente, estar na nossa retaguarda. Somos os pioneiros do mundo; a guarda avançada mandada através da terra virgem de coisas não experimentadas, para abrir no Novo Mundo um caminho que é nosso [...].”

MELVILLE, Herman. *White Jacket*, 1850.

Considerando o trecho do escritor norte-americano, responda:

- a) Que doutrina esse texto expressa?

- b) Tendo em vista o cenário internacional contemporâneo e a atuação dos EUA, é possível estabelecer alguma relação entre a atual política externa norte-americana e as ideias expressas no texto? Justifique sua resposta.

17. Unirio-RJ

“[...] era como se os Estados Unidos tivessem como objetivo uma missão civilizatória junto aos povos da América Latina.”

CROLY, Herbert. *The Promise of American Life*.

A consolidação do capitalismo nos Estados Unidos da América, ao longo do século XIX, identificou-se em seu processo de expansão territorial, que se relaciona corretamente com o(a):

- a) Destino Manifesto, que fundamentava a distinção política e econômica entre os estados sulistas escravocratas e os nortistas industriais.
- b) fim da Guerra Hispano-Americana, que acarretou a incorporação da Flórida, de Cuba e do Panamá.
- c) vitória no conflito contra o México, que resultou na anexação dos territórios do Texas, Novo México e Califórnia.
- d) marcha para o Pacífico, que estendeu o território americano até a Costa Oeste, com a invasão e a ocupação do Alasca e dos territórios do noroeste do Canadá.
- e) Doutrina Monroe, que ratificou a compra dos territórios franceses e ingleses na América, tais como a Luisiana e o Oregon.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Sistema Dom Bosco

C3-H15

O processo de independência de Cuba foi diferente das demais antigas colônias espanholas. Com base nisso, responda: Qual foi o país que apoiou e ampliou seu controle em Cuba e qual foi o motivo da intervenção?

19. UFRRJ-RJ

C2-H7

1899 – Nova Iorque – Mark Twain propõe mudar a bandeira

“[...] Em plena euforia imperial, os Estados Unidos celebram a conquista das ilhas do Havá, Samoa e as Filipinas,

Cuba, Porto Rico e uma ilha que se chama, eloquentemente, dos Ladrões. O Oceano Pacífico e o Mar das Antilhas viraram lagos norte-americanos, e está nascendo a United Fruit Company; mas o escritor Mark Twain, velho estraga-festas, propõe que se mude a bandeira nacional: que sejam negras, diz, as listras brancas, e que umas caveiras com tábias cruzadas substituam as estrelas. [...]”

GALEANO, Eduardo. *As caras e as máscaras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 341.

Há exatos cem anos, os Estados Unidos da América estavam inseridos em um processo de dominação territorial e econômica que afetou, igualmente, as grandes potências europeias e o Japão.

a) Nomeie esse processo e cite uma de suas principais características econômicas.

b) Explique as razões de Mark Twain para sua proposta.

20. Unesp-SP (adaptado)

C3-H11

“Precisamos manter para sempre o princípio de que só o povo deste continente tem o direito de decidir o próprio destino. Se, porventura, uma parte desse povo, constituindo um Estado independente, pretendesse unir-se à nossa Confederação, esta seria uma questão que só a ele e a nós caberia determinar, sem qualquer interferência estrangeira.”

Primeira mensagem anual do presidente Polk ao Congresso dos Estados Unidos. In: SYRETT, H. C. (Org.). *Documentos históricos dos Estados Unidos*, Cultrix, s/d.

O discurso acima, de 2 de dezembro de 1845, reafirmava a crença do presidente Polk na expansão do território americano. O conjunto de ideias que melhor explicita essa crença é:

- a)** o New Deal.
- b)** a Doutrina Truman e o New Deal.
- c)** o Destino Manifesto e a Doutrina Monroe.
- d)** a Política de Boa Vizinhança e o Destino Manifesto.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO

IMPERIALISMO

A COLONIZAÇÃO CAPITALISTA

Estudamos o colonialismo levado a cabo pelas primeiras potências europeias a se unificar, as quais lançaram-se ao mundo com as Grandes Navegações. Esse processo teve como consequências a acumulação de capital, que permitiu o desenvolvimento do capitalismo moderno; as ideias iluministas, que deram as bases intelectuais das revoluções que ocorreram na Europa; e as inovações da Revolução Industrial, que transformaram a forma de se relacionar com o mundo, inaugurando um período mais urbano que agrícola.

É nesse contexto que acontecem as últimas unificações na Europa – Alemanha e Itália – lideradas justamente pelas burguesias industriais. E, na esteira desse processo, a Europa fica pequena para esses donos de indústrias. Consequentemente, essa questão vira um problema de Estado. Alimentadas pelo nacionalismo que vinha sendo construído desde o início do século XIX, as nações europeias começaram a disputar territórios pelo mundo em uma nova onda de colonizações. É o neocolonialismo ou imperialismo, que estudaremos a seguir.



Charge de 1876 que simboliza o imperialismo capitalista e representa dois gigantes disputando a posse da Ásia.

- A colonização capitalista
- Neocolonialismo
- Partilha da África
- Imperialismo europeu na Ásia

HABILIDADES

- Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.
- Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.
- Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

NEOCOLONIALISMO

O agigantamento do capitalismo fez surgir o excedente de capitais. Assim, boa parte desse capital deixou seus países de origem em busca de melhores oportunidades lucrativas em outras áreas, especialmente nas regiões menos desenvolvidas da África, da Ásia e da América Latina, haja vista que dispunham de matérias-primas, mão de obra barata, fontes de energia e mercados consumidores.

Também havia a necessidade de aplicação dos capitais excedentes da economia industrial e de obtenção de bases estratégicas visando à segurança do comércio marítimo nacional. Por esses motivos, Inglaterra, França, Alemanha, Itália, Japão e Rússia converteram-se em países imperialistas e acabaram por repartir o mundo colonial entre si: África, Ásia e Oceania.

Para justificar os movimentos de dominação, as nações com ambições imperialistas adotaram um discurso de caráter humanitário e desenvolvimentista. Segundo o historiador Héctor Bruit:

A política colonizadora imperialista fundamentou-se na diplomacia do canhão, ou seja, foi conseguida pela força, embora travestida de ideais que a justificavam: os colonos eram portadores de uma “missão civilizadora, humanitária, filantrópica e cultural” e estavam investidos de altruísmo, já que abandonavam o conforto da metrópole para “melhorar” as condições de vida das regiões para onde se dirigiam. A missão civilizadora era considerada a “carga do homem branco”, nova versão do pretexto ideológico do século XVI, “levar a fé cristã aos infiéis da América”. Tanto no século XVI como no século XIX, o que ocorreu, na verdade, foi a intensificação do mecanismo de exploração internacional.

O colonialismo do século XIX, permeado pelo ideal de supremacia econômica e cultural, formulou o mito da superioridade racial, incluindo concepções pseudocientíficas que enalteciam os brancos e a exploração imperialista. Por esse motivo, destacou-se a doutrina racista do filósofo inglês H. Spencer, conhecida por darwinismo social.

Segundo Spencer, a Teoria da Evolução, de Darwin, podia ser perfeitamente aplicada à evolução da sociedade: assim como existia uma seleção natural entre as espécies, com o predomínio dos animais e plantas mais capazes, ela existia também na sociedade: “A luta pela sobrevivência entre os animais correspondia à concorrência capitalista; a seleção natural não era nada além da livre troca dos produtos entre os homens; a sobrevivência do mais capaz, do mais forte, era demonstrada pela forma criativa dos gigantes da indústria, que engoliam os competidores mais fracos, em seu caminho para o enriquecimento”.

BRUIT, Héctor. *O imperialismo*. São Paulo: Atual, 1986. p. 9.

PARTILHA DA ÁFRICA

Até o fim do século XVIII, o continente africano era um gigante desconhecido pelos europeus. No século XIX, o ímpeto imperialista favoreceu as incursões exploratórias do interior do continente. A produção industrial avançava em muitas regiões europeias, como França, Países Baixos e Prússia, além da Inglaterra. Esse processo se acelerou e se expandiu com a unificação da Itália e da Alemanha, estabelecendo Estados nacionais formados a partir de 1870, sob a liderança da burguesia industrial, comercial e financeira, que reunia condições necessárias para consolidar sua produção industrial.

O Estado nacional, controlado pela burguesia, passava a fomentar e a facilitar a industrialização à medida que permitia o controle de áreas coloniais capazes de absorver parte da produção e, ao mesmo tempo, fornecer matérias-primas. Com isso em vista, a dominação e a exploração do continente africano foram perpetradas pelas principais nações europeias.



Charge de 1899 que simboliza o imperialismo na África. A imagem mostra o Tio Sam (representando os Estados Unidos) e uma sequência de três europeus sendo carregados por africanos.

A França, por exemplo, dominou e colonizou a Argélia em 1830. Em 1876, Leopoldo II da Bélgica organizou, em Bruxelas, um congresso de delegados das sociedades científicas de toda a Europa, no qual seriam discutidas ações filantrópicas e científicas para ajudar a África.

O congresso foi, na verdade, uma articulação política: no encerramento, Leopoldo II propôs a criação de um comitê que prosseguisse com o trabalho da conferência e se dispôs a ser o presidente. Foi criada, então, a Associação Internacional Africana e, depois, o Comitê de Estudos do Alto Congo para iniciar a

exploração e a conquista do Congo africano. Um dos principais contribuintes era o próprio rei Leopoldo II, que posteriormente arrogou-se proprietário particular do Congo.



Os demais países europeus lançaram-se em uma acirrada disputa imperialista que culminou com a Conferência de Berlim (1885), quando o continente africano foi literalmente dividido entre as nações imperialistas europeias. O governo francês já vinha estabelecendo entrepostos dedicados ao comércio de escravos em regiões como o Senegal, mas só fundou verdadeiras colônias no século XIX, com a invasão da Argélia (1830) e o estabelecimento de protetorados na Tunísia (1881) e no Marrocos (1912). No interior do continente, fundou o Sudão francês (1880), atual Mali, além de ocupar vastas áreas da África Ocidental e Central, que correspondem aos atuais Camarões, Togo, Senegal e Congo, entre outras.

O Império Britânico alimentava o sonho de construir um território contínuo que cortasse a África de norte a sul, o que afinal ocorreu na Conferência de Berlim (1885), criando um verdadeiro corredor inglês na África, entre o Cairo (atual Egito) e a colônia do Cabo (atual África do Sul), território ocupado pelos bôeres, designação dos colonos de origem holandesa que habitavam o extremo sul da África.

Apesar de o Império Britânico dominar o Cabo desde 1814, isso não significava o controle completo do extremo sul da África, o que só ocorreu com a Guerra dos Bôeres, estimulada pela descoberta de diamantes em áreas ocupadas por esses colonos, como Transvaal, Orange e Natal.

Os holandeses venceram um primeiro conflito (1880-1881), mas as tropas inglesas os derrotaram entre 1889 e 1902 e anexaram as regiões bôeres à colônia do Cabo. Dessa forma, surgiu uma nova colônia sob domínio inglês, a União Sul-Africana, em 1910, com elevado grau de autonomia.

Alemanha e Itália, excluídas da partilha territorial em função de seu processo de unificação interna, também precisavam de mercados para sua crescente produção industrial.

O acirramento das disputas territoriais, sobretudo a partir de 1870, resultou na organização da Conferência de Berlim (1885), quando buscou-se equilibrar a distribuição do território africano entre as nações industrializadas. Apesar de contemplar algumas demandas alemãs, o evento não foi suficiente para conter as tensões políticas que estavam surgindo.

Participaram da Conferência de Berlim, organizada por Bismarck, todas as grandes nações industrializadas da Europa, como Portugal e Espanha, que detinham territórios na África. Participaram também os Estados Unidos – na condição de potência emergente – e o Império Otomano, com inúmeros interesses no norte do continente africano.

O congresso manteve as antigas colônias ibéricas e ratificou os domínios territoriais da Inglaterra, da França e de outros países. Também atendeu aos interesses da Alemanha, que não possuía territórios na África, mas passou a controlar o sudoeste (atual Namíbia) e Tanganica.

A partilha da África, consumada pela conferência, incidiu sobre territórios há séculos ocupados por populações africanas, sem respeitar as relações históricas ou étnicas dos envolvidos, criando Estados artificiais até hoje responsáveis por boa parte dos conflitos desse continente.

A conferência solucionou apenas parcialmente o problema da divisão territorial e não cessou a corrida imperialista, como a questão do Marrocos bem o demonstrou. O imperador alemão Guilherme II, em visita à cidade de Tânger (1905), defendeu a independência do Marrocos do domínio francês, gerando a Primeira Crise do Marrocos, solucionada na Conferência de Algeiras (1906), que estabeleceu o controle de seis portos pelo sultão do Marrocos, sob inspeção francesa. A Segunda Crise do Marrocos (1911) foi desencadeada pelo deslocamento do navio de guerra alemão Panther para o Porto de Agadir. O conflito só foi superado pelo Tratado de Fez, que cedeu o território do Médio Congo (atual Camarões) à Alemanha em troca do reconhecimento da soberania francesa no Marrocos.

O extraordinário desenvolvimento industrial e a agressiva política externa da Alemanha colocavam em risco os interesses da Inglaterra e da França. Em poucas

décadas, os germânicos conseguiram aumentar sua produção de aço e carvão, avançando sobre mercados franco-britânicos. Rival da Inglaterra desde os tempos medievais, a França fora derrotada pela Prússia na Guerra Franco-Prussiana.

A aproximação entre França e Inglaterra contra um inimigo comum – a Alemanha – e o estabelecimento de alianças entre os estados europeus, na chamada Política de Alianças, instituíram novas composições de forças com a formação da Tríplice Entente e da Tríplice Aliança. Disputas imperialistas na África geraram diversos conflitos diplomáticos entre as metrópoles envolvidas, constituindo-se um dos principais fatores que levaram à eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914).



The Rhodes Colossus (1892), de Edward Linley. A ilustração retrata o explorador britânico Cecil Rhodes ligando, por meio de cabos telegráficos, a Cidade do Cabo, no extremo sul da África, ao Cairo, no Egito. A imagem representa as pretensões do Império Britânico sobre o território africano.

IMPERIALISMO EUROPEU NA ÁSIA

Assim como a África, exceto por algumas ilhas e regiões costeiras, a maior parte da Ásia manteve-se isolada dos europeus até o século XIX. Somente alguns portos estavam abertos aos comerciantes ocidentais, que ali recebiam produtos orientais para vendê-los no Ocidente.

O interior do continente asiático permaneceu alheio às influências ocidentais. Essa situação modificou-se radicalmente no transcórrer do século XIX, no contexto da expansão imperialista. Interessados no imenso mercado asiático, países ocidentais passaram do simples

comércio portuário para a política de zonas de influência, promovendo uma verdadeira partilha.

A Rússia era a principal interessada na expansão territorial pela Ásia, pois a maior parte de seu território localiza-se nesse continente. Os russos chocaram-se com os ingleses na Ásia Central e com o Japão na Manchúria, depois da construção da estrada de ferro de Moscou a Vladivostok, na China. Mesmo assim, a industrialização que se seguiu na Rússia não foi generalizada, ou seja, o país ainda permaneceu longe de atingir o nível industrial de outras nações no mesmo período.

A influência britânica na Ásia tornou-se cada vez maior, sobretudo após a vitória inglesa na Guerra dos Sete Anos (1763). Após o conflito, que determinou a supremacia britânica na região, uma companhia inglesa foi encarregada da exploração comercial. Por meio de acordos comerciais, alianças e intervenções militares nos remanescentes estados indianos, a Inglaterra estabeleceu o controle econômico e, posteriormente, político sobre esse território, pois a bem-sucedida repressão inglesa na Revolta dos Cipayos (nativos que serviam nos exércitos coloniais) em 1858 fez com que Índia, Paquistão, Bangladesh e Sri Lanka fossem integrados ao Império Britânico no século XIX; e Birmânia, Afeganistão e Tibete no início do século XX. A dominação inglesa levou a economia local (quase sempre doméstica e de subsistência) à destruição. A fome assolou a numerosa população do país. Entre 1827 e 1850, morreram 5 milhões de pessoas vítimas da fome; e entre 1875 e 1900, 26 milhões.

Alguns anos atrás, a Companhia das Índias Orientais recebia anualmente da produção dos teares da Índia uma quantidade de peças de pano que variava entre 6 milhões e 8 milhões. Pouco a pouco, a demanda se reduziu a pouco mais de um milhão de peças e, atualmente, quase cessou por completo. Terríveis são os relatos da desgraça dos pobres tecelões indianos, reduzidos à total miséria. E qual foi a causa exclusiva? A presença da manufatura inglesa mais barata. Muitos deles morreram de fome; os restantes foram, em sua maioria, transferidos para outras ocupações, principalmente agrícolas. As musselinas de Dacca, célebres no mundo inteiro por sua beleza e excelência, estão quase aniquiladas pela mesma razão.

DISCURSO proferido pelo Dr. Browning no Parlamento britânico (1835). In: MORTON, Arthur Leslie. *A história do povo inglês*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. p. 408.

Na China, onde o ópio há muito era utilizado como medicamento, a penetração britânica foi facilitada pela disseminação da droga pelos ingleses. A reação chinesa foi o estopim do processo que levou à Guerra do

Ópio (1841-1842), que abriu aos produtos ingleses os portos de Xangai e Nanquin, além de tornar Hong Kong um protetorado inglês.

COLEÇÃO PARTICULAR



A charge foi publicada no jornal francês *Le Petit*, em janeiro de 1898, no auge do imperialismo europeu. A imagem mostra o imperador chinês desesperado com a divisão da “torta da China” pelas potências imperialistas.

A reação contra a dominação estrangeira partiu de uma organização xenófoba, a Sociedade dos Boxers, que promovia atentados contra estrangeiros residentes na China. Os países europeus organizaram uma expedição conjunta para punir o movimento e o governo

chinês que o apoiava. Dessa ação originou-se a Guerra dos Boxers (1900-1901), que completou a dominação da China pelas potências ocidentais.



MICHAEL NICHOLSON/CORBIS/GETTY IMAGES

Tropas do exército indiano britânico, parte da expedição militar europeia enviada à China durante a Guerra dos Boxers. A expedição contou com a participação do Império Alemão, do Império Austro-Húngaro, dos Estados Unidos, da França, da Grã-Bretanha, da Itália, do Japão e da Rússia.

MATERIAL DE USO
SISTEMA DE ENSINO

ROTEIRO DE AULA

IMPERIALISMO OU NEOCOLONIALISMO

Razões

Expansão do capitalismo e busca de novos mercados. Alocação de capitais e dominação de áreas economicamente menos desenvolvidas.

Discurso de base

Ajuda humanitária e auxílio no desenvolvimento dos países mais pobres.

Partilha da África

A Conferência de Berlim, liderada por Leopoldo da Bélgica, dividiu o continente entre as potências europeias.

Partilha da Ásia

A Ásia passou séculos afastada da Europa, geográfica e comercialmente. Após a Guerra dos Boxers, foi ampliado o controle ocidental na região. A Inglaterra foi o país que mais ampliou seus domínios na região no período imperialista, com colônias na Índia e ampliação da influência na China.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. UCS-RS – Sobre o imperialismo ocorrido durante os séculos XIX e XX, é correto afirmar que uma de suas principais características foi:

- a) ser um fenômeno essencialmente econômico que em nada afetou o cotidiano dos povos subjugados.
- b) ficar restrito ao continente africano, a partir do advento conhecido como “Partilha da África”.
- c) representar um acordo entre as potências capitalistas, visando dividir, de forma pacífica e ordeira, os mercados mundiais.
- d) permitir a expansão econômica e política em escala mundial das economias capitalistas, assegurando o controle de vastos mercados consumidores.
- e) ser um empreendimento europeu e cristão, procurando levar o processo civilizatório para os povos da África e da América.

A resposta da questão é uma definição clássica do imperialismo, um processo de expansão econômica dos primeiros países que desenvolveram grandes parques industriais e que foram, nesse contexto, os primeiros grandes capitalistas do mundo e difusores de um crescente processo de globalização. Disso decorreu a divisão internacional do trabalho, que relegou os países mais pobres a serem exportadores de matéria-prima bruta enquanto outros, mais ricos, ficavam responsáveis pela produção industrial.

2. Unesp-SP

“A África só começou a ser ocupada pelas potências europeias exatamente quando a América se tornou independente, quando o antigo sistema colonial ruiu, dando lugar a outras formas de enriquecimento e desenvolvimento das economias mais dinâmicas, que se industrializavam e ampliavam seus mercados consumidores. Nesse momento foi criado um novo tipo de colonialismo, implantado na África a partir do final do século XIX [...]”

MELLO E SOUZA, Marina de. *África e Brasil africano*, 2007.

O “novo tipo de colonialismo”, mencionado no texto, tem, entre suas características:

- a) a busca de fontes de energia e de matérias-primas pelas potências europeias, associada à realização de expedições científicas de exploração do continente africano.
- b) a tentativa das potências europeias de reduzir a hegemonia norte-americana no comércio internacional e retomar a posição de liderança na economia mundial.
- c) o esforço de criação de um mercado consumidor global, sem hierarquia política ou prevailecimento comercial de um país ou continente sobre os demais.
- d) a aquisição de escravos pelos mercadores africanos, para ampliar a mão de obra disponível nas colônias remanescentes na América e em ilhas do Oceano Pacífico.
- e) o estabelecimento de alianças políticas entre líderes europeus e africanos que favorecessem o avanço militar dos países do Ocidente europeu na Primeira Guerra Mundial.

O novo colonialismo a que o texto se refere, também chamado de neocolonialismo ou imperialismo, foi um grande processo de expansão do poder econômico europeu sobre o mundo, com um movimento paralelo dos Estados Unidos expandindo seu domínio sobre a América. O que a alternativa correta descreve é a divisão internacional do trabalho decorrente do imperialismo.

3. FGV-RJ

“Em nome do direito de viver da humanidade, a colonização, agente da civilização, deverá tomar a seu encargo a valorização e a circulação das riquezas que possuídores fracos detenham sem benefício para eles próprios e para os demais. Age-se, assim, para o bem de todos. [...] [A Europa] está no comando e no comando deve permanecer.”

SARRAULT, Albert. *Grandeza y servidumbres coloniales*. Apud Hector Bruit. *O imperialismo*, 1987. p. 11.

A partir do fragmento, é correto afirmar que:

- a) a partilha afro-asiática da segunda metade do século XIX, liderada pela Inglaterra e França, fruto da expansão das relações capitalistas de produção, garantiu o controle de matérias-primas estratégicas para a indústria e a colonização como missão civilizadora da raça branca superior.
- b) o velho imperialismo do século XVI foi produto da revolução comercial pela procura de novos produtos e mercados para Portugal e Espanha, que, por meio do exclusivo metropolitano e do direito de colonização sobre os povos inferiores, validava os superlucros da exploração colonial.
- c) o novo imperialismo da primeira metade do século XIX, na África e Oceania, consequência do capitalismo comercial, impôs o monopólio da produção colonial, em especial, para a Grã-Bretanha, que, de forma pacífica, defendeu o direito de colonização sobre os povos inferiores.
- d) o colonialismo do século XVI, na África e na Ásia, tornou essas regiões fontes de matérias-primas e mercados para a Europa, em especial, Alemanha e França, que, por meio da guerra, submeteram os povos inferiores e promoveram a industrialização africana.
- e) a exploração da África e da Ásia na segunda metade do século XVII pelas grandes potências industriais foi um instrumento eficaz para a missão colonizadora daquelas áreas atrasadas e ampliou o domínio europeu em nome do progresso na medida em que implantou o monopólio comercial.

Um dos grandes interesses dos países imperialistas era garantir a compra de matérias-primas por preços muito baixos e, posteriormente, vender bens industrializados a altos preços. É essa dinâmica econômica que está descrita na alternativa correta.

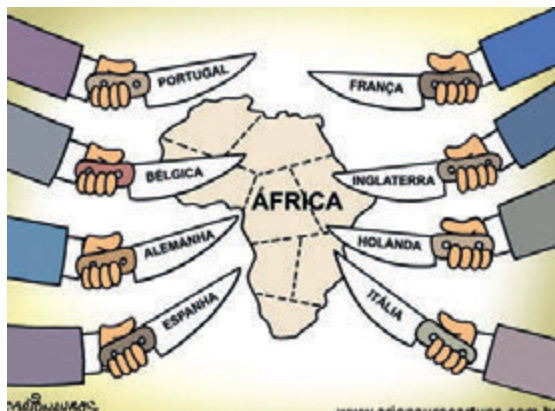
4. PUC-RJ – Ao longo do século XIX, diversos países praticaram uma política de expansionismo imperialista que interferiu na trajetória histórica de sociedades em todos os continentes. Sobre esse processo, assinale a única alternativa correta:

- a) O expansionismo, nesse momento, estava associado ao desenvolvimento da industrialização e à expansão do capital financeiro, o que significava ampliar o mercado consumidor, garantir o controle sobre áreas fornecedoras de matérias-primas estratégicas e encontrar novas áreas de investimento.
- b) A principal justificativa desse expansionismo foi a ideia de civilização, tendo os povos conquistados acolhido os conquistadores como seus salvadores frente a um destino de pobreza e miséria.
- c) A relação econômica entre a metrópole e a colônia estava baseada na prática do monopólio comercial que os primeiros exerciam sobre os segundos.

- d) O controle das áreas coloniais nesse momento obedecia a uma lógica econômica e, por isso, não houve significativos deslocamentos de população entre as regiões metropolitanas e coloniais.
- e) A resistência ao colonialismo no século XIX foi vitoriosa, pois as populações locais conseguiram articular alianças políticas e militares que impediram a vitória das potências industriais.

5. Ufal-AL (adaptado)

C2-H7



A charge se refere ao processo de partilha da África, realizada na Conferência de Berlim (1884-1885). Esse processo foi responsável por diversos conflitos no continente, pois:

- a) atendeu aos interesses imperialistas europeus e destinou a maior parte do Saara aos povos africanos.
- b) não levou em consideração as diferenças étnicas e culturais e os interesses dos povos locais.
- c) destinou aos EUA as terras mais ao sul do continente, ricas em ouro e diamantes.
- d) não atendeu aos interesses da Turquia, berço do Império Otomano, deflagrando vários conflitos no norte do continente.
- e) resumiu a partilha a quatro países: França, Inglaterra, Alemanha e Bélgica.

A divisão da África pelas potências europeias seguiu os interesses das nações imperialistas, não dos povos dominados. Tratava-se de uma queda de braço entre franceses, alemães, italianos e belgas, entre outras potências. As diferenças gritantes (que ainda existem) em um continente tão diverso como a África não foram respeitadas, o que traz problemas aos países africanos até hoje.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.

6. Fuvest-SP – Leia este texto, que se refere à dominação europeia sobre os povos e terras africanas:

“Desde o século XVI, os portugueses e, trezentos anos mais tarde, os franceses, britânicos e alemães souberam usar os povos [africanos] mais fracos contra os mais fortes que desejavam submeter. Aliaram-se àqueles e somaram os seus grandes números aos contingentes, em geral pequenos, de militares europeus.”

COSTA E SILVA, Alberto da. *A África explicada aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. p. 98.

- a) Diferencie a presença europeia na África nos dois períodos aos quais o texto se refere.

No século XVI, a presença europeia na África buscava manter a economia mercantilista. No caso das colônias africanas, serviram para o abastecimento do tráfico de escravizados e o acúmulo de metais preciosos. Já no século XIX, em um contexto de avanço do imperialismo, o processo de dominação política tinha como objetivo a exploração de matéria-prima e mão de obra baratas e a expansão do mercado consumidor de bens industrializados.

- b) Indique uma decorrência, para o continente africano, dessa política colonial de estimular conflitos internos.

A política europeia de “dividir para dominar” levou diversos territórios a um processo de disputa interna pelo poder entre etnias rivais, cuja existência foi ignorada pelos europeus ao fazer as divisões. A exploração econômica predatória dos europeus, que não desenvolveu estruturas que permitissem aos povos conquistados se desenvolverem de forma independente, também colaborou de forma negativa. Como resultado, muitas guerras civis e desestruturação econômica e política, que perduram até os dias de hoje.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. PUC-RJ



HISTORIC IMAGES/ALAMY STOCK PHOTO

A Doutrina Monroe

John J. Johnson, *Latin America in Caricature*. Austin: Un. of Texas Press, 1980. p. 55.

Sobre o significado e os acontecimentos do período histórico representado na charge, é incorreto afirmar:

- que as diretrizes da doutrina retratada na charge foram fixadas pelo presidente dos EUA, James Monroe, em 1823, no contexto da restauração monárquica na Europa e das tentativas da Espanha de recuperar o poder que perdia em suas colônias americanas.
- que a doutrina retratada na charge afirmava que os EUA não permitiriam a recolonização da América recém-independente pelas potências europeias a partir de intervenções do Congresso de Viena.
- que, neste contexto, os EUA defendiam o direito dos povos americanos à autodeterminação nacional, traduzido na frase "A América para os americanos".
- que, com a doutrina retratada na charge, declarou-se que os Estados Unidos não tinham nenhuma pretensão sobre as colônias ou dependências de quaisquer potências europeias.
- que a doutrina retratada na charge foi o ponto mais alto de uma era que celebrou a força, a prosperidade econômica e a consolidação da independência dos Estados Unidos.

8. Uerj-RJ (adaptado)



HERCÉ. *Tintim na África*. Rio de Janeiro: Record, 1975. (Adaptado)

Na década de 1930, foi publicada a primeira edição da história em quadrinhos em que o personagem Tintim, um jovem repórter belga, faz uma expedição ao Congo, colônia do seu país na época.

Com base na imagem, nota-se que Tintim simbolizava as práticas de colonização europeia na África, associadas à política de:

- integração étnica.
- ação civilizadora.
- cooperação militar.
- proteção ambiental.

9. UFT-TO

"A Conferência de Berlim (1884-1885) é o grande marco da expansão do processo de 'roedura' do continente iniciado por volta de 1430 com a entrada portuguesa na África."

HERNANDES, Leila L. *A África na sala de aula*. São Paulo: Selo Negro, 2005. (Adaptado)

O chamado processo de "roedura" é uma metáfora utilizada para compreender as relações de dominação entre a Europa e a África. Essas relações estavam ligadas:

- à expansão marítima e comercial europeia que levou os europeus a conquistarem a América e a África no século XV, estabelecendo grandes colônias nesses continentes.
- a um processo de longa duração, iniciado por volta de 1430 por meio de contatos comerciais, que se tornaram dominação territorial efetiva somente depois de 1885 com a ocupação do continente pelas potências europeias.
- à longa permanência de colônias europeias na África, colônias essas que se mantiveram mesmo depois das independências da América e foram legalmente reconhecidas pela Conferência de Berlim.
- à conquista portuguesa do Congo em 1430, o que marcou o início do processo de colonização desse continente pelas potências europeias e levou os europeus a darem continuidade ao processo de expansão marítima e comercial.
- às discussões seculares sobre a legitimidade da presença imperial europeia na África e que foram regulamentadas apenas na Conferência de Berlim de 1884-1885.

10. Uerj-RJ

"A palavra 'imperialismo', no sentido moderno, desenvolveu-se primordialmente na língua inglesa, sobretudo depois de 1870. Seu significado sempre foi objeto de discussão, à medida que se propunham diferentes justificativas para formas de comércio e de governo organizados. Havia, por exemplo, uma campanha política sistemática para equiparar imperialismo e 'missão civilizatória'."

WILLIAMS, Raymond. *Um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007. (Adaptado)

No final do século XIX, os europeus defendiam seus interesses imperialistas nas regiões africanas e asiáticas, justificando-os como missão civilizatória. Uma das ações empreendidas pelos europeus como missão civilizatória nessas regiões foi:

- aplicação do livre-comércio.
- qualificação da mão de obra.
- padronização da estrutura produtiva.
- modernização dos sistemas de circulação.

11. UFRN-RN – Na Copa do Mundo de Futebol de 2010, realizada na África do Sul, muitos brasileiros ficaram surpresos ao saberem que várias nações do continente africano, como Costa do Marfim, Nigéria, Gana e o próprio país sede do evento, apresentavam influências linguísticas europeias. Isso ficava evidente, por exemplo, nos nomes dos jogadores estampados nas camisetas e nos hinos nacionais, cantados em inglês ou francês. Essas influências da Inglaterra e da França na África são resultantes:

- a) da expansão do cristianismo, estimulado pelos propósitos das Cruzadas.
- b) do neocolonialismo do século XIX, no contexto da Segunda Revolução Industrial.
- c) da globalização, que promoveu o intercâmbio cultural mundial no século XX.
- d) do tráfico negreiro, que implantou colônias europeias no continente africano.

12. Udesc-SC – O imperialismo, ou neocolonialismo, como também é conhecido, é constituído por práticas dos Estados nacionais, que pretendem colocar-se como expansores de seus domínios, controlando outras nações supostamente imaginadas como mais frágeis e até mesmo menos civilizadas. Sobre o imperialismo das últimas décadas do século XIX, é correto afirmar que:

- a) o Brasil foi colaborador da política imperialista na África.
- b) os países latino-americanos, no final do século XIX, em sua maioria ainda colônias das metrópoles, também sofreram com o neocolonialismo.
- c) os Estados Unidos foram o Estado mais ostensivo em sua política imperialista no período citado.
- d) as investidas dos países europeus na expansão de seus domínios foram centradas sobretudo na África e Ásia.
- e) Alemanha e Itália, países há muito tempo constituídos como Estados nacionais, tiveram papel de destaque no imperialismo do final do século XIX.

13. Mackenzie-SP

“Assumi o fardo do homem branco,
Enviei os melhores dos vossos filhos,
Condenai vossos filhos ao exílio
Para que sejam os servidores de seus cativos.”

Rudyard Kipling.

A ideologia expressa por esse poeta, que recebeu em 1907 o prêmio Nobel de literatura, serviu para justificar o:

- a) imperialismo.
- b) iluminismo.
- c) mercantilismo.
- d) socialismo.
- e) anarquismo.

14. Unesp-SP – Com a publicação do livro do economista inglês Hobson, *Imperialismo: um estudo*, em 1902, difundiu-se o significado moderno da expressão “imperialismo”, que passou a ser entendido como:

- a) um esforço despendido pelas economias centrais no sentido de promover as economias periféricas.
- b) a condição prévia e necessária ao incremento do desenvolvimento industrial nos países capitalistas.
- c) um acordo entre as potências capitalistas, visando dividir, de forma pacífica, os mercados mundiais.
- d) a expansão econômica e política em escala mundial das economias capitalistas na fase monopolista.
- e) o “fardo do homem branco”, um empreendimento europeu, procurando expandir a civilização na África.

15. UFMG-MG – A expansão neocolonial do final do século XIX pode ser associada à:

- a) divisão internacional do trabalho entre produtores de matérias-primas e consumidores de produtos industrializados.
- b) necessidade de expansão da influência da Igreja Católica frente ao aumento dos seguidores da Reforma.
- c) atração pelo entesouramento permitido pela conquista de regiões com jazidas de metais preciosos.
- d) busca de novas oportunidades de investimentos lucrativos para o capital excedente nos países industriais.

16. UFMT-MT – Entre o final do século XIX e o início do XX, os países capitalistas desenvolvidos conseguiram dominar praticamente todo o mundo. Era o imperialismo. Analisando suas motivações e características, julgue os itens e escreva nos parênteses (V) se for verdadeiro ou (F) se for falso:

() As causas da expansão imperialista ligaram-se às transformações de estrutura capitalista na Segunda Revolução Industrial e marcaram o início do capitalismo monopolista e financeiro.

() Razões humanitárias e filantrópicas foram usadas para justificar a política imperialista; a Europa assume uma missão “civilizadora”.

() A década de 1870 conheceu uma crise econômica acompanhada de excedentes de capitais, o que, por um lado, impossibilitava o reinvestimento na produção e, por outro, tornava necessário encontrar áreas extraeuropeias para investir.

17. UEL-PR

“Longe de serem uns monstros de espada, eles querem, majoritariamente, ser os portadores de um grande destino. Por mais que tenham passado populações inteiras pelo fio da espada – como Gallieni em seus primeiros tempos – ou as tenham queimado vivas – como Bugeaud, na Argélia –, a seus olhos tais atos são apenas os meios necessários para a realização do projeto colonial [na África], essa missão civilizadora que substitui a evangelização tão cara aos conquistadores do século XVI.”

FERRO, Marc. *História das colonizações: das conquistas às independências* (séculos XIII a XX). Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 104.

No texto acima, que trata da partilha e da conquista da África, no século XIX, o autor defende que:

- a) os conquistadores fincavam suas bandeiras sem violar os direitos humanos da igualdade e da liberdade dos povos africanos.
- b) os conquistadores desprezavam a glória, o heroísmo e as riquezas decorrentes da grande obra civilizadora na África.
- c) os conquistadores tinham a convicção de encarnar a razão e a ciência e serem capazes de subjugar as sociedades africanas.
- d) os conquistadores conseguiram que triunfasse a ideia de um projeto colonial tirânico e violento, pois foram incapazes de cooptar lideranças políticas nativas.
- e) assim como Portugal, outros Estados europeus substituíram, na África, os canhões pelas missões evangelizadoras jesuítas.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C6-H29

“Os chineses não atrelam nenhuma condição para efetuar investimentos nos países africanos. Outro ponto interessante é a venda e compra de grandes somas de áreas, posteriormente cercadas. Por se tratar de países instáveis e com governos ainda não consolidados, teme-se que algumas nações da África tornem-se literalmente protetorados.”

BRANCOLI, F. China e os novos investimentos na África: neo-colonialismo ou mudanças na arquitetura global? Disponível em: <http://opiniaoenoticia.com.br>. Acesso em: 29 abr. 2010. (Adaptado)

A presença econômica da China em vastas áreas do globo é uma realidade do século XXI. A partir do texto, como é possível caracterizar a relação econômica da China com o continente africano?

- a) Pela presença de órgãos econômicos internacionais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, que restringem os investimentos chineses, uma vez que estes não se preocupam com a preservação do meio ambiente.
- b) Pela ação de ONGs (Organizações não Governamentais) que limitam os investimentos estatais chineses, uma vez que estes se mostram desinteressados em relação aos problemas sociais africanos.
- c) Pela aliança com os capitais e investimentos diretos realizados pelos países ocidentais, promovendo o crescimento econômico de algumas regiões desse continente.
- d) Pela presença cada vez maior de investimentos diretos, o que pode representar uma ameaça à soberania dos países africanos ou manipulação das ações destes governos em favor dos grandes projetos.
- e) Pela presença de um número cada vez maior de diplomatas, o que pode levar à formação de um Mercado Comum Sino-Africano, ameaçando os interesses ocidentais.

19. Enem

C2-H7

“A Inglaterra deve governar o mundo porque é a melhor; o poder deve ser usado; seus concorrentes imperiais não são dignos; suas colônias devem crescer, prosperar e continuar ligadas a ela. Somos dominantes, porque temos o poder (industrial, tecnológico, militar, moral), e elas não; elas são inferiores; nós, superiores, e assim por diante.”

SAID, E. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. (Adaptado)

O texto reproduz argumentos utilizados pelas potências europeias para dominação de regiões na África e na Ásia, a partir de 1870. Tais argumentos justificavam suas ações imperialistas, concebendo-as como parte de uma:

- a) cruzada religiosa.
- b) catequese cristã.
- c) missão civilizatória.
- d) expansão comercial ultramarina.
- e) política exterior multiculturalista.

20. Enem

C4-H16

Texto I

“A escravidão não é algo que permaneça apesar do sucesso das três revoluções liberais, a Inglesa, a Norte-Americana e a Francesa; ao contrário, ela conhece o seu máximo desenvolvimento em virtude desse sucesso. O que contribui de forma decisiva para o crescimento dessa instituição, que é sinônimo de poder absoluto do homem sobre o homem, é o mundo liberal.”

LOSURDO, D. *Contra-história do liberalismo*. Aparecida: Ideias & Letras, 2006. (Adaptado)

Texto II

“E, sendo uma economia de exploração do homem, o capitalismo tanto comercializou escravos para o Brasil, o Caribe e o sul dos Estados Unidos, nas décadas de 30, 40, 50 e 60 do século XIX, como estabeleceu o comércio de trabalhadores chineses para Cuba e o fluxo de emigrantes europeus para os Estados Unidos e o Canadá. O tráfico negreiro se manteve para o Brasil depois de sua proibição, pela lei de 1831, porque ainda ofereceu respostas ao capitalismo.”

TAVARES, L. H. D. *Comércio proibido de escravos*. São Paulo: Ática, 1988. (Adaptado)

Ambos os textos apontam para uma relação entre escravidão e capitalismo no século XIX. Que relação é essa?

- a) A imposição da escravidão à América pelo capitalismo.
- b) A escravidão na América levou à superação do capitalismo.
- c) A contribuição da escravidão para o desenvolvimento do sistema capitalista.
- d) A superação do ideário capitalista em razão do regime escravocrata.
- e) A fusão dos sistemas escravocrata e capitalista, originando um novo sistema.

40

PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

- Tensões e disputas na Europa
- Europa pré-guerra
- Atentado de Sarajevo: a causa imediata da guerra
- Etapas da guerra
- Tratados de paz
- Liga das Nações

HABILIDADES

- Associar as manifestações culturais do presente aos seus processos históricos.
- Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.
- Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

TENSÕES E DISPUTAS NA EUROPA

No alvorecer do século XX, após os desenvolvimentos e progressos da Revolução Industrial, dos avanços sobre os países africanos e a partilha de seu território, os países europeus pareciam crescer cada vez mais, com a Inglaterra se mantendo como a potência da época, seguida dos demais. O crescimento desses países levaria a questões internas à Europa, como disputas econômicas e territoriais. É neste momento que vemos nascer os nacionalismos que acirrarão essas contendas, assim como a produção de armamentos e a constituição de alianças visando à proteção mútua de uma guerra que todos imaginavam que poderia ocorrer. O resultado dessas tensões levaria a um conflito sem precedentes na História, envolvendo todos os continentes do mundo e toda a população dos países em guerra.

EUROPA PRÉ-GUERRA

Entre o fim do século XIX e o início do século XX, a Inglaterra detinha o posto de maior potência industrial do Ocidente, seguida pela França. Sua hegemonia naval parecia incontestável. Apesar disso, a partir de 1870, novos países passaram a disputar espaço no contexto mundial, até então dominado por Inglaterra e França. Entre esses países destacou-se a Alemanha, unificada sob a liderança de Otto von Bismarck.

As três últimas décadas do século XIX foram marcadas por um tenso equilíbrio geopolítico na Europa e por severas disputas nas colônias. Foi a época áurea dos choques imperialistas. Como o desenvolvimento do capitalismo deu-se de maneira desigual, era inevitável que uma nação se atrasasse em relação a outra. Como forma de recuperar o tempo perdido, cada país garantiu seu mercado interno para a própria burguesia com fortes políticas protecionistas, como a criação de altas barreiras alfandegárias. Nesse processo destacaram-se seis potências industriais emergentes: Alemanha, Áustria, Itália, Rússia, Estados Unidos e Japão.

A Alemanha foi a mais agressiva das potências emergentes e nesse país a luta econômica assumiu uma forma belicosa: uma guerra econômica. Enquanto protegia seu mercado interno com pesada barreira protecionista, procurava abrir o mercado alheio com armas poderosas, como o *dumping* (concorrência desleal).



Pôster inglês de 1915 chamando para recrutamento. O cartaz diz: "Aliste-se hoje. Ele está feliz e satisfeito. Você está?"

A Inglaterra teve sua hegemonia contestada pelo crescente poderio alemão e passou a reagir frente à agressiva política imperialista germânica, sobretudo quando a marinha alemã passou a rivalizar com a britânica. Essa polarização tornou ainda mais tensas as relações internacionais entre Alemanha e Inglaterra.

Ultr nacionalismos

As paixões nacionalistas se fortaleceram no mesmo processo do avanço imperialista, resultado de uma guerra econômica entre as nações industriais, que passaram a se proteger com a ideologia nacionalista. Desenvolveu-se o chauvinismo (nacionalismo exagerado) e a xenofobia (aversão por estrangeiros), expressões ideológicas de um problema econômico: a proteção do mercado interno.

O período entre 1870 e 1914, portanto, foi marcado pelo ódio mútuo entre as potências europeias.

SCIENCE HISTORY IMAGES/ALAMY STOCK PHOTO



Representação estilizada do mapa europeu feita em 1914. Mostra o clima de rivalidade, os limites territoriais tênues e a tensão criada entre os Estados europeus no início do século XX.

As tensões políticas, econômicas e diplomáticas somavam-se às corridas armamentista e imperialista entre as nações industrializadas. A disputa entre os europeus por territórios na África e na Ásia para conquistar mais mercados consumidores tornou-se um forte elemento de rivalidade entre os países envolvidos. O imperialismo tinha, ainda, reflexos dentro do próprio continente europeu, no qual se disputavam áreas de influência. Some-se isso à política de alianças e às questões nacionalistas que agitavam a Europa no início do século XX, resumidas em três movimentos: pangermanismo, revanchismo francês e pan-eslavismo.

O pangermanismo, fortalecido após a unificação da Alemanha em 1870, defendia a união de todos os povos alemães sob o mesmo Estado, a Grande Alemanha, incluindo as minorias da Europa Central, do Leste Europeu, do norte da Itália e das regiões bálticas. O ressentimento pela partilha imperialista da África e da Ásia, considerada injusta pela Alemanha, estimulava o nacionalismo germânico.

O revanchismo francês foi gerado após a derrota da França para a Prússia em 1870, guerra que marcou a

unificação da Alemanha. Os franceses não perdoavam a conquista de Paris pelas tropas alemãs nem a humilhação sofrida em Versalhes, quando os alemães comemoraram com um baile e sagraram seu imperador no símbolo maior da monarquia francesa. Em especial, não perdoavam a perda dos territórios da Alsácia-Lorena para os alemães.

O pan-eslavismo, como o próprio nome sugere, referia-se ao desejo de unificação dos povos eslavos. Inicialmente, vinculava-se ao sentimento nacional entre povos eslavos submetidos às potências estrangeiras. Com o tempo, passou a ser associado apenas à Rússia e considerado a ideologia da corte czarista para atingir objetivos estratégicos, como conquistar uma saída para o Mar Mediterrâneo. Na época da guerra, o pan-eslavismo traduzia-se claramente em uma ideologia antigermânica e antitomana, pois várias nações eslavas localizadas na Península Balcânica estavam sob o domínio da Áustria, nação germânica, ou do Império Turco-Otomano.

Paz armada

Na Europa, a corrida imperialista e os choques dela resultantes envolveu as grandes potências industrializadas: Inglaterra, Alemanha, França, Itália, Estados Unidos, Rússia, Japão e Bélgica. Os antagonismos imperialistas poderiam ser representados pelo conceito de paz armada: uma aparência pacífica e civilizada da Europa da *belle époque*, cobrindo a veloz corrida armamentista. Paralelamente à grande expansão econômica, expandiam-se também os arsenais e efetivos militares dos países industrializados. Fuzis, canhões, metralhadoras, encouraçados, torpedeiros e, depois, submarinos e aviões revelaram-se um excelente negócio e compunham o estoque disponível para o momento de perigo.

NATIONAL MARITIME MUSEUM, LONDRES, REINO UNIDO



O lançamento do encouraçado Dreadnought pela marinha britânica em 1906 foi um marco na história naval, impondo um novo padrão às técnicas de construção de navios de guerra e nas táticas de combate naval. A disputa pela superioridade entre o Império Alemão e a Grã-Bretanha também foi intensificada, fato que evidencia o espírito armamentista da época. Fotografia de 1907.

Graças aos esforços da corrida armamentista, houve nesse período uma militarização da economia, com a aplicação de enormes volumes financeiros para fins bélicos, o que enfraqueceu as finanças do Estado. Em

compensação, o poder do Estado aumentava proporcionalmente ao seu orçamento militar, embora esse investimento também estivesse relacionado ao risco cada vez maior de guerras. O processo de industrialização desempenhou um papel crucial no desenvolvimento da guerra, pois tornou possível a organização e a provisão de equipamentos e suprimentos para um número até então inconcebível de tropas. Em duas ocasiões (em 1889 e 1907), as conferências em Haia foram tentativas diplomáticas de frear a corrida armamentista e condenar o expansionismo territorial. Tentativas inúteis, pois a ameaça de guerra não diminuiu.



THE PRINT COLLECTOR/ALAMY STOCK PHOTO

Fábrica de munição na Alemanha. A Europa já se armava antes do conflito. Fotografia de 1917.

Sistema de alianças

Buscando a hegemonia alemã e preocupado com o revanchismo francês, Bismarck tentou isolar a França em 1873, quando elaborou o Tratado dos Três Imperadores, envolvendo Alemanha, Rússia e Áustria, visando enfraquecer a França no cenário europeu. Essa aliança foi dissolvida em 1878, após o Congresso de Berlim, em virtude da rivalidade entre a Áustria e a Rússia. O pangermanismo falou mais alto e Bismarck tomou o partido da Áustria-Hungria na aliança (1879). O Império Austro-Húngaro assumiu o controle administrativo da Bósnia e da Herzegovina, pretendidas pela Sérvia, que era aliada da Rússia.

Em 1882, foi assinado o Tratado da Tríplice Aliança, reunindo Alemanha, Áustria-Hungria e Itália, sob a liderança da Alemanha.

A queda de Bismarck, em 1890, significou o fim do hábil e perigoso arranjo diplomático germânico. Com o fim de seu isolamento, a França aliou-se com a Rússia em 1893. Na mesma época, o avanço da marinha alemã alarmou a Inglaterra, que aproximou-se da França, formando a Entente Cordiale.

Em 1907, após essas articulações, formou-se a Tríplice Entente, com a aliança de França, Inglaterra e Rússia. As rivalidades imperialistas, antes polarizadas entre Inglaterra e Alemanha, agora envolviam toda a Europa. Com os sistemas de alianças e contra-alianças militares, qualquer conflito teria imediata expansão, pois os pactos mútuos mobilizariam todos em caso de guerra.

Cada país temia que sua existência e seu futuro estivessem ameaçados pelos outros. O verdadeiro “culpa-do” se encontra nessa atmosfera de insegurança coletiva que pesa sobre a Europa no decênio que vai de 1905 a 1915. [...] Assim, a guerra poderia ser evitada? Somente uma ação política decisiva, capaz de restaurar a confiança nas relações internacionais e desfazer o clima de desconfiança, poderia detê-la. Mas ninguém caminhava nessa direção. O reforço das ideologias nacionalistas, que as classes dominantes burguesas tinham conseguido implantar em largos setores da classe média, não contribuiu para acalmar os ânimos. Ele acabou degenerando sob a forma de chauvinismo (fanatismo), de racismo, de agressividade imperialista.

ISNENGHI, Mario. *História da Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Ática, 1995. p. 13-14.

ATENTADO DE SARAJEVO: A CAUSA IMEDIATA DA GUERRA

Em junho de 1914, o arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono austríaco, foi assassinado em Sarajevo, capital da Bósnia, por um estudante sérvio chamado Gavrilo Princip. Embora o marco inicial da deflagração da guerra tenha sido o assassinato do arquiduque Ferdinando, da Áustria, essa não foi a principal causa da guerra. Uma complexa interação de fatores sociais, políticos e econômicos que se desenrolavam desde a década de 1870 estava por trás do conflito.



O arquiduque Francisco Ferdinando da Áustria e a esposa deixam o hospital em Sarajevo em 28 de junho de 1914, momentos antes de seu assassinato.

O crime não foi um ato isolado, pois com o estudante sérvio havia toda uma organização antiaustríaca. Gavrilo era membro de uma organização nacionalista sérvia denominada Mão Negra, sociedade secreta dedicada a libertar os territórios eslavos do domínio austríaco.

A descoberta dessa conexão proporcionou ao governo austríaco a motivação e a legitimação necessárias para a declaração de guerra contra a Sérvia. Apesar dos apelos diplomáticos de várias nações, os austríacos atacaram a Sérvia em 29 de julho de 1914. Era o início da Primeira Guerra Mundial.

ETAPAS DA GUERRA

No início do conflito havia, em ambos os lados, a expectativa de vitória rápida e ampla. Os Estados eu-

ropeus vinham se preparando para a guerra havia vinte anos, mas quando o conflito irrompeu ficou claro que as nações e os líderes militares envolvidos tinham pouca ideia das consequências de um conflito dessa dimensão.

Europa - divisão política em 1914 e Primeira Guerra Mundial



Primeira fase: guerra de movimentos

A guerra teve início, de fato, quando a Áustria atacou a Sérvia. A Rússia começou a movimentar suas tropas em 30 de julho, levando a Alemanha à declaração de guerra em 1º de agosto e à ocupação de Luxemburgo no dia seguinte. Os alemães fizeram, então, um ultimato à Bélgica exigindo livre passagem para suas tropas com o objetivo de invadir a França, segundo as prerrogativas do Plano Schlieffen, que previa também a invasão da Rússia. A recusa belga acarretou a invasão do país em 3 de agosto, o que, por sua vez, motivou a Inglaterra a declarar guerra à Alemanha em 4 de agosto. Iniciava-se assim a primeira fase da guerra, chamada guerra de movimentos, marcada por rápidos movimentos de tropas que procuravam ocupar a maior parte possível do território inimigo.

Inicialmente, o plano alemão foi bem-sucedido. Na Batalha das Fronteiras, em agosto de 1914, a Alemanha ocupou a Bélgica e quebrou a resistência da França, invadindo seu território. Os exércitos alemães avançavam rapidamente em direção a Paris, mas precisaram se dividir para responder à invasão russa na Prússia Oriental. Essa divisão foi fundamental para a interrupção do avanço alemão na Batalha do Marne, em setembro de 1914. Enquanto isso, as tropas austríacas combatiam os sérvios, sem conseguir uma vitória decisiva.



A metralhadora foi uma das tecnologias utilizadas na Primeira Guerra Mundial.

Mesmo sem vitória, a reação francesa, em setembro de 1914, ao menos impediu um maior avanço alemão. A metade sul da frente ocidental ficou estática e o combate seguiu em direção ao norte da França. A última grande batalha dessa fase inicial da guerra aconteceu em Ypres, onde o exército alemão fez uma tentativa de romper as tropas aliadas. Com o fracasso da ofensiva, os exércitos alemães adotaram a tática de guerra de posição. As tropas francesas e britânicas, embora vitoriosas, ficaram extremamente debilitadas e adotaram a mesma tática. A nova configuração mostrava o equilíbrio entre os adversários, que se estabeleceram frente a frente ao longo de uma trincheira contínua de cerca de 780 km, da Suíça ao Mar do Norte. Iniciava-se a guerra de trincheiras no fronte ocidental.

Durante a primeira etapa da guerra, alguns países ainda faziam acordos políticos, mas a política de alianças encontrava-se praticamente consolidada com a formação de dois blocos inimigos: a Triplíce Aliança, composta por Alemanha, Áustria-Hungria, Turquia e Bulgária; e a Triplíce Entente, formada por França, Bélgica, Rússia e Grã-Bretanha. A oposição entre esses blocos determinou a configuração da segunda fase da guerra.

SUEDDEUTSCHE ZEITUNG PHOTO/ALAMY STOCK PHOTO



Patrulha com máscara de gás. Durante a Primeira Guerra Mundial, o contraste entre novas táticas de combate e antigas práticas militares era gritante. Armas químicas em larga escala, aviões-tanque e metralhadoras, muitas vezes, compartilhavam espaço com práticas antiquadas, como o uso de cargas de cavalaria.

Segunda fase: guerra de trincheiras

Após os primeiros movimentos da guerra, entre agosto e novembro de 1914, ficou claro que nenhuma das grandes potências estava apta a conquistar a vitória a curto prazo. Graças às redes ferroviárias espalhadas pelo interior dos países no conflito e ao grande número de contingente militar gerado pelo recrutamento obrigatório, a capacidade de mobilização de tropas reservas era imensa, o que resultava em um impasse militar, pois mesmo após a mais vitoriosa campanha a ofensiva sempre se deparava com uma defesa reconstituída em razão das novas convocações e do deslocamento rápido de tropas.

Nesse contexto, os adversários empenharam-se, no fronte ocidental, em organizar tanto a defesa como o ataque. No plano da organização defensiva, trincheiras sucessivas ligadas por túneis. No plano ofensivo, emprego de artilharia pesada e aviação. Na tentativa de quebra das defesas adversárias, os alemães introduziam novos engenhos, como lança-chamas e gases asfixiantes. Os Aliados colocariam em ação os carros de assalto ou tanques.

A guerra de trincheiras, que se arrastou de 1914 a 1917, foi marcada pelo imobilismo dos exércitos e pelo uso de artilharia, em especial metralhadoras. O emprego de armas químicas, generalizado a partir de 1915, tornou as condições de vida nas trincheiras ainda mais precárias. Essas galerias escavadas se estendiam por milhares de quilômetros e contavam com apoio logístico, que incluía abastecimento de alimentos, homens e armas, estando associadas a outras estruturas defensivas: os abrigos subterrâneos. Os exércitos ocupavam trincheiras frente a frente, separadas por uma faixa de terra que muitas vezes se resumia a algumas dezenas de metros. Era a “terra de ninguém”, pontilhada de obstáculos e de arame farpado, tornando praticamente impossível qualquer deslocamento da infantaria.



Trincheira do exército britânico. As condições de vida nesses lugares eram precárias.

Embora membro da Tríplice Aliança, a Itália permaneceu neutra no início da guerra. Sob a promessa, por parte da Inglaterra e da França, de que guerreando ao lado da Entente poderia participar da nova partilha colonial e garantir controle sobre parte do litoral balcânico, a Itália aliou-se à Entente, dando origem à nova frente de guerra: a do Mediterrâneo.

No fronte oriental, a atrasada Rússia czarista estava amargando uma severa derrota para as bem equipadas forças militares da Alemanha. Isso levou a fortes oposicionismos contra o czar, e o povo exigia a retirada do país da guerra. A situação interna do Império Czarista se deteriorou, favorecendo o crescimento da oposição menchevique e principalmente dos bolcheviques.

No mar, as marinhas inglesa e alemã lançaram-se à guerra de bloqueio mútuo. A Inglaterra impediu o envio de abastecimento à Alemanha, que respondeu com o bloqueio submarino, inaugurando a guerra submarina sem trégua que ameaçou inclusive países neutros. Estes, tendo sua neutralidade violada por ataques submarinos alemães, tomaram posição: foi o caso dos Estados Unidos, que, em abril de 1917, responderam à Alemanha engajando-se aos Aliados.

DPA PICTURE ALLIANCE/ALAMY STOCK PHOTO



Soldados alemães na frente de um tanque britânico capturado em 1917. Durante a Primeira Guerra Mundial, os tanques foram utilizados a partir de 1916. Inicialmente desenvolvido pelo exército inglês para quebrar a resistência inimiga nas trincheiras, o blindado tornou-se um equipamento bélico utilizado por praticamente todas as nações envolvidas no conflito.

EVERETT HISTORICAL/SHUTTERSTOCK

Ofensivas de 1918

Com a vitória na Rússia, os bolcheviques atenderam aos anseios populares e retiraram o país da guerra ainda em 1917, pelo Tratado Brest-Litovsk. Isso aliviou o fronte oriental alemão. A entrada dos Estados Unidos, no entanto, veio compensar a saída da Rússia e favoreceu a Entente. Tentando ganhar tempo, os alemães lançaram-se em uma forte ofensiva contra a França, comandados por Ludendorff, mas foram contidos na Segunda Batalha do Marne pelo general Foch, então chefe do comando único francês. Essa derrota favoreceu o desmantelamento das forças reunidas em torno dos alemães.



Esquadrão britânico em território francês. O uso de aviões de combate e bombardeiros em larga escala foi amplamente difundido durante o conflito.

A superioridade bélica da Entente, sobretudo após a entrada dos Estados Unidos, fez o bloqueio alemão decompor-se. A Bulgária e a Turquia, aliadas da Alemanha, aceitaram a paz diante do avanço britânico. O Império Austro-Húngaro se desarticulou em decorrência dos movimentos nacionais. A Itália, ainda não recuperada do desastre na Batalha de Caporetto, tentou uma nova ofensiva em Vitério-Vêneto, dessa vez auxiliada pelos Aliados contra o já decomposto Império Austro-Húngaro. Sucessivas propostas de paz foram rejeitadas por ambos os lados.

Em 1918, sozinha e isolada no conflito, a Alemanha sofreu uma revolução republicana social-democrata, que precipitou a fuga do *kaiser* Guilherme II. Foi proclamada a República de Weimar. Em novembro de 1918, o governo provisório, chefiado pelo general Hindenburg, aceitou o armistício com base na proposta do programa dos 14 pontos, proposto pelo presidente Woodrow Wilson, dos Estados Unidos.

Os 14 pontos de W. Wilson propunham:

- 1) abolição da diplomacia secreta;
- 2) liberdade dos mares à navegação internacional;
- 3) redução das tarifas protecionistas;
- 4) desarmamento;
- 5) redivisão das colônias de forma mais equitativa;
- 6) evacuação alemã do território russo;
- 7) evacuação alemã da Bélgica;
- 8) retorno da Alsácia-Lorena para a França;
- 9) redefinição das fronteiras italianas;
- 10) divisão do Império Austro-Húngaro;
- 11) restauração da Sérvia, da Romênia e de Montenegro;
- 12) divisão do Império Turco;
- 13) restauração da Polônia, com uma saída para o mar;
- 14) criação de uma sociedade internacional de nações.



O clássico cartaz de convocação do exército norte-americano foi elaborado durante o recrutamento para a formação dos efetivos enviados para a Europa. A chegada das tropas norte-americanas, física e moralmente descansadas, representou novo fôlego para os exércitos Aliados.

TRATADOS DE PAZ

Com o fim da guerra, as nações envolvidas nas disputas assinaram importantes tratados de paz, que redefiniram o contexto geopolítico europeu entre 1919 e 1930. As nações vencedoras adotaram o princípio da “paz dos vencedores”, que previa severas retaliações aos países vencidos. Os descontentamentos e revanchismos surgidos das arbitrariedades dos tratados de paz, principalmente em relação ao Tratado de Versalhes, são consequências da Primeira Guerra que permaneceram e fazem parte do contexto histórico da Segunda Guerra Mundial.

Em 1919, o Tratado de Saint-Germain foi imposto à Áustria. Restringida à sua população de língua alemã, a Áustria teve seu território muito reduzido com a separação da Hungria e com a cessão de terras para a Tchecoslováquia, e a Iugoslávia, o Trieste e o Trento (Itália irredenta) para a Itália.

Ainda em 1919, a Bulgária assinou o Tratado de Neuilly, perdendo grande parte dos territórios para Grécia, Iugoslávia e Romênia. Com a Hungria, assinou o Tratado de Trianon (1920); e, com a Turquia, o Tratado de Sèvres (1920).

Costuma-se afirmar que o término da Primeira Guerra Mundial marcou o início da Segunda. Essa frase é compreensível ao se analisar as imposições feitas à Alemanha pelo Tratado de Versalhes.

Em janeiro de 1919, os representantes das nações vitoriosas reuniram-se em Paris para debater os problemas das nações derrotadas. Na realidade, apenas três países discutiram os pontos essenciais: França, representada por Clemenceau; Inglaterra, por Lloyd George; e Estados Unidos, por seu presidente Woodrow Wilson, que, um ano antes, formalizara os 14 pontos que serviriam de base às negociações.

Tratado de Versalhes

Em 28 de junho de 1919, firmou-se o Tratado de Versalhes, ou, no dizer dos alemães, o Ditado de Versalhes (*diktat*), pelo fato de não terem participado das negociações, pois foram considerados derrotados e responsáveis pela guerra, sendo obrigados a cumprir as exigências políticas, econômicas e militares impostas pelas nações vitoriosas.

As imposições do Tratado de Versalhes foram vistas pela Alemanha como excessivas e injustas. Mais impactante que as repreensões militares e políticas, a indenização cobrada da Alemanha causou revolta e fez nascer um sentimento de revanchismo entre a população alemã. O alto valor pago pelo país comprometeu severamente sua economia e o afundou em uma crise econômica que perdurou por toda a década de 1920, na qual a inflação, o desemprego e a desvalorização da moeda (marco) atingiam níveis altíssimos.

Dividido em 5 capítulos e 400 artigos, o Tratado de Versalhes pode ser sintetizado da seguinte forma:

1. Cláusula do Pacto da Sociedade das Nações:

- proposta por W. Wilson, criava a Liga ou Sociedade das Nações como fórum das questões internacionais do pós-guerra.

2. Cláusulas de segurança (exigidas pela França):

- desarmamento da Alemanha, com a supressão da marinha de guerra, da aviação militar e da artilharia pesada;
- desmilitarização total da margem esquerda do Rio Reno;
- fiscalização militar sobre a Alemanha, por comissão interaliada;
- extinção do serviço militar obrigatório.

3. Cláusulas territoriais:

- devolução da Alsácia-Lorena à França;
- devolução de terras à Bélgica e à Dinamarca;
- cessão dos Sudetos à recém-criada Tchecoslováquia;
- cessão de terras à Polônia, com o Corredor Polonês (saída para o mar);
- perda das colônias negociadas com a França e a Inglaterra antes da guerra;
- reconhecimento do Porto de Dantzig como cidade livre.

4. Cláusulas econômicas:

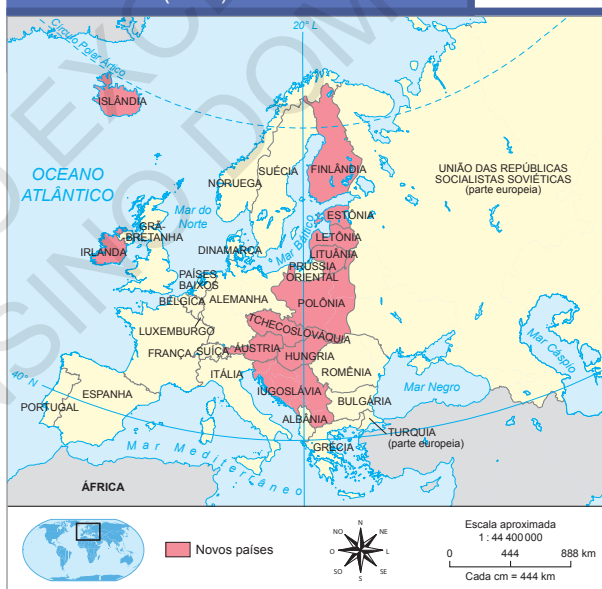
- pagamento de dívida de guerra aos membros da Entente por 30 anos;
- cessão à França do direito de explorar as minas de carvão no Sarre;
- privilégios alfandegários às nações vencedoras.

5. Cláusulas diversas:

- reconhecimento alemão da independência da Polônia e da Tchecoslováquia;
- proibição de anexar a Áustria à Alemanha;
- estabelecimento de normas em relação ao uso bélico de gases venenosos e sobre crimes de guerra.

Após o Tratado de Versalhes, a Europa ficou dividida da seguinte maneira:

Europa - divisão política após a Primeira Guerra Mundial (1921)



Os tratados de paz assinados com o término da guerra, como o Tratado de Saint-Germain, contribuíram decisivamente para a nova configuração do território europeu.

Base cartográfica: IBGE.

LIGA DAS NAÇÕES

A Liga das Nações, formada em 1919, tinha por objetivos básicos prevenir conflitos futuros por meio da paz por arbitramento, estimular a cooperação internacional, zelar pela segurança mundial e promover o desarmamento mundial.

A sede da Liga organizou-se em Genebra, onde foram instituídos uma Secretaria Geral permanente, uma Assembleia Geral e um Conselho Executivo. A Assembleia era composta por representantes dos países-membros que se reuniam uma vez ao ano.

Por sua vez, o Conselho era o principal órgão político e tinha poder decisório. Ele era composto por membros

permanentes de França, Itália, Japão, Grã-Bretanha e, posteriormente, Alemanha e União Soviética. Os membros não permanentes do Conselho eram escolhidos pela Assembleia Geral.

As bases da Liga eram demasiadamente frágeis. Nem mesmo os Estados Unidos, que propuseram a criação, quiseram integrá-la como país-membro, alegando a neutralidade em relação à política europeia.

A Liga não tinha forças armadas próprias, de forma que seu poder reduzia-se à determinação de sanções econômicas e militares. Nesse sentido, sua atuação foi bem-sucedida em questões relativas aos Bálcãs e na América Latina, bem como na assistência econômica

e atenção a refugiados. No entanto, em questões que necessitavam de apoio militar, como a invasão do Japão à Manchúria e o ataque russo à Finlândia, a Liga das Nações mostrou-se impotente.

Sua ineficiência também ficou evidente no que se refere à ascensão dos nacionalismos exacerbados na Europa, tendo em vista que os regimes nacionalistas remilitarizariam o continente no período entreguerras. Assim, a Liga fracassou, não conseguindo impedir o desencadeamento da Segunda Guerra Mundial, em 1939.

No pós-Segunda Guerra, em 1946, a Liga das Nações se autodissolveu e transferiu as responsabilidades à ONU, fundada em 1945.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

ROTEIRO DE AULA

PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Cronologia e características gerais

Correntes políticas e estratégicas do pré-guerra:

• Ultranacionalismo.

• Política de alianças.

Etapas da guerra:

• Movimento de tropas.

• Expectativa inicial de vitória rápida, com movimentos de tropas buscando ocupar a maior parte possível do território inimigo.

• Guerra de trincheiras.

• Imobilismo dos exércitos, grande uso de artilharia, armas químicas e inovações bélicas, como aviões, blindados e metralhadoras.

Ofensivas de 1918:

• Saída da Rússia em 1917 e entrada dos Estados Unidos em 1918.

Tratado de Versalhes:

• Imposições excessivas e pesada indenização comprometeram a economia alemã, gerando as condições necessárias para a crise e, futuramente, a ascensão do nazismo.

• Criação da Liga das Nações, órgão internacional responsável pela manutenção da paz e cooperação internacional.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Enem

C2-H7

“Três décadas – de 1884 a 1914 – separam o século XIX – que terminou com a corrida dos países europeus para a África e com o surgimento dos movimentos de unificação nacional na Europa – do século XX, que começou com a Primeira Guerra Mundial. É o período do imperialismo, da quietude estagnante na Europa e dos acontecimentos empolgantes na Ásia e na África.”

ARENDR, H. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

O processo histórico citado contribuiu para a eclosão da Primeira Grande Guerra na medida em que:

- a) difundiu as teorias socialistas.
- b) acirrou as disputas territoriais.
- c) superou as crises econômicas.
- d) multiplicou os conflitos religiosos.
- e) conteve os sentimentos xenófobos.

O crescimento das disputas de territórios e os sentimentos de nacionalismo entre as regiões foram processos fundamentais para a eclosão da Primeira Guerra Mundial. O assassinato de arquiduque Francisco Ferdinando, príncipe da Áustria-Hungria, é considerado o estopim da guerra e um exemplo das tensões entre as nações.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.

2. EsPCEX-RJ – A Primeira Guerra Mundial foi um conflito de enormes proporções, ocorrido entre 1914 e 1918, que envolveu quase todo o continente europeu e várias outras regiões do mundo. Sobre esse conflito, é correto afirmar que:

- a) a disputa por regiões coloniais acirrou as rivalidades entre as grandes potências, levando ao fim grandes alianças, como é o caso do desmantelamento da Tríplice Entente.
- b) a chamada “paz armada” foi imposta ao final do conflito, quando os países europeus já encontravam-se desgastados com a guerra, com o objetivo de cessar os combates e evitar novos conflitos.
- c) a entrada dos Estados Unidos, com seu apoio econômico e militar, ao lado da Entente, foi fundamental para a derrota da Tríplice Aliança.
- d) o assassinato de Francisco Ferdinando, herdeiro do trono austro-húngaro, levou o Império Austríaco, juntamente com a Rússia, a declarar guerra à Sérvia, dando início ao conflito.
- e) ao final do conflito, a Alemanha impôs à França a devolução dos territórios da Alsácia-Lorena, ricos em minério de ferro e carvão.

A constituição da paz armada e das teias de alianças já haviam começado antes da Primeira Guerra Mundial. O assassinato do arquiduque Ferdinando, herdeiro do trono do Império Austro-Húngaro, foi um fator desencadeador da declaração de guerra, já que promoveu o acionamento das alianças traçadas entre os países europeus.

3. Vunesp-SP – A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) resultou de uma alteração da ordem institucional vigente em longo período do século XIX. Entre os motivos desta alteração, destacam-se:

- a) a divisão do mundo em dois blocos ideologicamente antagônicos e a constituição de países industrializados na América.

- b) a desestabilização da sociedade europeia com a emergência do socialismo e a constituição de governos fascistas nos países europeus.
- c) o domínio econômico dos mercados do continente europeu pela Inglaterra e o cerco da Rússia pelo capitalismo.
- d) a oposição da França à divisão de seu território após as guerras napoleônicas e a aproximação entre a Inglaterra e a Alemanha.
- e) a unificação da Alemanha e os conflitos entre as potências suscitados pela anexação de áreas coloniais na Ásia e na África.

Todas as alternativas apresentam algum erro, como a constituição de países industrializados na América, o fascismo na Europa, o cerco da Rússia pelo capitalismo e a aproximação entre Inglaterra e Alemanha. Um dos processos que contribuíram para a eclosão da Primeira Guerra Mundial foi a unificação da Alemanha, ainda no fim do século XIX, fortalecendo o sentimento nacional, bem como o imperialismo europeu e a competição por territórios asiáticos e africanos.

4. UPE-PE – O período de duração da Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918, foi marcado por várias mudanças sociopolíticas que redefiniram o mundo de então. Sobre esse contexto, assinale a alternativa correta:

- a) A Rússia, potência diretamente envolvida no conflito, entrou num processo revolucionário interno que a levou à adoção do socialismo.
- b) O Império Austro-Húngaro perdeu domínios com o fim do conflito, embora tenha mantido dois terços do seu território.
- c) A França acabou por perder territórios para a Alemanha após a assinatura do Tratado de Versalhes.
- d) O Império Otomano conseguiu manter sua hegemonia na região dos Bálcãs mesmo com o fim da guerra.
- e) A Inglaterra, após a eclosão da Revolução de 1917, impôs perdas territoriais à Rússia.

Um dos aspectos relevantes ao estudar a Primeira Guerra Mundial é analisar como o mapa europeu se modificou. Impérios foram dissolvidos, como o Império Austro-Húngaro e o Império Otomano. Com o Tratado de Versalhes, foi definida a devolução dos territórios perdidos. Portanto, a França recuperou territórios. Em 1917, a Rússia passou por um processo interno que definiu sua saída da guerra – a Revolução Russa –, tornando o país socialista.

5. UFRGS-RS – Em 1918, encerrava-se a Primeira Guerra Mundial, que se caracterizou pelo confronto armado direto entre as principais potências europeias. A respeito do término dessa guerra, considere as seguintes afirmações:

- VII.** Além da adoção do regime republicano, a Alemanha foi forçada a pagar indenizações pelos danos causados aos países vencedores.
- VIII.** Apesar das perdas econômicas e demográficas, a guerra não abalou a hegemonia da Europa, que manteve seu poderio intacto.
- IX.** A Áustria e a Hungria como estados independentes surgiram do colapso do Império Habsburgo.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas I e III.
- e) I, II e III.

A Alemanha recebeu duras medidas com o Tratado de Versalhes após o fim da guerra. Os impérios Austro-Húngaro e Otomano também foram dissolvidos, virando outros países, respectivamente, Áustria e Hungria e Turquia. A Primeira Guerra Mundial foi desastrosa para o território europeu, para a economia e para a população. Para se recuperar, a Europa precisou da ajuda dos Estados Unidos, que, no período, tornaram-se um país hegemônico.

6. UFTM-MG – Analise a tabela:

Ano	Valor (milhões de libras)
1880	132
1890	158
1900	205
1910	288
1914	297

HOBSBAWM, Eric. *A era dos impérios (1875-1914)*, 1988.

Sobre o crescimento dos gastos militares, é correto afirmar que:

- a) foi um subproduto das crescentes disputas que envolveram esses países, que buscavam se fortalecer no cenário externo.
- b) foi motivado pela necessidade de enfrentar os movimentos armados nas colônias da África e Ásia, que começavam a se rebelar.
- c) incentivou a formação de grupos pacifistas, que combatiam os gastos com armas por meio de campanhas junto aos empresários.
- d) deveu-se ao oligopólio da produção de equipamentos militares, cujos preços eram impostos pelas poucas empresas do setor.
- e) resultou da necessidade de os Estados armarem-se para controlar a mobilização dos trabalhadores urbanos e suas greves.

A crescente militarização visualizada na tabela mostra as disputas crescentes dos países europeus, desde o século XIX, com o imperialismo e, no começo do século XX, com a paz armada.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Mackenzie-SP

“Morrer pela Pátria, pela Ideia! [...] Não, isso é fugir da verdade. Mesmo no *front*, matar é que é importante [...] Morrer não é nada, isso não existe. Ninguém pode imaginar sua própria morte. Matar é o importante. Essa é a fronteira a ser cruzada. Sim, esse é um ato concreto de vontade. Porque aí você torna sua vontade viva na de outro homem.”

Da carta de um jovem voluntário da República Social Fascista, de 1943.

A respeito do contexto em que se inserem as grandes guerras mundiais do século XX, considere I, II e III a seguir:

- I. Os conflitos econômicos, sociais e ideológicos entre as principais potências capitalistas, tanto no período anterior a 1914, quanto naquele que antecede à Segunda Guerra, levaram à disputa imperialista e à corrida armamentista.
- II. Nas origens dos dois grandes conflitos mundiais, podemos identificar a intensificação da propaganda nacionalista e a formação de um sistema de alianças político-militares entre as nações imperialistas.
- III. Nas duas guerras, o conflito armado entre as potências imperialistas, apesar do pesado custo em termos de vítimas, conseguiu solucionar os problemas econômicos, as divergências e os ressentimentos entre as nações beligerantes.

Desse modo:

- a) somente I está correta.
- b) somente II está correta.
- c) somente III está correta.
- d) somente II e III estão corretas.
- e) somente I e II estão corretas.

8. FGV-SP – A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) provocou mudanças importantes no mapa político da Europa. Entre essas, é correto apontar a:

- a) devolução da Alsácia-Lorena, então com a Alemanha, para a França e a concessão de uma saída para o mar para a Polônia, criando o chamado Corredor Polonês.
- b) perda, pela Itália, da região de Trieste para a Iugoslávia, e a cessão, pela França, da região basca para a Espanha.
- c) anexação do norte da Bélgica pela França e o reconhecimento da independência da Grécia.

- d) incorporação de Montenegro ao território grego e a fragmentação do Reino Unido, com a independência do País de Gales.
- e) ampliação do Império Austro-Húngaro, com o ajuntamento da Sérvia, e a devolução da Armênia para o Império Turco.

9. PUC-RJ – Em 1914, as tensões políticas entre as principais potências europeias levaram a uma guerra que se tornou, ao longo dos anos seguintes, um dos mais trágicos momentos da história da humanidade. Em relação à Primeira Guerra Mundial, é incorreto afirmar que:

- a) a Grande Guerra foi travada em duas frentes de combate e em ambas a perda de vidas humanas alcançou a dimensão de verdadeiros massacres.
- b) na guerra de 1914-1918, foram utilizadas novas tecnologias de comunicação e transportes, proporcionando um avanço científico acelerado.
- c) por envolver grandes potências coloniais, a Grande Guerra atingiu populações não europeias, o que deu ao conflito uma dimensão mundial.
- d) através de bombardeios aéreos, racionamentos de alimentos e produtos, a guerra envolveu, em grande escala, a população civil dos países em conflito.
- e) a Grande Guerra decorreu da tensão política e ideológica entre americanos e soviéticos na disputa por áreas de influência no continente europeu.

10. Uerj-RJ

“O patriotismo é o amor pelos seus; o nacionalismo é o ódio pelos outros.”

Romain Gary (1914-1980), citado por Henri Deleersnijder. *O Globo*, 28 jul. 2014.

A frase do escritor francês Romain Gary ajuda a compreender como reivindicações de autonomia de povos e sociedades variadas acabam por ocasionar disputas territoriais e políticas. Um exemplo dessa situação é a eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), para a qual contribuiu o seguinte fator:

- a) difusão do domínio soviético.
- b) expansão do ideal pangermânico.
- c) agravamento das crises balcânicas.
- d) crescimento das ações antisemitas.

11. Fatec-SP – Há cem anos, em 1914, teve início a Primeira Guerra Mundial. Nessa guerra, foram utilizadas como recursos de combate, pela primeira vez em larga escala, tecnologias como metralhadoras, submarinos, rádios, tanques e até aviões. O uso dessas tecnologias contribuiu para que esse fosse um dos conflitos com maiores índices de mortalidade da História. A utilização de recursos tecnológicos avançados como esses foi possível porque a Primeira Guerra Mundial:

- foi financiada pelos países produtores de petróleo da região do Oriente Médio.
- foi provocada pela Alemanha nazista, que dominava as pesquisas tecnológicas.
- teve como protagonistas os países europeus com alto nível de industrialização.
- teve início no Japão, que dominava, na época, as principais tecnologias de guerra.
- contou com o apoio financeiro e tecnológico das multinacionais da União Soviética.

12. PUC-RS – Analise as afirmativas sobre os desdobramentos da Primeira Guerra (1914-1918) e preencha os parênteses com F (falso) ou V (verdadeiro):

- A Conferência de Paris, reunida ao final da guerra, acolheu em suas deliberações todos os célebres 14 pontos do plano apresentado pelo presidente norte-americano, Woodrow Wilson.
- O Tratado de Versalhes estabeleceu a redução drástica do exército alemão e a desmilitarização da fronteira franco-germânica.
- A Liga das Nações foi criada para encarregar-se da segurança internacional, devendo administrar as colônias alemãs e os territórios não turcos do Império Otomano.
- A região dos Balcãs, onde se originara o conflito, não sofreu reformulações políticas significativas devido ao não reconhecimento das nacionalidades que a constituíam.
- As condições econômicas do pós-guerra enfraqueceram as posições dos Estados Unidos e do Japão frente à Europa, já que esta manteve seu poderio colonial.

O correto preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- F, V, V, F, F
- V, V, F, V, F
- F, F, V, F, V
- F, F, F, F, V
- V, V, V, V, F

13. Acafe-SC – Em 2014, completa um século do início da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Este evento provocou profundas transformações políticas, econômicas e militares na Europa. O resplendor da *belle époque* contrastava com o horror da destruição e de milhões de mortes.

Considere o contexto que gerou e deflagrou a Grande Guerra e os anos que se seguiram ao conflito e analise as afirmações a seguir:

- As políticas nacionalistas dos países europeus contribuíam para acelerar os antagonismos. O pan-eslavismo foi decisivo no posicionamento russo pró-Sérvia na questão balcânica, que resultou na morte do arquiduque Francisco Ferdinando.

- Na fase inicial da guerra, embora se mantendo neutros, os Estados Unidos da América (EUA) forneciam alimentos e armas para os países da Entente.

- A guerra de trincheiras teve como palco principal o território alemão. Na Batalha do Marne, a cidade de Berlim chegou a ser sitiada pelas tropas francesas. Chegava ao fim o “mito” da invencibilidade alemã.

- Com a ascensão de um governo socialista, a Rússia alia-se ao Império Austro-Húngaro na formação de frente oriental e com o Exército Vermelho tem decisiva participação nas últimas batalhas da Primeira Guerra.

- Nesta guerra, a Alemanha contou com a participação decisiva da Itália ao seu lado, até o fim do conflito (1918). Um fator determinante para a derrota alemã foi a aliança que o Império Turco-Otomano fez com os belgas, obrigando o exército alemão a lutar em duas frentes (ocidental e oriental).

Assinale a alternativa correta:

- Todas as afirmações estão corretas.
- Apenas as afirmações I e II estão corretas.
- Apenas as afirmações IV e V estão corretas.
- Apenas a afirmação IV está correta.

14. Unifor-CE – Considere o mapa:



A partir do mapa, identifique o conflito entre os dois blocos sinalizados pelos triângulos e, respectivamente, as “Alianças” 1 e 2.

- Primeira Guerra Mundial, Tríplice Entente e Tríplice Aliança.
- Primeira Guerra Mundial, Tríplice Aliança e Tríplice Entente.
- Segunda Guerra Mundial, Tríplice Aliança e Tríplice Entente.
- Segunda Guerra Mundial, Tríplice Entente e Eixo.
- Segunda Guerra Mundial, Tríplice Aliança e Eixo.

15. Ufop-MG – A respeito da Primeira Guerra Mundial, é correto afirmar que:

- envolveu os principais Estados europeus e teve como principal causa a ascensão dos bolcheviques ao poder do Estado russo.

- b) a Alemanha, que tinha se unificado em 1905, provocou um desequilíbrio de poder ao pretender investir na expansão colonial, principalmente na África.
- c) a Itália aliou-se com os alemães um pouco depois do início do conflito, motivada por interesses principalmente ideológicos.
- d) a guerra transcorreu entre os anos de 1914 e 1918, tendo como uma de suas principais características a utilização das trincheiras, que colaboraram para o prolongamento dos conflitos.
- e) o Brasil manteve-se sempre neutro no conflito, não enviando tropas nem outro tipo de auxílio à Europa.

16. UFSE-SE – A Liga das Nações (ou Sociedade das Nações), criada em 28 de abril de 1919, pela Conferência de Paz de Versalhes, foi uma espécie de tribunal supranacional cujo objetivo era:

- a) julgar e punir as nações que incentivassem a expansão imperialista com o objetivo de partilhar outras regiões do planeta.
- b) regular a paz mundial através da eliminação dos conflitos políticos entre os territórios anexados após a guerra.
- c) defender o ideal de que os povos submetidos à dominação estrangeira tinham direito de fazer a independência.
- d) arbitrar e regular os conflitos que no futuro surgissem, visando eliminar para sempre o perigo de nova guerra.

- e) aplicar os mecanismos criados pelo Tratado de Versalhes para impor a paz negociada às potências europeias.

17. CESJF-MG – Analisada sob diversos aspectos, a Primeira Grande Guerra Mundial (1914-1918) foi uma guerra sem precedentes na História. A respeito de tal guerra, podemos afirmar que:

- a) a rivalidade comercial e industrial entre a Alemanha e a Inglaterra não pode ser usada como um dos fatores explicativos para o início da guerra, em 1914.
- b) a política de alianças representada pela Tríplice Aliança e Tríplice Entente constituiu-se como um dos fatores explicativos para a eclosão da Primeira Grande Guerra Mundial.
- c) a condenação da “corrida armamentista” pelos países que integravam a Tríplice Aliança e a Tríplice Entente favoreceu o crescimento das rivalidades políticas entre os países europeus, propiciando assim o início da Primeira Guerra.
- d) a competição, surgida entre os países de regime capitalista e os do bloco socialista, por maiores áreas de influência dentro e fora da Europa, também contribuiu para o início da guerra, em 1914.
- e) os Estados Unidos queriam impedir o início da guerra em 1914, pois receavam uma derrota da Alemanha, que poderia prejudicar os seus interesses econômicos na Europa Ocidental.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C2-H7

A primeira metade do século XX foi marcada por conflitos e processos que a inscreveram como um dos mais violentos períodos da história humana. Entre os principais fatores que estiveram na origem dos conflitos ocorridos durante a primeira metade do século XX, estão:

- a) a crise do colonialismo, a ascensão do nacionalismo e do totalitarismo.
- b) o enfraquecimento do Império Britânico, a Grande Depressão e a corrida nuclear.
- c) o declínio britânico, o fracasso da Liga das Nações e a Revolução Cubana.
- d) a corrida armamentista, o terceiro mundismo e o expansionismo soviético.
- e) a Revolução Bolchevique, o imperialismo e a unificação da Alemanha.

19. ESPM-SP

C4-H16

“Foi um período caracterizado por rápidas investidas. Os alemães invadiram a Bélgica, cuja resistência heroica, notadamente em Liège, possibilitaria a plena mobilização dos franceses e dos russos. Apesar dos esforços franceses, 78 divisões germânicas armadas com artilharia pesada chegaram às vizinhanças de Paris. Graças à extrema habilidade do general Joffre, os alemães foram obrigados a recuar até o vale do Rio Marne, onde em setembro foi disputada a Primeira Batalha do Marne com a participação de 2 milhões de homens.”

RODRIGUES, Luiz Cesar. *A Primeira Guerra Mundial*.

A Primeira Batalha do Marne tratada no texto deve ser relacionada com:

- a) a *blitzkrieg*, estratégia de guerra alemã que combinava o rápido avanço de tropas de infantaria com o apoio aéreo e de blindados.
- b) a guerra de trincheiras, cenário que dominou todo o curso da Primeira Guerra Mundial.
- c) a guerra de movimento, adotada no início da Primeira Guerra Mundial pelos alemães, estratégia que fazia parte do chamado Plano Schlieffen.
- d) a primeira batalha em que se registrou o emprego do gás como arma, recurso utilizado pelos alemães.
- e) o sucesso do plano escolhido pelos alemães para derrotar rapidamente a França, pois com a vitória na Batalha do Marne os alemães conquistaram Paris.

20. UFPEL-RS

C1-H1

Artigos do Tratado de Versalhes (século XX)

“Art. 45 – A Alemanha cede à França a propriedade absoluta [...], com direito total de exploração, das minas de carvão situadas na bacia do Rio Sarre.

Art. 119 – A Alemanha renuncia, em favor das potências aliadas, a todos os direitos sobre as colônias ultramarinas.

Art. 171 – Estão proibidas na Alemanha a fabricação e a importação de carros blindados, tanques, ou qualquer outro instrumento que sirva a objetivos de guerra.

Art. 232 – A Alemanha se compromete a reparar todos os danos causados à população civil das potências aliadas e a seus bens”.

MARQUES, Adhemar Martins et al. *História contemporânea: textos e documentos*. São Paulo: Contexto, 1999.

De acordo com o texto e com seus conhecimentos, é correto afirmar que o Tratado de Versalhes:

- a) encerrou a Segunda Guerra Mundial, fazendo com que a Alemanha perdesse as colônias ultramarinas para os países dos Aliados.
- b) extinguiu a Liga das Nações, propondo a criação da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1945, com o objetivo de preservar a paz mundial.
- c) estimulou a competição econômica e colonial entre os países europeus, culminando na Primeira Guerra Mundial.
- d) permitiu que as potências aliadas dividissem a Alemanha no fim da Segunda Guerra Mundial em quatro zonas de ocupação: francesa, britânica, americana e soviética.
- e) impôs duras sanções à Alemanha, no fim da Primeira Guerra Mundial, fazendo ressurgir o nacionalismo e reorganizando as forças políticas do país.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

41

REVOLUÇÃO RUSSA

A NAÇÃO DO PROLETARIADO

Neste módulo, veremos o que foi a Revolução Russa, evento que modificou radicalmente os rumos deste país, antes liderado por um czar e marcado por uma economia basicamente agrária e pouco industrializada, além da precariedade de uma boa parte da população em oposição a uma nobreza privilegiada. A Revolução Russa daria forma a uma das primeiras experiências socialistas da História, baseada nos ideais de Karl Marx e Friedrich Engels, que propunham uma revolução do proletariado e a tomada dos meios de produção por estes. Veremos quais medidas foram tomadas, após o sucesso da revolução, pelos líderes dessa nova nação socialista, nomeada União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que se tornaria uma das grandes potências mundiais em determinado período, rivalizaria com os Estados Unidos e passaria a representar a ideologia socialista.

- A nação do proletariado
- Antigo Regime na Rússia
- Revolução de 1905
- Partidos políticos
- Revolução burguesa ou menchevista
- Revolução socialista ou bolchevista
- Governo bolchevique
- Governo de Stalin

HABILIDADES

- Analisar a produção da memória pelas sociedades humanas.
- Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.
- Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.



Passeata Bolchevique em São Petersburgo durante a Revolução Russa. Primavera de 1917.

ANTIGO REGIME NA RÚSSIA

No fim do século XIX, a Rússia era um país defasado econômica e politicamente se comparado à Europa Ocidental. Sua estrutura política era semelhante ao Antigo Regime e sustentava uma autocracia czarista. Essa situação começou a mudar lenta e progressivamente com o início de uma incipiente revolução industrial na Rússia. Duas novas classes sociais emergiram no país: a burguesia e o operariado. Esse crescimento contribuiu para o agravamento das contradições internas que conduziram à Revolução de 1917.

A sociedade russa, no início do século XX, era composta pelos seguintes grupos sociais:

- aristocracia reacionária, formada pelos grandes proprietários rurais e representada pela nobreza e pelo clero, em geral ocupando altos cargos da burocracia czarista;
- funcionalismo público numeroso e oneroso;
- burguesia, ainda frágil, porém contando com projeto político e concepções reformistas para a sociedade russa;
- operariado urbano, miserável e sem direitos trabalhistas, concentrado nas principais cidades, como Moscou, São Petersburgo (Petrogrado), Odessa e Kiev;
- camponato, composto por médios proprietários de terra (os *kulaks*) e por sem-terras (os *mujiques*), que correspondiam a 80% da população russa, há pouco emancipados de sua servidão, porém ainda explorados pelos *kulaks*.

REVOLUÇÃO DE 1905

Nesse período, estourou a guerra contra o Japão (1904-1905), na qual os russos foram derrotados pelos japoneses, mais bem preparados industrialmente. A derrota enfraqueceu o czar Nicolau II e contribuiu para o aumento da crise econômica e social interna. Para exigir reformas, em 22 de janeiro de 1905 camadas populares e classes médias uniram-se em uma passeata pacífica em direção ao palácio do czar. A violenta reação do governo resultou no massacre de inúmeros participantes, dando a esse episódio o nome de Domingo Sangrento. A crise interna adquiriu repercussões inesperadas. Greves e revoltas eclodiam em toda a Rússia. Os soviets – conselhos de operários, soldados e camponeses – encabeçaram a luta. Motins ocorreram no Porto de Odessa e parte da Guarda Nacional se rebelou. A burguesia procurou contestar o governo czarista canalizando o movimento para a instalação de um regime constitucional-parlamentar.

A Revolução de 1905 foi um “ensaio-geral”, como salientou Lenin sobre o Domingo Sangrento: a educação revolucionária do proletariado progrediu mais em um dia do que poderia em meses e anos de existência monótona, prosaica e miserável.

Para evitar que a revolução e seus ideais se alastrassem, Nicolau II aceitou a criação da Duma (Assembleia Legislativa), cujo principal objetivo era redigir uma Constituição sob a liderança da burguesia liberal. As divisões internas da Duma refletiam as divisões da própria sociedade russa, gerando fortes enfrentamentos políticos entre seus membros e contribuíram para seu enfraquecimento e sua dissolução pelo czar.

PARTIDOS POLÍTICOS

A industrialização, seguida de maior urbanização e formação do operariado, tornou possível a difusão do ideário liberal, absorvido por boa parte da burguesia. O socialismo, por sua vez, tornou-se bandeira de luta das camadas populares, como soldados, camponeses e proletariado.

Organizaram-se, então, dois partidos políticos: o Partido Constitucional-Democrata (ou Kadet), formado pela burguesia e por setores da aristocracia liberal, de tendência reformista; e o Partido Operário Social-Democrata Russo, de caráter revolucionário, que agregou as camadas populares e cujos principais líderes eram Lenin, Trotski, Plekhanov e Martov.

Em 1903, houve a cisão do Partido Social-Democrata, no Congresso de Bruxelas. Formaram-se, assim, duas facções: bolchevique (maioria), favorável ao socialismo revolucionário, propondo a aliança entre operariado e camponato como base para a ascensão do socialismo e aniquilação radical do capitalismo; e menchevique (minoria), partidária do socialismo evolucionista, propondo uma aliança com a burguesia e a passagem gradual para o socialismo por meio de uma política de reformas progressivas.



Retrato do czar Nicolau II, da família real Romanov, cerca de 1909. Foi o último czar da Rússia antes da Revolução Russa. De caráter absolutista, o regime czarista era cada vez mais questionado, em especial por movimentos revolucionários que, aos poucos, foram se consolidando.

Em 1912, os bolcheviques organizaram-se como partido político, sob a liderança de Vladimir Ilich Ulianov, conhecido também por Lenin, jovem advogado de classe média que se tornou o maior articulador político do partido popular. Inspirado nas ideias de Marx e Engels, escreveu os livros *Que fazer?* e *Um passo à frente, outro atrás*. Suas teses deram origem à filosofia marxista-leninista, ou, simplesmente, leninismo.



Para Lenin, a revolução teria de ser efetivada pelo partido e não pelo proletariado. Sua ideia-base era superar o atraso capitalista da Rússia pelo viés de um partido representativo da vanguarda revolucionária.

EVERETT HISTORICAL/SHUTTERSTOCK

REVOLUÇÃO BURGUESA OU MENCHEVISTA

A Primeira Guerra Mundial revelou aos russos que eles tinham sérios problemas: exército obsoleto em termos tecnológicos e táticos, com oficiais incompetentes e soldados profissionais engajados ou recrutados do campesinato; somada às deficiências militares, sua economia agrária mostrou-se incapaz de sustentar a guerra, tendo em vista que o desvio de alimentos para a frente de combate gerou escassez e revolta entre as camadas populares, bem como aumentos abusivos dos preços e impostos na tentativa de manter o país em uma guerra que já estava perdida. Os fracassos diante dos alemães, superiores industrial e tecnologicamente, agravaram a crise social, econômica e financeira nacional, acelerando a desagregação do czarismo.

Nesse contexto, ressurgiram os sovietes atuando na multiplicação das greves. Os próprios soldados designados para reprimir o movimento acabaram por se unir a eles. Frente a essa complicação política, o czar foi forçado a renunciar em plena guerra. Esse evento ficou conhecido como Revolução de Fevereiro de 1917. Sob a liderança de Kerensky, instalou-se um governo provisório de caráter liberal burguês, logo transformado em República.

O governo menchevista anistiou exilados e presos políticos, proclamou as liberdades civis e propôs eleições (que não se realizaram), mas manteve a decisão de continuar em guerra, principal motivo da insatisfação popular contra o governo.

EVERETT HISTORICAL/SHUTTERSTOCK



O Soviete de Deputados Operários e Soldados de Petrogrado, geralmente chamado apenas de Soviete de Petrogrado, foi o sovieta da então capital russa estabelecido em março de 1917 após a Revolução de Fevereiro como órgão representante dos trabalhadores.

REVOLUÇÃO SOCIALISTA OU BOLCHEVISTA

A tensão do governo menchevista de Kerensky era gerada pela existência de poderes paralelos (Duma e sovietes). A crise interna agravada pela guerra desencadeou uma bolchevização da sociedade russa entre junho e novembro de 1917. Os bolcheviques conquistaram a maioria dos sovietes. O lema do partido, "Paz, pão e terra", refletia a vontade popular de retirar a Rússia da guerra, fazer reforma agrária e dirigir a economia para a produção de bens de consumo que atendessem às necessidades dos trabalhadores.

Sem o apoio da aristocracia e das camadas médias e populares, o governo menchevista de Kerensky se isolou. Em setembro, Trotski foi eleito presidente do sovieta de Petrogrado, organizou a Guarda Vermelha e planejou a tomada do poder por meio de uma insurreição em Petrogrado. Apoiado pelo cruzador Aurora, pela guarnição de Petrogrado e pela Guarda Vermelha, tomou o Palácio de Inverno, sede do governo de Kerensky. Foi a Revolução de 7 de Novembro de 1917 que deu início ao governo bolchevique.

EVERETT HISTORICAL/SHUTTERSTOCK



Soldados russos declaram apoio à Revolução de Outubro na praça do Palácio de Inverno.

GOVERNO BOLCHEVIQUE

O novo governo tinha Lenin na presidência, Trotski como comissário do povo para a guerra e para os negócios estrangeiros e Stalin como responsável pelas nacionalidades.

O governo bolchevista tomou medidas de impacto: retirou a Rússia da guerra com a Alemanha por meio do Tratado de Brest-Litovsk; reconheceu a independência da Letônia, Estônia, Lituânia e Finlândia; nacionalizou bancos e grandes empresas estrangeiras; expropriou terras da Igreja, da Coroa e da aristocracia para distribuição aos camponeses por meio dos comitês agrários; e organizou o controle de fábricas por operários.

Guerra Civil Russa

As potências capitalistas da Entente (França e Inglaterra) recusaram-se a aceitar o novo governo por não concordarem com a estatização das propriedades privadas e o não pagamento das dívidas contraídas pelo czar no exterior, além de temerem a propagação das ideias bolchevistas. Em 1918, eclodiu uma violenta guerra civil entre o Exército Branco (inimigos internos do bolchevismo, contando com tropas e auxílio externo) e o Exército Vermelho (bolchevistas). Os brancos foram derrotados em 1921 e o mundo capitalista preocupou-se em isolar o socialismo vigente na Rússia.

Economia

Depois de quatro anos de Primeira Guerra Mundial e outros quatro de guerra civil, a economia russa estava arruinada. Em 1921, a produção industrial estava reduzida a 18% e a produção agrícola a 30% em relação ao montante computado em 1913. A miséria assolou vastas regiões e milhões de cidadãos soviéticos passaram fome, o que gerou uma forte insatisfação do campesinato. Esse quadro caótico levou Lenin a instituir a Nova Política Econômica (NEP), defendendo que o avanço da revolução dependia de um passo atrás para seguir dois à frente. Assim, essa política mesclava princípios da economia de mercado (capitalismo) com economia estatal (socialismo). A NEP reimplantou a contratação do trabalho assalariado, reorganizou o comércio exterior, autorizou a constituição de indústrias privadas, permitiu aos camponeses o comércio dos excedentes de sua produção a preço de mercado e restabeleceu as contas-correntes nos bancos. O setor privado se desenvolveria ao lado do estatal. Essa política, apesar de não romper o cordão sanitário das nações capitalistas, ao menos permitiu a abertura diplomática para a URSS, que passou a ser reconhecida por grande parte das maiores potências.

A expressão “cordão sanitário” – utilizada pelo ministro francês Georges Clemenceau para se referir ao isolamento ideológico, político e econômico imposto pelas potências capitalistas contra a URSS – tinha como base a ideia de que o socialismo era uma “doença infecciosa”.



GREBESHKOV/MAXIM/SHUTTERSTOCK

Emblema da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

GOVERNO DE STALIN

Em janeiro de 1924, a morte de Lenin foi seguida pela luta pelo poder entre Stalin e Trotski: o primeiro, favorável ao socialismo em um só país; e, o segundo, partidário da revolução permanente. Stalin, então secretário-geral do partido, saiu vitorioso em 1928. Trotski exilou-se no México, onde foi posteriormente assassinado. A ascensão de Stalin significou a burocratização do Estado e a instalação de uma implacável ditadura do Partido Comunista de 1936 a 1938 e a eliminação de toda forma de oposição.

A NEP foi suprimida em 1928 e adotaram-se os Planos Quinquenais de planificação econômica e desenvolvimento da indústria pesada. Mesmo enfrentando a resistência dos *kulaks*, iniciou-se a coletivização da agricultura, que representou um grande aumento na produção agrícola. As fazendas eram divididas em dois tipos: *kolkoses* (fazendas estatais) e *sovekoses* (fazendas coletivas). A nova Constituição de 1936 estabeleceu a URSS como integrada por onze repúblicas.



SHAWSHOTS/ALAMY STOCK PHOTO

Pôster de propaganda soviética com o texto: “Glória ao povo vitorioso! Viva o nosso querido Stalin!”

ROTEIRO DE AULA

REVOLUÇÃO RUSSA DE 1917

Cronologia e características gerais

Precedentes da Revolução Russa de 1917:

- Gerada pela crise interna agravada pela participação russa na Primeira Guerra Mundial.

Etapas do governo bolchevique:

- Lenin na presidência.
- Retirada russa da guerra.
- Nacionalização de bancos e empresas privadas.
- Reforma agrária.

Etapas do governo de Stalin:

- Disputa entre Stalin e Trotski.
- Stalin, favorável ao isolacionismo, torna-se presidente.
- Burocratização do Estado.
- Regime totalitário de esquerda.
- Planificação econômica e desenvolvimento industrial.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Enem

C2-H7

Os mapas a seguir revelam como as fronteiras e suas representações gráficas são mutáveis:

Guerra Fria (1945-1989)



Pós-Guerra Fria



Essas significativas mudanças nas fronteiras de países da Europa Oriental nas duas últimas décadas do século XX, direta ou indiretamente, resultaram:

- do fortalecimento geopolítico da URSS e de seus países aliados na ordem internacional.
- da crise do capitalismo na Europa, representada principalmente pela queda do Muro de Berlim.
- da luta de antigas e tradicionais comunidades nacionais e religiosas oprimidas por Estados criados antes da Segunda Guerra Mundial.
- do avanço do capitalismo e da ideologia neoliberal no mundo ocidental.

- da necessidade de alguns países subdesenvolvidos ampliarem seus territórios.

Após o colapso da URSS e o fim da Guerra Fria, pode-se observar no mapa como diversas comunidades nacionais conquistaram sua autonomia, antes ameaçada por Estados maiores, que perdem sua força com o fim da potência socialista.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.

- 2. Ufop-MG** – Sobre a Revolução Russa, assinale a alternativa incorreta:

- O principal objetivo era derrubar o czarismo, identificado como um dos maiores responsáveis pelo atraso do país.
- A Revolução Comunista só se consolidou após uma violenta guerra civil, que opôs “brancos” e “vermelhos”.
- Os bolcheviques controlaram o poder desde o início do processo revolucionário, em fevereiro de 1917.
- Seu impacto mundial foi muito grande, sob sua influência surgiram partidos comunistas em boa parte dos países.
- Ela levou a Rússia, a médio prazo, a um processo de industrialização rápida, mas com um custo social alto.

A Revolução Russa tinha como objetivo não só derrubar o czarismo, mas também que o proletariado tomasse o controle dos meios de produção e, para isso, ocorreu uma violenta guerra civil, em que os revolucionários eram identificados como Exército Vermelho, em oposição ao Exército Branco, dos monarquistas.

- 3. Udesc-SC** – Leia o documento abaixo:

“Um terço do país se encontra submetido a um regime de vigilância especial, isto é, fora da lei. As forças policiais, sejam visíveis ou secretas, aumentam dia a dia. Nas prisões e nas colônias penais, além das centenas de milhares de criminosos comuns, há uma enorme quantidade de condenados políticos, e agora ali se encontram até mesmo os operários. [...] As perseguições religiosas nunca foram tão frequentes nem tão cruéis. Em todas as cidades e centros industriais, agrupam-se tropas enviadas, de armas nas mãos, contra o povo. [...] Apesar do orçamento do Estado, que aumenta de maneira desmesurada [...], essa intensa e terrível atividade do governo acentua de ano a ano o empobrecimento da população agrícola, isto é, os cem milhões de homens sobre os quais repousa a potência da Rússia. Por esta razão, a fome agora é um fenômeno normal. O descontentamento geral de todos os grupos sociais e sua hostilidade para com o governo também são um fenômeno normal.”

Carta do escritor Leon Tolstói ao czar Nicolau II, 16 de janeiro de 1902. In: SALOMONI, Antonella. *Lenin e a Revolução Russa*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997. p. 16-17.

Analise as proposições considerando as informações da carta acima e o contexto histórico da Rússia no início do século XX:

- Leon Tolstói, em sua carta, está criticando o governo do czar russo devido às perseguições políticas e religiosas e por causa da pobreza na qual viviam milhões de pessoas na Rússia.
- Apesar do crescimento industrial e urbano ocorrido no final do século XIX e início do século XX, a maioria da população russa vivia em condições miseráveis no campo, uma vez que muitos camponeses não eram proprietários das terras nas quais trabalhavam.
- O governo da Rússia, nesse período, era uma monarquia absolutista, governado pelo czar. Esse tipo de governo é caracterizado pela divisão igualitária do poder entre o monarca e os representantes eleitos pelo povo.
- Nas duas primeiras décadas do século XX, na Rússia, ocorreram inúmeras revoltas populares, entre as quais a que ficou conhecida como Domingo Sangrento, que ocorreu em janeiro de 1905, quando centenas de

peças foram mortas durante uma manifestação que reivindicava direito à greve, melhores condições de vida e convocação de uma Assembleia Constituinte.

Assinale a alternativa correta:

- a) Somente as afirmativas I, II e III são verdadeiras.
- b) Somente as afirmativas II, III e IV são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas I, III e IV são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas I, II e IV são verdadeiras.
- e) Todas as afirmativas são verdadeiras.

A única afirmativa incorreta trata da ideia de monarquia absolutista. Ao contrário do exposto na afirmativa, o czar não dividia seu poder de forma igualitária com representantes eleitos pelo povo; pelo contrário, centralizava todo o poder de decisão em suas mãos.

4. **Unesp-SP** – “A ascensão da direita radical após a Primeira Guerra Mundial foi sem dúvida uma resposta ao perigo, na verdade à realidade, da revolução social e do poder operário em geral, e à Revolução de Outubro e ao leninismo em particular.”

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos*.

Identifique a “direita radical” que ascendia no período entreguerras, opondo-se à expansão dos movimentos revolucionários:

- a) bolchevista.
- b) liberal.
- c) menchevista.
- d) nazifascista.
- e) anarcossindicalista.

A direita radical que ascendeu no período entreguerras foi o nazifascismo alemão e italiano, que tinha entre suas características um caráter anticomunista.

5. **Furg-RS** – No movimento revolucionário russo de 1917, os soviets consistiam em:

- a) uma organização sindical socialista.
- b) uma organização militar estalinista.

- c) um comitê formado por camponeses rebeldes, operários e soldados.
- d) um conselho burocrático popular.
- e) uma milícia formada por cossacos.

Os soviets eram organizações rebeldes formadas por um conjunto de camponeses, operários e soldados.

6. **PUC-RS** – Com base nas afirmativas abaixo, sobre a Revolução Russa de 1917:

- I. A revolução teve origem no fracasso das negociações diplomáticas entre Rússia e Alemanha em torno da cidade de Dantzig e do desejado Corredor Polonês.
- II. A revolução caracterizou-se como um movimento liberal, organizado pelos intelectuais orgânicos dos Sovietes dos Camponeses, Burgueses e Operários.
- III. As questões sociais relacionadas à terra, à carência de abastecimento (e fome crônica) e à permanência da Rússia na Primeira Guerra foram fundamentais para a eclosão dessa Revolução.
- IV. Trotski e Stalin divergiram quanto aos rumos da revolução, já que o primeiro defendeu o “socialismo em um só país,” ao passo que o segundo propôs a “revolução permanente”.
- V. A revolução resultou na saída da Rússia da Primeira Guerra Mundial em 1917, por Lenin considerar esta uma guerra imperialista.

A análise das afirmativas permite concluir que é correta a alternativa:

- a) I, II e III.
 - b) I, III e IV.
 - c) I, III e V.
 - d) II, III e V.
 - e) III, IV e V.
- As origens da revolução estão associadas ao descontentamento do povo com as desigualdades existentes na Rússia e envolvem questões relacionadas à terra, à fome e à participação da Rússia na Primeira Guerra Mundial. Inclusive, a Revolução Russa teve como uma de suas consequências a saída do país da guerra. Também havia discordância entre dois dos principais líderes soviéticos, Trotsky e Stalin, que divergiam sobre as melhores maneiras de comandar o socialismo e a União Soviética.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. **Udesc-SC** – Sobre a Revolução Russa, é correto afirmar:

- a) A União Soviética, criada pós-revolução, foi esfacelada logo na sequência, quando as forças alemãs invadiram Moscou durante a Segunda Guerra.
- b) A revolução foi promovida colocando-se contrária à formação da União Soviética proposta pelo czar russo.
- c) Os russos, por estarem fora da Primeira Guerra, tiveram tranquilidade e paz social para instaurar um Estado socialista.
- d) A Revolução Russa foi fundante quanto à experiência histórica de um Estado socialista no século XX.
- e) O governo revolucionário priorizou a livre-iniciativa e a propriedade privada.

8. **FGV-SP** – Em abril de 1917, o líder bolchevique Lenin, exilado em Zurique (Suíça), voltou à Rússia lançando as Teses de Abril. Nesse programa político, é incorreto afirmar que Lenin propunha:

- a) a formação de uma república de soviets.
- b) a concessão à defesa nacional, dando total apoio ao governo provisório.
- c) a nacionalização dos bancos e das propriedades privadas.
- d) a reconstituição da Internacional.
- e) o controle da produção pelos operários.

9. **Unesp-SP**

“O retorno a uma semieconomia de mercado provocou o reaparecimento da moeda e, durante o ano de 1921, renasceu o mercado propriamente dito. A desnacionalização de empresas começou respectivamente pelo pequeno e grande

comércio, atingindo, mais tarde, a indústria leve. As cooperativas foram devolvidas aos seus antigos acionistas e, no final do ano, permaneciam nas mãos do Estado apenas os setores economicamente estratégicos, o crédito e a indústria pesada.”

MALIA, Martin. *Entender a Revolução Russa*.

O trecho apresentado refere-se a um momento da Revolução Russa no qual:

- a) o Estado soviético implementa a Nova Política Econômica, procurando superar as dificuldades econômicas e sociais advindas do comunismo de guerra.
- b) o Partido Bolchevista promove um processo de abertura política, instaurando um regime político democrático e pluripartidário.
- c) o governo leninista, enfraquecido pela guerra civil, é obrigado a fazer concessões à tradicional nobreza czarista.
- d) o Estado soviético aplica uma política de planificação econômica e de coletivização de terras denominada Planos Quinquenais.
- e) o conflito entre facções dentro do Estado resulta na oposição do Partido Bolchevista ao ideário socialista.

10. **UFRRJ-RJ** – Leia o texto a seguir:

“Em 1921, o problema nacional central era o da recuperação econômica – o índice de desespero do país é eloquente: naquele ano, 36 milhões de pessoas não tinham o que comer. Nas novas e ruinosas condições da paz, o ‘comunismo de guerra’ revelava-se insuficiente: era preciso estimular mais efetivamente os mecanismos econômicos

da sociedade. Assim, ainda em 1921, no X Congresso do Partido, Lenin propõe um plano econômico de emergência: a Nova Política Econômica.”

NETO, J. P. *O que é stalinismo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

Sobre a chamada Nova Política Econômica, é correto afirmar que:

- a) ela reintroduziu práticas de exploração econômica anteriores à Revolução Russa de 1917 que se traduziram num abandono temporário de todas as transformações socialistas já feitas e um retorno ao capitalismo.
 - b) ela consistiu na manutenção de elementos econômicos socialistas, na organização da economia (como o planejamento) e na permissão para o estabelecimento de elementos capitalistas por meio da livre-iniciativa em certos setores.
 - c) ela significou fundamentalmente uma reforma agrária radical que promoveu a coletivização forçada das propriedades agrárias e a construção de fazendas coletivas, os *kolkhozes*.
 - d) seu resultado foi catastrófico, mesmo permitindo a volta controlada de relações capitalistas na economia, já que ela ampliou ainda mais o nível de desemprego e produziu fome em grande escala.
 - e) ela significou, com a abertura para o capitalismo, um aumento substancial da produção industrial, mas, ao mesmo tempo, por ter retirado todos os incentivos anteriormente concedidos à produção agrícola, foi a razão da ruína do campo.
- 11. Ufes-ES** – A Revolução Russa de 1917 derrubou o regime czarista e estabeleceu o socialismo no país. Assinale a alternativa correta em relação às medidas adotadas pelo novo governo:
- a) Com a abdicação do czar, estabeleceu-se uma aliança política entre os líderes do regime czarista e os dirigentes do governo provisório.
 - b) Lenin, prisioneiro político exilado na Sibéria, ficou excluído do processo revolucionário.
 - c) O governo socialista colocou em prática, imediatamente, o projeto de reconstrução da economia, a Nova Política Econômica (NEP).
 - d) A fase inicial do processo caracterizou-se pela alteração nas leis dos direitos civis, pela anulação dos títulos de nobreza, pela separação entre Igreja e Estado, pela reforma agrária e pelo fim da propriedade privada.
 - e) No nível político, o governo revolucionário promulgou, no mesmo ano, uma nova Constituição, que legitimou a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).
- 12. Puccamp-SP** – A Revolução Socialista na Rússia, em 1917, foi um dos acontecimentos mais significativos do século XX, uma vez que colocou em xeque a ordem socioeconômica capitalista. Sobre o desencadeamento do processo revolucionário, é correto afirmar que:
- a) os mencheviques tiveram um papel fundamental no processo revolucionário, por defenderem a implantação da ditadura do proletariado.
 - b) os bolcheviques representavam a ala mais conservadora dos socialistas, sendo derrotados pelos mencheviques nas jornadas de outubro.
 - c) foi realimentado pela participação da Rússia na Primeira Guerra Mundial, o que desencadeou uma série de greves e revoltas populares em razão da crise de abastecimento de alimentos.
 - d) foi liderada por Stalin, a partir de outubro, que estabeleceu a tese da necessidade da revolução em um só país, em oposição a Trotsky, líder do Exército Vermelho.
 - e) o Partido Comunista conseguiu superar os conflitos que existiam no seu interior quando estabeleceu a

Nova Política Econômica, que representava os interesses dos setores mais conservadores.

- 13. UEFS-BA** – Os versos “Basta ver que um povo / Derruba um czar”, da composição musical, podem ser associados à:
- a) morte, na guilhotina, dos líderes dos *sans-culottes*, por determinação do terceiro estado, no processo da Revolução Francesa.
 - b) luta de independência da América espanhola, nas primeiras décadas do século XIX, que implantou a democracia e o trabalho assalariado.
 - c) derrubada do monarca russo e à implantação do sistema socialista, pelo Partido Bolchevique, em outubro de 1917.
 - d) queda do Império Alemão, liderado por Otto von Bismarck, e à ascensão ao poder, por um golpe militar, de Adolfo Hitler.
 - e) consolidação do regime democrático no Oriente Médio e no norte da África, fruto do movimento denominado Primavera Árabe.
- 14. PUC-GO** – O poeta escreveu: “Eu sei que ao longe na praça / Ferve a onda popular [...]”, o que nos faz lembrar os grandes movimentos revolucionários, a exemplo da Revolução Francesa. Um aspecto diferencial das revoluções ocorridas no século XX foi o seu caráter ideológico, com projetos de superação do sistema capitalista. O primeiro movimento vitorioso assim caracterizado ocorreu na Rússia, em 1917. Sobre ele, é correto afirmar que:
- a) o Partido Liberal, burguês, com medo das greves e da violência popular, uniu-se ao Partido Comunista e passou a apoiar as propostas de Lenin, Stalin e Trotsky na construção de uma ditadura comunista na Rússia.
 - b) o czar buscou apoio nos mencheviques, que defendiam uma democracia centralizada, mas no último momento esse grupo passou a apoiar os bolcheviques. A união dos dois grandes partidos russos conseguiu derrubar o poder imperial e implantar o comunismo.
 - c) os comunistas apoiaram, inicialmente, o movimento liberal burguês que derrubou o czar. Apoiados no poder dos soviets, eles conseguiram, somente após alguns meses de lutas, construir uma revolução socialista vitoriosa.
 - d) os soviets dos operários ganharam grande poder nas greves que ocorriam desde 1905, incorporando em suas reivindicações uma proposta radical de comunismo que desprezava os partidos. Foi essa visão que levou à derrubada do czar e implantou um sistema representativo liberal sob a presidência de Vladimir Lenin.
- 15. UFPR-PR** – O lema dos bolcheviques a partir de abril de 1917 era “Paz, pão e terra”, conhecido também como Teses de Abril. Assinale a alternativa que identifica e justifica corretamente qual entre as palavras do lema tem correspondência direta com os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial:
- a) A palavra é “paz”, pois reivindicava que a Rússia conduzisse o Tratado de Versalhes e retirasse vantagens dos países perdedores.
 - b) A palavra é “terra”, pois reivindicava que a Rússia fizesse reforma agrária nas terras conquistadas durante o conflito.
 - c) A palavra é “terra”, pois reivindicava que a Rússia anexasse territórios para a constituição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.
 - d) A palavra é “paz”, pois reivindicava que a Rússia se retirasse imediatamente da guerra, para livrar sua população do sofrimento e iniciar uma nova ordem socialista.
 - e) A palavra é “pão”, pois reivindicava que a Rússia se retirasse da guerra para cessar o desabastecimento que ocorreu no país após a invasão alemã.

16. Ufam-AM – Segundo o historiador Marc Ferro, o andamento moderado da Revolução Russa, em que burgueses e operários pareciam estabelecer seus respectivos projetos para o futuro, encontrou um obstáculo com a volta de Lenin de seu exílio na Suíça. Com a chegada a Petrogrado de Lenin e os outros bolcheviques exilados, a Revolução seguiria então um novo curso: mais intransigente no sentido da defesa exclusiva dos interesses do proletariado, fora de qualquer mistura com os interesses burgueses. Com as Teses de Abril, ficou declarada a incompatibilidade da causa da revolução socialista com o prosseguimento da guerra, com o governo provisório e com a república parlamentar. Quais as principais medidas anunciadas para esse novo momento revolucionário?

- I. Expropriação das terras da Igreja, da Coroa e da aristocracia e sua distribuição para os camponeses por meio de comitês agrários.
- II. Nacionalização dos bancos e investimentos estrangeiros no país.
- III. Controle das fábricas pelos operários.
- IV. Organização do Exército Vermelho, dirigido por Leon Trotski.
- V. Proposta de paz imediata aceita prontamente pela Inglaterra e pela França, culminando com a assinatura do Tratado de Paz de Brest-Litovsk.

Assinale a alternativa correta:

- a) Somente as proposições I, II, III e IV estão corretas.
- b) Somente as proposições I, II, III e V estão corretas.
- c) Somente as proposições II, III, IV e V estão corretas.
- d) Todas as proposições estão corretas.
- e) Todas as proposições estão erradas.

17. Fatec-SP – A Revolução de Fevereiro de 1917 derrubou Nicolau II e estabeleceu a República da Duma. Era o fim do regime czarista. Essa primeira fase da Revolução Russa teve, como uma de suas características:

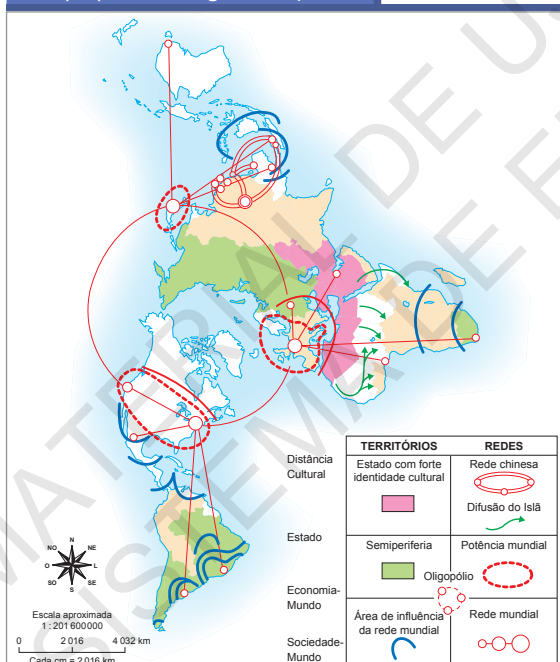
- a) a formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que tinha como tarefa construir o socialismo no mundo.
- b) a assinatura do Tratado de Brest-Litovsk com a Alemanha, pelo qual a Rússia entregava aos alemães a Letônia, a Lituânia, a Estônia, a Finlândia, a Polônia e a Ucrânia.
- c) a crença no avanço do capitalismo na Rússia e da empresa privada como fonte do progresso econômico.
- d) a criação do Politburo (birô político), um pequeno grupo de dirigentes, nascido no interior do Comitê Central, que determinava as políticas a serem adotadas no novo regime.
- e) a revolução permanente, inspirada nos ideais trotskistas de expansão imediata dos ideais revolucionários para outros povos.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C2-H6

A nova des-ordem geográfica mundial:
uma proposta de regionalização



LÉVY et al. (1992), atualizado.

“O espaço mundial sob a nova ‘des-ordem’ é um emaranhado de zonas, redes e ‘aglomerados’, espaços hegemônicos e contra-hegemônicos que se cruzam de forma complexa na face da Terra. Fica clara, de saída, a polêmica que envolve uma nova regionalização mundial. Como regionalizar um espaço tão heterogêneo e, em parte, fluido, como é o espaço mundial contemporâneo?”

HAESBAERT, R.; PORTO-GONÇALVES, C. W. *A nova des-ordem mundial*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2006.

O mapa procura representar a lógica espacial do mundo contemporâneo pós-União Soviética, no contexto de avanço da globalização e do neoliberalismo, quando a divisão entre países socialistas e capitalistas se desfaz e as categorias de “primeiro” e “terceiro” mundo perderam sua validade explicativa.

Considerando esse objetivo interpretativo, tal distribuição espacial aponta para:

- a) a estagnação dos Estados com forte identidade cultural.
- b) o alcance da racionalidade anticapitalista.
- c) a influência das grandes potências econômicas.
- d) a dissolução de blocos políticos regionais.
- e) o alargamento da força econômica dos países islâmicos.

19. Enem

C1-H1



COLEÇÃO PARTICULAR

“Com sua entrada no universo dos gibis, o Capitão chegaria para apaziguar a agonia, o autoritarismo militar e combater a tirania. Claro que, em tempos de guerra, um gibi de um herói com uma bandeira americana no peito aplicando um sopapo no *fürer* só poderia ganhar destaque, e o sucesso não demoraria muito a chegar.”

COSTA, C. Capitão América, o primeiro vingador: crítica. Disponível em: <www.revistastart.com.br>. Acesso em: 27 jan. 2012. (Adaptado)

A capa da primeira edição norte-americana da revista do Capitão América demonstra sua associação com a participação dos Estados Unidos na luta contra:

- a) a Tríplice Aliança, na Primeira Guerra Mundial.
- b) os regimes totalitários, na Segunda Guerra Mundial.
- c) o poder soviético, durante a Guerra Fria.
- d) o movimento comunista, na Guerra do Vietnã.
- e) o terrorismo internacional, após o 11 de setembro de 2001.

20. Unesp-SP

C3-H11

“No final da primavera de 1921, um grande artigo de Lenin define o que será a NEP (Nova Política Econômica): supressão das requisições, impostos em gêneros (para os camponeses); liberdade de comércio; liberdade de produção artesanal; concessões aos capitalistas estrangeiros; liberdade de empresa – é verdade que restrita – para os ci-

dadãos soviéticos. [...] Ao mesmo tempo, recusa qualquer liberdade política ao país: ‘Os mencheviques continuarão presos’, e anuncia uma depuração do partido, dirigida contra os revolucionários oriundos de outros partidos, isto é, não imbuídos da mentalidade bolchevique.”

SERGE, Victor. *Memórias de um revolucionário*, 1987.

O texto identifica duas características do processo de constituição da União Soviética:

- a) a reconciliação entre as principais facções social-democratas e a implantação de um sistema político que atribuía todo poder aos soviets de soldados, operários e camponeses.
- b) o reconhecimento do fracasso político e social dos ideais comunistas e o restabelecimento do capitalismo liberal como modo de produção hegemônico no país.
- c) a estatização das empresas e dos capitais estrangeiros investidos no país e a nacionalização de todos os meios de produção, com a implantação do chamado comunismo de guerra.
- d) a aguda centralização do poder nas mãos do partido governante e o restabelecimento temporário de algumas práticas capitalistas que visavam à aceleração do crescimento econômico do país.
- e) o fim da participação russa na guerra mundial, defendida pelas principais lideranças do Exército Vermelho, e a legalização de todos os partidos socialistas.

MATERIAL DE USO EM
SISTEMA DE ENSINO

42

REGIMES TOTALITÁRIOS

- O crescimento do totalitarismo na Europa
- Itália entreguerras
- Fascismo italiano
- Fascismo português
- Nazismo
- Guerra civil e fascismo na Espanha

HABILIDADES

- Analisar a produção da memória pelas sociedades humanas.
- Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.
- Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.

O CRESCIMENTO DO TOTALITARISMO NA EUROPA

O período pós-Primeira Guerra Mundial foi marcado pela ascensão de novas formas de governo. Seguindo a quebra da Bolsa de Valores de 1929, uma terrível crise econômica vivenciada na década de 1930 gerou descrença dos ideais liberais e democráticos em ampla parcela da população de países desenvolvidos, em especial da Alemanha e da Itália. Nesses países, surgiram e tomaram o poder partidos cuja ideologia propunha um novo conceito de Estado: autoritário, unipartidário, militarizado, ufanista e autocrático, perfil conhecido como totalitarismo fascista.

Embora não rompendo com o princípio básico do capitalismo (a propriedade privada dos meios de produção), as sociedades fascistas enxergavam no radicalismo de seus líderes (ditadores) a possibilidade de superar a crise trazida pela guerra e de avançar no desenvolvimento nacional. Os países que vivenciaram governos com esse perfil foram Alemanha, Itália, Espanha, Portugal e Japão, com repercussões e simpatizantes em vários outros, como Brasil, Polônia, Romênia, Iugoslávia, Hungria, Argentina, México e até França, Áustria e Holanda.



Escultura feita por Mimmo Paladino, em Roma, Itália. São apresentados aqui seres humanos de metal acorrentados, em alusão e memória às vítimas do fascismo, do racismo e do holocausto.

O médico psicanalista austríaco Wilhelm Reich, que conheceu de perto a sociedade fascista da década de 1930, observa que:

[...] o fascismo é a atitude emocional básica do homem oprimido da civilização autoritária da máquina, com sua maneira mística e mecanicista de encarar a vida. [...] na sua forma mais pura, é o somatório de todas as reações irracionais do caráter do homem médio. [...] é um produto do ódio racial e a sua expressão politicamente organizada. [...] A mentalidade fascista é a mentalidade do “zé ninguém”, que é subjugado, sedento de autoridade e, ao mesmo tempo, revoltado.

REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 19-21.

Entre as principais ideologias dessa forma de governo, destacam-se:

- ultranacionalismo, que coloca a nação como bem supremo, a que os indivíduos devem veneração e sacrifício;
- imperialismo, que visa à dominação política, econômica e cultural de outros países e povos cujas etnias e culturas são consideradas menos desenvolvidas;
- corporativismo, que enxerga a sociedade como metáfora de um corpo cujos membros e órgãos (classes sociais) devem obedecer cegamente aos comandos da cabeça (líder) – um grupo social contrário aos ditames do Estado totalitário deve, segundo a visão fascista, ser extirpado como um órgão doente;
- racismo, como filosofia étnica para “purificar” a raça, evitando toda e qualquer “contaminação do sangue”;
- militarismo, como caminho para a construção e manutenção de um povo fisicamente vigoroso e socialmente ordeiro;
- autoritarismo, expresso pela submissão do indivíduo e da coletividade ao Estado, único elemento capaz de catalisar a vontade coletiva, direcionando-a ao bem de todos;
- unipartidarismo, para manter a união nacional;
- hierarquização da sociedade, no ápice da qual se encontra o chefe (o condutor infalível), controlador dos trabalhadores organizados em corporativismo;
- idealismo, não condizente com a realidade, mascarando conflitos, interesses e problemas sociais, além de apelar a um passado idealizado como forma de justificar o presente;
- romantismo, ao manipular as emoções das massas, por meio de cultos à pátria, do uso excessivo de emblemas nacionais e da supervalorização das qualidades e manifestações étnicas.

ITÁLIA ENTREGUERRAS

Para compreender a formulação e a implantação do fascismo na Itália, é necessário analisar a crise econô-

mica, social e política no período entre as duas guerras mundiais.

Antes da Primeira Guerra Mundial, o país apresentava desenvolvimento econômico desigual. Ao norte do país, a industrialização gerou a concentração de capitais em poder da burguesia e a existência de um operariado numeroso vinculado ao trabalho individual. Enquanto isso, o sul permanecia essencialmente agrário, com o campesinato ocupando latifúndios improdutivos. Terminada a guerra, a situação econômica desequilibrou-se ainda mais.

Para resolver a crise que afetava os grandes capitalistas e a população desempregada, o governo recorreu a empréstimos estrangeiros e ao mecanismo da inflação, acarretando desvalorização da moeda, aumento dos preços e diminuição do poder aquisitivo da população, que já enfrentava o problema do desemprego. Assim, a crise tornava-se um ciclo vicioso, pedindo sempre soluções mais elaboradas.

Como resultado dessa situação, a partir de 1920 as greves se proliferaram, lideradas pela Confederação Geral do Trabalho. A classe trabalhadora, desempregada ou sem recursos necessários à sobrevivência, empreendia a pilhagem de armazéns. Ao norte do país, os metalúrgicos ocupavam as fábricas, realizando a experiência socialista de autogestão. Entretanto, fracassavam por falta de organização e de créditos. A situação do campesinato não diferia muito da dos operários ligados à indústria.

Os grupos políticos italianos estavam divididos e enfraquecidos. Incapacitados de realizar as reformas pretendidas, temiam a ameaça de uma revolução popular, dirigida pelas Ligas Vermelhas (organizações operárias) e pelo Partido Comunista Italiano (PCI), fundado em 1921.

Assim, a crise econômica e os conflitos sociais e políticos, após a Primeira Guerra Mundial e a crise do capitalismo de 1929, agravavam a situação das classes trabalhadoras e colocavam em risco o domínio econômico e político da burguesia, que monopolizava o grande capital.

FASCISMO ITALIANO

Em 1919, Mussolini fundou o *fasci di combattimento* (fascismo de combate), em Milão, aproveitando-se do grande número de ex-combatentes para difundir uma ideologia radicalmente antiesquerdista.



Símbolo do fascismo italiano. A palavra “fascismo” provém do termo *fascio*, que em latim significa “feixe de varas”. Essa simbologia foi construída para remontar à Antiguidade clássica romana, onde o instrumento era manuseado por todo oficial romano que tinha autoridade para executar sentenças. Para o fascismo, era uma referência à ordem e à justiça.

Ultranacionalistas, os fascistas queriam extirpar os comunistas, identificados como internacionalistas e responsáveis pelas agitações internas na Itália, ou seja, aos olhos dos fascistas, os comunistas estavam contra a Itália.

Durante a guerra, o setor industrial presenciou o avanço socialista. Diante do perigo de uma revolução socialista, os industriais e os proprietários rurais deram apoio financeiro aos esquadristas, movimento de força de combate aos grevistas e à esquerda italiana. Aos poucos, amplos setores passaram a apoiar o fascismo, o que culminou na ascensão de Mussolini ao poder, em 1923.

Mussolini foi vinculado ao Partido Socialista até a Primeira Guerra Mundial. Após voltar do exílio para a Itália, fundou o jornal *Popolo d'Italia*, que, a partir de 1918, tornou-se porta-voz dos princípios de um Estado forte, capaz de resolver os problemas sociais e denunciar a partilha injusta dos territórios e das indenizações de guerra.

Governo fascista

Uma vez no poder, Mussolini preparou progressivamente a instalação do regime ditatorial. Com a reforma eleitoral de 1924, o Partido Nacional Fascista, utilizando-se do terror e de mecanismos fraudulentos, conseguiu vitória esmagadora, elegendo dois terços da Câmara dos Deputados. O líder socialista Giacomo Matteotti foi assassinado, com a conivência de Mussolini, por denunciar a fraude e a violência das eleições. Deputados oposicionistas foram excluídos da Assembleia, sindicatos foram dissolvidos, jornais antifascistas depredados e adversários presos foram exilados ou mortos brutalmente. Em 1925, todo o poder foi centralizado.



Mussolini declarou-se Duce, o condutor da nação. Em 1926, todos os partidos políticos, com exceção do fascista, foram declarados ilegais. Fotografia de Benito Mussolini, 1938.

No plano econômico, um dos desafios do governo era combater o desemprego. Para tanto, foram construídas grandes obras públicas. O crescimento da produção industrial e agrícola foi significativo, mas o fascismo não se mostrou tão eficaz em melhorar as condições de vida da classe trabalhadora, tampouco garantiu a parcela de lucro das classes dirigentes. A

partir de 1929, problemas como desemprego e inflação agravaram-se com a crise, alimentando ainda mais o autoritarismo fascista na Itália. Procurando apoio da Igreja Católica, Mussolini negociou, em 1929, o Tratado de Latrão, pelo qual o governo da Itália concedia uma pequena área autônoma de Roma, constituindo o Estado do Vaticano. Em busca de um império territorial, Mussolini adotou, no plano internacional, uma agressiva política imperialista na África, anexando a Líbia em 1922 e a Etiópia entre 1935 e 1936.

FASCISMO PORTUGUÊS

Em 1928, o general Carmona, então presidente de Portugal, nomeou como ministro das Finanças o estadista Oliveira Salazar, que, por restaurar o crédito de Portugal, tornou-se presidente do ministério em 1931. A partir de 1933, Portugal se organizou como república corporativa nos moldes do fascismo italiano, desenvolvendo algumas formas de controle da sociedade: adotou o partido único e criou a União Nacional; submeteu ao Estado a organização de sindicatos corporativos; e proibiu greves e o uso da propaganda política de massa.



O ditador português
António de Oliveira Salazar.

NAZISMO

Alemanha pós-Primeira Guerra Mundial

A Alemanha entrou na Primeira Guerra Mundial pouco depois de unificar seu território politicamente. Os ideais que alimentaram a unificação do país estimularam as ações na Primeira Guerra e mantiveram-se fortes o suficiente para servir de base a um governo autoritário.

Nesse contexto, durante as duas primeiras décadas do século XX delinearum-se no país fortes tendências políticas. A primeira delas, de caráter altamente nacionalista, ligava-se diretamente às necessidades imperialistas de expansão da burguesia alemã. A euforia nacionalista da classe dominante, muitas vezes apoiada pelas classes médias urbanas, conduziu a Alemanha à Primeira Guerra Mundial e aumentou o prestígio do Partido Social-Democrata, que obtinha a adesão crescente do proletariado.

A partir de 1918, quando se configurou definitivamente a derrota alemã na Primeira Guerra, o Partido Social-Democrata organizou o movimento que conduziu à proclamação da República de Weimar e assinou o Tratado de Versalhes com os países vencedores, passando a dominar politicamente a nova república.

A década que se seguiu foi marcada por crises sociais e econômicas. Os oficiais do exército, tentando isentar-se de sua parcela de responsabilidade na derrota alemã, culpavam os considerados apátridos, como comunistas e judeus. Essas críticas pretendiam denunciar as condições humilhantes impostas à Alemanha pelo Tratado de Versalhes.

Nesse quadro de instabilidade econômica e social, estouraram várias tentativas de golpe de extrema-esquerda e de extrema-direita.

Em 1923, a crise econômica atingiu seu ponto máximo. Os franceses ocuparam a região mineradora e industrial do Rhur como represália pelo atraso nos pagamentos das indenizações estipuladas pelo Tratado de Versalhes. O governo alemão, para impedir a ocupação, incentivou a greve dos trabalhadores, pagando-lhes parte dos salários. Isso só foi possível mediante grande emissão de papel-moeda, o que gerou hiperinflação na Alemanha. Em 1923, 1 dólar chegou a valer 8 bilhões de marcos. O historiador Lionel Richard faz o seguinte comentário sobre a situação da Alemanha nesse período:

“Estamos no dia 3 de novembro de 1923. O maço de cigarros custa 4 bilhões de marcos. A maioria das pessoas perdeu toda a fé no futuro...”. Esse comentário de apresentação abre *O ovo da serpente*, realizado pelo cineasta sueco Ingmar Bergman, e o título desse filme indica claramente que significado seu autor desejou lhe emprestar. Os espectadores mergulham numa Alemanha onde, sobre o humo da miséria, todas as coisas não passam de objeto de tráfico, inclusive vidas humanas. Esse período do pós-guerra pareceu a Ingmar Bergman o ponto de partida do nazismo. Suas imagens mostram o crescimento do antissemitismo, as manifestações de violência dos grupos nazistas, o terror sempre latente, a impotência e o desespero da população.

RICHARD, Lionel. *A República de Weimar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 85.

Acirramento da crise interna

Foi nesse ambiente hostil que a Alemanha viu surgir e crescer o radical movimento nacional-socialista. Em 1919, foi criado o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (Nazional-Sozialistische Deutsche Arbeiter Partei), conhecido como nazista, sob a liderança de Adolf Hitler. Em 9 de novembro de 1923, o Partido Nazista tentou tomar o poder no episódio conhecido como Golpe de Munique. O fracasso levou Hitler a ser condenado a cinco anos de prisão, dos quais cumpriu apenas um. Na cadeia, redigiu sua obra mais conhe-

cida, *Mein kampf* (Minha luta), que se tornaria a obra máxima da ideologia nazista.

As bases ideológicas do nacional-socialismo remontam à segunda metade do século XIX, na Alemanha pós-unificação, com a criação de uma instituição denominada Liga Pan-Germânica, formada principalmente por grupos médios e profissionais liberais. Tinha por princípios a superioridade racial e cultural dos alemães sobre os outros povos do mundo. Isso justificava o antissemitismo e as ideias de dominação imperialista. Hitler e a Alemanha do entreguerras tornaram-se os estimuladores dessa ideologia.

Entre 1924 e 1929, verificou-se na Alemanha um período de estabilidade aparente devido à recuperação econômica possibilitada pelo investimento de capitais norte-americanos e ingleses, mas não durou muito. Com a Crise de 1929, a derrocada econômica abateu-se com toda a força sobre a Alemanha. A crise fortaleceu o Partido Comunista, com a adesão crescente do proletariado. Por outro lado, a alta burguesia, as classes médias e alguns setores do exército viam no Partido Nazista a solução adequada para suas necessidades e para a contenção do movimento socialista. A extrema-direita ultranacionalista alemã lançou a ideia de que os “judeus apátridas” e os “comunistas agitadores” foram os traidores responsáveis pela derrota alemã na guerra.

Ideologia do Partido Nazista

Os princípios da ideologia nazista justificavam uma política nacionalista com vistas à expansão imperialista e à defesa e ao fortalecimento do capitalismo nacional. Entre as principais medidas do Estado nazista, destacam-se o combate ao liberalismo e ao marxismo; o estabelecimento de um Estado forte, dominado por um único partido; o fortalecimento do espírito nacionalista, que, no caso da Alemanha, identificava-se com a ideia de purificação e superioridade de raça ariana; o combate aos não arianos; o repúdio ao Tratado de Versalhes, responsável pelo agravamento das crises econômicas e pela perda de regiões que abrigavam inclusive populações arianas; e o propósito de reunir os arianos em um só Reich, ampliando o “Espaço Vital” alemão (*lebensraum*) a que eles consideravam ter direito como “raça superior”.

Implantação

O Partido Nazista ficou estagnado até 1928, quando elegeram apenas 13 representantes para o Parlamento. No entanto, a Crise de 1929 foi tão severa para os alemães que tanto a massa miserável e desempregada como grandes capitalistas acabaram assumindo posições de extrema-direita, dando base para a rápida ascensão de Hitler. Fortalecidos pela cisão das esquerdas entre o Partido Social-Democrata e o Partido Comunista, em 1930 os nazistas conseguiram 107 cadeiras; em 1932, contavam com 196 e, em 1933, chegaram a ter 288 cadeiras no Parlamento. Acuada, o presidente Hindenburg nomeou Hitler seu chanceler. Pouco tempo depois todos os partidos, exceto o nazista, foram

proibidos. Em 1934, com o falecimento do presidente, Hitler foi aclamado em plebiscito líder único e supremo do povo alemão com o título de *führer* (líder). Era o início do Terceiro Reich.

As organizações paramilitares nazistas e sua polícia secreta (Gestapo) passaram a perseguir e eliminar brutalmente seus inimigos ideológicos judeus e comunistas. Um dos episódios foi o incêndio preparado pelos próprios nazistas ao Parlamento alemão, tendo os comunistas sido responsabilizados pelo crime, servindo de pretexto para sua perseguição e liquidação. Em 1938, aconteceu a Noite dos Cristais, quando grupos nazistas quebraram vitrines de lojas, janelas de edifícios judeus e vitrais de sinagogas.



O antissemitismo atingia extremos, como a criação de campos de concentração e extermínio, como Dachau, Treblinka, Auschwitz, Birkenau e Buchenwald, entre outros. Os campos de concentração, como o representado na fotografia, também serviam para exterminar comunistas, homossexuais, ciganos e deficientes físicos e mentais, considerados imperfeitos pelos padrões estéticos arianos. A fotografia mostra mulheres e crianças no campo de concentração de Bergen-Belsen, em abril de 1945, quando da libertação realizada pelas tropas britânicas.

Organização do Estado nazista

A partir de 1933, estabeleceu-se rígido controle na Alemanha sobre vários setores da sociedade: empresas, sindicatos, jornais, universidades etc. Com as leis de Nuremberg, os judeus foram excluídos da vida nacional: tiveram o direito de voto suprimido e foram retirados dos empregos públicos e das universidades. A população foi submetida a um esquema de intensa doutrinação por meio do Ministério de Propaganda, chefiado por Goebbels, que controlava todos os meios de comunicação. A propaganda nazista revelou-se revolucionária para a época. Foram utilizados recursos de convencimento publicitário extremamente refinados e inéditos. Goebbels lançou mão de todos os recursos possíveis, como cartazes, produção de filmes e até manuais didáticos escolares em que as crianças eram doutrinadas segundo a ideologia nazista.



EVERETT HISTORICAL/SHUTTERSTOCK

Adolf Hitler, ao final da década de 1930.

O cinema nazista desenvolveu técnicas revolucionárias com Leni Riefenstahl, a cineasta oficial do Terceiro Reich. Filmes como *Olimpíadas de Berlim de 1936* e *O triunfo da vontade* são paradigmáticos ainda hoje. Muitos críticos observam nas cenas desses filmes a glorificação da raça ariana. O ideal clássico de beleza cultivado pelos nazistas foi atingido com Arno Beker, especialista em esculpir corpos perfeitos.

A recuperação econômica da Alemanha na década de 1930 teve duas orientações básicas. A primeira visava à luta contra o desemprego por meio da realização de grandes obras públicas de valor estratégico, como estradas e aeroportos. A segunda teve por objetivo o desenvolvimento da indústria pesada, que tornaria a Alemanha mais liberada da dependência estrangeira.

As cláusulas do Tratado de Versalhes foram sistematicamente descumpridas. A indústria bélica alemã voltou a produzir armamentos em grande escala e o exército foi imensamente ampliado. Estabeleceu-se uma verdadeira economia de guerra que acabou com o desemprego em tempo recorde.

Com base na doutrina do Espaço Vital os nazistas justificaram, no plano internacional, a invasão de diversos territórios. Em 1938, anexaram a Áustria e os Sudetos (Tchecoslováquia) e, em 1939, invadiram o corredor polonês, dando início à Segunda Guerra Mundial.

GUERRA CIVIL E FASCISMO NA ESPANHA

Em 1931, os espanhóis acabaram com a monarquia e proclamaram a república. Entre 1931 e 1936, houve um tumultuado crescimento da esquerda espanhola organizado na Frente Popular, que chegou ao poder em 1936. Manuel Azaña foi eleito presidente da república, iniciando uma série de reformas sociais e agrárias e adotando uma política anticlerical.

Setores da burguesia, da Igreja e do exército se mobilizaram contra o novo governo socialista. Em 18 de julho de 1936, iniciou-se uma conspiração no exército, que recebeu o apoio das tropas espanholas no

Marrocos lideradas pelo general Francisco Franco. O governo ainda contava com a lealdade da marinha e de parte da guarda civil.

PICTORIAL PRESS LTD/ALAMY STOCK PHOTO



Francisco Franco, general espanhol que comandou uma ditadura na Espanha de 1939 a 1975.

Iniciava-se, assim, a Guerra Civil Espanhola. Os rebeldes nacionalistas autoritários receberam apoio com armas, munições e soldados de Hitler, Mussolini e Salazar. Os republicanos receberam auxílio das brigadas internacionais, formadas por voluntários de várias partes do mundo. No entanto, a URSS e as democracias ocidentais deram apoio menor que o esperado. A participação nazista nessa guerra foi importante, pois nela os alemães testaram táticas e armamentos.

A guerra civil terminou em 1939, com a vitória da Frente Nacional, liderada por Francisco Franco, que implantou um Estado inspirado no modelo fascista, com o Partido Único Falange Espanhola Tradicionalista. Franco tornou-se o chefe do Estado espanhol

e promulgou a lei que declarava a volta da Espanha à monarquia.

A Guerra Civil Espanhola durou quatro anos e deixou cerca de 1 milhão de mortos. Uma das mais violentas manifestações nessa guerra foi o massacre na cidade de Guernica, eternizada pela obra de mesmo nome feita por Pablo Picasso.

Em 1969, Franco designou o príncipe D. Juan Carlos de Borbón chefe de Estado, mas sem poder de governo. Com o falecimento de Franco em 1975, o rei Juan Carlos, com a pressão popular por democracia, em um contexto de libertação política na Espanha e em Portugal, liderou a redemocratização do país.



Guernica (1937), de Pablo Picasso. Óleo sobre painel, 3,5 m × 7,8 m. O bombardeio sobre a cidade de Guernica, na Espanha, foi um dos episódios mais violentos da Guerra Civil Espanhola. A obra de Pablo Picasso reflete o sofrimento e os horrores praticados contra a população espanhola durante o conflito.

MUSEU NACIONAL RAINHA SOFIA, MADRI, ESPANHA

MATERIAL DE USO
SISTEMA DE ENSINO

ROTEIRO DE AULA

REGIMES TOTALITÁRIOS

Objetivos e características

- Tentativa de implantar um governo forte e centralizado, capaz de resolver os problemas sociais decorrentes da Primeira Guerra Mundial e da Crise de 1929.
- Ditatoriais, ultranacionalistas e antiesquerdistas.
- Superioridade genética sobre os demais povos (antissemitismo).

Alemanha

Líder:

Adolf Hitler.

Partido:

Nazista

Itália

Líder:

Benito Mussolini.

Partido:

Partido Nacional Fascista.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

ROTEIRO DE AULA

Espanha

Líder:

Francisco Franco.

Partido:

Partido único Falange Espanhola Tradicionalista.

Portugal

Líder:

António de Oliveira Salazar.

Partido:

União Nacional.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Enem

C3-H12

“Após a Declaração Universal dos Direitos Humanos pela ONU, em 1948, a Unesco publicou estudos de cientistas de todo o mundo que desqualificaram as doutrinas racistas e demonstraram a unidade do gênero humano. Desde então, a maioria dos próprios cientistas europeus passou a reconhecer o caráter discriminatório da pretensa superioridade racial do homem branco e a condenar as aberrações cometidas em seu nome.”

SILVEIRA, R. Os selvagens e a massa: papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental. *Afro-Ásia*, n. 23, 1999. (Adaptado)

A posição assumida pela Unesco a partir de 1948 foi motivada por acontecimentos então recentes, dentre os quais se destacava o(a):

- a) ataque feito pelos japoneses à base militar americana de Pearl Harbor.
- b) desencadeamento da Guerra Fria e de novas rivalidades entre nações.
- c) morte de milhões de soldados nos combates da Segunda Guerra Mundial.
- d) execução de judeus e eslavos presos em guetos e campos de concentração nazistas.
- e) lançamento de bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki pelas forças norte-americanas.

Uma das características da ideologia nazista estava em sua busca por uma raça ariana pretensamente pura. Para concretizar sua limpeza racial, os nazistas tinham políticas discriminatórias contra todos aqueles que não se encaixavam em seu ideal de pureza racial, entre eles judeus, eslavos, negros, homossexuais e ciganos.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Analisar o papel da justiça como instituição na organização das sociedades.

2. Uerj-RJ

“A *fitá branca*, que venceu o Festival de Cinema de Cannes em 2009, conta a história de uma comunidade rural na Alemanha, entre 1913 e 1914, onde estranhos e violentos incidentes começam a ocorrer. O diretor do filme comentou: ‘Não ficaria feliz se o filme fosse visto apenas como um filme sobre um problema alemão. Ele significa mais que isso. É um filme sobre as raízes do mal. É sobre um grupo de crianças que são doutrinadas com alguns ideais e se tornam juízes dos outros – justamente daqueles que empurraram aquela ideologia goela abaixo delas.’”

STYCER, Maurício. In: <colunistas.ig.com.br>. 24/10/2009. (Adaptado)

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) provocou transformações nas vidas de crianças e jovens europeus. Uma dessas transformações é apresentada no filme *A fita branca* e está associada ao que o diretor denominou de “raízes do mal”:

Nas décadas de 1920 e 1930, os efeitos dessas raízes do mal se manifestaram no seguinte processo histórico:

- a) expansão do comunismo.
- b) difusão do etnocentrismo.

c) ascensão do totalitarismo.

d) renascimento do liberalismo.

Entre as décadas de 1920 e 1930, logo após o fim da Primeira Guerra Mundial, observamos o surgimento e a difusão de ideias fascistas e totalitárias, que se desenvolveram na Europa no período entreguerras e que levariam à Segunda Guerra Mundial. Essa ascensão de totalitarismos pode ser associada ao momento de crise que atingiu a Europa, principalmente nos países sob os quais recaíram os custos da guerra, o que levou à insatisfação da população e à maior aceitação desses ideais.

3. Uerj-RJ

“O direito ao solo e à terra pode se tornar um dever quando um grande povo, por falta de extensão, parece destinado à ruína. Ou a Alemanha será uma potência mundial ou então não será. Mas, para se tornar uma potência mundial, ela precisa dessa grandeza territorial que lhe dará na atualidade a importância necessária e que dará a seus cidadãos os meios para existir. O próprio destino parece querer nos apontar o caminho.”

HITLER, Adolf. *Minha luta*, 1925. In: FERREIRA, Marieta de M. e outros. *História em curso: da Antiguidade à globalização*. São Paulo: Ed. do Brasil; Rio de Janeiro: FGV, 2008. (Adaptado)

As ideias contidas no projeto político do nazismo buscavam solucionar os problemas enfrentados pela Alemanha após o fim da Primeira Guerra Mundial. Uma dessas ideias, abordada no texto, está associada ao conceito de:

- a) xenofobia.
- b) Espaço Vital.
- c) purificação racial.
- d) revanchismo militar.

Após a Primeira Guerra Mundial, foram impostas diversas restrições à nação alemã, que perdeu diversos territórios. Com o surgimento e a proliferação dos ideais nazistas, uma das propostas desse movimento era recuperar o que se chamava de Espaço Vital, necessário para garantir a grandeza do povo alemão, ou seja, os nazistas objetivavam recuperar os territórios perdidos após a Primeira Guerra Mundial.

4. Unesp-SP

“Itália deseja a paz, mas não teme a guerra.

Justiça sem a força é uma palavra sem sentido.

Nós sonhamos com a Itália romana.”

Os três lemas acima foram amplamente divulgados durante o governo de Benito Mussolini (1922-1943) e revelam características centrais do fascismo italiano:

- a) a perseguição aos judeus, a liberdade de expressão e a valorização do Direito Romano.
- b) o culto ao corpo, o pacifismo e a ânsia de voltar ao passado.
- c) o nacionalismo, a valorização do espírito clássico e o materialismo.
- d) a beligerância, o culto à ação e o esforço expansionista.
- e) o revanchismo, a socialização da economia industrial e a perseguição aos estrangeiros.

Esses lemas fazem referência às ideias expansionistas do fascismo de Mussolini, trazendo à tona a possibilidade de guerra por justiça, o autoritarismo e baseando-se em suas pretensas raízes no Império Romano, que possuía extensões continentais.

5. Uerj-RJ



Ilustração de cartaz eleitoral nazista. In: BRENER, Jayme. *Jornal do século XX*. São Paulo: Moderna, 1998.

O cartaz acima traz implícita a ideia de que só o nacional-socialismo, o nazismo, poderia libertar a Alemanha. Dentre as soluções apresentadas pelo Partido Nazista para a sociedade alemã em crise, podemos citar:

- a) nacionalismo, expansionismo e militarismo.
- b) pluripartidarismo, culto ao líder e liberalismo.
- c) racismo, aliança com o comunismo e sindicalismo.
- d) corporativismo, sociedade de classes e poder legislativo forte.

As ideias nazistas eram autoritárias e totalitárias, isto é, formaram na Alemanha um partido único, sem que outros pudessem existir. Perseguiam ideais contrários, como o comunismo, e concentraram o poder nas mãos do líder do Executivo. Entre as ideias nazistas estavam a expansão dos territórios alemães e a constituição de uma sociedade militarizada e de forte nacionalismo.

6. PUC-RJ – A ascensão dos partidos fascistas na Itália (1922) e na Alemanha (1933) apresenta muitas diferenças, mas, ao mesmo tempo, tem aspectos comuns.

A esse respeito, podemos afirmar:

- VI. Diversos grupos sociais na Alemanha e na Itália se sentiam ameaçados politicamente após a Primeira Guerra Mundial e também após a revolução na Rússia pela ascensão política dos movimentos da esquerda revolucionária.
- VII. O discurso sobre a superioridade racial unia italianos e alemães em um mesmo projeto ideológico e constituía uma base sólida de aliança entre o Partido Fascista Italiano e o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães.
- VIII. Após a Primeira Guerra Mundial, crescia entre italianos e alemães, e mesmo em toda a Europa, uma forte descrença na adoção da democracia liberal como o modelo político a ser seguido. Com isso, teorias autoritárias ganharam espaço no cenário político desses países.
- IX. A rápida recuperação militar e econômica da Alemanha e da Itália precedeu a ascensão dos partidos fascistas que sustentavam uma plataforma política militarista e expansionista.

São afirmativas corretas:

- a) I, II, III e IV.
- b) I e III, apenas.
- c) III e IV, apenas.
- d) II e IV, apenas.
- e) I e IV, apenas.

É incorreto afirmar que o discurso de superioridade racial uniu italianos e alemães em um mesmo projeto, uma vez que essa não foi a base de sua aliança e esse discurso não obteve a mesma repercussão na Itália como teve na Alemanha. O crescimento do fascismo e do nazismo está ligado à descrença na forma de governo democrático liberal, que apoiou-se no sentimento de ressentimento presente nesses dois países que saíram fortemente abalados da Primeira Guerra Mundial. Além disso, a recuperação militar e econômica desses países foi posterior à subida dos regimes fascista e nazista ao poder, que basearam-se no expansionismo e na militarização como resposta às crises enfrentadas pelos países.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. UEG-GO – O governo nazista da Alemanha pretendia usar os Jogos Olímpicos de Berlim de 1936 para provar as teses racistas que defendiam a superioridade da chamada raça ariana. Porém, ao longo do evento, ocorreram fatos que desmentiram essas teses, com destaque ao seguinte:

- a) o atleta norte-americano Jesse Owens ganhou quatro medalhas de ouro: nos 100 e 200 metros rasos, no salto a distância e no revezamento 4 x 100.
- b) o Brasil participou dos jogos com 94 atletas e não conquistou medalhas em nenhuma modalidade esportiva.
- c) o Comitê Olímpico Internacional impôs a presença da alemã de origem judia Helene Mayer na equipe de esgrima da Alemanha.
- d) o jogo de futebol entre Áustria e Peru, pelas quartas de final, foi remarcado porque torcedores peruanos agrediram um jogador austríaco.

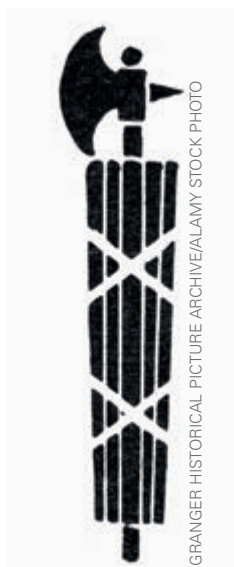
8. Cesgranrio-RJ – Em relação ao período compreendido entre as duas guerras mundiais (de 1919 a 1939), caracterizado pela crise do Estado e da sociedade liberal, assinale a afirmativa correta:

- a) O nazismo consolidou uma política interna de miscigenação racial e social visando preparar a Alemanha para a expansão territorial.
- b) O fascismo encontrou dificuldades sucessivas para implantar o corporativismo, pois sofreu uma violenta oposição dos setores conservadores da burguesia e da classe média italiana.
- c) A ausência de uma política de autossuficiência obrigou os regimes nazifascistas a compensar suas deficiências econômicas com o expansionismo militar.
- d) A expansão da doutrina comunista na Europa, com a consolidação da Revolução Russa, favoreceu a Aliança com os comunistas italianos e alemães, cujo apoio propiciou a ascensão nazifascista.
- e) Nazismo e fascismo são doutrinas baseadas no nacionalismo e no totalitarismo, cuja política intervencionista buscava a estabilidade do Estado.

9. ESPM-SP (adaptado)

“Frequentemente os símbolos permanecem mais vivos na memória do que os fatos que os geraram. Sem eles, grande parte do fascínio atribuído aos movimentos totalitários dos anos 20, 30 e 40 do século XX não estaria presente.”

Paula Diehl. *Propaganda e persuasão*.



O símbolo exibido remete ao:

- a) imperialismo japonês.
- b) franquismo espanhol.
- c) salazarismo português.
- d) fascismo italiano.
- e) nazismo alemão.

10. Fatec-SP

“Eu poderia ter transformado esta sala num campo armado de ‘camisas-negras’, um acampamento para cadáveres. Eu poderia ter costurado as portas do Parlamento”.

Benito Mussolini, 16 nov. 1922.

Esse discurso:

- a) instaurou um governo nacional-socialista e democrático na Itália, em oposição ao governo fascista do rei Vitor Emanuel III.
- b) atacou a inoperância do Parlamento socialista italiano, que emperrava as reformas políticas e sociais propostas pelo Partido Fascista Social-Democrata italiano.
- c) marcou a despedida do cargo de deputado exercido por Mussolini, que, a partir daquele momento, começou a lutar na região de Piemonte para derrubar o rei.
- d) defendeu o fim do governo absolutista do rei Vitor Emanuel III e a criação de uma monarquia parlamentar nos moldes da república francesa.
- e) instaurou um novo governo, cuja maioria pertencia ao Partido Fascista Italiano, o qual ocasionou o fim da democracia parlamentar e a formação de uma ditadura fascista.

11. FEI-SP – Não pode ser considerado um fator que propiciou a eclosão da Segunda Guerra Mundial:

- a) a ascensão de regimes totalitários na Itália e na Alemanha nos anos 20 e 30.
- b) os efeitos da Crise de 29 na economia europeia.
- c) as cláusulas punitivas do Tratado de Versalhes, imposto à Alemanha ao final da Primeira Guerra Mundial.
- d) a vitória dos republicanos na Guerra Civil Espanhola, barrando o avanço do fascismo na Espanha.
- e) a união entre a Áustria e a Alemanha empreendida por Hitler.

12. FGV-SP

“Atrás do jovem, a guerra, em frente a ele a ruína social, à sua esquerda ele está sendo empurrado pelos comunistas, à direita, pelos nacionalistas e por toda a sua volta não existe um só traço de honestidade, de racionalidade, e todos os seus bons instintos estão sendo distorcidos pelo ódio.”

Apud GAY, P. *A cultura de Weimar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 160.

A análise acima foi feita pelo romancista alemão Jakob Wassermann e diz respeito à situação social durante a República de Weimar, quando a Alemanha:

- a) presenciou a derrocada do nazismo e o estabelecimento da democracia tutelada pelas principais potências ocidentais e pela União Soviética.
- b) vivenciou uma experiência democrática marcada pelos sucessivos governos de centro-esquerda, encabeçados pelo Partido Democrata Alemão.
- c) passou por uma experiência democrática abalada por graves crises econômicas e pelas investidas de partidos e grupos extremistas de esquerda e de direita.
- d) assistiu à consolidação no poder do grupo espartaquista liderado por Rosa de Luxemburgo, que questionava duramente as concessões ideológicas feitas pelos social-democratas.
- e) enfrentou a guerra contra a Tríplice Aliança, mantendo o regime democrático a partir de uma coalizão de centro-esquerda liderada pelos social-democratas.

13. FGV-SP

“Karl Radek, um militante comunista espantado com os resultados eleitorais do Partido Nazista em 1930, chamou a atenção para o fato de que se tratava de um ‘partido sem história’ desconhecido da literatura burguesa e da socialista, uma ilha isolada na política alemã. Na realidade, novo enquanto partido, o NSDAP (Partido Nacional-Socialista Alemão dos Trabalhadores) estava agrupando muitas propostas que nacionalistas, conservadores e até mesmo esquerdistas vinham levantando há tempos na Alemanha. O resultado final desse amálgama redundou num projeto contrarrevolucionário que deu certo, até que a ‘máquina’ ficasse louca, sem controle, no dizer de Félix Guattari.”

Alcir Lenharo. *Nazismo: o triunfo da vontade*.

Sobre a ascensão dos nazistas ao poder na Alemanha, é correto afirmar que:

- a) relaciona-se diretamente com o Pacto Germano-Soviético, pois interessava à União Soviética apoiar os nazistas para derrotar as forças liberais europeias.
- b) apesar de derrotado nas eleições parlamentares de 1932, o Partido Nazista fez uma aliança política com a social-democracia e com a democracia cristã.
- c) tem estreitas ligações com a conjuntura política europeia, pois os nazistas inspiraram-se na Inglaterra, a primeira nação a adotar um regime totalitário.
- d) após o fraco desempenho eleitoral nas eleições parlamentares de 1932, o Partido Nazista pratica um golpe de Estado, com o apoio dos partidos de direita.
- e) foi uma decorrência dos efeitos da crise capitalista a partir de 1929, que gerou um forte aumento do desemprego, atingindo milhões de trabalhadores em 1932.

14. CFTMG-MG – Analise o seguinte cartaz:



CPC COLLECTION/ALAMY STOCK PHOTO

Os cartazes foram grandes aliados nas propagandas do Partido Nazista, contribuindo para a ascensão desse grupo na década de 1930. A imagem representada indica que:

- a) a confiança alemã na superioridade da raça ariana era o eixo central do Estado liberal.
- b) a organização independente e combativa dos trabalhadores seria a forma de salvar a Alemanha.
- c) o socialismo poderia garantir a unidade nacional a partir da eliminação da diferença entre as classes.
- d) o movimento nazista defendia a solução dos problemas da nação sob a égide da organização militar.

15. FGV-RJ – O período entre as duas grandes guerras mundiais, de 1918 a 1939, caracterizou-se por uma intensa polarização ideológica e política. Assinale a alternativa que apresenta somente elementos vinculados a esse período:

- a) New Deal; globalização; Guerra do Vietnã.
- b) Guerra do Vietnã; Revolução Cubana; Muro de Berlim.
- c) Guerra Civil Espanhola; nazifascismo; Quebra da Bolsa de Nova York.

d) Nazifascismo; New Deal; Crise dos Mísseis.

e) Doutrina Truman; República de Weimar; Revolução Sandinista.

16. Unesp-SP

“Nas primeiras sequências de *O triunfo da vontade* (filme alemão de 1935), Hitler chega de avião como um esperado Messias. O bimotor plina sobre as nuvens que se abrem à medida que ele desce sobre a cidade. A propósito dessa cena, a cineasta escreveria: ‘O sol desapareceu atrás das nuvens. Mas quando o *führer* chega, os raios de sol cortam o céu, o céu hitleriano.’”

Alcir Lenharo. *Nazismo: o triunfo da vontade*, 1986.

O texto mostra algumas características centrais do nazismo:

- a) o desprezo pelas manifestações de massa e a defesa de princípios religiosos do catolicismo.
- b) a glorificação das principais lideranças políticas e a depreciação da natureza.
- c) o uso intenso do cinema como propaganda política e o culto da figura do líder.
- d) a valorização dos espaços urbanos e o estímulo à migração dos camponeses para as cidades.
- e) o apreço pelas conquistas tecnológicas e a identificação do líder como um homem comum.

17. UFU-MG – Sobre as características da propaganda nazista, assinale a alternativa correta:

- a) A ascensão de Hitler se deu pela natureza científica de suas afirmações, sendo a propaganda e o terror utilizados apenas quando se tratava da oposição política.
- b) A propaganda utiliza fundamentos dissociados da cultura e das disposições sociais da população, por esta razão usa de insinuações indiretas, veladas.
- c) O terror e a propaganda tiveram semelhante grau de importância no estabelecimento da ideologia nazista, ao mostrar à população os benefícios de quem a ela aderisse e o horror destinado aos inimigos.
- d) A ameaça, a efetiva violência, o uso político da ciência e a propaganda alinhada aos princípios culturais de um povo nunca foram usados como estratégia de doutrinação das massas.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem C2-H9

“As Brigadas Internacionais foram unidades de combatentes formadas por voluntários de 53 nacionalidades dispostos a lutar em defesa da república espanhola. Estima-se que cerca de 60 mil cidadãos de várias partes do mundo – incluindo 40 brasileiros – tenham se incorporado a essas unidades. Apesar de coordenadas pelos comunistas, as Brigadas contaram com membros socialistas, liberais e de outras correntes político-ideológicas.”

SOUZA, I. I. A guerra civil europeia. *História Viva*, n. 70, 2009. (Fragmento)

A Guerra Civil Espanhola expressou as disputas em curso na Europa na década de 1930. A perspectiva política comum que promoveu a mobilização descrita foi o(a):

- a) crítica ao stalinismo.
- b) combate ao fascismo.
- c) rejeição ao federalismo.

d) apoio ao corporativismo.

e) adesão ao anarquismo.

19. Enem C3-H15

“A primeira produção cinematográfica de propaganda nitidamente antisemita foi *Os Rotschilds* (1940), de Erich Waschneck. Ambientado na Europa conturbada pelas guerras napoleônicas, o filme mostrava como essa importante família de banqueiros judeus beneficiou-se das discórdias entre as nações europeias, acumulando fortuna à custa da guerra, do sofrimento e da morte de milhões de pessoas. O judeu é retratado como uma criatura perigosa, de mãos aduncas, rosto encarniçado e olhar sádico e maléfico.”

PEREIRA, W. Cinema e genocídio judaico: dimensões da memória audiovisual do nazismo e do holocausto.

In: *Educando para a cidadania e a democracia*. 6ª Jornada Interdisciplinar. Rio de Janeiro: SME; Uerj, jun. 2008. (Fragmento)

Os Rotschilids foi produzido na Alemanha nazista. A partir do texto e naquela conjuntura política, o principal objetivo do filme foi:

- a) defender a liberdade religiosa.
- b) controlar o genocídio racial.
- c) aprofundar a intolerância étnica.
- d) legitimar o expansionismo territorial.
- e) contestar o nacionalismo autoritário.

20. UEL-PR

C3-H11

“O surgimento da bioética coincidiu com o clamor generalizado levantado pelos horrores da Segunda Guerra Mundial, reação que culminou com a Declaração Universal dos Direitos Humanos. O objetivo primordial da bioética se baseia no princípio humanista de afirmar a primazia do ser humano e defender a dignidade e a liberdade inerentes ao mero fato de pertencer à espécie.”

BERGEL, S. Desafios da bioética. *Planeta*, ano 40, ed. 472, jan. 2012, p. 70. (Adaptado)

O período a que se refere o texto envolve também a ruptura com a democracia pela República de Weimar, a qual foi engendrada pelas conjunturas políticas da Alemanha nos anos 30 do século XX. É nesse quadro democrático que se pode compreender a ascensão do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães e a fundação do III Reich, criando um totalitarismo com faces eugênicas.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o totalitarismo eugênico, assinale a alternativa que apresenta, corretamente, os eventos que comprovam essa prática:

- a) a capitulação da Alemanha, a independência das nações africanas e a perseguição aos arianos.
- b) a nacionalização dos portos, o fim do Corredor Polonês e o Pacto Ribbentrop-Molotov.
- c) a ocupação da Áustria, o fortalecimento dos bancos públicos e o antifascismo.
- d) a tomada de Paris, a invasão da URSS e a libertação dos Sudetos.
- e) as Leis de Nuremberg, a Solução Final e a criação dos campos de extermínio.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

DEMOCRACIAS LIBERAIS

OS PAÍSES OCIDENTAIS DEPOIS DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

A Primeira Guerra Mundial modificou as dinâmicas ao redor do mundo. Como vimos, impulsionou a revolução socialista na Rússia e levou à ascensão de líderes militaristas e xenófobos ao poder em países como Itália e Alemanha. Do lado dos principais países vencedores, pertencentes à Tríplice Entente, tanto a Inglaterra como a França sofreram com o conflito ocorrido em seu território. Por outro lado, é neste momento que se dá o crescimento dos Estados Unidos como potência econômica mundial, que viveu um período de grande prosperidade no sistema capitalista.



COLEÇÃO PARTICULAR

Cartaz dando boas-vindas aos soldados estadunidenses. Na imagem, constam os dizeres: "Bem-vindos de volta nossos garotos galantes / Paz, justiça, liberdade."

FRANÇA

O país da Europa Ocidental que mais sofreu com a Primeira Guerra Mundial foi a França: 10% de seu território foi devastado, 14% de sua população masculina morreu e cerca de 30% de sua riqueza diminuiu.

A oposição socialista tirou proveito da insatisfação popular e venceu as primeiras eleições após a guerra, colocando no poder Léon Blum, que promoveu várias reformas, porém, não resistindo às pressões e à crise, renunciou. Apesar de não ter chegado ao poder, houve o crescimento de um movimento fascista na França, denominado Action Française e liderado pelo radical Charles Maurras. Muitos franceses tornaram-se simpatizantes de Hitler e Mussolini na década de 1930.

- Os países ocidentais depois da Primeira Guerra Mundial
- França
- Inglaterra
- Estados Unidos

HABILIDADES

- Analisar a ação dos Estados nacionais no que se refere à dinâmica dos fluxos populacionais e no enfrentamento de problemas de ordem econômico-social.
- Comparar o significado histórico-geográfico das organizações políticas e socioeconômicas em escala local, regional ou mundial.
- Analisar diferentes processos de produção ou circulação de riquezas e suas implicações socioespaciais.

REINO UNIDO

Também bastante sacrificado pela guerra, o Reino Unido perdeu 32% da riqueza e 6% da população masculina. Sua indústria entrou em crise e o desemprego aumentou. Greves propagaram-se por todo o país. Além disso, emergia a crise de desagregação do Império Britânico. Antigos Estados-membros tornavam-se independentes ou organizavam-se em movimentos separatistas. Diante do avanço dos regimes totalitários de direita e de esquerda entre 1920 e 1940, o Reino Unido permaneceu como o maior defensor das liberdades democráticas na Europa.

ESTADOS UNIDOS

No fim do século XIX, os Estados Unidos alcançaram um considerável desenvolvimento econômico, voltando seus interesses aos mercados latino-americanos. Sua ação imperialista, inicialmente marcada pela “política do dólar”, caracterizada pela concessão de empréstimos, foi substituída pela Política do Big Stick.

Economicamente, os Estados Unidos foram os principais beneficiários da Primeira Guerra Mundial. Ao entrarem no conflito em 1917 e dar-lhe curso decisivo, não apenas ajudaram a garantir a vitória da Tríplice Entente, como se tornaram os maiores credores mundiais. A Rússia, a partir de 1922, estava em profunda crise, ocasionada pela revolução de 1917 e pela guerra civil subsequente. A América Latina, que mantinha seu modelo agroexportador, dependia imensamente dos mercados externos. No Brasil, a tímida indústria, considerando os padrões da época, acabou beneficiada pelo contexto da guerra durante o governo de Venceslau Brás.

Além de credores, os Estados Unidos continuavam a produzir e a vender muito para a Europa, que estava em pleno processo de reconstrução econômica, tornando-se os principais fornecedores de manufaturados, produtos alimentícios e matérias-primas para a Europa. Esse aquecimento da indústria também teve reflexos no setor naval e os Estados Unidos passaram a ser a mais importante frota mercantil e militar do mundo. Para auxiliar na reconstrução dos países assolados pela guerra, emprestaram cerca de 10 bilhões de dólares a países europeus e assumiram o controle de metade do estoque mundial de ouro.

Mesmo desfrutando de prosperidade econômica, os Estados Unidos encontravam sérios problemas na política interna. A fim de impedir a disseminação de ideias comunistas e a concorrência, impuseram sérias restrições à imigração. De acordo com Heródoto Barbeiro:

O movimento trabalhista americano entrou em declínio após a Primeira Guerra, quando a prosperidade dos anos 20 envolveu a nação. [...]

O progresso econômico desintegrou os sindicatos. [...]

As indústrias passaram a oferecer novas vantagens, como assistência médica, esportiva, lazer etc., esvaziando os sindicatos. Em 1928, a ala radical do movimento

sindicalista organizou o Partido Comunista, seção americana da Terceira Internacional. [...]

Os ativistas passaram a cometer atentados, e uma bomba em Wall Street matou mais de 30 pessoas. A greve da polícia de Boston levantou os ânimos nacionais, que acusavam os comunistas e anarquistas de espalharem o terror pelo país, objetivando fomentar a luta de classes e derrubar o governo. Várias prisões foram feitas e, entre os detidos, estavam os anarquistas Sacco e Vanzetti, acusados de assassinar um dirigente industrial, em 1921, em Massachusetts.

Durante 6 anos, o processo arrastou-se, sem provas conclusivas. Houve movimentação internacional tentando libertá-los. Foram executados em 1927, acendendo-se vigorosa polêmica, e o governo foi acusado de transformá-los em bodes expiatórios da direita.

BARBEIRO, Heródoto. *História da América*. São Paulo: Moderna, 1980.

Prosperidade americana na década de 1920

O crescimento norte-americano no período entreguerras foi muito alto. Entre 1923 e 1929, chegou a 64%. Foi uma época de grande progresso, mesmo apoiado na base pouco firme do liberalismo desenfreado.

Entre 1921 e 1929, a renda *per capita* americana saltou de US\$ 660,00 para US\$ 860,00. Nas grandes cidades, erguiam-se as maiores estruturas construídas até então, como o Empire State Building. A construção civil vivia sua época de ouro.



Empire State Building, em Nova York, símbolo do desenvolvimento econômico norte-americano durante o período entreguerras. Fotografia de 1931.

PHOTO 12/JALANY STOCK PHOTO

A frota de automóveis, de 8 milhões de veículos no início da década de 1920, passou, em 1929, para 23 milhões. Bens de consumo duráveis, como fogões, geladeiras e rádios tornaram-se comuns nas casas americanas. Os preços baixavam com o aumento da produção e do consumo e 95% da população economicamente ativa estava empregada. Esse incrível crescimento e bem-estar dos Estados Unidos favoreceu o desenvolvimento de um novo modo de vida, mundialmente conhecido como *american way of life* (modo de vida americano).

PICTORIAL PRESS LTD/ALAMY STOCK PHOTO



Linha de produção do carro Ford modelo T. Fábrica em Detroit, cerca de 1908. A produção de automóveis em série foi um dos marcos do período e reflete a dimensão que a sociedade de consumo havia tomado.

No entanto, ao mesmo tempo em que mansões eram construídas, automóveis engarrafavam as ruas de Nova York, surgiam favelas nas periferias das grandes cidades e os afrodescendentes ainda estavam, em sua maioria, abaixo na linha de pobreza.

Politicamente, o governo norte-americano mantinha uma estratégia de isolamento em relação aos problemas da Europa e o Congresso impediu a entrada do país na Liga das Nações.



THE GAP IN THE BRIDGE.

"A lacuna na ponte", charge que satiriza as relações entre Europa e Estados Unidos. A Liga das Nações, entidade que tentaria inaugurar uma nova era na diplomacia internacional, foi idealizada por Woodrow Wilson, presidente dos Estados Unidos. Mesmo assim, o Congresso norte-americano manteve a política isolacionista em relação à Europa e não aprovou a entrada do país na liga.

LIBRARY OF CONGRESS, WASHINGTON DC

MATERIAL DE USO
SISTEMA DE ENSINO

ROTEIRO DE AULA

DEMOCRACIAS LIBERAIS

Características gerais

França:

- Perdeu 30% de sua riqueza.
- Governo socialista de Léon Blum, sem êxito.

Reino Unido:

- Perdeu 32% da riqueza.
- Início da desagregação do Império Britânico.

Estados Unidos:

- Grandes beneficiários, passaram de devedores a credores e fornecedores da Europa.
- Extraordinário crescimento econômico (64% entre 1923 e 1926).
- Desenvolveram uma política de intervenção para a América Latina.
- Consolidaram o *american way of life* (modo de vida americano).

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Unesp-SP

“Enquanto a economia balançava, as instituições da democracia liberal praticamente desapareceram entre 1917 e 1942; restou apenas uma borda da Europa e partes da América do Norte e da Austrália. Enquanto isso, avançavam o fascismo e seu corolário de movimentos e regimes autoritários.

A democracia só se salvou porque, para enfrentá-lo, houve uma aliança temporária e bizarra entre capitalismo liberal e comunismo [...]. Uma das ironias deste estranho século é que o resultado mais duradouro da Revolução de Outubro, cujo objetivo era a derrubada global do capitalismo, foi salvar seu antagonista, tanto na guerra quanto na paz, fornecendo-lhe o incentivo – o medo – para reformar-se após a Segunda Guerra Mundial [...].”

Eric Hobsbawm. *Era dos extremos*, 1995.

Segundo o texto, a economia balançava e as instituições da democracia liberal praticamente desapareceram entre 1917 e 1942 devido:

- a) à crise financeira que culminou com a quebra da Bolsa de Valores de Nova York e à ascensão de projetos totalitários de direita.
- b) ao avanço do socialismo no continente africano e ao armamentismo alemão após a chegada dos nazistas ao poder.
- c) à ascensão econômico-financeira dos Estados Unidos e à Guerra Fria entre Ocidente capitalista e Oriente socialista.
- d) ao desenvolvimento do capitalismo industrial na Rússia e à derrota alemã na Segunda Guerra Mundial.
- e) ao fim das democracias liberais no Ocidente e ao surgimento de Estados islâmicos no Oriente Médio e sul asiático.

O período entre 1917 e 1942 viu surgir uma série de problemas que abalaram as democracias liberais, sempre relacionadas às guerras mundiais e às crises internas dos países. Economicamente, as democracias liberais sofreram com a Crise de 1929 e com a quebra da Bolsa de Valores de Nova York, devastando a economia dos Estados Unidos e de boa parte do mundo. Politicamente, com o fim da Primeira Guerra Mundial, o ressentimento e a crise fizeram surgir diversos ideais extremistas e totalitários, como o fascismo e o nazismo.

2. Unesp-SP

C4-H18

“No fim da década de 20, anos de prosperidade, uma grave crise econômica, conhecida como a Grande Depressão, começou nos EUA e atingiu todos os países capitalistas. J. K. Galbraith, economista norte-americano, afirma que, ‘à medida que o tempo passava, tornava-se evidente que aquela prosperidade não duraria. Dentro dela estavam contidas as sementes de sua própria destruição.’”

Dias de *boom* e de desastre. In: J. M. Roberts (Org.). *História do século XX*.

A aparente prosperidade pode ser percebida nas seguintes características:

- a) o aumento da produção automobilística, a expansão do mercado de trabalho e a falta de investimentos em tecnologia.
- b) a destruição dos grandes estoques de mercadorias, o aumento dos preços agrícolas e o aumento dos salários.
- c) a cultura de massa com a venda de milhões de discos, as dívidas de guerra dos EUA e o aumento do número de empregos.

d) a crise de superprodução, a especulação desenfreada nas bolsas de valores e a queda da renda dos trabalhadores.

e) o aumento do mercado externo, o mito do *american way of life* e a intervenção do Estado na economia.

A crise nos Estados Unidos esteve ligada à superprodução, que levou a uma oferta maior que a demanda. Também tem relação com a especulação sem limites na Bolsa de Valores e a diminuição de renda dos trabalhadores, que inviabilizou a aquisição de mais bens e produtos.

Competência: Entender as transformações técnicas e tecnológicas e seu impacto nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.

Habilidade: Analisar diferentes processos de produção ou circulação de riquezas e suas implicações socioespaciais.

3. Mackenzie-SP

“Foi durante a Primeira Guerra Mundial que floresceu e se divulgou com maior intensidade a música negra nos EUA: o *jazz* e o *blues*. [...] Houve uma verdadeira busca de ritmos e sons diferentes, emocionantes, como os africanos e latino-americanos.”

Eric J. Hobsbawm.

A busca de novos estilos e tendências artísticas, nos EUA e na Europa, após o fim da Primeira Guerra, refletia:

- a) a euforia pela conquista da vitória pelos participantes da Tríplice Aliança, após a entrada dos EUA no conflito, em 1917. Isso contagiou o mundo ocidental de otimismo.
- b) a busca de um novo sentido para a vida, uma forma inovadora de compreender o mundo do pós-guerra, de uma Europa destruída materialmente, dependente economicamente dos EUA e arrasada pelo elevado índice de mortos.
- c) o apoio financeiro e material norte-americano, fundamental para a vitória da Entente e seus aliados, que, sob a forma de agradecimento, passaram a não mais rejeitar a arte produzida nos EUA.
- d) graças ao seu poder criador e à eterna busca do homem pela novidade, ele foi capaz de superar os prejuízos resultantes da guerra e, por meio de um novo ritmo, recuperar o antigo prestígio econômico europeu.
- e) uma atitude condescendente por parte da Europa, berço cultural da humanidade, em reconhecimento ao grande número de baixas sofridas pelo exército norte-americano durante a guerra.

A Primeira Guerra Mundial destruiu boa parte da economia, dos territórios e da população europeia e os novos estilos e tendências expressaram o desejo de mudança e de um novo sentido para a vida.

4. Mackenzie-SP – No século passado, ocorreu a Crise de 1929. Assinale a alternativa que apresenta algumas das suas causas:

- a) a superprodução de mercadorias e a saturação dos mercados consumidores.
- b) o surgimento de ideologias como o fascismo e o nazismo.
- c) a diminuição do crédito bancário e o aumento de impostos para as importações.
- d) o equilíbrio entre a produção agrícola e o comércio mundial.
- e) a quebra da colheita e a demanda ilimitada da indústria automotiva.

A Crise de 1929 ocorreu principalmente graças à superprodução de mercadorias, impulsionada pela euforia causada pela prosperidade econômica que o país vivia.

5. Unimontes-MG – Acerca da crise econômica historicamente conhecida como Crise de 1929, marque C (correta) ou I (incorreta) nas afirmativas abaixo:

- () A Crise de 1929 atingiu praticamente todos os ramos da economia: agricultura, indústria, comércio e sistema financeiro.
- () Foram características da Crise de 1929, entre outras, a queda generalizada dos preços dos produtos agrícolas e o desemprego.
- () A Crise de 1929 levou ao aumento dos preços dos produtos industriais, pois ocorreu queda da produção industrial.
- () A Crise de 1929 não afetou a periferia do sistema capitalista, pois ocasionou uma grande retração do comércio mundial.

Assinale a alternativa que contém a sequência correta:

- a) I, C, C, I
- b) I, I, C, C
- c) C, I, I, C
- d) C, C, I, I

A Crise de 1929 foi avassaladora e atingiu todos os ramos da economia, como a agricultura, a indústria, o comércio e o sistema financeiro. Ela afetou todos os setores da sociedade dos Estados Unidos e provocou a queda dos preços e, com isso, do lucro dos empresários, levando diversas pessoas à falência.

6. PUC-RS – Inicialmente favorecida pelas condições internacionais do pós-Primeira Guerra, a economia dos Estados Unidos conheceu um período de forte expansão e euforia nos anos 1920. Todavia, ao final dessa década, o país seria um dos focos da crise mundial de 1929 e da Grande Depressão que a seguiu. Um dos motivos dessa violenta reversão de expectativas foi:

- a) a falência das principais medidas estabilizadoras do New Deal.
- b) a política antitruste determinada pela Sociedade das Nações.
- c) a perda de mercados devido à descolonização afro-asiática.
- d) a superprodução no setor primário dos Estados Unidos.
- e) o crescimento da dívida norte-americana em relação às principais potências europeias.

O principal fator que levou à Crise de 1929 foi a superprodução de mercadorias, levando a uma maior oferta que a demanda da população.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. UFMG-MG – Considerando-se a crise econômica mundial iniciada em 1929 com a quebra da Bolsa de Nova York, é correto afirmar que:

- a) a Alemanha sofreu impacto imediato e violento desse evento em razão dos laços econômicos estreitos que vinha mantendo com os Estados Unidos.
- b) a escassez de matérias-primas e de crédito, entre outras causas do *crash* norte-americano, muito contribuiu, na época, para alimentar a espiral inflacionária.
- c) a URSS foi um dos países atingidos por esse evento, pois a recessão no mundo capitalista prejudicou as exportações de petróleo do país.
- d) os países da América do Sul sentiram os efeitos desse evento devido à repatriação do capital estrangeiro anteriormente investido nessa região.

8. IFSP-SP – Em seu discurso de posse, em 1933, o presidente dos EUA, Franklin Delano Roosevelt, tentou encorajar seus compatriotas:

“O único medo que devemos ter é do próprio temor. Uma multidão de cidadãos desempregados enfrenta o grave problema da subsistência e um número igualmente grande recebe pequeno salário pelo seu trabalho. Somente um otimista pode negar as realidades sombrias do momento.”

O problema que atemorizava os EUA, cujos efeitos foram desemprego e baixos salários, referido pelo presidente Roosevelt, era:

- a) a Primeira Guerra Mundial, em que os EUA lutaram ao lado da Tríplice Entente contra a Tríplice Aliança, obtendo a vitória após três anos de combate. Entretanto, a vitória não trouxe crescimento econômico, mas, sim, desemprego e fome.
- b) a Segunda Guerra Mundial, quando os norte-americanos lutaram ao lado dos Aliados contra o Eixo nazifascista. Embora vencedores, o ônus financeiro da guerra foi muito pesado.

c) a Guerra do Vietnã, quando os EUA apoiaram o Vietnã do Sul contra o avanço comunista do Vietnã do Norte, tendo gasto milhões de dólares em uma guerra infrutífera.

d) a depressão de 1929, causada pela existência de uma superprodução, acompanhada de um subconsumo, crise típica de um Estado liberal.

e) a Primeira Guerra do Golfo, quando o Iraque invadiu o Kuwait e os EUA, na defesa de seus interesses petrolíferos, invadiram o Iraque na defesa de seu pequeno Estado aliado.

9. IFSP-SP – O período entreguerras (1918-1939) foi marcado:

- a) pela vitória das ideias liberais, pelas democracias na Europa e pela crise econômica nos EUA devido aos grandes gastos com a Primeira Guerra Mundial.
- b) pela rápida recuperação da Alemanha, uma das nações perdedoras na Primeira Guerra Mundial, graças ao Plano Marshall implantado pelos Estados Unidos.
- c) pelo gangsterismo nos EUA devido à Lei Seca, pelo surgimento de regimes totalitários, como o nazismo e o fascismo e pelo crescimento da intolerância e do racismo.
- d) pelo grande crescimento científico ocorrido principalmente com a Primeira Guerra Mundial. O homem descobriu novos remédios, como a penicilina, e a força atômica, usada pela Alemanha na Segunda Guerra Mundial.
- e) pela *belle époque*, os chamados anos dourados, pela vida luxuosa da burguesia europeia, enriquecida com a Primeira Guerra Mundial. Ao mesmo tempo, a miséria devastava a Rússia, o que levou à 1ª revolução socialista da História.

10. Udesc-SC – A expressão *american way of life* (“estilo de vida americano”) marcou um determinado período da História contemporânea.

Em relação às questões que contribuem para o entendimento dessa expressão e ao período a que se referem, assinale a alternativa incorreta:

- a) Refere-se ao consumismo acelerado e ao crescimento industrial norte-americano, estimulados pelo forte protecionismo a partir da década de 1920.
- b) Durante a Guerra Fria serviu como modo de divulgar o que se poderia alcançar com o capitalismo.
- c) O cinema e os programas de TV americanos foram importantes veículos do *american way of life*. Assim, as pessoas de diferentes lugares do mundo conheceram as casas da classe média americana com seus modernos carros e eletrodomésticos.
- d) O estilo americano de vida, sobretudo o poder de consumo, espalhou-se aos diferentes lugares do mundo, sendo adotado e adaptado pelas mais diferentes culturas, inclusive a brasileira.
- e) Expressão usada para se referir à Guerra da Secesão Americana.

11. Fuvest-SP – Sobre a crise do capitalismo, na década de 1930, e o colapso do socialismo, na década de 1980, pode-se afirmar que:

- a) a primeira reforçou a concepção de que não se podia deixar uma economia ao sabor do mercado, e o segundo a de que uma economia não funciona sem mercado.
- b) ambos levaram à descrença sobre a capacidade do Estado resolver os problemas colocados pelo desemprego em massa.
- c) assim como a primeira, também o segundo está provocando uma polarização ideológica que ameaça o Estado de bem-estar social.
- d) ambos, provocando desemprego e frustração, fizeram aparecer agitações fascistas e terroristas contando com amplo respaldo popular.
- e) enquanto a primeira reforçou a convicção dos defensores do capitalismo, o segundo fez desaparecer a convicção dos defensores do socialismo.

12. Puccamp-SP – Em linhas gerais, pode-se dizer que a Grande Depressão (1929) resultou principalmente:

- a) da queda da exportação, do desemprego e do aumento de consumo interno.
- b) da desvalorização da moeda, com o objetivo de elevar os preços dos gêneros agrícolas.
- c) do fechamento temporário dos bancos e da requisição dos estoques de ouro para sanear as finanças.
- d) da superprodução industrial e agrícola, que foi se evidenciando quando o mercado não conseguiu mais absorver a produção que se desenvolvera rapidamente.
- e) da emissão de papel-moeda e do abandono do padrão ouro que permitiram ao Banco Central financiar o seguro desemprego.

13. Mackenzie-SP – As causas da Crise de 1929 foram:

- a) aumento das taxas de juros, explosão de consumo, queda da produção agrícola e nacionalização de empresas.
- b) consolidação do nazifascismo, aumento do consumo, valorização do mercado financeiro e aumento das exportações.
- c) *crack* da Bolsa de Nova York, aumento dos preços do petróleo e redução dos salários.
- d) intervenção do Estado na economia, contradição entre capacidade de consumo e produção e concorrência com os produtos asiáticos.
- e) superprodução agrícola e industrial, diminuição do consumo, *crack* da Bolsa de Nova York e diminuição das exportações.

14. CFT-MG – Em 18 de janeiro de 1930, a capa do jornal norte-americano *The Saturday Evening Post* trazia uma ilustração na qual todos os personagens observavam atentamente um cartaz com as cotações da Bolsa de Valores.



COLEÇÃO PARTICULAR

A imagem satiriza o período imediatamente anterior à quebra da Bolsa, no qual a sociedade norte-americana vivenciou um:

- a) ímpeto especulativo que afetava todas as camadas sociais.
- b) clima de decadência que atingia os grandes investidores.
- c) impulso econômico que impossibilitava o pleno emprego.
- d) estado de miséria que afligia as grandes parcelas da população.

15. UFPE-PE – Após a Primeira Guerra Mundial, a febre de negócios baseada na especulação provocou a Crise de 1929. Identifique, nas alternativas a seguir, os principais fatos que a produziram:

- a) aparecimento de ideologias como o fascismo e o nazismo.
- b) superprodução de mercadorias e saturação dos mercados consumidores.
- c) retraimento do crédito e proibição das exportações.
- d) equilíbrio entre a agricultura e o comércio.
- e) má colheita e demanda ilimitada da indústria.

16. Sobre a situação das democracias liberais após a Primeira Guerra Mundial, marque a alternativa correta:

- a) Mesmo com a crise instalada na Inglaterra e na França, os ideais fascistas e comunistas nunca tiveram força em seus territórios.
- b) A guerra foi muito lucrativa para as democracias liberais e todos os países vencedores da Primeira Guerra Mundial saíram do conflito com prosperidade econômica.
- c) Para driblar a crise econômica, a maioria das democracias liberais buscou aliar-se economicamente com a URSS.
- d) Toda a Europa sofreu com a Primeira Guerra Mundial, ao contrário dos Estados Unidos, que prosperaram economicamente logo após o conflito.
- e) O momento que sucedeu a Primeira Guerra Mundial foi de miséria para as democracias liberais. Todos os países entraram em crise, dando espaço para que a recém-formada URSS se tornasse a maior potência mundial.

17. Logo após a Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos se tornaram uma potência mundial. Sobre o período de prosperidade econômica que este país viveu:

- I. A prosperidade nos Estados Unidos significou a melhora de vida para todos os cidadãos, deixando de existir pessoas em condições de pobreza no país.
- II. Nas grandes cidades dos Estados Unidos seriam realizadas grandes construções, como o Empire State Building.
- III. O crescimento econômico e o Estado de bem-estar

nos Estados Unidos levaram ao desenvolvimento da mentalidade do “estilo de vida americano”.

Considerando as afirmativas, marque a opção correta:

- a) Nenhuma opção está correta.
- b) I e II.
- c) I e III.
- d) II e III.
- e) Todas as opções estão corretas.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C2-H7

“Mas a Primeira Guerra Mundial foi seguida por um tipo de colapso verdadeiramente mundial, sentido pelo menos em todos os lugares em que homens e mulheres se envolviam ou faziam uso de transações impessoais de mercado. Na verdade, mesmo os orgulhosos EUA, longe de serem um porto seguro das convulsões de continentes menos afortunados, se tornaram o epicentro deste que foi o maior terremoto global medido na escala Richter dos historiadores econômicos – a Grande Depressão do entreguerras.”

HOBSBAWM, E. J. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

A Grande Depressão econômica que se abateu nos EUA e se alastrou pelo mundo capitalista deveu-se ao(à):

- a) produção industrial norte-americana, ocasionada por uma falsa perspectiva de crescimento econômico pós-Primeira Guerra Mundial.
- b) vitória alemã na Primeira Grande Guerra e, consequentemente, sua capacidade de competição econômica com os empresários norte-americanos.
- c) desencadeamento da Revolução Russa de 1917 e a formação de um novo bloco econômico, capaz de competir com a economia capitalista.
- d) Guerra Fria, que caracterizou o período de entreguerras, provocando insegurança e crises econômicas no mundo.
- e) tomada de medidas econômicas pelo presidente norte-americano Roosevelt, conhecidas como New Deal, que levaram à crise econômica no mundo.

19. UFMG-MG

C1-H1

Observe esta figura:



As imagens reunidas nessa figura expressam dois momentos significativos da vida econômica e social norte-americana: a riqueza dos anos 20 do século XX, traduzi-

da pela crença otimista no modo de vida americano – o *american way of life* –, popularizado durante o New Deal, e a depressão econômica dos anos 30 do mesmo século, com suas enormes filas de pobres e desempregados. Esses dois momentos estiveram relacionados à:

- a) alta crescente dos preços agrícolas, que impediram o deslocamento do poder aquisitivo para a compra de bens industriais e serviços.
- b) decisão norte-americana de reduzir o ritmo da produção industrial e agrícola alcançado no período da guerra de 1914-1918.
- c) expansão da oferta de mercadorias, da publicidade e da indústria do lazer favorecidas pelo crédito fácil e aliadas à especulação com ações.
- d) onda puritana que fortaleceu o espírito de poupança, contendo os investimentos da classe média e do operariado.

20. Puccamp-SP

C4-H18

“O capitalismo nasceu sob a égide da aceleração. Quanto menos tempo spendido, mais produtos a serem transformados em mercadoria. ‘Tempo é dinheiro’ significa o mais das vezes: menos tempo traz mais dinheiro. A identidade supõe aqui inversão de grandezas. Na competição comercial dá-se o mesmo. Quem chega antes, quem se adianta na roda do calendário e do relógio, terá maiores oportunidades de vender. Quem já chegou, já ganhou espaço e poder. Concorre quem mais corre.”

BOSI, Alfredo. *Entre a literatura e a história*. São Paulo: Ed. 34, 2013. p. 355.

A quebra da Bolsa de Nova York (1929) culminou em uma notável crise do capitalismo. Essa crise acarretou a revisão de alguns princípios, dentre os quais se destacou:

- a) o liberalismo econômico, que tornara possível a produção de bens de consumo muito acima das necessidades do mercado, sem mecanismos de regulação.
- b) o protecionismo estatal, que permitira a expansão descontrolada do crédito bancário, resultando em dívidas pendentes assumidas pelo Estado.
- c) a democracia liberal, que possibilitara a melhoria da qualidade de vida da população de menor renda e seu acesso ao consumo, não atendido pelo mercado, o que provocou revolta e quebra-quebras.
- d) o keynesianismo, que estimulava a concentração do consumo nas classes médias e altas, dificultando a ampliação do mercado interno e engessando o crescimento.
- e) a privatização vigente dos serviços públicos e da seguridade social, que desonerava os Estados, mas punha em risco a qualidade de vida e as condições de trabalho dos cidadãos.

CRISE DE 1929

44

O ESTILO DE VIDA AMERICANO

Nos módulos anteriores, estudamos o desenvolvimento e as consequências da Primeira Guerra Mundial, que levou os países europeus a um cenário de destruição, tendo parte de seu território devastado, suas economias comprometidas e sua população insatisfeita. Por outro lado, os Estados Unidos souberam aproveitar o momento e, em pleno crescimento econômico, emprestaram dinheiro e passaram a produzir e exportar para o mundo inteiro.

Junto aos produtos, também foi exportado o *american way of life* ("estilo de vida americano"), em que se mostrava o consumo de produtos diversos como forma de alcançar a felicidade, fossem eles automóveis, eletrodomésticos ou comidas industrializadas. Esse estilo estava acompanhado da ideia do *self-made man* ("homem empreendedor"), que conseguia se livrar da pobreza e alcançava a riqueza por meio de seu trabalho e esforço.

O sucesso econômico dos Estados Unidos, porém, tornou-se um problema à medida que a produção aumentou muito mais do que as pessoas e os países podiam consumir. Após esse excesso de oferta e prosperidade, os Estados Unidos enfrentarão uma fase de crise econômica.

- O estilo de vida americano
- Os antecedentes da crise
- A crise
- A decadência do liberalismo

HABILIDADES

- Analisar a ação dos Estados nacionais no que se refere à dinâmica dos fluxos populacionais e no enfrentamento de problemas de ordem econômico-social.
- Comparar o significado histórico-geográfico das organizações políticas e socioeconômicas em escala local, regional ou mundial.
- Analisar diferentes processos de produção ou circulação de riquezas e suas implicações socioespaciais.

© GRANGER HISTORICAL PICTURE ARCHIVE/ALAMY STOCK PHOTO



Outdoor na autoestrada 99, na Califórnia, Estados Unidos. A propaganda foi patrocinada pela Associação Nacional de Fabricantes e diz: "O maior padrão de qualidade de vida do mundo. Não tem jeito melhor que o jeito americano." Fotografia de 1937.

OS ANTECEDENTES DA CRISE

O surto de crescimento na década de 1920 confirmou os Estados Unidos como a locomotiva do mundo capitalista. Em 1925, os países europeus já haviam reestruturado boa parte de suas economias e passaram a ser menos dependentes das importações norte-americanas. Ao mesmo tempo, a produção crescia exponencialmente nos Estados Unidos e países periféricos, como o Brasil, acreditavam que os grandes mercados norte-americanos e europeu estavam garantidos para absorver sua crescente monoprodução agrícola.

A partir de 1928, porém, começaram a diminuir as encomendas de produtos industrializados nos Estados Unidos, pois o consumo estava saturado, uma vez que a produção crescia mais que os salários e a maioria das pessoas que já havia adquirido um bem de consumo durável, como automóvel, geladeira e fogão, não estava mais interessada em comprar outro.

A Crise de 1929 foi provocada pela superprodução de bens industriais e agrícolas nos Estados Unidos. Foi a mais séria crise econômica vivida pelo capitalismo, arrastando-se da quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929 até a Segunda Guerra Mundial. Iniciou-se nos Estados Unidos e expandiu-se rapidamente pela Europa e pelo restante do mundo.

A Crise de 1929 não pode ser analisada isoladamente como a crise interna de um único país. Vários fatores conjugados podem esclarecer suas origens:

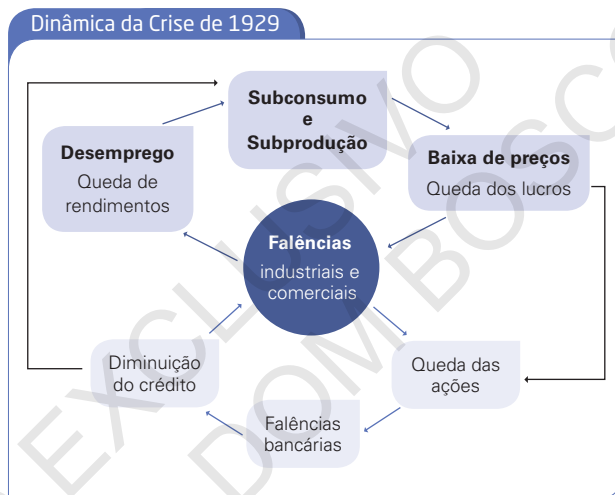
- excesso na produção industrial norte-americana após a Primeira Guerra Mundial;
- superprodução agrícola provocada pelos avanços técnicos na agricultura;
- recuperação econômica dos países europeus, que haviam tido grandes perdas na guerra e que, por volta de 1925, diminuíram suas importações dos Estados Unidos;
- concentração da riqueza nas mãos dos grandes capitalistas e ausência de leis trabalhistas salariais que fortalecessem o mercado interno;
- fragilidade do mercado interno, provocada pela exploração do trabalho assalariado, incapaz de absorver a enorme produção industrial;
- capitalismo liberal que não permitia a intervenção do governo nos setores de produção, deixando a economia totalmente a favor dos interesses dos grandes grupos econômicos;
- grande especulação com o preço das ações na Bolsa de Valores de Nova York;
- política de estocagem por parte do governo para garantir o preço dos produtos.

A CRISE

Às vésperas de 1929, a economia norte-americana estava estrangulada e, desde 1925, já vinha demonstrando sinais da crise: enormes estoques de cereais

provocaram a diminuição dos preços, levando muitos fazendeiros à falência; redução da produção industrial; desemprego em massa; queda do poder aquisitivo e do consumo interno.

A Bolsa de Valores de Nova York ressentia-se da crise a cada ano, pois, em boa parte, o crescimento financeiro fundava-se em falsas bases especulativas. Muitas empresas tiveram suas ações supervalorizadas. Grandes investidores aplicavam maciçamente seu capital nessa especulação artificial do mercado.



Quando o mercado percebeu que muitas empresas que tinham ações negociadas na Bolsa de Nova York estavam à beira da falência, sucederam-se as crises nas bolsas de valores. A maior delas estourou em 24 de outubro de 1929, na chamada Quinta-Feira Negra, quando milhões de ações da Bolsa de Nova York foram postas à venda juntas e não tinham compradores. Tentou-se reativá-las, mas na semana seguinte, em 29 de outubro de 1929, na chamada Terça-Feira Negra, as ilusões dos investidores desfizeram-se: definitivamente não havia mais compradores para as ações. Foi a quebra da Bolsa de Valores de Nova York.

No capitalismo financeiro, o preço de uma empresa não corresponde necessariamente a seu valor físico, mas a seu valor de mercado, que pode ser menor ou maior na Bolsa de Valores. Isso depende de seu desempenho e da possibilidade de gerar lucros futuros. Uma empresa bem-sucedida no mercado pode ter suas ações supervalorizadas nas especulações da Bolsa de Valores. Um grande aumento assentado em bases especulativas irrealistas e em flutuações momentâneas de mercado torna o jogo financeiro arriscado. Uma situação recente que exemplifica isso ocorreu na década de 1990, quando o *boom* nos negócios de internet gerou empresas com ações que sequer existiam na economia real. Hoje, a maioria está quebrada e os índices Dow Jones e Nasdaq se reestruturam em margens mais realistas.



Wall Street, em Nova York, centro financeiro norte-americano, no dia da quebra da Bolsa de Valores. Durante a Quinta-Feira Negra e nos dias subsequentes à quebra, milhares de investidores e curiosos se amontoaram em frente à Bolsa de Valores na espera de notícias sobre os rumos da economia norte-americana.

O suicídio daqueles que perderam tudo na especulação tornou-se comum. Milhares de empresas e bancos foram à falência, o desemprego chegou ao limite suportável por uma nação, cerca de 12 milhões de desempregados vagavam pelas ruas e grande número de agricultores perderam suas terras hipotecadas. A produção nacional quase parou nos três anos seguintes.

O mundo percebeu-se incapaz na busca de soluções rápidas e definitivas para superar a crise global. Medidas internas em cada país eram os únicos esforços possíveis, o que conduziu muitas nações a formas autoritárias de governo.



Conhecida como *migrant mother* (a mãe migrante), a fotografia faz parte de uma sequência feita por Dorothea Lange na década de 1930. Mostra o impacto da Grande Depressão nos Estados Unidos ao retratar as condições precárias de uma família de agricultores norte-americanos.

A grande crise econômica repercutiu mundialmente. Países importadores diminuíram suas compras externas. Países subdesenvolvidos, sem ter para quem vender, ficaram sem recursos financeiros para importar.



Franklin Roosevelt, 32º presidente dos Estados Unidos, foi o único eleito para quatro mandatos e o responsável pela legislação do New Deal durante a Grande Depressão. Na ocasião da fotografia, em 1933, o então presidente dos Estados Unidos assinava a Lei Bancária de Emergência, que buscou reorganizar o funcionamento bancário no país para que as pessoas voltassem a ter confiança – e colocassem dinheiro – novamente nos bancos.

A DECADÊNCIA DO LIBERALISMO

Inicialmente, foi necessário intervir junto a empresários e produtores. O capitalismo liberal, que dava total liberdade às empresas, mostrou-se

inviável diante da nova conjuntura. No poder, o Partido Republicano, tendo Herbert Hoover como presidente, não conseguiu contornar a crise e sanar a economia nacional.

Era preciso controlar a produção, estipular taxas e preços e estabelecer uma política salarial adequada, mudando a filosofia econômica. O capitalismo liberal, que pregava a ausência do Estado na economia, deveria ser substituído por outro modelo: o capitalismo intervencionista. O liberalismo, doutrina criada por Adam Smith em 1776, estava vivendo seu apogeu no início do século XX, defendendo a liberdade econômica e o não intervencionismo estatal. A Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a ascensão socialista na URSS e a quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929 contribuíram para a decadência desse modelo econômico a partir de 1930. Encurralados nessa situação, os Estados ocidentais, liderados pelos Estados Unidos, a exemplo do que vinha sendo feito com sucesso na União Soviética stalinista, interferiram na economia, dando origem ao Estado interventor ou Estado keynesiano, com base nas ideias do economista inglês John Maynard Keynes, que defendia baixas taxas de juros e a intervenção do Estado na economia como forma de incentivar os investimentos e superar o desemprego, gerando consumo. Segundo Keynes, a recessão e o desemprego poderiam ser eliminados com a intervenção estatal. O Estado se endividaria para promover a construção de obras de infraestrutura, como rodovias, estradas de ferro, saneamento, hospitais, escolas, portos e aeroportos, entre outras.

Em 1932, o Partido Republicano perdeu as eleições para o Partido Democrata, cujo candidato, Franklin Delano Roosevelt, representava para muitos eleitores a “última tábua de salvação”.

Eleito, Roosevelt organizou uma equipe para modificar a economia norte-americana por meio do New Deal (Novo Acordo), um conjunto de medidas que incluía investimento em obras públicas, destruição de estoques agrícolas, controle de preços e menor jornada de trabalho.



Desempregados na fila para receber alimentos distribuídos pelo governo. Na fachada, lê-se: “Sopa, café e donut de graça para o desempregado.” Fotografia de 1931, em Chicago, Estados Unidos.

ROTEIRO DE AULA

CRISE DE 1929

Características gerais

Causas:

- Excesso de produção industrial.
- Recuperação econômica da Europa.
- Capitalismo liberal norte-americano.
- Política de estocagem.
- Política de baixos salários e concentração de renda.

Consequências:

- Preços baixos, falências, desemprego, baixo poder aquisitivo, queda do mercado interno.
- Quebra da Bolsa de Valores de Nova York: Quinta-Feira Negra e Terça-Feira Negra (*crash* da Bolsa).
- Generalização da crise dos Estados Unidos para o restante do mundo.

Reação à crise:

- Eleição de Roosevelt, do Partido Democrata (1933 a 1945).
- New Deal: controle da produção, sistema de crédito, política salarial, leis trabalhistas, reorganização dos sindicatos, sistema de previdência social, empregos públicos, controle das exportações, garantia aos investidores, controle das companhias de *holding* e reorganização da agricultura (Agricultural Adjustment Act).

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Enem

C4-H18

Ao deflagrar-se a crise mundial de 1929, a situação da economia cafeeira se apresentava como se segue:

“A produção, que se encontrava em altos níveis, teria que seguir crescendo, pois os produtores haviam continuado a expandir as plantações até aquele momento. Com efeito, a produção máxima seria alcançada em 1933, ou seja, no ponto mais baixo da depressão, como reflexo das grandes plantações de 1927-1928. Entretanto, era totalmente impossível obter crédito no exterior para financiar a retenção de novos estoques, pois o mercado internacional de capitais se encontrava em profunda depressão, e o crédito do governo desaparecera com a evacuação das reservas.”

FURTADO, C. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1997. (Adaptado)

Uma resposta do Estado brasileiro à conjuntura econômica mencionada foi o(a):

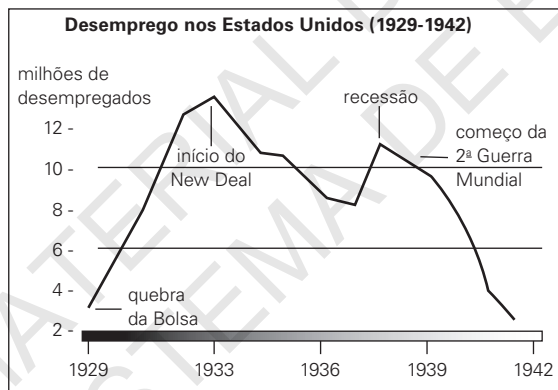
- a) atração de empresas estrangeiras.
- b) reformulação do sistema fundiário.
- c) incremento da mão de obra imigrante.
- d) desenvolvimento de política industrial.**
- e) financiamento de pequenos agricultores.

Uma das medidas propostas pelo governo brasileiro para enfrentar a Crise de 1929 foi o incentivo à industrialização do país para que o Brasil dependesse menos do capital estrangeiro, protegendo assim a economia nacional.

Competência: Entender as transformações técnicas e tecnológicas e seu impacto nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.

Habilidade: Analisar diferentes processos de produção ou circulação de riquezas e suas implicações socioespaciais.

2. PUC-RJ



Hilário Franco Jr. e Ruy de Oliveira Andrade Filho. *Atlas de história geral*. São Paulo: Scipione, 1993. p. 70. (Adaptado)

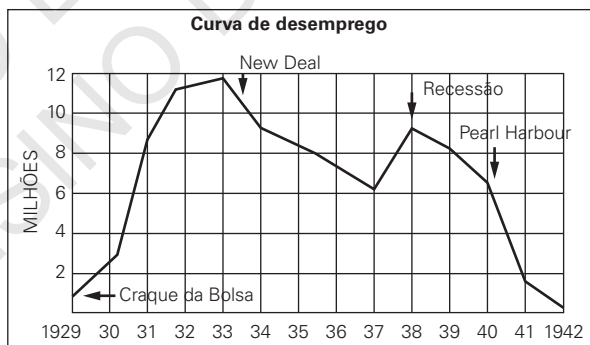
O gráfico apresenta a variação do número de desempregados na sociedade norte-americana, entre 1929 e 1942. A partir da leitura do gráfico e de seus conhecimentos, assinale a afirmativa correta:

- a) A política do New Deal, estimulando investimentos em obras públicas e na agricultura e regulamentando o mercado de trabalho, teve como um de seus principais desdobramentos a redução do número de desempregados.**

- b) A quebra da Bolsa de Valores de Nova York ocasionou, de imediato, o aumento dos investimentos industriais nos Estados Unidos, especialmente no setor bélico, estimulando uma nova guerra mundial.
- c) O retorno aos índices de desemprego a níveis inferiores aos da Crise de 1929 somente ocorreu por ocasião do início da II Guerra Mundial, em 1939, quando o governo norte-americano enviou tropas para as frentes de combate.
- d) Correlacionada ao enorme índice de desempregados, a economia norte-americana viveu, entre 1929 e 1942, uma crise recessiva ininterrupta e sem precedentes nos setores agrícola, industrial e financeiro.
- e) O governo Roosevelt, através do New Deal, estimulou o livre-cambismo internacional durante os anos 30, de uma tal forma que essa política repercutiu na ampliação da entrada de novos capitais, estimulando a geração de empregos.

Uma das estratégias para enfrentar a Crise de 1929 foi o New Deal, que consistiu na maior intervenção do Estado na economia. O governo investiu em obras públicas e na regulamentação do mercado de trabalho, a fim de gerar mais empregos. Com isso, as pessoas passaram a consumir novamente, de forma gradativa, fazendo a economia melhorar.

3. UEL-PR – Observe o gráfico a seguir:



Na história dos EUA, New Deal e Pearl Harbour, indicados no gráfico, referem-se, respectivamente, aos seguintes fatos históricos:

- a) política intervencionista do Estado na economia e retirada dos EUA da 2ª Grande Guerra.
- b) adoção, pelo Estado, de um programa de recuperação econômico-social do país e ataque japonês à base aeronaval norte-americana.**
- c) marco inicial do agravamento da crise econômica dos EUA e vitória dos EUA contra o Eixo.
- d) política econômica que desencadeou a grande recessão de 1938 e início do programa de criação de frentes de trabalho para portuários.
- e) Estado de pleno emprego e bem-estar social e agravamento da crise de desemprego em consequência da entrada dos EUA na guerra.

O New Deal foi a política de Estado instituída para enfrentar a crise econômica gerada a partir de 1929. Pearl Harbour era uma base militar estadunidense que foi atacada pelo Japão, o que foi considerado um motivo para a entrada dos Estados Unidos na guerra.

4. PUC-MG (adaptado) – O cartaz abaixo é do filme *E o vento levou*, lançado em cores no ano de 1939 e dirigido por Victor Fleming, que marcou sua época e a história do cinema. O filme narra a complicada vida de Scarlet O'Hara (vivida por Vivien Leigh), seus amores e desilusões em um período que tem a Guerra Civil Americana como pano de fundo.



SELZNICK INTERNATIONAL PICTURES/METRO-GOLDWYN-MAYER

Clark Gable é "Rett Butler", um aventureiro que tem uma relação de amor com Scarlet. O filme, como as telenovelas de hoje, é marcado por conflitos e cenas inesquecíveis de amor. A grande inovação do filme é a ausência de um final feliz. Sobre a época e o filme, pode-se afirmar que ele registrou:

- a) uma época (período entreguerras) difícil e sem a certeza de um final feliz, como no filme.
- b) um momento de crise para o nacionalismo americano, e por isso a temática da guerra civil.
- c) o cientificismo da sociedade com o uso da tecnologia e que, por isso, pôde inovar ao ser filmado em cores.
- d) uma mudança de mentalidade, já que as pessoas passaram a valorizar o amor aventureiro.

O período entreguerras foi marcado por momentos pessimistas, como a Crise de 1929 e o crescimento do nazifascismo. Portanto, é possível relacionar o contexto da época à narrativa traçada no filme.

5. PUC-RJ (adaptado) – Com base no texto abaixo, responda às questões 5 e 6:

"Todos os olhos sobre o mercado. Obama lança maior pacote desde a Grande Depressão para regular setor financeiro. O presidente dos EUA, Barack Obama, anunciou ontem um ambicioso projeto de reforma no sistema regulatório do mercado financeiro americano, disposto a evitar uma reprise da crise econômica que empurrou o país para a recessão e que é responsável por mais de seis milhões de demissões desde meados do ano passado. Admitindo que os problemas atuais têm sua origem num sistema financeiro que se expõe demais ao risco e cuja supervisão se diluiu entre mais de dez agências regulatórias

que não conversam entre si, Obama anunciou seu pacote de reforma, considerado pelos analistas como o maior desde a Grande Depressão dos anos 30. O plano prevê cooperação internacional entre autoridades reguladoras para controlar paraísos fiscais e proteção ao consumidor de produtos financeiros."

O Globo, 18 jun. 2009, p. 19.

Indique uma diferença e uma semelhança entre a crise econômica que afetou os EUA em 2009 e aquela que ocorreu na década de 1930 (Grande Depressão).

A crise ocorrida em 2009 foi decorrente de ações financeiras especulativas, as quais foram viabilizadas pela dinâmica do mercado em uma economia globalizada e justificaram a decisão de Obama de criar mecanismos regulatórios. Já a Crise de 1929 foi consequência da superprodução industrial e do subconsumo na economia norte-americana, o que culminou na quebra da Bolsa de Valores de Nova York. As duas crises assemelham-se por apresentar elevados índices de desemprego, recessão econômica e intervenção do Estado na economia.

6. PUC-RJ (adaptado) – Caracterize, no contexto das relações internacionais do período entreguerras (1918-1939), dois efeitos da Grande Depressão em sociedades do Ocidente europeu.

Entre as consequências da Grande Depressão, pode-se citar o impacto da crise na elevação dos índices de desemprego nos Estados Unidos, além de países como França, Inglaterra e Alemanha, contribuindo para a recessão econômica e a instabilidade social. A situação de recessão e instabilidade gerou uma forte crítica ao liberalismo, contribuindo para a expansão de projetos autoritários de governo, como a ascensão do nazismo na Alemanha.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Unirio-RJ – A grave crise econômico-financeira que atingiu o mundo capitalista na década de 30 tem suas origens nos Estados Unidos. A primeira medida governamental que procurou, internamente, solucionar essa crise foi o New Deal, adotado por Roosevelt em 1933. Uma das medidas principais desse programa foi o(a):

- encerramento dos investimentos governamentais em obras de infraestrutura.
- fim do planejamento e da intervenção do Estado na economia.
- imediate suspensão da emissão monetária.
- política de estímulo à criação de novos empregos.
- redução dos incentivos à produção agrícola.

8. UFGM-MS – Pelo olhar da fotógrafa estadunidense Margareth Bourke-White (1904-1971), em parceria com o escritor Erskine Caldwell (1903-1987), o ensaio fotográfico “You have seen their faces” (1937) foi publicado e chamou atenção por cenas das décadas de 1920 e 1930. A imagem retrata uma contradição decorrente da relação entre:



Margareth Bourke-White. Louisville, Kentucky, 1937.

- os impactos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a ascensão de regimes totalitários na Europa.
- o período de euforia econômica conhecido como *american way of life* e o aumento da entrada de imigrantes hispânicos nos Estados Unidos.
- o crescimento da indústria automobilística e o aumento de consumidores de bens duráveis nos Estados Unidos.
- a euforia econômica dos Estados Unidos após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), conhecida como *american way of life*, e os impactos sociais da depressão econômica decorrentes da quebra da Bolsa de Nova York em 1929.
- os investimentos do New Deal, plano de reconstrução econômica dos Estados Unidos de 1932, e o crescimento da oferta de emprego na construção civil na cidade de Nova York.

9. UFRGS-RS – Leia o segmento abaixo, sobre a história da América Latina no século XX:

“A Grande Depressão da década de 1930 terminou a demolição do neocolonialismo e energizou movimentos nacionalistas por toda a América Latina. Nos anos após o colapso da Bolsa de Nova York, de 1929, o volume do comércio internacional latino-americano reduziu-se à metade, em um violento espasmo. Com o avanço da década

de 1930, ocorreu um importante fenômeno, um efeito colateral positivo do colapso do comércio internacional.”

CHASTEEN, J. *América Latina: uma história de sangue e fogo*. Rio de Janeiro: Campus, 2001. p. 187.

O segmento faz referência a um importante fenômeno histórico na América Latina. Assinale a alternativa que indica esse fenômeno:

- Industrialização por substituição de importações, modelo econômico que se tornaria predominante na região até os anos 1980.
- Dependência das exportações do setor primário, com a consequente ampliação das monoculturas nos países latino-americanos.
- Desindustrialização local decorrente do colapso do comércio internacional com os Estados Unidos, principais compradores dos manufaturados latino-americanos.
- Adoção de políticas neoliberais, como privatizações de empresas públicas e cortes de gastos sociais, no período subsequente à Grande Depressão.
- Transformação da América Latina na região mais industrializada do globo, a partir do colapso completo das indústrias europeias e norte-americanas, durante a década de 1930.

10. Aman-RJ – Nos primeiros anos da década de 1930, o mundo assistiu a uma grave crise econômica que atingiu boa parte do mundo capitalista. Para combatê-la o governo dos Estados Unidos da América adotou um conjunto de medidas que ficou conhecido como New Deal. Esse programa:

- diminuiu a intervenção do Estado na economia.
- aumentou a intervenção do Estado na economia.
- retirou a presença do Estado na economia.
- tornou a economia americana mais liberal.
- provocou a quebra da Bolsa de Valores de Nova York, dando origem ao episódio que ficou conhecido como a Quinta-Feira Negra.

11. UFRGS-RS – Em 1932, Franklin Delano Roosevelt foi eleito presidente dos Estados Unidos em meio à maior crise econômica experimentada por aquele país até então. Considere as seguintes afirmações a respeito de seu governo:

- A implementação do chamado New Deal consistia em um conjunto de medidas governamentais destinadas a sanar os problemas econômicos do país, como, por exemplo, a realização de diversas obras públicas e a criação do seguro-desemprego para os trabalhadores sem ocupação.
- Os Estados Unidos mantiveram-se em uma posição de neutralidade até dezembro de 1941, quando o ataque japonês a Pearl Harbour forçou-os a entrar no conflito, ao lado dos Aliados, contra as forças do Eixo.
- A Lei Seca, que proibia a venda e o consumo de álcool em todo o território norte-americano, foi anulada pelo Congresso.

Quais estão corretas?

- Apenas I.
- Apenas II.
- Apenas I e III.
- Apenas II e III.
- I, II e III.

12. Ibmec-RJ – A crise que atingiu a Bolsa de Nova York, em 1929, serviu para demonstrar a crise do modelo liberal aplicado na economia norte-americana e para superá-la foi executado um programa que tinha como base:

- a) a não intervenção do Estado, objetivando dar ao mercado condições próprias de superação do grave momento econômico.
- b) uma política de investimento maciço em obras públicas, que ficou conhecida como “Aliança para o progresso”.
- c) um conjunto de medidas intervencionistas que ficou conhecido como New Deal.
- d) a supressão de uma série de conquistas da classe trabalhadora, como o salário mínimo, com a finalidade de facilitar a geração de empregos.
- e) o rompimento dos acordos anteriormente firmados com o FMI, acordos que haviam sido assinados numa época de expansão econômica e que agora ficaram inviabilizados.

13. CFT-MG – A questão refere-se à tabela seguinte.

Índice de preços e salários nos Estados Unidos		
ANOS	PREÇOS	SALÁRIOS
1929	95,3	100,5
1930	86,4	81,3
1931	73,0	61,5
1932	64,8	41,6
1933	65,9	44,0

Analisando esses dados, conclui-se, corretamente, que a crise:

- a) fez parte da Grande Depressão atenuada pelos efeitos da implementação do New Deal.
- b) afetou os preços da economia americana com impacto significativo na massa salarial.
- c) foi de superprodução, pois os preços se elevaram devido à grande quantidade de produtos disponíveis.
- d) constitui uma avaliação histórica equivocada, uma vez que no ano de 1929 a economia americana era satisfatória.

14. Fuvest-SP

“A crise atingiu o mundo inteiro. O operário metalúrgico de Pittsburgo, o plantador de café brasileiro, o artesão de Paris e o banqueiro de Londres, todos foram atingidos”.

Paul Raynaud. *La France a sauvé L'Europe*, T. I. Flammarion.

O autor se refere à crise mundial de 1929, iniciada nos Estados Unidos, da qual resultou:

- a) o abalo do liberalismo econômico e a tendência para a prática da intervenção do Estado na economia.
- b) o aumento do número das sociedades acionárias e da especulação financeira.
- c) a expansão do sistema de crédito e do financiamento ao consumidor.
- d) a imediata valorização dos preços da produção industrial e o fim da acumulação de estoques.
- e) o crescimento acelerado das atividades de empresas industriais e comerciais e o pleno emprego.

15. Unesp-SP – A crise capitalista desencadeada em 1929 nos EUA e na Europa Ocidental estendeu-se para a América Latina, contribuindo para:

- a) a revogação de todas as tarifas protecionistas, o intervencionismo estatal e a substituição de importações.
- b) abalar o poder das oligarquias e o surgimento de regimes populistas e ditaduras conservadoras.
- c) a modernização do campo através do deslocamento de mão de obra que sobrevivia precariamente nas cidades.
- d) Juan Domingo Perón destacar-se como governante populista no México.
- e) a ruptura da estrutura de espoliação do povo latino-americano.

16. Cesgranrio-RJ – O entreguerras (1918-1939) pode ser considerado, no seu conjunto, como um período de crises econômicas. Assinale a opção que expressa corretamente um problema relacionado às conjunturas desse período:

- a) A rápida recuperação da produção europeia foi impulsionada pelos novos mercados abertos pela expansão colonial.
- b) A crise alemã de 1924 representou um desdobramento da decadência da economia dos EUA, o principal centro econômico do mundo.
- c) A Crise de 1929, iniciada nos EUA, propagou-se rapidamente pelos países capitalistas, cujas economias estavam em interdependência com a norte-americana.
- d) Os desajustes da economia mundial tiveram como principal causa o abalo provocado pela Revolução Russa.
- e) A reconversão foi caracterizada pela expansão da industrialização, em escala mundial, principalmente em economias periféricas.

17. UFMG-MG

“[...] Há neste momento nos Estados Unidos cerca de 14 milhões de desempregados, e, como muitos deles têm família, 20 a 30 milhões de homens e mulheres vivem de esmolas, privadas ou públicas [...]. O espetáculo de uma grande nação de que um quarto se encontra reduzido à impotência produz emoções bem mais fortes do que uma estatística em preto e branco. Desde que pôe pé neste país, o estrangeiro compreende de repente que em nenhum momento a Europa imaginou a dolorosa intensidade da depressão dos Estados Unidos.”

MAUROIS, André. *Estaleiros americanos*, 1933.

A recuperação econômica dos EUA, após a Crise de 1929, ocorreu através do New Deal (1933-1938). Todas as alternativas apresentam instrumentos de ação do New Deal, exceto:

- a) a administração de reassentamento, que transferiu famílias que ocupavam terras de qualidade inferior.
- b) a Lei Antitruste, que proibia o controle de 60% do mercado por uma empresa ou associação de empresas.
- c) a Lei da Cerveja e do Vinho e da Vigésima Primeira Emenda, que pôs fim à Lei Seca.
- d) a Lei de Assistência Civil à Conservação e ao Reflorestamento, que criava frentes de trabalho para os jovens e desempregados.
- e) a Lei do Ajustamento Agrícola, que subsidiava os fazendeiros que reduzissem a sua produção.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C1-H4

Texto I

“A Europa entrou em estado de exceção, personificado por obscuras forças econômicas sem rosto ou localização física conhecida que não prestam contas a ninguém e se espalham pelo globo por meio de milhões de transações diárias no ciberespaço.”

ROSSI, C. Nem fim do mundo nem mundo novo. *Folha de S. Paulo*, 11 dez. 2011. (Adaptado)

Texto II

“Estamos imersos numa crise financeira como nunca tínhamos visto desde a Grande Depressão iniciada em 1929 nos Estados Unidos.”

Entrevista de George Soros. Disponível em: <www.nybooks.com>. Acesso em: 17 ago. 2011. (Adaptado)

A comparação entre os significados da atual crise econômica e do *crash* de 1929 oculta a principal diferença entre essas duas crises, pois:

- a) o *crash* da Bolsa em 1929 adveio do envolvimento dos EUA na I Guerra Mundial e a atual crise é o resultado dos gastos militares desse país nas guerras do Afeganistão e Iraque.
- b) a Crise de 1929 ocorreu devido a um quadro de superprodução industrial nos EUA e a atual crise resultou da especulação financeira e da expansão desmedida do crédito bancário.
- c) a Crise de 1929 foi o resultado da concorrência dos países europeus reconstruídos após a I Guerra e a atual crise se associa à emergência dos BRICS como novos concorrentes econômicos.
- d) o *crash* da Bolsa em 1929 resultou do excesso de proteções ao setor produtivo estadunidense e a atual crise tem origem na internacionalização das empresas e no avanço da política de livre-mercado.
- e) a Crise de 1929 decorreu da política intervencionista norte-americana sobre o sistema de comércio mundial e a atual crise resultou do excesso de regulação do governo desse país sobre o sistema monetário.

19. Mackenzie-SP (adaptado)

C1-H4

A crise imobiliária norte-americana, que despontava desde 2006, deu origem a uma crise de crédito que afeta o mercado em escala global, observada principalmente em 2008, já que as relações econômicas do mundo atual baseiam-se em relações de interdependência. Comparadas, a crise mundial vivida entre 1929-1934 e a atual, assinala a alternativa que não apresenta característica comum a ambos os momentos:

- a) A confiança, depositada por grande parte da população norte-americana, no crescimento econômico do

país, em ambos os momentos, levou a sociedade a consumir cada vez mais.

- b) Tanto a cotação das ações de empresas norte-americanas nas Bolsas de Valores, em 1929, quanto os títulos hipotecários repassados no mercado nos últimos anos não apresentavam o seu valor real de mercado.
- c) Em épocas de recessão aguda, o governo norte-americano perde grande parte de sua capacidade de importar produtos, prejudicando o comércio internacional.
- d) Nos dois momentos, assistimos a uma crise de liquidez do mercado, necessitando, em ambos os casos, da intervenção do governo para reerguer a economia.
- e) Em 1929, os Estados Unidos eram a nação mais próspera do mundo, não existindo nenhum problema social, diferente da atualidade, em que a crise vai atingir exclusivamente os imigrantes ilegais que trabalham e vivem no país.

20. Ufscar-SP

C1-H1

“Alguns indivíduos acreditam que os preços baixos devem ser uma vantagem, pois o que o produtor perde o consumidor ganha. Mas não é assim. Por exemplo: os custos salariais da maioria dos industriais são praticamente os mesmos que eram. Vejam como funciona o processo vicioso. Caem os preços da lã e do trigo. Bom para o consumidor britânico de trigo e de roupas de lã – poder-se-ia supor. Mas os produtores de lã e de trigo, já que recebem muito pouco por sua mercadoria, não podem realizar suas compras habituais de produtos britânicos. Consequentemente, aqueles consumidores britânicos que são, ao mesmo tempo, trabalhadores que produzem esses bens, se encontram sem trabalho.”

John Maynard Keynes. Inflação e deflação (Palestra radiofônica, janeiro de 1931). In: M. Kalecki et al. *Ensaios econômicos*, 1976. (Adaptado)

Keynes é um dos mais importantes economistas da História. Suas análises e propostas foram essenciais para a solução da crise que teve início em 1929. No excerto, ele alude a uma das características da crise econômica, a saber:

- a) o aumento dos salários urbanos em prejuízo dos rendimentos da imensa massa de camponeses.
- b) a queda acentuada na produção industrial acompanhada do aumento dos preços de tecidos de lã.
- c) a sua propagação de um setor ou de uma atividade produtiva para outra, e assim consecutivamente.
- d) a sua nítida natureza financeira com o endividamento crescente de operários e proprietários rurais.
- e) a regulação da economia britânica pelo Estado, o que possibilitou a adequação da produção de mercadorias ao consumo.



HISTÓRIA 2

CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS



ÁFRICA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA

- As várias Áfricas
- África: berço da civilização
- Cultura africana da Antiguidade
- Reino de Axum
- Reino de Gana
- Império Mali
- Diáspora africana
- Cultura afro-brasileira

HABILIDADES

- Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.
- Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.
- Utilizar conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.
- Identificar estratégias que promovam formas de inclusão social.

AS VÁRIAS ÁFRICAS

A África é o continente no qual nossa espécie surgiu e de onde saiu para se espalhar por todo o mundo. Antes disso e também enquanto essas migrações aconteciam, as espécies humanas tomaram todo o continente, elaborando formas de viver específicas e culturas diversas. Houve ainda ondas de migrações e invasões, entre elas a chamada expansão islâmica. Assim, ao longo de milhares de anos, formou-se um dos continentes mais importantes para a história da humanidade e um dos mais ricos culturalmente.

Durante o período do tráfico de escravizados, como será visto mais a fundo no módulo seguinte, sudaneses, guineanos e bantos – vindos de Angola, Congo, Cabinda, Mina Quiloa, entre outros lugares – eram chamados pelos nomes dos portos de onde saíam. Uma vez no local de destino, como Brasil, Estados Unidos ou Caribe, eram tratados todos como um mesmo grupo, o grupo dos negros escravos, apesar de serem muito diferentes e particulares.

Há várias Áfricas dentro da África, e há várias Áfricas fora dela. Há Áfricas em todas as três Américas, onde descendentes de escravizados enriqueceram a cultura local enquanto lutaram para fazer parte dela.



JULIUS FEKETE / ALAMY STOCK PHOTO

Templo de Ísis na ilha de Filas, no Egito. O sítio arqueológico de Filas é considerado Patrimônio Mundial pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).

ÁFRICA: BERÇO DA CIVILIZAÇÃO

O continente africano, terceiro mais extenso, com cerca de 30 milhões de quilômetros quadrados, cobre 20,3% da área total de terra firme do planeta. É o segundo mais populoso da Terra, com cerca de 900 milhões de pessoas, representando um sétimo da população do mundo, com 54 países independentes. É amplamente

conhecido por suas belezas naturais, principalmente no que se refere à grandiosa vida selvagem. Nesse espaço também há uma enorme diversidade física e socioeconômica, extensos vales férteis e desertos gigantes, como o Saara, o maior do mundo.

A história africana é conhecida no Ocidente por escritos que datam da Antiguidade clássica. Além disso, os mais antigos fósseis de homínídeos, com cerca de 5 milhões de anos, foram encontrados na África, o que permite considerá-la o berço da humanidade.

A expressão “berço da humanidade” é utilizada para designar a África pelo fato de ela abrigar uma das culturas mais antigas e intrigantes do globo – os egípcios –, que formaram um poderoso império há 4 mil anos. Toda essa riqueza cultural e natural existente faz dela um espaço muito particular.

Segundo teorias sobre a origem dos seres humanos, a espécie teria surgido no continente africano e, dali, migrado para outras áreas do planeta. Em função de mudanças climáticas, muitos dos agrupamentos humanos saíram em busca de melhores condições. Os que lá permaneceram foram dominados por tribos rivais, as quais viviam em torno do Deserto do Saara, como os egípcios. Vários povos e reinos passaram a viver sob forte influência econômica, política, cultural e religiosa do Egito, que, por sua vez, também era influenciado por essas populações.

Na Antiguidade, a maioria dos povos africanos desenvolveu diferentes modos de viver, com o cultivo de plantas e o cuidado com rebanhos ao longo dos vales de rios, principalmente do Nilo, Níger e Congo. Além desses vales, muitos também ocuparam paisagens de florestas, savanas e cerrado. Entre esses povos, destacaram-se os iorubá e os banto.

Essas nações mantinham algumas semelhanças culturais, sobretudo quanto à língua e aos costumes. As populações africanas que vieram para o Brasil são principalmente de descendência banto e iorubá (nagôs, jejes, daomeanos e sudaneses), procedentes, na Antiguidade africana, de regiões próximas a esses grandes rios. Assim, boa parte dos brasileiros tem sua origem nesses povos. Os povos bantos chegaram à costa da África banhada pelo Oceano Índico. Dali, seguiram para Moçambique e Madagascar, onde entraram em contato com populações indonésias que empreendiam viagens pelo oceano. Com elas, aprenderam a cultivar coqueiro e bananeira, os quais se incorporaram à paisagem africana e, centenas de anos depois, também à paisagem brasileira. Os bantos, inicialmente, viviam em uma região de transição entre a savana, o cerrado e a floresta. Com a expansão populacional para as áreas de florestas (que correspondem ao atual sul de Camarões, Gabão e Congo), durante milhares de anos puderam viver de pesca, coleta de frutas e raízes e da caça. Também construíam cabanas e barcos sólidos, praticavam a agricultura e plantavam vagens, dendezeiro e algumas espécies nativas de inhamé.

CULTURA AFRICANA DA ANTIGUIDADE

Os antigos africanos do atual território de Benin destacaram-se por sua tradição de fundir metais. O emprego dessa matéria-prima possibilitou a produção de algumas ferramentas e utensílios elaborados por artesãos especializados nesse tipo de trabalho. Ao mesmo tempo, grupos familiares agrícolas necessitavam desses apetrechos sem, contudo, dominar a técnica de fabricá-los. Por isso, tinham de adquiri-los de ferreiros. Desse modo, passaram a produzir mais alimentos do que consumiam, a fim de trocar o excedente com os artífices. Na África, como em outros locais do mundo, o trabalho do ferreiro tornou-se especializado.



Esqueleto de Lucy, o vestígio de homínídeo mais antigo conhecido. Museu de História Natural, Londres, Inglaterra.

RICK STRANGE / ALAMY STOCK PHOTO

Outra tradição dos antigos africanos era o trabalho em cerâmica, arte produzida por povos que viveram entre 2 500 e 1 800 anos na região de Nok, em um território hoje pertencente à Nigéria.



PETER HORREE / ALAMY STOCK PHOTO

Máscara pingente de Benin, Nigéria, século XVI. Marfim, 19 cm. Metropolitan Museum of Art.

A religião dos antigos africanos estava intensamente relacionada com as forças da natureza. Envolveria ritos agrários e o culto a ancestrais ligados às ideias de fecundidade, vida e reprodução. Para conseguir chuvas, afastar pragas e, no final, obter boas colheitas, era costume tornar sagrados sementes e campos com fórmulas mágicas, ensinadas por antepassados, e presentear os deuses com oferendas.

Pequenas bonecas eram geralmente símbolos de fertilidade dos campos e das mulheres. Muitos desses artefatos eram oferecidos em cerimônias religiosas e outros serviam como brinquedos e amuletos. Desde pequenas, as meninas carregavam bonecas de madeira consigo e cuidavam delas, acreditando que as protegiam e aumentavam sua fertilidade após o casamento.

REINO DE AXUM

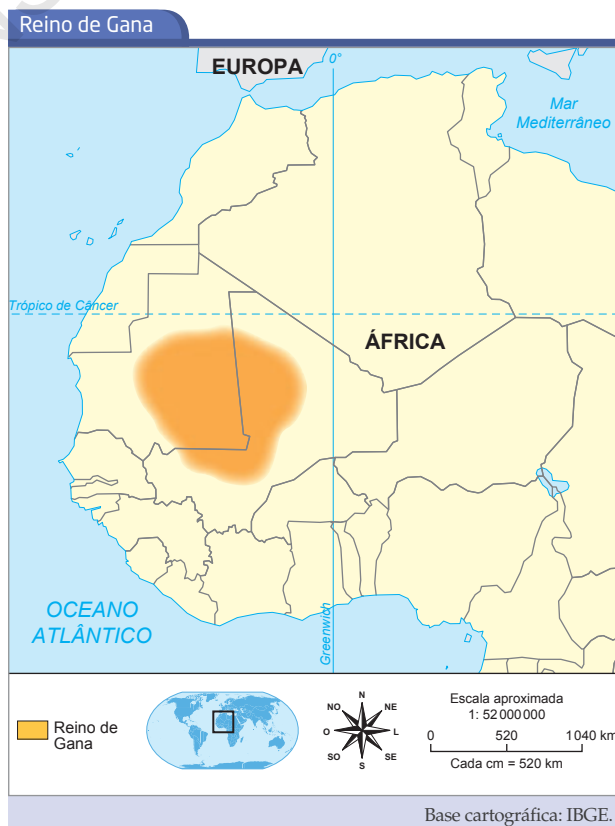
A Etiópia, localizada na costa oriental do continente, na região conhecida como Chifre da África, é hoje uma das nações mais pobres do planeta. No passado, abrigou uma das primeiras sociedades a se converter ao cristianismo, o Reino de Axum, cujos primeiros habitantes, originários do sul da Península Arábica, chegaram ao século VII a.C. dominando a agricultura e a criação de bois, ovelhas, cabras e cavalos. É provável que tenham conhecido o arado e uma escrita composta de caracteres semíticos. Seus acampamentos e aldeias cresceram e se transformaram em centros comerciais.

A cidade que mais se desenvolveu foi Axum, no Planalto Etíope. O enriquecimento propiciado pelo desenvolvimento do comércio levou-a à expansão, à conquista de territórios vizinhos e à constituição de um reino. Até a primeira metade do século IV, a característica religiosa dominante no próspero Reino do Chifre da África era o politeísmo. Por essa época, Ezana, um de seus reis, converteu-se ao cristianismo e, então, setores amplos da população de Axum juntaram-se a ele.

Alguns séculos depois, os muçulmanos, que já haviam conquistado a Pérsia no século VII, a pretexto de combater a pirataria no Mar Vermelho, dominaram e destruíram o Porto de Adúlis. O Reino de Axum enfraqueceu-se gradativamente até desaparecer, vítima de novas invasões muçulmanas.

REINO DE GANA

Localizado no extremo sul de uma importante rota de comércio transaariano, onde se situa a Mauritânia, o Reino de Gana surgiu por volta do século IV e ficou conhecido pela intensa produção de ouro, tornando-se por isso o principal fornecedor do metal ao mundo mediterrâneo na Idade Média, só perdendo esse posto no século XVIII, quando o ouro do Brasil começou a chegar à Europa. Ao contrário de outros impérios, o Reino de Gana não tinha fronteiras delimitadas. Para o gana (soberano), título que deu nome ao reino, o importante não era a extensão do território, mas a quantidade de pessoas, aldeias e cidades sob seu controle que pagassem tributos e fornecessem soldados e funcionários à Corte.

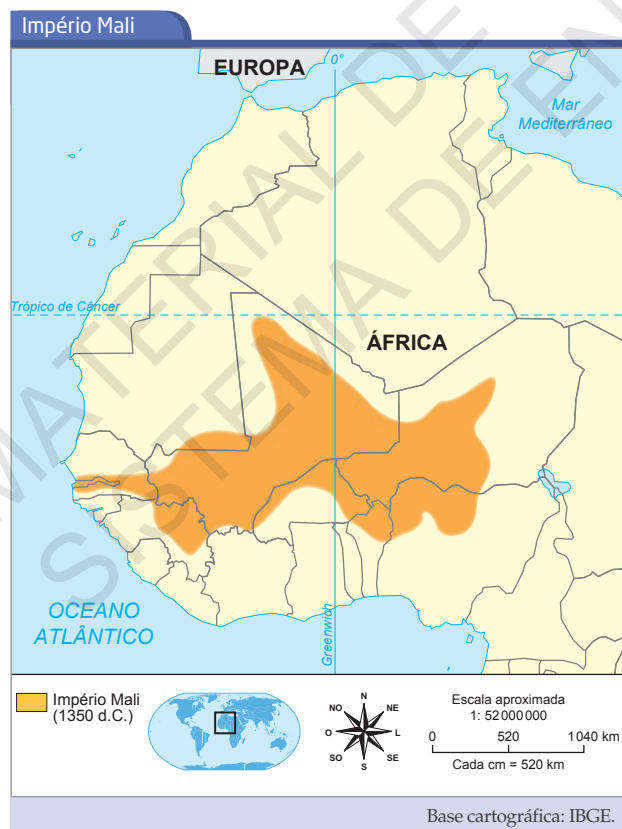


No início do século XII, fatores como a desertificação do Sahel, consequência da prática intensiva do pastoreio, e o surgimento de novas zonas auríferas fora de seu domínio contribuíram para o enfraquecimento de Gana, então conquistada por outros povos africanos.

IMPÉRIO MALI

Na época em que Gana perdia influência na África Ocidental, o Império Mali começava a ganhar importância. Até o século XII, a região habitada pelo povo mandinga estava submetida ao rei ganês. Por volta de 1230, o guerreiro Sundiata Keita aglutinou diversos clãs vizinhos e se estabeleceu como soberano de Mali, adotando o título de mansa (rei).

Os malineses expandiram seus domínios desde o Atlântico, atuais Senegal e Gâmbia, até o Rio Níger. Controlavam, assim, importantes jazidas de ouro e rotas transaarianas de comércio. Seguidores do islamismo, os soberanos malineses costumavam fazer peregrinações a Meca. Em uma dessas ocasiões, o mansa Kankan Musa levou milhares de pessoas, entre cortesãos, soldados e escravos e cem camelos carregados de ouro. Visando difundir ainda mais o islamismo, o rei trouxe sábios e arquitetos do Oriente Próximo, encarregados de construir mesquitas em Mali. Após a morte de Musa, em 1337, a nação sofreu invasões e entrou em declínio. Quando os portugueses lá chegaram, no fim do século XV, Mali em nada lembrava a importância do passado.



DIÁSPORA AFRICANA

Durante muito tempo, o termo “diáspora” (do grego *sporo* = semente; *speira* = semear) referia-se à dispersão dos judeus na Antiguidade. Atualmente, designa membros de uma comunidade dispersos por vários países.

Religiosos e intelectuais ligados às tradições africanas passaram a usar o conceito de diáspora em referência aos descendentes de africanos que se espalharam pelo mundo. A diferença é que o fizeram como resultado da escravidão a que foram submetidos. Nesse processo, foram vendidos e transportados à força para outros espaços, principalmente para a América, de forma que se dispersaram.

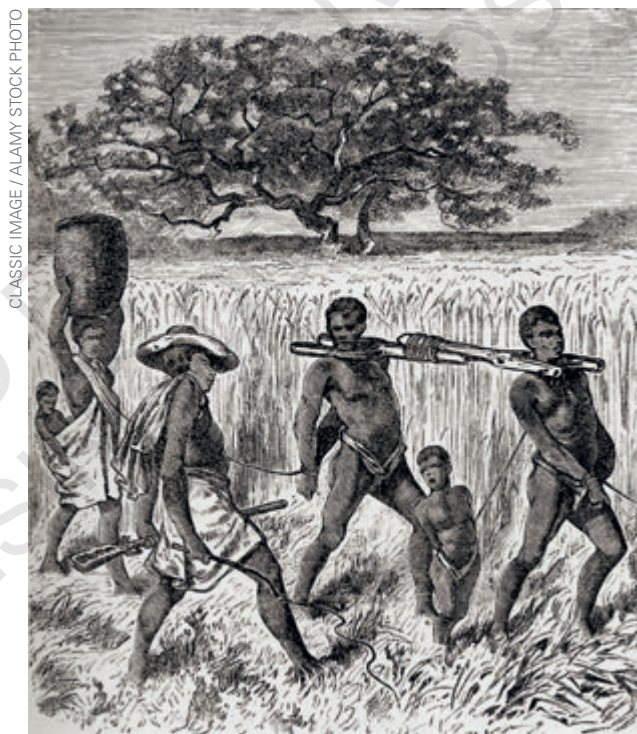
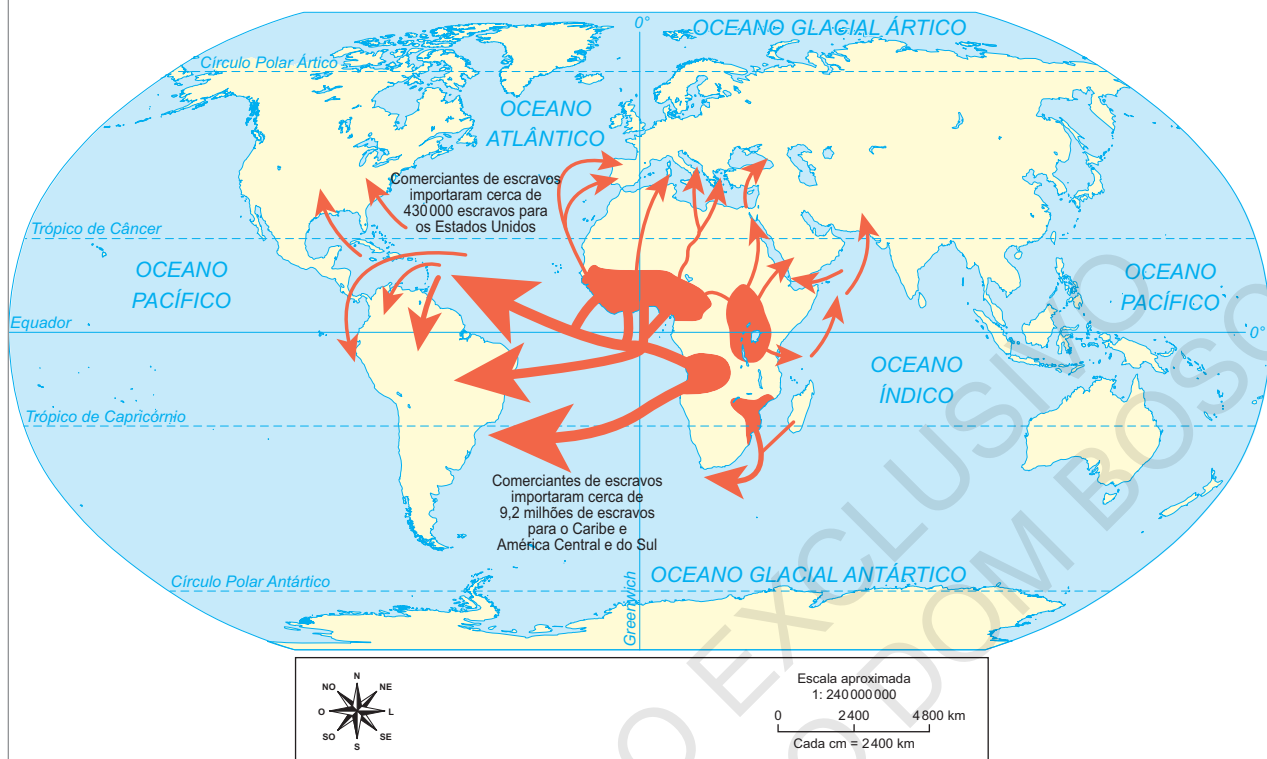


Ilustração que representa africanos sendo aprisionados para a escravidão.

Uma vez instalados em quaisquer dos continentes, por mais que as tradições fossem represadas ou aniquiladas, os descendentes de africanos davam início a um processo de criação, invenção e recriação da memória cultural para a preservação dos laços mínimos de identidade, cooperação e solidariedade. Nessa rede de interações, múltiplas culturas africanas, que se espalharam pelo mundo, preservaram marcas visíveis dos traços áfricos, sobretudo na música (força do ritmo), na dança (movimentos assimétricos), na culinária e nas curas (sabedoria da fauna e da flora tropicais).

O fenômeno da diáspora africana, forma atualizada de traduzir a reflexão do pan-africanismo, deve ser analisado sob os aspectos político, ideológico e econômico. Um dos maiores dos tempos modernos, remonta à deportação de africanos para várias partes do mundo na época do tráfico escravagista (do século XVI ao XIX).

Diáspora africana



Base cartográfica: IBGE.

CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Língua

A língua portuguesa falada no Brasil descende de três famílias linguísticas: indo-europeia, com origem na Europa e na Ásia, da qual faz parte a língua portuguesa; tupi e outras línguas faladas pelos indígenas brasileiros e espalhadas pela América do Sul; e níger-congo, procedente da África Subsaariana e que se expandiu por grande parte do continente.

Os povos indígenas e negros marcaram profundamente a cultura do colonizador português estabelecido no Brasil, resultando em uma nova variante da língua portuguesa, a mestiça-brasileira. Em lugares onde houve concentração de africanos, criaram-se línguas próprias, que combinaram vocabulário e regras gramaticais africanas e portuguesas. Elas sobreviveram por tempo determinado em virtude do maior ou menor isolamento.

A língua era apenas um dos elementos culturais de ligação com a África. Entre outros aspectos, destacam-se as técnicas de plantio e criação de animais, a tecelagem de cestas com fibras vegetais, a construção de casas de barro cobertas de palha e, também, as formas de organização da família, a reverência aos mortos e ancestrais e o pedido de intercessão dos espíritos da natureza nos assuntos diários.

Os grupos que mantiveram vivas as línguas dos ancestrais africanos, quando reconstruíram suas vidas e comunidades no Brasil, também permaneceram fiéis aos modos de vida ensinados pelos mais velhos. A tradição oral também é uma característica marcante da cultura africana e a principal fonte de preservação de lembranças, conhecimentos e/ou informações sobre seu passado. Histórias de ancestrais, genealogias de famílias, mitos, lendas e o saber técnico, artístico e intelectual de produção (objetos, fórmulas mágicas, danças e comidas, por exemplo) foram transmitidos de geração em geração, de pai para filho, de mestre para aprendiz e, ao longo do tempo, tornam-se tradições.

Religião

As práticas mágico-religiosas, por meio das quais os homens entram em contato com entidades sobrenaturais, espíritos e ancestrais, eram aspectos centrais na vida dos africanos, herança que deixaram para seus descendentes brasileiros.

Dessa forma, eles construíram, em torno da religião, novos laços de solidariedade, identidade e comunidade. Do passado mais distante (séculos XVII e XVIII), existem mais informações sobre religiosidade do que sobre organização familiar e associações de trabalho.

As práticas rituais africanas foram duramente reprimidas porque eram associadas a ritos demoníacos.

As constantes denúncias ao Tribunal da Inquisição geravam processos que deixaram registros da fala de testemunhas e da descrição de ritos, crenças e hábitos de adivinhação, proteção e cura.

Entre os africanos, especialistas que dominavam conhecimentos das entidades do além acionavam o sobrenatural para ajudar na solução de questões da vida cotidiana. Os problemas dos escravos e libertos na sociedade escravista eram bem diferentes dos que afligiam agricultores e pastores das aldeias que viviam na África, mas a forma como uns e outros lidavam com eles era parecida, uma vez que os afrodescendentes se mantinham próximos da maneira de pensar de seus antepassados.

SERGIO PEDREIRA/PULSAR IMAGENS



Baiana vestindo colares e amuletos de proteção.

Festas

A cultura afro-brasileira resulta do desenvolvimento da cultura africana no Brasil, incluindo influências recebidas de portugueses e indígenas e manifestadas de diversas formas na música, na religião, na culinária e nas festas. Maranhão, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo tiveram maior influência em virtude da quantidade de escravos recebidos diretamente e da migração interna deles, em função do fim do ciclo da cana-de-açúcar na Região Nordeste.

Inicialmente, as manifestações culturais afro-brasileiras eram desprezadas, desestimuladas e perseguidas porque não faziam parte do universo cultural europeu e considerava-se que elas não representavam a civilidade, e sim uma cultura selvagem e atrasada em contraposição à Europa em desenvolvimento. A partir de meados do século XX, as expressões culturais afro-brasileiras começaram a ser aceitas, admiradas e celebradas pelas elites como genuinamente nacionais. Na década de 1950, a perseguição às religiões afro-brasileiras diminuiu, registrando-se adesão da classe média carioca à umbanda. Na década seguinte, a elite intelectual branca celebrou as religiões afro-brasileiras.

O calendário brasileiro é bem marcado por festas de origem ou raiz africana, caracterizadas por muita música, cor, alegria e devoção por todos os cantos do país.

Entre os eventos populares brasileiros de forte influência africana, destacam-se o maracatu, o carnaval, o bumba meu boi e as cavalhadas.

Literatura

A contribuição dos afrodescendentes para a cultura brasileira vai além da povoação e da prosperidade econômica por meio de seu trabalho. Vindos de diversas partes da África, os escravos trouxeram suas matrizes culturais e transformaram não apenas sua religião, mas todas as suas raízes em uma cultura de resistência social. Escritores, jornalistas, advogados, comerciantes e diplomatas elevaram a voz para defender sua cultura e seus valores. Entre eles, destacam-se Machado de Assis, Lima Barreto e Cruz e Sousa.

ARQUIVO NACIONAL, RIO DE JANEIRO



Machado de Assis (à esquerda) e Lima Barreto (à direita) são exemplos de grandes escritores brasileiros afrodescendentes.



FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Artes plásticas

A arte africana envolve um espectro diferenciado, desde representações em pinturas, esculturas e objetos ornamentais de uso permanente e cotidiano para comemorar ancestrais, cultuar forças naturais, invocar forças vitais e propiciar boas colheitas até objetos em geral que acompanham ritos, danças e cerimônias religiosas em sua ampla gama de singularidades.

No Brasil, os afrodescendentes deixaram sua marca no mundo das artes, especialmente após 1700. Um dos mais conhecidos artistas do barroco brasileiro, Antônio Francisco Lisboa (o Aleijadinho, apelido pelo qual ficou conhecido) e outro expoente desse período, Manuel da Cunha, esculpam e pintavam a religiosidade católica.

Uma das imagens marcantes dessa época é de autoria do padre Jesuíno do Monte Carmelo (1764-1819), que desenhou Cristo atado a uma coluna, lembrando um escravo sendo castigado. Mestre Valentim, escultor, entalhador e urbanista carioca, foi responsável por diversas obras públicas no Rio de Janeiro e Estevão Silva ficou conhecido por suas prodigiosas pinturas de natureza-morta e pela representação de temas históricos.

Música

A música criada pelos afro-brasileiros é uma mistura de influências de toda a África Subsaariana com elementos da música portuguesa e, em menor grau, da ameríndia, resultando em grande variedade de estilos. Séculos de batuque no coração da África se condensaram nos porões dos navios negreiros. Assim que os sobreviventes desembarcaram no Novo Mundo, começou o romance entre seus ritmos mágicos e a tradição musical europeia instalada nas colônias. Romance envergonhado, reprimido e, por mais de duzentos anos, quase secreto, mas que no fim da Primeira Guerra Mundial resultou nas formas mestiças conhecidas como *jazz*, *samba*, *bolero* e *rumba*.

A música popular brasileira (MPB) sofreu forte influência de ritmos africanos. Como aconteceu em todo o continente americano, que recebeu escravos da África, a música afrodescendente foi desprezada e marginalizada até o início do século XX, quando passou a ganhar notoriedade.

O negro imprimiu seu ritmo à música brasileira e também lhe deu nomes. Por isso se diz que a MPB nasceu na África. A raiz negra está em tudo: em ritmos musicais, como *samba*, *chorinho*, *pagode* e *afoxé*; nas festas folclóricas, como *maracatu*; e em instrumentos musicais, como *berimbau*, *cuica* e *atabaque*.

Os angolanos chamavam o samba de “*semba*”, gênero musical que se transformou, ganhando novos instrumentos. Ele chegou ao Rio de Janeiro e espalhou-se por todas as regiões brasileiras. Mistura de dança, luta e música, a *capoeira* também surgiu com os afrodescendentes, que a usavam como defesa. Durante a escravidão, reuniam-se em roda depois do trabalho para cantar, dançar, jogar *capoeira* ou reverenciar seus *orixás* com música. *Batiam palmas*, *batucavam* e *reviviam* suas tradições.

Os escravos misturavam instrumentos musicais, dança e luta, enganando os senhores de engenho, que acreditavam que eles estavam apenas “*dançando*”. Um pouco depois do período escravista, alguns músicos afrodescendentes despontaram como pioneiros da MPB, como José Antônio da Silva Callado e *Pixinguinha*. Na década de 1930, artistas afro-brasileiros ganharam espaço, sobretudo com o *boom* do rádio. Intelectuais e artistas reivindicavam uma nova concepção de Brasil, como país da *miscigenação* e da *democracia racial*.

Carmem Miranda divulgava a música de artistas negros. Sua insistência e influência fizeram muitos cantores e compositores saírem do anonimato para os palcos, incluindo nomes como *Dorival Caymmi* e *Sinval Silva*, motorista da cantora e autor do clássico “*Adeus, batucada*”. Mesmo assim, até o fim da década de 1950, poucos conseguiram ter contratos assinados com gravadoras. *Tom Jobim* afirmava que só havia três músicas populares dignas do nome no século XX: a americana, a brasileira e caribenha. E o que elas tiveram em comum? A presença rítmica do negro.



Os quintais das casas de Tia Ciata e Tia Josefa, matriarcas do samba carioca, foram o lugar das batucadas que deram origem às primeiras versões do samba brasileiro.

Valorização e inclusão dos afro-brasileiros

A plena igualdade entre os indivíduos na sociedade é uma utopia, mas não se deve deixar de perseguir meios para todos desenvolverem suas potencialidades. Mesmo com a determinação de igualdade jurídica, mantiveram-se as desigualdades econômicas e sociais entre brancos e negros e, ainda, a antiga ideologia que marcava bem a diferença entre eles, reservando a posição submissa aos afrodescendentes. O preconceito racial continua a exteriorizar-se em diversos níveis, em todas as classes sociais de várias regiões do Brasil.

No Brasil, a abolição da escravidão é relativamente recente e o processo de passagem da condição de escravo para a de cidadão se fez de maneira equívoca, sem preocupação com o contingente de trabalhadores livres. Após a “comemoração”, da noite para o dia, afrodescendentes declarados livres encontravam-se sem abrigo, trabalho e meios de subsistência.

A libertação não considerou a necessidade de propiciar aos ex-escravos condições para sua sobrevivência, supondo-os sem direito à terra para sua fixação, por exemplo. Esse foi o primeiro passo para sua marginalização e seu desfavorecimento.

Durante muito tempo, ex-escravos não tiveram acesso a profissões ou ocupações, mesmo àquelas das quais foram desalojados, principalmente com a chegada de imigrantes europeus, que os substituíram nas lavouras de café. Os serviços mais modestos, mal-remunerados e que exigiam uma especialização mínima representavam normalmente suas oportunidades mais amplas no mercado de trabalho. Com o capitalismo, por não possuir qualificação, os afrodescendentes ficaram à margem do processo ou limitados a serviços pesados nas indústrias. A necessidade de colocação do trabalhador livre no mercado iniciou-se com o novo modo de produção, que não condizia com o trabalho escravo e não especializado.

Essa situação refletiu-se no nível econômico dos afrodescendentes e no início de um processo de marginalização social. Eles passaram de meio de produção escravo para assalariado, embora sem elevação social no mesmo nível dos senhores brancos. Novamente, os fatos favoreceram a deterioração do nível de vida dos afrodescendentes, impedidos de exercer plenamente as atividades de trabalhador livre, considerando a dificuldade de acesso ao mercado de trabalho e à participação política.

Mudanças de pensamento, sensibilidade e comportamento surgiram a partir da metade do século XX. No que diz respeito às formas como os homens entendem o mundo, a noção de raça cedeu lugar à de cultura. A ideia de que a humanidade percorreria um caminho único de um estágio menos desenvolvido para outro mais desenvolvido foi substituída pela ideia de que os povos devem ser entendidos em suas especificidades, com base na cultura, e não como elos da mesma cadeia de desenvolvimento. Isso possibilitou questionar se o padrão da civilização ocidental, definido pelo mundo europeu, era o melhor e se deveria de fato ser seguido por todos.

Todas essas mudanças na forma de ver o mundo, as sociedades e as pessoas, não mais hierarquizadas com base nas características biológicas, fortaleceram o movimento de afirmação da negritude e de valorização da cultura africana, do qual participaram países que estiveram envolvidos com a escravidão e o tráfico de escravos, responsáveis pelo transporte de mais de 10 milhões de pessoas da África para as Américas. Relações sociais de mais de trezentos anos não se alteram de uma hora para a outra e preconceitos profundamente arraigados não se derrubam apenas com boas intenções.

Para ajudar as transformações, inclusive de comportamento e sensibilidade, são fundamentais alterações na legislação que regula a sociedade e as relações entre os homens. Isso vem acontecendo, principalmente, a partir dos anos 1990, quando discussões relativas à reserva de vagas para afrodescendentes nas empresas e nas universidades começaram a virar leis.

Mesmo com a implantação dificultada por variáveis e incertezas acerca da pertinência ou não dessas medidas legais, aos poucos vêm ocorrendo mudanças, inclusive no plano das sensibilidades.

ROTEIRO DE AULA

ÁFRICA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Berço da humanidade

- Diversidade física e socioeconômica.
- A história africana é conhecida pelo Ocidente por meio de escritos que datam da Antiguidade clássica.
- Os antigos fósseis de homínidos permitem considerar a África o berço da humanidade.
- Abrigo da cultura egípcia, considerada uma das mais antigas da humanidade.

Cultura africana da Antiguidade

Produção:

- Especializada na tradição de fundir ferro, no atual território de Benin.
- Trabalho em cerâmica entre povos que viviam na região de Nok, na atual Nigéria.

Religião:

Religião vinculada à natureza (ritos, cultos e magia).

Reinos africanos

Axum:

Localizado na Etiópia no século VII a.C., onde desenvolveram-se centros comerciais e expansão territorial.

Gana:

Surgiu por volta do século IV na Mauritânia, com extração de ouro e com grande quantidade de aldeias e cidades.

Mali:

Localizado no Senegal e na Gâmbia no século XII, com controle de grandes jazidas de ouro e rotas transaarianas de comércio.

Cultura afro-brasileira

Língua:

Indo-europeia, tupi e níger-congo.

Religião:

Rituais, magias e ritos.

Festas:

Influência do ciclo da cana na Região Nordeste (festas locais, folclore e cultura popular).

Literatura:

- Cruz e Sousa, Lima Barreto e Machado de Assis.
- Defesa da cultura africana por meio de escritores populares e intelectuais, como Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior.

Artes plásticas:

Pinturas, esculturas e arte barroca.

Música:

Samba, MPB, axé, pagode e maracatu.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. UnB-DF (adaptado)

“Um exemplo de embaixada alegórica é apresentado no vídeo *Festa do Rosário dos Homens Pretos do Serro*, que começa com a narração da seguinte história:

‘Dizem que Nossa Senhora tava no meio do mar. Aí vieram os caboclos e lhe chamaram, mas ela não veio não. Depois vieram os marujos brancos, mas ela só balanceou. Aí chegaram os catopês. Eles cantaram, tocaram só com caco de cuia e lata veia. Ela gostou deles, teve pena deles e saiu do mar.’

Trata-se de um mito de reconciliação e integração, bem como de uma compensação simbólica para a experiência histórica de escravidão negra em Minas Gerais. Essa experiência é abertamente expressa em muitos textos musicais das congadas.”

CARVALHO, José Jorge de. Um panorama da música afro-brasileira. In: *Série antropológica*. Brasília: Ed. da UnB, 2000.

Do ponto de vista histórico, o texto revela que os escravos africanos e seus descendentes no Brasil preservaram:

- a) sua cultura religiosa ancestral, mas, em um processo sincrético, mostraram-se receptivos ao cristianismo do dominador.
- b) sua identidade cultural ou étnica, embora tivessem de recorrer a disfarces, como o das confrarias religiosas cristãs, das quais é exemplo a de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.
- c) rituais ancestrais de forma pura, mas pagaram alto preço por isso, como demonstram as perseguições que sofreram.
- d) seu panteão religioso e seu sistema eclesástico, embora os tenham adaptado à lógica cristã, como evidenciado na associação entre Virgem Maria e Iemanjá.

A cultura afro-brasileira é tão rica quanto pouco conhecida. Para citar um exemplo do que a alternativa correta fala, o candomblé, religião de matriz africana que existe há milhares de anos, está presente no Brasil desde o período colonial, mas também passou a existir aqui a umbanda, que reúne elementos de matriz africana e cristã.

2. UnB-DF (adaptado) – Leia a afirmativa a seguir e julgue se está certa ou errada:

O texto de José Jorge de Carvalho postula a herança africana da congada mineira e aponta o uso de instrumentos de percussão para o acompanhamento do canto da congada, aspecto condizente com a música africana, geralmente acompanhada por tambores.

A afirmativa está correta, pois os batuques e as danças foram elementos da cultura de diferentes povos africanos que resistiram à opressão da escravidão.

3. UnB-DF (adaptado) – Leia a afirmativa a seguir e julgue se está certa ou errada:

Antes do estabelecimento do tráfico transatlântico de escravos, no século XVI, havia, no continente africano, homogeneidade cultural, como se pode depreender da predominância da família linguística banto nas sociedades norte e centro-africanas.

A afirmativa está errada, pois tudo o que não havia e nem há atualmente na África é uma homogeneidade cultural. Nesse continente, que é o berço da humanidade, há diversos povos com tradições, histórias e culturas distintas.

4. UnB-DF (adaptado) – Leia a afirmativa a seguir e julgue se está certa ou errada:

A capoeira é um tipo de luta introduzida no Brasil por escravos africanos, tendo sido sua prática incentivada pelos governos da Primeira República, que a consideravam instrumento de afirmação de identidade nacional calcada na tolerância e no pluralismo cultural.

A afirmativa está errada, pois a capoeira, assim como outras práticas típicas de povos afro-brasileiros, foi e ainda é alvo de muito preconceito e perseguição. Ao contrário do que sugere a afirmativa, a luta chegou a ser proibida na Primeira República.

5. Cederj-RJ – Assinale a alternativa que melhor identifica a capoeira no Rio de Janeiro do século XIX:

- a) Os capoeiristas eram muitas vezes identificados como marginais e criminosos pelos agentes da repressão.
- b) Era uma luta exercida apenas pelos escravos e tinha apenas um caráter festivo, expressando a identidade e a riqueza da cultura negra.
- c) Era uma dança de origem africana e apoiada pelas autoridades policiais, já que distraía os cativos das árduas tarefas diárias.
- d) A capoeira era um ofício, exercido por homens livres e negros, sem qualquer vinculação com a sociedade escravocrata do Rio de Janeiro.

A capoeira chegou a ser proibida e seus praticantes eram vistos como marginais, motivo pelo qual eram combatidos como se estivessem cometendo um crime grave.

6. Enem

C1-H3

“A recuperação da herança cultural africana deve levar em conta o que é próprio do processo cultural: seu movimento, pluralidade e complexidade. Não se trata, portanto, do resgate ingênuo do passado nem do seu cultivo nostálgico, mas de procurar perceber o próprio rosto cultural brasileiro. O que se quer é captar seu movimento para melhor compreendê-lo historicamente.”

MINAS GERAIS. *Cadernos do Arquivo 1: escravidão em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 1988.

Com base no texto, a análise de manifestações culturais de origem africana, como a capoeira ou o candomblé, deve considerar que elas:

- a) permanecem como reprodução dos valores e costumes africanos.
- b) perderam a relação com o seu passado histórico.
- c) derivam da interação entre valores africanos e a experiência histórica brasileira.
- d) contribuem para o distanciamento cultural entre negros e brancos no Brasil atual.
- e) demonstram a maior complexidade cultural dos africanos em relação aos europeus.

O sincretismo religioso e a mistura cultural são marcas da história brasileira, muito por conta da própria população negra, uma vez que os brancos se fecharam à cultura afro e perseguiram práticas como o candomblé e a capoeira.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Associar as manifestações culturais do presente aos seus processos históricos.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. UFRN-RN – A década de 1930 foi um momento marcante na discussão sobre a identidade nacional brasileira. Entre os intelectuais que, na época, debateram essa questão, destacou-se Gilberto Freyre, autor de *Casa-grande e senzala*, considerada hoje um marco em relação a tal discussão. Dialogando com as ideias dos intelectuais brasileiros das gerações anteriores, Gilberto Freyre:

- a) destacava a predominância dos fatores biológicos sobre as características culturais, o que fundamentava uma hierarquização entre as “raças” humanas.
- b) defendia que a miscigenação entre europeus, indígenas e africanos tinha formado, no Brasil, uma sociedade na qual as distintas matizes raciais e culturais haviam sido recombinadas de forma harmoniosa.
- c) argumentava que a mistura entre as raças consideradas primitivas (indígenas e africanos) e as raças consideradas superiores (europeus) resultara na degeneração dos brasileiros.
- d) propunha que se evitasse a degeneração do povo brasileiro, promovendo-se o “branqueamento” por um processo de miscigenação que gradualmente incorporasse as características das “raças superiores”.

8. UFRGS-RS – Assinale a alternativa correta sobre a história das diferentes sociedades africanas até o século XVI:

- a) O Império Songhai, situado às margens do Rio Níger, teve em sua capital Gao um importante polo mercantil que reunia mercadores oriundos da Líbia, do Egito e do Magreb.
- b) As sociedades da África equatorial, em função das condições geográficas e climáticas pouco propícias, eram formadas predominantemente por pastores de animais de pequeno porte, sendo praticamente inexistente na região o cultivo de produtos agrícolas.
- c) As sociedades de origem banto, localizadas na região da África meridional entre os séculos XII e XV, eram predominantemente nômades e coletoras, não organizadas em aldeias e com escasso desenvolvimento tecnológico.
- d) A África, marcada pela intensa difusão do cristianismo durante as Cruzadas, contou, entre os séculos XI e XV, com reduzida presença de elementos islâmicos na definição das variadas culturas existentes no continente.
- e) O estabelecimento da colônia portuguesa em Moçambique, no século XVI, definiu o início das rotas comerciais ligando a região oriental do continente africano, entre Madagascar e o Chifre da África, com a Europa e a Ásia.

9. FGV-SP

“Quando Diogo Cão chegou em 1483, era um reino relativamente forte e estruturado, cuja formação data possivelmente do final do século XIV. Povoado por grupos bantos, abrangia grande extensão da África Centro-Ocidental e compunha-se de diversas províncias. Algumas delas eram administradas por membros de linhagens que detinham os cargos de chefia há muitas gerações. Outras províncias eram governadas por chefes escolhidos pelo rei dentre a nobreza. Os chefes locais eram os encarregados de coletar os impostos devidos ao rei, além de recolherem para si parte do excedente da produção.

A existência de um excedente agrícola era possível graças à apropriação do trabalho escravo.”

Marina de Mello e Souza. (Adaptado)

O texto faz referência:

- a) ao Egito.
- b) ao Daomé.
- c) ao Congo.
- d) a Cabo Verde.
- e) a Moçambique.

10. Fuvest-SP

“[...] e em lugar de ouro, de prata e de outros bens que servem de moeda em outras regiões, aqui a moeda é feita de pessoas, que não são nem ouro, nem tecidos, mas sim criaturas. E a nós a vergonha e a de nossos predecessores, de termos, em nossa simplicidade, aberto a porta a tantos males [...]”.

Garcia II, rei do Congo, século XVII.

Comente os acontecimentos a que se refere o rei africano e como estão relacionados à colônia brasileira.

11. Unesp-SP

“Os africanos não escravizavam africanos, nem se reconheciam então como africanos. Eles se viam como membros de uma aldeia, de um conjunto de aldeias, de um reino e de um grupo que falava a mesma língua, tinha os mesmos costumes e adorava os mesmos deuses. [...] Quando um chefe [...] entregava a um navio europeu um grupo de cativos, não estava vendendo africanos nem negros, mas [...] uma gente que, por ser considerada por ele inimiga e bárbara, podia ser escravizada. [...] O comércio transatlântico [...] fazia parte de um processo de integração econômica do Atlântico, que envolvia a produção e a comercialização, em grande escala, de açúcar, algodão, tabaco, café e outros bens tropicais, um processo no qual a Europa entrava com o capital, as Américas com a terra e a África com o trabalho, isto é, com a mão de obra cativa.”

COSTA E SILVA, Alberto da. *A África explicada aos meus filhos*, 2008. (Adaptado)

Ao caracterizar a escravidão na África e a venda de escravos por africanos para europeus nos séculos XVI a XIX, o texto:

- a) reconhece que a escravidão era uma instituição presente em todo o planeta e que a diferenciação entre homens livres e homens escravos era definida pelas características raciais dos indivíduos.
- b) critica a interferência europeia nas disputas internas do continente africano e demonstra a rejeição do comércio escravagista pelos líderes dos reinos e aldeias então existentes na África.
- c) diferencia a escravidão que havia na África da que existia na Europa ou nas colônias americanas a partir da constatação da heterogeneidade do continente africano e dos povos que lá viviam.
- d) afirma que a presença europeia na África e na América provocou profundas mudanças nas relações entre os povos nativos desses continentes e permitiu maior integração e colaboração interna.
- e) considera que os únicos responsáveis pela escravização de africanos foram os próprios africanos, que aproveitaram as disputas tribais para obter ganhos financeiros.

12. Fuvest-SP

“Angola, Congo, Benguela Monjolo, Cabinda, Mina Quiloa, Rebolo”.

BEM, Jorge. *África Brasil* (Zumbi).

O texto refere-se a:

- a) colônias holandesas de exploração na África do século XVI ao século XVIII.
- b) grupos africanos escravizados e trazidos para o Brasil durante a colonização.
- c) reinos africanos que se rebelaram contra a colonização portuguesa na época da independência do Brasil.
- d) comunidades livres formadas por escravos fugitivos.
- e) países africanos atuais que mantêm estreitos vínculos com a cultura brasileira.

13. Searh-RN – Entre os séculos VIII e XVII, a África ao sul do Deserto do Saara era habitada por vários povos negro-africanos, cada um com seu jeito próprio de ser. Alguns desses povos construíram impérios e reinos prósperos e organizados, como o Império do Mali e o Reino do Congo. Há poucos documentos escritos sobre o Mali; os vestígios arqueológicos (vasos, potes, panelas, restos de alimentos e de fogueiras) também são reduzidos. Dentro do contexto da história africana e de alguns impérios como o Mali, conferia-se a importância notável aos *griots*, que:

- a) representavam o grupo majoritário na sociedade, pois, como guerreiros, cuidavam da segurança e das estratégias de guerra.
- b) eram os líderes religiosos que, baseados em conhecimentos ancestrais, ainda mantêm intacta a religião de seus antepassados.
- c) eram os indivíduos que tinham o compromisso de preservar e transmitir histórias, fatos históricos, os conhecimentos e as canções de seu povo.
- d) detinham o poder entre as mais variadas tribos por serem os únicos proprietários de terras, responsáveis por distribuir o trabalho e a produção.

14. Sedf-DF – África e América foram incorporadas à história ocidental a partir do expansionismo comercial e marítimo europeu do início dos tempos modernos. O processo de exploração colonial desses continentes seguiu a lógica econômica e política que, na Europa, caracterizava a transição do feudalismo ao capitalismo. Nas palavras de um ex-diretor geral da Unesco:

“Hoje, torna-se evidente que a herança africana marcou, em maior ou menor grau, dependendo do lugar, os modos de sentir, pensar, sonhar e agir de certas nações do hemisfério ocidental. Do sul dos Estados Unidos ao norte do Brasil, passando pelo Caribe e pela costa do Pacífico, as contribuições culturais herdadas da África são visíveis por toda parte; em certos casos, chegam a constituir os fundamentos essenciais da identidade cultural de alguns segmentos mais importantes da população.”

Tendo por referência inicial as informações contidas no texto acima e considerando aspectos significativos do ensino de história, da história da América e de suas identidades, bem como da história africana e de suas relações com o exterior, julgue o item:

Na formação histórica do Brasil, as relações processadas via Atlântico são de tal ordem essenciais que se pode afirmar que “o Brasil também começa na África, e a África se prolonga no Brasil”.

15. Cespe-MA – Acerca dos reinos africanos pré-coloniais, assinale a opção correta:

- a) Os dilemas decorrentes dos achados arqueológicos das ruínas do grande Zimbábue foram esclarecidos com a descoberta de fontes escritas que permitiram desvendar a história desse reino e, principalmente, as razões de seu declínio.
- b) Os portugueses desconsideravam as organizações africanas, por isso o uso da força era a única estratégia de dominação dos portugueses contra os africanos.
- c) A África Oriental encontrava-se ainda inexplorada no momento em que os europeus ali chegaram, ao final do século XV.
- d) O Reino do Congo, cuja economia incluía atividades rurais e um rico comércio de tecidos, metais e animais, entrou em decadência no século XV, momento em que foi rapidamente conquistado por Portugal.
- e) A segurança experimentada ao sul do Saara durante o Império Malinês facilitou a expansão do islã para a região. Nesse contexto, a cidade de Tombouctú tornou-se uma importante referência de erudição muçulmana.

16. FCC-MG – Leia o texto abaixo:

“No Rio de Janeiro do século XIX, a concentração de negros estendia-se desde o mal-afamado Valongo até a ‘cidade nova sobre o mangue’. Heitor dos Prazeres, um dos frutos mais ilustres daquela região, a ela se referiu como ‘pequena África’. Tal expressão foi tomada pela historiografia para identificar exatamente a unidade social e cultural afro-brasileira que se percebe nesses distritos e em muitos outros redutos semelhantes Brasil afora.”

SILVA, Eduardo. *Dom Obá II D’África, o príncipe do povo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 81. (Adaptado)

A análise desse texto permite afirmar que o estudo da África, dos africanos e de seus descendentes no Brasil:

- dificulta a compreensão da diversidade de povos que formaram o Brasil e os brasileiros.
- valoriza a abordagem tradicional da História, centrada no estudo das sociedades europeias.
- impede a plena compreensão do tráfico negreiro e da escravidão no Brasil.
- auxilia na construção de outra memória histórica, destacando a importância dos africanos e afrodescendentes na história do Brasil.

17. IFSC-SC – Tradicionalmente, o continente africano é desvalorizado nos recortes temáticos feitos pelos professores de História. Os temas africanos mais abordados são Antigo Egito, escravidão africana, neocolonialismo e descolonização, geralmente relacionando-os à história europeia ou apenas como parte do eurocentrismo, ficando assim na marginalidade.

Dentre esses problemas e temas que podem ser trabalhados no ensino básico, podemos destacar os que seguem, analise-os. A afirmação está correta ou não?

- Estudar as lutas dos povos africanos contra os colonizadores europeus, como, por exemplo, a independência do Haiti.
- Apresentar os grandes reinos e impérios africanos anteriores à colonização europeia, como, por exemplo, os impérios Kush e Mali.
- Perceber o neocolonialismo através dos problemas político-econômicos africanos anteriores à chegada do europeu.
- Apresentar a mentalidade dos africanos escravos na América e como estes se percebiam apenas como uma propriedade sem identidade.

Assinale a alternativa que apresenta somente as afirmações corretas:

- I e II.
- II e III.
- I e IV.
- II e IV.
- III e IV.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C6-H27

“No império africano do Mali, no século XIV, Tombuctu foi centro de um comércio internacional onde tudo era negociado – sal, escravos, marfim etc. Havia também um grande comércio de livros de história, medicina, astronomia e matemática, além de grande concentração de estudantes. A importância cultural de Tombuctu pode ser percebida por meio de um velho provérbio: ‘O sal vem do norte, o ouro vem do sul, mas as palavras de Deus e os tesouros da sabedoria vêm de Ombuctu’.”

ASSUMPTÃO, J. E. *África: uma história para ser escrita*. Desvendando a história da África. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2008. (Adaptado)

Uma explicação para o dinamismo dessa cidade e sua importância histórica no período mencionado era o(a):

- isolamento geográfico do Saara Ocidental.
- exploração intensiva de recursos naturais.
- posição relativa nas redes de circulação.
- tráfico transatlântico de mão de obra servil.
- competição econômica dos reinos da região.

19. Enem

C1-H1

“Torna-se claro que quem descobriu o Brasil, muito antes dos europeus, foram os próprios africanos trazidos como escravos. E esta descoberta não se restringia apenas ao reino linguístico, estendia-se também a outras áreas culturais, inclusive à da religião. Há razões para pensar que os africanos, quando misturados e transportados ao Brasil, não demoraram em perceber a existência entre si de elementos culturais mais profundos.”

SLENES, R. Malungu, ngoma vem! África coberta e descoberta do Brasil. *Revista USP*, n. 12, dez./jan./fev. 1991-1992. (Adaptado)

Com base no texto, ao favorecer o contato de indivíduos de diferentes partes da África, a experiência da escravidão no Brasil tornou possível a:

- formação de uma identidade cultural afro-brasileira.
- superação de aspectos culturais africanos por antigas tradições europeias.
- reprodução de conflitos entre grupos étnicos africanos.
- manutenção das características culturais específicas de cada etnia.
- resistência à incorporação de elementos culturais indígenas.

20. Enem

C1-H5

“A África também já serviu como ponto de partida para comédias bem vulgares, mas de muito sucesso, como *Um príncipe em Nova York* e *Ace Ventura: um maluco na África*. Em ambas, a África parece um lugar cheio de tribos doidas e rituais de desenho animado. A animação *O Rei Leão*, da Disney, o mais bem-sucedido filme americano ambientado na África, não chegava a contar com elenco de seres humanos.”

LEIBOWITZ, E. Filmes de Hollywood sobre África ficam no clichê. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br>>. Acesso em: 17 abr. 2010.

A produção cinematográfica referida no texto contribui para a constituição de uma memória sobre a África e seus habitantes. Essa memória enfatiza e negligencia, respectivamente, os seguintes aspectos do continente africano:

- a história e a natureza.
- o exotismo e as culturas.
- a sociedade e a economia.
- o comércio e o ambiente.
- a diversidade e a política.

ESCRavidÃO E TEORIAS RACIAIS

18

ESCRavidÃO AFRICANA NO BRASIL

Nos primeiros anos de exploração, os portugueses desenvolveram a atividade de extração do pau-brasil, árvore abundante na Mata Atlântica naquele período. Beneficiar-se dessa matéria-prima era possível em virtude da localização do produto (florestas próximas ao litoral) e da colaboração dos indígenas, com os quais desenvolveram um tipo de comércio primitivo: o escambo. Em troca de mercadorias europeias baratas e desconhecidas, os nativos extraíam e transportavam os troncos para os portugueses até o litoral.

Quando conheceram mais de perto o modo de vida indígena, com elementos desconhecidos ou que consideravam condenáveis, a exemplo da antropofagia, os portugueses começaram a alimentar certa desconfiança em relação aos nativos. Assim, perderam a colaboração na atividade do pau-brasil e tentaram submetê-los, impondo-lhes sua cultura, sua religião e o trabalho compulsório nas lavouras. A escravidão no Brasil seguiu paralelamente ao processo de desterrar os nativos, a quem só restava reagir à escravização ou aceitá-la.

Muitos lutavam até a morte ou fugiam para a floresta densa ou para regiões distantes. Aprisionados, não raro morriam em decorrência de superexploração, maus-tratos e doenças trazidas pelos colonos europeus. Diante das dificuldades para escravizar indígenas, os colonizadores optaram por buscar mão de obra no continente africano, incentivados pelo interesse em obter altos lucros com a atividade açucareira, uma vez que o produto tinha grande aceitação no mercado europeu.

A produção de cana-de-açúcar exigia mão de obra numerosa. O lucrativo negócio do tráfico de escravos africanos apareceu como uma boa alternativa, iniciando assim a inserção deles no Brasil Colônia. A escravidão indígena perdurou até meados do século XVIII. Com o tráfico negreiro, lucravam os traficantes, os colonos, a metrópole e até a Igreja Católica, que arrecadava certa porcentagem por escravo que entrava no Brasil.

- Escravidão africana no Brasil
- Trabalho e violência
- Resistência negra
- Teorias raciais do século XIX

HABILIDADES

- Analisar a produção da memória pelas sociedades humanas.
- Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.
- Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.
- Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.



PICTORIAL PRESS LTD/ALAMY STOCK PHOTO

Moinho de açúcar (1835), de Johann Moritz Rugendas. Litografia. Representação de engenho de açúcar do século XIX.

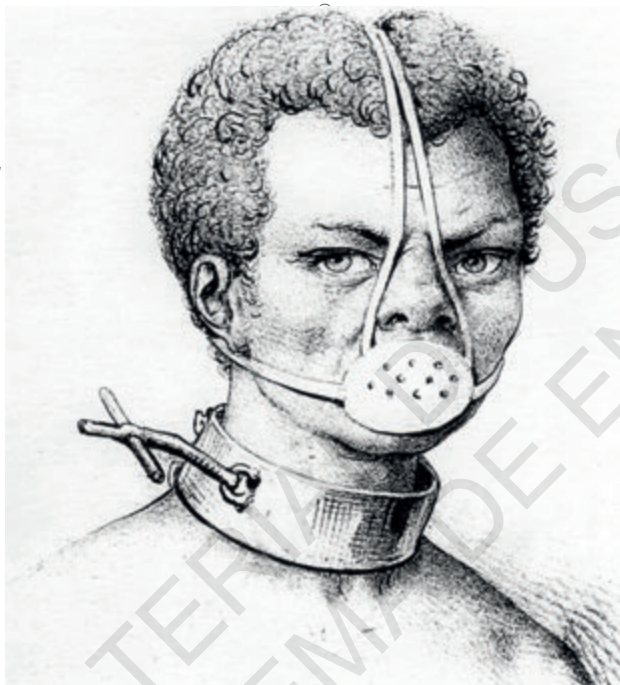
TRABALHO E VIOLÊNCIA

Além da violência física a que os negros escravizados eram submetidos, desde sua captura na África até os últimos dias de vida como escravos, também se violentava sua cultura e seu modo de viver. Arrancados de seu meio, eram impostos a eles novos valores, como língua, religião e costumes:

Os escravos eram colocados nas ruas diante das portas dos proprietários [...] deitados ou sentados [...] em número que atingia, às vezes, duzentos ou trezentos. [...] Seu alimento é carne salgada, farinha de mandioca e, às vezes, banana-da-terra. [...] À noite os escravos são conduzidos a um ou mais armazéns e o condutor fica em pé, contando-os à medida que eles passavam. [...] o comprador dá a cada um dos escravos recém-comprados um grande pano [...] e um chapéu de palha e leva-os o mais depressa possível para a fazenda.

KOSTER, Henry. *Viagens ao nordeste do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. p. 504.

COLEÇÃO BRASILEANA ITAÚ



O Brasil foi o país que mais comprou pessoas no tráfico de escravos e o que mais matou negros e negras escravizados. Essa população, no Brasil, decrescia, em vez de crescer, tamanha a violência e a crueldade com que eram tratadas as pessoas de origem afro, sendo obrigadas a trabalhar nas lavouras, na casa-grande, nas minas e nas cidades.

Durante muito tempo, a atividade açucareira sustentou a economia colonial. Produzido principalmente no litoral nordestino, o açúcar tinha boa aceitação e alta lucratividade no mercado europeu. Para o cultivo da cana-de-açúcar, adotou-se o sistema de *plantation*, caracterizado por latifúndios monocultores que demandavam muita mão de obra. A partir de então, grande quantidade de africanos passou a trabalhar nos engenhos, instalações destinadas ao cultivo de cana e à produção de açúcar.

Muitos escravos foram destinados às plantações de tabaco, algodão e café; outros, à mineração, atividade que começou a ganhar importância na economia colonial do século XVIII, em especial na região de Minas Gerais. Várias atividades secundárias tiveram a participação escrava, como a pecuária. As casas dos senhores contavam com domésticos nos serviços. Havia casos de escravos remunerados, também chamados escravos de ganho, que pagavam parcela da renda obtida a com venda de produtos a seu dono; e escravos de aluguel, contratados por seus senhores para desenvolver algum ofício, como pedreiro, carpinteiro, cozinheiro ou ama de leite. Os dois últimos geralmente atuavam no espaço urbano. O proprietário era o responsável por lhes garantir a sobrevivência.

Tráfico negroiro

Oficialmente iniciado no Brasil em 1559, quando a metrópole portuguesa decidiu permitir o ingresso de escravos vindos da África, antes já havia transações envolvendo escravos africanos, servindo como principal argumento dos colonos para isso a escassez de mão de obra.

Capturados nas mais diversas situações, como guerras tribais e escravização por dívidas não pagas, os escravos africanos provinham de lugares como Angola e Guiné, embarcados em navios com destino a cidades como Rio de Janeiro, Salvador, Recife e São Luís, das quais eram transportados para regiões mais distantes. Durante as viagens, muitos morriam em decorrência das péssimas condições sanitárias nas embarcações superlotadas.

Entendia-se que os escravos eram as mãos e os pés de seus senhores. Encontravam-se na posição de propriedade de alguém, superexplorados, sem quaisquer direitos, vigiados o tempo todo, sendo perseguidos pelos capitães do mato quando fugiam. Os capturados sofriam diversos tipos de punição, como açoitamento, tronco e peia. Em síntese, a vida escrava era desumana, violenta, insalubre e muito curta.

O escravismo esteve na base da organização da sociedade brasileira durante mais de trezentos anos em função de sua importância econômica e por ser a principal forma de acumulação de riqueza. Para sua manutenção, montou-se um sistema de justificação e legitimação. Teólogos e juristas argumentaram durante séculos a favor ou contra o trabalho escravo.

A norma social brasileira era possuir escravos para os trabalhos pesados e desagradáveis e render dinheiro ao senhor. Todos com um mínimo de condições, inclusive os mais modestos, tinham um ou mais escravos. Assim, a sociedade escravista colonial manteve-se depois da independência política do Brasil, pois os centros mais dinâmicos e capitalizados da economia dependiam do trabalho escravo, cuja legitimidade era objeto de debate entre os intelectuais.



Negro escravizado sendo agredido como punição (1835), de Jean-Baptiste Debret.

RESISTÊNCIA NEGRA

A população escravizada procurou de diversas maneiras reagir ao cativo. Alguns escapavam à vigilância do feitor e reduziam o ritmo de trabalho, paralisavam a produção, sabotavam máquinas, destruíam ferramentas e incendiavam plantações, por exemplo.

Mulheres grávidas, não querendo filhos para viver na escravidão, praticavam aborto. Registravam-se constantes casos de suicídio e tentativas de assassinato de senhores e feitores. A insatisfação escrava manifestou-se também por meio de rebeliões, lutas (capoeira) e irmandades religiosas.

Quilombo dos Palmares

O mais conhecido dos quilombos foi o de Palmares, na Serra da Barriga, atual estado de Alagoas. No fim do século XVI, ocupava uma extensa área coberta por palmeiras, que estendia-se do Cabo de Santo Agostinho ao Rio São Francisco. Um século mais tarde, reduzia-se à região de Una e Sirinhaém, em Pernambuco, Porto Calvo e São Francisco, atual Penedo, em Alagoas. À época das invasões holandesas (1624-1625 e 1630-1654), a perturbação na rotina dos engenhos de açúcar provocou o crescimento da população em Palmares, formando-se diversos núcleos de povoamento conhecidos como mocambos.



Zumbi (1927), de Antônio Parreiras. Óleo sobre tela, 115,3 cm × 87,4 cm. Parreiras retratou Zumbi como um líder guerreiro, símbolo da resistência negra contra a escravidão.

Os principais líderes de Palmares foram Ganga Zumba e seu sobrinho, Zumbi. A prosperidade do quilombo atraía atenção e provocava receio. O governo colonial sentiu-se obrigado a tomar providências para firmar seu poder sobre a região. Por volta de dezoito expedições foram enviadas para erradicá-lo definitivamente.

Com a morte de Ganga Zumba, Zumbi assumiu a liderança do grupo e, em um primeiro momento, substituiu a estratégia de defesa passiva por um tipo de guerrilha, com ataques-surpresa a engenhos, libertando escravos e apoderando-se de armas, munições e suprimentos e empregando-os em novas investidas.

Após várias tentativas relativamente infrutíferas contra Palmares, o governador e capitão-general da capitania de Pernambuco, Caetano de Melo e Castro, contratou o bandeirante Domingos Jorge Velho e o capitão-mor Bernardo Vieira de Melo para erradicar a ameaça da região. Os quilombolas resistiam bravamente às forças bandeirantes. Em janeiro de 1694, após um ataque frustrado, um contingente de 6 mil homens, bem armados e municiados inclusive com artilharia, iniciou a empreitada que sairia vitoriosa.

O quilombola Antônio Soares foi capturado e, mediante a promessa de Domingos Jorge Velho de que seria libertado, revelou o esconderijo do líder Zumbi, então encurralado e morto em uma emboscada em 20 de novembro de 1695. Em 1710, o quilombo desfez-se por completo.

Capoeira

Para elevar o moral, transmitir a cultura e, principalmente, como resistência aos algozes, os escravos africanos e seus descendentes desenvolveram no Brasil a prática da capoeira, expressão que mistura luta, dança, cultura popular e música. É caracterizada por golpes e movimentos ágeis e complexos usando pés, mãos, cabeça, joelhos, cotovelos e elementos ginástico-acrobáticos. Ao *maculelê* (dança), acrescentaram-se golpes desferidos com bastões e facões. Uma característica que distingue a capoeira da maioria das outras artes marciais é o fato de ser acompanhada por música.



Negros lutando (1824), de Augustus Earle. Aquarela sobre papel, 16,5 cm × 25,1 cm. Durante muitos anos, a capoeira foi uma prática ilegal. A descriminalização ocorreu durante o governo de Getúlio Vargas, em 1937.

Há registros de prática da capoeira nos séculos XVIII e XIX nas cidades de Salvador, Rio de Janeiro e Recife. Considerada subversiva, foi proibida e duramente reprimida, chegando a extinguir-se no Rio de Janeiro, onde grupos capoeiristas eram conhecidos como maltas (pessoas de má reputação). Em Recife, a capoeira deu origem à dança do frevo, conhecida como passo.

Movimentos abolicionistas

O abolicionismo no Brasil remonta aos movimentos emancipacionistas do período colonial, particularmente à Conjuração Baiana (1798), em cujos planos se encontrava o fim da escravidão. As discussões e as condições para a abolição evoluíram no período imperial até a assinatura da Lei Áurea (1888), que extinguiu a escravidão brasileira.

O processo abolicionista começou gradualmente com a lei que proibia o tráfico de escravos africanos para o Brasil, assinada em 7 de novembro de 1831. Esgotando-se o prazo do último tratado assinado entre Brasil e Grã-Bretanha (março de 1845), o governo britânico decretou, em agosto, o Bill Aberdeen, documento que dava direito a embarcações inglesas de aprisionar navios negreiros em território brasileiro.

Cedendo às pressões, D. Pedro II deu um importante passo quando elaborou o projeto de lei, apresentado ao Parlamento pelo ministro da Justiça Eusébio de Queirós, adotando medidas eficazes para a extinção do tráfico em 1850. A escravidão, então, começou a declinar. Progressivamente, os imigrantes europeus assalariados substituíram os escravos no trabalho. Somente após a Guerra do Paraguai o movimento abolicionista ganhou impulso. Milhares de ex-escravos que retornaram da guerra vitoriosos, muitos até condecorados, correram o risco de voltar à condição anterior por pressão dos antigos donos.

A pressão popular forçou a promulgação da primeira lei abolicionista em 28 de setembro de 1871, a Lei do Ventre Livre, declarando livres todos os filhos de escravos nascidos a partir daquela data. Segundo a lei, filhos de escravos, chamados “ingênuos”, podiam ficar com seus senhores até a maioridade (21 anos) ou ser entregues ao governo. Na prática, os escravistas mantiveram os ingênuos escravos em suas propriedades. O índice de mortalidade infantil entre eles aumentou porque, além das péssimas condições de vida, cresceu o descaso pelos recém-nascidos. Em 1880, Joaquim Nabuco e José do Patrocínio criaram, com a participação do baiano André Rebouças, no Rio de Janeiro, a Sociedade Brasileira contra a Escravidão, que estimulou a formação de dezenas de agremiações semelhantes no Brasil. Da mesma forma, o jornal *O Abolicionista*, de Nabuco, e a *Revista Ilustrada*, de Ângelo Agostini, serviram de modelo a outras publicações antiescravistas. Advogados, artistas, intelectuais, jornalistas e políticos engajaram-se no movimento e arrecadaram fundos para pagar cartas de alforria.

No Recife, alunos da Faculdade de Direito, entre os quais Plínio de Lima, Castro Alves, Rui Barbosa, Aristides Spínola e Regueira Costa mobilizaram-se para fundar uma associação abolicionista. Em São Paulo, destacou-se o trabalho do advogado Luís Gama, ex-escravo, um dos maiores heróis da causa abolicionista, responsável direto pela libertação de mais de mil cativos. Com o país tomado pela causa abolicionista, em 1884 o Ceará decretou o fim da escravidão em seu território.

A partir de 1887, os abolicionistas passaram a atuar no campo, inclusive ajudando fugas em massa, de modo a obrigar fazendeiros a contratar seus antigos escravos em regime assalariado. Diversas cidades deram alforria normalmente condicionada à prestação de serviços, em alguns casos implicando a servidão a outros membros da família. A decisão cearense aumentou a pressão da opinião pública sobre as autoridades imperiais. O governo cedeu mais um pouco, promulgando, em 1885, a Lei Saraiva-Cotegipe ou Lei dos Sexagenários, como ficou conhecida, que concedia liberdade aos escravos com mais de 60 anos mediante compensações financeiras aos proprietários. Poucos chegavam a essa idade e em condições de garantir o próprio sustento, especialmente porque precisavam competir com imigrantes europeus.

O governo imperial rendeu-se às pressões e a princesa Isabel assinou a Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, extinguindo a escravidão no Brasil. A decisão desagradou aos fazendeiros, que exigiam indenização pela perda de seus “bens”. Como não a conseguiram, aderiram ao movimento republicano. O fim da escravatura não melhorou a condição social e econômica dos ex-escravos. Sem formação escolar ou profissão definida, a simples emancipação jurídica não mudou a condição subalterna nem ajudou a promover a cidadania ou a ascensão social da maioria deles.



A vida fluminense (1870), de Ângelo Agostini. A ilustração é acompanhada da seguinte legenda: “Cheio de glória, coberto de louros, depois de ter derramado seu sangue em defesa da pátria e libertado um povo da escravidão. O voluntário volta ao seu país natal para ver sua mãe amarrada a um tronco. Triste realidade...”.

BIBLIOTECA NACIONAL, RIO DE JANEIRO



Luís Gama, escravizado libertado, advogado e considerado um dos heróis da abolição no Brasil.

TEORIAS RACIAIS DO SÉCULO XIX

A teoria do evolucionismo, formulada por Charles Darwin, desenvolveu a ideia de seleção natural, declarando que na natureza sobrevivem apenas as espécies que se adaptam melhor. Com base nesses estudos, alguns pensadores, como Joseph-Auguste de Gobineau, Richard Wagner e Houston Stewart Chamberlain tentaram explicar o funcionamento da sociedade humana. Concluíram que alguns grupos humanos eram fortes e outros fracos, sendo estes últimos predestinados a ser comandados. Essas teorias, conhecidas por darwinismo social, serviram para justificar a colonização e a exploração exercidas pelos europeus sobre povos e territórios asiáticos e africanos.

Ainda segundo o darwinismo social, levar a civilização e o desenvolvimento tecnológico às populações africanas seria uma missão dada aos europeus, o que justificaria a invasão de territórios e a dominação de populações nativas, pois estas não tinham esclarecimento suficiente para se autodeterminar. A missão civilizatória era o “fardo” que o homem branco deveria carregar.

Entre a segunda metade do século XIX e o início do XX, as nações europeias dominaram mais de 90% do território africano. A Conferência de Berlim, realizada em 1885, definiu os critérios de domínio dos territórios ainda não colonizados da África. Os habitantes desse continente jamais foram consultados sobre essa divisão, que não respeitou a cultura, os costumes e as etnias regionais.

Democracia racial brasileira?

Segundo o pensamento predominante na sociedade brasileira após o fim da escravidão, com a chegada de grande quantidade de imigrantes europeus, os traços e a identidade da população afrodescendente desapare-

ceriam pela miscigenação e pelos altos índices de mortalidade que atingiam os mais pobres.

Essa posição brasileira era radicalmente diferente da norte-americana, na qual o preconceito contra os afrodescendentes resultou na completa segregação entre brancos e negros, havendo recriminação à mestiçagem, considerada negritude. No Brasil, os poderosos pensavam na chance de o negro ficar cada vez mais branco, de modo a resultar em uma sociedade predominantemente branca.

A força do pensamento dominante fazia os afro-brasileiros se sentirem inferiorizados por causa de suas origens africanas, buscando escondê-las com o abandono das tradições e por meio de casamentos inter-raciais para gerar filhos de pele clara, cabelos lisos e lábios e nariz afilados. Assim, aceitava-se e mesmo estimulava-se a mestiçagem, não por falta de preconceito, e sim pelo desejo de apagar traços africanos da população brasileira. Da mesma forma, buscava-se um distanciamento cada vez maior da África, considerada terra de povos atrasados. Conforme se formava a nação brasileira, foi construído também um mito extremamente difundido dentro e fora do Brasil: o de democracia racial.

Intelectuais, jornalistas, políticos e grande parcela da população afirmavam que, no Brasil, não havia diferenças sociais entre brancos, mulatos e negros. Seríamos, segundo esse mito, uma nação sem raça. A imagem vendida para o exterior, de um território racialmente democrático, era muito aceita em diversos setores da sociedade brasileira.



A redenção de Cam (1895), de Modesto Brocos. Óleo sobre tela, 199 cm x 166 cm.

MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES, RIO DE JANEIRO

A redenção de Cam

A pintura *A redenção de Cam* foi feita em 1895 por Modesto Brocos, artista espanhol radicado no Brasil. A obra aborda plenamente as teorias raciais do fim do século XIX e o ideal de embranquecimento, que pressupunha uma solução para o problema racial brasileiro por meio da gradual eliminação do negro, assimilado pela população branca. Ainda segundo esse ideal, a miscigenação seria o meio de extinção das características negras nos indivíduos.

O título da obra é uma referência ao episódio bíblico em que Noé amaldiçoa a descendência de seu filho Cam com a escravidão. A crença de que os descendentes de Cam seriam os povos africanos serviu durante muito tempo como argumento para validar a escravização das populações negras africanas. A pintura retrata três gerações de uma família: à esquerda, a avó negra, que levanta as mãos em direção ao céu agradecendo pela redenção de sua descendência; ao centro, a mãe mulata, segurando um bebê branco no colo; e, à direita, o pai, também branco. A cena foi utilizada para ilustrar as teorias raciais que permeavam o pensamento brasileiro no fim do século XIX, pois, segundo alguns cientistas da época, o cruzamento de raças branquearia a população do Brasil em, no máximo, três gerações.

A população já incorporara a ideia de desvalorização da estética negra, adotando os casamentos inter-raciais como opção para “melhorar” a raça. O

mito da democracia racial e o intuito de embranquecimento social geraram várias consequências práticas:

- desenvolveu-se a crença de que não existe raça no Brasil, porque ela é entendida como um agrupamento de indivíduos que compartilham características hereditárias;
- em lugar da raça, admitia-se no país apenas uma classificação baseada na cor, que pretendia ser encarada como mera descrição objetiva da realidade sem implicações político-econômico-sociais, como preconceito e discriminação. A cor passou a designar uma hierarquia classificatória, pela qual os brancos são considerados melhores e, os negros, piores e inferiores;
- represálias para quem se arriscasse a falar a respeito, visto então com maus olhos. Logo, tachava-se de racista quem falasse de políticas sociais para negros. Acusava-se, assim, até o próprio movimento negro de racista, uma vez que diferenciava negros de brancos. Consequentemente, como não existissem raças, não cabia falar da população negra.

De fato, essa crença chocava-se com a realidade nacional, sempre evidenciada pela exclusão do afro-descendente. Assim, esse mito começou a ser negado e discutido por meio da divulgação de vários trabalhos acadêmicos, entre os quais destaca-se *Casa-grande e senzala* (1933), de Gilberto Freyre.

Discussões acerca do assunto ocorrem, ainda, promovidas pelos movimentos negros em escolas de diversos níveis. Hoje, reconhece-se que a nação brasileira não é racialmente democrática, evidenciando-se a necessidade de criar ações para corrigir essa histórica situação de exclusão.

ROTEIRO DE AULA

ESCRavidÃO E TEORIAS RACIAIS

Tráfico negroiro

- Iniciado em 1559 com a captura de escravos africanos em Angola e Guiné.
- Destino: Rio de Janeiro, Salvador, Recife e São Luís.
- Exercício do trabalho escravo, principalmente na atividade açucareira.

Trabalho e violência

- Trabalho escravo em plantações de algodão, café e tabaco (*plantations*) e realização de serviços domésticos.
- Condições de vida desumanas.
- Punições (açóitamento).

Resistência negra

- Rebeliões, lutas e dança (capoeira).
- Irmandades religiosas.
- Quilombo dos Palmares (núcleos de povoamento).

ROTEIRO DE AULA

Movimentos abolicionistas

- Conjuração Baiana (1798).
-

- Sociedade Brasileira contra a Escravidão (1880).
-

- Associação abolicionista.
-
-

Teorias raciais do século XIX

- Darwinismo social: ideia de progresso, seleção natural e controle.
-

- Ideia de inferiorização das civilizações não tecnológicas e científicas.
-

- Determinismo biológico e geográfico.
-

- O Brasil sofreu influências do darwinismo social e incorporou as teorias do embranquecimento social.
-

- Desvalorização da estética negra.
-

- Anulação da identidade racial.
-

- Hierarquia baseada na cor.
-
-

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. PUC-RS – A escravidão foi um dos grandes empecilhos para o desenvolvimento dos direitos civis no Brasil, pois negava a condição de humanidade para as pessoas consideradas escravas. Em 1888, finalmente, a escravidão foi abolida no país.

É correto afirmar que a abolição da escravidão está associada:

- a) à oposição da Inglaterra às leis de miscigenação no Brasil.
- b) à extinção do latifúndio no país.
- c) ao apogeu da economia do ouro em Minas Gerais.
- d) à proibição do tráfico negreiro, com a Lei Eusébio de Queirós.**
- e) à abundância de mão de obra assalariada no Brasil.

As duas primeiras alternativas, assim como a última, remetem a fatos que não ocorreram. A terceira alternativa faz referência a um momento em que a mão de obra escravizada foi levada dos engenhos decadentes à região das minas. Lá, o trabalho de escravizados foi intensamente utilizado. A proibição do tráfico, por outro lado, foi um passo importante no longo processo de abolição da escravidão.

2. Unesp-SP – Entre as formas de resistência negra à escravidão durante o período colonial brasileiro, podemos citar:

- a) a organização de quilombos, nos quais, sob supervisão de autoridades brancas, os negros podiam viver livremente.
- b) as sabotagens realizadas nas plantações de café, com a introdução de pragas oriundas da África.
- c) a preservação de crenças e rituais religiosos de origem africana, que eram condenados pela Igreja Católica.**
- d) as revoltas e fugas em massa dos engenhos, seguidas de embarques clandestinos em navios que rumavam para a África.
- e) a adoção da fé católica pelos negros, o que lhes proporcionava imediata alforria concedida pela Igreja.

Os quilombos não tinham qualquer tipo de supervisão, a não ser dos próprios líderes negros. A população escravizada não tinha acesso a pragas oriundas da África nem a navios que os levassem de volta a seus lugares de origem. Do mesmo modo, a adoção da fé católica não foi uma forma de resistência, e sim de preservação dos rituais de origem africana.

3. Unifal-MG – A escravidão, relação de trabalho predominante no Brasil nos períodos colonial e imperial, marcou profundamente a sociedade brasileira. Afinal, o trabalho escravo persistiu por mais de trezentos anos. A respeito da escravidão, assinale a alternativa correta:

- a) Embora duramente atingidos pelo desemprego gerado pelas constantes crises industriais em Portugal, os trabalhadores assalariados portugueses não aceitavam os baixos salários que lhes eram oferecidos no Brasil. Sendo assim, os colonizadores foram obrigados a adotar o trabalho escravo do africano.
- b) Embora a escravidão indígena na América portuguesa não sofresse oposição da Coroa e da Igreja, o índio não foi utilizado como mão de obra em razão da preferência do senhor de escravos pelo africano. Tal preferência do senhor de escravos decorria dos lucros possibilitados pelo tráfico africano.
- c) No século XIX, as pressões inglesas para o fim do tráfico africano, a imigração europeia, a difusão dos ideais de liberdade e a pressão exercida pelo movimento abolicionista sedimentaram o caminho para o fim da escravidão no Brasil.**

- d) Na primeira metade do século XVIII, com a crise na produção de açúcar no Nordeste e o desenvolvimento da mineração na Região Centro-Oeste, ocorreu uma diminuição do número de escravos no Brasil.
- e) O predomínio exclusivo do trabalho escravo africano em todas as atividades excluiu a existência do trabalho assalariado nos engenhos de açúcar do Nordeste do Brasil nos séculos XVI, XVII e XVIII.

A alternativa correta reúne os principais elementos envolvidos no processo de abolição da escravidão no Brasil. As demais alternativas incorrem em erros pontuais, como negar outras formas de escravidão, falar em diminuição do número de escravizados no momento do ciclo do ouro, negar a oposição da Igreja à escravidão indígena e afirmar que os trabalhadores portugueses negavam trabalhos com salários baixos e relacionar isso à escravização de negros africanos.

4. Unesp-SP

“A escravatura, que realmente tantos males acarreta para a civilização e para a moral, criou no espírito dos brasileiros este caráter de independência e soberania, que o observador descobre no homem livre, seja qual for o seu estado, profissão ou fortuna. Quando ele percebe desprezo, ou ultraje da parte de um rico ou poderoso, desenvolve-se imediatamente o sentimento de igualdade; e se ele não profere, concebe ao menos, no momento, este grande argumento: não sou escravo. Eis aqui, no nosso modo de pensar, a primeira causa da tranquilidade de que goza o Brasil: o sentimento de igualdade profundamente arraigado no coração dos brasileiros.”

FEIJÓ, Padre Diogo Antônio. Apud DOLHNIKOFF, Miriam. *O pacto imperial*, 2005.

O texto, publicado em 1834 pelo padre Diogo Antônio Feijó:

- a) parece rejeitar a escravidão, mas identifica efeitos positivos que ela teria provocado entre os brasileiros.**
- b) caracteriza a escravidão como uma vergonha para todos os brasileiros e defende a completa igualdade entre brancos e negros.
- c) defende a escravidão, pois a considera essencial para a manutenção da estrutura fundiária.
- d) revela as ambiguidades do pensamento conservador brasileiro, pois critica a escravidão, mas enfatiza a importância comercial do tráfico escravagista.
- e) repudia a escravidão e argumenta que sua manutenção demonstra o desrespeito brasileiro aos princípios da igualdade e da fraternidade.

Esse é um discurso antigo e bastante revisitado, que ignora os males da escravidão para lhe atribuir algum aspecto positivo. No caso, a formação de um “espírito dos brasileiros”, igualados pela ideia de que não são escravos, em oposição aos que de fato o são, e que, portanto, permanecem equiparados na liberdade, independentemente de sua condição.

5. Uepa-PA

C5-H22

Responsabilidade pelas diferenças é da sociedade atual

“No período colonial e imperial brasileiro, um modelo de escravidão extremamente brutal sobre suas vítimas não deixara de lograr mecanismos de mobilidade social para alguns descendentes de escravizados que se tornaram libertos.

No Brasil do século 19, em algumas regiões, eles poderiam chegar mesmo a 80% do total da população livre; dados semelhantes aos de Cuba. No Sul dos Estados Unidos, por exemplo, o índice era de apenas 4%. Alguns

destes chegaram – de forma ainda hoje inédita – aos altos escalões da vida cultural e política do país. A lista não é tão pequena assim: Rebouças, Patrocínio, Caldas Barbosa, Machado de Assis.

Na contramão, há quem afirme que a liberdade conquistada pela alforria, em nossa antiga sociedade, era extremamente precária – em razão da cor, tornando as pessoas libertas de tez mais escura no máximo quase cidadãos.

De qualquer maneira, se é verdade que nossa realidade colonial e imperial guarda uma complexidade própria, o fato é que ao longo do século 20 a antiga sociedade acabaria abrigando um desconcertante paradoxo. O escravismo não tivera nada de harmonioso, mas o sistema de dominação abria margens para infiltrações.

Para as experiências do pós-emancipação, cor, raça e racismo foram paisagens permanentemente reconfiguradas. Ordem, trabalho, disciplina e progresso dialogaram com as políticas públicas de aparato policial e criminalização dos descendentes dos escravizados e suas formas de manifestação cultural e simbólica.

No projeto de nossas elites desse período vigorou a concepção de que o desenvolvimento socioeconômico era incompatível com nossas origens ancestrais em termos étnicos. Países com maiorias não brancas não atingiram, e jamais alcançariam, o tão desejado progresso. Os perniciosos efeitos do sistema escravista foram associados às suas vítimas, ou seja, os escravizados.

No contexto posterior aos anos 1930, a valorização simbólica da mestiçagem seria um importante combustível ideológico do projeto desenvolvimentista. Dado o momento histórico em que fora forjado, se pode até reconhecer que tal discurso poderia abrigar algum tipo de perspectiva progressista. Por outro lado, ao consagrar como natural a convergência das linhas de classe e cor, tal lógica tentou convencer que diferenças sociais derivadas de aparências físicas (cor da pele, traços faciais), conquanto nítidas e persistentes, inexistiam.

Ou se existiam eram para ser esquecidas, abafadas ou comentadas no íntimo do lar. Como tal, o mito da democracia racial serviu não apenas ao projeto de industrialização do país. Também se associou a um modelo de desenvolvimento que viria a ser assumidamente concentrador de renda e poder político em termos sociorraciais, dado que tais assimetrias passaram a ser incorporadas à paisagem das coisas.

Após o fim do mito da democracia racial, parece que se torna necessário romper com uma segunda lenda. A de que as assimetrias de cor ou raça sejam decorrência direta do escravismo, findado há 120 anos.

Tal compreensão retira da sociedade do presente a responsabilidade pela construção de um quadro social extremamente injusto gerado a cada instante, colocando tal fardo apenas nos ombros do distante passado. Nosso racismo está embebido de uma forte associação entre cor da pele e uma condição social esperada ou desejada. Tal correlação atua nos diversos momentos da vida social, econômica e institucional.

A leitura dos indicadores sociais decompostos pela variável cor ou raça expressa a dimensão de tais práticas sociais inaceitáveis. Se os afrodescendentes se conformam com tal realidade, fica então ratificado o mito. Se não se confor-

mam, dizem os maus presságios: haverá ruptura de nossa paz social.

O racismo e as assimetrias de cor ou raça do presente não são produtos da escravidão, muito embora tenham sido vitais para o seu funcionamento. Em sendo uma herança perpétua e acriticamente atualizada, o passado fez-se presente.

O que fazer para superar este legado? Este é o desafio de todos nós, habitantes deste sexto século brasileiro que há pouco despertou.”

GOMES, Flávio; PAIXÃO, Marcelo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2311200806.htm>>. (Adaptado)

Segundo o texto, o primeiro mito é o da democracia racial e o segundo é de que:

- a) as assimetrias de cor ou raça sejam decorrência direta do escravismo.
- b) a ruptura de nossa paz social acontecerá a qualquer momento.
- c) não há mobilidade social para alguns descendentes de escravizados que se tornaram libertos.
- d) onde há ordem, trabalho, disciplina e progresso não há escravidão.
- e) a liberdade conquistada pela alforria, em nossa antiga sociedade, era extremamente precária – em razão da classe.

Apesar de reconhecer a influência indireta do escravismo e de reafirmar que a democracia racial é um mito, o autor demonstra o quanto a sociedade atual é responsável, também, pelas assimetrias de raça, ou seja, pela desigualdade racial. Ao assumir que toda a responsabilidade está no passado escravista, aqueles que vivem nos dias de hoje se isentam de tomar alguma atitude, uma vez que o problema é uma herança histórica. Porém, em todas as gerações desde a abolição houve oportunidades de fazer algo que atenuasse as desigualdades e progressivamente lhes pusesse fim.

Competência: Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Habilidade: Analisar as lutas sociais e conquistas obtidas no que se refere às mudanças nas legislações ou nas políticas públicas.

6. UFU-MG – O discurso sobre a formação da identidade nacional brasileira tem como uma de suas vertentes o estudo das consequências do encontro de três matrizes étnicas: o negro, o europeu (branco) e o indígena. Em meio a este debate, e contrariando as teorias raciais, elaborou-se uma tese conhecida como “democracia racial”, caracterizada por:

- a) defender o direito de participação de representantes de todas as raças no processo político.
- b) pressupor a miscigenação harmoniosa entre os diferentes grupos étnicos que formaram a nação brasileira.
- c) denunciar os conflitos raciais e a desvalorização dos afrodescendentes no Brasil.
- d) culpar os grupos dominantes pela marginalização dos afrodescendentes e da população indígena brasileira.

A ideia de democracia racial foi desenvolvida ao longo de muitos anos e tornou-se um discurso oficial na Era Vargas. Trata-se de defender que, no Brasil, indígenas, afrodescendentes e portugueses se miscigenaram e criaram uma grande e harmoniosa sociedade multirracial – o que, sabemos, é um mito.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Unesp-SP – “Não é minha intenção que não haja escravos... nós só queremos os lícitos, e defendemos (proibimos) os ilícitos.” Essa posição do jesuíta Antônio Vieira, na segunda metade do século XVII:

- aceita a escravidão negra, mas condena a indígena.
- admite a escravidão apenas em caso de guerra justa.
- apoia a proibição da escravidão aos que se convertem ao cristianismo.
- restringe a escravidão ao trabalho estritamente necessário.
- conserva o mesmo ponto de vista tradicional sobre a escravidão em geral.

8. Cederj-RJ – Identifique um dos mais emblemáticos abolicionistas brasileiros. Engenheiro, nascido na Bahia, foi também um dos fundadores da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão e recebeu como homenagem a colocação de seu nome numa das galerias de um dos túneis urbanos da cidade do Rio de Janeiro.



MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, RIO DE JANEIRO

- Afonso Arinos.
- Saint-Hilaire.
- André Rebouças.
- Bill Aberdeen.

9. Uerp-PR – Do ponto de vista sociológico, o Brasil se constituiu sobre o mito da democracia racial principalmente depois da publicação de *Casa-grande e senzala*, de Gilberto Freyre (2003). De acordo com Florestan Fernandes (1965), o ideal de miscigenação fora difundido como mecanismo de absorção do mestiço não para a ascensão social do negro, mas para a hegemonia da classe dominante. O mito da democracia racial assentou-se sobre dois fundamentos: 1) o mito do bom senhor; 2) o mito do escravo submisso. Analise as afirmações:

- A crença no bom senhor exalta a vulgaridade das elites modernas, como diria Contardo Calligaris, e, juntamente com uma espécie de pseudocordiali-

dade, seriam responsáveis pela manutenção e o aprofundamento das diferenças sociais.

- O mito do escravo submisso fez com que a sociedade de um modo geral não encarasse de frente a violência da escravidão, fez com que os ouvidos se ensurdescessem aos clamores do movimento negro, por direitos e por justiça.
- As proposições legislativas sobre a inclusão de negros vão desde o projeto de lei que reserva aos negros um percentual fixo de cargos da administração pública aos que instituem cotas para negros nas universidades públicas e nos meios de comunicação.

Assinale a alternativa correta:

- Todas as afirmações são verdadeiras.
- Apenas a afirmação II é verdadeira.
- As afirmações I e III são verdadeiras.
- As afirmações I e II são falsas.
- Todas as afirmações são falsas.

10. Uema-MA – Leia o fragmento abaixo:

“[...] Se a supressão do nexa colonial não se refletiu na condição de escravo nem afetou a natureza da escravidão mercantil, ela alterou a situação econômica do senhor que deixou de sofrer o peso da ‘espoliação colonial’ e passou a contar, por conseguinte, com todas as vantagens da ‘espoliação escravista’ que não fossem absorvidas diretamente pelos mecanismos secularizados do comércio internacional”.

FERNANDES, Florestan. *Circuito fechado: quatro ensaios sobre o “poder institucional”*. São Paulo: Globo, 2010.

Baseando-se no fragmento de Florestan Fernandes, pode-se afirmar que a independência do Brasil:

- dificultou o fortalecimento da economia nacional.
- fortaleceu o setor econômico escravista nacional.
- extinguiu o tráfico de pessoas escravizadas ao país.
- rompeu com a estrutura econômica baseada na escravidão.
- aumentou a dependência brasileira aos interesses portugueses.

11. PUC-RJ – Do século XV ao XIX, uma enorme quantidade de africanos foi alocada pelo tráfico negreiro nos territórios americanos que se encontravam sob o controle dos impérios europeus. Por causa dessa imigração forçada, cerca de 400 mil cativos foram enviados para as colônias da América inglesa, 1,6 milhão para a América espanhola e 3,6 milhões para a América portuguesa. Levando-se em conta a intermitente ação do contrabando, chega-se a um total de 10 milhões de pessoas. Sabe-se, entretanto, que a escravatura sobreviveu ao mundo colonial e ajustou-se às formas de governo que, com a independência, dois Estados americanos politicamente soberanos – Estados Unidos e Brasil – adotaram para si. Analise as afirmativas abaixo, que relacionam escravidão e Estado-nação independente:

- I. Embora a república norte-americana, por princípio, pregasse a ampliação da igualdade política, modificações sutis feitas na Carta Constitucional de 1787 expressaram os arranjos políticos entre os Estados escravistas e os Estados livres.
- II. No Brasil, a escravidão foi defendida apenas pelos cafeicultores fluminenses e mineiros, mas o poder de ambos junto ao imperador mostrou-se suficiente para mantê-la até o final do Segundo Reinado.
- III. A ordem monárquica ou ordem republicana importou pouco para os escravos naquelas sociedades e para os libertos, que continuaram sendo segregados pela cor e tiveram sua mobilidade social igualmente dificultada.
- IV. A aceitação da existência de “diferentes condições de gente” pela monarquia brasileira e a manutenção de privilégios para alguns cidadãos contribuíram para tornar a escravidão um fenômeno naturalizado aos olhos de muitos contemporâneos.

São afirmativas corretas:

- a) I, II, III e IV.
- b) III e IV, apenas.
- c) I e III, apenas.
- d) II e IV, apenas.
- e) I e IV, apenas.

12. Fatec-SP – Baseando-se na proposta do IBGE, que divide o Brasil em cinco regiões (Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste) e estabelecendo uma comparação entre elas, é correto afirmar que a porcentagem de escravos no Brasil, em 1872, era:

- a) menor na Região Sul, pois as missões Jesuíticas combatiam a escravidão africana.
- b) menor na Região Nordeste, pois naquela época a economia açucareira estava no auge.
- c) menor na Região Norte, devido à industrialização e urbanização precoces na região.
- d) maior na Região Centro-Oeste do que no litoral, devido à economia agropecuária.
- e) maior na Região Sudeste, graças ao crescimento da economia de exportação de café.

13. IFBA-BA

“No Brasil, há registros de fugitivos no Recôncavo da Bahia e na Capitania de Pernambuco – áreas iniciais de colonização e escravidão africana atlântica – desde o final do século XVI. As primeiras notícias de Palmares – uma das mais importantes comunidades de africanos fugitivos das Américas – surgem nas últimas décadas do século XVI. [...] Os palmaristas (como eram denominados nas fontes lusitanas) resistiram a inúmeras tropas oficiais enviadas por portugueses e neerlandeses (durante a ocupação destes no nordeste em meados do século XVII) e também expedições punitivas preparadas por fazendeiros locais, que cada vez mais se sentiam prejudicados. Liderados por Ganga-Zumba e depois Zumbi – tinham uma complexa organização econômica, militar e política”.

GOMES, Flávio dos Santos (Org.). *Mocambos de Palmares: histórias e fontes* (séculos XVI-XIX). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010. p. 7.

A partir da leitura do texto e de acordo com seus conhecimentos sobre resistência escrava no Brasil colonial, assinale a alternativa correta:

- a) Palmares foi, sem dúvida, o maior quilombo existente no Brasil escravista. No entanto, não conseguiu alcançar o seu objetivo principal: acabar com a escravidão e o tráfico de africanos no Atlântico Sul e formar uma nação de negros livres.
- b) Os quilombos foram uma das expressões de resistência africana à escravidão no Brasil e, embora fossem fugitivos, os quilombolas não estavam isolados da sociedade colonial e interagiam com moradores e comerciantes das vilas próximas, para quem vendiam seus excedentes agrícolas e adquiriam armas e munições.
- c) Palmares representou para as autoridades coloniais e os proprietários de escravos um símbolo de rebeldia que deveria ser destruído. Porém as incursões militares não surtiram o efeito esperado e o quilombo continuou crescendo até o fim do período colonial sob a liderança de Zumbi.
- d) As fugas e a formação de quilombos foram as principais formas de resistência à escravidão no período colonial, tendo em vista que a luta cotidiana contra o cativo (como fingir estar doente, danificar ferramentas ou fazer corpo mole) não incomodavam os senhores, pois os castigos físicos garantiam a exploração do trabalho escravo.
- e) As expedições bandeirantes, em fins do século XVII, destruíram Palmares e puseram fim à experiência quilombola no Brasil. A partir de então, escravos fugitivos deixaram de se organizar em quilombos, temendo a ação militar das autoridades coloniais.

14. PUC-RJ

“Os escravos são as mãos e os pés do senhor de engenho, porque sem eles no Brasil não é possível fazer, conservar e aumentar a fazenda, nem ter engenho corrente. E ao modo com que se há com eles depende de tê-los bons ou maus para o serviço.”

O texto, do início do século XVIII, trata da mão de obra escravista nos engenhos de açúcar. O autor:

- a) inquieta-se com a falta de trabalhadores assalariados e com o predomínio do trabalho compulsório na lavoura açucareira.
- b) caracteriza o escravo como instrumento de produção que precisa ser controlado rigorosamente para que não se rebelde.
- c) interessa-se pela possibilidade de expansão das plantações de cana e pelo decorrente aumento da remessa do açúcar para Portugal.
- d) revela sua disposição de defender o fim da escravidão no Brasil e importar mão de obra estrangeira para ter trabalhadores mais qualificados.
- e) preocupa-se em destacar a importância do trabalho escravo na produção do açúcar e os cuidados que se deve ter no seu trato.

15. Uerj-RJ

MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES, RIO DE JANEIRO



No I Congresso Mundial das Raças, ocorrido em Londres em 1911, o médico João Baptista de Lacerda ilustrou suas reflexões sobre a sociedade brasileira analisando a tela *A redenção de Cam*, que retrata três gerações de uma família.

Essa pintura foi utilizada na época para indicar a seguinte tendência demográfica no Brasil:

- a) controle de natalidade.
- b) branqueamento da população.
- c) equilíbrio entre faixas etárias.
- d) segregação dos grupos étnicos.

16. Unesp-SP

“Ao lado do latifúndio, a presença da escravidão freou a constituição de uma sociedade de classes, não tanto porque o escravo esteja fora das relações de mercado, mas principalmente porque excluiu delas os homens livres e pobres e deixou incompleto o processo de sua expropriação.”

FRANCO, Maria Sylvania de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*, 1983.

Segundo o texto, que analisa a sociedade cafeeira no Vale do Paraíba no século XIX:

- a) a substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre assalariado freou a constituição de uma sociedade de classes durante o período cafeeiro.
- b) o imigrante e as classes médias mantiveram-se fora das relações de mercado existentes na sociedade cafeeira.
- c) o caráter escravista impediu a participação direta dos homens livres e pobres na economia de exportação da sociedade cafeeira.
- d) a inexistência de homens livres e pobres na sociedade cafeeira determinou a predominância do trabalho escravo nos latifúndios.

- e) a ausência de classes na sociedade cafeeira deveu-se prioritariamente ao fato de que o escravo estava fora das relações de mercado.

17. UEMG-MG

MUSEUS CASTRO MAYA, RIO DE JANEIRO



SOUZA, Marina de Mello. *África e Brasil africano*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2007.

Assinale, a seguir, a alternativa cuja citação faz uma referência corretamente relacionada à imagem acima apresentada:

- a) “[...] Eram eles os encarregados de todos os serviços urbanos, sobretudo do transporte de mercadorias e passageiros. Constituíam a categoria especial dos negros de ganho, [...] Passavam o dia na rua alugando seus serviços com a obrigação de entregar ao senhor uma renda diária ou semanal previamente fixada, pertencendo-lhes o excedente.” (GORENDER, Jacob. *O escravismo colonial*.)
- b) “[...] impossível estabelecer uma única motivação para as alforrias. [...] o número, as motivações, as formas e as características dos alforriados variavam em função de condições específicas, no tempo e no espaço. Estabelecer um padrão típico para as alforrias, principalmente para o período colonial, é muito difícil.” (FARIA, Sheila de C. *A mulher africana: alforria e formas de sobrevivência*.)
- c) “[...] pelas próprias características das tarefas desempenhadas, [...] eram aqueles que maior contato tinham como seus senhores, junto dos quais passavam todo dia e mesmo parte da noite, pois deviam estar atentos a qualquer chamado, independente do horário de trabalho.” (ALGRANTI, L. M. *O feitor ausente: estudo sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro*.)
- d) “[...] mulatos, cabras e crioulos forneciam o grosso dos homens empregados no controle e repressão aos africanos. Eram eles que faziam o trabalho sujo dos brancos de manter a ordem nas fontes, praças e ruas de Salvador, invadir e destruir terreiros religiosos nos subúrbios, perseguir escravos fugitivos através da província e debelar rebeliões escravas onde quer que aparecessem.” (REIS, João José. *Rebelião escrava*.)

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C5-H24

“A população negra teve que enfrentar sozinha o desafio da ascensão social, e frequentemente procurou fazê-lo por rotas originais, como o esporte, a música e a dança. Esporte, sobretudo o futebol, música, sobretudo o samba, e dança, sobretudo o carnaval, foram os principais canais de ascensão social dos negros até recentemente. A libertação dos escravos não trouxe consigo a igualdade efetiva. Essa igualdade era afirmada nas leis, mas negada na prática. Ainda hoje, apesar das leis, aos privilégios e arrogâncias de poucos correspondem o desfavorecimento e a humilhação de muitos.”

CARVALHO, J. M. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. (Adaptado)

Em relação ao argumento de que no Brasil existe uma democracia racial, o autor demonstra que:

- a) essa ideologia equipara a nação a outros países modernos.
- b) esse modelo de democracia foi possibilitado pela miscigenação.
- c) essa peculiaridade nacional garantiu mobilidade social aos negros.
- d) esse mito camuflou formas de exclusão em relação aos afrodescendentes.
- e) essa dinâmica política depende da participação ativa de todas as etnias.

19. Enem

C1-H1



Foto de Militão, São Paulo, 1879. In: ALENCASTRO, L. F. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. Império: a Corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Que aspecto histórico da escravidão no Brasil do séc. XIX pode ser identificado a partir da análise do vestuário do casal retratado?

- a) O uso de trajes simples indica a rápida incorporação dos ex-escravos ao mundo do trabalho urbano.
- b) A presença de acessórios como chapéu e sombrinha aponta para a manutenção de elementos culturais de origem africana.
- c) O uso de sapatos é um importante elemento de diferenciação social entre negros libertos ou em melhores condições na ordem escravocrata.
- d) A utilização do paletó e do vestido demonstra a tentativa de assimilação de um estilo europeu como forma de distinção em relação aos brasileiros.
- e) A adoção de roupas próprias para o trabalho doméstico tinha como finalidade demarcar as fronteiras da exclusão social naquele contexto.

20. Enem

C3-H12

Estimativa do número de escravos africanos desembarcados no Brasil entre os anos de 1846 a 1852

Ano	Número de escravos africanos desembarcados no Brasil
1846	64 262
1847	75 893
1848	76 338
1849	70 827
1850	37 672
1851	7 058
1852	1 234

Disponível em: <www.slavevoyages.org>. Acesso em: nov. 2018. (Adaptado)

A mudança apresentada na tabela é reflexo da Lei Eusébio de Queirós, que, em 1850:

- a) aboliu a escravidão no território brasileiro.
- b) definiu o tráfico de escravos como pirataria.
- c) elevou as taxas para importação de escravos.
- d) libertou os escravos com mais de 60 anos.
- e) garantiu o direito de alforria aos escravos.

PRIMEIRA REPÚBLICA: REPÚBLICA DA ESPADA

19

DA MONARQUIA À REPÚBLICA

Na segunda metade do século XIX, a economia brasileira ampliou-se e diversificou-se. Paralelamente, a sociedade brasileira também passou por intensas transformações. As novas configurações socioeconômicas levaram a uma crise da ordem monárquica, intensificada a partir de 1870. A ascendente burguesia cafeeira do Oeste Paulista reivindicava maior poder político, até então restrito à aristocracia do Vale do Paraíba e aos senhores de engenho do Nordeste canavieiro. A expansão das áreas urbanas, por sua vez, gerava uma nova parcela de setores médios, que viam na república uma chance de maior participação política.

As ideias republicanas difundiam-se cada vez mais entre diferentes parcelas da sociedade. O império entrava em choque com a Igreja, insatisfeita com as excessivas intervenções de D. Pedro II em assuntos eclesiásticos; e com o Exército, em decorrência da ascensão de novos oficiais após a Guerra do Paraguai. Era sobretudo nas forças armadas que o ideal republicano tinha maior força, em razão da forte influência da filosofia positivista francesa de Auguste Comte.

Outro fator de desagregação do Segundo Reinado foi a abolição da escravidão, em 1888. Ela representou o enfraquecimento dos produtores de café do Vale do Paraíba, os maiores aliados e principais sustentáculos da monarquia.

Assim, foi por meio de uma conspiração entre setores civis e militares, levada a cabo pelos militares, que a monarquia brasileira findou em 15 de novembro de 1889, após uma intervenção chefiada pelo marechal Deodoro da Fonseca, o primeiro presidente da república brasileira. O episódio deu início à chamada República da Espada, dividida em dois períodos: o Governo Provisório (1889-1891) e o Governo Constitucional (1891-1894). Neste último, governaram, respectivamente, Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto. O período foi marcado por conturbadas questões políticas, sociais e econômicas, sobre as quais nos deteremos neste módulo.



PRISMA ARCHIVO/LAMY STOCK PHOTO

Marechal Deodoro da Fonseca e Quintino Bocaiuva são aplaudidos pelo povo durante a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, na Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro. Gravura do século XIX, de autoria desconhecida.

- Da monarquia à república
- Desagregação da ordem monárquica
- Proclamação da República
- O novo governo
- Periodização da república
- Governo Provisório (1889-1891)
- Legitimação da república
- República da Espada
- Governo Constitucional de Deodoro da Fonseca (1891)
- Governo Floriano Peixoto (1891-1894)

HABILIDADES

- Analisar a produção da memória pelas sociedades humanas.
- Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.
- Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.
- Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.

DESAGREGAÇÃO DA ORDEM MONÁRQUICA

A monarquia brasileira, no período de 1870 a 1889, passou por uma crescente crise. O declínio do império deveu-se a vários fatores conjugados, os quais resultaram na Proclamação da República. Esses fatores podem ser assim analisados:

- **ascensão da burguesia cafeeira do Oeste Paulista** vinculada à economia agroexportadora, que sustentava economicamente a nação na segunda metade do século XIX. Essa burguesia não tinha, no entanto, poder político, o qual continuava sendo da aristocracia cafeeira do Vale do Paraíba e dos senhores de engenho do Nordeste açucareiro. Os barões do café do Oeste Paulista, ao mesmo tempo em que adotavam o trabalho assalariado em substituição ao trabalho escravo (sustentáculo da economia tradicional), aderiam ao discurso republicano, que vinha ao encontro de seus interesses;
- **ampliação dos quadros médios da sociedade brasileira** vinculados ao processo de urbanização pelo qual passava a sociedade brasileira, principalmente a região da Província de São Paulo, onde grupos médios em crescimento viam na república uma forma de possibilidade de maior participação nas decisões políticas, pois o sistema eleitoral (censitário) da Constituição imperial não lhes permitia qualquer participação;
- **abolição da escravatura**, que significou, em parte, a perda de poder da aristocracia rural do Vale do Paraíba, classe detentora e mantenedora da monarquia;
- **questão militar**, fruto da crise entre monarquia, apoiada na Marinha, e os novos oficiais do Exército em ascensão, principalmente após a Guerra do Paraguai. Nesse conflito, militares do Exército aproximavam-se cada vez mais dos ideais republicanos defendidos na Academia Militar por Benjamim Constant e inspirados na filosofia positivista. As forças armadas passaram a mostrar os entraves que a política trazia para o desenvolvimento e a modernização do país. O confronto entre militares republicanos e o governo monárquico constituía a própria questão militar;
- **questão religiosa**, resultado do desgaste das relações entre Estado e Igreja em virtude da excessiva interferência do governo nas questões eclesiais, como a episcopado-maçônica, originada pela proibição da bula papal de os maçons frequentarem culto católico e pela não aprovação por parte de D. Pedro II. A crise provocou, inclusive, prisão e condenação de dois bispos (de Belém e Olinda) por desacato às ordens do governo;
- **reflorescimento dos ideais republicanos**, que não eram novos nos ideais dos intelectuais brasileiros, pois, nos primeiros anos da monarquia, alimentaram propostas de vários movimentos revolucionários, como a Confederação do Equador, a Sabinada, a Balaiada, a Farrroupilha e a Revolu-

ção Praieira. Posteriormente, vários clubes republicanos foram criados nas cidades brasileiras, entre eles o Partido Republicano.

A Revista *Illustrada*



A grande degringolade, de Ângelo Agostini. Charge publicada em *A Revista Illustrada*, em 1885. Ângelo Agostini foi um dos mais importantes cartunistas brasileiros durante o Segundo Reinado. Ativista político favorável à abolição da escravidão, frequentemente realizava representações satíricas de D. Pedro II. Em 1876, fundou *A Revista Illustrada*, publicação satírica de forte cunho republicano e abolicionista. A charge retrata o conturbado cenário político da década de 1880 e mostra o enfraquecimento da monarquia diante das tensões políticas da época. Na legenda, lê-se: "Quando o país se resolver a quebrar os ferros e gritar: liberdade!... Que sarilho! O que será do carro do Estado, do saraiva, da monarquia, da imperial ciência, dos papos de tucanos e da tranquilidade da lavoura!"

PARTIDO REPUBLICANO

Os ideais republicanos encontravam-se presentes no Brasil desde os primeiros anos do império e ressurgiram em vários movimentos revoltosos do período regencial, sendo, porém, violentamente reprimidos. Oficialmente, as primeiras ideias do fim do império se difundiram pelo Manifesto Republicano (1870):

A centralização, tal qual existe, representa o despotismo, dá força ao poder pessoal que avassala, estraga e corrompe os caracteres. Perverte e anarquiza os espíritos, comprime a liberdade, constringe o cidadão, subordina o direito de todos ao arbítrio de um só poder, nulifica de fato a soberania nacional, mata o estímulo do progresso local, suga a riqueza peculiar das províncias, constituindo-se satélites obrigadas da Corte – centro absorvente e compressor que tudo corrompe e tudo concentra em si [...].

MANIFESTO Republicano. *A república*, Rio de Janeiro, 3 set. 1870. p. 2.



Página do jornal *A república* de 3 de setembro de 1870, contendo o Manifesto Republicano.

O trecho do documento mostra a preocupação e a crítica dos republicanos ao centralismo monárquico. De fato, o manifesto apresentava as ideias de federalismo, participação popular com o voto universal e modernização socioeconômica da nação. Em 1870, fundou-se o Partido Republicano do Rio de Janeiro. Em todo o país, surgiram diversos clubes republicanos. Em 1873, na cidade paulista de Itu, por meio da Convenção de Itu, criou-se o Partido Republicano Paulista (PRP), como oposição à monarquia. No ano da Proclamação da República, havia 273 agremiações e eram editados 77 jornais com seu ideário. Os republicanos brasileiros foram profundamente influenciados pelos ideais positivistas do filósofo Auguste Comte, preconizando que a humanidade passaria para um estágio “mais positivo”, à medida que superasse a credice e o misticismo pela explicação científica, baseada nas leis das ciências exatas, principalmente da matemática. No cerne do ideal positivista, a sociedade deveria estruturar-se de forma hierarquizada, na qual a ordem seria o alicerce do progresso (lema que se faz presente em nossa bandeira até hoje).

A desordem e toda e qualquer possibilidade de contestação e revolta significavam um não progresso, pois acreditava-se que só haveria avanço quando as classes estivessem irmanadas. Por isso, defendia-se o culto à autoridade, a inspiração nos heróis e a formação para o nacionalismo. Os ideais positivistas vinham ao encontro do pensamento militar, então em vigor na Escola Militar

e defendidos pelo tenente-coronel Benjamin Constant. Assim, a oficialidade desenvolveu o ideal de “salvação nacional”, segundo o qual o progresso do Brasil somente seria alcançado por meio da ordem criada por uma república ditatorial. Percebia-se que o movimento republicano não era coeso. Nele debatiam-se dois grupos:

- **republicanos evolucionistas** ou históricos, liderados por Quintino Bocaiuva, ligados aos cafeicultores paulistas e aos militares do Exército. Defendiam reformas paulatinas para chegar à instalação da república, principalmente pela reforma do sistema eleitoral;
- **republicanos revolucionários**, liderados por Silva Jardim, ligados às camadas médias urbanas e aos intelectuais. Pregavam a via revolucionária popular, se preciso fosse, para a implantação de uma república que quebrasse com a força da aristocracia então no poder. Os simpatizantes não possuíam tendências socialistas, embora pregassem a via revolucionária por meio da participação popular. Sua inspiração vinha sobretudo do modelo norte-americano. A respeito dessas tendências políticas e ideológicas que marcaram o surgimento da república no Brasil, o historiador José Murilo de Carvalho afirma:

A corrente jacobina dos republicanos brasileiros julgava [que a Proclamação da República deveria] ser feita revolucionariamente pelo povo lutando nas ruas e nas barricadas. O principal porta-voz dessa corrente, Silva Jardim, pregava abertamente o fuzilamento do conde d’Eu, o marido da princesa Isabel. Sendo o conde um nobre francês, seu eventual fuzilamento daria à revolução brasileira um sabor especial, pois lembraria a morte na guilhotina do rei Luís XVI [ocorrida cem anos antes]. Um ponto central da propaganda republicana era a ideia de autogoverno, do povo governando a si mesmo, do país se autodirigindo, sem necessidade de uma família real de origem europeia e de um imperador hereditário. Das três correntes principais da propaganda, a jacobina era a que atribuía maior protagonismo ao povo. A corrente mais forte era a liberal-federalista, de derivação anglo-americana. O liberalismo vinha do lado anglo, da Inglaterra; o federalismo, do lado norte-americano. O liberalismo predominou no Manifesto Republicano de 1870, mas bem representado por Saldanha Marinho, e o federalismo, no projeto de constituição dos republicanos paulistas de 1873, cujo representante mais influente era Campos Sales. Por sua ascendência liberal, oriunda dos liberais do império, ele admitia participação popular, embora sem lhe atribuir o primeiro plano, como faziam os jacobinos. Pelo lado federalista, no entanto, não havia muita simpatia pelo povo. Interessava-lhe, sobretudo, o autogoverno estadual a ser conquistado pelo federalismo. A terceira corrente era a positivista, também de filiação francesa, não da revolução, mas

do filósofo Auguste Comte. Os positivistas eram os únicos que não previam papel ativo para o povo na república. Os protagonistas do regime seriam, no campo espiritual, os próprios positivistas; no campo material, os empresários. Os positivistas não admitiam direitos, apenas deveres. O dever do povo, ou dos trabalhadores, era trabalhar. O dever dos empresários e o do Estado era cuidar do bem-estar do povo. Prometida pelas duas principais correntes da propaganda, cabe perguntar como a democracia política, a incorporação do povo, foi posta em prática pelo novo regime. A primeira década republicana foi marcada pela presença de militares no governo, por agitações, revoltas, guerras civis. O povo fez sentir sua presença durante o governo do marechal Floriano Peixoto, apoiado pelos jacobinos. A participação jacobina atingiu o ponto máximo na tentativa de assassinato do presidente Prudente de Moraes, em 1897. A partir do próximo presidente, Campos Sales, a corrente liberal-federalista, sob a hegemonia de São Paulo, passou a predominar, cada vez mais federalista, cada vez menos liberal.

CARVALHO, José Murilo de. O pecado original da república. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, p. 20-21, nov. 2005.

PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

Na segunda metade da década de 1880, a estabilidade do governo monárquico tornou-se cada vez mais crítica. Diante do crescimento das ideias republicanas e do descontentamento militar crescente, D. Pedro II convocou para a chefia do gabinete o liberal visconde de Ouro Preto, que apresentou um programa reformista de governo no qual estabeleceu:

- maior autonomia às províncias e aos municípios;
- reforma do Conselho de Estado, que perderia parte do poder político;
- liberdade de culto;
- reforma do ensino;
- mandato temporário para senadores;
- maior facilidade de crédito para o comércio e a agricultura.

A proposta de reformas era uma tentativa de neutralizar o avanço republicano, mas foi preterida pelo governo. A crise da monarquia estava intensamente ligada ao atrito entre “homens de farda” e “homens de casaca”. A crise militar foi a somatória de uma série de acontecimentos, como:

- punição imposta pelo governo ao tenente-coronel Sena Madureira, que defendia a criação do montepio (pensão) dos militares;
- divergência com o marechal Deodoro da Fonseca, presidente da Província do Rio Grande do Sul, destituído por apoiar Sena Madureira;
- insatisfação do Clube Militar do Rio de Janeiro.

A facção militar passou a comandar a oposição republicana à monarquia. Era necessário, entretanto, convencer o marechal Deodoro da Fonseca a liderar o

movimento. Deodoro hesitava, afirmando que a questão era apenas das forças armadas e bastava derrubar o ministério. Ele afirmava: “Eu queria acompanhar o caixão do imperador, que está velho e a quem respeito muito.” Por fim, o marechal concordou e liderou o movimento de 15 de novembro.

ART COLLECTION 4/ALAMY STOCK PHOTO



O último baile da Ilha Fiscal (1905), de Aurélio de Figueiredo. Óleo sobre tela, 303 cm x 708 cm. Enquanto D. Pedro II e seus convidados desfrutavam da luxuosa festa, os republicanos organizavam-se para derrubá-lo. Foi o último momento de esplendor da agonizante monarquia brasileira.

Ao retornar ao Rio de Janeiro, Deodoro foi recebido com entusiasmo pela oficialidade republicana. Diante da crise entre o Executivo e o Legislativo, D. Pedro II dissolveu a Câmara dos Deputados e convocou novas eleições, fazendo com que os civis republicanos se aproximassem ainda mais dos militares conspiradores. De fato, uma conspiração republicana preparava um golpe para 20 de novembro de 1889. Receosos de uma represália do governo em caso de descoberta, a oficialidade revoltosa recebeu o apoio de civis, como Rui Barbosa, Benjamin Constant, Aristides Lobo, Glicério e o coronel Sólton Ribeiro. Com os militares, esses intelectuais conspiravam contra o trono. A proclamação foi precedida de um boato de prisão de Deodoro por ordem do governo. A notícia levou Deodoro a agir naquela madrugada do dia 15. Tropas de Floriano Peixoto, sediadas no Palácio do Governo, aderiram ao movimento. A Marinha tentou uma pequena reação, já que era a força de apoio militar da monarquia, sendo, porém, abafada. Na tarde do dia 15, D. Pedro II foi destituído, partindo três dias depois, com toda a família, exilado para a Europa.

MUSEU REPUBLICANO/USP, ITU, SÃO PAULO



Retrato do general Deodoro da Fonseca (1892), de Henrique Bernardelli. Óleo sobre tela. Retrato de Deodoro no momento da Proclamação da República. Apesar das controvérsias, transformou-se em símbolo oficial dos republicanos.

A historiadora Lília Schwarcz observa, a respeito do episódio da Proclamação da República:

Nesse ínterim, o movimento ganhava novos adeptos, sobretudo no Exército, quando, no dia 15, o boato da prisão de Deodoro antecipa o movimento. O marechal Deodoro, após a forte boataria, entra a cavalo no quartel-general, e depois do lapso de dar vivas a Sua Majestade o imperador, à família imperial e ao Exército, prende Ouro Preto, afirmando que levaria pessoalmente a formação do novo governo ao imperador. Essa passagem é objeto de controvérsia. Segundo Lyra, a cena da entrada impetuosa no quartel, representada pela tela de Henrique Bernardelli (cujo estudo se encontra no IHGB), que mostra Deodoro, a cavalo e de barretina na mão, fazendo uma aclamação, é enganosa. Na verdade, teriam errado as interpretações ao afirmar que o quadro de Bernardelli perpetuara o grito de “viva a república” (que não houve) no Campo de Santana. Ao que parece, a república não se proclamou “no berro”, nem deu Deodoro um grito homólogo ao também suspeito grito do Ipiranga. O “viva o imperador” era regimental, significava a unificação do Exército e certa cautela com a separação. A república do Brasil não fora proclamada, mas aclamada.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 686.

A *Gazeta da Tarde*, às 18 horas do dia 15 de novembro de 1889 publicava:

A partir de hoje, 15 de novembro de 1889, o Brasil entra em nova fase, pois pode-se considerar finda a monarquia, passando a regime francamente democrático com todas as consequências da liberdade. Foi o Exército que operou esta magna transformação; assim como em 7 de abril de 1831 ele firmou a monarquia constitucional, acabando com o despotismo do primeiro imperador, hoje proclama, no meio da maior tranquilidade e com solenidade verdadeiramente imponente, que queria outra forma de governo. Assim, desaparece a única monarquia que existia na América.

O FUTURO do Brasil. *A Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1889. p. 1. (Adaptado)

Em 15 de novembro de 1889, o golpe planejado por intelectuais e militares derubou a monarquia e instituiu a república.

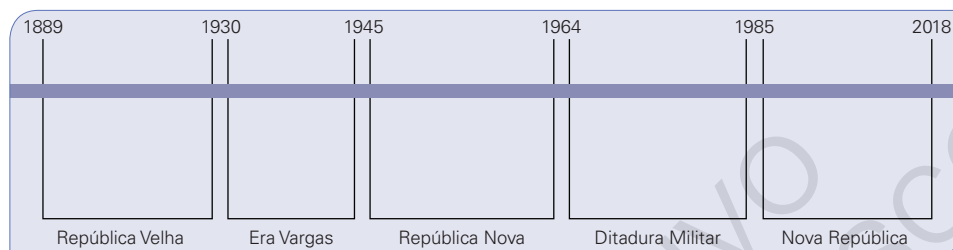


A Proclamação da República (1893), de Benedito Calixto. Óleo sobre tela, 123 cm x 200 cm. A obra é uma representação idealizada da Proclamação da República.

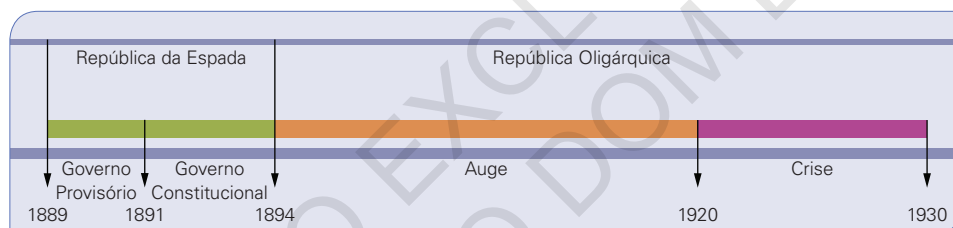
O NOVO GOVERNO

Periodização da república

Costuma-se segmentar o período republicano brasileiro em várias etapas, com finalidade didática, as quais não constituem momentos de mudanças significativas na base da sociedade brasileira. Uma divisão possível é a representada na linha do tempo a seguir:



É importante a visão de processo, e não apenas de fases. Assim como na escala anterior, costuma-se dividir a República Velha em fases, o que possibilita um estudo aprofundado desse período.



Governo Provisório (1889-1891)

No mesmo dia da Proclamação da República, foi organizado o Governo Provisório e seu primeiro decreto foi oficializar a república federativa sob a denominação de República dos Estados Unidos do Brasil, evidenciando uma nítida influência do modelo estadunidense.

Em seguida, foram tomadas outras medidas, como a grande naturalização de estrangeiros, a separação entre Igreja e Estado, a regulamentação do casamento e do registro civil, a secularização dos cemitérios, a reforma do Código Criminal, a reforma do ensino e a conversão das províncias em estados. Deodoro foi o chefe desse governo e, em seguida, colaborou na composição do ministério que governaria com ele.

O destaque desse gabinete coube a Rui Barbosa, ministro da Fazenda, responsável pela reforma bancária e financeira. Ele decretou uma reforma financeira que, pouco antes, havia sido iniciada pela monarquia. Consistia basicamente no que fora feito nos Estados Unidos durante o governo do presidente Lincoln com os *national banks*: substituía-se o ouro do lastro pelos títulos de dívida federal nas emissões bancárias. Recorrendo ao que lhe parecera um meio de salvação, Rui Barbosa assentou a garantia do meio circulante sobre títulos da dívida pública, ampliando inclusive a emissão de dinheiro por bancos autorizados, visando também à possibilidade de industrialização no país.

Entretanto, em uma sociedade que se baseou durante três séculos e meio no trabalho escravo, seria praticamente impossível que, repentinamente, o trabalho se tornasse dignificante para a elite. Dessa forma, no lugar de usar o dinheiro das emissões para a indústria, passou-se a especular na bolsa de valores, negociando ações de indústrias inexistentes. Não demorou muito para a bolsa de valores falir. Algumas indústrias que foram implantadas fecharam as portas e a população estava endividada, ao mesmo tempo que a inflação atingia elevados patamares. A crise gerada por essa política econômica passou a ser chamada de encilhamento. Realizadas as eleições em 15 de setembro de 1890, reuniu-se a Assembleia Constituinte Republicana no prazo fixado, no mesmo dia e ano. Em 24 de fevereiro de 1891, foi promulgada a Constituição republicana do Brasil, modelada na Constituição dos Estados Unidos.

Um tempo de mudanças

As instituições que vigoravam no império foram profundamente alteradas. Entre as principais modificações, destacam-se:

- substituição do unitarismo monárquico pelo federalismo;
- extinção do Poder Moderador e implantação do equilíbrio entre os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário;
- extinção da vitaliciedade do Senado, passando a ser temporário (8 anos) e implantação do sistema eleitoral com o término do voto censitário;
- alteração das eleições indiretas da monarquia para o sistema de eleições diretas a todos os cargos: o voto era universal, mas proibido a praças (soldados), mendigos, analfabetos, religiosos sujeitos a voto de obediência e mulheres;
- substituição do vínculo entre Estado e Igreja pela liberdade de culto e pelo Estado laico.



Marechal Deodoro da Fonseca (1827-1892) foi o primeiro presidente do Brasil. Coube a ele a tarefa de fazer a transição entre a monarquia e a república.



Rui Barbosa de Oliveira (1849-1923) participou ativamente da vida política brasileira, disputando, inclusive, o cargo de presidente da república.

Entre o texto constitucional e a realidade política e socioeconômica do país, as diferenças eram enormes e tornou-se impossível aplicar, na prática, o que a Constituição em teoria havia assegurado. Pelas regras estipuladas em relação ao direito de voto, apenas 4% da população estava enquadrada. O federalismo necessitava de um mínimo de uniformidade econômica para funcionar, o que, na realidade, estava longe de existir. Na prática, ao conceder autonomia política e administrativa aos estados, o país entrava em uma situação que beneficiaria os mais ricos e populosos da federação, capazes de eleger o presidente da república e assegurar uma bancada majoritária na Câmara dos Deputados. De acordo com a Constituição, o primeiro presidente e o vice da república seriam escolhidos pelo voto indireto da Assembleia Constituinte. Foram eleitos marechal Deodoro da Fonseca para a presidência e marechal Floriano Peixoto para a vice.

LEGITIMAÇÃO DA REPÚBLICA

A Proclamação da República ocorreu sem a participação popular, em vários aspectos ainda favorável à manutenção da monarquia. Isso gerou a necessidade da formação do pensamento republicano no seio da sociedade. Nesse sentido, o historiador José Murilo de Carvalho afirma:

A luta em torno do mito de origem da república mostrou a dificuldade de construir um herói para o novo regime. Heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos. Não há regime que não promova o culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico. Em alguns, os heróis surgiram quase espontaneamente das lutas que precederam a nova ordem das coisas. Em outros, de menor profundidade popular, foi necessário maior esforço na escolha e na promoção da figura do herói.

É exatamente nesses últimos casos que o herói é mais importante. A falta de envolvimento real do povo na implantação do regime leva à tentativa de compensação, por meio da mobilização simbólica. Mas, como a criação de símbolos não é arbitrária, não se faz no vazio social, é aí também que se colocam as maiores dificuldades na construção do panteão cívico. Herói que se preze tem de ter, de algum modo, a cara da nação. Tem de responder a alguma necessidade ou aspiração coletiva, refletir algum tipo de personalidade ou comportamento que corresponda a um modelo coletivamente valorizado. [...] O domínio do mito é o imaginário que se manifesta na tradição escrita e oral, na produção artística, nos rituais. A formação do mito pode se dar contra a evidência documental; o imaginário pode interpretar evidências segundo mecanismos simbólicos que lhe são próprios e que não o enquadram necessariamente na retórica da narrativa histórica.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 50.

REPÚBLICA DA ESPADA

GOVERNO CONSTITUCIONAL DE DEODORO DA FONSECA (1891)

O governo de Deodoro da Fonseca começou apresentando sinais de crise, pois, durante a eleição no Congresso, correram rumores de que, se Deodoro fosse derrotado, a Constituinte seria fechada e o marechal seria aclamado ditador pelos militares. Isso fez com que setores oposicionistas votassem em Deodoro a fim de evitar uma possível ditadura ou até uma revolta armada. A rejeição do Congresso ao presidente eleito tornou-se cada vez mais consistente, com a moção em memória de Benjamin Constant como “belo modelo de virtudes aos presidentes”. Assim, a recepção do Congresso a Deodoro foi fria em sua chegada, enquanto Floriano Peixoto recebeu uma calorosa salva de palmas.

Foi inevitável o choque entre o presidente e o Congresso, acrescentando-se ainda a falta de “jogo de cintura” de Deodoro, caracterizado como militar exemplar e apegado à disciplina do quartel. Em virtude das críticas, Deodoro resolveu substituir o ministério que vinha desde o Governo Provisório por outro, sob o comando de um tradicional político monarquista: o barão de Lucena. Esse fato aumentou a tensão no Congresso, pois lembrou a maneira pela qual se organizavam os gabinetes da monarquia, e, ao mesmo tempo, sem atender aos interesses políticos, desencantando os republicanos e afastando do presidente a juventude militar.

Em 3 de novembro de 1891, Deodoro fechou o Congresso, prometendo novas eleições e uma revisão na Constituição. Nas palavras do presidente, essa última seria no sentido de “fortalecimento do Poder Executivo da União e de uma comedida autonomia dos estados, sem os exageros de soberania que trariam fatalmente a dissolução nacional”. O país ficou indiferente ao golpe de Deodoro, com exceção do Rio Grande do Sul, onde parecia ocorrer uma tentativa de oposição por meio de luta armada; e do Pará, onde governava Lauro Sodré, positivista e antigo secretário de Benjamin Constant e do almirante Custódio de Melo e que ameaçou se revoltar comandando um levante da Marinha. Ao mesmo tempo, a crise econômica provocada pelo encilhamento aumentava em razão das várias falências. Em 21 de novembro, Deodoro ordenou a convocação de novas eleições a serem realizadas em 1892. No dia seguinte, os ferroviários decretaram greve e a Marinha, comandada pelo almirante Custódio de Melo, iniciou a Primeira Revolta da Armada, ameaçando prender o presidente e bombardear o Rio de Janeiro se ele não abdicasse. Sem qualquer apoio, Deodoro renunciou em 23 de novembro, entregando a presidência a Floriano.

GOVERNO FLORIANO PEIXOTO (1891-1894)

Floriano Peixoto assumiu o governo em condições difíceis. Além da crise política, arrastava-se uma grave

crise econômica desde o encilhamento. Colocou nos governos estaduais homens de sua confiança e deu início a medidas econômicas de caráter popular, como redução dos aluguéis de trabalhadores, redução do preço de artigos alimentícios e construção de casas populares em substituição às precárias moradias conhecidas como “cabeça de porco”.



MUSEU PAULISTA DA USP, SÃO PAULO

Floriano Peixoto (1839-1895). Nas palavras do historiador Boris Fausto, em *História do Brasil*: “a elite de São Paulo via na figura de Floriano a possibilidade mais segura de garantir a sobrevivência da república a partir do poder central. Floriano, por sua vez, percebia que sem o PRP não teria base política para governar”.

Nos primeiros dias de janeiro de 1892, apareceram na imprensa insinuações no sentido de se respeitar a Constituição e de se proceder a novas eleições presidenciais. O Artigo 42 da Carta Magna de 1891 estabelecia que, no caso de vacância do cargo de presidente da república antes de cumprido dois anos de mandato, proceder-se-ia a uma nova eleição. Deodoro renunciara no primeiro ano de governo. Partidários da continuação de Floriano para que completasse os quatro anos de presidência recebavam um novo pleito e alardeavam o Artigo 42, baseando-se nas Disposições Transitórias do texto constitucional. Nestas, prescrevia-se a norma para a primeira eleição feita no Congresso e determinava-se que o presidente e o vice-presidente eleitos na forma desse artigo ocupariam a presidência e a vice-presidência durante o primeiro período presidencial. Eram possíveis duas interpretações, mas o Congresso decidiu que valia o sentido das Disposições Transitórias da Constituição.

Em abril do mesmo ano, treze generais, baseados na outra interpretação, enviaram a Floriano uma mensagem em que solicitavam a realização de novas eleições para a presidência. O presidente mandou prender e, em seguida, reformar os generais revoltosos. Em fevereiro de 1893, eclodiu no Rio Grande do Sul um violento conflito entre dois partidos políticos: o Republicano Gaúcho, apoiado por Floriano; e o Federalista, representado pelos tradicionais estancieiros gaúchos. Esse

último fora fundado no ano anterior por Silveira Martins e almejava aumentar o poder estadual, diminuído pelo centralismo do governo de Floriano Peixoto. Em resposta, com total apoio de Floriano, Júlio de Castilhos, do Partido Republicano, assumiu a presidência do Rio Grande do Sul (os “governadores” eram chamados de presidentes de estados) e passou a perseguir seus adversários políticos. Acuados, estancieiros liderados por Silveira Martins iniciaram uma revolta contra o governo de Castilhos visando instituir um governo parlamentar.

ALAMY STOCK PHOTO



Gumercingo Saraiva, um dos líderes da Revolução Federalista. O terceiro sentado, da esquerda para a direita, cercado por altos comandantes do exército maragato. O conflito representou o choque entre as oligarquias estaduais e o poder central.

Ao mesmo tempo em que o governo de Floriano enfrentava os federalistas no Sul, eclodia a Segunda Revolta da Armada no Rio de Janeiro. A Marinha, mais elitizada que o Exército, não participara do processo da proclamação e havia perdido prestígio no período imperial. A Primeira Revolta da Armada havia obrigado Deodoro a renunciar, mas não apoiava Floriano e queria o cumprimento da Constituição, em especial Custódio de Melo, que exigia a convocação de novas eleições presidenciais, pois alimentava o projeto de tornar-se presidente.

Entre setembro e dezembro de 1893, Custódio de Melo ameaçou bombardear o Rio de Janeiro enquanto Floriano articulava a reação, inclusive com navios estrangeiros. O almirante Saldanha da Gama, também rebelado, assumiu o comando de parte da esquadra, tomou várias ilhas na Baía da Guanabara e dirigiu-se a Florianópolis, onde uniu-se aos federalistas. Em 1894, a reação de Floriano resultou na Tomada de Desterro, que alguns anos após seria renomeada como Florianópolis em homenagem ao marechal, enquanto Saldanha da Gama era morto no Sul. Floriano Peixoto, alegando a necessidade de um governo forte e capaz de consolidar a república, concluiu o mandato de Deodoro em 1894. Federalistas e republicanos autênticos se decepcionaram com a forma como se articulava o novo governo.

No Rio Grande do Sul, a Revolução Federalista, sob a liderança de Gumercingo Saraiva, atingiu Santa Catarina e Paraná. O Cerco da Lapa, o heroísmo do coronel Gomes Carneiro, a morte do barão do Serro Azul e a violência da reação florianista em Santa Catarina foram momentos marcantes e sangrentos desse conflito. Na cidade de Desterro, tropas legalistas fizeram uma verdadeira degola. Floriano Peixoto, o “Marechal de Ferro”, consolidou a república e a defesa dos ideais republicanos.

No fim do mandato, Floriano foi apoiado por muitos militares a permanecer na presidência, surgindo aí um movimento que entraria para a história do Brasil com o nome de “florianismo”. Por outro lado, o marechal havia assumido, em 1891, um compromisso com os paulistas de devolver o poder aos civis no fim de seu governo. Confiante de que o militar cumpriria o acordo firmado, o Partido Republicano Paulista (PRP) indicou Prudente de Moraes para a sucessão presidencial. A vitória do paulista levou os florianistas a planejar um golpe para impedir sua posse. Contudo, Floriano manteve a palavra, frustrando o possível golpe militar. Encerrou-se o período chamado República da Espada e a oligarquia cafeeira, por meio do PRP, tornou-se soberana no poder.

ROTEIRO DE AULA

PRIMEIRA REPÚBLICA: REPÚBLICA DA ESPADA

Antecedentes

Questão militar: Disputas entre militares e império, sobretudo após a Guerra do Paraguai. Adesão de militares ao republicanismo por meio do ideal positivista.

Questão religiosa: Desgaste das relações entre Estado e Igreja e pela excessiva interferência do governo nas questões eclesiásticas.

Difusão de ideais republicanos: Presentes durante todo o império, fortaleceram-se na década de 1870, quando foram criados clubes e partidos republicanos.

Abolição da escravidão: Decadência das elites do Vale do Paraíba, principais apoiadoras e mantenedoras do império.

Novas configurações sociais: Ascensão da burguesia cafeeira do Oeste Paulista. Urbanização e ampliação dos quadros médios da sociedade.

Manifesto Republicano: Escrito pelo Partido Republicano do Rio de Janeiro. Criticava o centralismo monárquico.

Diferentes tendências republicanas: Jacobina, liberal-federalista e positivista.

Proclamação da República (1889): Conspiração entre civis e militares. Em 15 de novembro, D. Pedro II é destituído do poder por movimentação das tropas de Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto. Há uma pequena reação da Marinha, aliada da monarquia, rapidamente abafada. Não houve participação da população, que "assistiu a tudo bestializada".

ROTEIRO DE AULA

Periodização

Governo Provisório (1889-1891): Marechal Deodoro chefe de governo. Rui Barbosa, ministro da Fazenda, estabeleceu a política econômica do encilhamento, que levou à falência da bolsa de valores e a uma grave crise inflacionária. Constituição Republicana promulgada em fevereiro de 1891. Eleição indireta elege Deodoro da Fonseca presidente e Floriano Peixoto vice.

Governo Deodoro da Fonseca (1891): Relação tensa e conflituosa entre o presidente e o Congresso. Grave crise econômica em decorrência do encilhamento. Greve de ferroviários e revolta da Marinha. Sem apoio, Deodoro renuncia em novembro de 1891.

Governo Floriano Peixoto (1891-1894): Governo conturbado. Reivindicam-se novas eleições. O Congresso mantém Floriano no poder. A Revolução Federalista no Rio de Grande do Sul expande-se para Santa Catarina e Paraná. Segunda Revolta da Armada, em Santa Catarina. O governo toma a cidade de Desterro, que passa a se chamar Florianópolis. Ao fim do governo, Floriano cumpre a promessa de devolver o poder a civis e o Partido Republicano Paulista chega ao poder com a eleição de Prudente de Moraes.

Legitimação da república: Em virtude da ausência de participação popular na Proclamação da República, os militares precisaram criar símbolos e imagens que valorizassem a imagem do Exército. Um dos principais exemplos foi a transformação de Tiradentes em herói nacional, uma vez que ele era um militar que, na colônia, participara de um levante de cunho republicano.

Constituição republicana de 1891: Aboliu o voto censitário, porém proibiu o voto de mulheres, soldados, religiosos, mendigos e analfabetos, restringindo a participação democrática a uma pequena parcela da população.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Unesp-SP

“O Rio de Janeiro dos primeiros anos da república era a maior cidade do país, com mais de 500 mil habitantes. Capital política e administrativa, estava em condições de ser também, pelo menos em tese, o melhor terreno para o desenvolvimento da cidadania. Desde a independência e, particularmente, desde o início do Segundo Reinado, quando se deu a consolidação do governo central e da economia cafeeira na província adjacente, a cidade passou a ser o centro da vida política nacional. O comportamento político de sua população tinha reflexos imediatos no resto do país. A Proclamação da República é a melhor demonstração dessa afirmação.”

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*, 1987.

A Proclamação da República, em 1889:

- expressou a interferência norte-americana e reduziu a influência britânica nos assuntos internos do país.
- teve forte participação dos sindicatos operários da capital e ampliou os direitos de cidadania no Brasil.
- representou o fim da hegemonia das elites cafeeiras e açucareiras na condução da política brasileira.
- foi rejeitada e combatida militarmente pelos principais clérigos católicos no Brasil e no exterior.
- resultou da ação de um setor das forças armadas e contou com o apoio de grupos políticos da capital.

A Proclamação da República resultou da ação de militares como Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, contando ainda com o apoio de setores civis descontentes com a política imperial.

2. Unicamp-SP – Compare as duas ilustrações de Ângelo Agostini (1843-1910) sobre o reconhecimento da república brasileira pela Argentina (fig. 1) e pela França (fig. 2):

Fig. 1:

BIBLIOTECA NACIONAL, RIO DE JANEIRO



Ângelo Agostini.
Reconhecimento da república brasileira pela Argentina, em *Revista Ilustrada*, dez. 1889.

Fig. 2:

BIBLIOTECA NACIONAL, RIO DE JANEIRO



Ângelo Agostini.
Reconhecimento da república brasileira pela França, em *Revista Ilustrada*, dez. 1889.

Assinale a alternativa correta:

- As alegorias expressam visões diferentes sobre o imaginário da república brasileira: na primeira ela é representada com um olhar de proximidade, e, na segunda, o olhar expressa admiração, remetendo à

visão corrente do gravurista sobre as relações entre Brasil, França e Argentina.

- O reconhecimento da França traz a confraternização entre dois países com tradições políticas muito diferentes, porém unidos pelo constitucionalismo monárquico e posteriormente pelo ideário republicano.
- No reconhecimento da Argentina ao regime republicano brasileiro, as duas repúblicas ocupam a mesma posição, indicando ter a mesma idade de fundação do regime e a similaridade de suas histórias de passado colonial ibérico.
- As duas imagens usam a figura feminina para representar as três repúblicas, característica não usual para a representação artística do ideário republicano, protagonizado por lideranças masculinas.

Na primeira imagem, as duas figuras femininas que representam as repúblicas brasileiras e argentina possuem a mesma estatura e a mesma postura. Olham-se de frente e de maneira firme enquanto apertam as mãos, o que transmite as ideias de igualdade e de proximidade entre os dois países. Já na segunda imagem, a figura que carrega a bandeira do Brasil possui estatura menor do que a figura que representa a república francesa. O Brasil ergue a cabeça para dirigir um olhar de admiração à França, que retribui com um olhar de aprovação. Na imagem, fica claro que a jovem república do Brasil vê na França um exemplo a ser seguido, de republicanismo já maduro e consolidado. É importante relembrar que a França era o país de origem do positivismo, principal corrente ideológica que orientou o pensamento republicano brasileiro.

3. Unesp-PR

“A república, todavia, foi fruto muito mais da insatisfação gerada pela incapacidade do Estado imperial de articular as velhas e novas demandas – de sua crise de legitimidade – do que da crença geral e efetiva nas vantagens do regime republicano”.

BASILE, Marcello. *O Império Brasileiro: panorama político*. In: LINHARES, Maria Y. (Org.). *História geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990. p. 294.

O trecho acima se refere à Proclamação da República, ocorrida em 1889, no Brasil. Sobre esse acontecimento e os eventos que o antecedem e lhe são subsequentes, assinale a alternativa incorreta:

- A Proclamação da República não contou com a participação massiva da população. Longe disso, foi promovida pela elite militar com o apoio de grupos econômica e politicamente importantes de setores agrários e urbanos.
- A questão religiosa, que retirou do imperador a prerrogativa de nomear cargos eclesiais e de submeter as bulas papais ao seu parecer (padroado e benelácito, respectivamente), efetivou a separação entre Estado e religião, tornando-o, imediatamente, laico.
- Preceitos do positivismo, como ordem, hierarquia, progresso, tecnicismo, subordinação da política à moral, entre outros, influenciaram o movimento republicano e a tomada do poder pelos militares.
- Uma das preocupações imediatas do governo republicano foi criar um sentimento de nacionalismo e de aproximação da população com o novo regime político, que se materializou, por exemplo, no desenvolvimento de símbolos e heróis nacionais.
- Pouco antes da abolição da escravidão (1888), a causa abolicionista recebeu a adesão de importantes setores sociais e políticos, como o Partido Liberal, o Partido Republicano e de muitos estudantes e profissionais liberais, o que aumentou o desgaste político do governo imperial.

O Estado brasileiro não se tornou laico imediatamente após a questão religiosa do fim do Segundo Reinado, mas apenas após a Proclamação da República de 1889 e a instauração do Governo Provisório (1889-1891).

4. UFU-MG

“Enfim, sabemos que a ‘história nacional’ e a ‘cultura brasileira’ não eram entidades naturais. E todo o esforço dos homens de letras foi o de transformar determinados valores, personagens, sentimentos e acontecimentos em tradições que deveriam por sua vez ser experimentadas e guardadas como entidade natural. Se essas tradições correspondiam ou não à verdade dos acontecimentos não importa, nem constitui uma questão, na medida em que elas não visavam a descrever uma realidade, mas sim conferir-lhe um sentido, bem como produzir a solidariedade social e viabilizar um projeto coletivo, de nação e de república.”

DANTAS, Carolina Vianna. Cultura história, república e o lugar dos descendentes de africanos na nação. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (Org.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 245. (Adaptado)

A transição para a república, no Brasil, também foi marcada por batalhas de memórias e pela criação e recriação de mitos políticos entre os grupos políticos que procuravam afirmar seu poder. Essa dimensão simbólica pode ser ainda exemplificada:

- a) pela forte expansão do positivismo e pelo grande número de igrejas positivistas na cidade do Rio de Janeiro.
- b) pela reabilitação de personagens importantes do período colonial que eram identificados com a causa republicana, como Tiradentes.
- c) pelo esvaziamento das forças militares responsáveis pela proclamação, cada vez mais vistas como retrógradas e incapazes de promover o republicanismo.
- d) pela realização de uma síntese cultural que gera, nos séculos medievais, uma cultura peninsular mais pobre do que em qualquer outra parte da cristandade ocidental.

Nos primeiros anos da república, a figura de Tiradentes foi retomada e valorizada pela história oficial. Tiradentes era um militar, logo, ao ser alçado à categoria de herói da nação, foi útil para a construção de uma imagem positiva do Exército, principal ator na Proclamação da República de 1889. A Inconfidência Mineira de 1789, da qual Tiradentes fez parte, foi um movimento de caráter emancipacionista e republicano e, por isso, foi escolhida como um marco inaugural do republicanismo no Brasil, a ser valorizado pela república proclamada um século mais tarde.

5. USC-RS – Sobre o movimento republicano no Brasil, é correto afirmar que:

- a) foi acompanhado de forte mobilização popular, uma vez que grande parte dos brasileiros estava cansada do pagamento de pesados impostos para a manutenção da Corte imperial.
- b) aconteceu de forma integrada à campanha abolicionista, uma vez que os líderes tinham os mesmos interesses, o que acabou confundindo um movimento com o outro e propiciando o fortalecimento de ambos.
- c) ganhou força a partir da criação do Partido Republicano Paulista, em 1873, apoiado no poder econômico dos cafeicultores paulistas e na ação dos estudantes e professores da Faculdade de Direito de São Paulo.

d) temeu a ocorrência de tumultos e, consequentemente, prejuízos econômicos, por isso, as camadas médias da população urbana se mantiveram afastadas.

e) sofreu com prisões, fechamento de jornais, sedes de clubes e de partidos favoráveis à monarquia.

O Partido Republicano Paulista foi um dos principais agentes na difusão dos ideais republicanos e na posterior implementação da república a partir de 1889. Era constituído sobretudo por cafeicultores do Oeste do estado, que se opunham ao império, pois desejavam maior participação política, então restrita às elites do Vale do Paraíba e aos senhores de engenho nordestinos.

6. Enem

C1-H2

I.

“Para consolidar-se como governo, a república precisava eliminar as arestas, conciliar-se com o passado monarquista, incorporar distintas vertentes do republicanismo. Tiradentes não deveria ser visto como herói republicano radical, mas sim como herói cívico-religioso, como mártir, integrador, portador da imagem do povo inteiro”.

CARVALHO, J. M. C. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

II.

“Ei-lo, o gigante da praça, / O Cristo da multidão!

É Tiradentes quem passa / Deixem passar o Titão.”

ALVES, C. Gonzaga ou a revolução de Minas. In: CARVALHO, J. M. C. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

A 1ª República brasileira, nos seus primórdios, precisava constituir uma figura heroica capaz de congregar diferenças e sustentar simbolicamente o novo regime. Optando pela figura de Tiradentes, deixou de lado figuras como frei Caneca ou Bento Gonçalves. A transformação do inconfidente em herói nacional evidencia que o esforço de construção de um simbolismo por parte da república estava relacionado:

- a) ao caráter nacionalista e republicano da Inconfidência, evidenciado nas ideias e na atuação de Tiradentes.
- b) à identificação da Conjuração Mineira como o movimento precursor do positivismo brasileiro.
- c) ao fato de a Proclamação da República ter sido um movimento de poucas raízes populares, que precisava de legitimação.
- d) à semelhança física entre Tiradentes e Jesus, que proporcionaria, a um povo católico como o brasileiro, uma fácil identificação.
- e) ao fato de frei Caneca e Bento Gonçalves terem liderado movimentos separatistas no nordeste e no sul do país.

A transformação de Tiradentes em um herói nacional fez parte da estratégia de legitimação da república e de construção de uma imagem positiva sobre os militares brasileiros, principais agentes na Proclamação da República e que ocuparam o poder em seus primeiros anos. Como a proclamação ocorreu sem a participação popular, era necessário forjar um imaginário que abarcasse essa parcela da população, aproximando-a do novo regime político.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Analisar a produção da memória pelas sociedades humanas.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Unesp-SP

“Não há dúvida de que os republicanos de São Paulo e do Rio de Janeiro representavam preocupações totalmente distintas. Enquanto os republicanos da capital, ou melhor, os que assinaram o Manifesto de 1870, refletiam as preocupações de intelectuais e profissionais liberais urbanos, os paulistas refletiam preocupações de setores cafeicultores de sua província. [...] A principal preocupação dos paulistas não era o governo representativo ou direitos individuais, mas simplesmente a federação, isto é, a autonomia estadual.”

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem*, 1980.

As diferenças entre os republicanos de São Paulo e do Rio de Janeiro, nas décadas de 1870 e 1880, podem ser explicadas, entre outros fatores:

- pelo interesse dos paulistas em reduzir a interferência do governo central nos seus assuntos econômicos e em concentrar, na própria província, a maior parte dos recursos obtidos com exportação.
- pela disposição dos intelectuais da capital de assumir o controle pleno da administração política nacional e de eliminar a hegemonia econômica dos cafeicultores e comerciantes de São Paulo.
- pela ausência de projetos políticos nacionais comuns aos representantes de São Paulo e do Rio de Janeiro e pela defesa pragmática dos interesses econômicos das respectivas províncias.
- pelo esforço dos paulistas em eliminar as disparidades regionais e em aprofundar a unidade do país em torno de um projeto de desenvolvimento econômico nacional.
- pela presença dos principais teóricos ingleses e franceses do liberalismo no Rio de Janeiro e por sua influência junto à intelectualidade local e ao governo monárquico.

8. UFG-GO – Leia o texto a seguir:

“Assim, o esforço de promoção desses candidatos a heróis resultou em muito pouco. A pequena densidade histórica do 15 de novembro não fornecia terreno adequado para a germinação de mitos. A busca de um herói para a república acabou tendo êxito onde não o imaginavam muitos dos participantes da proclamação.”

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 57. (Adaptado)

Um dos grandes desafios vividos pelos fundadores da república no Brasil foi construir um personagem que pudesse representar o imaginário popular do novo regime. Esse personagem foi encontrado em:

- Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, que foi martirizado após lutar contra a dominação portuguesa na Capitania de Minas.
- Benjamim Constant, engenheiro e matemático que ajudou a divulgar as ideias republicanas na Academia Militar do Rio de Janeiro.
- Florian Peixoto, que defendeu o regime republicano contra a restauração monárquica na Revolta da Armada.
- Rui Barbosa, jurista que representou Pedro II nos acordos internacionais que se seguiram ao final da Guerra do Paraguai.
- Joaquim Nabuco, líder abolicionista e monarquista que se converteu aos ideais republicanos no ocaso do império.

9. PUC-RS – A Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, exigiu que o país adotasse um novo texto constitucional. Sobre a nova Constituição, aprovada em 1891, podemos afirmar que:

- instituiu uma república federativa no Brasil, transformando as antigas províncias em estados, mas sem conferir-lhes grande autonomia, pois eles permaneceram dependentes do governo federal para prover suas despesas administrativas.
- estabeleceu o direito de voto para todos os cidadãos maiores de 21 anos; entretanto, o contingente de eleitores era restrito, pois estavam excluídos os analfabetos, as mulheres e os mendigos, que constituíam a maioria da população brasileira.
- implementou o regime republicano, com a eleição direta para presidente da república, para o Senado e para a Câmara Federal, sendo que os estados também podiam eleger seus governadores e suas Assembleias Legislativas, mas não podiam dispor de uma Constituição própria.
- estabeleceu a separação entre o Estado e a Igreja Católica, mas o catolicismo continuou sendo considerado a religião oficial do país, tendo em vista o receio dos novos dirigentes republicanos de que as religiões protestantes, introduzidas pelos imigrantes europeus, dividissem a população brasileira.
- aceitou a livre associação e a reunião dos cidadãos brasileiros – exceto em casos de mobilização sediciosa –, tendo sido, por isso, considerada uma Constituição liberal; mas também mostrou seu lado conservador ao não instituir o *habeas corpus*, por julgá-lo excessivamente perigoso à ordem social.

10. Unesp-SP – Não foi senão em 1888 que se registrou um esforço bem-sucedido de reforma, liderado pelo visconde de Ouro Preto e pelo Partido Liberal. Um fator sugeriu a necessidade de reforma monetária. A escravidão tinha sido abolida em 1888. A transição para uma economia monetária nas fazendas de café seria feita com base na atração de imigrantes europeus. Com a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, Rui Barbosa foi nomeado ministro da Fazenda e continuou as reformas de Ouro Preto.

O excerto refere-se ao conjunto de modificações históricas ocorridas no Brasil, no final do século XIX. Descreve, mais particularmente, a reforma na área econômica implementada pelo último gabinete do império e pelo primeiro governo da república, que consistiu na:

- implementação de uma política de emissão de moedas, fato que gerou uma diminuição do poder de compra da população.
- aplicação de uma política deflacionária, com a retirada do mercado de grande volume de dinheiro.
- compra do estoque excedente de café retido nas fazendas paulistas, com o objetivo de ajudar monetariamente os fazendeiros atingidos pela abolição.
- contração dos créditos por meio do estabelecimento de um único banco emissor de dinheiro, objetivando, assim, retirar do mercado os empresários incompetentes.
- ampliação do auxílio aos imigrantes europeus recém-chegados ao Brasil, com o aumento de seus ganhos monetários.

14. PUC-RS – Proclamada em 1889, a república brasileira, de acordo com os seus propagandistas, deveria representar a instauração do governo do país pelo povo, sem a interferência dos privilégios monárquicos. No entanto, apesar das expectativas levantadas entre os que tinham sido excluídos pelo sistema eleitoral do império, pouca coisa mudou com o novo regime. Legalmente, a Constituição republicana de 1891 eliminou apenas o voto censitário. Isso significa que:

- () as eleições seriam realizadas após o recenseamento da população do país.
- () para ser eleitor não era mais necessário ter uma determinada renda anual.
- () o voto tornou-se extensivo aos mendigos e aos soldados.
- () os membros de ordens religiosas poderiam votar.
- () os analfabetos e os maiores de 16 anos poderiam votar.

O correto preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) F – V – V – F – V.
- b) F – V – F – F – F.
- c) V – V – F – V – F.
- d) V – F – V – V – V.
- e) V – F – F – F – F.

15. UEG-GO – Analise as caricaturas abaixo:



O primeiro presidente tinha a pedra no sapato.

O segundo tinha uma energia de pedra.



O terceiro tinha a pedra na bexiga.

O quarto (minguante) tem a pedra do Sylvestre.

PEDERNEIRAS, Raul. Charges publicadas em *O Tagarela* em 3 de maio de 1902. In: LUSTOSA, Isabel. *História de presidentes*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. p. 55.

As charges acima ironizam os primeiros presidentes da república brasileira. Nesse sentido, a “pedra no sapato” do “primeiro presidente” representa um desafio enfrentado durante o seu governo. Este desafio foi a:

- a) crise econômico-financeira do encilhamento.

- b) política dos governadores.
- c) Revolta de Canudos.
- d) Revolução Federalista no Rio Grande do Sul.

16. Unicentro-PR – A cidade de Lapa tem uma página épica de sua história, nas lutas que ali se desenrolaram por ocasião da Revolução Federalista, no ano de 1894.

“No início daquele ano, a parte sul do município foi invadida pelas tropas revolucionárias rio-grandenses. Então, de um momento para o outro, a pacífica e calma cidade campesina foi transformada em autêntica praça de guerra, onde, por vários dias seguidos, se verificaram sangrentos acontecimentos.”

(O CERCO..., 2011).

A Revolução Federalista (1893-1895), iniciada no Rio Grande do Sul, atingiu o interior do Paraná, produzindo o cerco da Lapa, que teve como fator motivante:

- a) o confronto entre republicanos x federalistas, resultante das divergências políticas entre os componentes da oligarquia de proprietários rurais do Rio Grande do Sul.
- b) a resistência dos estados da Região Sul do Brasil contra a ocupação das fronteiras do país por tropas uruguaias.
- c) o projeto do governo federal de redistribuição dos latifúndios gaúchos entre camponeses destituídos de terras.
- d) a luta da Marinha brasileira contra setores da população que apoiavam o então presidente Floriano Peixoto.
- e) a política de expansão territorial do Paraná, em direção às terras catarinenses e gaúchas.

17. Unesp-SP

“‘Confeitaria do Custódio’. Muita gente certamente lhe não conhecia a casa por outra designação. Um nome, o próprio nome do dono, não tinha significação política ou figuração histórica, ódio nem amor, nada que chamasse a atenção dos dois regimes, e consequentemente que pusesse em perigo os seus pastéis de Santa Clara, menos ainda a vida do proprietário e dos empregados. Por que é que não adotava esse alvitre? Gastava alguma coisa com a troca de uma palavra por outra, Custódio em vez de império, mas as revoluções trazem sempre despesas.”

ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó*. In: *Obra completa*, 1904.

O fragmento, extraído do romance *Esau e Jacó*, de Machado de Assis, narra a desventura de Custódio, dono de uma confeitaria no Rio de Janeiro, que, às vésperas da Proclamação da República, mandou fazer uma placa com o nome “Confeitaria do Império” e agora temia desagradar ao novo regime. A ironia com que as dúvidas de Custódio são narradas representa o:

- a) desconsolo popular com o fim da monarquia e a queda do imperador, uma personagem política idolatrada.
- b) respaldo da sociedade com que a Proclamação da República contou e que a transformou numa revolução social.
- c) alheamento de parte da sociedade brasileira diante do conteúdo ideológico da mudança política.
- d) reconhecimento, pelos cidadãos brasileiros, da ampliação dos direitos de cidadania trazidos pela república.
- e) impacto profundo da transformação política no cotidiano da população, que imediatamente apoiou o novo regime.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C3-H13

“Enfermo a 14 de novembro, na segunda-feira o velho Lima voltou ao trabalho, ignorando que no entretanto caíra o regime. Sentou-se e viu que tinham tirado da parede a velha litografia representando D. Pedro de Alcântara. Como na ocasião passasse um contínuo, perguntou-lhe:

– Por que tiraram da parede o retrato de Sua Majestade?

O contínuo respondeu, num tom lentamente desdenhoso:

– Ora, cidadão, que fazia ali a figura do Pedro Banana?

– Pedro Banana! – repetiu raivoso o velho Lima.

E, sentando-se, pensou com tristeza:

– Não dou três anos para que isso seja uma república!”

AZEVEDO, A. *Vidas alheias*. Porto Alegre, 1901. In: THORN, J. *Guia do café*. Lisboa: Livros e Livros, 1998. (Adaptado)

A crônica de Artur Azevedo, retratando os dias imediatos à instauração da república no Brasil, refere-se ao(à):

- ausência de participação popular no processo de queda da monarquia.
- tensão social envolvida no processo de instauração do novo regime.
- mobilização de setores sociais na restauração do antigo regime.
- temor dos setores burocráticos com o novo regime.
- demora na consolidação do novo regime.

19. Enem

C3-H12

“O artigo 402 do Código Penal Brasileiro de 1890 dizia: ‘Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação de capoeiragem: andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens. Pena: Prisão de dois a seis meses.’”

SOARES, C. E. L. *A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro (1850-1890)*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994. (Adaptado)

O artigo do primeiro Código Penal Republicano naturaliza medidas socialmente excludentes. Nesse contexto, tal regulamento expressava:

- a manutenção de parte da legislação do império com vistas ao controle da criminalidade urbana.
- a defesa do retorno do cativo e escravidão pelos primeiros governos do período republicano.
- o caráter disciplinador de uma sociedade industrializada, desejosa de um equilíbrio entre progresso e civilização.
- a criminalização de práticas culturais e a persistência de valores que vinculavam certos grupos ao passado de escravidão.

20. Enem

C5-H24

A definição de eleitor foi tema de artigos nas Constituições brasileiras de 1891 e de 1934. Diz a Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1891:

“Art. 70. São eleitores os cidadãos maiores de 21 anos que se alistarem na forma da lei.”

A Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1934, por sua vez, estabelece que:

“Art. 180. São eleitores os brasileiros de um e de outro sexo, maiores de 18 anos, que se alistarem na forma da lei.”

Ao se comparar os dois artigos, no que diz respeito ao gênero dos eleitores, depreende-se que:

- a Constituição de 1934 avançou ao reduzir a idade mínima para votar.
- a Constituição de 1891, ao se referir a cidadãos, referia-se também às mulheres.
- os textos de ambas as Cartas permitiam que qualquer cidadão fosse eleitor.
- o texto da Carta de 1891 já permitia o voto feminino.
- a Constituição de 1891 considerava eleitores apenas indivíduos do sexo masculino.

20

PRIMEIRA REPÚBLICA: REPÚBLICA OLIGÁRQUICA

O CAFÉ NA ECONOMIA E NA POLÍTICA

No módulo anterior, você conheceu o início do período republicano, marcado pelo controle daqueles que proclamaram esse sistema de governo: os militares. Em pouco tempo, um grupo que já tinha preponderância econômica no país, os chamados barões do café, tomara de assalto a política. Dois estados tinham os mais ricos e, portanto, mais poderosos cafeicultores: Minas Gerais e São Paulo. Não por acaso, foram os estados mais poderosos também na política da República Oligárquica.

Ao longo das décadas, essas ricas famílias saíram das fazendas e as gerações que entraram no século XX procuraram se modernizar. Em diversos estados, foram os filhos do café que trouxeram para o Brasil modismos europeus como o ciclismo e o futebol e organizaram os primeiros clubes desse último esporte. Também deixaram de investir apenas nas fazendas e passaram a ser donos de ferrovias, jornais e hotéis, diversificando os investimentos e aumentando seu poder nas maiores cidades do país.

Por outro lado, aqueles que de fato tiveram o poder nas mãos foram precursores do atraso, como você verá neste módulo.



Representação do combate em Canudos, que, após diversas tentativas, resultou em um verdadeiro massacre. No comando, o presidente cafeeiro Prudente de Moraes.

HISTORIC IMAGES/ALAMY STOCK PHOTO

- O café na economia e na política
- Governo Prudente de Moraes (1894-1898)
- Governo Campos Sales (1898-1902)
- Governo Rodrigues Alves (1902-1906)
- Governo Afonso Pena (1906-1909)
- Governo Nilo Peçanha (1909-1910)
- Governo Hermes da Fonseca (1910-1914)
- Governo Venceslau Brás (1914-1918)
- Governo Epitácio Pessoa (1919-1922)
- Governo Artur Bernardes (1922-1926)
- Governo Washington Luís (1926-1930)

HABILIDADES

- Analisar a produção da memória pelas sociedades humanas.
- Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.
- Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.
- Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.

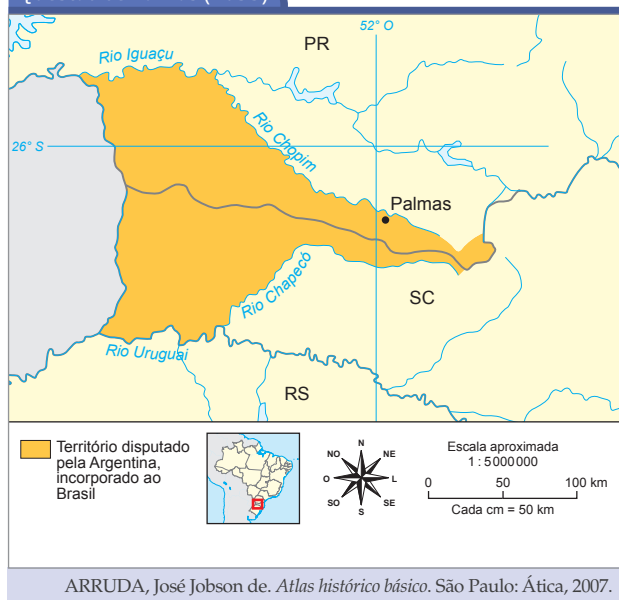
GOVERNO PRUDENTE DE MORAIS (1894-1898)

Em cumprimento à Constituição, Prudente de Moraes foi o primeiro presidente eleito pelo voto direto do povo, inaugurando a República Oligárquica. Chamado algumas vezes de “pacificador”, enfrentou crises internas, como a Revolução Federalista, ainda não totalmente pacificada, e a Guerra de Canudos.

O governo, considerado de transição para a implantação definitiva da democracia civil, que acabaria sendo um domínio oligárquico, teve intensa oposição de militares positivistas e republicanos jacobinos, contrários a um presidente civil e pertencente à elite cafeeira. A situação culminou com o atentado a Moraes pelo republicano jacobino Marcelino Bispo de Melo, quando o ministro da Guerra, Carlos Bittencourt, foi assassinado. O clima de revolta fez o governo terminar em estado de sítio.

Prudente de Moraes firmou quase todos os últimos acordos diplomáticos sobre as fronteiras do país, as quais configuram o território atual. A maior parte das áreas em disputa fora ocupada por migrações internas, como o deslocamento nordestino para a Amazônia durante o ciclo da borracha.

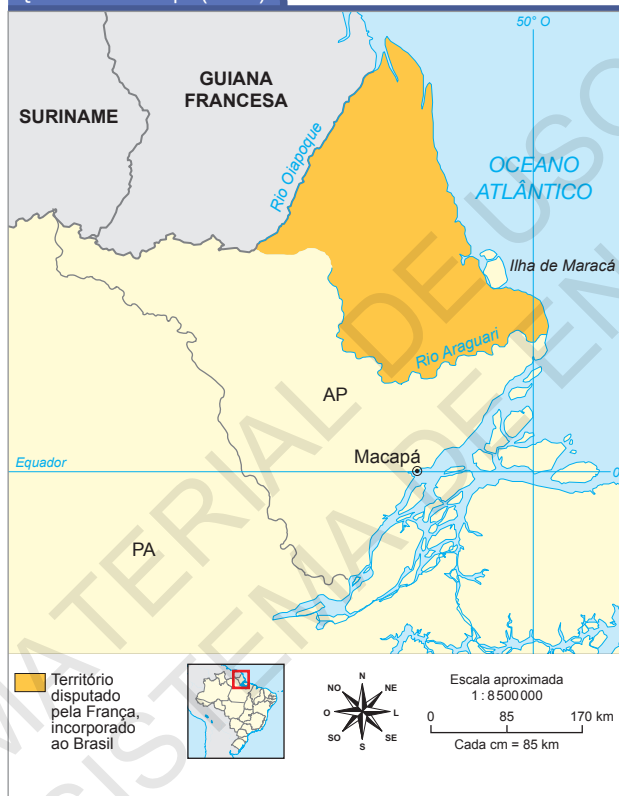
Questão de Palmas (1895)

ARRUDA, José Jobson de. *Atlas histórico básico*. São Paulo: Ática, 2007.

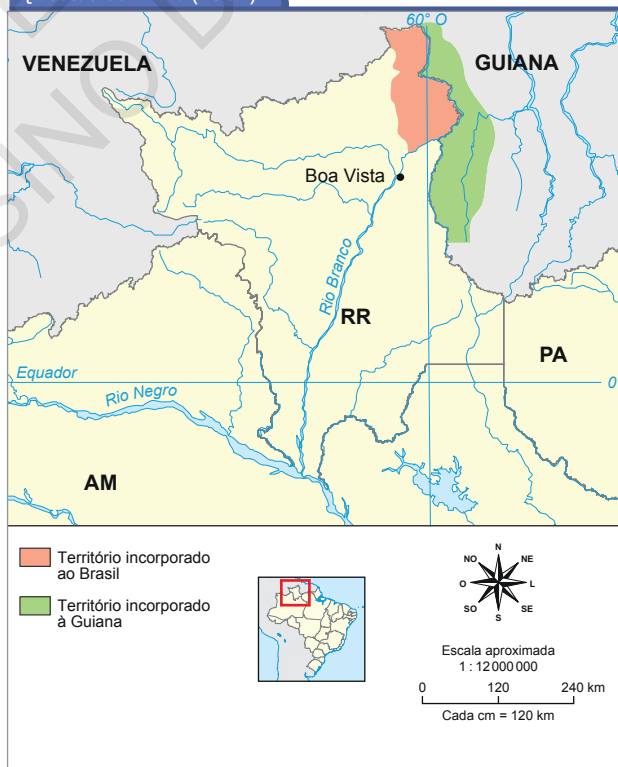
Questão do Acre (1903)

ARRUDA, José Jobson de. *Atlas histórico básico*. São Paulo: Ática, 2007.

Questão do Amapá (1895)

ARRUDA, José Jobson de. *Atlas histórico básico*. São Paulo: Ática, 2007.

Questão do Pirara (1904)

ARRUDA, José Jobson de. *Atlas histórico básico*. São Paulo: Ática, 2007.

No fim do império, o território brasileiro compreendia aproximadamente 68% do atual, ou seja, faltava regularizar as fronteiras de 32% da área nacional, que perfaz hoje 8 511 965 quilômetros quadrados. Boa parte da área faltante incorporou-se ao Brasil graças ao trabalho do barão do Rio Branco, diplomata que atuou no esta-

belecimento de fronteiras em acordos com Venezuela, Peru, Uruguai e Colômbia e na questão de Palmas.

A vitória do diplomata levou-o ao norte do país para resolver a questão do Amapá, envolvendo limites com a Guiana Francesa. Logo depois, defendeu a região do atual estado do Acre em favor do Brasil contra a Bolívia.

Ao longo de sua extensa trajetória política, Rio Branco conviveu com os imperialismos europeu e norte-americano e procurou consolidar a posição do Brasil como país líder na América do Sul.



Caricatura de Prudente de Moraes, também chamado na época de "Prudente Demais", na revista *Dom Quixote*, em 1895.

Um rei, uma oligarquia: o café

Com o fim do mandato de Prudente de Moraes, assumiu Campos Sales, quando começou a implantação da política do café com leite, apoiada pelos presidentes de estado, atuais governadores, e caracterizada pela alternância no poder dos dois estados mais importantes do ponto de vista político e econômico: São Paulo e Minas Gerais.

Assim, ora o Partido Republicano Paulista (PRP), ora o Partido Republicano Mineiro (PRM) indicava o presidente. Em nível regional, coronéis e oligarcas repetiam o pacto federal. Em função do voto aberto, as eleições sofriam corrupção e fraudes e os eleitos eram diplomados em última instância pela Comissão de Verificação de Poderes do Congresso Nacional, que funcionava no Senado. A Comissão de Verificação, formada por cinco membros e presidida pelo mais experiente, confirmava a eleição do deputado. Segundo Renato Lessa, em seu artigo "O pacto dos estados":

Na verdade, as eleições eram controladas pelos Executivos estaduais, durante as apurações, e pelo Legislativo nacional, no reconhecimento final dos eleitos e na degola dos inimigos. Esse era o coração do Legislativo, poder dotado da magia de engendrar a si mesmo.

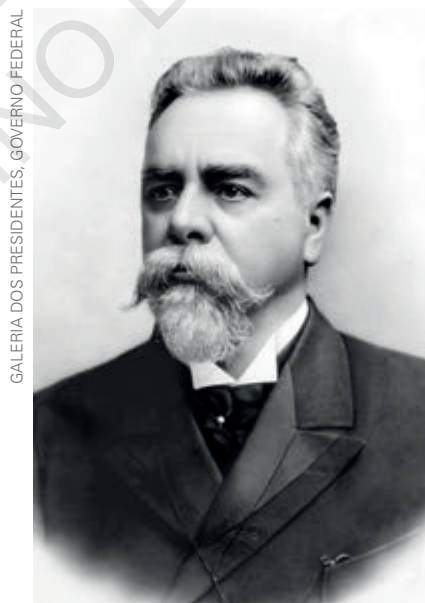
LESSA, Renato. *O pacto dos estados*. Disponível em: <www.brasil.gov.br/editoria/cultura/2010/02/o-pacto-dos-estados>. Acesso em: 19 out. 2018.

GOVERNO CAMPOS SALES (1898-1902)

A eleição de Campos Sales consolidou o domínio oligárquico em detrimento do conjunto da população. Sua política favoreceu o projeto federalista, acentuando o domínio dos cafeicultores por intermédio da política dos governadores, denominada "política regional" pelo próprio Campos Sales. Segundo Renato Lessa:

O objetivo era restringir, ao mesmo tempo, o grau de aleatoriedade e o poder que a Câmara tinha sobre sua própria renovação. Através de reforma do regimento [...] o diploma que atesta a eleição dos deputados passa a ser a ata geral da apuração da eleição, assinada pela maioria da Câmara Municipal, encarregada por lei de coordenar a apuração eleitoral. As eleições, dessa forma, já vêm praticamente decididas antes que a Comissão delibere a respeito dos reconhecimentos. Na maior parte dos casos, a degola da oposição é feita na expedição dos diplomas pelas juntas apuradoras, controladas pelas situações locais. [...] A Câmara é a expressão da direção política dos chefes locais.

LESSA, Renato. *O pacto dos estados*. Disponível em: <www.brasil.gov.br/editoria/cultura/2010/02/o-pacto-dos-estados>. Acesso em: 19 out. 2018.



Campos Sales (1841-1913), quarto presidente do Brasil.

O sistema café com leite apoiava-se muito mais nos chefes regionais e nas municipalidades do que na Câmara Federal, pois esta última apenas expressava tal poder. Tratava-se de uma medida coerente com a proposta federalizante que marcou toda a República Velha.

O governo Campos Sales foi responsável pelo Funding Loan, um acordo estabelecido com os credores internacionais, fundamental para contornar a crise econômica que o Brasil enfrentava desde o encilhamento, permitindo a obtenção de novos empréstimos estrangeiros com um prazo de dez anos para o início dos pagamentos. Como garantia, penhorou-se a receita de

toda a alfândega do Porto do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, a reorganização das tarifas alfandegárias desafogou a economia e equilibrou as finanças do país.

GOVERNO RODRIGUES ALVES (1902-1906)

Francisco de Paula Rodrigues Alves realizou uma grande reforma urbana no Rio de Janeiro, porta de entrada de visitantes estrangeiros e sede de embaixadas e consulados. A população da cidade, em torno de 500 mil habitantes, crescia desordenadamente. Membros da alta sociedade disputavam espaço no centro da cidade com a massa de trabalhadores amontoados em cortiços, instalados irregularmente para baratear o custo de vida, mas com precárias condições de saneamento. O esgoto a céu aberto, misturado aos excrementos dos animais, amplamente utilizados para transporte, favorecia a difusão de epidemias, como a varíola e a febre amarela.



GALERIA DOS PRESIDENTES. GOVERNO FEDERAL

Rodrigues Alves (1848-1919), quinto presidente do Brasil e responsável pelas reformas urbanas do início do século XX.

O presidente encarregou o engenheiro e então prefeito do Rio de Janeiro, Pereira Passos, para modernizar a cidade. Para tanto, Pereira Passos adotou como modelo as reformas feitas pelo prefeito de Paris, barão de Haussmann, na época de Napoleão III. A primeira parte do trabalho, conhecida por bota-abaixo, consistiu na demolição sistemática dos cortiços, com o deslocamento da população carente para a periferia ou para os morros mais distantes do centro, dando origem às várias favelas atuais. Dessa forma, implantou-se uma verdadeira segregação espacial na cidade.

Após o bota-abaixo, Pereira Passos determinou a abertura de avenidas largas, como a Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, melhorando sensivelmente o aspecto do centro, o que facilitou a circulação de ar e o trânsito de automóveis. Relacionada a esse conjunto de mudanças, ocorreu a Revolta da Vacina em 1904.



MUSEU DA IMAGEM E DO SOM, SÃO PAULO

Avenida Central, no Rio de Janeiro, um marco da reforma urbanística do governo Rodrigues Alves, quando o prefeito da cidade era Pereira Passos.

Rodrigues Alves também envolveu-se em acordos territoriais diretamente ligados ao auge da produção da borracha, como o Tratado de Petrópolis (1903). O fim desse governo registrou a assinatura do Convênio de Taubaté, em que a oligarquia cafeeira defendeu uma política de valorização do café mediante a intervenção do governo na compra dos excedentes, de modo a garantir um preço mínimo para o produto e altos ganhos aos cafeicultores com o uso do dinheiro público.

Rodrigues Alves não concordou com essas reivindicações, o que não impediu o próximo presidente de abraçar a causa dos cafeicultores.

GOVERNO AFONSO PENA (1906-1909)

Na economia, Afonso Pena adotou as diretrizes do Convênio de Taubaté, utilizou parte dos recursos públicos na compra de excedentes e contraiu empréstimos externos, o que contribuiu para manter elevados os preços do café e expandir a produção, mas também a dívida externa.

O presidente criou o Instituto de Manguinhos, dedicado à produção de remédios, e incentivou a imigração. Nesse governo, ocorreu a participação de Rui Barbosa como representante do Brasil na Conferência de Haia. Em 1909, a morte de Afonso Pena, primeiro presidente de origem mineira, levou o cafeicultor fluminense Nilo Peçanha, então vice-presidente, a terminar o mandato.

GOVERNO NILO PEÇANHA (1909-1910)

Em seu curto governo, Nilo Peçanha criou o Serviço de Proteção aos Índios, sob o comando do marechal Cândido Rondon, destacado indigenista da época. A sucessão do presidente provocou o primeiro grande embate político da República Velha: uma cisão no sólido acordo da política do café com leite.

Confrontaram-se Rui Barbosa, que liderou a Campanha Civilista, considerada a primeira campanha

eleitoral moderna do Brasil, apoiado pelos paulistas; e o militar Hermes da Fonseca, político gaúcho que contou com o apoio decisivo de Nilo Peçanha (do Partido Republicano Mineiro) e do influente senador gaúcho Pinheiro Machado, da coalizão conhecida por “grupo dos eremitas”.

GOVERNO HERMES DA FONSECA (1910-1914)

Diante da cisão política verificada nas eleições, Hermes da Fonseca procurou pacificar os estados das regiões Norte e Nordeste, onde as disputas entre as oligarquias estavam acirradas com a política das salvasões, que consistia na imposição de governadores aliados em substituição aos que haviam apoiado Rui Barbosa.

Por outro lado, antecipou a aliança política entre mineiros e gaúchos contra o domínio paulista, mais tarde repetida na Revolução de 1930. De certa forma, o governo Hermes da Fonseca representou uma vitória sobre as oligarquias dissidentes. O intervencionismo da união na agitação do período determinou o estado de sítio entre 5 de março e 31 de dezembro de 1914, como já fizera Prudente de Morais. Seu governo também estabeleceu a Lei do Serviço Militar Obrigatório, defendida na época pelo escritor Olavo Bilac, e o início da questão do Contestado.

Revolta da Chibata (1910)

Um dos episódios da Primeira República ainda pouco estudado teve conotações sociais nítidas, à medida que opunha o oficialato da Marinha (extremamente elitista) e os marinheiros (em sua maioria, pessoas de origem pobre).

A causa do motim, iniciado em 22 de novembro de 1910, foi a condenação de um marinheiro que servia no navio Minas Gerais. A sentença foi de 250 chibatadas sob os olhares da tripulação do navio, como era costume na Marinha.

Sob a liderança do marinheiro João Cândido, os amotinados tomaram os navios Minas Gerais e São Paulo. Os revoltosos protestavam contra os castigos físicos e exigiam melhores soldos, ameaçando bombardear a capital. A cidade entrou em pânico, forçando o presidente Hermes da Fonseca a aceitar as reivindicações e comprometer-se a anistiar os revoltosos. Alguns dias depois, uma nova sublevação dos fuzileiros lotados na Ilha das Cobras motivou uma repressão violenta por parte do governo, que prendeu e torturou os envolvidos na Revolta da Chibata.

A severa repressão à rebelião provocou a morte por asfixia de vários dos amotinados. João Cândido, que conseguira sobreviver, foi expulso da Marinha e morreu na miséria em 1969. A Marinha brasileira recusa-se a comentar esse episódio.



Líder da Revolta da Chibata, João Cândido, o quinto da esquerda para a direita, em meio a outros marinheiros. Este pode ser considerado um dos grandes heróis da história brasileira, apesar de ser raramente lembrado.

BIBLIOTECA NACIONAL, RIO DE JANEIRO

GOVERNO VENCESLAU BRÁS (1914-1918)

Venceslau Brás governou durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Nesse período, o Brasil foi beneficiado para expandir sua indústria, pois os países exportadores, em especial os europeus, direcionavam sua produção para a guerra, desabastecendo o mercado externo do qual faziam parte as nações agroexportadoras, como o Brasil. Por isso, esse processo é chamado substituição das importações.

O Brasil participou formalmente do episódio, declarando guerra à Tríplice Aliança em 26 de outubro de 1917, após o afundamento do navio mercante Macau, o quarto abatido por submarinos alemães em atividades de comércio com os países da Tríplice Entente. A participação brasileira limitou-se ao patrulhamento do Atlântico Sul e ao envio de uma missão médica à França.

O fim de gestão de Venceslau Brás coincidiu com o surto de gripe espanhola que assolou o mundo na época.

Rodrigues Alves ganhou as eleições de 1918, mas faleceu vítima da epidemia que matou cerca de 300 mil brasileiros. Por isso, o vice Delfim Moreira da Costa Ribeiro convocou novas eleições, como previa a Constituição, nas quais o paraibano Epitácio Pessoa, representante brasileiro um pouco antes na Conferência de Paz de Versalhes, venceu Rui Barbosa, novamente candidato.

GOVERNO EPITÁCIO PESSOA (1919-1922)

Epitácio Pessoa deu grande atenção à Região Nordeste do país, relativamente abandonada desde o Segundo Reinado. Foi responsável pela abertura de açudes e poços e incentivou a construção de ferrovias. Em seu governo, houve a comemoração do centenário da independência e a revogação do decreto de banimento da família imperial.

GOVERNO ARTUR BERNARDES (1922-1926)

Em 1922, as oligarquias mineira e paulista lançaram Artur Bernardes candidato, com nova oposição dos regimes dissidentes por meio da Reação Republicana, uma coalizão de fluminenses, gaúchos, baianos e pernambucanos que lançou Nilo Peçanha à presidência. O programa do movimento pregava a moralidade política e tinha o apoio das camadas urbanas e da baixa oficialidade do Exército. A vitória de Bernardes depois de acirrada disputa fez eclodir a Revolta do Forte de Copacabana, evento associado ao surgimento do tenentismo, conhecido por os 18 do Forte.

Tenentismo

As reivindicações tenentistas tinham orientação política difusa, mas reafirmavam o ideal do Exército como responsável pela salvação nacional, retomando alguns ideais dos presidentes da República da Espada. As propostas do tenentismo estavam muito próximas dos anseios das classes médias, também alijadas das decisões políticas.

Os tenentes combatiam o suborno, a corrupção, o voto aberto e a máquina política, representada pelas políticas dos governadores e do café com leite. Latente durante toda a década de 1920, o movimento tenentista culminou na Revolução de 1930.

A Revolta do Forte de Copacabana, ocorrida em 1922, teve a adesão da Escola Militar e, por meio de um golpe militar, tentou impedir a posse de Artur Bernardes. A repressão das tropas federais conseguiu a rendição da guarnição rebelde, com exceção de um grupo de tenentes, os 18 do Forte, entre os quais Eduardo Gomes e Siqueira Campos, os únicos sobreviventes do embate.

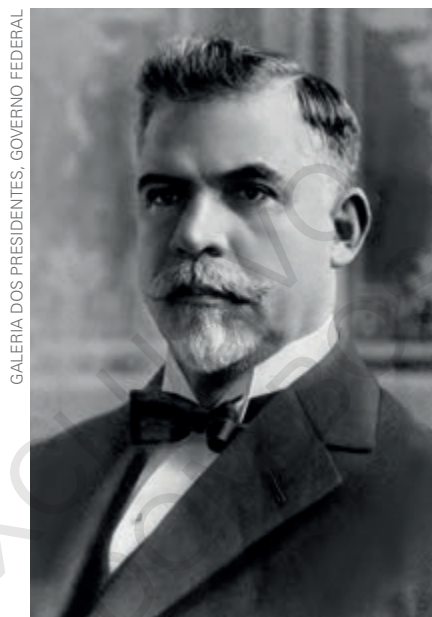
A perturbação política provocada pelo tenentismo e pelo movimento operário determinou o estado de sítio durante quase todo esse governo. Em 1923, o Rio Grande empreendeu a Revolução Gaúcha, quando a reeleição de Borges de Medeiros pela quinta vez para o Executivo estadual provocou a reação de outros setores da oligarquia gaúcha, desconfiada de fraude, e resultou no Pacto de Pedras Altas, culminando na reeleição no Rio Grande e permitindo a ascensão de políticos como Getúlio Vargas.

Em 1924, em São Paulo, uma revolução tenentista esteve sob a liderança de Isidoro Dias Lopes, Miguel Costa e Juarez Távora; e em 1925, no Rio Grande do Sul, sob o comando de Luís Carlos Prestes. Em ambos os casos, a repressão do governo forçou o recuo dos rebeldes, os quais se reuniram em abril de 1925, em Foz do Iguaçu, onde resistiram às forças federais antes de novamente adotarem táticas de guerrilha.

GOVERNO WASHINGTON LUÍS (1926-1930)

Representante da oligarquia cafeeira de São Paulo, Washington Luís governou o país apoiado pelos mineiros. São marcos de seu governo:

- dissolução da Coluna Prestes;
- restauração da liberdade de imprensa;
- remodelação da capital federal;
- adoção do lema “governar é abrir estradas”, com o intuito de imprimir um ideário moderno à sua gestão.



Washington Luís (1869-1957), o último presidente da Primeira República.

Ainda em 1929, um racha no Partido Republicano Paulista resultou na criação do Partido Democrático, de tendência mais liberal. Até então, os únicos dois presidentes que não eram de Minas Gerais ou de São Paulo (Hermes da Fonseca, gaúcho; e Epitácio Pessoa, da Paraíba) representavam a presença política dos “estados intermediários” (Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco), os quais detinham bancadas federais numerosas e faziam oposição cada vez mais forte à política dos governadores, tendo como um dos principais nomes na Câmara o deputado Getúlio Vargas.

O papel de Minas Gerais na composição política na época residia no fato de ser uma bancada numerosa, que elegia grande número de deputados. Não existiam partidos nacionais com representação significativa e o controle cabia aos partidos dos republicanos estaduais, que, em troca do apoio de suas bancadas, recebiam atenção especial do governo.

Não havia também outras forças políticas capazes de alterar a situação, a não ser a própria oligarquia. A expansão da indústria, do setor terciário e da urbanização permitiram o surgimento da classe operária e o aumento das classes médias, excluídas do sistema político e prejudicadas pela política de valorização do café e pelo encarecimento dos produtos nas cidades.

A vigilância e a repressão também dificultavam a organização dos movimentos sociais, em especial operários, seja expulsando líderes anarquistas do país, seja declarando ilegal o Partido Comunista logo após sua fundação.

Em 1928, o Bloco Operário e Camponês (BOC) elegeu alguns deputados, mas logo entrou em declínio. Somente um grande desentendimento entre as oligarquias possibilitaria as reformas, o que ocorreu com o rompimento da política do café com leite.

Notícias vindas dos Estados Unidos a partir de 1929, em função da crise financeira, afetaram profundamente a política de valorização do café. A imediata queda nas exportações provocou uma imensa desvalorização e grande prejuízo aos produtores, ao mesmo tempo em que se colhia uma supersafra, aumentando os estoques do governo de 22 milhões para mais de 27 milhões de sacas.

Washington Luís passou a defender medidas austeras para equilibrar as finanças. As condições econômicas e a crise eleitoral de 1930, fatos que aconteceram em sua gestão, encontram-se entre as principais causas da Revolução de 1930.

Sociedade e revoltas populares

A abolição da escravatura, pelos moldes excludentes como foi realizada, deixou grande contingente de trabalhadores negros das lavouras e dos serviços urbanos à margem da sociedade.

Esse contingente marginalizado, sem acesso à terra, ao emprego, ao estudo e, portanto, sem oportunidades, concentrava-se nas cidades, vivendo em cortiços e favelas. Some-se a isso o processo migratório interno das populações menos favorecidas das áreas pobres do país, principalmente do interior do Nordeste.

A consequência disso, aliada ao descaso das autoridades, que governavam voltadas apenas para os interesses de sua classe, são os contrastes sociais agudos nos grandes centros urbanos brasileiros.

Bairros nobres e favelas, conforto e miséria, luxo e pobreza, cultura e ignorância coabitam em um mesmo espaço urbano, dando a impressão de que é natural e intrínseco à realidade do Brasil. Conformismo, revolta, ignorância e hipocrisia foram fatores que contribuíram para alimentar o *modus vivendi* da sociedade brasileira.

Semana de Arte Moderna de 1922

A realização da Semana de Arte Moderna de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, representou o evento cultural mais importante de toda a República Velha. A reunião de artistas como Anita Malfatti, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Heitor Villa-Lobos, entre outros, inaugurou uma arte genuinamente nacional que contestava o estilo oficial praticado até então no Brasil e restrito à reprodução artística dos padrões e temas europeus, como ocorrera durante todo o século XIX por intermédio dos pintores neoclássicos e românticos.



Tarsila do Amaral, por volta de 1925. A artista plástica foi um dos principais nomes do modernismo brasileiro.

Os modernistas alimentavam o projeto de redescobrir o Brasil por meio da arte. Para tanto, procuravam aliar as mais modernas tendências europeias, como o cubismo e o surrealismo, com características culturais e temas genuinamente brasileiros, incluindo a arte indígena e as manifestações africanas. Em outras palavras, buscavam no passado uma tradição cultural brasileira, ao mesmo tempo em que propunham o modernismo como um dos marcos dessa tradição.

Nesse sentido, os modernistas consideravam apenas o barroco colonial como manifestação artística nacional; tudo o mais era cópia e reprodução. Segundo eles, as influências europeias deviam ser assimiladas por meio da antropofagia, ou seja, do canibalismo cultural, o que significava a não apropriação direta, mas a incorporação dos elementos estéticos estrangeiros segundo um filtro brasileiro.

A identificação do modernismo com um nacionalismo crítico valorizou questões sociais, da vida urbana e do universo do trabalho e tipos físicos brasileiros, mas não as características regionais.

Principais apresentações da Semana de Arte Moderna de 1922

- **13 de fevereiro:** Graça Aranha apresentou uma conferência com o tema “A emoção estética na arte”; na qual elogiou as obras expostas na Semana de Arte Moderna;
- **15 de fevereiro:** Oswald de Andrade leu seus poemas e Mário de Andrade leu o texto “A escrava que não é Isaura”. Nesse mesmo dia, Ronald de Carvalho leu o poema “Os sapos”; de Manuel Bandeira;
- **17 de fevereiro:** Villa-Lobos apresentou músicas de orquestra com a participação de tambores, fato que gerou forte crítica da plateia.

Luta pela terra

Enquanto as elites agrárias governavam a seu favor, em esfera nacional os trabalhadores rurais, pequenos proprietários, posseiros e empregados viviam em condições de extrema miséria. Além de precárias condições de vida, fome, doenças, analfabetismo e mortalidade prematura, ainda eram submetidos ao controle político dos coronéis.

A república brasileira pouco se preocupava com a população rural, a qual sequer possuía identidade de cidadão. O forte sentimento religioso que marcava essa massa de trabalhadores favoreceu a eclosão dos dois principais movimentos messiânicos da República Velha: a Guerra de Canudos e a Guerra do Contestado.

Guerra de Canudos (1893-1897)

A Guerra de Canudos ocorreu no norte da Bahia. Foi mais uma revolta ou um movimento de resistência, caracterizado pela luta pela terra por parte das populações sertanejas contra o poder dos latifundiários locais.

Liderada por um pregador messiânico, Antônio Conselheiro, a população que reuniu-se em Canudos queria apenas a posse de uma terra que lhe desse trabalho e dignidade. Conselheiro, no entanto, defendia a monarquia como manifestação divina. Isso foi interpretado pelo governo como uma possível reação à jovem república. O governo das oligarquias, usando o pretexto de que era preciso garantir a ordem republicana, determinou o ataque em três ocasiões sucessivas, terminando por massacrar quase 20 mil pessoas que haviam se estabelecido na região. Euclides da Cunha, como repórter do jornal *O Estado de S. Paulo*, relatou parte da situação e do massacre no livro *Os sertões*.

Sobre a agressividade do conflito, a historiadora Jacqueline Ahlert comenta:

O sangue dos sertanejos ainda estava fresco nas lâminas gaúchas enquanto o general Artur Oscar escrevia a Ordem do Dia de 6 de outubro de 1897, concluída com a saudação: “Viva a República dos Estados Unidos do Brasil! Está terminada a Campanha de Canudos!”. Em seus 11 meses de duração, a Guerra de Canudos mobilizou cerca de 12 000 soldados, oriundos de 17 estados brasileiros. As unidades militares sul-rio-grandenses foram recrutadas apenas para a quarta e última expedição. Estima-se que mais de 25 000 pessoas morreram em consequência de toda a ação bélica – entre soldados do Exército nacional (contabilizados em 5 000), “sertanejos”, mulheres e crianças.

O conflito ocorreu durante o conturbado período que sucedeu à queda da monarquia. Corria a primeira década de instalação do regime republicano quando as unidades do Exército foram chamadas a enfrentar os moradores do Arraial de Canudos, no

interior da Bahia, seguidores de Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro, um líder de discurso messiânico, monarquista e contra os novos impostos da república.

Depois de três derrotas sucessivas dos militares, a importância do conflito agigantou-se. Subjugar o arraial dos “jagunços incultos” passou a ser uma questão de honra para o governo federal. A quarta expedição, de caráter retaliatório, teve os militares gaúchos entre os principais agentes da concretização das palavras pronunciadas pelo presidente Prudente de Moraes: “De Canudos não ficará pedra sobre pedra, para que não mais possa se reproduzir aquela cidadela maldita”.

AHLERT, Jacqueline. Degola à gaúcha. Disponível em: <http://almanaquenilomoraes.blogspot.com/2014/12/degola-gaucha_17.html>. Acesso em: 19 out. 2018.

Guerra do Contestado (1912-1916)

Na fronteira entre os estados de Santa Catarina e Paraná, houve outro movimento revolucionário que marcou a República Velha: a disputa pela fronteira entre os dois estados e a posse da terra entre os latifundiários locais e os pequenos proprietários, quase sempre posseiros da região. Ao mesmo tempo, duas empresas estrangeiras, a Brazil Railway (construtora de estradas de ferro) e a Southern Lumber (madeireira e serraria) estabeleceram-se na região, ocupando terras dos pequenos posseiros.

Usando a força, as empresas internacionais expulsavam pequenos proprietários. A maioria da população pobre dos vários povoados da região passou a se aglutinar em torno de um pregador, o monge José Maria. Misturando o sentimento religioso com o desejo de posse da terra, o movimento tomou um caráter messiânico. Em outubro de 1912, ocorreram os primeiros combates entre camponeses, liderados pelos monges José Maria e João Maria, e tropas do governo federal, apoiando latifundiários da região. Nascia aí a Guerra do Contestado.

A luta foi longa, estendendo-se até 1916, quando as tropas federais, usando aviões (arma nova na vida militar brasileira), venceram definitivamente os posseiros e garantiram as terras aos latifundiários e às empresas estrangeiras fixadas na região. Até hoje, essa guerra carece de maiores estudos. Ao mesmo tempo, ela deixou um rastro de forte consciência de luta entre as populações dessas áreas. Na ocasião, o governo de Venceslau Brás também punha fim à questão da fronteira entre os estados de Santa Catarina e Paraná.

ROTEIRO DE AULA

REPÚBLICA OLIGÁRQUICA

Política

Política dos governadores:

Acordo entre os Executivos nacional e federal. As elites locais garantiam a eleição dos candidatos oficiais.

Política do café com leite:

São Paulo e Minas Gerais revezavam-se no poder.

Coronelismo:

Os coronéis, grandes latifundiários regionais, possuíam o monopólio do poder político e econômico nos estados. Determinavam as contratações do serviço público e interferiam nas eleições em virtude da relação de dependência a que submetiam a população.

Voto de cabresto:

O voto era aberto, logo, a população via-se forçada a votar nos candidatos exigidos pelos coronéis. Essa característica assegurava a manutenção das oligarquias no poder e evidencia a fragilidade das instituições democráticas da Primeira República.

Economia

O Brasil manteve-se como país exportador de produtos agrícolas, sobretudo o café. Houve também um surto na produção de borracha na Amazônia (auge entre 1910 e 1912) e do cacau na Bahia. A industrialização no período foi incipiente.

Reforma urbana de Pereira Passos

Inspirada na reforma urbana de Paris no século anterior, Pereira Passos modernizou o centro da capital. Determinou a abertura de avenidas largas e a construção de edifícios e monumentos que simbolizavam uma cidade moderna e ilustrada. Por outro lado, a reforma teve caráter de higienismo social. Destruiu cortiços e expulsou a população marginalizada para as periferias e, dessa forma, agravou a desigualdade e a exclusão sociais.

ROTEIRO DE AULA

Movimentos sociais

Revolta da Vacina:

Ocorrida no Rio de Janeiro, foi um movimento contra a vacinação compulsória instaurada pelo Congresso

Nacional e a modernização urbana autoritária e excludente.

Guerra de Canudos:

Ocorrida no Sertão da Bahia, foi organizada por trabalhadores rurais que reivindicavam o direito à terra. Liderada pelo beato Antônio Conselheiro, teve caráter messiânico e monarquista. Resistiu a três intervenções militares da república, mas foi violentamente dizimada na quarta.

Guerra do Contestado:

Ocorrida na fronteira entre os estados de Santa Catarina e Paraná, foi um movimento organizado por pequenos proprietários rurais e liderado por religiosos. Também teve caráter messiânico e reivindicou a posse da terra. Foi dizimado pela república, com o apoio das oligarquias estaduais.

Tenentismo:

Movimento de militares de baixa patente que protestaram contra os baixos salários, as condições precárias de trabalho e a exclusão na participação política direta. Defendiam a reforma do sistema eleitoral, com o voto secreto, e o fim da estrutura política da República Oligárquica. Preparou o terreno para a Revolução de 1930.

Cultura

Modernismo:

Movimento artístico que articulou atualização estética e nacionalismo cultural. Defendia a apropriação das vanguardas modernas europeias, que deveriam ser mescladas com traços da cultura brasileira a fim de produzir uma arte autenticamente nacional. O movimento foi deflagrado na Semana de Arte Moderna de 1922, ocorrida em São Paulo. Principais nomes: Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral e Anita Malfatti.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Fuvest-SP



Storni. *Careta*, 19/2/1927. Apud: Renato Lemos (Org.). *Uma história do Brasil através da caricatura (1840-2006)*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2006. p. 35. (Adaptado)

A charge satiriza uma prática eleitoral presente no Brasil da chamada Primeira República. Tal prática revelava a:

- ignorância, por parte dos eleitores, dos rumos políticos do país, tornando esses eleitores adeptos de ideologias políticas nazifascistas.
- ausência de autonomia dos eleitores e sua fidelidade forçada a alguns políticos, as quais limitavam o direito de escolha e demonstravam a fragilidade das instituições republicanas.
- restrição provocada pelo voto censitário, que limitava o direito de participação política àqueles que possuíam um certo número de animais.
- facilidade de acesso à informação e propaganda política, permitindo, aos eleitores, a rápida identificação dos candidatos que defendiam a soberania nacional frente às ameaças estrangeiras.
- ampliação do direito de voto trazida pela república, que passou a incluir os analfabetos e facilitou sua manipulação por políticos inescrupulosos.

A charge critica aquilo que convencionou-se chamar de voto de cabresto. O eleitor, figurado como um burro, é conduzido à força por um político. Este é representado como um coronel, ou seja, um membro da elite latifundiária dos estados brasileiros. Em virtude do monopólio que os coronéis detinham do poder econômico local, a população ficava politicamente subordinada a eles, dadas as relações de dependência econômica. Dessa maneira, as elites locais asseguravam as eleições dos governantes que manteriam seus privilégios e a estrutura política excludente, característica que comprova a fragilidade da democracia brasileira durante a Primeira República.

2. Uece-CE – No contexto da Primeira República, emergiu o movimento tenentista. No que diz respeito a esse movimento, pode-se afirmar corretamente que:

- foi um movimento político-militar que ganhou o apoio dos setores de alta patente do Exército e eclodiu apenas na capital federal.
- foi um movimento basicamente integrado por oficiais de baixa patente, que trouxe à superfície a revolta da corporação contra os baixos salários e as precárias condições de trabalho.
- assumiu uma conotação social explicitamente favorável à democracia liberal e bem condizente com ações democráticas no âmbito da corporação militar.

d) apesar de não ter ocorrido qualquer levante ou ação radical, os tenentes passaram a defender a instalação de um governo forte e centralizado, capaz de promover a salvação nacional.

O tenentismo foi um movimento liderado por tenentes do Exército brasileiro, ou seja, por oficiais subalternos na hierarquia militar. Essa parcela da população, embora pudesse votar (diferentemente dos praças e soldados), estava excluída da participação direta no poder político e era bastante afetada pelas más condições de trabalho e de remuneração. Nesse sentido, o tenentismo inseriu-se no contexto das várias manifestações que, na Primeira República, expressaram a revolta contra as fortes desigualdades sociais e a estrutura excludente do Brasil.

3. Uerj-RJ (adaptado) – A partir de meados do século XIX, a expansão urbana passou a ser guiada por um modelo de modernização cujas reformas modificaram profundamente as grandes cidades e a vida de seus habitantes. No início do século XX, o Brasil, apesar de encontrar-se em um contexto diverso do europeu, inspirou-se na reforma efetuada em Paris pelo Barão Haussman. A Reforma Pereira Passos (1902-1906) deu início a um processo de transformação do Rio de Janeiro na “Paris dos Trópicos”.

Cite dois objetivos da reforma urbana de Pereira Passos e um efeito dessa reforma para o processo de urbanização da cidade do Rio de Janeiro.

Objetivos: construir grandes avenidas e resolver problemas de insalubridade na cidade, resolvendo também deficiências de infraestrutura e, ao mesmo tempo, apagando o passado colonial, por meio da demolição de construções daquele período e de moradias das camadas mais pobres (como os cortiços). Efeitos: a mobilidade urbana foi favorecida. Por outro lado, teve início o processo de favelização dos morros adjacentes à região central da cidade.

4. Unicamp-SP

“O Rio civiliza-se!”, eis a exclamação que irrompe de todos os peitos cariocas. Temos a Avenida Central, a Avenida Beira Mar (os nossos Campos Elíseos), estátuas em toda a parte, cafés e confeitarias [...], um assassinato por dia, um escândalo por semana, cartomantes, médiuns, automóveis, *autobus*, autores dramáticos, *grandmonde*, *demi-monde*, enfim, todos os apetrechos das grandes capitais.”

“O chat noir”, em *Fon-Fon!*, n. 41, 1907. Extraído de: <www.objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon1907>.

A partir do excerto, que se refere ao período da *belle époque* no Brasil, no início do século XX, é correto afirmar que:

- o Rio de Janeiro procurava apagar aspectos da época do império e impulsionar a cultura francesa, renegada por D. Pedro II.
- a cidade expressava as contradições de um processo de transformações urbanas, sociais e políticas nas primeiras décadas da república.
- os costumes franceses eram elementos incorporados pela sociedade carioca como sinônimo da modernização republicana obtida pelo tenentismo.

- d) a modernização representou um processo de exclusão social e cultural, patrocinado pelo governo francês, que financiava obras públicas e impunha os produtos franceses à população brasileira.

Em tom humorístico, o texto descreve o Rio de Janeiro no contexto da reforma civilizatória de Pereira Passos como uma cidade que conjuga avenidas, estátuas e cafés à moda parisiense com crimes, assassinatos, escândalos e cartomantes (expressão da superstição, contrária à racionalidade moderna). Ou seja, denuncia as contradições e as desigualdades que escondiam-se por trás das inovações urbanas.

5. Enem

C1-H1

Texto I

“Embora eles, artistas modernos, se deem como novos precursores duma arte a ir, nada é mais velho que a arte anormal. De há muitos já que a estudam os psiquiatras em seus tratados, documentando-se nos inúmeros desenhos que ornaram as paredes internas dos manicômios. Essas considerações são provocadas pela exposição da Sra. Malfatti. Sejam sinceros: futurismo, cubismo, impressionismo e *tutti quanti* não passam de outros tantos ramos da arte caricatural.”

LOBATO, Monteiro. Paranoia ou mistificação: a propósito da exposição de Anita Malfatti. *O Estado de S. Paulo*, 20 dez. 1917. (Adaptado)

Texto II

“Anita Malfatti, possuidora de uma alta consciência do que faz, a vibrante artista não temeu levantar com os seus cinquenta trabalhos as mais irritadas opiniões e as mais contrariantes hostilidades. As suas telas chocam o preconceito fotográfico que geralmente se leva no espírito para as nossas exposições de pintura. Na arte, a realidade na ilusão é o que todos procuram. E os naturalistas mais perfeitos são os que melhor conseguem iludir.”

ANDRADE, O. A exposição Anita Malfatti. *Jornal do Commercio*, 11 jan. 1918. (Adaptado)

Texto III



INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS/USP, SÃO PAULO

MALFATTI, A. *O homem amarelo*, 1915-1916. Óleo sobre tela, 61 cm x 51 cm.

A análise dos documentos apresentados demonstra que o cenário artístico brasileiro no primeiro quartel do século XX era caracterizado pelo(a):

- a) domínio do academicismo, que dificultava a recepção da vertente realista na obra de Anita Malfatti.
b) dissonância entre as vertentes artísticas, que divergiam sobre a validade do modelo estético europeu.

- c) exaltação da beleza e da rigidez da forma, que justificavam a adaptação da estética europeia à realidade brasileira.

- d) impacto de novas linguagens estéticas, que alteravam o conceito de arte e abasteciam a busca por uma produção artística nacional.

- e) influência dos movimentos artísticos europeus de vanguarda, que levava os modernistas a copiarem suas técnicas e temáticas.

Os textos I e II deixam claro o impacto da nova linguagem estética empregada por Anita Malfatti, a qual pode ser identificada na pintura *O homem amarelo* (texto III). No texto I, Monteiro Lobato, dotado de uma concepção de arte realista e ligado ao academicismo, indigna-se contra as inovações de Malfatti e as vanguardas europeias em curso naquele momento. No texto II, o modernista Oswald de Andrade propõe uma redefinição do conceito de arte, no qual a pintura deve se distanciar do naturalismo, que passa a ser tido como sinônimo de ilusão e falseamento da realidade.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

6. Unicamp-SP – Sobre a reforma urbana do Rio de Janeiro, ocorrida entre fins do século XIX e início do XX, o literato Lima Barreto comentou:

“De uma hora para outra, a antiga cidade desapareceu e outra surgiu como se fosse obtida por uma mutação de teatro. Havia mesmo na coisa muito de cenografia.”

Lima Barreto. Os bruzundangas. In: *Obras de Lima Barreto*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 6.

- a) Cite uma atividade política e uma econômica que sustentaram a importância da cidade do Rio de Janeiro nesse período.

Politicamente, o Rio de Janeiro era uma das mais importantes cidades

brasileiras, pois era a capital da república. Economicamente, era sobre-

tudo por meio do Porto do Rio de Janeiro que a cidade adquiria impor-

tância central, uma vez que este era um dos principais portos para a

importação e exportação de produtos econômicos. Além disso, naquele

momento havia uma industrialização incipiente na cidade.

- b) Identifique duas mudanças urbanas realizadas pelo prefeito Pereira Passos na reforma mencionada.

Pereira Passos, em sua reforma urbana, alterou o centro do Rio de

Janeiro. Demoliu cortiços e moradias irregulares, expulsando a popu-

lação pobre que ali habitava para regiões mais distantes da cidade.

Construiu avenidas largas, inspiradas nos *boulevards* de Paris, e uma

série de edificações que vendiam a imagem de uma cidade moderna,

ilustrada e de inspiração europeia, como o Teatro Municipal do Rio de

Janeiro.

- c) Explique a razão pela qual o ideário burguês, cosmopolita e republicano tinha necessidade de condenar o passado colonial do Rio de Janeiro.

No imaginário burguês, cosmopolita e republicano dos governantes daquele período, o Rio de Janeiro deveria espelhar-se na cultura europeia e ilustrada, sobretudo na cultura francesa e no modelo de cidade concebido pelo prefeito de Paris, o barão de Haussmann. Para isso, procurava-se esconder as mazelas sociais decorrentes do passado colonial brasileiro,

como as péssimas condições de vida da população negra, uma vez que a escravidão no país fora abolida de modo a manter uma estrutura social excludente. Por isso, as reformas de Pereira Passos, motivadas por esse ideário, tiveram caráter higienizador e sanitário. O prefeito pretendia excluir a pobreza do centro da capital para que esta pudesse ser vendida ao mundo como uma cidade moderna, racional e civilizada.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. PUC-RS – Associe os nomes dos presidentes do Brasil durante a República Velha (coluna 1) às principais características de seus respectivos governos (coluna 2).

Coluna 1

1. Campos Sales.
2. Rodrigues Alves.
3. Hermes da Fonseca.
4. Arthur Bernardes.

Coluna 2

- () Paulistano, foi o terceiro presidente civil do Brasil; durante o seu governo, ocorreram as famosas reformas urbanas do Rio de Janeiro, e o país apresentou considerável crescimento econômico, com a exportação de bens primários. Enfrentou a Revolta da Vacina.
- () Militar, derrotou o baiano Rui Barbosa durante a campanha eleitoral que o elegeu. Em seu governo, enfrentou diversas rebeliões internas, como a Revolta da Chibata, na qual marinheiros lutaram contra as más condições de trabalho, e a Guerra do Contestado, ocorrida em Santa Catarina.
- () Foi responsável por promover a estratégia de sucessão presidencial conhecida como política do café com leite, na qual os dois principais estados da federação, São Paulo (café) e Minas Gerais (leite) revezavam-se na presidência da república. Procurou também sustentação no Congresso pela política dos governadores.
- () Mineiro, teve um mandato conturbado, no qual ocorreram várias revoltas, como o movimento tenentista; por isso, governou o país em estado de sítio por vários anos. No plano econômico, foi responsável por uma política que procurou nacionalizar os recursos naturais do país, controlando a exploração do subsolo.
- () Durante o seu governo, adotou uma política de saneamento econômico no Brasil, combatendo a alta inflação e o déficit público. Para tanto, renegociou a dívida externa brasileira, num acordo chamado Funding Loan, cortou despesas, aumentou impostos e promoveu a valorização da moeda nacional.

O correto preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) 1 – 2 – 4 – 3 – 3.
b) 2 – 3 – 1 – 4 – 1.

- c) 2 – 3 – 2 – 4 – 1.
d) 4 – 2 – 3 – 1 – 4.
e) 4 – 2 – 1 – 3 – 4.

8. Ufal-AL (adaptado)



BIBLIOTECA NACIONAL, RIO DE JANEIRO

A figura representa um aspecto da República Velha brasileira, mais especificamente a República Oligárquica. A crítica presente na figura remete:

- a) ao desequilíbrio entre o poder do presidente e as lideranças regionais, representada pelos coronéis.
b) à centralização do poder na figura do presidente da república como forma de evitar a volta da monarquia.
c) ao uso do poder militar pelos dois principais estados brasileiros na solução de disputas regionais.
d) à política do café com leite, quando as oligarquias dominantes de São Paulo e Minas Gerais se revezavam no poder.
e) à disputa entre os dois principais estados produtores de café, São Paulo e Mato Grosso, na corrida à presidência.

9. FGV-SP

V.

“Em Canudos representa de elemento passivo o jagunço que corrigindo a loucura mística de Antônio Conselheiro e dando-lhe umas tinturas das questões políticas e sociais do momento, criou, tornou plausível e deu objeto ao conteúdo

do delírio, tornando-o capaz de fazer vibrar a nota étnica dos instintos guerreiros, atávicos, mal extintos ou apenas sofreados no meio social híbrido dos nossos sertões, de que o louco como os contagiados são fiéis e legítimas criações. Ali se achavam de fato, admiravelmente realizadas, todas as condições para uma constituição epidêmica de loucura.”

RODRIGUES, Nina. *As coletividades anormais*, 2006.

VI.

Ergueu-se contra a república

O bandido mais cruel

Iludindo um grande povo

Com a doutrina infiel

Seu nome era Antônio

Vicente Mendes Maciel

[...]

Os homens mais perversos

De instinto desordeiro

Desertor, ladrão de cavalo

Criminoso e feiticeiro

Vieram engrossar as tropas

Do fanático Conselheiro

SILVA, João Melchíades Ferreira da. Apud Mark Curran. *História do Brasil em cordel*, 1998.

Acerca das leituras que os textos fazem de Canudos, é correto afirmar que:

- I pondera sobre a necessidade de se compreender a Guerra de Canudos no contexto das rebeliões contra o avanço do capitalismo no Sertão brasileiro; II refere-se aos rebeldes do Sertão baiano como principais responsáveis pela instabilidade político-institucional dos primeiros anos da república brasileira.
- I analisa o evento ocorrido no Sertão baiano a partir de referências médicas e antropológicas, tratando-o como o embate entre a barbárie, em função da condição primitiva e enlouquecida do sertanejo, e a civilização; II identifica a prática dos combatentes do Arraial de Canudos à dos cangaceiros.
- I reconhece legitimidade na rebelião dos sertanejos baianos, em razão do abandono institucional de que essas pessoas foram vítimas ao longo do tempo; II mostra o líder Antônio Conselheiro como um importante articulador político, vinculado aos mais importantes oligarcas baianos, os chamados coronéis.
- I condena as principais lideranças da rebelião baiana pela postura de defesa das práticas religiosas primitivas e rústicas, que se contrapunham aos princípios cristãos; II acusa o líder Antônio Conselheiro de provocar tensões étnicas e de classe, ao propor uma sociedade igualitária social e economicamente.
- I denuncia a ausência de uma compreensão científica, por parte do poder público, sobre as motivações dos rebeldes de Canudos; II critica os moradores do Arraial de Canudos pela violência gratuita contra as forças legais, que estavam preocupadas em oferecer aos sertanejos a entrada no mundo da civilização.

10. PUC-RS – O movimento tenentista foi um dos principais fatores de desestabilização da República Velha. Sobre esse movimento, é incorreto afirmar que:

- foi provocado pelo descontentamento da baixa oficialidade do Exército com suas condições de trabalho e com o sistema político do período, baseado no controle do poder pelas elites agrárias do país.

- pregou, entre outras medidas, o voto secreto, a independência do Poder Judiciário e um Estado mais centralizado no governo federal.
- caracterizou-se pela formação de Colunas, como a Coluna Prestes, agrupamentos militares rebeldes que atravessaram o país procurando mobilizar a população contra o governo federal.
- opôs-se à Aliança Liberal e à Revolução de 30, pois a maioria de seus integrantes via, em Getúlio Vargas e no grupo que ascendeu ao poder com ele, a continuidade dos mesmos vícios políticos do regime anterior.
- teve, como principais líderes: Eduardo Gomes, um dos heróis da Revolta dos 18 do Forte de Copacabana; Luís Carlos Prestes e Miguel Costa, comandantes da famosa Coluna Miguel Costa-Prestes.

11. Unesp-SP

“Em 1924, uma caravana formada por Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e o poeta franco-suíço Blaise Cendrars, entre outros, percorreu as cidades históricas mineiras e acabou entrando para os anais do modernismo. O movimento deflagrado em 1922 estava se reconfigurando.”

MARQUES, Ivan. Trem da modernidade. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, fev. 2012. (Adaptado)

Entre as características da “reconfiguração” do modernismo, citada no texto, podemos incluir:

- a politização do movimento, o resgate de princípios estéticos do parnasianismo e o indigenismo.
- a retomada da tradição simbolista, a defesa da internacionalização da arte brasileira e a valorização das tradições orais.
- a incorporação da estética surrealista, o apoio ao movimento tenentista e a defesa do verso livre.
- a defesa do socialismo, a crítica ao barroco brasileiro e a revalorização do mundo rural.
- a maior nacionalização do movimento, o declínio da influência futurista e o aumento da preocupação primitivista.

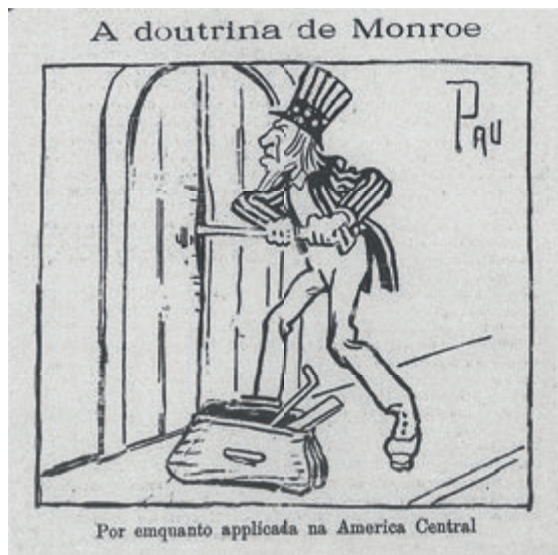
12. UEG-GO

“O arraial, assim como outras comunidades fundadas em princípios messiânicos, surgiu da associação de diferentes fatores, tanto socioeconômicos quanto religiosos e culturais [...]. Do ponto de vista cultural, a religiosidade popular, a tradição de trabalho comunitário e a mobilidade espacial contribuíram para a formação de Canudos a partir das pregações de Antônio Conselheiro.”

As sucessivas campanhas militares do Exército brasileiro que acabaram por destruir o Arraial de Canudos são historicamente atribuídas a diversos fatores, dentre eles a pregação de Antônio Conselheiro em prol do:

- ultramontanismo, movimento da ortodoxia católica que pregava a moralização do clero e da sociedade brasileira.
- positivismo, que consistia na noção de que a “ordem” conduz ao “progresso”, lema estampado na bandeira do Brasil.
- tenentismo, movimento organizado por oficiais rebeldes de baixa patente, descontentes com os rumos tomados pela república no Brasil.
- sebastianismo, que consistia na crença popular de que um rei místico, identificado aqui com a figura de D. Pedro II, voltaria para salvar o Brasil.

13. Unesp-SP



BIBLIOTECA NACIONAL, RIO DE JANEIRO

(O Pirralho, 23/5/1914)

O *Pirralho* foi uma revista satírica publicada em São Paulo entre 1911 e 1917. As charges dessa revista tinham nítido conteúdo político, além de estarem sempre sintonizadas com os acontecimentos do momento histórico. A charge acima, por exemplo, refere-se à:

- dominação dos mercados consumidores dos países americanos pela economia industrial da Inglaterra.
- imposição da democracia, pelo governo norte-americano, aos países do continente dominados por ditaduras militares.
- crescente intervenção do governo norte-americano na América Latina, contrastando com sua antiga posição de defesa da independência das colônias ibéricas.
- iminente entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial com a finalidade de proteger os pequenos países da América.
- política de união dos povos da América, como único recurso capaz de impedir a sua anexação pelas potências imperialistas.

14. PUC-RJ

“É de lá [dos estados] que se governa a república, por cima das multidões que tumultuam, agitadas, nas ruas da capital da União. A política dos estados [...] é a política nacional.”

SALES, Manoel Ferraz Campos. *Da propaganda à presidência*, 1908.

A partir do diagnóstico acima, o presidente Campos Sales (1898-1902) criou a “política dos governadores”, esquema político que deu ao país uma estabilidade de configuração oligárquica.

Assinale a opção que resume o funcionamento daquela política:

- Pela Constituição republicana de 1891, as pessoas de baixa renda não tinham direito de voto, sendo, portanto, o Congresso Nacional composto somente por membros das elites e dos sindicatos oficiais.
- A inacessibilidade das camadas populares aos poucos serviços públicos tornava-as dependentes dos chefes locais para o atendimento de suas necessidades básicas, destituindo-as, na prática, da cidadania e, portanto, do exercício do voto.

- A Constituição de 1891 estabeleceu uma tal superposição do Executivo federal sobre todas as outras instâncias de poder que os municípios e os estados ficaram aliados da política nacional.
- Os Executivos estaduais, apoiados pelo Executivo federal, garantiam a eleição dos candidatos oficiais graças às suas ligações com o poder local dos “coronéis”, o que estabeleceu uma cadeia nacional de troca de favores.
- A inexistência de uma legislação trabalhista na Primeira República (1898-1930) afastou os trabalhadores urbanos da vida política, entregando, dessa forma, o comando do Estado brasileiro aos grandes empresários.

15. Fatec-SP

“É tempo de tornarmos ao caminho certo. E nos esforçarmos para importar tudo quanto eles possam produzir em melhores condições do que nós”.

Declaração de Manoel Ferraz de Campos Sales. In: MELO, L.; CÉSAR, L. *História do Brasil*. São Paulo: Scipione, 1999.

Sobre o governo de Campos Sales, é correto afirmar:

- idealizou o sistema de alianças entre os governadores dos estados e o governo federal, que consistia, basicamente, em uma troca de interesses e favores e que ficou conhecido como política dos governadores.
- foi organizado o Convênio de Taubaté, cuja finalidade era encontrar solução para a crise da superprodução do café.
- sua intenção era tornar o Brasil um país industrializado, uma vez que a agricultura estava levando o país ao caos econômico.
- foram iniciadas as reformas urbanas, que tinham como objetivo transformar a cidade do Rio de Janeiro na “capital do progresso”.
- eclodiu, na Bahia, um grande movimento de sertanejos, liderados por Antônio Mendes Maciel, que ficou conhecido como Guerra dos Canudos.

16. Unesp-SP

“Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados”

“Vício na fala”, de 1925, é um dos mais conhecidos registros poéticos do modernismo. Entre as características do movimento que ele apresenta, podemos identificar a:

- rejeição do eruditismo e do engajamento político.
- defesa da norma culta e do academicismo.
- valorização da língua falada e do coloquialismo.
- celebração da vida rural e da modernidade.
- crítica às políticas públicas na educação e na saúde.

17. UFRJ-RJ

“A revolta deixou entre os participantes um forte sentimento de autoestima, indispensável para formar um cidadão. Um repórter de *A Tribuna* ouviu de um negro acapoeirado frases que atestam esse sentimento. Chamando sintomaticamente o jornalista de cidadão, o negro afirmou que a sublevação se fizera para ‘não andarem dizendo que o povo é carneiro’. O importante – acrescentou – era ‘mostrar ao governo que ele não põe o pé no pescoço do povo’.”

CARVALHO, José Murilo de. Abaixo à vacina. In: *Revista Nossa História*, ano 2, n. 13, nov. 2004, p. 73-79.

A Revolta da Vacina (1904) a que se refere o texto é considerada a principal revolta popular urbana da Primeira República (1889-1930).

- a) Cite e explique dois motivos geradores de insatisfações que levaram a população da cidade do Rio de Janeiro a rebelar-se em 1904.

- b) Identifique dois movimentos populares na área rural, à época da Primeira República.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C1-H1

Texto I



© TARSILA DO AMARAL EMPREENDIMENTOS

Texto II

“Em janeiro de 1928, Tarsila queria dar um presente de aniversário especial ao seu marido, Oswald de Andrade. Pintou o *Abaporu*. Eles acharam que parecia uma figura indígena, antropófaga, e Tarsila lembrou-se do dicionário tupi-guarani de seu pai. Batizou-se o quadro de *Abaporu*, que significa ‘homem que come carne humana, o antropófago’. E Oswald escreveu o Manifesto Antropófago e fundaram o Movimento Antropofágico.”

Disponível em: <www.tarsiladoamaral.com.br>. Acesso em: 4 ago. 2012. (Adaptado)

O movimento originado da obra *Abaporu* pretendia se apropriar:

- a) da cultura europeia, para originar algo brasileiro.
 b) da arte clássica, para copiar o seu ideal de beleza.
 c) do ideário republicano, para celebrar a modernidade.
 d) das técnicas artísticas nativas, para consagrar sua tradição.
 e) da herança colonial brasileira, para preservar sua identidade.

19. Enem

C3-H15



ACERVO FIOCruz, RIO DE JANEIRO

Charge capa da revista *O Malho*, de 1904.

A imagem representa as manifestações nas ruas da cidade do Rio de Janeiro, na primeira década do século XX, que integraram a Revolta da Vacina. Considerando o contexto político-social da época, essa revolta revela:

- a) a insatisfação da população com os benefícios de uma modernização urbana autoritária.

- b)** a consciência da população pobre sobre a necessidade de vacinação para a erradicação das epidemias.
- c)** a garantia do processo democrático instaurado com a república através da defesa da liberdade de expressão da população.
- d)** o planejamento do governo republicano na área de saúde, que abrangia a população em geral.
- e)** o apoio ao governo republicano pela atitude de vacinar toda a população em vez de privilegiar a elite.

20. Enem

C3-H11

“O coronelismo era fruto de alteração na relação de forças entre os proprietários rurais e o governo, e significava o fortalecimento do poder do Estado antes que o predomínio do coronel. Nessa concepção, o coronelismo é, então,

um sistema político nacional, com base em barganhas entre o governo e os coronéis. O coronel tem o controle dos cargos públicos, desde o delegado de polícia até a professora primária. O coronel hipoteca seu apoio ao governo, sobretudo na forma de voto.”

CARVALHO, J. M. *Pontos e bordados*: escritos de história política. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998. (Adaptado)

No contexto da Primeira República no Brasil, as relações políticas descritas baseavam-se na:

- a)** coação das milícias locais.
- b)** estagnação da dinâmica urbana.
- c)** valorização do proselitismo partidário.
- d)** disseminação de práticas clientelistas.
- e)** centralização de decisões administrativas.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

ROMPIMENTO DA OLIGARQUIA

CRISE DOS GOVERNOS OLIGÁRQUICOS

A Primeira República ficou marcada pelo controle do processo político e eleitoral por parte das elites do café, as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais, que possuíam a maior relevância econômica e, por meio de uma aliança, tomavam conta da cadeira presidencial. O período durou até 1930, quando diversos motivos levaram à queda desses governos oligárquicos e culminou na Revolução de 1930, cujo grande nome a ser evidenciado é Getúlio Vargas. O rompimento dos governos oligárquicos ocorreu em virtude da crise financeira, que afetou o negócio do café e, conseqüentemente, as elites ligadas a ele, além de revoltas contra o sistema político vigente. Entre as principais movimentações estão o tenentismo e a Coluna Prestes, na qual Luís Carlos Prestes foi uma figura central. Por fim, a aliança entre paulistas e mineiros sofreu uma ruptura, o que potencializou a revolução que estava por vir.

ACERVO LUIZ SANTOS JR



A charge representa a política do café com leite, por meio da qual as elites políticas de São Paulo e de Minas Gerais revezavam-se no poder.

DE VOLTA OS TENENTES

A Primeira República vivia seus dias de crise e as oligarquias que estavam no poder apossaram-se da república. Corrupção e coronelismo eram marcas da política nacional. A convulsão social aproximava-se nas duas primeiras décadas do século XX. De acordo com Anita Leocádia Prestes:

- Crise dos governos oligárquicos
- De volta os tenentes
- Sociedade em transformação
- Movimento operário no Brasil
- Auge da crise do governo oligárquico
- Revolução de 1930

HABILIDADES

- Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.
- Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.
- Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.
- Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situação ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.
- Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

Diante da grave crise estrutural (econômica, social, política, ideológica e cultural) que abalava a república no início dos anos 1920 – a crise do “pacto oligárquico” estabelecido entre os grupos oligárquicos dominantes –, os setores médios mostravam-se insatisfeitos com a falta de liberdade e as limitadas possibilidades de influir na vida política. Predispunham-se à revolta e a apoiar ações radicais contra o poder da oligarquia. Faltavam-lhes, contudo, organização e capacidade de arregimentação para assumir a direção do movimento de rebeldia contra esse domínio estabelecido. A insatisfação no país era geral, mas foi a jovem oficialidade do Exército e da Marinha (os chamados “tenentes”) quem assumiu a liderança das oposições. O tenentismo veio preencher o vazio deixado pela falta de líderes civis aptos a conduzir o processo de lutas que começava a sacudir as já caducas instituições políticas da Primeira República. Os “tenentes” assumiram as bandeiras de conteúdo liberal que, há algum tempo, vinham sendo agitadas pelos setores oligárquicos dissidentes, dentre as quais se destacava a demanda do voto secreto, refletindo o anseio generalizado de liquidação da fraude eleitoral então em vigor. O que distinguia os “tenentes” das oligarquias dissidentes e dava ao seu liberalismo um caráter radical era a disposição de recorrer às armas na luta por tais objetivos.

PRESTES, Anita Leocádia. *Uma epopeia brasileira: a Coluna Prestes*. São Paulo: Moderna, 1995.



Ocorreram sucessivas revoltas de tenentes, como as do Rio de Janeiro (1922), de São Paulo (1924) e do Rio Grande do Sul (1924). Esta última teve como um de seus principais líderes o militar Luís Carlos Prestes, que saiu do estado gaúcho e percorreu o país com a Coluna Prestes durante os governos de Artur Bernardes e Washington Luís. Conforme observa Rodrigo Pato Sá Motta:

Luís Carlos Prestes foi uma das figuras públicas mais polêmicas, complexas e fascinantes da história política brasileira. Durante sua longa trajetória, colecionou admiradores e detratores. Para os primeiros, foi um líder heroico, que dedicou a vida à luta por um país melhor. Para os adversários conservadores, não passava de um traidor da pátria, inimigo do Brasil. No início, quando despontou na cena política, Prestes tinha, assim como os outros militares rebeldes da sua geração, ideais moderados. Mas sua incursão pelo interior do Brasil, à frente da Coluna Prestes, e a descoberta da situação miserável em que vivia a maioria do povo o levaram a adotar posturas mais radicais. [...] Em outubro de 1924, já como capitão, levou o Batalhão Ferroviário de Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul, a aderir ao levante iniciado meses antes em São Paulo. Impossibilitados de manter domínio sobre a capital do estado, os revolucionários paulistas recuaram rumo ao interior, até o oeste do Paraná. Ali se encontraram com Prestes e sua tropa, decidindo que o combate contra as forças legalistas iria continuar. Começava, assim, a marcha que os levaria a cruzar boa parte do interior do país. Em 1927 entraram na Bolívia em busca de asilo. A imprensa batizou o pequeno exército rebelde de Coluna Prestes – no início, também chamada Miguel Costa-Prestes –, exaltando a figura do jovem capitão, atribuindo-lhe a alcunha que o acompanharia por décadas: “Cavaleiro da Esperança”.

MOTTA, Rodrigo Pato Sá. O cavaleiro e o mito. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, p. 76-80, 16 jan. 2007.



Uma das poucas fotografias do grupo que caminhou pelo Brasil em nome de seus ideais. Liderada por Luís Carlos Prestes, a Coluna Prestes esteve presente em diversos períodos da política brasileira.

SOCIEDADE EM TRANSFORMAÇÃO

A sociedade brasileira das duas primeiras décadas do século XX era formada pelas seguintes camadas:

- **aristocracia rural:** detentora de terras, implementos agrícolas e/ou rebanhos. Controlava a maior parte da produção nacional, já que o país era essencialmente agrário;
- **burguesia industrial:** constituía-se na classe emergente, muitas vezes oriunda da própria aristocracia rural, e fortalecia-se à medida que o país avançava na industrialização;

- **burguesia comercial:** formada por exportadores e importadores e dependente das duas camadas anteriores;
- **camada média:** formada por pequenos produtores, comerciantes e profissionais liberais que viviam do próprio negócio;
- **assalariados rurais:** constituídos por trabalhadores imigrantes italianos, portugueses e espanhóis. Trabalhavam sem qualquer lei de proteção ao trabalho, ficando, portanto, à mercê da aristocracia rural, já que, isolados no interior das unidades produtivas, não possuíam condição alguma de organização de classe;
- **massa camponesa:** compunha-se de uma enorme massa de pequenos agricultores que produziam para a subsistência familiar, como os assalariados rurais. Era dependente da aristocracia rural, não possuindo qualquer organização de classe;
- **operariado urbano:** constituído por trabalhadores imigrantes. Crescia à medida que o país se industrializava, transformando-se em uma massa de pressão às elites dominantes, enquanto o país avançava no desenvolvimento de suas forças produtivas.

MOVIMENTO OPERÁRIO NO BRASIL

O desenvolvimento do movimento operário no Brasil está intimamente ligado ao processo de imigração, iniciado nas últimas décadas da monarquia. É significativo o papel desenvolvido pelos operários imigrantes italianos, que trouxeram como bandeira de luta o anarquismo.



Operários (1933), de Tarsila do Amaral. Óleo sobre tela, 150 cm x 205 cm. Nessa pintura, Tarsila retrata a diversidade étnica que formava a classe dos trabalhadores. Engajada em movimentos de esquerda, a artista representava em suas obras a realidade dos menos favorecidos na sociedade brasileira.

No Brasil, os anarquistas eram ligados ao anarcossindicalismo e defendiam a organização dos operários em sindicatos fortes para fazer pressão junto ao Estado e às elites dominantes.

O anarquismo condenava toda e qualquer forma de centralização política ou de classe e defendia a desestruturação do sistema capitalista por meio do desmonte do Estado burguês (sistema eleitoral, instituições políticas, propriedade privada etc.). Em seu lugar, deveria ser construída uma sociedade que se autogerenciasse.

Em 1917, trabalhadores de São Paulo promoveram uma série de greves, culminando com a manifestação de revolta pela morte do militante anarquista Antônio Martinez.

Alguns acontecimentos mundiais repercutiam no Brasil, como a Revolução Russa de 1917, que implantou um governo socialista de características centralizadoras, “a ditadura do proletariado”. Isso ia contra a filosofia anarcossindicalista, que pregava o fim do Estado. Mas, ao mesmo tempo, refletia certo resultado da luta operária na Rússia.

O avanço do socialismo em várias regiões da Europa fez com que, no Brasil, os operários fizessem reivindicações, o que levou as elites a tomar consciência do risco que corriam ao continuar a violenta situação de exploração dos trabalhadores, os quais eram desprovidos de qualquer proteção legal.

Assim, em 1918 a Câmara dos Deputados criou a Comissão de Legislação Social com a finalidade de apresentar um conjunto de leis trabalhistas de proteção ao trabalhador, porém, dentro dos limites aceitáveis pelas classes dominantes. Entre os direitos a serem concedidos, estavam a regulamentação da carga horária de trabalho, o direito de férias e a proteção contra acidentes de trabalho.

Para os anarquistas, as propostas da Câmara não significavam direitos conquistados, e sim concedidos por um Estado burguês, que viria exercer o controle sobre os trabalhadores. Ao mesmo tempo, outra ala de socialistas, ligada à Revolução Bolchevique, fundava, em 1922, o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), que defendia a revolução popular para a implantação da ditadura do proletariado no país. Esses socialistas, diferentemente dos anarcossindicalistas, aceitavam a legislação trabalhista formulada por parte do governo, já que ela poderia, de alguma forma, unir o proletariado e enfraquecer o Estado burguês.

AUGE DA CRISE DO GOVERNO OLIGÁRQUICO

A Coluna Prestes (1925-1927), que marchou cerca de 24 mil quilômetros nesse período, é considerada a mais longa marcha militar de toda a história mundial e buscava a moralização política do país e o término do domínio oligárquico com o fim do voto aberto e a reformulação da estrutura política. Isolado e sem conseguir a adesão popular, o movimento acabou dissolvendo quando os principais líderes se exilaram em países vizinhos, principalmente na Bolívia.

Mas é principalmente no contexto internacional que se deve entender a crise do Estado oligárquico brasileiro. Primeiro, pelo avanço socialista do pós-Primeira Guerra Mundial e, depois, pela crise das nações capitalistas. De um lado, contestava-se o liberalismo em sua forma mais ampla, como faziam os movimentos fascistas, principalmente da Itália e da Alemanha, onde o liberalismo era considerado um fator de desestruturação da sociedade, já que estava centrado no individualismo, na liberdade e na pluralidade da vida política.

A união nacional deveria estar acima de qualquer anseio e liberdade pessoal. Somente um Estado forte seria capaz de garantir o desenvolvimento nacional, mesmo que apoiado no racismo, na força e na centralização política. Em 1922, Benito Mussolini assumiu o poder fascista na Itália e, em 1933, Adolf Hitler, na Alemanha. Mesmo nações ditas democráticas e liberais também passavam por crises. França e Inglaterra perdiam suas hegemonias mundiais e os Estados Unidos tiveram uma rápida ascensão no cenário internacional. O crescimento descontrolado da década de 1920, porém, levou o país a sofrer sucessivas crises econômicas, as quais culminaram, em 1929-1930, na quebra da Bolsa de Valores de Nova York.



Júlio Prestes, eleito pela política oligárquica com suas práticas suspeitas, quebrou o acordo já fragilizado da política do café com leite, mas nunca chegou a assumir.

A crise internacional abalou a economia cafeeira do Brasil, desestruturou o poder das oligarquias e forçou uma mudança, instigada também pelos movimentos no interior da sociedade brasileira: o tenentismo, com a política de salvação nacional; o trabalhismo, com as múltiplas tendências; a crítica modernista dos intelectuais da Semana de Arte Moderna de 1922; e a nova elite brasileira, ligada à industrialização.

REVOLUÇÃO DE 1930

Diante da situação crítica pela qual passava o país, o governo do paulista Washington Luís encontrava-se inoperante. De um lado, os trabalhadores aumentavam a pressão, exigindo a ampliação de seus direitos, o que levou o presidente a declarar publicamente que “a questão operária é uma questão de polícia”. De outro lado, a crise do café, provocada pela supersafra de 1928, levou o Brasil a perder mercado internacional, o que gerou uma crise interna.

Os arranjos políticos tornavam-se cada vez mais conflitantes. No Rio Grande do Sul, criadores de gado e produtores de arroz contestavam a política do governo federal. O mesmo faziam os grandes produtores de algodão, açúcar, fumo e cacau do Nordeste. Washington Luís, do Partido Republicano Paulista (PRP), quebrou o pacto do café com leite ao indicar como sucessor o também paulista Júlio Prestes. Antônio Carlos, governador de Minas Gerais, juntou-se a Getúlio Vargas, então governador do Rio Grande do Sul. O gaúcho seria lançado candidato a presidente e, depois da influência decisiva de Epitácio Pessoa, João Pessoa integrou a chapa como vice. Estava formada a Aliança Liberal.



Cartaz da Aliança Liberal, com Getúlio Vargas presidente e João Pessoa, vice.

O programa da Aliança Liberal refletia os anseios das aristocracias regionais não ligadas ao núcleo cafeeiro, da ascendente burguesia industrial e das camadas organizadas de operários. Assim, o programa propunha:

- reorganização da economia nacional, com diversificação da produção;
- incentivo à industrialização nacional;
- regulamentação de nova legislação trabalhista;
- instituição do voto secreto;
- instituição do voto feminino;
- anistia a presos políticos.

As eleições foram fraudulentas e o vencedor foi Júlio Prestes, candidato do governo. Inconformados

com o resultado, líderes da Aliança Liberal articularam-se com o apoio dos setores mais jovens das oligarquias e dos tenentes. Temia-se uma convulsão social no país e, sobretudo, que a massa urbana, crescendo em prestígio e poder, desse outro rumo aos acontecimentos.

O assassinato de João Pessoa, em um crime passionai e sem objetivos políticos, no Recife, repercutiu violentamente no país. Em 3 de outubro de 1930, tropas gaúchas rebelaram-se e receberam a adesão dos estados do Sul, de Minas Gerais e do Nordeste. Os oligarcas corriam sério risco político e Washington Luís via-se forçado a renunciar. Após um avanço violento da revolução a partir do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais em direção ao Rio de Janeiro, uma junta pacificadora formada por militares assumiu o poder. Diante do apoio dado a Vargas pelos tenentes e por setores civis da sociedade, a junta entregou o poder a Getúlio Vargas em caráter provisório.



Getúlio Vargas sendo celebrado por seus apoiadores em seu caminho até o Rio de Janeiro para tomar o poder, em novembro de 1930.

Mary de Almeida Gomes Vianna observa que:

O assassinato do presidente do estado da Paraíba, João Pessoa, vice na chapa de Getúlio, em julho de 1930, embora não tivesse motivos políticos, foi usado para acirrar os ânimos e convencer o futuro presidente e seus aliados civis de que a revolução armada era uma necessidade. Com isso, teve início, no dia 3 de outubro de 1930, um movimento encabeçado pelos tenentes que tomou os quartéis de todo o país, até com certa facilidade. Ao perceberem que a revolução havia sido vitoriosa, os generais Tasso Fragoso (1869-1945), João de Deus Mena Barreto (1874-1933) e o almirante Isaías de Noronha (1874-1963) depuseram Washington Luís e instalaram uma junta governativa que entregou o poder a Getúlio Vargas na madrugada de 31 de outubro, quando este chegou ao Rio. Três dias depois, o ex-candidato derrotado tomou posse como chefe do Governo Provisório. Era o fim da “velha” república e o começo da “Era Vargas”.

VIANNA, Mary de Almeida Gomes. *Revolução renovadora. Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, n. 61, 2010.

ROTEIRO DE AULA

ROMPIMENTO DA OLIGARQUIA

Tenentismo

O movimento tenentista era liderado por jovens de baixa patente, entre tenentes e capitães. Defendia o voto secreto, reformas políticas e sociais e o fim das fraudes eleitorais.

Questão trabalhista

Em 1917, os trabalhadores de São Paulo promoveram uma série de greves. Em 1922, uma ala de socialistas, ligada à Revolução Bolchevique, fundou o Partido Comunista do Brasil.

Questão eleitoral e econômica

A indicação de Júlio Prestes, que ganhou a eleição, rompeu a política do café com leite, ao mesmo tempo em que o país sofria os efeitos da Crise de 1929.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Unicamp-SP

“Na repressão à greve de 1917, em São Paulo, o Comitê de Defesa dos Direitos do Homem do Rio de Janeiro denunciou: Todos os componentes do Comitê de Defesa Proletária e os membros mais ativos dos sindicatos, das ligas, dos centros e dos periódicos libertários foram agarrados e encarcerados. As oficinas em que se fazia o semanário *A Plebe* foram invadidas, tendo sido o seu diretor preso. Para muitos presos, foi preparada a expulsão do território nacional.”

PINHEIRO, Paulo Sérgio; HALL, Michael. *A classe operária no Brasil (1889-1930)*: documentos. São Paulo: Brasiliense, 1981. v. II. p. 265-266. (Adaptado)

a) Qual foi a importância da greve de 1917 em São Paulo?

A greve de 1917 em São Paulo caracterizou-se como o movimento operário

de maior relevância durante a Primeira República (República Velha), obten-

do resultados reais, como o aumento de salários.

b) A partir do texto, identifique as formas de repressão adotadas pelo governo de São Paulo contra a greve de 1917.

De acordo com o texto, as formas de repressão adotadas pelo governo

de São Paulo contra a greve de 1917 foram o encarceramento em massa

dos envolvidos, a censura ao periódico *A Plebe* e a expulsão de alguns

presos do país.

c) Qual o papel da imprensa operária nas primeiras décadas do século XX no Brasil?

O papel da imprensa operária foi criar uma consciência ao proletariado

sobre suas condições de vida e trabalho e acerca da necessidade de

organização de luta por direitos.

2. UFF-RJ – Durante a Primeira República, a liderança do movimento operário no Rio de Janeiro e em São Paulo foi disputada por diversas correntes políticas. Dentre essas correntes, podem-se identificar:

- a) o socialismo utópico e o PTB.
- b) o trabalhismo e o PT.
- c) o anarcossindicalismo e o socialismo.
- d) o queremismo e o anarcossindicalismo.
- e) o Partido Comunista Brasileiro e o PTB.

A alternativa correta menciona duas correntes ideológicas distintas, o socialismo e o anarcossindicalismo, enquanto as demais fazem referência a partidos ou movimentos inexistentes durante a Primeira República.

3. UFBA-BA

“O mesmo movimento histórico que transformou lentamente as bases da República Velha, e que explica o tenentismo, explica igualmente o surgimento de um novo ator

na história do Brasil: o operariado. A princípio imperceptível, o operariado como categoria social ganhou corpo nas duas primeiras décadas do presente século.”

KOSHIBA, p. 286.

Considerando o texto acima e os conhecimentos sobre o assunto:

a) Analise duas condições que favoreceram a formação do operariado no Brasil.

Duas condições que favoreceram a formação do operariado foram o sur-

gimento de empresas e a imigração para o Brasil.

b) Estabeleça a comparação entre o ponto de vista do anarquismo e do socialismo quanto ao papel do sindicato e do Estado na atuação do operariado.

Os anarquistas buscavam formar uma sociedade sem a presença do Estado,

sendo o sindicato a única organização capaz de lutar pelo direito dos traba-

lhadores. Os socialistas, por outro lado, consideravam que o Estado deveria

atuar junto aos sindicatos para atender os interesses dos trabalhadores.

4. FGV-SP

“7 de julho [1922] – Com um saldo de 17 mortos, todos entre os rebeldes, tropas leais ao presidente Epitácio Pessoa sufocaram hoje uma revolta de oficiais que há dois dias haviam tomado o Forte de Copacabana. Eles protestavam contra o fechamento do Clube Militar e a prisão de seu presidente (e também ex-presidente da república) Hermes da Fonseca.”

Jayme Brener. *Jornal do século XX*.

Sobre o tenentismo, é correto afirmar que:

- a) apesar das divergências ideológicas em relação às correntes revolucionárias – como o anarquismo, o movimento dos oficiais fez uma série de alianças com o movimento operário, como na greve geral de 1917.
- b) esse movimento não tinha uma clara proposta de reformulação política e defendia um poder centralizado e a purificação das instituições republicanas, além da diminuição do poder das oligarquias regionais.
- c) foi um movimento inspirado no nazifascismo, que defendia o fortalecimento das instituições liberais-democráticas, como as eleições gerais e diretas, ao mesmo tempo em que apoiava o federalismo.
- d) teve como principal liderança em São Paulo o capitão Luís Carlos Prestes, mais tarde organizador da Ação Integralista Brasileira – AIB, defensor de uma ordem centralizada e de uma economia internacionalizada.
- e) a ação de julho de 1922 foi contida com facilidade pelas tropas leais ao governo federal e se constituiu na única ação importante relacionada com os militares rebeldes, que passaram a apoiar uma saída negociada para a crise.

O tenentismo surgiu entre oficiais de média e baixa patente do Exército que, insatisfeitos com a situação política brasileira e contrários ao controle das oligarquias, buscavam reformar algumas estruturas democráticas do Brasil.

5. UFT-TO

“Afinal, é justamente nos anos 20 que a decepção quanto à possibilidade de a república realizar o ideal de uma sociedade nova torna-se absolutamente explosiva. Particularmente para os intelectuais, a década de 1920 será de questionamentos inéditos até então e que permanecem em pauta pelas próximas décadas. Não apenas concepções tradicionais são atacadas, mas também as instituições republicanas – identificadas com uma legalidade que não tem correspondência no real [...]”.

LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização. In: DE LORENZO, Helena Carvalho; COSTA, Wilma Peres da. *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1997. p. 93.

Os questionamentos e críticas contextualizados pelo autor para se referir à década de 1920 indicam que a Semana de Arte Moderna foi:

- um movimento de afirmação das propostas políticas conservadoras que levaram à consolidação da república brasileira.
- um movimento de curta duração no que se refere à influência na produção musical, literária e na arte pictórica, que buscava retratar os costumes e linguagens do povo brasileiro.
- um movimento que, combinando as tendências artísticas mundiais com as raízes culturais brasileiras, atacava, inclusive, as mazelas do regime republicano brasileiro.
- um movimento marcado por mudanças culturais importantes para a elaboração de uma arte condizente com o academicismo tão apreciado pela elite brasileira.
- um movimento de valorização de expressões culturais inovadoras e, ao mesmo tempo, refratário às questões sociais do povo brasileiro.

A Semana de Arte Moderna foi inovadora em diversos aspectos, não apenas o artístico, sendo a arte também uma crítica à política e à sociedade da Primeira República.

6. Udesc-SC – A Revolução de 1930 marcou a história republicana brasileira, que passou a ser dividida, a partir de então, entre República Velha e República Nova. Sobre esse episódio, leia e analise as afirmativas abaixo:

- Denomina-se Revolução de 1930 o movimento armado que depôs o então presidente da República Washington Luiz Pereira de Souza, pouco antes do término do seu mandato.
- Getúlio Vargas não tomou parte nesse movimento, assumindo uma postura legalista e democrática que marcaria sua história política.
- O objetivo principal desse movimento era impedir a posse de Júlio Prestes, que havia derrotado a chapa de Getúlio Vargas e João Pessoa nas eleições presidenciais de março de 1930.
- Os protagonistas desse episódio esforçaram-se por ampliar o significado da revolução, investindo na ideia de República Nova como ruptura em relação à República Velha, e associando o regime instalado em 1930 à ideia de Brasil moderno.
- A Revolução de 1930 marcou a história republicana brasileira ao romper com o controle oligárquico do poder político e inaugurar uma longa fase de governo democrático somente rompida com o golpe de 1964.

Assinale a alternativa correta em relação às afirmativas:

- Somente as afirmativas I, II, III e IV são verdadeiras.
- Somente as afirmativas I, III e IV são verdadeiras.
- Somente as afirmativas II, IV e V são verdadeiras.
- Somente as afirmativas II, III e V são verdadeiras.
- Todas as afirmativas são verdadeiras.

A Revolução de 1930 foi um movimento que, após a derrota da chapa de Getúlio Vargas para a presidência da república, interviu para que a chapa vencedora não tomasse posse. Defendia o fim do controle das oligarquias em relação ao processo eleitoral e o estabelecimento de uma República Nova. Vargas encabeçou a movimentação, sendo parte do governo provisório que entraria no poder em seguida. A consequência da Revolução de 1930 foi o surgimento da Era Vargas, quando Getúlio Vargas tornou-se presidente e ditador do país até 1945.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. PUC-PR – O período da chamada República Velha contou com uma série de revoltas, pois o governo agia com autoritarismo para lidar com a insatisfação popular diante do domínio econômico e político das oligarquias. O trecho do documento abaixo mostra o descontentamento de um movimento político-militar que coordenou uma série de rebeliões a favor de reformas em diversas áreas: “Todo o Brasil, de norte a sul, ardentemente deseja, no íntimo de sua consciência, a vitória dos revolucionários, porque eles lutam por amor do Brasil, porque eles querem que o voto do povo seja secreto, que a vontade soberana do povo seja uma verdade respeitada nas urnas, porque eles querem que sejam confiscadas as grandes fortunas feitas por membros do governo à custa dos dinheiros do Brasil, porque eles querem que os governos tratem menos da politicagem e cuidem mais do auxílio ao povo laborioso que, numa mescla sublime de brasileiros e estrangeiros, irmanados por um mesmo ideal, vive trabalhando honestamente pela grandeza do Brasil.”

Cap. Luís Carlos Prestes, 29 de outubro de 1924.

Marque a alternativa que contempla o nome correto desse movimento revolucionário:

- | | |
|------------------|----------------|
| a) Tenentismo. | d) Socialismo. |
| b) Integralismo. | e) Anarquismo. |
| c) Modernismo. | |

8. Unesp-SP – A Coluna Prestes, que percorreu cerca de 25 mil quilômetros no interior do Brasil entre 1924 e 1927, associa-se:

- ao florianismo, do qual se originou, e ao repúdio às fraudes eleitorais da Primeira República.
- à tentativa de implantação de um poder popular, expressa na defesa de pressupostos marxistas.
- ao movimento tenentista, do qual foi oriunda, e à tentativa de derrubar o presidente Artur Bernardes.
- à crítica ao caráter oligárquico da Primeira República e ao apoio à candidatura presidencial de Getúlio Vargas.
- ao esforço de implantação de um regime militar e à primeira mobilização política de massas na história brasileira.

9. FGV-SP

“A Revolução de 1930 põe fim à hegemonia da burguesia do café, desenlace inscrito na própria forma de inserção do Brasil no sistema capitalista internacional. Sem ser um produto mecânico da dependência externa, o episódio revolucionário expressa a necessidade de reajustar a estrutura do país, cujo funcionamento, voltado essencialmente para um único gênero de exportação, se torna cada vez mais precário.”

FAUSTO, B. *A Revolução de 1930*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 112.

A respeito da Revolução de 1930, é correto afirmar que ela:

- a) ocorreu devido à divisão das oligarquias brasileiras num contexto de enfraquecimento da economia paulista.
- b) foi liderada pelos antigos tenentes e por Luís Carlos Prestes em aliança com a oligarquia gaúcha.
- c) foi desencadeada pelo movimento operário influenciado pelo sucesso da Revolução Russa de 1917.
- d) aconteceu devido à desaceleração da indústria paulista e às contestações das oligarquias nordestinas.
- e) foi provocada pelas desavenças entre as oligarquias de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul.

10. PUC-RS

“O protesto contra as desigualdades vinha tanto do fundo dos sertões como das cidades. A República Oligárquica utilizou os mais modernos equipamentos bélicos da época para reprimir esses movimentos, desencadeando, em alguns casos, campanhas ‘nacionais’ contra os revoltosos, acusados de inimigos da república.”

LOPES, Adriana; MOTA, Carlos Guilherme. *História do Brasil: uma interpretação*. São Paulo: Senac, 2008. p. 605.

Durante a Primeira República (1889-1930), o país foi varrido por uma série de revoltas que puseram a nu as profundas desigualdades existentes e o anseio por cidadania que moviam a maior parte da população. Com base na leitura do fragmento acima e em seus conhecimentos acerca do período, assinale a alternativa correta:

- a) A Guerra de Canudos foi motivada pelo fanatismo religioso e pela ignorância dos sertanejos, que, sem capacidade de discernimento, aceitaram rapidamente o discurso de Antônio Conselheiro.
- b) O principal ponto de insatisfação dos marinheiros que protagonizaram a Revolta da Chibata dizia respeito aos castigos físicos, pois eles não aceitavam que cidadãos brasileiros, homens livres, recebessem tratamento semelhante ao que os escravos recebiam nos tempos do cativo.
- c) O surgimento dos levantes tenentistas, em 1922, colocou em evidência que somente os militares estavam insatisfeitos com as alianças políticas e a cidadania restrita, típicas da Primeira República.
- d) A Revolta da Vacina representou uma insatisfação dos setores populares urbanos que estavam incomodados com a ausência de direitos políticos para os analfabetos e usaram a vacinação obrigatória para pressionar o governo a reformar a Constituição de 1934.
- e) O movimento operário brasileiro da época pouco contribuiu para as lutas em prol da cidadania, haja vista que os resquícios da escravidão fizeram com que os trabalhadores brasileiros considerassem moderada a exploração no período republicano.

11. PUC-PR

“O ano de 1930 tem grande significado na vida de Prestes; é o momento em que, diante da pressão para que assumisse a liderança do movimento que ficaria conhecido como a ‘Revolução de 30’, ele rompe com seus antigos companheiros, os ‘tenentes’, e se posiciona publicamente a favor do programa do Partido Comunista.”

PRESTES, Anita Leocádia. *Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro*. São Paulo: Boitempo, 2015.

Presente em diferentes momentos da história do Brasil, Luiz Carlos Prestes tornou-se personagem importante da República Velha até a redemocratização. Primeiramente integrante do movimento tenentista, durante os anos de exílio, após o fim da Coluna Prestes (1925-1927), estuda

e se aproxima do comunismo, regressando clandestinamente ao país como líder da Intentona Comunista (1935). Uma tentativa de revolução que faz parte de um contexto histórico em que podemos afirmar que:

- a) composto por grupos diferentes como líderes sindicais, comunistas e intelectuais, o levante de 35 foi amplamente combatido pelos militares, cujos batalhões se levantaram contra os revoltosos a partir de Natal chegando até o Rio de Janeiro, antiga capital do país.
- b) a ANL, agremiação política apoiada por Prestes, defendia principalmente a reforma agrária, a suspensão do pagamento da dívida externa e o combate ao fascismo. Com seu fechamento pelo governo Vargas, teve início a organização do levante armado conhecido sob o nome de Intentona Comunista com diversos de seus remanescentes.
- c) os integralistas participaram ativamente do aparelhamento da Intentona Comunista, movimento articulado entre antigos membros da ANL e da AIB, ambos partidos políticos contrários ao governo Vargas.
- d) o recém-criado PCB contava com amplo apoio popular, fato que ajudou no alastramento da revolta pelo país e gerou forte reação do governo, que respondeu com grande número de prisões e cassações políticas.
- e) o presidente Vargas conseguiu contornar o levante comunista de 1935, contudo, dois anos depois, um novo movimento chamado Plano Cohen teve início, provocando o decreto de estado de sítio e o início de um governo ditatorial, o Estado Novo (1937-1945).

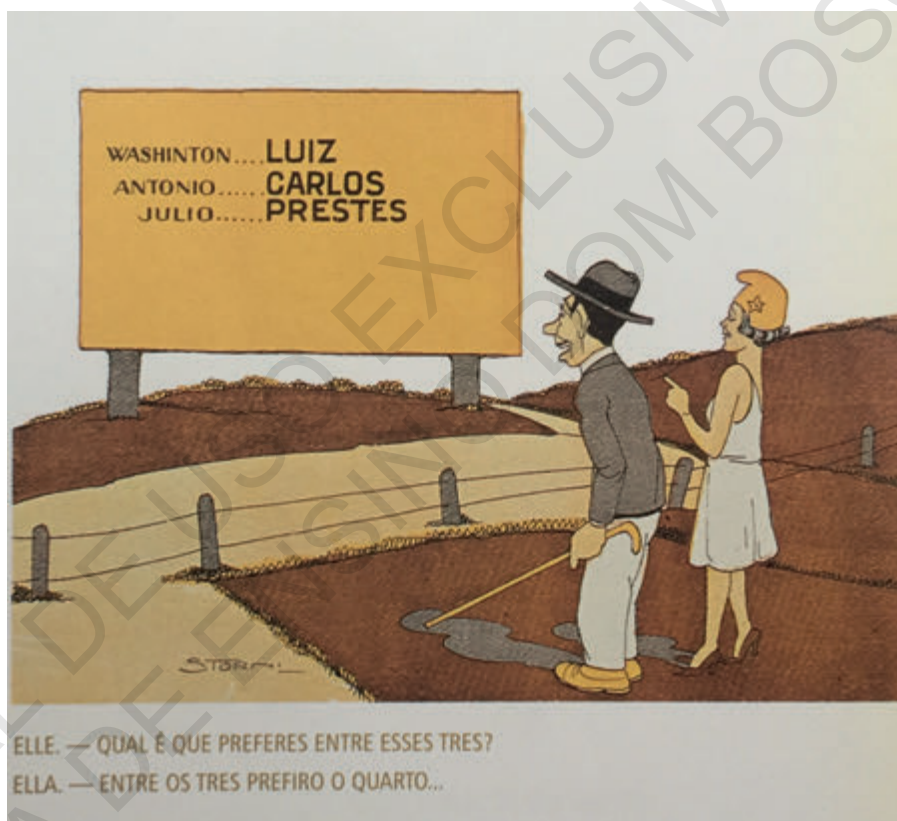
12. PUC-RS – A década de 1920 foi um período importante de transição na história política do Brasil republicano, sendo caracterizada:

- a) pela exclusão de boa parte das oligarquias regionais no poder central do país, na medida em que os estados mais importantes economicamente controlavam a presidência da república.
- b) por uma grande renovação nacional, com a alternância de partidos e de projetos políticos no controle do país, apesar da baixa participação popular nas decisões coletivas.
- c) por uma forte presença dos militares no comando da nação, especialmente dos chamados “tenentes”, cujas revoltas permitiram a ascensão do Exército aos cargos máximos do país.
- d) pela descentralização política, com o federalismo, mas, ao mesmo tempo, por forte concentração administrativa, devido ao controle do Executivo sobre os demais poderes de Estado.
- e) por uma forte ausência de mobilização política das classes trabalhadoras, em virtude da falta de uma agremiação partidária própria, como um Partido Comunista, o qual só será fundado por Luís Carlos Prestes depois de 1930.

13. UFMG-MG – Durante os anos 20, a república brasileira foi marcada por uma grande crise. Todas as alternativas apresentam evidências dessa crise, exceto:

- a) a Campanha Civilista de Rui Barbosa pela presidência da república.
- b) a eclosão das revoltas tenentistas pela moralização do Estado.
- c) a erupção de inúmeras greves e movimentos sociais dos trabalhadores urbanos.
- d) a ocorrência de atos de banditismo social como o cangaço.
- e) a decretação do estado de sítio no governo Artur Bernardes.

- 14. UFGM-MG** – Um dos episódios mais marcantes na história das revoluções brasileiras deu-se com a Coluna Prestes, que, entre 1924 e 1927, percorreu milhares de quilômetros do interior brasileiro na tentativa de manter acesa a luta por seus ideais. Como solução para os problemas brasileiros, os líderes da Coluna Prestes defendiam:
- o estabelecimento de uma ditadura militar que alinhasse o país às experiências inovadoras do fascismo europeu.
 - a destruição do sistema oligárquico, acompanhada da reformulação dos costumes e práticas políticas vigentes.
 - a distribuição das terras dos latifúndios entre os camponeses, que seriam mobilizados para lutar nas fileiras da própria Coluna.
 - a realização de uma revolução comunista, seguida da estatização das propriedades e da implantação do socialismo.
- 15. UFRJ-RJ** – A charge exposta a seguir trata da política brasileira durante o período de crise do que se convencionou chamar de República Oligárquica.



BIBLIOTECA NACIONAL - RIO DE JANEIRO

Charge de STORNI na revista *Careta*, ano 22, n. 1 103, de 10/8/1929. In: LEMOS, Renato (Org.). *História do Brasil através da caricatura (1840-2001)*. Rio de Janeiro: Bom Texto Editora e Produtora de Arte e Editora Letras & Expressões, 2001. p. 61.

A charge em questão joga com o nome de personagens importantes da política brasileira da época para compor o nome daquele que, conhecido como “Cavaleiro da Esperança”, carregava então um enorme prestígio e as aspirações de mudança de grandes parcelas do povo brasileiro a partir de sua atuação:

- na revolta de julho de 1922, conhecida como os 18 do Forte de Copacabana, em contestação à eleição e posse de Artur Bernardes, representante das oligarquias dominantes.
- no levante de novembro de 1935, em nome da Aliança Nacional Libertadora (ANL), contra o integralismo e o governo de Getúlio Vargas (1934-1937).
- na direção do Partido Comunista do Brasil (PCB), que se tornou vítima do autoritarismo do governo de Eurico Dutra (1946-1951).
- na direção da luta operária do período, com a organização do Bloco Operário e Camponês (BOC), que o lançou candidato à presidência da república em 1930.
- na chamada “Coluna Miguel Costa-Prestes”, que percorreu o Brasil buscando organizar um levante contra o governo das oligarquias rurais.

16. UFRJ-RJ

Porcentagem de votantes nas eleições presidenciais entre 1894 e 1930

Candidato vencedor	Nº de votantes (em milhares)	% de votantes sobre a população
Prudente de Morais (1894)	345	2,2
Campos Sales (1898)	462	2,7
Rodrigues Alves (1902)	645	3,4
Afonso Pena (1906)	294	1,4
Hermes da Fonseca (1910)	698	3
Venceslau Brás (1914)	580	2,4
Rodrigues Alves (1918)	390	1,5
Epitácio Pessoa (1919)	403	1,5
Artur Bernardes (1922)	833	2,9
Washington Luís (1926)	702	2,3
Júlio Prestes (1930)	1890	5,6

Fonte: CARVALHO, José Murilo de. Os três povos da república. In: CARVALHO, Maria Alice Resende de (Org.). *República no Catete*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2001. p. 72. (Adaptado)

Os dados eleitorais presentes na tabela indicam uma pequena participação popular nas eleições presidenciais na Primeira República (1890-1930). Identifique duas restrições impostas pela Constituição de 1891 ao exercício do voto.

17. Ufscar-SP – Observe a imagem a seguir:



Tarsila do Amaral. *Operários*, 1933.

a) De qual movimento artístico brasileiro faz parte a autora desta obra?

b) Apresente uma justificativa para o fato de a artista, nesta obra, ter retratado rostos de pessoas com características físicas diferentes.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C2-H8

“A solução militar da crise política gerada pela sucessão do presidente Washington Luís em 1929-1930 provocou uma profunda ruptura institucional no país. Deposto o presidente, o Governo Provisório (1930-1934) precisa administrar as diferenças entre as correntes políticas integrantes da composição vitoriosa, herdeira da Aliança Liberal.”

LEMOS, R. A Revolução Constitucionalista de 1932. In: SILVA, R. M.; CACHAPUZ, P. B.; LAMARÃO, S. (Org.). *Getúlio Vargas e seu tempo*. Rio de Janeiro: BNDES.

No contexto histórico da crise da Primeira República, verifica-se uma divisão no movimento tenentista.

A atuação dos integrantes do movimento liderado por Juarez Távora, os chamados “liberais” nos anos 1930, deve ser entendida como:

- a) a aliança com os cafeicultores paulistas em defesa de novas eleições.
- b) o retorno aos quartéis diante da desilusão política com a “Revolução de 30”.
- c) o compromisso político-institucional com o governo provisório de Vargas.
- d) a adesão ao socialismo, reforçada pelo exemplo do ex-tenente Luís Carlos Prestes.
- e) o apoio ao governo provisório em defesa da descentralização do poder político.

19. Enem

C1-H1

“É difícil encontrar um texto sobre a Proclamação da República no Brasil que não cite a afirmação de Aristides Lobo, no *Diário Popular* de São Paulo, de que ‘o povo assistiu àquilo bestializado’. Essa versão foi relida pelos enaltecedores da Revolução de 1930, que não descuidaram da forma republicana, mas realçaram a exclusão social, o militarismo e o estrangeirismo da fórmula implantada em 1889. Isto porque o Brasil brasileiro teria nascido em 1930.”

MELLO, M. T. C. *A república consentida: cultura democrática e científica no final do império*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2007. (Adaptado)

O texto defende que a consolidação de uma determinada memória sobre a Proclamação da República no Brasil teve, na Revolução de 1930, um de seus momentos mais importantes. Os defensores da Revolução de 1930 procuraram construir uma visão negativa para os eventos de 1889, porque esta era uma maneira de:

- a) valorizar as propostas políticas democráticas e liberais vitoriosas.
- b) resgatar simbolicamente as figuras políticas ligadas à monarquia.
- c) criticar a política educacional adotada durante a República Velha.
- d) legitimar a ordem política inaugurada com a chegada desse grupo ao poder.
- e) destacar a ampla participação popular obtida no processo da proclamação.

20. Enem

C3-H14

“Para os amigos pão, para os inimigos pau; aos amigos se faz justiça, aos inimigos aplica-se a lei.”

LEAL, V. N. *Coronelismo, enxada e voto*. São Paulo: Alfa-Ômega.

Esse discurso, típico do contexto histórico da República Velha e usado por chefes políticos, expressa uma realidade caracterizada:

- a) pela força política dos burocratas do nascente Estado republicano, que utilizavam de suas prerrogativas para controlar e dominar o poder nos municípios.
- b) pelo controle político dos proprietários no interior do país, que buscavam, por meio dos seus currais eleitorais, enfraquecer a nascente burguesia brasileira.
- c) pelo mandonismo das oligarquias no interior do Brasil, que utilizavam diferentes mecanismos assistencialistas e de favorecimento para garantir o controle dos votos.
- d) pelo domínio político de grupos ligados às velhas instituições monárquicas e que não encontraram espaço de ascensão política na nascente república.
- e) pela aliança política firmada entre as oligarquias do Norte e Nordeste do Brasil, que garantiria uma alternância no poder federal de presidentes originários dessas regiões.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DO

ERA VARGAS: DA CHEGADA AO PODER AO ESTADO NOVO

22

A REFUNDAÇÃO DO BRASIL

Em 3 de novembro de 1930, um mês depois do início da revolução, Getúlio Vargas tomou posse como presidente provisório. Às 16 horas, os salões do Palácio do Catete estavam lotados para assistir à cerimônia de posse. O general Tasso Fragoso, membro da junta governativa, após um discurso no qual criticou severamente o presidente deposto Washington Luís, passou o governo para Getúlio Vargas, que anunciou seu ministério.



Getúlio Vargas nomeando ministros em 3 de novembro de 1930.

GOVERNO PROVISÓRIO (1930-1934)

Dias depois, por uma lei orgânica, foram limitados os poderes discricionários de que se achava investido o Governo Provisório. A Constituição de 1891 continuou em vigor em sua maior parte. Entretanto, a limitação de poderes não correspondeu à realidade, pois o Congresso Nacional, as assembleias legislativas e as câmaras municipais foram dissolvidos, ocasionando dessa forma uma extrema centralização

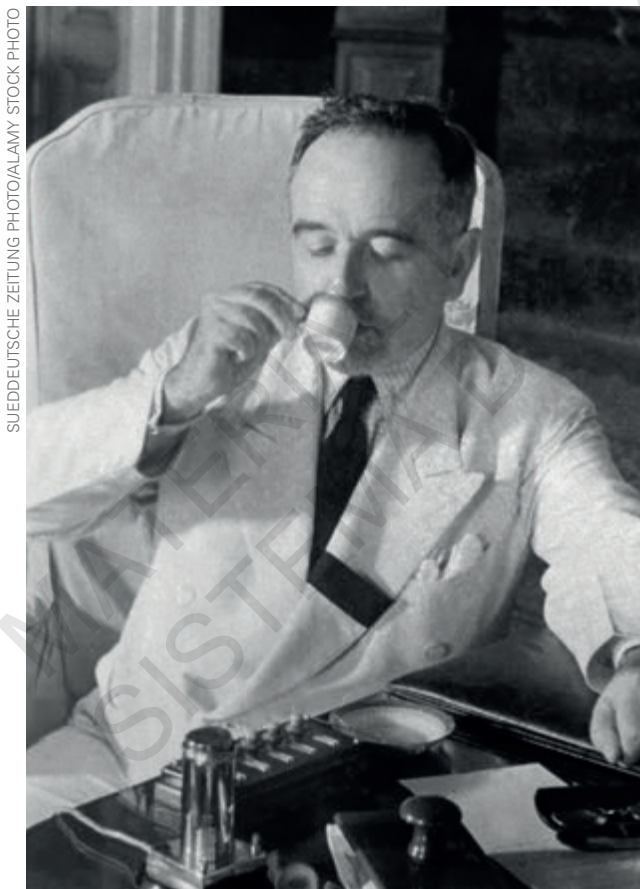
- A refundação do Brasil
- Governo Provisório (1930-1934)
- Revolução Constitucionalista de 1932
- Governo Constitucional (1934-1937)

HABILIDADES

- Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.
- Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.
- Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.
- Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situação ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.
- Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

do poder. Os Executivos estaduais e municipais foram preenchidos por meio de nomeações feitas pelo Governo Provisório, com os chamados interventores federais. Como forma de ampliar sua base política e seu poder sobre um país majoritariamente católico, o governo aproximou-se da Igreja ao permitir o ensino religioso nas escolas públicas a partir de 1931.

Para Juarez Távora, por sua participação revolucionária e seu prestígio principalmente no Norte do país, foi criada a Delegacia Regional do Norte. Seu poder ia do Espírito Santo ao Amazonas e, por isso, passou a ser conhecido como o vice-rei do Norte. Um dos aspectos mais marcantes do governo Vargas foi a política trabalhista, que tinha como objetivo principal reprimir esforços da classe trabalhadora urbana fora do controle do Estado e cooptá-la para dentro da órbita do governo. Com a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, seguiram-se leis de proteção ao trabalhador e de enquadramento dos sindicatos ao Estado, além da criação das Juntas de Conciliação e Julgamento. Essas reformas, porém, não chegaram ao trabalhador do campo, pois a conciliação que Getúlio fez com as oligarquias foi possível sob a condição de que se mantivessem intocáveis as relações sociais no campo. Surgia o chamado Estado de compromisso.



SUEDEUTSCHE ZEITUNG PHOTO/ALAMY STOCK PHOTO

Com a Revolução de 1930, Getúlio Vargas quebrou o ciclo de poder dos ricos cafeicultores, até então a elite política e econômica do país. Porém, não rompeu com a atividade produtiva: a exportação de café seguiu sendo uma das principais fontes de renda do país.

Ações contra a crise econômica do capitalismo mundial

Pode-se resumir as ações do Governo Provisório de Vargas contra a crise econômica mundial da seguinte forma:

- nomeação de interventores para os estados, tentando diminuir o poder das oligarquias locais. Para São Paulo, Vargas nomeou como interventor o pernambucano João Alberto, que sofreu acirrada oposição da oligarquia cafeeira;
- reajuste econômico, com a queima de café estocado, para revigorar a economia cafeeira, restabelecendo seu preço;
- adiamento das dívidas contraídas pelos produtores e comerciantes;
- nova política tributária;
- reformulação do sistema eleitoral, com a adoção do voto secreto e do voto feminino;
- reorganização administrativa do governo com a criação do Ministério da Educação e Saúde e do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio;
- elaboração de uma ampla política trabalhista, estabelecendo e ampliando os direitos dos trabalhadores;
- estabelecimento da Lei de Sindicalização (1931), de estrutura corporativa, por meio da qual os membros do sindicato eram formados por 50% de operários e 50% de integrantes da classe patronal.

Política cafeeira

Com a superprodução e a crise econômica do capitalismo mundial, o café, principal produto de exportação, passava por uma de suas crises mais violentas. Milhares de toneladas estavam estocadas à espera de um bom preço no mercado internacional. Entretanto, em razão desse desequilíbrio, os preços baixavam cada vez mais.

Como o café era primordial para a economia brasileira, Getúlio Vargas criou, em 1931, o Conselho Nacional do Café (CNC). Assim, uma das primeiras medidas do Conselho foi a compra dos estoques excedentes do produto e sua destruição, com o objetivo de reduzir a oferta e, conseqüentemente, melhorar seu preço.

José Maria Whitaker, ministro da Fazenda, foi contrário à medida e por isso foi substituído por Osvaldo Aranha, que deu seguimento à destruição dos excedentes do café comprados pelo governo.

Ao comprar o café, o governo injetava dinheiro na economia e, dessa forma, estimulava o consumo e a produção de artigos manufaturados. Em virtude das dificuldades em importar por causa da depressão econômica provocada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York (1929), os industriais brasileiros procuraram

diversificar a produção. Isso foi fundamental para que o Brasil pudesse enfrentar a crise e, assim, fosse um dos primeiros países a se livrar dela.

Entre 1931 e 1937, foram destruídas cerca de 70 milhões de sacas de café. O governo proibiu novas plantações por um prazo de três anos e incentivou o cultivo de novos produtos. Em 1933, o Conselho Nacional do Café foi substituído pelo Departamento Nacional do Café. Os cafeicultores, apesar do apoio econômico governamental, não estavam satisfeitos com a situação política.



Em 1931, a produção de café brasileira era maior que a capacidade de absorção do mercado internacional. A solução encontrada pelo governo foi a queima dos estoques.

REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932

Getúlio, ao mesmo tempo em que colocava em prática sua política econômica, realizava articulações para a elaboração de uma Constituinte. Foi do Rio Grande do Sul que partiu a campanha pela constitucionalização do país, recebendo rápida adesão de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. A constitucionalização apresentava-se como uma arma propícia à luta das forças políticas regionais contra o Governo Provisório. A ofensiva das oligarquias estaduais iniciou-se em maio de 1931. No Rio Grande do Sul, o Partido Libertador e o Partido Republicano uniram-se para reivindicar que o país voltasse à legalidade. No Rio de Janeiro, fundou-se a Liga pela Constituição e pela Ordem. Em São Paulo, o Partido Republicano Paulista e o Partido Democrático, até então ferrenhos inimigos, uniram-se e formaram a Liga de Defesa Paulista. Diante disso, Getúlio acelerou a publicação do novo código eleitoral e do anteprojeto da Constituição em 24 de fevereiro de 1932.



Batalhão Redentor Filhos de Iguape, combatentes da Revolução Constitucionalista de 1932.

Pela nova legislação, foram estabelecidos os votos secreto, feminino e classista. Os sindicatos, tanto patronais como de trabalhadores, elegeriam deputados com os mesmos direitos dos demais parlamentares. Os tenentes, então, pediram a Getúlio o adiantamento das eleições, pois consideravam que não era o momento adequado para a reconstitucionalização do país. Argumentavam que as mudanças estruturais de que o Brasil necessitava seriam frustradas por eleições imediatas, que apenas reporiam nos cargos a elite tradicional ou seus aliados.

As oligarquias, contudo, sentiam que essas discordâncias no governo poderiam facilitar seu movimento, com o objetivo de, segundo o historiador Lincoln Penna, mascarar seu verdadeiro objetivo: fazer a revolução retornar aos princípios do velho federalismo.

O velho federalismo interessava muito aos cafeicultores de São Paulo, que já haviam conseguido uma vitória contra o tenentismo ao exigir a substituição do interventor no estado, o capitão pernambucano João Alberto, pelo paulista e civil Pedro de Toledo.

Em 22 de maio, o ministro Osvaldo Aranha foi a São Paulo. Espalhou-se o boato de que ele viera impor um secretariado tenentista ao interventor Pedro de Toledo. Como consequência, milhares de pessoas saíram às ruas para protestar. No dia seguinte, o movimento cresceu, recebendo várias adesões, inclusive da Associação Comercial, que ordenou o fechamento de lojas em sinal de protesto.

A agitação ficou mais intensa na Praça da República, quando a sede da Legião Revolucionária, entidade tenentista, transformada no Partido Popular Progressista (PPP), dirigido pelo general Miguel Costa, foi atacada.

Porém, os legionários, que estavam armados, receberam os manifestantes à bala. A situação agravou-se em razão do pânico e da correria. A multidão dispersou-se em busca de um refúgio. Diversas pessoas foram feridas, várias delas mortalmente, mas quatro jovens mortos receberam destaque dos jornais e tornaram-se mártires: Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo.

Das iniciais dos nomes dos manifestantes mortos criou-se a sigla MMDC, que constituiu-se uma entidade cuja participação foi preponderante para a organização da revolução. Em surdina, ela passou a angariar fundos

ARCHIVAHALAMY STOCK PHOTO

ACERVO ICONOGRAPHIA

para a compra de armamentos e os doadores ficaram com seus nomes gravados no livro de ouro.



MEMORIAL 32/CENTRO DE ESTÚDIOS JOSÉ CELESTINO BOURROUL



Cartazes do levante paulista de 1932. A oposição dos paulistas a Getúlio Vargas congregou o estado em torno de um discurso fortemente regionalista e levou à Revolução de 1932. As mulheres paulistas tiveram participação extremamente importante e ativa na revolução. Trabalharam como enfermeiras, fabricaram uniformes para os combatentes e até doaram joias para o fundo de guerra.

Em 9 de julho de 1932, eclodiu o movimento armado sob a liderança militar dos generais Isidoro Dias Lopes, de São Paulo; e Bertoldo Klinger, do Mato Grosso, que, apesar de destituído de suas funções pelo Governo Provisório, compareceu para participar do movimento armado. A liderança civil ficou com Pedro de Toledo. Mas o clima de euforia foi substituído, em seguida, por uma sucessão de fatos desastrosos. No Rio de Janeiro, Agildo Barata e quase todos os oficiais vincula-

dos ao movimento foram presos. No Rio Grande do Sul, o interventor Flores da Cunha mudou de lado, passando a apoiar Getúlio Vargas. Minas Gerais, que havia se comprometido em manter uma neutralidade simpática, surpreendeu com uma hostilidade armada. Foi tão hostil que, do território mineiro, partiram mais tarde as tropas federais comandadas pelo general Góis Monteiro para sufocar a revolta paulista.

Em meados de setembro, percebendo que o movimento enfraquecia, apesar da luta fervorosa, o general Bertoldo Klinger enviou ao Governo Provisório uma proposta de armistício. Em 29 de setembro, contataram-se, mas não saiu acordo. Muitos paulistas eram contrários a qualquer forma de conciliação, mas toda a resistência fora inútil. A guerra acabou com 633 paulistas mortos durante o conflito:

A guerra começou na noite de 9 de julho, com ciclistas e motociclistas distribuindo as ordens de mobilização nos diferentes pontos de reunião espalhados pela cidade. No dia seguinte, um domingo, o Largo de São Francisco estava coalhado de jovens voluntários, que procuravam os postos de alistamento para se juntar aos soldados que partiam rumo às frentes de luta. Três meses e mais de 600 mortos depois, os paulistas se renderam e os políticos envolvidos no movimento foram presos e exilados. Sufocado o movimento, Getúlio Vargas marcou as eleições para a Constituinte para maio de 1933, num gesto de aproximação com os políticos de São Paulo. A convocação foi imediatamente assumida como uma vitória moral: “Perdemos, mas vencemos” tornou-se a versão oficial do episódio.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolução renovadora. Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, n. 61, 2010.

GOVERNO CONSTITUCIONAL (1934-1937)

Em 15 de novembro de 1933, Vargas realizou eleições para a Assembleia Constituinte, aprovando uma nova Constituição em julho de 1934. Por meio dela, as eleições presidenciais seriam diretas. No entanto, para o primeiro quadriênio constitucional, a própria Assembleia elegeria o presidente.

No dia seguinte, Getúlio Vargas foi eleito presidente da república, derrotando por boa margem de votos os dois outros candidatos: Borges de Medeiros e Góis Monteiro.

A promulgação da terceira Constituição, em 1934, veio, assim, atender às pressões da opinião pública nacional, principalmente de São Paulo, que exigia do presidente a legitimação do regime revolucionário de 1930.

Nas discussões acerca da nova Constituição, predominava o projeto das oligarquias de preservar a autonomia dos estados. Por isso, manteve-se o federalismo, mas com a redução da independência financeira estadual, a fim de fortalecer o governo federal.

A Constituição liberal-democrática garantia liberdade de opinião, de imprensa e de religião e eleições diretas para todos os cargos por sufrágio universal e voto secreto, incluindo o voto feminino, exceto a eleição do primeiro presidente, que seria indireta e feita pela própria Constituinte.

Houve ainda grande avanço nas questões sociais à medida que o texto confirmou as leis trabalhistas criadas e acrescentou outras, como férias remuneradas e criação da Justiça do Trabalho. Apesar de o texto prever a autonomia sindical, na prática registrou-se a multiplicação dos sindicatos colaboradores do Estado, liderados por pelegos sindicais. Na educação, a reformulação mais profunda dizia respeito à responsabilidade da União e o Artigo 5º da Constituição estabelecia fundamentos para uma política nacional de ensino dentro do projeto modernista de construção nacional. Mais tarde, a Constituição de 1937 confirmou a questão do ensino público e estimulou o ensino técnico e profissionalizante.

Intelectuais modernistas brasileiros como Mário de Andrade e Oscar Niemeyer abraçaram com entusiasmo esse projeto e participaram do novo governo. A preocupação com o ensino e o projeto de modernizar o país foram acompanhados pelas reflexões de intelectuais como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr., que dedicaram-se a explicar as origens históricas da nação.

Com o passar do tempo, ficava claro que as oposições não tinham um nome forte para concorrer com Vargas, único capaz de unir correntes tenentistas e oligárquicas. A Revolução de 1930 inaugurou um vazio de poder. Nenhum grupo conseguia exercer sozinho a hegemonia, como a oligarquia cafeeira o fizera na República Velha. O Estado, por sua vez, não era mais o simples representante de uma classe ou sequer de uma fração da classe dominante como antes.

Desse processo resultou, em boa parte, a força da burocracia estatal e pessoal do chefe maior, com sua função de juiz em meio às diversas demandas sociais. A disputa pelo poder manteve-se e, por isso, a ação estatal era muitas vezes contraditória em razão dos vários interesses em jogo.

A posição inequívoca do Estado mediante uma intervenção autoritária, principalmente durante o Estado Novo, procurou centralizar o poder e nacionalizar as decisões, combatendo antigos regionalismos. Classes e grupos sociais deveriam lutar do lado nacional por interesses mais amplos que as necessidades regionais.

O Estado nacional, com grande autonomia perante as classes, modernizou a sociedade, favorecendo todos os setores da burguesia, em especial o industrial, com a política de industrialização e o controle das reivindicações operárias. Os anos democráticos da Era Vargas foram os mais críticos antes da consolidação do Estado Novo, com o governo e a oposição digladiando-se na imprensa e no Parlamento.

A escalada do totalitarismo na Europa, com a ascensão do regime nazista de Adolf Hitler, na Alemanha,

em 1933; e a vitória de Francisco Franco sobre os republicanos na Guerra Civil Espanhola, entre 1936 e 1939, refletiu-se no Brasil com a formação da Ação Integralista Brasileira (AIB) por Plínio Salgado, antigo membro do Partido Republicano Paulista.

A AIB adotou o lema “Deus, pátria e família”; a letra grega sigma (Σ) como símbolo, a palavra indígena “anauê” como saudação e o uniforme composto de camisa verde. Seu programa político atacava a democracia liberal, os imperialismos americano e inglês e, principalmente, o que chamava de barbárie comunista e pregava a formação de um Estado totalitário para unificar a nação.

Os militantes da AIB compunham-se de pessoas das classes médias urbanas e de imigrantes das colônias alemãs e italianas. O movimento aceitava a participação de negros, mulheres e judeus, segundo o ideário de nação acima de qualquer distinção de raça ou credo.

Como no regime fascista italiano, o integralismo não implicava racismo e a AIB também formou milícias que promoviam passeatas e agressões a socialistas. Muitos tenentes e membros do clero aderiram a ela e vários de seus componentes serviram como espões do nazismo no Brasil.



COLEÇÃO PARTICULAR

Segundo a ideologia fascista europeia, o integralismo foi profícuo na criação de símbolos, como o uso da letra grega sigma, de camisas verdes, da saudação com a mão esquerda e da palavra “anauê”.

Vargas via com simpatia o integralismo como freio às manifestações esquerdistas. Em 1935, surgiu a Aliança Nacional Libertadora (ANL), espécie de frente legal do Partido Comunista Brasileiro (PCB), reunindo também democratas e socialistas dedicados a combater o alastramento do fascismo e o fortalecimento da AIB. A participação comunista na ANL, em especial, decorreu de uma mudança de orientação da III Internacional (Komintern), liberando a participação dos comunistas em frentes únicas com outras organizações antifascistas.

Liderada por Luís Carlos Prestes, que em 1934 entrou clandestinamente no Brasil com sua companheira

Olga Benário e outros líderes comunistas, como o alemão Artur Ewert, a ANL exercia alguma influência nos quartéis, com adesão de uma ala do tenentismo, sargentos e cabos. Seu maior número de militantes vinha das classes médias que adotavam posições mais radicais, além de uma quantidade bem menor de operários.

Responsável por grandes comícios pelo país, a ANL propunha um programa bastante sintético: lutar contra o fascismo, o imperialismo e o latifúndio. Defendia a suspensão definitiva da dívida externa, a nacionalização das empresas estrangeiras, a garantia das liberdades populares, a proteção dos pequenos e médios produtores, a reforma agrária e a formação de um governo popular.

Considerando sua base de apoio bastante sedimentada e superestimando a participação do Exército, em 1935 a ANL promoveu uma tentativa de revolução comunista após seu fechamento por Vargas e a prisão de alguns de seus membros. A Intentona Comunista, como ficou conhecida, resumiu-se à tomada temporária da cidade de Natal e a combates no Recife e no Rio de Janeiro, resultando em um retumbante fracasso, com a prisão de todos os participantes. A tentativa dos comunistas de tomar o poder justificou o estado de sítio decretado pelo presidente a partir dessa data e o golpe de 1937, que instituiu a ditadura varguista.



ACERVO DO ESTADO, SÃO PAULO

Manchete do jornal *A Manhã* anunciando que Luís Carlos Prestes estava à frente da série de levantes comunistas que ocorreram em 1935 no Brasil.

Em 1937, em plena campanha eleitoral, Vargas tornou pública uma nova tentativa de tomada de poder pelos comunistas, o Plano Cohen. Esse perigo extremo não lhe deixava alternativa a não ser implantar um regime autoritário e violento, o Estado Novo, que cerceou as liberdades individuais, ocasião em que manifestou publicamente seu apreço aos regimes totalitários europeus. Mais tarde, revelou-se que o Plano Cohen não passava de uma grande fraude, uma manobra de Vargas para manter o poder.

ROTEIRO DE AULA

ERA VARGAS: GOVERNO PROVISÓRIO E GOVERNO CONSTITUCIONAL

Governo Provisório (1930-1934)

Reestruturação econômica:

Queima de café estocado como tentativa de reestabelecer seu preço.

Reestruturação política:

Nomeação de interventores para os estados.

Reestruturação administrativa:

Criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, do Ministério da Saúde e do Ministério da Educação.

Reformulação do sistema eleitoral:

Adoção do voto secreto e do voto feminino.

Revolução Constitucionalista de 1932

A exigência de uma nova Constituição e o descontentamento político da oligarquia paulista congrega São

Paulo em torno de um discurso regionalista, o que levou à Revolução de 1932.

AIB (integralismo-fascista):

Plínio Salgado, camisas-verdes, anauê.

Medida inaugural:

Promulgação de uma nova Constituição para atender às exigências da opinião pública.

Governo Constitucional (1934-1937)

Plano Cohen:

Pretexo para o golpe do Estado Novo.

ANL (comunista):

Luís Carlos Prestes, Intentona Comunista (1935).

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. UFRJ-RJ

“Foi em 1930 que, à frente da revolução, Getúlio Vargas assumiu a presidência do Brasil. Era um tempo novo que se abria ao desenvolvimento industrial e às leis trabalhistas. Ele cria a Previdência Social. Eram anos de conquista e de grande agitação pelo poder de 32 a 37, aquele estadista reprimiu os paulistas comunistas e integralistas. Mas não há quem esconda seu valor de idealista, basta falar em Volta Redonda [...]”.

GOMES, Dias; GULLAR, Ferreira. *Dr. Getúlio: sua vida e sua glória*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1968. p. 10-11.

- a) Indique duas características do governo de Getúlio Vargas no período entre 1930 e 1937.

Entre as características dos governos Provisório e Constitucional de Ge-

túlio Vargas, entre 1930 e 1937, estão a formulação de uma nova Cons-

tituição para o país, a de 1934, que contemplava os direitos trabalhistas

e das mulheres, além do desenvolvimento do setor industrial e a cen-

tralização do poder.

- b) Explique uma característica do Estado Novo.

O Estado Novo refere-se ao período ditatorial de Getúlio Vargas. Nele,

utilizou-se a censura e a violência contra os adversários políticos e a

imprensa, o controle dos sindicatos, além do uso do rádio como forma

de propaganda e a criação da imagem de “pai dos pobres” para Vargas.

2. Ufal-AL – As rebeliões políticas nem sempre indicam mudanças radicais. No período de 1930 a 1945, politicamente, o Brasil:

- a) concretizou as liberdades democráticas, com a derubada das oligarquias e a renovação do Congresso Nacional.

- b) conviveu com práticas autoritárias, sendo a Constituição de 1937 um exemplo da centralização e da falta da democracia.
- c) modernizou sua economia, com a implantação de indústrias de base e a defesa da liberdade sindical.
- d) consolidou o poder das oligarquias do Sudeste, atendendo aos pedidos dos proprietários das usinas de açúcar.
- e) afirmou um modelo fascista, imitando o governo de Mussolini e incentivando preconceitos raciais.

Em 1937, por meio da fraude do Plano Cohen, uma nova tentativa de tomada de poder pelos comunistas depois da Intentona de 1935, Vargas implantou um regime autoritário e violento, o Estado Novo, que cerceou as liberdades individuais. A base desse regime simpático aos totalitarismos europeus foi a Constituição de 1937.

3. Fuvest-SP – Com respeito à Ação Integralista no Brasil, na década de 1930, é correto afirmar que:

- a) foi uma cópia fiel do fascismo italiano, inclusive nas cores escolhidas para o uniforme usado nas manifestações públicas.
- b) foi um movimento sem expressão política, pois não tinha líderes intelectuais nem adesão popular.
- c) tinha como principais marcas o nacionalismo, a base sindical corporativa e a supremacia do Estado.
- d) elegeu católicos, comunistas e positivistas como antagonistas mais significativos.
- e) foi um movimento financiado pelo governo getulista, o que explica sua sobrevivência.

A Ação Integralista Brasileira era uma movimentação nacionalista, conservadora e influenciada por ideais fascistas, além de se colocar contra o comunismo. Era a favor do liberalismo e da propriedade privada, mas defendia a supremacia do Estado.

4. FGV-SP

“A Revolução de 1930 põe fim à hegemonia da burguesia do café, desenlace inscrito na própria forma de inserção do Brasil no sistema capitalista internacional. Sem ser um produto mecânico da dependência externa, o episódio revolucionário expressa a necessidade de reajustar a estrutura do país, cujo funcionamento, voltado essencialmente para um único gênero de exportação, se torna cada vez mais precário.”

FAUSTO, B. *A Revolução de 1930*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 112.

A respeito da Revolução de 1930, é correto afirmar que ela:

- a) ocorreu devido à divisão das oligarquias brasileiras num contexto de enfraquecimento da economia paulista.
- b) foi liderada pelos antigos tenentes e por Luís Carlos Prestes em aliança com a oligarquia gaúcha.
- c) foi desencadeada pelo movimento operário influenciado pelo sucesso da Revolução Russa de 1917.
- d) aconteceu devido à desaceleração da indústria paulista e às contestações das oligarquias nordestinas.
- e) foi provocada pelas desavenças entre as oligarquias de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul.

Getúlio Vargas se oporia veementemente aos paulistas após sua chegada ao poder, sendo eles os antigos detentores do mesmo. Uma vitória dos paulistas, porém, será o movimento pela constituição de 1932, do qual decorrerá a elaboração da constituição de 1934. O jornal paulista colocaria em xeque a legitimidade do então governo e apoiava as movimentações dos paulistas no período.

5. Sistema Dom Bosco – Em 1937, um movimento político brasileiro publica um documento em um jornal dizendo que pretende formar “uma consciência nacional de grandeza da Pátria e dignidade do Homem e da sua Família” e promover “a eugenia da Raça, pela prática metodizada do atletismo, da ginástica e dos esportes” (*A Razão*, 18 nov. 1937. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 17 fev. 2019).

Com base nessas informações, identifique o movimento e seu ideário:

- a) Aliança Renovadora Nacional, liberal.
- b) Aliança Nacional Libertadora, socialista.
- c) Ação Integralista Brasileira, fascista.**
- d) Ação Libertadora Nacional, socialista.

O documento representa os ideais da AIB, Ação Integralista Brasileira, inspirada no fascismo. Entre suas características estava o nacionalismo, o patriotismo e o anticomunismo, além da ideia de eugenia.

6. FGV-SP

C5-H24

Em 1934, um grupo de mulheres brasileiras, liderado por Bertha Lutz, elaborou um texto que ficou conhecido como Manifesto Feminista. Leia um trecho desse documento:

“As mulheres, assim como os homens, nascem membros livres e independentes da espécie humana, dotados de faculdades equivalentes e igualmente chamados a exercer, sem peias, os seus direitos e deveres individuais, os sexos são interdependentes e devem, um ao outro, a sua cooperação. A supressão dos direitos de um acarretará, inevitavelmente, prejuízos para o outro, e, conseqüentemente, para a nação. Em todos os países e tempos, as leis, preconceitos e costumes tendentes a restringir a mulher, a limitar a sua instrução, a entrar o desenvolvimento das suas aptidões naturais, a subordinar sua individualidade ao juízo

de uma personalidade alheia, foram baseados em teorias falsas, produzindo, na vida moderna, intenso desequilíbrio social; a autonomia constitui o direito fundamental de todo indivíduo adulto; a recusa desse direito à mulher é uma injustiça social, legal e econômica que repercute desfavoravelmente na vida da coletividade, retardando o progresso geral [...]”.

DUARTE, C. L. Feminismo e literatura no Brasil. *Revista de Estudos Avançados*, v. 17, n. 49, set./dez. 2003. Disponível em: <bit.ly/2xtO1SW>. Acesso em: 6/7/2016.

Tendo em vista a situação das mulheres no Brasil na década de 1930, é correto afirmar que o texto:

- a) busca estimular as mulheres a exercerem o seu direito de voto que havia sido garantido pela Constituição brasileira de 1891.
- b) defende a superioridade das mulheres e condena as decisões da Constituição brasileira de 1934, que negaram o direito ao voto feminino.
- c) diverge das ações feministas do Rio Grande do Norte, que culminaram no exercício do direito de voto pelas mulheres em 1928.
- d) reflete o clima de radicalização política no Brasil no período e acabou por impedir o avanço nas conquistas políticas das mulheres.
- e) sustenta a igualdade de gêneros em sintonia com campanhas que consagraram o direito de voto para as mulheres na Constituição de 1934.**

O texto sustenta a igualdade de direitos entre os gêneros, em sintonia com as campanhas que defendiam o direito de voto feminino na Constituição de 1934.

Competência: Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Habilidade: Relacionar cidadania e democracia na organização das sociedades.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. PUC-RS – Para responder à questão, leia o trecho abaixo do discurso de Getúlio Vargas, proferido em sua posse como chefe do Governo Provisório, em 3 de novembro de 1930, depois da Revolução de 1930:

“O movimento revolucionário, iniciado vitoriosamente a 3 de outubro no sul, centro e norte do país, e triunfante a 24 nesta capital, foi a afirmação mais positiva que até hoje tivemos da nossa existência como nacionalidade. Em toda a nossa história política, não há, sob esse aspecto, acontecimento semelhante. Ele é, efetivamente, a expressão viva e palpitante da vontade do povo brasileiro, afinal senhor de seus destinos e supremo árbitro de suas finalidades coletivas.”

Sobre o discurso de Vargas e a Revolução de 1930 referida no texto, afirma-se:

- I. O “movimento revolucionário” mencionado é a Aliança Nacional Libertadora, que defendia o combate ao imperialismo, a reforma agrária e a instalação do socialismo no Brasil.
- II. Por definir o “povo” como “senhor de seus destinos e supremo árbitro de suas finalidades coletivas”, Vargas pautou seu governo pela defesa das camadas populares e pelo respeito às liberdades democráticas.
- III. Na campanha eleitoral à presidência, em 1930, Vargas defendeu o voto secreto e a autonomia da Justiça Eleitoral, o que lhe possibilita associar o movimento revolucionário à “expressão viva e palpitante da vontade do povo brasileiro”.

Está/estão correta(s) apenas a(s) afirmativa(s):

- a) I.
- b) II.
- c) III.
- d) I e II.
- e) II e III.

8. PUC-PR – A Igreja Católica foi uma importante base de apoio do governo Vargas e a inauguração da estátua do Cristo Redentor foi um dos marcos mais simbólicos da presença católica na Era Vargas, inclusive, como uma força anticomunista. A Igreja Católica contribuiu para que a massa da população apoiasse o governo de Vargas e recebeu, em troca, uma marcante recompensa. Sobre essa recompensa, marque a alternativa correta:

- a) A união entre o Estado getulista e a Igreja Católica levou o Brasil a viver uma teocracia no período entre 1930 e 1945.
- b) A recompensa recebida pela Igreja Católica foi a inauguração da estátua do Cristo Redentor (valorizando a Igreja Católica) no ano de 1937, quando começou o Estado Novo getulista.
- c) A única recompensa recebida pela Igreja Católica no governo Vargas, entre 1930 e 1945, foi a de não ser perseguida pelo Estado.
- d) A recompensa recebida pela Igreja Católica foi a do Estado getulista obrigar a população brasileira a se converter ao catolicismo.
- e) A partir de 1931, o ensino religioso (católico) foi permitido nas escolas públicas.

9. UFMG-MG – Leia estes versos:

“Mataram-nos à traição quando dormiam,
E foram companheiros que os mataram
Não foi a guerra, foi o crime que os matou
Dormiam no quartel, de madrugada,
Mas a seu lado,
Em sinistra vigília,
Companheiros sem alma conspiravam,
Sem alma porque a tinham vendido
Ao estrangeiro de vestes vermelhas...
Eram os filhos malditos de Caim.”

MAL, Carlos. “Toque de silêncio”.

É correto afirmar que, nesses versos, o autor faz referência:

- a) à insurreição de novembro de 1935.
- b) à Revolução Constitucionalista de 1932.
- c) à Revolução de Outubro de 1930.
- d) ao golpe civil-militar de 1964.

10. Unesp-SP – Sobre o movimento constitucionalista de 1932, é possível afirmar que:

- a) foi resultado da política federal, que impedia a exportação do café de São Paulo para o Ocidente europeu.
- b) atrasou o processo de democratização brasileira empreendido por Getúlio Vargas a partir de 1930.
- c) tinha, como principal objetivo, a separação do estado de São Paulo do restante da federação.
- d) levou o governo federal a negociar com a oligarquia paulista e a fazer concessões a seus interesses.
- e) obteve sucesso, derrotando as tropas de Vargas e devolvendo a presidência aos cafeicultores.

11. Uneval-AL – Observe as figuras abaixo:

Cartazes de propaganda integralista, onde a exaltação nacionalista aparece junto ao símbolo do movimento, o sigma.

Durante o período em que Getúlio Vargas governou constitucionalmente a nação, dois grupos políticos com ideologias totalmente diversas ganharam destaque na vida pública brasileira. Tratava-se da Ação Integralista Brasileira e da Aliança Nacional Libertadora. A Ação Integralista Brasileira foi criada pelo escritor Plínio Salgado, que contou com o apoio das oligarquias tradicionais e de alguns setores elitistas da Igreja Católica. Neste contexto histórico, pode-se afirmar:

- a) o programa político dos integralistas incluía a nacionalização das empresas estrangeiras.
- b) a Ação Integralista Brasileira, criada em 1932, de inspiração fascista, reunia em suas fileiras intelectuais religiosos, alguns ex-tenentistas e setores das classes médias e da burguesia.
- c) o operariado, por sua vez, apoiou integralmente os integralistas.
- d) o integralismo defendia a adoção do comunismo, expressa na ideia de supressão de classes.
- e) os integralistas foram os responsáveis diretos pelo golpe de Estado de 1937, que instaurou o Estado Novo no Brasil.

12. Fuvest-SP

“O Estado de compromisso, expressão do reajuste nas relações internas das classes dominantes, corresponde, por outro lado, a uma nova forma do Estado, que se caracteriza pela maior centralização, o intervencionismo ampliado e não restrito apenas à área do café, o estabelecimento de uma certa racionalização no uso de algumas fontes fundamentais de riqueza pelo capitalismo internacional [...]”

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: historiografia e história*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 109-110.

Segundo o texto, o Estado de compromisso correspondeu, no Brasil do período posterior a 1930:

- a) à retomada do comando político pela elite cafeicultora do sudeste brasileiro.
- b) ao primeiro momento de intervenção governamental na economia brasileira.
- c) à reorientação da política econômica, com maior presença do Estado na economia.
- d) ao esforço de eliminar os problemas sociais internos gerados pelo capitalismo internacional.
- e) à ampla democratização nas relações políticas, trabalhistas e sociais.

13. Fuvest-SP

“São Paulo não está apenas descontente. Está ferido na sua sensibilidade. O que a revolução lhe pediu ele lho deu... Por que a revolução tarda em restaurá-lo na sua autonomia e no governo direto de seus filhos? Cansado de viver como terra conquistada, São Paulo... pede apenas, à frente da administração de seus negócios, um de seus filhos que lhe compreenda o espírito e não lhe golpeie o coração”.

O Estado de S. Paulo, 27 jan. 1932.

Explique os impasses políticos discutidos por esse jornal e indique seus desdobramentos.

14. Faap-SP

“Batemo-nos pelo Estado integralista. Queremos a reabilitação do princípio de autoridade, que esta se respeite e faça respeitar-se. Defendemos a família, a instituição fundamental cujos direitos mais sagrados são proscritos pela burguesia e pelo comunismo.”

Este texto, pelas ideias que defende, é provável que tenha sido escrito por:

- a) Jorge Amado.
- b) Carlos Drummond de Andrade.
- c) Mário de Andrade.
- d) Oswald de Andrade.
- e) Plínio Salgado.

15. UFT-TO

“A ideologia classista deveria substituir a ideologia populista quando o desenvolvimento do capitalismo tivesse se completado na região. No momento de transição, caracterizado pela mescla de valores tradicionais e modernos, a política de massas foi interpretada como etapa necessária de passagem para uma sociedade desenvolvida e democrática.”

CAPELATO, Maria Helena Rolim. In: FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

Em se tratando da história política brasileira, é correto afirmar que a análise da autora se aplica ao:

- a) tenentismo.
- b) militarismo.
- c) integralismo.
- d) varguismo.
- e) coronelismo.

16. Ufes-ES

“Foi a ascensão das classes sociais urbanas, com a deposição do governo Washington Luís, em 1930, que criou novas condições sociais e políticas para a conversão do Estado oligárquico em Estado burguês. Esse foi o contexto em

que o governo Getúlio Vargas, nos anos 1930-1945, passou a pôr em prática novas diretrizes políticas quanto às relações entre assalariados e empregadores.”

IANNI, Octávio. *Estado e planejamento econômico no Brasil (1930-1970)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 34.

Conforme o texto, novas diretrizes políticas passaram a nortear o governo Vargas, especialmente após 1937, quando foi decretado o Estado Novo, que intensificou a regulamentação das relações entre as classes patronais e os trabalhadores no processo de industrialização vivido pelo Brasil no período posterior a 1930. O espírito dessa intervenção estatal se expressa na:

- a) negação de práticas valorizadas pelo fascismo, como o corporativismo e a máquina de propaganda.
- b) tentativa de aproximar a política trabalhista, cada vez mais, dos integralistas, com vistas a aliciar Plínio Salgado para a chefia do PTB.
- c) busca da harmonia social caracterizada pelo fortalecimento do Estado, que passa a tutelar as divergências e conflitos baseados em interesses particularistas.
- d) valorização exclusiva dos trabalhadores nacionais, objetivando dar-lhes oportunidade de alcançar o poder e assim fazer prevalecer sua ideologia, conforme legislação que previa expulsão dos judeus e outros estrangeiros residentes no Brasil.
- e) concessão do direito de greve aos trabalhadores e do de *lockout* aos empresários, com o fim de dirimir conflitos trabalhistas.

17. Mackenzie-SP – A Revolução de 1930, apoiada por grupos heterogêneos, sem grandes rupturas, promoveu sob a liderança de Getúlio Vargas um novo encaminhamento para o Estado brasileiro. Identifique estes traços nas alternativas a seguir:

- a) O Estado getulista incentivou o capitalismo nacional, promovendo a aliança entre setores da classe trabalhadora urbana e a burguesia nacional.
- b) Para Vargas, a questão social permanecia um caso da polícia e o modelo econômico passou a ser apoiado pelo capital estrangeiro.
- c) As decisões econômico-financeiras foram descentralizadas, tendo o presidente reduzidos poderes.
- d) O poder dos estados foi fortalecido em relação à União.
- e) Preservaram-se as relações clientelistas, mantendo-se a oligarquia cafeeira no poder como antes de 1930.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C3-H11

“Nos primeiros anos do governo Vargas, as organizações operárias sob controle das correntes de esquerda tentaram se opor ao seu enquadramento pelo Estado. Mas a tentativa fracassou. Além do governo, a própria base dessas organizações pressionou pela legalização. Vários benefícios, como as férias e a possibilidade de postular direitos perante as Juntas de Conciliação e Julgamento, dependiam da condição de ser membro de sindicato reconhecido pelo governo.”

FAUSTO, B. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2002. (Adaptado)

No contexto histórico retratado pelo texto, a relação entre governo e movimento sindical foi caracterizada:

- a) pelas benesses sociais do getulismo.
- b) por um diálogo democraticamente constituído.
- c) por uma legislação construída consensualmente.
- d) pelo reconhecimento de diferentes ideologias políticas.
- e) pela vinculação de direitos trabalhistas à tutela do Estado.

19. Enem

C3-H13

“A experiência do movimento organizado de mulheres no Brasil oferece excelente exemplo de como se pode utilizar a lei em favor da melhoria do *status* jurídico, da condição social, do avanço no sentido de uma presença mais efetiva no processo de decisão política. Ao longo de quase todo o século XX, com mais intensidade em algumas décadas do que em outras, as mulheres brasileiras conseguiram obter vitórias expressivas. Algumas vezes, abolindo dispositivos legais discriminatórios, outras, conseguindo aprovar novas leis.”

TABAK, F. A lei como instrumento de mudança social. In: TABAK, F.; VERUCCI, F. *A difícil igualdade: os direitos da mulher como direitos humanos*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

A atuação do movimento social abordado no texto resultou, na década de 1930, em:

- a) direito de voto.
- b) garantia de cotas.
- c) acesso ao trabalho.
- d) organização partidária.
- e) igualdade de oportunidades.

20. Enem

C3-H12

“A Justiça Eleitoral foi criada em 1932, como parte de uma ampla reforma no processo eleitoral incentivada pela Revolução de 1930. Sua criação foi um grande avanço institucional, garantindo que as eleições tivessem o aval de um órgão teoricamente imune à influência dos mandatários.”

TAYLOR, M. Justiça Eleitoral. In: AVRITZER, L.; ANASTASIA, F. *Reforma política no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2006. (Adaptado)

Em relação ao regime democrático no país, a instituição analisada teve o seguinte papel:

- a) implementou o voto direto para presidente.
- b) combateu as fraudes sistemáticas nas apurações.
- c) alterou as regras para as candidaturas na ditadura.
- d) impulsionou as denúncias de corrupção administrativa.
- e) expandiu a participação com o fim do critério censitário.

EXERCÍCIOS INTERDISCIPLINARES

21. Enem

C4-H19

“Conta-se que um curioso incidente aconteceu durante a Primeira Guerra Mundial. Quando voava a uma altitude de dois mil metros, um piloto francês viu o que acreditava ser uma mosca parada perto de sua face. Apanhando-a rapidamente, ficou surpreso ao verificar que se tratava de um projétil alemão.”

PERELMAN, J. *Aprenda física brincando*. São Paulo: Hemus, 1970.

O piloto consegue apanhar o projétil, pois:

- a) ele foi disparado em direção ao avião francês, freado pelo ar e parou justamente na frente do piloto.
- b) o avião se movia no mesmo sentido que o dele, com velocidade visivelmente superior.
- c) ele foi disparado para cima com velocidade constante, no instante em que o avião francês passou.
- d) o avião se movia no sentido oposto ao dele, com velocidade de mesmo valor.
- e) o avião se movia no mesmo sentido que o dele, com velocidade de mesmo valor.

22. Fuvest-SP

Níveis per capita de industrialização, 1750-1913 (Reino Unido em 1900 = 100)

País	1750	1800	1860	1913
Alemanha	8	8	15	85
Bélgica	9	10	28	88
China	8	6	4	3
Espanha	7	7	11	22
EUA	4	9	21	126
França	9	9	20	59
Índia	7	6	3	2
Itália	8	8	10	26

Japão	7	7	7	20
Reino Unido	10	16	64	115
Rússia	6	6	8	20

Ronald Findlay e Kevin O'Rourke. *Power and plenty: trade, war, and the world economy in the second millennium*. Princeton: Princeton University Press, 2007. (Adaptado)

Com base na tabela, é correto afirmar:

- a) A industrialização acelerada da Alemanha e dos Estados Unidos ocorreu durante a Primeira Revolução Industrial, mantendo-se relativamente inalterada durante a Segunda Revolução Industrial.
- b) Os países do Sul e do Leste da Europa apresentaram níveis de industrialização equivalentes aos dos países do Norte da Europa e dos Estados Unidos durante a Segunda Revolução Industrial.
- c) A Primeira Revolução Industrial teve por epicentro o Reino Unido, acompanhado em menor grau pela Bélgica, ambos mantendo níveis elevados durante a Segunda Revolução Industrial.
- d) Os níveis de industrialização verificados na Ásia em meados do século XVIII acompanharam o movimento geral de industrialização do Atlântico Norte ocorrido na segunda metade do século XIX.
- e) O Japão se destacou como o país asiático de mais rápida industrialização no curso da Primeira Revolução Industrial, perdendo força, no entanto, durante a Segunda Revolução Industrial.

23. Unioeste-SP

“Na segunda metade do século XX, a tendência à superação das ideias racistas permitiu que diferentes povos e culturas fossem percebidos a partir de suas especificidades. Grupos de negros pressionaram pela adoção de medidas legais que garantissem a eles igualdade de condições e combatessem a segregação racial. Chegamos então ao ponto em que nos encontramos, tendo que tirar o atraso de décadas de descaso por assuntos referentes à África.”

MELLO E SOUZA, Marina de. A descoberta da África. *RHBN*, ano 4, n. 38, p. 72-75, nov. 2008.

A partir deste texto e do conhecimento da sociologia a respeito da questão racial em nosso país, é possível afirmar que:

- a) autores como Gilberto Freyre, Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Darcy Ribeiro, entre outros tantos autores, são importantes por chamarem a atenção do país para o papel dos negros na construção do Brasil e da brasilidade e as formas de exclusão explícitas e implícitas que sofreram.
- b) apesar de relevante à luta contra o preconceito racial, o estudo da África só diria respeito ao conhecimento do passado, do período do descobrimento do Brasil até a abolição da escravidão entre nós.
- c) estudar a África só nos indicaria a captura e a escravidão de diferentes povos africanos, tendo em vista que raça e racismo são categorias ideológicas, as quais servem para encobrir as fortes tensões sociais existentes entre a imensa classe de pobres e o seu oposto, a dos ricos.
- d) a autora quer dizer que devemos hoje operar cada vez mais com categorias tais como a especificidade da raça negra, da raça branca, da raça amarela e outras mais.
- e) nenhuma das alternativas está correta.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

HISTÓRIA 1

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO



APRESENTAÇÃO

HISTÓRIA

O material que você tem em mãos foi concebido e atualizado para se ajustar tanto às novas demandas do ensino de História como da avaliação feita pelas bancas dos diversos vestibulares e, especialmente, do Enem. O ensino também tem história e, entre diversas mudanças, a informação não é mais o foco da educação, mas sim a compreensão e a produção de conhecimento. Sabemos que, além do conteúdo, dos roteiros de aula, da enorme coletânea de questões dos principais vestibulares do país e do Enem, totalmente atualizadas, e das respostas comentadas, os alunos terão também o seu apoio.

Como professor, é importante que você tenha clareza dessas novas abordagens da educação e da avaliação dos estudantes. São jovens que têm qualquer informação ao seu dispor, bastando para isso acessar a internet e serem superestimulados por vídeos, fotos e jogos complexos e cheios de ação. Com base nesse contexto, é comum que se sintam entediados, que não encontrem sentido no contato com informações que podem acessar de forma instantânea e que percam o interesse nas explicações que oferecemos. Esse é o nosso desafio. O tempo todo devemos lançar o foco nos processos que orientam os fatos e, sempre que possível, trazer a história para o tempo presente, mostrando aos estudantes as conexões entre o que encontram nas aulas de História e o que acontece em suas próprias vidas.

É indispensável que os estudantes reconheçam que a "informação" é um "conjunto de dados" organizado, estruturado, com alguma análise. "D. João era um rei português" e "D. Pedro I era seu filho" são dois dados, mas "D. João veio ao Brasil em 1808 e D. Pedro I declarou a independência em 1822" é uma informação. É importante ajudá-los a reconhecer que "conhecimento", por sua vez, é saber que quando D. João chega ao Brasil em 1808, um processo de independência que havia começado com as insurreições do final do século XVIII (como a Inconfidência Mineira e a Conjuração Baiana) se intensifica, já que o Brasil deixa de ser colônia e passa a ser Reino Unido a Portugal. Então, em 1822, quando essa situação ambígua se encontrava insustentável, uma conciliação entre colonos e colonizadores levou o Brasil a se tornar independente, mas sob o reinado de um filho do rei português.

Esse é o conhecimento que os exames vestibulares e, especialmente, o Enem, esperam dos alunos atualmente. Os dados e as informações são fornecidos clara e abertamente. Algo que era a resposta de uma pergunta hoje está no enunciado. Os estudantes devem ser capazes de dominar linguagens e códigos, construir argumentações, elaborar respostas aos diversos questionamentos, relacionar distintas áreas do conhecimento. Devem também relacionar passado e presente, propor ideias para o futuro, identificar, reconhecer e relacionar processos históricos, antigos ou atuais.

Justamente por isso este material traz também indicações de leitura, de vídeos, filmes, documentários e atividades que podem ser propostas à turma, tanto em sala de aula como em visitas guiadas, presenciais ou à distância, a instituições que são espaços de memória. O que queremos é prepará-los não apenas para os vestibulares, mas para que sejam produtores de conhecimento. Se conseguirmos isso, os exames de admissão nas universidades serão o que devem ser: o início de uma longa jornada em busca do conhecimento. Para isso, devemos explorar aspectos como:

- Desenvolvimento de competências ligadas à leitura, análise, contextualização e interpretação de fontes e testemunhos passados e presentes, considerando diferentes contextos e linguagens na sua produção. Selecionamos para este material questões que trabalham com charges, cenas de filmes, poemas, romances, notícias veiculadas na mídia, canções, artigos científicos, entre outras fontes.
- O desenvolvimento de habilidades por meio da leitura e interpretação de imagens, como obras de arte, fotografias, ilustrações do período em estudo ou posteriores a ele. Muitos casos remetem a produções posteriores, dada a impossibilidade de usar imagens de época, normalmente por inexistirem. Nesses casos, recomendamos ressaltar a diferença cronológica entre o fato e a ilustração, explorando a visão da época sobre o fato histórico passado. É importante ressaltar que a produção de imagens é, também, uma produção de discursos. Para citar um exemplo: o quadro de Pedro Américo *Independência ou morte* foi feito bem depois do 7 de setembro de 1822, e está carregado de discursos de exaltação, além de ter sido inspirado no quadro *Napoleão III na Batalha de Solferino*, pintura de Meissonier. Todas essas análises devem permear esse tipo de estudo.
- A história como algo feito "de baixo para cima". Devemos mostrar aos alunos como, no passado, o estudo de História já foi uma grande coletânea de governantes e generais, com pitadas de homens ricos e poderosos. A abordagem completa, bem informada, atual e consolidada é aquela que mostra como os movimentos sociais, as lutas populares, as insurreições

e rebeliões, os protestos e as greves protagonizaram, ao longo da História, enfrentamentos e conciliações com os detentores do poder econômico e político. São os escravizados os protagonistas da história da abolição da escravidão, além da princesa Isabel. A história do voto feminino deve ter como protagonista as sufragistas, não apenas os legisladores ou mesmo o governante. A história da redemocratização deve estar centrada naqueles que lutaram contra a ditadura, não nos generais que conduziram a transição.

A elaboração deste material pauta-se na correção de conceitos e de informações básicas, evitando o anacronismo, o voluntarismo e o nominalismo. Regula-se ainda pela coerência e adequação metodológicas; pelos preceitos éticos, furtando-se aos preconceitos e vinculações ideológicas que possam comprometer a objetividade da ciência histórica.

Previstas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica referentes ao Ensino Médio, as competências e habilidades são desenvolvidas conforme os conteúdos programáticos de cada etapa. Nesse sentido, a concepção do material prioriza, em relação aos processos históricos: a leitura e a interpretação de fontes documentais de natureza diversa, em diferentes linguagens; o estabelecimento de relações que envolvem continuidades e permanências, rupturas e transformações; a investigação e a compreensão para reconhecer o papel do indivíduo na construção deles.

Esperamos, com esse material, ajudá-lo no desafio de oferecer aos estudantes os inúmeros caminhos para compreender as relações com o passado, fomentando neles, frente aos acontecimentos históricos, o posicionamento crítico e a contextualização sociocultural.

CONTEÚDO

HISTÓRIA 1

Volume	Módulo	Conteúdo
3	33	Segunda Revolução Industrial
	34	Liberalismo
	35	Doutrinas sociais
	36	Movimento operário
	37	Unificação da Itália e da Alemanha
	38	Américas no século XIX
	39	Imperialismo
	40	Primeira Guerra Mundial
	41	Revolução Russa
	42	Régimes totalitários
	43	Democracias liberais
	44	Crise de 1929

HISTÓRIA 2

Volume	Módulo	Conteúdo
3	17	África e cultura afro-brasileira
	18	Escravidão e teorias raciais
	19	Primeira República: a República da Espada
	20	Primeira República: a República Oligárquica
	21	Rompimento da oligarquia
	22	Era Vargas: da chegada ao poder ao Estado Novo

33 SEGUNDA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Comentários sobre o módulo

Foram ressaltadas as principais características da chamada Segunda Revolução Industrial ou segunda fase da Revolução Industrial, ocorrida principalmente nos Estados Unidos, com desenvolvimentos na área da eletricidade, dos meios de comunicação e dos transportes. Esses avanços provocaram mudanças nas cidades e na sociedade, embora não tenham trazido melhorias para a vida da maior parcela da população, sobretudo o operariado.

Para ir além

Sugerimos a exibição do filme *Tempos modernos* (EUA, 1936. Direção de Charles Chaplin), que demonstra como seriam as mazelas da sociedade nos tempos da Revolução Industrial, apresentando temas como fordismo, más condições dos trabalhadores, reivindicações sociais, entre outros. Para aprofundamento do professor, pode-se realizar a leitura do livro a seguir, que analisa a experiência, o trabalho, os costumes e a cultura popular do período estudado neste módulo:

- THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Exercícios Propostos

7. C

A atividade trata de um aspecto importante do processo da Segunda Revolução Industrial, abordando as questões internas da Inglaterra. Apesar da existência da estrada de ferro, ainda utiliza-se muito o cavalo de carga em estradas de pedra que garantiam o transporte dos materiais de uma região para a outra.

8. A

A alternativa apresenta todos os elementos característicos da Revolução Industrial, como a industrialização da produção por meio da utilização de máquinas. Nesse contexto, o trabalhador encontra-se cada vez mais atrelado à tecnologia das máquinas, cumprindo uma função específica no processo produtivo.

9. B

Como consequências da Revolução Industrial, podem ser mencionados o êxodo urbano e o crescimento das cidades, a consolidação do capitalismo enquanto sistema econômico e, nas fábricas, a gradativa divisão do trabalho, em que o operário exerce uma função específica no processo produtivo.

10. A

A organização do trabalho fabril por meio da divisão de tarefas era uma estratégia que garantia maior eficiência de produção, alterando as formas da relação com o trabalho. Neste novo sistema, o

operário não tinha conhecimento total do processo produtivo, exercendo uma função específica no processo. A repetição garantia a maior produção no menor tempo possível, o que era uma vantagem para a indústria, podendo produzir mais e, conseqüentemente, vender mais e aumentar seus lucros, base do sistema capitalista.

11. B

Com a industrialização, a forma do trabalho alterou-se, inclusive na questão do tempo. A racionalização do tempo permitiu a criação de horários de trabalho, bem como a velocidade de produção, alterando assim a forma como o trabalhador se relacionava com a máquina e com o produto.

12. B

O crescimento da produção industrial faz parte da nova forma de se produzir, racionalizando todo o processo: a divisão do trabalho favorece a aceleração da produção. A busca por matérias-primas mais baratas favorece a produção com menor custo e em grande quantidade.

13. B

Com o desenvolvimento do trabalho industrial, a forma de se relacionar com o trabalho também foi alterada. Com o trabalho artesanal, o artesão tinha conhecimento completo do trabalho, realizando-se em quantidade e tempo de sua escolha, portanto, sem uma racionalização do tempo e da produção. No sistema fabril, o artesão, que torna-se um operário, exerce uma função junto às máquinas e desempenha uma função específica, perde o conhecimento do processo produtivo completo e passa a seguir a lógica da maior produtividade em menor tempo.

14. E

Como nação que deu início à Revolução Industrial, a Inglaterra beneficiou-se muito com o desenvolvimento das fábricas. Para os ingleses, seria sempre vantajoso uma relação de livre-comércio com as demais nações.

15. A

A primeira fase da Revolução Industrial ocorreu na Inglaterra e, a segunda, principalmente nos Estados Unidos. A Revolução Industrial não teve como consequência a abolição da escravidão.

16. D

Com a Revolução Industrial, ocorre a produção em determinados setores industriais, que concentram renda, matéria-prima e lucro, promovendo um monopólio cada vez maior.

17. B

A Segunda Revolução Industrial caracterizou-se pelos avanços na área da eletricidade e dos meios de transporte e de comunicação, ocorridos principalmente fora do território europeu, nos Estados Unidos.

Estudo para o Enem

18. B

O texto faz referência à administração científica do trabalho e à produção em série, o que remete à produção fordista, a ideia da linha de montagem na qual cada trabalhador realizava apenas uma etapa do processo produtivo.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.

19. E

O texto da questão ressalta como o lucro era retirado de cada aspecto da cidade e da sociedade,

remetendo às más condições a que eram submetidos os trabalhadores. O homem, assim, estaria subjugado à produção e ao lucro.

Competência: Entender as transformações técnicas e tecnológicas e seu impacto nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.

Habilidade: Identificar registros sobre o papel das técnicas e tecnologias na organização do trabalho e/ou da vida social.

20. B

Com a exploração imperialista europeia, o continente africano foi repartido entre as potências econômicas do século XIX, que buscavam os recursos que o território africano poderia oferecer.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO

34 LIBERALISMO

Comentários sobre o módulo

Observamos as ideias em que se baseava a burguesia no mesmo período da Segunda Revolução Industrial, abordada no módulo anterior. Foram abordadas as tendências dos liberais, como os fisiocratas e o liberalismo, seus principais nomes e suas contribuições para o pensamento liberal.

Para ir além

Para aprofundar a discussão sobre o liberalismo, analise com os alunos a charge disponível em <bit.ly/2CCSpk8> (acesso em: 7 out. 2018). Peça aos alunos que expliquem a imagem sob a perspectiva do liberalismo e promova um debate sobre os aspectos sociais e a desigualdade em relação à ideia de meritocracia. É possível dar exemplos com situações do contexto brasileiro. Para uma leitura simplificada e sistematizada sobre os preceitos da economia liberal, sugerimos a leitura de *O livro da economia* (São Paulo: Globo, 2013).

Exercícios Propostos

7. C

Para os fisiocratas, a fonte de riqueza de uma nação encontrava-se na terra e na produção agrícola.

8. E

O individualismo é uma das principais características do liberalismo, já que diz respeito à liberdade política e econômica.

9. E

Thomas Malthus concentra seus estudos na relação entre o aumento da população e a oferta de alimentos. O trecho aborda o crescimento da população em relação às condições de subsistência.

10. D

A extensão territorial não é o único fator definidor da produção de alimentos, já que com técnicas e tecnologias foi possível aumentar a produtividade sem necessariamente expandir o território.

11. D

Assim como os malthusianos, os neomalthusianos explicam o subdesenvolvimento e a pobreza pelo crescimento populacional, que provocaria a elevação dos gastos governamentais com os serviços de educação e saúde. Isso comprometeria a realização de investimentos nos setores produtivos e dificultaria o desenvolvimento econômico. Portanto, uma das soluções seria o controle de natalidade. Para os neomalthusianos, a redução do ritmo de crescimento da população ocorreria por meio do planejamento familiar, com foco nos países subdesenvolvidos, nos quais a desigualdade

social seria mais acentuada. Para Malthus, a ideia de “sujeição moral” deveria ser adotada como forma de controle sexual em cada núcleo familiar.

12. E

A classe social representante do avanço do capitalismo industrial é a burguesia, pautada pelos ideais liberais.

13. B

As ideias de Adam Smith estavam ligadas às liberdades individuais e de iniciativa. Portanto, as opções que tratem sobre coletivização ou controle estatal estão incorretas. O autor propõe a obtenção de uma maior produtividade por meio da especialização e da divisão de tarefas.

14. E

Os fisiocratas, como François Quesnay, eram contrários ao mercantilismo e à intervenção estatal na economia e consideravam que o único papel do governo seria proteger a propriedade individual.

15. B

A essa tendência de fusão de marcas dá-se o nome de capitalismo monopolista, que busca aumentar a participação das empresas no mercado e suprimir outras marcas de menor nome e poder econômico.

16.

Para os fisiocratas, o único papel do governo, considerado um mal necessário, seria proteger a propriedade individual. A economia deveria ser livre das interferências estatais, o que era expresso na máxima “deixai fazer, deixai passar”.

17.

Nome do pensador	Principal obra	Principais ideias
Adam Smith (1723-1790)	<i>A riqueza das nações</i>	<ul style="list-style-type: none"> o trabalho como fonte de riqueza; a divisão do trabalho leva à maior eficácia e ao lucro; o aumento da produção possibilitaria baixar os custos e aumentar os mercados consumidores.
Stuart Mill (1806-1873)	<i>Princípios da economia política</i>	<ul style="list-style-type: none"> teorizou acerca dos problemas sociais sob uma perspectiva econômica; interesse pela justiça social.

Nome do pensador	Principal obra	Principais ideias
Thomas Malthus (1766-1843)	<i>Ensaio sobre a população</i>	<ul style="list-style-type: none"> • controle da população para combater a miséria; • crescimento maior da população do que o crescimento da produção de alimentos; • controle da natalidade.
David Ricardo (1772-1823)	<i>Princípios de economia política e tributária</i>	<ul style="list-style-type: none"> • o custo da população determina o valor dos bens; • o crescimento da produção de gêneros agrícolas com o aumento da população; • teoria da especialização de um tipo de produção para cada região.

Estudo para o Enem

18. D

No texto, John Locke apresenta os principais argumentos liberais: a prioridade da liberdade individual, a propriedade privada, a ideia de livre-iniciativa e a liberdade política. Locke pode ser considerado um dos principais representantes do liberalismo na Inglaterra.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

19. A

A questão está relacionada com a anterior, tendo Locke como um dos principais representantes do liberalismo. As alternativas que abordam o socialismo e o anarquismo estão incorretas, já que essas teorias surgem no século XIX. O absolutismo é criticado pelo liberalismo, já que a riqueza se concentraria nas mãos dos monarcas em decorrência da linhagem real, e não pela ideia de liberdade política e econômica e pela valorização do trabalho.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

20. E

Para Adam Smith, a liberdade econômica e a política estavam na centralidade do desenvolvimento de uma sociedade, já que a economia se regularia de forma autônoma, construindo uma sociedade em que todos poderiam enriquecer por meio do próprio trabalho.

Competência: Entender as transformações técnicas e tecnológicas e seu impacto nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.

Habilidade: Analisar diferentes processos de produção ou circulação de riquezas e suas implicações socioespaciais.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENSINO

35 DOCTRINAS SOCIAIS

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, discutimos doutrinas sociais formuladas entre os séculos XVIII e XIX, as quais, em virtude do descontentamento com a formação capitalista da sociedade, buscavam a constituição de uma sociedade mais igualitária. Diversos pensadores e várias correntes teóricas foram abordados no módulo, como o socialismo utópico, o socialismo científico, o marxismo, o anarquismo, o sindicalismo e, ainda, as preocupações sociais da Igreja durante o período. Essas filosofias emergem de seu tempo e são resultado do descontentamento com a sociedade capitalista industrial que nascia e se desenvolvia. Essas ideias se desenvolveram com o tempo e são debatidas e analisadas até os dias de hoje.

Para ir além

Para realizar um aprofundamento em relação às ideias do socialismo científico, podem-se abordar alguns trechos do *Manifesto Comunista*, de Karl Marx e Friedrich Engels. Disponível em: <www.ebooksbrasil.org/adobeebook/manifestocomunista.pdf>. Também é possível visualizar algumas imagens da Comuna de Paris, algumas delas disponíveis no *site* Brasil Escola: <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/comuna-paris-atraves-imagens.htm>>. Acesso em: 7 out. 2018.

Como sugestão de leitura para os alunos, indicamos a obra a seguir, que aborda a sociedade e o cotidiano do século XIX:

- HUGO, Victor. *Os miseráveis*. Tradução de Walcyr Carrasco. São Paulo: Moderna, 2012.

Exercícios Propostos

7. D

A alternativa incorreta cita duas situações que não eram vantajosas para os trabalhadores nem uma conquista obtida por meio de suas lutas. Por um lado, o fordismo nos Estados Unidos pode ser visto como um sistema de produção que priorizava a eficiência e a divisão do trabalho, o que, nas indústrias, foi expresso na precarização dos trabalhadores. O corporativismo sindical no Brasil foi uma forma de limitar a ação sindical, buscando incorporá-la ao Estado.

8. C

De acordo com o texto de Marx, a História é resultado das ações e escolhas humanas, mas não apenas delas, pois também está ligada às circunstâncias definidas pelo passado.

9. B

Não é necessário conhecer o movimento operário brasileiro para responder à questão. Basta relem-

brar o que foi estudado a respeito do anarquismo neste módulo. A chave da resposta está no trecho "se opuserem com todas as suas forças aos patrões e a quaisquer formas de governo". Essa negação a qualquer forma de autoridade, seja de capitalistas (patrões) ou do Estado (formas de governo) é típica do anarquismo.

10. A

O socialismo científico de Marx e Engels propunha o processo revolucionário, liderado pelos trabalhadores, como forma de estabelecer uma sociedade comunista.

11. D

Os trabalhadores e as camadas populares do fim do século XIX viviam em péssimas condições, eram submetidos a longas jornadas e não tinham direitos trabalhistas.

12. A

A Primeira Internacional foi dissolvida, entre outros fatores, em razão das disputas ideológicas entre anarquistas e marxistas.

13. A

O *Manifesto Comunista*, assim como os ideais socialistas, são consequência da sociedade industrial que se formou após a Revolução Industrial, em que se assistiu à produção cada vez maior, aumentando desigualdades sociais e despertando o descontentamento daqueles que viviam em más condições e sem direitos.

14. a) O relógio do cartaz marca 8 horas, em uma alusão à principal reivindicação dos trabalhadores: a definição da jornada de trabalho de oito horas, pois era comum os operários trabalharem muito mais horas sem estarem amparados por leis de proteção.

b) A principal cena de luta é a de operários puxando os ponteiros do relógio. Os dizeres do cartaz sugerem que somente com a aliança, a união e a organização dos trabalhadores a lei aprovada será de fato cumprida.

15. a) A Comuna de Paris foi a primeira tentativa de implantação de um governo socialista e vigorou durante quase dois meses, em 1871. A situação de Paris ficou tensa quando Napoleão III assinou o tratado de rendição na guerra contra a Prússia. A capital francesa foi cercada pelo exército prussiano. Com o clima político de desestabilidade, uma insurreição popular estourou em março de 1871, derrubou o governo em Paris e instituiu um novo governo para a cidade, chamado Comuna de Paris.

b) Entre as medidas adotadas pelo governo constituído pela Comuna de Paris, destacam-se a separação entre Igreja e Estado, a abolição do trabalho noturno e a redução da jornada de trabalho.

c) A representação da mulher no centro da imagem remete à figura da Marianne, símbolo da liberdade durante a Revolução Francesa. Embora a Revolução Francesa esteja ligada aos ideais do liberalismo burguês, a figura da Marianne é resignificada como a personificação da liberdade sob o ponto de vista popular. Nota-se, ainda, que no lado esquerdo há uma imagem do trabalhador urbano, enquanto no direito há a representação de um trabalhador rural.

16. E

São socialistas utópicos: Louis Blanc, Saint-Simon e Pierre-Joseph Proudhon.

17. C

A ideia da luta de classes está relacionada à interpretação marxista da História, enquanto a concepção de propriedade como roubo é uma formulação vinculada aos anarquistas.

Estudo para o Enem

18. E

O contratualismo defende que, para a organização da sociedade, é necessário estabelecer um contrato entre os cidadãos e o Estado, criando regras, deveres e direitos que os cidadãos devem seguir e respeitar. Para os contratualistas, sem esse acordo a sociedade tenderia ao caos e à violência, já que as pessoas agiriam conforme os próprios interesses, como sugere a reflexão de Calvin.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.

19. B

A Comuna de Paris foi a primeira experiência de implantação socialista, ocorrida em 1871, na França. Entre suas características, está o princípio do sufrágio universal, ou seja, o direito de todos escolherem os dirigentes, no caso, os conselheiros municipais.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Reconhecer a dinâmica da organização dos movimentos sociais e a importância da participação da coletividade na transformação da realidade histórico-geográfica.

20. A

Segundo o anarquismo, a população teria autonomia para criar uma autogestão, baseada na divisão de tarefas e na representação direta. Seus teóricos recusam a necessidade do Estado, já que este reproduziria a desigualdade da sociedade.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO

36 MOVIMENTO OPERÁRIO

Comentários sobre o módulo

Os trabalhadores das fábricas, denominados operários, não foram passivos em relação ao processo no qual estavam inseridos. Como resposta às mudanças na produção e no mundo do trabalho, organizaram-se em defesa de seus direitos e interesses. No módulo, foram abordadas organizações como os tradionistas e a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) e suas quatro reuniões internacionais. Esses movimentos foram marcados por ideais que circulavam na época e tiveram diversos formatos, alguns mais violentos e, outros, mais pacíficos.

Para ir além

Para ampliar o debate em relação à busca por direitos, sugerimos tratar da luta das mulheres nesse contexto. Assim, propomos a exibição do filme *As sufragistas* (França e Reino Unido, 2015. Direção de Sarah Gavron). A obra retrata o início do século XX no Reino Unido e, por meio das questões trazidas pelo filme, como a reivindicação do voto feminino, as péssimas condições de trabalho nas fábricas, o trabalho infantil e as barreiras sociais impostas às mulheres, é possível realizar um debate com a turma. Sugerimos associar o filme com temáticas atuais, de modo que os alunos possam compreender a evolução e as continuidades dessas questões na contemporaneidade.

Exercícios Propostos

7. D
A AIT organizou apenas quatro encontros entre 1864 e 1939, não contou com um grande número de adeptos e apresentou diversas divergências em seu interior.
8. C
A derrota da Comuna de Paris foi um dos elementos que contribuiu para a derrocada da Primeira Internacional. No entanto, dos 92 integrantes da Comuna, apenas 17 estiveram ligados à Internacional.
9. A
Em 1947, a Liga dos Justos organizou dois congressos do movimento operário com o objetivo de criar uma Liga Comunista. Marx e Engels escreveram os panfletos desses congressos, o que resultou no *Manifesto Comunista*, publicado em 1848.
10. B
A afirmativa III é incorreta, pois no século XIX as condições de trabalho eram extremamente precárias e insalubres, o que levou ao surgimento de doutrinas e movimentos sociais que lutavam contra essa realidade. Graças à luta dos trabalhado-
- res ao longo do século XX, as condições de trabalho melhoraram e leis trabalhistas foram criadas para assegurar direitos aos trabalhadores.
11. C
Ao atribuir a frase “Questão social é questão de polícia” a Washington Luís, presidente da República Velha ou República Oligárquica, criou-se uma imagem que visava engrandecer o período posterior: a Era Vargas. Nessa construção, a Primeira República era associada à opressão do trabalhador, enquanto o governo Vargas aparecia como símbolo de direitos trabalhistas.
12. C
O Labour Party, partido dos trabalhadores ingleses, teve sua origem no movimento cartista, de trabalhadores que lutavam contra as péssimas condições do trabalho industrial no século XIX.
13. A
A Comuna de Paris teve inspiração política no marxismo. Apesar de suas divergências, ambos visavam pôr fim à ordem burguesa e defendiam uma sociedade na qual os trabalhadores não fossem mais oprimidos pela burguesia. Os dois movimentos defendiam o fim da propriedade privada dos meios de produção. Divergiam, no entanto, em relação à questão do Estado. Para os marxistas, a revolução proletária instituiria uma ditadura do proletariado, a qual naturalmente se encaminharia para uma organização social sem Estado, isto é, o comunismo. Já os anarquistas repudiavam qualquer forma de Estado e de governo, mesmo que sob o comando da classe trabalhadora.
14. O
O internacionalismo era um importante componente ideológico do campo progressista, que lutava por melhorias na vida dos trabalhadores, pois entendia que estes, em diversos países, estavam unidos por pertencerem à mesma classe social, e não separados por suas nacionalidades. Dessa maneira, havia uma luta que deveria ser compartilhada pelos trabalhadores do mundo todo, que, unidos, derrotariam a ordem burguesa que os oprimia e na qual o Estado-nação era um mantenedor da situação opressora.
15. B
Em 1917, quando ocorreu a greve geral mencionada no texto, os trabalhadores brasileiros ainda não contavam com uma legislação que lhes assegurasse direitos mínimos. Logo, as condições de trabalho eram extremamente precárias e opressoras. Foi apenas durante os governos de Getúlio

Vargas (1930-1945) que essa legislação foi instaurada, com a criação, por exemplo, da Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), em 1943.

16. A

O *Manifesto Comunista* foi escrito em 1848. Naquele momento, os conflitos entre burgueses e trabalhadores eram intensos. Foi escrito no contexto histórico da Revolução Industrial, ocorrida em meados do século XVIII, que instituiu as formas de organização do trabalho que, durante o século XIX, foram criticadas por autores como Marx e Engels e por trabalhadores que passaram a se organizar em sindicatos e partidos.

17. D

Os movimentos sindicais latino-americanos apresentavam reivindicações distintas daquelas dos trabalhadores europeus. Europa e América Latina estavam em estágios distintos de modernização capitalista. A Europa iniciara sua industrialização já em meados do século XVII e ao longo de todo o século XIX houve diversas mobilizações operárias naquele continente. Assim, no começo do século XX, a classe trabalhadora europeia já havia conquistado uma série de direitos ainda inexistentes na América Latina, onde a industrialização era incipiente ou mesmo inexistente.

Estudo para o Enem

18. B

Na lógica dos movimentos operários, a revolução que emancipasse os trabalhadores seria uma consequência do processo de desenvolvimento do capitalismo industrial.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e

econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.

19. A

No texto, Bakunin elogia a Comuna de Paris, pois, embora derrotada, representou uma “negação do Estado”. Durante sua curta existência, a Comuna funcionou com base na decisão coletiva, por meio de assembleias nas quais havia a participação direta da população. Ou seja, rompeu com a lógica do Estado, no qual a população era subjugada aos seus governantes, que detinham o poder indiretamente.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

20. B

No excerto, Marx afirma que a produção social dos homens, ou seja, seu trabalho, é o que determina a estrutura econômica da sociedade. Esta, por sua vez, determina as superestruturas política e jurídica. Assim, o trabalho constitui a base material sobre a qual a sociedade se organiza e por meio da qual pode ser compreendida.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

MATERIAL DE USO
SISTEMA DE ENSINO

37 UNIFICAÇÃO DA ITÁLIA E DA ALEMANHA

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, abordamos o nacionalismo como ideal da burguesia, interessada na expansão do capitalismo interno de suas nações. Demonstramos também como as unificações geraram crises internas que perduram, de certo modo, até os dias de hoje, na Alemanha e na Itália.

Para ir além

Sobre a unificação italiana, propomos a exibição do filme *O Leopardo* (Itália, 1963. Direção de Luchino Visconti), que trata da unificação italiana sob a perspectiva de uma família aristocrática.

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.
- GELLNER, E. *Nações e nacionalismo*. Lisboa: Grádiva, 1993.

Exercícios Propostos

7. E

Não há no texto qualquer referência às *trade-unions*, ao movimento cartista – algumas das primeiras mobilizações de trabalhadores – nem ao socialismo. Trata-se da construção de um nacionalismo que pudesse unificar as populações da Itália e da Alemanha.

8. B

A Guerra Franco-Prussiana não tem relação com os ingleses nem com Napoleão. Também não foi um fracasso de Bismarck, muito pelo contrário. Portanto, concluímos que trata-se do avanço das forças francesas que eram contrárias à unificação alemã.

9. D

Não é correto falar em ausência de guerras em relação à unificação da Itália e da Alemanha. Ocorreram batalhas e guerras, inclusive envolvendo outros países, como a guerra da França contra a Prússia.

10. D

A unificação italiana retirou o poder do Estado papal, o que criou um impasse duradouro, resolvido apenas pelo fascismo italiano na passagem dos anos 1920 para os anos 1930, quando Benito Mussolini criou o Estado do Vaticano como ele existe hoje.

11. D

As cidades do norte da Itália, mais ricas e industrializadas, tinham os burgueses mais inte-

ressados na unificação. Por isso, tiveram maior presença nesse processo e foram os principais estimuladores do sentimento nacionalista.

12. A

Esta questão apresenta um bom resumo dos interesses que levaram à unificação da Itália e da Alemanha.

13. A

Nesta questão, espera-se que os alunos reconheçam que as unificações da Itália e da Alemanha foram impostas, autoritárias e sem a participação popular.

14. E

A questão trata da reunificação alemã após a queda do Muro de Berlim e retoma sua unificação do século XIX, quando o Estado alemão foi criado. Naquele momento, o mais correto é falar em reorganização do poderoso exército prussiano e em construção de um sentimento nacionalista.

15. A

A Comuna de Paris, de 1871, abordada no módulo anterior, é retomada, nesta questão, em sua relação com a Guerra Franco-Prussiana, de 1870. O texto relaciona a Comuna de Paris à revolução social proletária e à resistência contra a invasão estrangeira da Prússia.

16. C

Nesta questão, estão resumidas as medidas que puderam ser tomadas após a unificação do Estado alemão, todas elas benéficas à economia do novo país, mas principalmente à burguesia industrial, que apoiou o processo desde o início.

17. C

Após a derrota na Guerra Franco-Prussiana, houve o nacionalismo revanchista francês e a oposição do papa ao Estado italiano, a qual duraria até 1929, quando foi criado o Estado do Vaticano.

Estudo para o Enem

18. A

A questão extrapola um pouco o tema deste módulo, mas está a ele relacionada de certa forma. Os nacionalismos que começaram a ser construídos no século XIX para unificar novas nações (caso da Alemanha e da Itália) ou como uma reação revanchista a uma derrota militar (caso da França) resultaram nas guerras do início do século XX, reforçadas por regimes totalitários.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.

19. A

A análise do texto permite chegar à conclusão de que os interesses da burguesia começaram a ser atendidos antes de a unificação estar completa. A liga aduaneira começa a unificar os reinos e ducados e já favorece a burguesia, principal fiadora da unificação.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.

ras em processos de disputa pelo poder.

20. a) O estado alemão que liderou a unificação da Alemanha foi a Prússia.

b) Zollverein é o nome da aliança aduaneira que teve como meta a liberdade alfandegária para os 39 estados alemães. Isso ampliou a liberdade entre as suas fronteiras internas e, assim, facilitou o comércio, o que por sua vez intensificou a ampliação das áreas industriais. A Áustria, que era rival da Prússia, foi excluída.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOMINGOS

38 AMÉRICAS NO SÉCULO XIX

Comentários sobre o módulo

O estudo das Américas exige uma análise mais avançada em relação ao imperialismo dos Estados Unidos sobre os demais países da América, principalmente no México e na região da América Central. Associamos o expansionismo territorial estadunidense ao crescimento industrial pelo qual o país passava. Ao mesmo tempo, tornamos evidente como os países da América Latina, após suas independências, não conseguiram romper com a herança colonial, que os manteve em situação de atraso em relação ao mundo industrializado.

Para ir além

Sobre a Revolução Mexicana, indicamos a leitura da obra *A Revolução Mexicana*, de Carlos Alberto Sampaio Barbosa (São Paulo: Ed. da Unesp, 2010). Barbosa investiga as causas da primeira revolução de cunho socialista, ocorrida na América, e apresenta uma comparação entre os resultados desse evento e a situação dos países latino-americanos no século XX, em especial os de regimes ditatoriais.

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- GRUZINSKI, S. *A colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol (séculos XVI-XVIII)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- JANCSÓ, I. *A construção dos Estados nacionais na América Latina: apontamentos para o estudo do império como projeto*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 2002.

Exercícios Propostos

7. D

O investimento em ferrovia, para um país de tamanho continental como os Estados Unidos, era algo vital, além de ser um grande símbolo da modernidade e do avanço industrial. Ao cortar o país com uma ferrovia, os estadunidenses permitiam a circulação de pessoas e ampliavam sua força para garantir os novos domínios, como ocorreu na Califórnia.

8. A

O Destino Manifesto é um assunto bastante cobrado em vestibulares. A questão relaciona essa mitologia à justificativa para os abusos no processo de expansão.

9. E

Com a justificativa civilizatória, os estadunidenses destruíram povos nativos, removeram pessoas dos territórios em que elas e seus antepassados

viveram ao longo de séculos, desconfigurando populações inteiras. Isso aconteceu porque, para os estadunidenses, ao menos nessa época, os indígenas eram considerados bárbaros, pessoas não civilizadas e desprovidas de direitos.

10. C

Além da expansão territorial, os Estados Unidos tiveram uma expansão diplomática, política e econômica sobre toda a América. Tudo começa com a Doutrina Monroe (“A América para os americanos”), que, na prática, significava que nenhuma nação a não ser os Estados Unidos dominaria as Américas. Em seguida, chega a Política do Big Stick, que pressupunha uma diplomacia amigável, mas uma grande força militar que ameaçasse os interlocutores do país.

11. C

Ainda na esteira das doutrinas diplomáticas norte-americanas (Monroe e Big Stick, estudadas nesse módulo), os Estados Unidos garantiram a independência de Cuba em relação à Espanha, mas substituíram o país europeu ao impor a Emenda Platt, segundo a qual poderiam interferir nos assuntos internos da política cubana, fazendo desse país, na prática, um Estado fantoche.

12. a) O discurso do chefe Seatte demonstra os valores dos nativos, o coletivismo e a produção de subsistência, que respeita a natureza. Já os brancos, que precisam necessariamente de um excedente, priorizam a propriedade privada e o imediatismo do lucro e, com isso, destroem a natureza.

b) A população indígena ou teve sua cultura destruída pelo homem branco ou foi totalmente exterminada. Além disso, perdeu territórios e os indígenas sobreviventes ficaram marginalizados.

13. E

Trata-se da Doutrina Monroe, que está por trás da influência dos Estados Unidos na independência cubana e em todas as relações internacionais do país com seus vizinhos americanos.

14. E

Outra questão que trabalha com o Destino Manifesto como ideal, mitologia e filosofia por trás da expansão estadunidense. Segundo essa teoria, os Estados Unidos conquistavam porque estavam destinados a isso, ou seja, porque Deus os havia escolhido.

15. C

Com a vitória na guerra contra o México, os Estados Unidos dominaram definitivamente o Texas, o Novo México e a Califórnia, alcançando com seu avanço territorial o Oceano Pacífico.

16. a) O texto faz referência à doutrina do Destino Manifesto.

b) Apesar de não ser explicitada, a ideia do Destino Manifesto ainda orienta a política externa dos Estados Unidos. Em geral, impõe decisões unilaterais, especialmente desde o início do governo de George W. Bush, em 2001. Ignora organismos internacionais (a ONU, no caso da invasão do Iraque) e acordos internacionais (o Protocolo de Kyoto).

17. C

Essa guerra é decisiva porque, primeiro, os Estados Unidos conquistam o acesso ao Pacífico, tornando-se uma nação continental de costa a costa, com saída para dois oceanos, e porque no Texas seria, mais tarde, descoberto petróleo e, na Califórnia, ouro.

Estudo para o Enem**18.** O país foi os Estados Unidos e o motivo da intervenção foram os interesses econômicos, principalmente nos investimentos realizados na agricultura cubana. Os norte-americanos conseguiram o controle sobre Cuba com a assinatura do Tratado de Madri, em 1898, e impuseram a Emenda Platt, que permitia que interferissem nas decisões políticas do novo país.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e

econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

19. a) No próximo módulo, estudaremos o imperialismo com mais detalhes. Porém, neste módulo, já podemos conhecer o avanço imperialista dos Estados Unidos, cuja principal característica econômica é utilizar os territórios dominados como mercado consumidor cativo dos interesses do país dominante.

b) Twain reconhece e demonstra os efeitos negativos do expansionismo norte-americano para as nações dominadas pelo seu imperialismo.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.

20. C

Para responder a esta questão, os alunos deverão relacionar a mensagem analisada, um documento histórico, à doutrina do Destino Manifesto, fortalecida nesse caso pela Doutrina Monroe.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.

MATERIA DE ENSINO
SISTEMA DE ENSINO

39 IMPERIALISMO

Comentários sobre o módulo

Ao trabalhar o imperialismo, é essencial vinculá-lo aos processos históricos que o cercam: como antecedentes, podem ser mencionados o colonialismo da Idade Moderna, o trabalho escravo e a acumulação de capitais; como processos simultâneos, o avanço do capitalismo industrial, a Segunda Revolução Industrial e suas invenções; e, como processos posteriores, a divisão internacional do trabalho, o atraso que ficou como legado para os países colonizados e as duas Grandes Guerras Mundiais.

Para ir além

Indica-se, ainda, a leitura da obra *A partilha da África Negra*, de Henry Brunschwig (São Paulo: Perspectiva, 2004). Neste livro, o autor trabalha questões relativas à partilha da África durante o movimento imperialista, destacando as negociações dos países europeus para a divisão dos territórios africanos.

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- HOCHSCHILD, A. *O fantasma do rei Leopoldo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SAID, E. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Exercícios Propostos

7. B

No momento em que as potências europeias se expandiam pelo mundo como nações imperialistas, os Estados Unidos faziam o mesmo nas Américas. Na charge, o Tio Sam (que representa os norte-americanos) apresenta-se como a grande potência imperialista das Américas. Não por acaso, os europeus se voltaram para a África e a Ásia.

8. B

A visão eurocêntrica do mundo foi fortemente reforçada no período imperialista e a “missão civilizadora” do período colonial foi revisitada. Africanos e asiáticos eram considerados atrasados e bárbaros e os europeus consideravam-se agentes de um processo civilizatório.

9. B

Como foi explorado no enunciado, a África, assim como a Ásia, nunca havia sido completamente dominada pelos europeus, ao menos durante a primeira onda colonialista. Com o imperialismo do século XIX, os europeus passaram a efetivamente controlar as recém-criadas nações africanas.

10. D

Os europeus adotavam o discurso civilizador, mas o que de fato levavam de avanços para os

povos dominados era aquilo que os interessava. Os sistemas de circulação (estradas e ferroviárias) serviam aos interesses comerciais dos europeus, que buscavam matérias-primas baratas em suas novas colônias.

11. B

Não cabe aqui qualquer referência à expansão do cristianismo ou do tráfico negreiro, duas características da primeira onda colonialista. A globalização faz parte do processo, mas pelo enunciado não se trata da sua etapa do século XX. A questão faz referência a um processo neocolonialista ou imperialista no contexto da Segunda Revolução Industrial.

12. D

As Américas foram dominadas pelo imperialismo dos Estados Unidos, e por isso as potências europeias se voltaram para a África e a Ásia.

13. A

Os trechos-chave para se chegar à resposta são: “fardo do homem branco” e “servidores de seus cativos”, que fazem referência aos europeus que iam às colônias efetivar o poder europeu sobre esses povos.

14. D

Ainda que os alunos não conheçam o trabalho de Hobson, já foram apresentados à definição de imperialismo. Com esta questão, passam a saber também quem foi seu mentor intelectual. Trata-se de um processo de expansão econômica e política em escala mundial levado a cabo por potências capitalistas. No século XIX, de fato, o capitalismo era marcado pelos grandes monopólios, tanto na Europa como nos Estados Unidos.

15. A

O imperialismo consolidou o que chamamos divisão internacional do trabalho.

16. V, V, F

A terceira afirmativa está errada porque o imperialismo não foi uma resposta a uma crise, e sim à expansão desse sistema econômico na Europa e nos Estados Unidos.

17. C

Mais uma questão que trabalha a convicção que os europeus tinham de que estavam, na verdade, levando civilização, cultura, erudição e desenvolvimento aos povos que colonizavam e utilizavam isso como uma justificativa para essa dominação.

Estudo para o Enem

18. D

Muitos entendem o avanço da China sobre a África como uma nova investida imperialista, e de fato há vários indícios de que isso está acontecendo. Decisões na ONU de países africanos que recebem investimento chinês tendem a concordar com os votos dos chineses, para citar um exemplo de dominação política. No texto, a palavra “protetorado” é essencial para alcançar a resposta correta, que fala em ameaça à soberania dos países africanos.

Competência: Compreender a sociedade e a natureza, reconhecendo suas interações no espaço em diferentes contextos históricos e geográficos.

Habilidade: Reconhecer a função dos recursos naturais na produção do espaço geográfico, relacionando-os com as mudanças provocadas pelas ações humanas.

19. C

As alternativas erradas ou apontam características da primeira investida colonialista (dos séculos XV e XVI) ou falam de uma política multicultural-

lista que nunca existiu. Tratava-se, isso sim, de argumentos de uma suposta missão civilizatória.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.

20. C

A escravidão permitiu o acúmulo de capital que as nações europeias (e também os Estados Unidos) depois utilizaram para financiar seu desenvolvimento capitalista e, em consequência disso, suas investidas imperialistas.

Competência: Entender as transformações técnicas e tecnológicas e seu impacto nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.

Habilidade: Identificar registros sobre o papel das técnicas e tecnologias na organização do trabalho e/ou da vida social.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOMPO3

40 PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, estudamos o cenário europeu que culminou na Primeira Guerra Mundial. É importante compreender as disputas políticas e econômicas de diversos países da Europa na virada do século XIX para o XX como o processo do imperialismo e da Revolução Industrial. Além disso, destaca-se o crescente sentimento nacional, extremado no período, e, com isso, as disputas por territórios. Essas tensões culminaram em alianças e na eclosão da guerra, tendo como estopim o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando. Vimos, ainda, algumas características e as fases da Primeira Guerra Mundial, além de apresentar alguns dos movimentos depois do fim do conflito, como o Tratado de Versalhes.

Para ir além

Pode-se desenvolver uma atividade de leitura dos relatos de soldados sobre as experiências da guerra. Após a análise do material escrito, é possível promover uma discussão sobre os valores que existiam durante a guerra, como a proximidade com a morte e o valor da vida. Além disso, temáticas como testemunho, sobreviventes de guerra e trauma podem dar origem a reflexões importantes.

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- ABRIL CULTURAL. *História do século XX: 1914-1919*. São Paulo: Abril Cultural, 1968.
- ARTHUR, M. *Vozes esquecidas da Primeira Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- HOBBSAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MARQUES, A. M. et al. *História contemporânea através de textos*. São Paulo: Contexto, 2008.

Exercícios Propostos

7. E

As duas primeiras alternativas apresentam informações corretas quanto ao desenvolvimento das Grandes Guerras, especialmente a Primeira Guerra Mundial, abordada neste módulo. A terceira proposição está incorreta, pois não é correto afirmar que todos os problemas sociais e econômicos foram solucionados com o conflito.

8. A

O Tratado de Versalhes, assinado no fim do conflito, previu a devolução para a França dos territórios que os alemães haviam tomado, como a região da Alsácia-Lorena.

9. E

A alternativa E está incorreta, pois a Primeira Guerra Mundial não envolveu o conflito direto entre Estados Unidos e União Soviética.

10. C

O discurso nacionalista foi exaltado no contexto da Primeira Guerra Mundial, destacando-se os conflitos na região dos Bálcãs, que compreendia na época o Império Austro-Húngaro e a Sérvia.

11. C

É possível relacionar a Primeira Guerra Mundial aos processos desenvolvidos ainda no século XIX, como a Revolução Industrial e o imperialismo. Portanto, as disputas políticas e econômicas, além do nacionalismo, que levaram ao início do conflito, tiveram como protagonistas vários países que já estavam industrializados, como a Inglaterra.

12. A

O mapa europeu antes e depois da Primeira Guerra Mundial alterou-se profundamente, incluindo a região dos Bálcãs, com a dissolução do Império Austro-Húngaro. Ao fim da guerra, os Estados Unidos saíram vitoriosos e com hegemonia política. O Tratado de Versalhes colocou duras imposições para a Inglaterra e a Liga das Nações foi criada para ser um órgão cuja função é lidar com a paz internacional.

13. B

As duas primeiras proposições apresentam informações corretas sobre o contexto da Primeira Guerra Mundial. As batalhas não foram travadas exclusivamente em um território, a Rússia saiu do conflito em 1917 e a Itália mudou de aliança no meio da guerra.

14. A

Analisando o mapa, é possível afirmar que trata-se da Primeira Guerra Mundial. O número 1 representa a Tríplice Entente, composta por Inglaterra, França e Rússia; e o número 2 simboliza a Tríplice Aliança, composta por Império Austro-Húngaro, Alemanha e Itália.

15. D

A alternativa D apresenta todas as informações corretas. O conflito não envolveu disputas bolcheviques, a Alemanha unificou-se no fim do século XIX, a Itália aliou-se com condições específicas e o Brasil não se manteve neutro.

16. D

A criação da Liga das Nações esteve estreitamente ligada ao impacto da Primeira Guerra Mundial.

Dessa maneira, uma das preocupações centrais da Liga era a mediação para evitar conflitos futuros.

17. B

A eclosão da Primeira Guerra Mundial está associada às disputas entre os países e aos nacionalismos regionais. Essas tensões levaram à criação de alianças, as quais deram origem à Tríplice Aliança e à Tríplice Entente, que foram acionadas quando do início do conflito, em 1914.

Estudo para o Enem

18. A

A competição europeia por mercados exteriores, somada a disputas territoriais no próprio continente, contribuiu para a eclosão de diversos conflitos, como a Primeira Guerra Mundial. O sentimento radicalizado do nacionalismo fez crescer as tensões dentro da Europa.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder

Habilidade: Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.

19. C

Uma das características da Primeira Guerra Mundial foi a guerra de trincheiras, que consistiu em escavações feitas no solo para abrigar e proteger os soldados.

Competência: Entender as transformações técnicas e tecnológicas e seu impacto nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.

Habilidade: Identificar registros sobre o papel das técnicas e tecnologias na organização do trabalho e/ou da vida social.

20. E

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha foi duramente penalizada com as cláusulas do Tratado de Versalhes. Como é possível observar em parte do documento apresentado na questão, foram atribuídas diversas condições e limitações à nação perdedora.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO

41 REVOLUÇÃO RUSSA

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, vimos como se estabeleceu a revolução socialista, seus antecedentes históricos, as fases da revolução, como se desenvolveram os diversos períodos do conflito e o estabelecimento do governo bolchevique e do socialismo. Também abordamos o governo de Vladimir Lenin e Josef Stalin na URSS e sua política externa.

Para ir além

Para compreender melhor a arte socialista – o “realismo socialista” –, pode-se analisar diversas obras de artistas da URSS, como Isaak Brodski, Arkady Plastov e Victor Tchijikov, entre outros. Peça aos alunos que observem os aspectos estéticos simples, evidenciando a luta e a consciência social, lembrando que esse movimento estava intrinsecamente ligado ao governo soviético.

Exercícios Propostos

- 7. D**
Como vimos no módulo, a Revolução Russa foi a primeira experiência do socialismo instaurado por meio de uma revolução em todo um Estado.
- 8. B**
Lenin defendia os ideais caros ao socialismo e ao marxismo, como o controle da produção pelos operários, a nacionalização da propriedade privada e a formação de uma república soviète. Por outro lado, não concedia qualquer apoio ao governo provisório, que deveria cair em decorrência da revolução do proletariado.
- 9. A**
Para driblar questões econômicas surgidas do comunismo de guerra, a URSS precisou retornar parcialmente a uma economia capitalista por meio da Nova Política Econômica (NEP).
- 10. B**
A NEP consistiu em um retorno parcial das ideias capitalistas para a URSS, a fim de contornar problemas econômicos surgidos com o comunismo de guerra.
- 11. D**
A Revolução Russa buscava a igualdade entre as classes sociais, a laicidade do Estado e a nacionalização de toda propriedade privada. Para isso, anulou títulos de nobreza, separou o Estado da Igreja, promoveu a reforma agrária e deu fim à propriedade privada.
- 12. C**
No período, a Rússia encontrava-se em crise, faltando produtos e alimentos essenciais para a população. A participação do país na Primeira Guerra Mundial seria uma motivação a mais para que fossem organizadas greves e manifestações populares contra o czar.
- 13. C**
Os versos podem ser associados à derrubada do monarca russo, o czar Nicolau II, trazendo o modelo socialista para o país, comandado pelo Partido Bolchevique.
- 14. C**
A Revolução Russa ocorreu inicialmente com a união de grupos que queriam a derrubada do czar e, assim, os comunistas chegaram a apoiar grupos que não concordavam com essa ideologia. Após o fim do czarismo, tornou-se aos conflitos, que levaram a uma revolução socialista de fato.
- 15. D**
A palavra “paz” estava associada à Primeira Guerra Mundial, pois uma das grandes reivindicações, assim como uma das principais motivações para que as revoltas se iniciassem, era que a Rússia não participasse mais do conflito mundial.
- 16. A**
Todas as afirmativas estão corretas como medidas anunciadas, exceto a que trata de uma proposta de paz imediata com a Inglaterra e a França. O tratado assinado seria com as potências centrais.
- 17. C**
Entre as alternativas, a incorreta chama muito a atenção porque menciona justamente o oposto do que foi estudado no módulo. Ao contrário da confiança no capitalismo, havia uma negação desse sistema econômico.

Estudo para o Enem

- 18. C**
A distribuição espacial do mapa e suas zonas de influência apontam para a influência das grandes potências econômicas no mundo pós-URSS.
- Competência:** Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Interpretar diferentes representações gráficas e cartográficas dos espaços geográficos.

19. B

Ainda que os quadrinhos produzidos nos Estados Unidos viessem a antagonizar heróis conhecidos do público contra vilões soviéticos e comunistas, neste exemplo a capa do gibi retrata a luta contra os regimes totalitários na Segunda Guerra Mundial.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

20. D

O texto identifica a centralização do poder no partido então governante, o Bolchevique, e a Nova Política Econômica (NEP), que retornava a algumas práticas capitalistas a fim de solucionar dificuldades econômicas.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

42 REGIMES TOTALITÁRIOS

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, estudamos as experiências totalitárias na Europa no período entreguerras. É importante destacar os elementos que caracterizam os regimes totalitários, compreendendo como foi possível o crescimento das ideias fascistas e nazistas no cenário europeu, especialmente em países como Itália, Alemanha, Portugal e Espanha.

Para ir além

É possível desenvolver uma atividade com os alunos por meio da exibição do filme *1984* (EUA, 1984. Direção: Michael Radford), baseado no livro homônimo de George Orwell. Após o filme, debata com a turma sobre as temáticas de guerra, como vigilância governamental e manipulação midiática, fazendo uma análise do período histórico estudado e sobre a possível relação com o presente. Ainda com suporte audiovisual, pode-se exibir o filme *O triunfo da vontade* (Alemanha, 1936. Direção de Leni Riefenstahl). Trabalhe com os alunos as características do nazismo alemão, centrado na figura de Hitler, problematizando questões como a propaganda e o culto à personalidade.

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Alguém disse totalitarismo*. São Paulo: Boitempo, 2013.

Exercícios Propostos

7. A

Jesse Owens era um atleta norte-americano afrodescendente que logrou grandes vitórias nos Jogos Olímpicos mencionados. A vitória de um atleta afrodescendente refutava as teorias nazistas e racistas da superioridade ariana.

8. E

Os dois regimes que se difundiram durante o período entreguerras foram o fascismo italiano e o nazismo alemão. Ambos tinham em comum doutrinas que se baseavam no fortalecimento do nacionalismo e em políticas totalitárias, como militarização, autoritarismo e expansionismo.

9. D

O símbolo demonstrado na questão remete ao fascismo italiano de Benito Mussolini, no qual o feixe representava a união e a obediência, enquanto a machadinha significava a repressão. Esse feixe de varas estaria na origem do nome "fascismo", proveniente de *fascio* ou "feixe de varas".

10. D

Esse discurso de Mussolini, na manifestação fascista denominada Marcha sobre Roma, marca o início da ditadura fascista na Itália. Mussolini defendia o fim do governo absolutista de Vitor Emanuel III, mas ainda o manteve como monarca, em moldes diferentes, isto é, o poder de fato concentrou-se nas mãos do próprio Mussolini.

11. D

A Guerra Civil Espanhola teve como vitoriosos o grupo da Falange, que era apoiado pela Itália fascista e pela Alemanha nazista, consolidando o regime de Francisco Franco na Espanha.

12. C

Após a Primeira Guerra Mundial, a Alemanha via-se diante de um cenário de crise, sua experiência democrática fora abalada e, nesse momento, grupos extremistas de diferentes vertentes buscavam alçar-se ao poder.

13. E

A ascensão nazista na Alemanha deveu-se em grande parte à crise enfrentada pelo povo alemão após a guerra, o que se aprofundou com a crise capitalista de 1929, levando ao aumento do desemprego.

14. D

Entre os pilares do nazismo estava a defesa dos objetivos alemães por meio de uma organização militarizada da sociedade.

15. C

A alternativa que refere-se somente ao período entreguerras é a que menciona a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), o nazifascismo e a quebra da Bolsa de Valores de Nova York (1929).

16. C

Como forma de difundir seus ideais e se manter no poder, o nazismo fez uso da propaganda política e do culto a Adolf Hitler, líder nazista. O cinema foi uma das formas mais efetivas encontradas pelos nazistas para disseminar essas ideias.

17. C

A propaganda nazista foi uma forma encontrada pelos nazistas para difundir sua ideologia. Essas propagandas serviam tanto para incutir os ideais no pensamento alemão da época como para demonstrar o que era esperado para aqueles que se opusessem ao ideal nazista.

Estudo para o Enem

18. B

A Guerra Civil Espanhola, no contexto europeu do entreguerras, opôs dois grupos. Um que buscava instaurar uma república na Espanha, incluindo as Brigadas Internacionais; e outro composto por grupos tradicionalistas e autoritários, aproximados ao fascismo. Nesse cenário, a perspectiva que promoveu a mobilização comentada no texto refere-se ao combate ao fascismo, uma vez que se opunham a grupos ligados a essa ideologia e que, inclusive, receberam apoio de forças nazistas durante o conflito.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Comparar o significado histórico-geográfico das organizações políticas e socioeconômicas em escala local, regional ou mundial.

19. C

Um dos pilares do nazismo estava na criação de inimigos comuns ao povo alemão, principalmente os judeus. A ideologia nazista, portanto, baseava-se na construção de ideias racistas e antisemitas e responsabilizava grupos considerados indesejados pelo momento de crise da Alemanha.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

20. E

As práticas eugênicas podem ser comprovadas pelas Leis de Nuremberg, que retiravam a cidadania alemã de judeus e proibiam diversos direitos políticos desse grupo. Além disso, vê-se as práticas eugênicas nas políticas de Solução Final e nos campos de extermínio. A primeira foi a retirada forçada da população judia de todos os territórios ocupados pela Alemanha, e a segunda consistiu no extermínio de judeus, que eram presos e executados.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOMINUS

43 DEMOCRACIAS LIBERAIS

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, estudamos os cenários europeu e estadunidense com o término da Primeira Guerra Mundial. Países como França e Inglaterra passavam por dificuldades para reconstruir suas cidades, destruídas nos conflitos. Além disso, precisavam lidar com a diminuição populacional em virtude da guerra, que afetou, por exemplo, a geração de empregos e a melhoria na economia. Já do outro lado do Oceano Atlântico, os Estados Unidos viviam um período de prosperidade econômica, traduzido no *american way of life* (modo de vida americano).

Para ir além

Pode-se desenvolver uma atividade com base na ideia do *american way of life*, crescente na década de 1920, que ficou conhecida como “os loucos anos 20”. Utilizando materiais audiovisuais (filmes e músicas) de manifestações culturais da época, como a dança, o jazz, o desenho animado e o cinema mudo, é possível discutir as tecnologias desenvolvidas no período e os novos estilos estéticos, de vestimenta, postura e comportamento. Com isso, é possível problematizar, por exemplo, a mudança de comportamento das mulheres e o aumento da popularidade de estilos musicais provindos de comunidades negras, entre eles o jazz.

Os vídeos indicados a seguir mostram alguns desses elementos:

- <bit.ly/2UsJcII>.
- <bit.ly/2GaRkUj>.
- <bit.ly/2B9M93J>.

Acessos em: 13 out. 2018.

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- FIELL, C.; DIRIX, E. *A moda da década de 1920*. São Paulo: Publifolha, 2014.
- FITZGERALD, F. S. *O grande Gatsby*. São Paulo: Geração Editorial, 2013.
- HOBBSAWM, E. *A história social do jazz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

Exercícios Propostos

7. A

Após a Primeira Guerra Mundial, a Europa se endividou com os Estados Unidos para poder reconstruir seus países, devastados pelo recente conflito. A Alemanha, que já havia perdido a guerra, foi um deles, e sua situação se tornaria ainda pior após a eclosão da crise nos Estados Unidos.

8. D

O medo a que Roosevelt se refere é a Grande Depressão ou Crise de 1929, que acabava de se abater sobre os Estados Unidos, ocorrida graças à superprodução de mercadorias.

9. C

O período entreguerras foi marcado, nos Estados Unidos, pelo contrabando de bebidas alcoólicas em decorrência da Lei Seca. E, na Europa, pela ascensão de regimes totalitários de ideais extremistas, como o nazismo alemão e o fascismo italiano.

10. E

A Guerra de Secessão dos Estados Unidos foi um confronto entre a chamada União, formada pelos estados antiescravistas do Norte; e os Confederados, formados pelos estados do Sul, que se separaram da federação para guerrear em favor da continuidade da escravidão. Isso não tem relação com o *american way of life*, uma filosofia de vida relacionada ao consumismo, ao poder do capitalismo, à indústria cultural e à exportação de tudo isso a outros países.

11. A

As duas crises apresentam problemas opostos. Na Crise de 1929, os problemas surgiram porque o mercado não tinha regulações por parte do Estado. Na crise do socialismo, os problemas surgiram porque o Estado interferia no andamento do mercado.

12. D

A Crise de 1929 ocorreu em virtude da superprodução industrial e agrícola, a qual foi motivada pela euforia da prosperidade econômica vivida pelos Estados Unidos.

13. E

Entre os fatores da Crise de 1929, destacam-se a superprodução agrícola e industrial, que levou a uma oferta maior que a demanda. Em virtude da diminuição das exportações e do consumo interno de mercadorias, os empresários tiveram uma menor lucratividade, gerando falências no ramo. Com a falência de empresas, outra consequência foi a quebra da Bolsa de Valores de Nova York.

14. A

Os personagens estão observando a cotação da Bolsa de Valores. Isso ocorreu porque diversas camadas sociais passaram a desejar fazer parte da especulação econômica, que prometia enriquecimento em momentos de prosperidade econômica.

15. B

Os fatores que levaram à Crise de 1929 foram, principalmente, a superprodução de mercadorias e a diminuição da demanda dos consumidores, o que tornou a oferta maior que a procura.

16. D

Após a Primeira Guerra Mundial, todos os países europeus sofreram consequências, uma vez que o conflito havia ocorrido em seus territórios. A nação que saiu fortalecida foi apenas os Estados Unidos, que prosperaram economicamente e passaram a emprestar dinheiro para que os países europeus se recuperassem.

17. D

Ainda que o país vivesse momentos de prosperidade, isso não evitou que pessoas vivessem na pobreza e que a segregação se mantivesse, principalmente a racial. Por outro lado, nas grandes cidades vemos uma “era de ouro” para a construção civil, com grandes estruturas sendo construídas. Essa prosperidade também levou ao chamado *american way of life*, o estilo de vida americano, que era exportado com seus produtos para outros países.

Estudo para o Enem**18. D**

Depois da Primeira Guerra Mundial, a especulação econômica foi próspera nos Estados Unidos, mas os investimentos e a produção cresceram acima da demanda do mercado. Isso levou à Crise de 1929, que se espalhou por todo o mundo capitalista.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.

19. C

Os dois momentos ressaltados pelo enunciado relacionam-se à maior oferta de produtos nos Estados Unidos, à publicidade e à indústria do lazer. A prosperidade econômica também levou os bancos a emprestar mais dinheiro sem restrições.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

20. A

O liberalismo econômico, que defende a ideia de que o mercado deve se autorregular sem a ação do Estado, foi uma das causas da Crise de 1929. Depois do incidente, voltou-se a repensar essas ideias, buscando uma maior regulação do mercado.

Competência: Entender as transformações técnicas e tecnológicas e seu impacto nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.

Habilidade: Analisar diferentes processos de produção ou circulação de riquezas e suas implicações socioespaciais.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO

44 CRISE DE 1929

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, refletimos sobre a transição da prosperidade e do otimismo estadunidense para uma das grandes crises do capitalismo, em 1929, em decorrência do crescimento europeu e da superprodução industrial. As relações econômicas foram profundamente afetadas, gerando desemprego e pobreza no país. Vimos, ainda, qual foi a estratégia adotada pelo governo dos Estados Unidos para enfrentar a crise.

Para ir além

Pode-se desenvolver uma atividade por meio da exibição do filme *Vinhas da ira* (EUA, 1940. Direção de John Ford). O filme trata de uma família de pequenos agricultores que foram expulsos de suas terras e atravessam o país em busca de melhores condições de vida. Com base no filme, é possível discutir os efeitos da crise, os aspectos da pobreza e o cotidiano de grupos que tentavam sobreviver.

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- ALBRAITH, J. F. *1929: a grande crise*. São Paulo: Larousse, 2010.
- ANKELE, D. *Dorothea Lange: the Great Depression*. Ankele Publishing, LLC, 2012.
- LANGE, D. *Dorothea Lange Master of Photography*. Nova York: Aperture, 2014.

Exercícios Propostos

7. D

Com a proposta do New Deal, há uma forte participação do Estado na economia. Uma das principais medidas foi o investimento em infraestrutura, gerando empregos para a população.

8. D

O otimismo esteve presente nos Estados Unidos especialmente no pós-guerra, já que o país havia saído vitorioso e ajudava na reconstrução da Europa. Esse período marcou o *american way of life*, demonstrando como viver nos Estados Unidos era bom e como seus preceitos de liberdade haviam triunfado, elementos que podem ser visualizados no *outdoor*. Como contraste a essa situação, percebe-se na fotografia uma fila de desempregados, em consequência direta da Crise de 1929, que afetou profundamente o país.

9. A

A Crise de 1929 gerou uma movimentação para a industrialização de países que dependiam fortemente da importação de produtos estrangeiros,

como o Brasil e outros países da América Latina. Com o investimento na industrialização, os países se tornariam mais autônomos em relação à produção, além de entrarem no mercado de venda de produtos.

10. B

Um dos pontos basais do New Deal, de inspiração do economista Keynes, é a intervenção do Estado na economia para enfrentar a crise.

11. E

Todas as alternativas apresentam informações corretas no que se refere à Crise de 1929.

12. C

Franklin Delano Roosevelt, presidente na época, criou uma série de medidas para enfrentar a crise, as quais ficaram conhecidas como New Deal e foram inspiradas nas ideias do economista John Keynes.

13. A

A tabela mostra os anos da crise capitalista que começou nos Estados Unidos em 1929, com a quebra da Bolsa de Valores de Nova York. A medida do New Deal, com a intervenção do Estado na economia, foi de equilibrar o consumo com o salário, destacando o investimento na geração de empregos.

14. A

A crise do capitalismo teve um aspecto global, já que atingiu a economia de vários países. Esse processo autorregulatório do mercado é característico do liberalismo econômico. Uma das formas de superar a Crise de 1929 foi a intervenção do Estado na economia.

15. B

A Crise de 1929 contribuiu para algumas mudanças nas estruturas de sociedades da América Latina, já que atingiu as elites econômicas dos países. Também motivou a industrialização de diversos países, como o Brasil, alterando as dinâmicas de importação e exportação. Todas essas questões foram fatores para mudanças nos cenários políticos, tendo havido governantes mais próximos das pautas trabalhistas (portanto, mais ligados ao povo), bem como a ascensão de ditaduras, também pensando no contexto de Guerra Fria a partir de 1945.

16. C

Ressalta-se que a crise do capitalismo teve um aspecto global e, portanto, atingiu vários países.

17. B

A Lei Antitruste foi uma prática do Brasil durante o governo ditatorial de Getúlio Vargas para limitar a compra de empresas brasileiras por estrangeiros.

Estudo para o Enem

18. B

A Crise de 1929 ocorreu em virtude de uma super-produção industrial, já que as compras e vendas não acompanharam o ritmo da produção. Já a crise de 2008 esteve relacionada à especulação imobiliária.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.

19. E

A alternativa incorreta é a E, pois não é possível afirmar que a crise atingiu somente imigrantes ou

que os Estados Unidos não possuíam problemas sociais.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.

20. C

No trecho citado na questão, evidencia-se que a crise aconteceu de maneira cumulativa, atingindo setores gradativamente.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

HISTÓRIA 2

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO



17 ÁFRICA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Comentários sobre o módulo

A história da África foi, por muito tempo, negligenciada nos materiais didáticos. Isso, porém, vem mudando nos últimos anos. Por ter ficado tanto tempo de lado, o currículo para este tema ainda está sendo Tateado, todos ainda estão se acostumando, desde aqueles que produzem os livros até os alunos.

O que de mais importante precisamos extrair desse módulo é: a África é um continente diverso, não é uma grande savana com leões e elefantes, mas um continente que foi o berço de nossa espécie, lugar das primeiras grandes civilizações da História, de grandes reinos de norte a sul, leste a oeste, e de diversos outros grupos nômades ou seminômades que apresentam uma cultura riquíssima e muito valorosa para a história da humanidade. Além disso, é importante evidenciar como e o quanto a história africana estende-se às Américas. Primeiro, com a escravidão. Depois, com a resistência dos escravizados e o esforço dessas populações em manter viva sua cultura e identidade.

Para ir além

Uma proposta importante para enriquecer a aula é pedir aos alunos que, antes da aula, pesquisem povos africanos e algumas informações básicas, como período, características, produção, cultura, religião e núcleos de descendentes africanos no Brasil.

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- ALEXANDRE, V. *Velho Brasil, novas Áfricas: Portugal e o império (1808-1975)*. Porto: Afrontamento, 2000.
- _____. (Coord.). *O império africano: séculos XIX e XX*. Lisboa: Colibri, 2000.
- HERNANDEZ, L. L. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.
- KI-ZERBO, J. *Para quando África*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- _____. *Histórias da África Negra*. Trad. Mem Martins. Lisboa: Europa-América, 1999. v. 1.
- _____. (Org.). *História geral da África: metodologia e Pré-História da África*. São Paulo: Ática/Unesco, 1982. v. 1.
- MOKNTAR, G. (Coord.). *História geral da África: a África Antiga*. São Paulo: Ática/Unesco, 1983. v. 2.

Exercícios Propostos

7. B

Em um período de eugenia, de projetos de branqueamento do país e de darwinismo social, Gilberto Freyre foi um dos mais importantes autores a apresentar a miscigenação como algo positivo e, com isso, valorizar uma suposta raça brasileira.

8. A

O Império do Songhai desenvolveu-se na região do antigo Império do Mali. Da mesma forma que o reino que o antecedeu, Songhai, por sua localização privilegiada, reuniu mercadores de todo o norte da África.

9. C

O texto informa que trata-se de um reino da África Centro-Oriental. Além disso, aponta para linhagens de muitas gerações e para a apropriação de trabalho escravo. Com essas informações, concluímos que trata-se do Congo.

10. O rei africano indica a utilização do trabalho escravo tradicional de certos povos africanos como justificativa moral para as metrópoles europeias realizarem o tráfico internacional em larga escala de pessoas escravizadas durante a expansão do capitalismo mercantil. No Brasil, o início da ocupação do território com a produção de cana-de-açúcar deu-se com o trabalho escravo em larga escala e, como a mortalidade dos escravizados era muito grande, o chamado tráfico de almas só cresceu.

11. C

Como mostra o texto e a alternativa correta, a África é um continente muito diverso que, já àquela altura, tinha reinos que estabeleciam sua produção de formas diferentes. O escravismo não era totalmente disseminado e não era uma prática homogênea de todos os povos africanos. Era praticado, por exemplo, no Congo. E, ainda assim, não com a enorme escala introduzida pelos europeus.

12. B

Os escravizados trazidos ao Brasil descendiam de grupos étnicos diferentes e vinham de lugares distintos. Para os traficantes e compradores, os africanos negros e escravos constituíam um único povo, mas, na verdade, havia muita diversidade cultural, religiosa e linguística.

13. C

A tradição oral é uma característica forte de certas culturas africanas. No caso do Mali, os *griots* eram os responsáveis por transmitir conhecimento de geração em geração e o faziam por meio de histórias e canções.

14. A afirmação está correta. A África não se resume ao continente, pois existe de forma concreta em todos os países para onde diversos africanos foram levados como escravos. O Brasil não é uma exceção, e a África está presente no país por meio de religiões, canções, estilos musicais, danças, na capoeira, na língua e na culinária.

15. E

O domínio do Mali por toda a região noroeste da África estabeleceu um controle rígido de rotas de transporte e comércio, com as quais lucravam. Portanto, houve uma relativa pacificação da região. Com isso, a expansão dos povos islâmicos foi facilitada, até porque não houve conflito, e sim trocas entre os malineses e os islâmicos.

16. D

O texto colabora com a reescrita da história do Brasil para que seja valorizada a tradição afro-brasileira em todos os seus aspectos.

17. B

A alternativa I está errada porque o Haiti não é uma nação africana. A afirmativa IV está errada porque os escravizados resistiam, mantinham viva sua cultura, sua história, sua língua e sua identidade e colaboraram para enriquecer a cultura brasileira.

Estudo para o Enem

18. C

O Mali tinha uma posição privilegiada entre as rotas de transporte e comércio no noroeste africano e, no centro dessas rotas, houve ali uma grande sequência de reinos ricos e prósperos.

Competência: Compreender a sociedade e a natureza, reconhecendo suas interações no espaço em diferentes contextos históricos e geográficos.

Habilidade: Analisar de maneira crítica as interações da sociedade com o meio físico, levando em consideração aspectos históricos e/ou geográficos.

19. A

Apesar da diversidade dos povos africanos, uma vez que as pessoas eram escravizadas e trazidas ao Brasil, aqui eram encaradas como um povo só. Ainda que tivessem suas diferenças, tinham mais semelhanças entre si (até pela própria condição de escravizados) do que entre eles e os portugueses e indígenas. Dessa forma, desenvolveu-se, no país, uma cultura afro-brasileira.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

20. B

O primeiro elemento que precisa ser avaliado é o que, geralmente, se representa nos filmes ambientados na África. O comércio, a história, a sociedade e a diversidade raramente são representados, e, quando são, geralmente é de forma caricata. Por outro lado, pela forma simplista como a África é mostrada, o exotismo é largamente explorado. O segundo elemento a ser avaliado é o que os filmes não mostram e deixam de lado. A natureza é sempre mostrada e savanas, leões, elefantes e girafas aparecem mais do que os povos africanos. Assim, as diversas culturas de matriz africana costumam ser negligenciadas pelos filmes.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Identificar as manifestações ou representações da diversidade do patrimônio cultural e artístico em diferentes sociedades.

MATERIAL DE ESTUDO PARA O ENEM
SISTEMA DE ENSINO

18 ESCRAVIDÃO E TEORIAS RACIAIS

Comentários sobre o módulo

Destacamos a importância das várias etnias para a formação da nação brasileira, com a preocupação de não dar exagerado destaque a uma delas, pois isso também poderia caracterizar desrespeito à diversidade cultural. No entanto, é preciso tratar da questão dos negros e afrodescendentes no Brasil com seriedade, sem sentimentalismos ou qualquer outra forma que, de algum modo, camufle a reinante segregação e o racismo de nossa sociedade.

A valorização dos negros que se busca passa pela questão histórica, devendo ser tratada de forma científica. Dessa forma, propomos que o trabalho do professor seja na direção de dar sentido à luta pela igualdade de direitos, pela garantia de oportunidades e pelo reconhecimento histórico da questão dos afrodescendentes.

Para ir além

Discuta, de forma embasada, utilizando textos com vários pontos de vista, a questão das cotas e outras políticas do Brasil de acesso e inclusão da população afrodescendente. Para ampliar as ideias estudadas e debatidas neste módulo, sugerimos o documentário *A negação do Brasil* (Brasil, 2000. Direção de Joel Zito Araújo). A obra aborda a exclusão do negro na teledramaturgia brasileira, que raramente apresenta o afrodescendente como personagem principal, mas, quase sempre, como o estereotipado malandro. O documentário propõe a análise da teledramaturgia como um espelho do preconceito enraizado na sociedade brasileira.

Indica-se, também, a visita ao *site* do Instituto Moreira Salles, que disponibiliza em seu *blog* uma série de imagens que retratam afrodescendentes na sociedade brasileira do século XIX. A convite do instituto, a historiadora e antropóloga Lilia Moritz Schwarcz analisou parte desse acervo que revela contradições da sociedade escravista brasileira. Disponível em: <www.blogdoims.com.br/ims/entre-cantos-e-chibatasconversa-com-lilia-schwarcz>. Acesso em: 21 out. 2018.

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- DAVIS, D. B. *O problema da escravidão na cultura ocidental*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- FLORENTINO, M. (Org.). *Tráfico, cativo e liberdade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Exercícios Propostos

7. A

Este é um exemplo do posicionamento dos jesuítas, representantes da Igreja no Novo Mundo, a respeito da escravidão: os indígenas eram os bons selvagens, que deveriam ser salvos pela conversão e pela catequese. Os afrodescendentes, por outro lado, estariam condenados a servir.

8. C

André Rebouças, engenheiro negro nascido na Bahia, foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão.

9. A

Todas as afirmativas estão corretas e servem como um bom resumo das análises a respeito do mito da democracia racial, além de fazer referência a autores clássicos como Gilberto Freyre e Florestan Fernandes.

10. B

O fato de a independência ter aumentado o poder dos agricultores escravistas é uma das razões de o Brasil ter sido um dos últimos países do mundo – o último entre os maiores países em termos de território e população – a abolir a escravidão.

11. E

A afirmativa II está errada porque não eram apenas os cafeicultores fluminenses e mineiros que defendiam a manutenção da escravidão. A afirmativa III está errada porque houve um movimento de negros libertos e ex-escravos que defendia o retorno da monarquia.

12. E

Os jesuítas não combatiam a escravidão africana, pelo contrário. A economia açucareira, a essa altura, não estava no auge, não havia industrialização na Região Norte nem atividade agropecuária relevante no Centro-Oeste. O café, por outro lado, crescia cada vez mais.

13. B

Esse é um fato muito importante sobre os quilombos e que, em geral, não é lembrado. Os escravos fugidos organizados em quilombos também acumulavam poder, por serem muitos e oferecerem uma resistência coletiva. Escondiam-se de seus antigos donos e dos capatazes, mas mantinham relações com a população livre do entorno e tinham as próprias produções. Mesmo quando detectados, nem sempre os donos de escravos

tenham forças para desestruturar o quilombo e reescravizar aquelas pessoas.

14. E

Esta questão discute o quanto o trabalho escravo foi essencial para o desenvolvimento econômico brasileiro, o que torna ainda pior o fato de, ao menos a geração que estava viva na época da abolição, não ter recebido qualquer tipo de indenização.

15. B

Na pintura, são representados uma senhora negra, uma jovem mulher mulata e um bebê branco. A obra mostra a tendência do branqueamento da população, defendida por médicos e cientistas racialistas que associavam o negro à degeneração e, por isso, acreditavam que o embranquecimento da população era uma condição para que o Brasil se tornasse um país moderno e civilizado.

16. C

Os proprietários de terras não aceitavam homens libertos e pobres em suas fazendas, pois os consideravam escravos. Desde esse momento – o da produção quase exclusiva de café – até os primeiros passos da industrialização, os postos de trabalho livre foram negados aos negros, enquanto italianos, alemães e outros imigrantes eram privilegiados.

17. A

A imagem representa negros escravizados trabalhando. Não está sendo mostrada uma alforria, o contato com os senhores ou mesmo a repressão, e sim pelo menos quatro tipos de trabalhos diferentes sendo realizados por escravos.

Estudo para o Enem

18. D

Se o mito da democracia racial é encarado como verdade, não há nada a ser feito para combater

o racismo, pois, se a democracia racial existe, o racismo e o preconceito não podem existir. Assim, ações afirmativas ficam congeladas, como se o problema já estivesse resolvido.

Competência: Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Habilidade: Relacionar cidadania e democracia na organização das sociedades.

19. C

Na sociedade escravista brasileira, as roupas também serviam como marca de distinção social. Os alforriados, negros libertos, procuravam se vestir com roupas e sapatos elegantes para se diferenciar dos escravos, que eram proibidos de usá-los.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

20. B

Os números, em um momento de proibição do tráfico, são muito maquiados. Os números do tráfico, uma vez proibido, não entram na estatística por serem feitos de forma escondida e clandestina. Porém, ainda assim, é fato que a entrada de pessoas escravizadas nos portos brasileiros diminuiu significativamente após o tráfico ser considerado pirataria.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Analisar o papel da justiça como instituição na organização das sociedades.

19 PRIMEIRA REPÚBLICA: REPÚBLICA DA ESPADA

Comentários sobre o módulo

Este módulo trata de uma grande transformação política da história do Brasil. Nesse sentido, é interessante trabalhá-lo tendo como referência as noções de ruptura e continuidade. Enfatize os elementos que, na passagem do império para a república, sofreram alterações profundas e, também, as características que se perpetuaram. É importante mostrar aos alunos como a instauração de uma república não implicou em uma maior abrangência da democracia no país, uma vez que tornou o número de eleitores ainda mais restrito do que no império. Demonstre como a república criou um aparato institucional de exclusão da população afro-brasileira que deu lugar à escravidão existente no período monárquico.

Por fim, um tema muito importante e bastante cobrado nos vestibulares é o imaginário republicano. A nascente república precisou se legitimar e, para isso, valeu-se de uma reescrita da história brasileira e da criação de símbolos nacionais. O principal deles foi a figura de Tiradentes, mártir da Inconfidência Mineira e membro das forças armadas, alçado à categoria de herói nacional pelo Exército que proclamou e governou a república.

Para ir além

Sugira aos alunos uma pesquisa sobre a filosofia positivista de Auguste Comte, principal referência ideológica do republicanismo no Brasil. Pode-se trabalhar de que maneira o Brasil se apropriou da teoria francesa, reinterpretando-a de acordo com questões próprias da realidade político-social do país.

Indique aos alunos a leitura da obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto. Pode-se organizar uma atividade interdisciplinar com o componente curricular Língua Portuguesa, uma vez que a obra é um clássico da literatura brasileira e sua leitura é cobrada em diversos vestibulares. Escrito em 1915, o livro é ambientado no Rio de Janeiro logo após a Proclamação da República. O protagonista vivencia a Revolta da Armada, por exemplo. Em tom irônico, Lima Barreto tece críticas aos primórdios do regime republicano, especialmente a marechal Floriano Peixoto, importante personagem da narrativa.

No site do Museu Republicano de Itu há interessantes informações e documentos de época. O museu funciona no casarão onde, em 1873, foi realizada a Convenção de Itu, a primeira convenção republicana do Brasil. Disponível em: <www.itu.com.br/artigo/registros-da-convencao-republicana-de-itu-de-1873-20151109>. Acesso em: 18 out. 2018.

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- CARVALHO, J. M. de. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

- _____. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CASTRO, C. *Os militares e a república*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- COSTA, E. V. da. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. 6. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 1999.
- NAPOLITANO, M. *História do Brasil república: da queda da monarquia ao fim do Estado Novo*. São Paulo: Contexto, 2016.

Exercícios Propostos

7. A

Conforme o texto, os republicanos de São Paulo visavam a autonomia estadual, ou seja, diminuir a interferência do governo central em seus negócios. Em São Paulo, o republicanismo foi defendido sobretudo pela elite cafeeira do oeste do estado, que ambicionava maior participação política, até então concentrada nas mãos da elite do Vale do Paraíba e do Nordeste.

8. A

Tiradentes foi eleito herói nacional pela nascente república porque contribuía para a imagem positiva das instituições militares e por ter sido, já no período colonial, integrante da Inconfidência Mineira, movimento de cunho republicano.

9. B

A Constituição republicana de 1891 instituiu um regime democrático de participação popular limitadíssima, uma vez que mulheres, mendigos, religiosos, soldados e analfabetos ficaram excluídos. Tendo em vista as sérias desigualdades sociais do período, em um país que abolira recentemente a escravidão, a medida impediu o acesso de uma grande parcela da população às eleições.

10. A

Rui Barbosa, primeiro ministro da Fazenda do período republicano, deu continuidade à política econômica iniciada nos anos finais do império, a qual ficou conhecida como encilhamento e teve como consequência uma grave crise inflacionária que diminuiu drasticamente o poder de compra da população.

11. D

O texto deixa claro que a Proclamação da República ocorreu em razão de um projeto de militares que tinham um forte pensamento republicano.

O excerto destaca o caráter salvacionista que as forças armadas atribuíam a si mesmas, julgando-se capazes de resolver os problemas brasileiros.

12. A

A atual bandeira do Brasil foi adotada em novembro de 1889, pouco após a Proclamação da República. Os dizeres “Ordem e progresso” foram adaptados do lema do positivismo de Auguste Comte: “O amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim”.

13. a) As ideias republicanas existiram no Brasil desde os tempos da colônia (lembramos da Inconfidência Mineira e da Conjuração Baiana, por exemplo). No entanto, foi apenas na década de 1870 que se difundiram com maior força, o que culminou na Proclamação da República, em 1889. A fundação de partidos republicanos, primeiro no Rio de Janeiro e em São Paulo e, depois, nos demais estados, no início da década de 1870, foi um evento decisivo na disseminação dessas ideias entre as elites políticas brasileiras. Com a formação de partidos, o republicanismo alcançou uma capacidade de organização e de propaganda que foram fundamentais para seu fortalecimento e para sua posterior chegada ao poder.
- b) Um dos principais fatores da crise do império foi o embate do imperador com as forças armadas. Sobretudo após a atuação vitoriosa na Guerra do Paraguai, o Exército demandava maior autonomia e indignava-se com intervenções de D. Pedro II. O Exército tornou-se um importante foco de defesa e difusão de ideias republicanas, amparadas sobretudo no positivismo francês, segundo o qual apenas um Estado forte, militarizado e racional seria capaz de guiar a humanidade à modernidade e ao progresso. Os militares brasileiros também defendiam o ideal salvacionista, segundo o qual eles eram os únicos capazes de solucionar a grave crise institucional gerada pela monarquia. Foi por essas razões que o Exército encabeçou a Proclamação da República em 1889, atuando em consonância com os desejos das elites que compunham os partidos republicanos de diferentes estados.

14. B

No império, o voto era censitário, ou seja, restrito apenas àqueles que comprovassem possuir determinada renda. Com a Constituição republicana, o caráter censitário foi abolido. No entanto, a participação política foi ainda mais limitada em virtude da exclusão de mulheres, soldados, religiosos, mendigos e analfabetos.

15. A

A questão refere-se ao governo do marechal Deodoro da Fonseca, o primeiro presidente do Brasil.

Entre as quatro alternativas, a única que se refere a um evento ocorrido em seu governo é a primeira. A política dos governadores foi característica da chamada República Oligárquica; a Revolta de Canudos eclodiu durante o governo de Prudente de Moraes; e a Revolução Federalista ocorreu no governo de Floriano Peixoto.

16. A

A Revolução Federalista foi comandada por estancieiros gaúchos que defendiam uma política mais federalista, com maior autonomia para o Rio Grande do Sul, acusando o governo federal de excessivo centralismo, e expandiu-se para os demais estados da Região Sul, como Paraná e Santa Catarina.

17. C

O trecho denuncia, com a ironia típica de Machado de Assis, como Custódio pouco se importava com a queda do império e a posterior implementação da república. Às vésperas da proclamação, ele nomeou seu estabelecimento de “Confeitaria do Império”, o que denuncia seu total desconhecimento em relação à conspiração articulada entre a elite civil e os militares. O trecho deixa claro que a preocupação de Custódio era apenas com os gastos de sua confeitaria. A revolução que dera origem à república lhe afetava apenas na medida em que o forçava a alterar o nome do estabelecimento.

Estudo para o Enem

18. A

A crônica, de maneira humorística, expõe a distância da população em relação à Proclamação da República. O velho Lima, ao voltar para o trabalho, sequer havia tomado conhecimento de que o regime político vigente no Brasil havia se alterado. Ao final do trecho, ele ainda afirma que o país se tornaria uma república em três anos, expondo seu total desconhecimento em relação à situação política do país naquele momento.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.

19. D

O excerto do Código Penal Brasileiro de 1890 proíbe explicitamente a capoeira em espaços públicos. A capoeira era uma das principais manifestações

culturais da população negra, anteriormente escravizada. Assim, fica evidente como a legislação republicana criminalizou essa parcela da população, contribuindo para o enraizamento de uma imagem extremamente negativa da cultura afro-brasileira, e garantiu a manutenção de uma estrutura social excludente, que perpetuava certas mazelas do passado escravista do país.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Analisar o papel da justiça como instituição na organização das sociedades.

20. E

Enquanto a Constituição de 1934 explicita que são eleitores os brasileiros de ambos os sexos, a Constituição de 1891 fala apenas em “cidadãos maiores de 21 anos”. Conforme trabalhado no módulo, na primeira Constituição republicana do Brasil mulheres, analfabetos, soldados, religiosos e mendigos eram proibidos de votar.

Competência: Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Habilidade: Relacionar cidadania e democracia na organização das sociedades.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

20 PRIMEIRA REPÚBLICA: REPÚBLICA OLIGÁRQUICA

Comentários sobre o módulo

O módulo apresenta, de modo panorâmico, o governo de dez presidentes do Brasil. No entanto, mais importante do que ater-se detalhadamente a cada um dos governos é oferecer aos alunos a compreensão geral de características da política, da sociedade, da economia e da cultura do período. Nesse sentido, os temas centrais do módulo são: política dos governadores, política do café com leite, coronelismo, voto de cabresto, reforma urbana no Rio de Janeiro, Revolta da Vacina, Guerra de Canudos, Guerra do Contestado, movimento modernista e a economia agroexportadora baseada na cafeicultura (e, em dado momento, na borracha da Amazônia).

Para ir além

Sugira aos alunos uma pesquisa sobre o movimento modernista brasileiro deflagrado a partir de 1922. Pode-se abordar a pintura (Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Candido Portinari, Lasar Segall, Di Cavalcanti), a literatura (Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Manuel Bandeira), a música (Heitor Villa-Lobos) e a escultura (Victor Brecheret).

Indicamos o trabalho com trechos da obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha, importante fonte de época a respeito da Guerra de Canudos e da mentalidade republicana.

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- BENCHIMOL, J. *Pereira Passos, um Haussmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 1992.
- BOSI, A. Moderno e modernista na literatura brasileira. In: *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- LAMOUNIER, B. Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República: uma interpretação. In: FAUSTO, Boris (Org.). *O Brasil republicano: sociedade e instituições (1889-1930)*. São Paulo: Difel, 1971. p. 208-226. tomo III. v. 2.
- LESSA, R. *A invenção republicana: Campos Sales, as bases e a decadência da Primeira República brasileira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- LEVINE, R. *O Sertão prometido: o massacre de Canudos*. São Paulo: Edusp, 1995.
- SEVCENKO, N. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- _____. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Exercícios Propostos

7. B

A questão sintetiza informações a respeito dos governos de diferentes presidentes estudados neste módulo. Os alunos poderão responder à questão retomando o conteúdo do módulo, o que permitirá o aprofundamento em uma visão ampla e panorâmica da República Oligárquica.

8. D

A charge critica explicitamente a política do café com leite que predominou durante a República Oligárquica e por meio da qual as elites latifundiárias de São Paulo e Minas Gerais revezaram-se na presidência do país. Na imagem, dois homens caracterizados como lutadores bloqueiam a entrada do "novo governo". Em seus uniformes, a identificação dos estados que representam: São Paulo e Minas Gerais.

9. B

Ambos os textos expressam imagens extremamente negativas da Guerra de Canudos. No texto I, de Nina Rodrigues, um dos grandes nomes da medicina brasileira de cunho racista, o movimento é tido como delírio coletivo, patologia e irracionalidade. Já no texto II, por meio da forma de cordel, o autor caracteriza Canudos como um coletivo de "bandidos"; criminosos, perversos e desordeiros, o que, no contexto do Nordeste daquele período, vinculava-se à imagem negativa difundida acerca do cangaço.

10. B

A alternativa D é incorreta, pois o tenentismo não se opôs à Revolução de 1930; pelo contrário, criou condições para que ela ocorresse.

11. E

A viagem dos modernistas às cidades históricas de Minas Gerais fomentou uma maior nacionalização do movimento à medida que trouxe a arte barroca do período colonial para o centro das atenções desses artistas. O barroco passou a ser tido como a primeira manifestação estética autenticamente brasileira. Dessa forma, houve um deslocamento nas preocupações dos modernistas, que distanciaram-se das vanguardas europeias, como o futurismo, em busca das raízes do Brasil, inclusive aquelas mais primitivas, ligadas às tradições afro-brasileiras e, sobretudo, indígenas.

12. D

Uma das principais características da rebelião deflagrada no Arraial de Canudos foi a adesão dos revoltosos ao messianismo de Antônio Conselheiro. Este defendia um monarquismo baseado em fundamen-

tos divinos, aos moldes do sebastianismo, fenômeno bastante importante na tradição cultural portuguesa e que remonta ao século XVI. Para o governo da época, os revoltosos de Canudos representavam, ao mesmo tempo, um risco à estabilidade da nascente república e uma manifestação de misticismo arcaico, contrário ao ideal racionalista e cientificista defendido pelas elites políticas e culturais do período.

13. C

A charge retrata a clássica figura do Tio Sam, emblema dos Estados Unidos, arrombando uma porta e invadindo um local. Acima da imagem, há uma referência irônica à Doutrina Monroe, a política externa aplicada pelos Estados Unidos na década de 1820 que defendia e reforçava a independência recém-conquistada pelas ex-colônias da América Latina (temendo uma possível tentativa de recolonização por parte das potências europeias). Nesse sentido, a charge ironiza o fato de que, quase um século depois, a nova política externa dos Estados Unidos para a América Latina era de intervencionismo e de dominação.

14. D

A política dos governadores funcionava com base em um grande acordo entre os Executivos federal e estadual. Nos estados, as elites rurais (os coronéis) controlavam as eleições, já que o voto era aberto e, dessa maneira, a população via-se forçada a votar nos candidatos dos coronéis, dadas as relações de dependência socioeconômica estabelecidas. Essa política assegurava que o Executivo federal mantivesse os privilégios das oligarquias regionais e demonstra a fragilidade das instituições democráticas do período.

15. A

O grande legado político de Campos Sales foi sua liderança na idealização e aprovação de uma série de medidas que, reunidas, permitiram a existência da política dos governadores e seu funcionamento. Esse sistema regeu a República Oligárquica até o fim, com a tomada do poder por Getúlio Vargas.

16. C

O poema subverte as convenções da linguagem poética, pois apresenta palavras escritas fora da norma culta da língua, ou seja, defende o coloquialismo e a língua falada pela população para além das normas gramaticais.

17. a) A Revolta da Vacina teve como estopim a medida do Congresso Nacional que aprovou a obrigatoriedade da vacina, permitindo que agentes do Estado invadissem as casas e aplicassem as vacinas à força. No entanto, havia como pano de fundo um cenário generalizado de insatisfação das classes mais baixas da população em relação ao governo

em virtude das medidas higienistas empreendidas, como o bota-abaixo, que demoliu os cortiços do centro do Rio de Janeiro, agravando ainda a marginalização dessas parcelas da sociedade.

b) Canudos e Contestado.

Estudo para o Enem

18. A

Segundo o texto II, o Abaporu de Tarsila do Amaral gerou em Oswald de Andrade a noção de “antropofagia”, segundo a qual os artistas brasileiros deveriam deglutir a cultura europeia, assim como os indígenas canibais deglutiam seus adversários, visando a produção de uma arte autenticamente nacional. O modernismo buscava referências nas vanguardas artísticas europeias, mas as incorporava a elementos próprios da realidade e da cultura brasileiras.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

19. A

Mais do que um protesto contra a vacinação compulsória, a Revolta da Vacina foi uma manifestação contra as condições precárias de vida da população marginalizada do Rio de Janeiro, agravadas após a reforma urbana do prefeito Pereira Passos, que, buscando modernizar a cidade à moda europeia, demoliu habitações populares e expulsou essa parcela da sociedade para as regiões periféricas da capital.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

20. D

O termo “clientelismo” refere-se à prática eleitoral de políticos que privilegiam suas “clientelas” em troca de votos e/ou favores. Dessa maneira, aplica-se perfeitamente à política dos governadores, à política do café com leite e ao coronelismo característicos da República Oligárquica brasileira.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.

21 ROMPIMENTO DA OLIGARQUIA

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, estudamos aspectos da política e da sociedade da Primeira República, também chamada de República Velha, no que diz respeito às organizações políticas e à crise de grupos que, historicamente, haviam ocupado espaços de hegemonia. Como reação à prática do coronelismo, percebe-se o movimento tenentista, tendo como movimento de destaque a Coluna Prestes. Além disso, a crise da Primeira República está diretamente associada à transformação da própria sociedade, como o crescimento do operariado no Brasil e o surgimento de uma nova classe média. A crise da oligarquia e a crise da política do café com leite, empregada por Minas Gerais e São Paulo, chegaram ao fim com uma estratégia de Getúlio Vargas, um sul-rio-grandense, à tomada do poder, como ficou conhecida a Revolução de 1930.

Para ir além

Como atividade complementar, pode-se desenvolver uma atividade com base na leitura do texto “De braços dados e cruzados”, de Carlos Augusto Addor, publicado na *Revista de História da Biblioteca Nacional* (2013). Após a leitura do texto, converse com os alunos sobre as condições dos trabalhadores nas fábricas, a questão da imigração e as formas de luta e resistência operária. Depois, realize uma discussão coletiva, socialize as respostas dos alunos e incentive um debate sobre as condições de trabalho nos dias atuais, identificando possíveis semelhanças e diferenças em relação ao período estudado.

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- ADDOR, C. A. De braços dados e cruzados. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ago. 2013. Disponível em: <bit.ly/2WFTOzL>. Acesso em: 21 out. 2018.
- BRUM, E. *Coluna Prestes: o avesso da lenda*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.
- CPDOC/FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/Fundação Getúlio Vargas. *Movimento operário no Brasil*. Disponível em: <bit.ly/2DUliu9>. Acesso em: 21 out. 2018.
- FORJAZ, M. C. S. *Tenentismo e política*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- REIS, D. A.; DEMICINIS, R. (Org.). *História do anarquismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad/Ed. da UFF, 2006. v. 1.

Exercícios Propostos

7. A

O texto refere-se ao tenentismo, movimento surgido por descontentamento de jovens oficiais do Exército quanto à situação política do país.

8. C

A Coluna Prestes está relacionada ao movimento tenentista, que a compôs, levando sua insatisfação adiante e pretendia a derrubada do presidente Artur Bernardes.

9. A

A Revolução de 1930 ocorreu, entre outros motivos, por uma ruptura na aliança entre as elites do café de Minas Gerais e de São Paulo, associadas desde o início da República Velha. O rompimento significou o enfraquecimento do grupo paulista e a tomada do poder por outros grupos oligárquicos até então insatisfeitos.

10. B

A alternativa que trata da Revolta da Chibata está correta, pois os marinheiros não queriam aceitar as punições e os castigos físicos que lhes eram impostos. A revolta não trouxe benefícios aos marinheiros, que negociaram um acordo com o presidente do período, o qual não cumpriu suas promessas.

11. B

Com ideais socialistas, a ANL buscava a reforma agrária e opunha-se ao fascismo, encarnado no Brasil sob o nome de integralismo. Com o fechamento da ANL, diversos ex-membros do partido iniciaram o movimento armado da Intentona Comunista.

12. A

O controle político estava nas mãos das elites de Minas Gerais e São Paulo, economicamente favorecidas pela produção do café. Seus pactos políticos levavam ao controle da cadeia presidencial por seus candidatos preferidos.

13. A

A Campanha Civilista foi um movimento da passagem da monarquia para a república brasileira e não tem relação com a crise mencionada no enunciado.

14. B

A Coluna Prestes buscava o fim do controle das oligarquias do processo político e eleitoral e seus integrantes eram favoráveis à reformulação dos costumes e das práticas políticas vigentes.

15. E

Luís Carlos Prestes percorreria, com sua Coluna Prestes, boa parte do território nacional buscando adeptos para um levante contra o sistema de controle das oligarquias.

16. A pequena participação popular nas eleições durante a Primeira República deve-se à ausência de mulheres no processo democrático e à exclusão de analfabetos, mendigos e praças. Também não poderiam votar os religiosos de ordens monásticas. A ausência das mulheres e a exclusão dos analfabetos, em um país cuja maioria das pessoas era analfabeta, tornava as eleições bastante restritas a certos grupos.

17. a) Tarsila do Amaral era integrante do movimento modernista.
b) A artista buscava demonstrar que o operariado era diverso, sendo composto por homens e mulheres de características diferentes, e não por uma massa amorfa de pessoas.

Estudo para o Enem

18. C

O movimento tenentista encontrará uma divisão no processo da Revolução de 1930, que significará o compromisso de parte deles com o Governo Provisório de Getúlio Vargas.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Analisar a ação dos Estados nacionais no que se refere à dinâmica dos fluxos populacionais e no enfrentamento de problemas de ordem econômico-social.

19. D

A narrativa do grupo que chega ao poder em 1930 buscava construir uma ideia de que 1889 não seria uma verdadeira república, sendo seus grupos políticos comprometidos com os próprios interesses, e não os da nação. Dessa forma, os defensores da Revolução de 1930 se colocariam no papel de fundadores da república brasileira.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

20. C

O discurso ressalta as formas de controle do processo eleitoral por parte das oligarquias no poder no Brasil da Primeira República e expressa uma realidade caracterizada pelo uso de assistencialismo e de diversas formas de violência para angariar os votos para o presidente favorito das elites.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situação ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.

22 ERA VARGAS: DA CHEGADA AO PODER AO ESTADO NOVO

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, estudamos o governo de Getúlio Vargas de 1930 a 1937 e sua divisão em dois períodos: o Governo Provisório e o Governo Constitucional, apresentando suas principais características. Discutimos as movimentações políticas e sociais no Brasil, como o movimento constitucionalista em São Paulo, ocorrido em 1932, e a fundação da Ação Integralista Brasileira (AIB).

Para ir além

É possível realizar uma atividade com base na Constituição do Brasil de 1934, fazendo uma análise do documento e comparando os elementos que permanecem na Constituição de 1988 e os que são diferentes. Pode-se abordar a questão do voto feminino, permitido pela lei somente com a Constituição de 1934.

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- ARAÚJO, R. C. B. de. O voto de saias: a Constituinte de 1934 e a participação das mulheres na política. *Revista de Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, set./dez. 2003. Disponível em: <bit.ly/2DRiTQM>. Acesso em: 21 out. 2018.
- BRASIL. Constituição do Brasil de 1934. Disponível em: <bit.ly/2mYY2nm>. Acesso em: 21 out. 2018.
- BRASIL. Constituição do Brasil de 1988. Disponível em: <bit.ly/1blJ9XW>. Acesso em: 21 out. 2018.
- CPDOC/FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/Fundação Getúlio Vargas. *Ação Integralista Brasileira*. Disponível em: <bit.ly/2KvFGn5>. Acesso em: 21 out. 2018.
- NETO, L. *Getúlio 1930-1945: do Governo Provisório à ditadura do Estado Novo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Exercícios Propostos

7. C

Getúlio Vargas defendeu que o voto deveria ser secreto e a justiça eleitoral autônoma durante as campanhas para a presidência de 1930.

8. E

A recompensa recebida pela Igreja Católica por seu apoio a Getúlio Vargas foi o ensino religioso passar a ser permitido nas escolas públicas.

9. A

Nesses versos, o autor faz referência, de forma crítica, ao movimento da Intentona Comunista, ligado aos valores socialistas, os quais podem

ser identificados no trecho “estrangeiro de vestes vermelhas”.

10. D

A Revolução Constitucionalista de 1932 foi uma grande pressão exercida pelos paulistas, derrotados desde a Revolução de 1930. Com o sucesso da movimentação, o governo teve de negociar com a oligarquia paulista.

11. B

A Ação Integralista Brasileira tinha inspiração fascista e reunia em sua composição intelectuais, religiosos e membros do tenentismo, além de setores da classe média.

12. C

De acordo com o texto, o Estado de compromisso correspondeu a uma reorientação da política econômica, com o Estado intervindo na economia.

13. A

A frase remete à Revolução Constitucionalista de 1932, que envolveu grupos políticos atrelados aos cafeicultores e às oligarquias de São Paulo. Durante a Primeira República, São Paulo era o estado mais destacado na economia e na política nacional, tendo como principal produto o café. Em 1930, com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, a situação de São Paulo altera-se, quebrando a hegemonia das oligarquias paulistas. A nomeação do interventor federal João Alberto por Getúlio Vargas confrontou-se com as elites de São Paulo. A crescente campanha contra o intervencionismo de Getúlio Vargas e a exigência de uma Constituição para o país resultariam na Revolução Constitucionalista de 1932.

14. E

A frase foi dita por Plínio Salgado, líder e organizador da Ação Integralista Brasileira (AIB), cujo lema era “Deus, pátria e família”. A AIB, um movimento partidário, tinha posicionamento político de extrema-direita com inspiração fascista e seu manifesto foi lançado em outubro de 1932.

15. D

O texto refere-se a uma característica específica do governo de Vargas, a relação estabelecida entre o governo e o povo, na figura dos trabalhadores, de modo a aproximá-los.

16. C

Com uma estratégia política mais próxima do trabalhador, Getúlio Vargas procurou, ao mesmo tempo, garantir e oferecer mais direitos trabalhistas e atuar como um grande mediador das relações entre as empresas/donos das indústrias e os trabalhadores.

17. A

Com Getúlio Vargas no governo, a política visa à centralização e o fortalecimento do Estado. Destaca-se o fortalecimento do capital nacional, que criou condições para as indústrias brasileiras e investiu em benefícios para os trabalhadores.

Estudo para o Enem

18. A

Vargas criou uma política de governo que ficou conhecida como trabalhismo e objetivava vincular o apoio do trabalhador ao governo por meio da concessão de uma série de benefícios trabalhistas.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.

19. A

No Brasil, as mulheres passaram a ter o direito ao voto em 1932, como resultado de sua forte atuação política no período.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.

20. B

A criação da Justiça Eleitoral fez parte do código eleitoral promulgado no governo de Getúlio Vargas em 1932. A implantação de um órgão controlador do processo eleitoral e vinculado ao Poder Judiciário tinha como objetivo eliminar as fraudes, muito frequentes nas eleições durante a República das Oligarquias.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e

econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Analisar o papel da justiça como instituição na organização das sociedades.

Exercícios Interdisciplinares

21. E

Como o piloto e o projétil tinham movimento no mesmo sentido, com velocidades de mesmo módulo, a velocidade do projétil em relação ao piloto é nula.

Competência: Entender as transformações técnicas e tecnológicas e seu impacto nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.

Habilidade: Reconhecer as transformações técnicas e tecnológicas que determinam as várias formas de uso e apropriação dos espaços rural e urbano.

22. C

Com base na leitura da tabela, a Revolução Industrial é algo que se retroalimenta, ou seja, que coloca o país industrializado em um ciclo virtuoso de desenvolvimento industrial. Os países que saíram na frente na Primeira Revolução Industrial, Inglaterra e Bélgica, mantiveram excelentes níveis também na Segunda. Ressalte para os alunos, entretanto, que a industrialização tardia é possível. Esse é caso da China, que apresenta níveis decrescentes de industrialização per capita de 1750 a 1913, trajetória oposta a verificada na segunda metade do século XX e início do XXI.

23. D

O estudo da história da África fez mais sentido no contexto do combate ao racismo, que até a primeira metade do século XX era validado por pseudocientistas que defendiam a eugenia, a ideia de que poderia haver uma pureza genética, e que os negros faziam parte de uma sub-raça. Após esse momento, com essas ideias já superadas, o racismo deixa de fazer parte da linguagem científica.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO



Pearson

PRÉ-VESTIBULAR
EXTENSIVO

3

